

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS DO LÉXICO E DA TRADUÇÃO**

Eduardo Felipe Felten

**DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DAS CIÊNCIAS HUMANAS
EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-
METODOLÓGICOS**

**Porto Alegre
2023**

Eduardo Felipe Felten

**DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DAS CIÊNCIAS HUMANAS
EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-
METODOLÓGICO**

Tese apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Doutor em
Letras pelo Programa de Pós-Graduação
em Letras, da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Maria José Bocorny Finatto

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Felten, Eduardo Felipe
Definição Terminológica no domínio das Ciências
Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos
teórico-metodológicos / Eduardo Felipe Felten. --
2023.
458 f.
Orientador: Maria José Borcony Finatto.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Terminologia de Libras. 2. Terminografia de
Libras. 3. Definição Terminológica Sinalizada. 4.
Terminologias da História. 5. Terminografia
Didática-Pedagógica. I. Finatto, Maria José Borcony,
orient. II. Título.

**DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA NO DOMÍNIO DAS CIÊNCIAS HUMANAS
EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: FUNDAMENTOS TEÓRICO-
METODOLÓGICO**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutro em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
Área: Estudos de Linguagem. Linha de pesquisa – Estudos do Léxico e da Tradução.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Maria José Bocorny Finatto (Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Marianne Rossi Stumpf (UFSC)

Prof^ª. Dra^a Patrícia Tuxi dos Santos (UnB)

Prof^ª. Dra^a. Sandra Dias Loguércio (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Neste importante e formidável momento em minha história, gostaria de agradecer a **Deus** primeiramente e acima de todas as coisas por ter me amado, me alcançado e nunca me abandonado nas horas tempestuosas e em horas oportunas, o que contribuiu veementemente para essa espetacular vitória em minha existência.

À **Virgem Imaculada**, Mãe de Jesus e minha, que em tempo algum deixou-me a mercê quando supliquei a sua intercessão poderosa por forças, inspiração e muito amor para cumprir a minha missão acadêmica. Neste momento oportuno, tenho a honra e a graça de proclamar: Totus tuus Mariae!

Quero agradecer também a minha amada família, orientadoras e amigos:

Clotilde Müller Felten, quem me educou, amou e acolheu no acalento de mãe, onde encontro refúgio e segurança. Verdadeiramente, é a personificação do amor de Deus.

Adelar Felten, quem me auxiliou e motivou para chegar onde estou, onde encontro segurança e compreensão em seu amor de pai. Verdadeiramente, é a personificação do amor de Deus.

Lisiane Felten, com seu afeto generoso, obtive inspiração nos estudos e apoio nos frágeis momentos da vida, com a sua generosidade que só encontramos no amor entre irmãos.

Maria José B. Finatto que, com muita cordialidade, sabedoria e eficiência soube transferir seu brilhante conhecimento como orientadora e amiga durante o processo desta pesquisa.

Aos alunos **Surdos** e **Surdas** do Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina-DF, que tiveram papel fundamental para esta pesquisa.

À **Diretora** e **professoras** da Sala de Recursos do Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina, que permitiram e auxiliaram na coleta de dados desta pesquisa.

Aos alunos **Surdos** e **Surdas** da Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon de Porto Alegre-RS, que tiveram papel fundamental para esta pesquisa.

À **Diretora**, **professores** e **professoras** da Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon de Porto Alegre-RS, que permitiram e auxiliaram na coleta de dados desta pesquisa.

Aos amigos **Tiago Coimbra Nogueira** e **Malena Alejandro Coimbra Nogueira**, que me acolheram com muita generosidade e me ajudaram em tudo que foi necessário para que eu me sentisse em casa.

Às amigas **Angela Russo**, **Amanda Alfaia**, **Maitê Maus** e ao amigo **Marcelo Amorim**, que me acolheram enquanto estive em Porto Alegre-RS e me ajudaram a superar dificuldades e a saudade de casa.

Aos amigos **Falk Moreira**, **Luciana Marque Vale**, **Rodolpho D’Azevedo** e **Patrícia**

Tuxi que, com grande amizade e conhecimento estiveram comigo em todos os momentos precisos com importantes contribuições e necessários abraços.

Às amigas **Thaysa Matos** e **Leide Rozane**, importantes amigas, professoras e exímias pesquisadoras das quais pude recorrer na necessidade, além de me presentear com caras contribuições para esta pesquisa.

Aos amigos **Diogo José Pereira**, **Rodrigo Franco**, **Maira Franco**, **Gabriel Nunes Nogueira**, **Lorena Sady** e **Iananda Galeno** que, com o amor e muita generosidade, me ajudaram em momentos precisos e nunca me deixaram perder a esperança.

Ao **André Fonseca Von Tiesenhausen**, em quem encontrei abrigo, suporte e amor.

Aos amados avós **Danilo Felten**, **Júlia Riberiro Felten**, **João Müller** e **Maria Müller** *in memoriam*, que me ajudaram no processo educacional e no reconhecimento da importância da família.

Às minhas tias e tios **Mara Cassol**, **Alberto Cassol**, **Sirlei Müller Lucca** e **Neri Lucca**, que me acolheram e estiveram à disposição enquanto estive longe de casa.

Aos primos **Franciel Lucca** e **Gabriel Lucca** e à prima **Ana Júlia Cassol**, que contribuíram com sua amizade e com momentos de descontração ao longo dos anos dedicados a esta pesquisa.

Enfim, a todos e todas que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para que o objetivo deste tese fosse alcançado.

A **fé e a razão** (*fides et ratio*) constituem como que as duas asas pelas quais o espírito humano se eleva para a contemplação da verdade. Foi Deus quem colocou no coração do homem o desejo de conhecer a verdade e, em última análise, de O conhecer a Ele, para que, conhecendo-O e amando-O, possa chegar também **à verdade plena sobre si próprio**.

São João Paulo II

RESUMO

Esta tese, desenvolvida na linha de pesquisa Estudos do Léxico e Tradução do PPG-LETRAS-UFRGS, apresenta um modelo ou padrão de Definição Terminológica (DT) aplicável à Língua Brasileira de Sinais (Libras), no qual se emprega Linguagem Simples. Para propor e aplicar o modelo de Definição Terminológica Sinalizada (DTS), desenhamos um protótipo de glossário semibílingue didático-pedagógico Português-Libras de Ciências Humanas para o domínio da História. A metodologia seguida foi a da pesquisa qualitativa e descritiva, com coleta de dados, com os seguintes procedimentos: a) seleção dos termos e sinais-termo das provas e vídeo-provas do Enem aplicadas em 2017, 2018 e 2019; b) sistematização das terminologias selecionadas em árvores de domínio em português e em Libras; c) preparação de material para uma abordagem didática sobre os termos e conceitos selecionados com o público-alvo; d) abordagem didática junto a alunos Surdos do Ensino Médio; e) aplicação de um questionário sobre a percepção dos sinais-termo abordados em contexto de aula, pelos alunos; f) análise e curadoria das definições produzidas pelos alunos Surdos para os conceitos e terminologias trabalhados; g) elaboração e descrição das DTS propostas; e h) aplicação das DTS obtidas e analisadas em verbetes do glossário em formato protótipo. Os modelos de DTS concebidos concretizam uma proposta teórica-metodológica para se definir sinais-termo no domínio das Ciências Humanas, em Libras, respeitando-se um repertório vocabular dos próprios destinatários do trabalho dicionarístico. Comprova-se que o modelo de DTS gerado pode fornecer suporte para a elaboração de materiais adequados para recursos visuais em Libras, voltados para atividades educacionais.

PALAVAS-CHAVE: Terminologia de Libras. Terminografia de Libras. Definição Terminológica Sinalizada. Terminologias da História. Terminografia Didático-Pedagógico.

ABSTRACT

This thesis, developed in the research line Studies of Lexicon and Translation at PPG-LETRAS-UFRGS, presents a model or pattern of Terminological Definition (DT) applicable to the Brazilian Sign Language (Libras), with simple language. To apply the Signed Terminology Definition (DTS) model, we designed a prototype semi-bilingual didactic-pedagogical Portuguese-Libras of Human Science glossary for the field of History. The methodology followed was qualitative and descriptive research, with data collection, based on the following procedures: a) selection of terms and term signs of the Enem tests and video tests applied in 2017, 2018, and 2019; b) systematization of selected terminologies in domain trees in Portuguese and in Libras; c) material preparation for a didactic approach on the terms and concepts selected with the target audience; d) didactic approach with the Deaf students collaborating in High School; e) application of a questionnaire on the perception of the term signs addressed in the classroom context, by the students; f) analysis and curatorship of the definitions produced by Deaf students for the concepts worked on; g) elaboration and description of the proposed DTS; and h) application of the DTS obtained and analyzed in terms of the proposed glossary. The designed DTS models are a theoretical-methodological proposal of how to define term signs inherent to the domain of Humanities, in Libras, respecting a vocabulary repertoire of the recipients of the terminographic work. It is proven that the generated DTS model can provide support for the elaboration of terminographic materials suitable for visual resources in Libras of educational activities.

KEYWORDS: *Brazilian Signs Language Terminology. Brazilian Signs Language Terminography. Terminology Definition in Brazilian Signs Language. Terminologies of History. Didactic-Pedagogical Terminography.*



https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD6BRBSOH1LkhddbF_Ly9_E

Apresentação deste texto de tese

Esta pesquisa concentra-se nos Estudos da Linguagem e se insere na linha de pesquisa em “Estudos do Léxico e da Tradução” no nosso PPG-LETRAS-UFRGS. Este texto destinou-se ao exame da avaliação da tese de doutoramento, ocorrido em setembro de 2023. O trabalho foi aprovado por unanimidade. O volume de texto, seus anexos e apêndices trazem o resultado da pesquisa, conforme nosso entendimento, iniciada no segundo semestre de 2019. Normalmente, no nosso PPG, uma pesquisa de tese deve encerrar-se ao final do prazo de 48 meses após o ingresso do discente ao Programa.

Antes de prosseguir, importa descrever, brevemente, como o nosso leitor encontrará a organização deste volume. O trabalho está dividido da seguinte forma: **a)** Sumário; **b)** Apresentação da pesquisa; **c)** Bloco 1; **d)** Bloco 2; **e)** Bloco 3 e **f)** Referências, Anexos e Apêndices.

A *Apresentação da pesquisa* consiste em: 1) Considerações preliminares e hipótese da pesquisa; 2) Antecedentes, problemas da pesquisa, objetivos e justificativa da tese; 3) Cenários e contextualização das questões de pesquisa; 4) Contribuições da pesquisa; e 5) Repercussão da pesquisa para as áreas envolvidas.

O **Bloco 1** é dividido em capítulos em que apresentamos as fundamentações teóricas. São eles: 6) Revisão teórica: da Terminologia à Terminografia; 7) A Definição em perspectiva; 8) Revisando padrões e orientações da Definição Terminológica de Libras; 9) Descrição e análise de estruturas de Definição Terminológica em Libras.

O **Bloco 2** está organizado em capítulos para discutir a respeito da Terminologia e Terminografia aplicadas. Os capítulos são: 10) Definição do *corpus* para composição do glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português de Ciências Humanas; 11) Elementos do glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português Didático-Pedagógico de Ciências Humanas.

O **Bloco 3** apresenta capítulos dedicados à metodologia descritiva para a identificação de melhores alternativas para a composição da Definição Terminológica Sinalizada (**DTS**). São eles: 12) Metodologia de coleta de dados; 13) Metodologia da análise de dados; 14) Análise de dados; e 15) Elaboração de glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português de Ciências Humanas. Após a apresentação dos Blocos da tese, reservamos espaço para as seguintes seções: 16) Próximos passos da pesquisa; 17) Referências bibliográficas; e 18) Anexos.

Ao longo do processo que gerou esta tese de doutoramento, foi possível produzir conhecimentos sobre o nosso tema de estudo por meio de publicação de artigos e capítulos de livros. Essa produção está integrada os capítulos desta tese, sendo devidamente citada. Acrescentamos, ainda, que as figuras cuja referência é Felten (2023) foram originalmente criadas para os fins desta tese. Toda parte de coleta de enunciados com os estudantes Surdos colaboradores foi devidamente avaliada e permitida pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Léxico comum do sinal de Independência do Brasil.	51
Figura 2 – O Grito do Ipiranga	51
Figura 3 – Sinal-termo de <i>Independência do Brasil</i>	52
Figura 4 – Modelos de verbete bilíngue proposto por Felten (2016)	56
Figura 5 – Modelo de microestrutura apresentado por Tuxi (2017)	81
Figura 6 – UTCS: <i>Abdicação</i>	95
Figura 7 – Estrutura de verbete bilíngue proposto por Felten	96
Figura 8 – Definição para o termo <i>molécula</i>	101
Figura 9 – Definição para o termo <i>substância composta</i>	102
Figura 10 – Representação imagética do sinal-termo correspondente a <i>ângulo obtuso (>90°)</i>	109
Figura 11 – Representação imagética do sinal-termo correspondente a <i>MMC</i>	110
Figura 12 – Definição de <i>equação</i>	117
Figura 13 – Definição de <i>equação</i>	117
Figura 14 – Verbetes para <i>Guerra dos 100 anos</i>	124
Figura 15 – Esquema de consulta da obra História em Libras	125
Figura 16 – Microestrutura do Manual de Libras para Ciências	126
Figura 17 – Diagramação do item 58 do caderno de prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias em português escrito	157
Figura 18 - Diagramação do item 58 da vídeo-prova do caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias	157
Figura 19 – Processo de construção da prova do Enem	159
Figura 20 – Exemplo de uso do sinal-termo correspondente para <i>democracia</i> na estrutura da questão do Enem 2018	166
Figura 21 – Registro “caseiro” do sinal-termo <i>democracia</i>	167
Figura 22 – Registro em estúdio do sinal-termo <i>democracia</i>	167
Figura 23 – Árvore de domínio da macroárea das Ciências Humanas e suas Tecnologias: História, História Geral, História do Brasil e Conhecimentos humanos	193
Figura 24 – Árvore de domínio das subáreas da História: História Geral, História do Brasil e Conhecimentos humanos e históricos	197
Figura 25 – Árvore de domínio das subáreas da História do Brasil: Instituição social, Instituição cultural, Instituição econômica e Instituição política	199
Figura 26 – Árvore de domínio das subáreas da Instituição Política: Três Poderes, Documentos Políticos e Instituições	201
Figura 27 – Árvore de domínio das subáreas da História: Tempos Históricos, Histórico-geográfico e Conhecimentos humanos e históricos	203
Figura 28 – Armazenamentos em nuvem dos sinais-termo em vídeo registro	206
Figura 29 – Contextos armazenados e identificados de acordo com o seu correspondente em português	207
Figura 30 – Transcrição dos sinais-termo em <i>SignWriting</i>	207

Figura 31 – Exemplo de termo e sinal-termo selecionado para compor o glossário conforme se encontram em suas respectivas árvores de domínio	208
Figura 32 – Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Política	209
Figura 33 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Cultural (História Geral)	212
Figura 34 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Econômica (História Geral)	213
Figura 35 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Social (História Geral)	214
Figura 36 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Social (História do Brasil)	215
Figura 37 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Cultural (História do Brasil)	216
Figura 38 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Econômica (História do Brasil)	217
Figura 39 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Política (História do Brasil)	218
Figura 40 - Árvore de domínio em Libras da subárea Três Poderes (Instituição Política da História do Brasil)	219
Figura 41 - Árvore de domínio em Libras da subárea Documentos Políticos (Instituição Política da História do Brasil)	220
Figura 42 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituições (Instituição Política da História do Brasil)	221
Figura 43 - Árvore de domínio em Libras da subárea Tempos Históricos e Histórico-Geográfico (História Geral e do Brasil)	222
Figura 44 - Árvore de domínio em Libras da subárea Conhecimentos Humanos e Históricos (História Geral e do Brasil)	223
Figura 45 - Árvore de domínio em Libras da subárea Transformações Técnicas e Tecnológicas (História Geral e do Brasil)	224
Figura 46 – Mural feito pelos alunos da EEMLM sobre a guerra na Ucrânia	234
Figura 47 – Sinal-lâmpada utilizada para avisar o início, troca de períodos e saída da escola	234
Figura 48 – PPT utilizado para apresentar, aos estudantes, o conteúdo sobre <i>Peste Bubônica, Peste Negra ou Peste</i>	241
Figura 49 – Linha do tempo relacionado aos períodos históricos da História Mundial	242
Figura 50 - Linha do tempo relacionado aos períodos históricos da História do Brasil	243
Figura 51 – Uso do balde como ferramenta pedagógica destacado com um círculo vermelho	244
Figura 52 - Conteúdo utilizado para explicar sobre o <i>Racionalismo Cartesiano</i>	244
Figura 53 – Uso de seringas como ferramenta pedagógica destacado com um círculo vermelho	245
Figura 54 – Imagem retirada da internet e utilizada na explicação sobre	

<i>Liberalismo</i> , sem a remoção do conteúdo em português escrito	246
Figura 55 - Vídeo A Família Real vem morar no Brasil	247
Figura 56 – Posicionamento da câmera 1	249
Figura 57 – Reposicionamento da câmera 1	250
Figura 58 – Posicionamento da câmera 2	251
Figura 59 – Posicionamento da câmera 3	251
Figura 60 – <i>Slide</i> 1 elaborado para a abordagem didática para Ditadura Militar	258
Figura 61 – <i>Slide</i> 2 elaborado para a abordagem didática para Ditadura Militar	258
Figura 62 – <i>Slide</i> 3 elaborado para a abordagem didática para Ditadura Militar	259
Figura 63 – <i>Slide</i> 1 elaborado para a abordagem didática para Liberalismo	260
Figura 64 – <i>Slide</i> 2 elaborado para a abordagem didática para Liberalismo	260
Figura 65 - <i>Slide</i> 1 elaborado para a abordagem didática para Racionalismo Cartesiano	261
Figura 66 – <i>Slide</i> 2 elaborado para a abordagem didática para Racionalismo Cartesiano: as ideias inatas, adventícias e factícias	262
Figura 67 – Imagens utilizadas nos <i>slides</i> para explicar o trabalho escravo no Brasil	263
Figura 68 – <i>Slide</i> elaborado para explicar o surgimento de uma comunidade Quilombola	263
Figura 69 – <i>Frame</i> do vídeo utilizado para explicar a vida no quilombo Kalunga no estado de Goiás	264
Figura 70 – GIF do funcionamento de uma usina nuclear	265
Figura 71 – Tabela periódica utilizada na abordagem didática para Energia Nuclear	266
Figura 72 – <i>Frame</i> do vídeo que mostra a reação em cadeia que acontece no reator nuclear	266
Figura 73 – Linha do tempo que divide a História do Brasil entre os períodos pré-colonial, pós-colonial e imperial	267
Figura 74 – Capitânicas hereditárias a partir do Tratado de Tordesilhas	268
Figura 75 – <i>Slide</i> 1 elaborado para a abordagem didática para a <i>Revolta da Vacina</i>	269
Figura 76 – <i>Slide</i> 2 elaborado para a abordagem didática para a <i>Revolta da Vacina</i>	270
Figura 77 – <i>Slide</i> 3 elaborado para a abordagem didática para a <i>Revolta da Vacina</i>	270
Figura 78 – <i>Slide</i> 4 elaborado para a abordagem didática para a <i>Revolta da Vacina</i>	271
Figura 79 – A <i>Peste Bubônica</i> situada na linha do tempo histórica	272
Figura 80 – <i>Slide</i> utilizado na abordagem didática para <i>Peste Bubônica</i>	272
Figura 81 – <i>Frame</i> do episódio “Os 20 milhões de mortos da Grande Peste” utilizado na abordagem didática para Peste Negra	273
Figura 82 – Equipamento de proteção utilizado pelos médicos medievais durante a epidemia da <i>Peste Bubônica</i>	273
Figura 83 – Linha do tempo relacionada aos anos em que foram elaboradas as Constituições ao longo da história brasileira	

Figura 84 – Uso da Constituição Federal como material didático na abordagem para <i>Constituição de 1824</i>	278
Figura 85 – <i>Slide</i> utilizado para explicar a sobreposição do <i>Poder Moderador</i> sobre os <i>Três Poderes</i> no Império do Brasil	279
Figura 86 – Uso de cédulas de brinquedo para a explicação do sinal-termo para <i>Desigualdade Social</i>	280
Figura 87 – <i>Frame</i> do vídeo sobre a criação do homem na perspectiva grega	281
Figura 88 – Uso da ferramenta <i>Google Earth</i> destacando o Líbano, antiga região fenícia	281
Figura 89 – <i>Frame</i> do vídeo “O que é democracia representativa – com Libras”	282
Figura 90 – Auditório da EEEMLM	285
Figura 91 – Posicionamento das câmeras para o registro da abordagem didática realizada com o Grupo B	286
Figura 92 – <i>Frame</i> do vídeo utilizado para explicar o comércio marítimo coordenado pelos fenícios	289
Figura 93 - <i>Slide</i> 9 elaborado para a abordagem didática para a <i>Comércio Marítimo</i>	290
Figura 94 – <i>Slide</i> 10 elaborado para a abordagem didática para a <i>Comércio Marítimo</i>	291
Figura 95 – <i>Slide</i> 11 elaborado para a abordagem didática para a <i>Comércio Marítimo</i>	292
Figura 96 – <i>Slide</i> 10 elaborado para a abordagem didática para a <i>Constituição de 1824</i>	293
Figura 97 – Sequência de <i>frames</i> do vídeo sobre o <i>Big Bang</i>	294
Figura 98 - <i>Slide</i> 7 elaborado para a abordagem didática para <i>Democracia</i>	295
Figura 99 – <i>Slide</i> 3 elaborado para a abordagem didática para <i>Desigualdade Social</i>	297
Figura 100 - <i>Slide</i> 3 elaborado para a abordagem didática para <i>Desigualdade Social</i>	298
Figura 101 - <i>Slide</i> 6 elaborado para a abordagem didática para <i>Desigualdade Social</i>	298
Figura 102 - <i>Slide</i> 7 elaborado para a abordagem didática para <i>Desigualdade Social</i>	299
Figura 103 - <i>Slide</i> 8 elaborado para a abordagem didática para <i>Desigualdade Social</i>	299
Figura 104 – Questionários organizados de acordo com a série dos alunos Surdos colaboradores da pesquisa	303
Figura 105 – Organização das respostas dos alunos Surdos colaboradores por temas	303
Figura 106 – Janela de vídeo utilizada para a regravação dos enunciados definitórios utilizados pelos alunos Surdos colaboradores	304
Figura 107 – Organização dos vídeos por temas relacionados	305
Figura 108 – Figura selecionada pelo curador para ilustrar o verbete para <i>Energia Nuclear</i>	318

Figura 109 - Figura selecionada pelo curador para ilustrar o verbete para <i>Desigualdade Social</i>	318
Figura 110 – Macroestrutura da obra	338
Figura 111 – Organização do vocabulário de termos e sinais-termo no CHT LIBRAS	339
Figura 112 – Árvore de domínio em português na macroestrutura do glossário	340
Figura 113 – Árvore de domínio em Libras na macroestrutura do glossário	340
Figura 114 – Proposta de verbete para o glossário didático-pedagógico semibilíngue de Ciências Humanas	342
Figura 115 - Campos do verbete do glossário CHTLibras em Libras	344

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Compreensão da definição para <i>Aproveitamento de Estudos</i>	145
Gráfico 2 - Compreensão da definição para <i>Independência do Brasil</i>	145
Gráfico 3 - Compreensão da definição para <i>Massa</i>	146
Gráfico 4 - Compreensão da definição para <i>Comédia Pastelão</i>	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Recorte da ficha terminológica do termo <i>fibras</i>	100
Quadro 2 – Recorte da ficha terminológica de termo <i>insulina</i>	100
Quadro 3 – Ficha terminológica utilizada para <i>Audiência de instrução e julgamento</i>	104
Quadro 4 – Recorte da ficha terminológica do termo <i>Procedimento de Tradução</i>	105
Quadro 5 – Ficha terminológica para o termo <i>Apicultura</i>	106
Quadro 6 – Ficha terminológica para o termo <i>Custo</i>	108
Quadro 7 – Ficha terminológica do termo <i>Recessão</i>	111
Quadro 8 – Modelo de ficha de reformulação de definição	113
Quadro 9 – Ficha de reformulação de definição adapt. por Nascimento (2016)	115
Quadro 10 – Ficha de reformulação da definição proposta por Nascimento (2016)	118
Quadro 11 – Fragmento da ficha terminológica para <i>Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)</i>	120
Quadro 12 – Fragmento da ficha terminológica do termo <i>Paranoia</i>	120
Quadro 13 – Fragmento da ficha terminológica para <i>Paciente</i>	121
Quadro 14 – Fragmento da ficha terminológica de <i>Cogumelos</i>	121
Quadro 15 – Fragmento da ficha terminológica do termo <i>Alimentação</i>	121
Quadro 16 - Regras: o que não se deve fazer na elaboração da definição terminológica	128
Quadro 17 - Regras: o que se deve fazer na elaboração da definição terminológica	128
Quadro 18 - Tradução para o português escrito das definições em Libras	133
Quadro 19 – <i>Feedback</i> dos Surdos(as) colaboradores(as)	134
Quadro 20 - Aspectos positivos de natureza linguística que contribuem para a boa compreensão de uma DTS	142
Quadro 21 - Aspectos negativos de natureza linguística que contribuem para a compreensão de uma DTS.	143
Quadro 22 - Aspectos positivos de natureza extralinguística que contribuem para a compreensão de uma DTS.	144
Quadro 23 - Aspectos negativos de natureza extralinguística que prejudicam a boa compreensão de uma DTS	144
Quadro 24 - Aspectos reconhecidos como relevantes para a elaboração de uma DTS	150
Quadro 25 - Cronograma de coleta de dados do mês de março/2022	283
Quadro 26 - Modalizadores de DTS organizados de acordo com seus Elementos	333
Quadro 27 - Elementos que influenciam na elaboração de uma DTS	335

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Registro, uso e referências dos termos e sinais-termo coletados	164
Tabela 2 – Quantidade, data e tema dos encontros realizados com o Grupo A	252
Tabela 3 – Síntese do cronograma de coleta de dados com o Grupo B	284
Tabela 4 – Modelo de tabela para sistematização do vocabulário lexical para a construção da DTS a partir dos dados do Grupo A	307
Tabela 5 – Modelo de tabela para sistematização do vocabulário lexical para a construção da DTS a partir dos dados do Grupo B	308
Tabela 6 – Modelo de ficha para sistematização do vocabulário lexical comum para a construção da DTS a partir dos dados do Grupo A e B	309

LISTA DE ABREVIATURAS

ASL – American Signs Language.

BNCC – Base Nacional Curricular Comum.

CBM – Classe Bilíngue Mediada.

CHT LIBRAS – Ciências Humanas e suas Tecnologias em Libras.

DT – Definição Terminológica.

DTS – Definição Terminológica Sinalizada.

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

L1 – Primeira Língua.

L2 – Segunda Língua.

Libras – Língua Brasileira de Sinais.

LBI – Lei Brasileira de Inclusão.

LS - Linguagem Simples

LSB – Língua de Sinais Brasileira.

CM – Configuração de Mão.

M- Movimento.

L – Locação.

PA – Ponto de Articulação.

OP – Orientação da Palma da Mão.

EFs – Expressões Faciais.

LSF - Langue des Signes Française.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

MEC – Ministério da Educação.

ProUni – Programa Universidade para Todos.

TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais.

TILSP – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais e Português.

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

UnB – Universidade de Brasília.

UL – Unidade Lexical.

ULS – Unidade Lexical Sinalizada.

UT – Unidade Terminológica.

UTS – Unidade Terminológica Sinalizada.

SUMÁRIO

1.	MINHA TRAJETÓRIA	29
2.	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E HIPÓTESES DE PESQUISA	33
3.	ANTECEDENTES, PROBLEMA DA PESQUISA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DA TESE.....	35
4.	CENÁRIO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE PESQUISA	38
5.	CONTRIBUIÇÕES DESTA PESQUISA.....	43
5.1.	Impacto social	44
5.2.	Apoio à tradução e interpretação em Libras	44
5.3.	Ampliação de acessibilidade.....	45
6.	REPERCUSSÃO DA PESQUISA PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM E DO LÉXICO	47
6.1.	Estudos de Terminologia e Terminografia em geral.....	48
6.2.	Estudos de Terminologia e Terminografia de Libras	49
BLOCO 1 – ENFRENTAMENTOS TEÓRICOS		58
CAPÍTULO 1 – REVISÃO TEÓRICA: DA TERMINOLOGIA À TERMINOGRAFIA		59
1.1.	Estudos terminológicos em perspectiva.....	59
1.1.1.	<i>Terminologia - entre ciências e disciplinas</i>	<i>59</i>
1.1.2.	<i>Teoria Geral da Terminologia (TGT)</i>	<i>61</i>
1.1.3.	<i>A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).....</i>	<i>64</i>
1.1.4.	<i>A Socioterminologia.....</i>	<i>65</i>
1.1.5.	<i>A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)</i>	<i>66</i>
1.2.	Perspectivas textuais e/ou textualistas da Terminologia.....	67
1.2.1.	<i>Estudos de Linguística de Texto Especializado (LTE).....</i>	<i>67</i>
1.2.2.	<i>Estudos sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)</i>	<i>70</i>
1.3.	Terminologia e Terminografia Pedagógica de Libras	74
1.4.	Enfrentamento teórico: o que fazer em/para Libras?	76
1.4.1.	<i>Lexicografia versus Terminografia</i>	<i>76</i>
1.5.	O Glossário	79
1.5.1.	<i>A Macroestrutura</i>	<i>79</i>
1.5.2.	<i>A Microestrutura</i>	<i>80</i>
CAPÍTULO 2 – DEFINIÇÕES EM PERSPECTIVA		82
2.1.	A Definição em perspectiva	82
2.1.1.	<i>Definição na perspectiva lógico-filosófica.....</i>	<i>82</i>

2.2.	A definição no âmbito da Terminologia que lida com textos escritos	83
2.3.	Os tipos de definição em línguas orais escritas	84
2.3.1.	<i>A definição lexicográfica</i>	84
2.3.2.	<i>A definição enciclopédica</i>	86
2.3.3.	<i>A definição terminológica</i>	86
2.4.	A concepção de Definição para esta tese	93
2.5.	A Definição na Libras: da acessibilidade da língua à acessibilidade do vocabulário definitório.....	94
CAPÍTULO 3 - REVISANDO PADRÕES E ORIENTAÇÕES DA DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA EM OBRAS DE LIBRAS.....		
3.1.	Padrões e orientações da DT em obras de Libras	97
3.1.1.	<i>Glossário Sistemático Bilingue Português-Libras de Termos da História do Brasil</i>	97
3.1.2.	<i>Terminografia da Língua Brasileira de Sinais: glossário de Nutrição.....</i>	99
3.1.3.	<i>Desenvolvimento de sinais em Libras para o ensino de Química Orgânica: um estudo de caso de uma escola de Linhares/ES</i>	100
3.1.4.	<i>A importância da Terminologia para a atuação do TILSP: proposta de glossário de sinais-termo do Processo Judicial Eletrônico</i>	103
3.1.5.	<i>Proposta de glossário bilíngue: terminologia dos “procedimentos de tradução” em Língua de Sinais Brasileira.....</i>	104
3.1.6.	<i>A dicionarização de termos da Apicultura em Libras.....</i>	106
3.1.7.	<i>Glossário em Libras: uma Proposta de Terminologia Pedagógica (Português- Libras) no Curso de Administração da UFPel</i>	107
3.1.8.	<i>O uso da Libras na Matemática do ensino fundamental: uma proposta de glossário</i>	109
3.1.9.	<i>O tradutor intérprete de Libras/Português (TILSP) como pesquisador orgânico da terminologia: proposta de glossário de sinais-termo da Economia</i>	110
3.1.10.	<i>Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de Glossário Ilustrado Semibilingue do Meio Ambiente, em Mídia Digital</i>	111
3.1.11.	<i>A Terminologia na LSB: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue</i>	114
3.1.12.	<i>Terminologia da Matemática em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário bilíngue Libras-Português.....</i>	115
3.1.13.	<i>Terminologia da Libras: coleta e registro de sinais-termo da área de Psicologia</i>	119
3.1.14.	<i>Estudo terminológico em Língua de Sinais: glossário multilíngue de sinais-termo na área de Nutrição e Alimentação.....</i>	121
3.1.15.	<i>História em Libras: Pré-História a Idade Média.....</i>	124
3.1.16.	<i>Manual de Libras para ciências: a Célula e o Corpo Humano</i>	126
3.2.	Considerações preliminares sobre a DT nas obras analisadas.....	127
CAPÍTULO 4 - ESTRUTURAS DE DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA EM LIBRAS ..		
4.1	Recolha de diferentes definições de sinais-termo	132
4.1.1.	<i>Análise da compreensão das definições recolhidas</i>	133
4.1.2.	<i>Análise da estrutura das definições no artigo de 2021</i>	147

4.2. Considerações sobre a estrutura da DTS	149
SÍNTESE DO BLOCO 1.....	151
BLOCO 2 – TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA APLICADAS	153
CAPÍTULO 5-DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i> PARA UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SEMIBILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS DE CIÊNCIAS HUMANAS	
154	
5.1. Considerações preliminares ao trabalho com o <i>corpus</i> : relação entre termo, texto e tradução das vídeo provas do Enem	154
5.2. Os <i>corpora</i> desta pesquisa.....	161
5.2.1. <i>A seleção dos termos</i>	161
5.2.2. <i>A seleção dos sinais-termo</i>	163
5.2.2.1. <i>O caso das variantes</i>	168
5.2.2.2. <i>O caso das sinonímias</i>	179
5.2.2.3. <i>O caso da mudança de classes gramaticais</i>	183
5.2.2.4. <i>O caso das referências bibliográficas</i>	184
5.3. Considerações sobre o corpus que será composto o glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português de Ciências Humanas.....	185
CAPÍTULO 6 – ELEMENTOS DO GLOSSÁRIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SEMIBILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS DE CIÊNCIAS HUMANAS	188
6.1. A importância de um glossário de Ciências Humanas.....	188
6.2. A árvore de domínio.....	190
6.2.1. <i>A importância da árvore de domínio</i>	191
6.2.2. <i>A busca de uma árvore de domínio para o glossário de História</i>	192
6.3. Árvore de domínio de sinais-termo da História	204
6.3.1. <i>Sobre o sistema de registro da árvore de domínio em Libras: uma nova proposta</i>	204
6.3.2. <i>Os passos para o registro da árvore de domínio em Libras</i>	205
RESUMO DO BLOCO 2.....	226
BLOCO 3 – METODOLOGIA DESCRITIVA: OBTENÇÃO DE INSUMOS PARA A FORMULAÇÃO DA DTS EM UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO DE HISTÓRIA	228
CAPÍTULO 7 – METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS COM ESTUDANTES SURDOS.....	229
7.1 Iniciando o processo de coleta de dados	229
7.1.1. <i>Comentários preliminares: submissão do projeto ao Comitê de Ética em pesquisa da UFRGS, características das instituições de ensino e repertórios lexicais</i>	230
7.2. Perfis das Instituições.....	231
7.3. Procedimentos adotados	235
7.3.1. Grupo A.....	235

7.3.1.1. Contato com o CEM 02, com os pais ou responsáveis, com os colaboradores Surdos e professores	235
7.3.1.2. Potenciais participantes da pesquisa: desenho de amostras desejáveis da população envolvida no CEM 02.....	235
7.3.1.4. Seleção dos sinais-termo para a abordagem didática realizada na coleta de dados no CEM 02 de Planaltina-DF	236
7.3.1.5. Preparação do material para as abordagens didáticas no CEM 02 de Planaltina-DF	239
7.3.1.6. Coleta dos dados em vídeo registro no CEM 02 de Planaltina-DF.....	247
7.3.1.7. Encontros para a coleta de dados no CEM 02 de Planaltina-DF	252
7.3.1.8. Algumas dificuldades encontradas durante o período da coleta de dados	253
7.3.1.9. Do questionário aplicado aos colaboradores Surdos no CEM 02 De Planaltina-DF	255
7.3.1.8.1. Questionário sobre a Ditadura Militar	257
7.3.1.8.2. Questionário sobre o sinal-termo para Liberalismo.....	259
7.3.1.8.3. Questionário sobre o sinal-termo para Racionalismo Cartesiano	261
7.3.1.8.4. Questionário sobre o sinal-termo para Quilombo	262
7.3.1.8.5. Questionário sobre o sinal-termo para Energia Nuclear	264
7.3.1.8.6. Questionário sobre o sinal-termo para Colonização Portuguesa na América	266
7.3.1.8.7. Questionário sobre o sinal-termo para Revolta da Vacina.....	268
7.3.1.8.8. Questionário sobre o sinal-termo para Peste Bubônica	271
7.3.2. GRUPO B.....	273
7.3.2.1. Potenciais participantes da pesquisa: desenho de amostras desejáveis da população envolvida na EEEMLM	273
7.3.2.2. Seleção dos sinais-termo do corpus para a abordagem didática realizada na coleta de dados na EEEMLM de Porto Alegre-RS	274
7.3.2.3. Preparação do material para as abordagens didáticas e coleta de dados na EEEMLM de Porto Alegre-RS	276
7.3.2.4. Coleta de dados em vídeo registro na EEEMLM de Porto Alegre-RS.....	282
7.3.2.5. Encontros com os alunos Surdos colaboradores na EEEMLM de Porto Alegre – RS	286
7.3.2.6. Algumas dificuldades encontradas durante o período da coleta dos dados	287
7.3.2.7. Do questionário aplicado na EEEMLM de Porto Alegre-RS	287
7.3.2.7.1. Questionário sobre o sinal-termo para Comércio Marítimo	288
7.3.2.7.2. Questionário sobre o sinal-termo para Constituição de 1824.....	292
7.3.2.7.3. Questionário sobre o sinal-termo para Criacionismo	293
7.3.2.7.4. Questionário sobre o sinal-termo para Democracia	294
7.3.2.7.5. Questionário sobre o sinal-termo para Desigualdade Social.....	295
7.4. Metas básicas para coleta de dados de uma DTS para sinais-termo em glossário de caráter didático-pedagógico	300
CAPÍTULO 8 – METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS RECOLHIDOS	302
8.1. Passos metodológicos para a análise dos dados coletados com os Grupos A e B, formados por estudantes do RS e do DF	302
CAPÍTULO 9 - ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM OS ESTUDANTES.....	310

9.1.	Princípios básicos para a formulação de uma DTS simples	310
9.2.	Etapas de elaboração do enunciado definitório em Libras	311
9.2.1.	<i>Sobre o processo de curadoria terminológica e lexical do repertório de sinais utilizado pelos estudantes</i>	312
9.2.2.	<i>Seleção do repertório mais adequado</i>	315
9.2.3.	<i>Relação cognitiva entre os participantes</i>	317
9.2.4.	<i>A escolha das imagens para os verbetes do glossário</i>	317
9.2.5.	<i>Conclusões sobre o processo de curadoria terminológica</i>	319
9.3.	Estruturas e recursos definitórios em Libras	320
9.4.	Considerações a respeito das estruturas e recursos definitórios em Libras	331
9.5.	DTS: uma proposta teórica	334
CAPÍTULO 10 - ELABORAÇÃO DE UM PROTÓTIPO – EM RASCUNHO - DE GLOSSÁRIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SEMIBILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS DE CIÊNCIAS HUMANAS		336
10.1.	Texto de apresentação do glossário	336
10.2.	<i>Plano de trabalho executado</i>	337
10.3.	Como está organizado o glossário?	338
10.3.1.	<i>Macroestrutura</i>	338
10.3.2.	<i>Microestrutura</i>	341
RESUMO DO BLOCO 3		347
RETOMADA DAS QUESTÕES E HIPÓTESES DA PESQUISA		350
Perspectivas		356
Síntese dos resultados alcançados nesta tese		357
CONSIDERAÇÕES FINAIS		360
11.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	362
11.1.	Leis, Decretos e Portaria	362
11.2.	Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia	362
11.3.	Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia de Libras	368
11.4.	Outras referências	370
ANEXOS		375
ANEXO 1 – Parecer substancial do CEP – UFRGS		376
ANEXO 2 – TALE CEM 02		381
ANEXO 3 – TALE Lília Mazon		384
ANEXO 4 – TCLEP para maiores de 18 anos – CEM 02		387
ANEXO 5 - TCLEP para maiores de 18 anos – Lilia Mazon		391
ANEXO 6 – TCLEP para pais ou responsáveis – CEM 02		395
ANEXO 7 – TCLEP para pais ou responsáveis – Lilia Mazon		399

APÊNDICES.....	403
APÊNDICE 1 - Repertório de sinais dos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Energia nuclear</i> Grupo A	404
APÊNDICE 2 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Energia nuclear</i> Grupo B	405
APÊNDICE 3 - Cruzamento de dados - Grupo A e B, repertório para o sinal-termo <i>Energia nuclear</i>	406
APÊNDICE 4 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Quilombo</i> Grupo A.....	408
APÊNDICE 5 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Quilombo</i> Grupo B.....	409
APÊNDICE 6 - Repertório comum de sinais utilizado - dados Grupo A + B, para o sinal-termo <i>Quilombo</i>	411
APÊNDICE 7 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Revolta da Vacina</i> Grupo A.....	414
APÊNDICE 8 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Revolta da Vacina</i> Grupo B	415
APÊNDICE 9 - Repertório comum de sinais utilizado - dados Grupo A + B, para o sinal-termo <i>Revolta da Vacina</i>	417
APÊNDICE 10 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Colonização Portuguesa na América</i> Grupo A.....	420
APÊNDICE 11 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Ditadura Militar</i> Grupo A.....	423
APÊNDICE 12 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Liberalismo</i> Grupo A	426
APÊNDICE 13 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Peste Bubônica</i> Grupo A.....	429
APÊNDICE 14 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Peste Bubônica</i> Grupo A.....	431
APÊNDICE 15 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Comércio Marítimo</i> Grupo B.....	433
APÊNDICE 16 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Constituição de 1824</i> Grupo B.....	435
APÊNDICE 17 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Criacionismo</i> Grupo B	439
APÊNDICE 18 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Democracia</i> Grupo B	441
APÊNDICE 19 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo <i>Desigualdade Social</i> Grupo B.....	444
APÊNDICE 21 – Ficha terminológica para COMÉRCIO MARÍTIMO	448
APÊNDICE 22 – Ficha terminológica para CONSTITUIÇÃO DE 1824	449
APÊNDICE 23 – Ficha terminológica para CRIACIONISMO.....	450
APÊNDICE 24 – Ficha terminológica para DEMOCRACIA.....	451
APÊNDICE 25 – Ficha terminológica para DESIGUALDADE SOCIAL.....	452

APÊNDICE 27 – Ficha terminológica para DITADURA MILITAR.....	453
APÊNDICE 28 – Ficha terminológica para ENERGIA NUCLEAR.....	454
APÊNDICE 29 – Ficha terminológica para LIBERALISMO	455
APÊNDICE 30 – Ficha terminológica para QUILOMBO/QUILOMBOLA.....	456
APÊNDICE 31 – Ficha terminológica para RACIONALISMO CARTESIANO	457
APÊNDICE 32 – Ficha terminológica para REVOLTA DA VACINA.....	458
APÊNDICE 33 – Ficha terminológica para PESTE BUBÔNICA.....	459

1. MINHA TRAJETÓRIA

Peço licença a todas as pessoas leitoras dessa tese para me apresentar. Neste momento, em setembro de 2023, tenho a oportunidade de mostrar a minha história e trajetória acadêmica. Este volume de escrita me permitiu refletir sobre todas as atividades realizadas nas áreas que atuei, desde a Educação Básica à Universidade, bem como sobre os produtos resultantes delas.

Redigido em plena maturidade, este Memorial busca identificar e refletir sobre uma etapa da minha vida, o percurso que me levou ao Doutorado. Para tanto, assinalo, no transcurso da escrita, as situações que penso como mais significativas e relevantes. Assim início esta tese, que apresento aos meus amigos, familiares e colegas de Academia.

Sou o filho mais novo de uma confeitadeira e de um metalúrgico, ambos gaúchos, que deixaram o Rio Grande do Sul na década de 1980 para construir a sua história em Brasília, capital do país. Nascido em 15 de outubro de 1987 em Planaltina-GO, mas crescido e criado em Planaltina-DF, pude ser educado por pais que sempre me cobraram, motivaram e deram tudo o que foi possível para eu chegar até esta etapa da minha carreira acadêmica.

Como pretendo registrar os principais momentos da minha carreira acadêmica, será necessário dar um salto temporal para falar sobre o meu envolvimento com a língua de sinais e com a Comunidade Surda. Meu primeiro contato com a Libras foi em 2005, quando eu cursava o terceiro ano do Ensino Médio. Esse ano é significativo, pois foi marcado pela promulgação do Decreto 5.626, no qual se determinava que alunos Surdos matriculados na Educação Básica ao Ensino Superior deveriam ter intérpretes de Libras. A escola em que estudei, o Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina-DF, no ano corrente, recebeu alguns alunos Surdos como sempre foi feito. O diferencial é que, à época, eles contavam com intérprete de Libras nas aulas.

Durante os intervalos das aulas, eu via os Surdos conversando em Libras pelos corredores e me senti interessado em aprender a língua. Me aproximando deles, pude interagir com uma Libras ainda em aprendizado ao longo do meu último ano no Ensino Médio. Numa dessas conversas, uma colega me convidou para fazer o curso de Libras que a Pastoral dos Surdos da cidade oferecia aos sábados à tarde. Como eu já fazia parte da Paróquia, após a Missa das 19h, que sempre era interpretada e acontecia aos sábados, procurei a coordenação da Pastoral para me informar sobre o curso.

No sábado seguinte já comecei a frequentar o curso e a participar das Missas em Libras. A minha contribuição para a Pastoral dos Surdos que, aliás, a faço até hoje, me trouxe outra experiência e amadurecimento em relação às pessoas Surdas e à Libras. Digo, inclusive, que a minha atuação na Pastoral foi um momento em que pude me aprofundar em espiritualidade e conhecimento.

Anos depois, enquanto continuava o meu trabalho pastoral, senti a necessidade de buscar outros contextos além do religioso. Na oportunidade, me inscrevi no curso de Libras da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos em Brasília (FENEIS-DF). No curso oferecido pela FENEIS, tive a oportunidade de me aprofundar no conhecimento da língua por meio de contextos do dia a dia, o que me deu uma perspectiva mais amplamente linguística sobre a língua.

Com certo nível de conhecimento na língua, fui aprovado, em 2007, no Exame Nacional de Certificação de Proficiência para Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa/Libras nível médio. Com o certificado, iniciei a minha carreira profissional como Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS).

De 2007 a 2009 atuei como TILS em faculdades e universidades particulares em Brasília. Atuar como intérprete foi bem desafiador. Essa profissão me tirou de um contexto de atuação que se limitava a conversas aleatórias com os amigos Surdos para um contexto acadêmico formalizado. Nos anos mencionados atuei como TILS nos cursos de Educação Física, Fisioterapia, Ciências da Informação e Designer de Interiores. Os diferentes contextos de atuação me deram a oportunidade de conhecer sobre o universo terminológicos de diferentes áreas científicas, técnicas e tecnológicas.

Em 2008, já com um nível de envolvimento considerável com a Comunidade Surda, ingressei no curso de Licenciatura em Letras-Libras a distância (EaD) oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. A UFSC ofertou turmas no formato EaD em polos por todas as cinco regiões do país. O polo em que eu estava vinculado era o da Universidade de Brasília-UnB.

Em 2010, quando eu cursava a quinto semestre do curso de Letras-Libras, ingressei no curso de Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás-UEG. Porém, tive que interromper o curso presencial em 2013, pois já havia me formado em Letras-Libras e precisei me dedicar ao ensino de Libras. No mesmo ano, a UEG ofereceu o curso de Licenciatura em História a distância, oportunidade da qual eu me inscrevi num novo vestibular e me formei quatro anos depois.

Ainda em 2013, como professor temporário da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEED-DF), trabalhei como professor-intérprete na mesma escola em que me formei no Ensino Médio. Essa etapa da minha profissão foi muito importante e decisória para que eu decidisse dedicar a minha vida acadêmica à Terminologia.

Durante as aulas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia eu precisava me esforçar cada vez mais para conseguir interpretar conceitos de termos ensinados em sala de aula. Não havia, à época, um glossário em que eu pudesse pesquisar sinais para os termos que eram ensinados em contexto de aula. Como eu já estava imerso no universo das Ciências Humanas, por ser estudante de História, resolvi me dedicar às terminologias de História em Libras.

Essa decisão me levou, em 2014, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UnB para cursar o mestrado. Como objeto de pesquisa, escolhi estudar os termos e sinais-termo da História do Brasil sob a orientação da professora doutora Enilde Faulstich. Como pesquisa do mestrado, propus um glossário sistêmico bilíngue de sinais-termo da História do Brasil. Naquele mesmo ano, eu prestei dois concursos públicos para professor de Libras, um na SEE-DF e o outro no Instituto Federal de Goiás-IFG, fui aprovado nos dois.

Na SEE-DF atuei como professor para o Ensino Fundamental e Médio. Já no IFG, atuei no ensino superior e no ensino médio técnico. Essas experiências me trouxeram amadurecimento pessoal e profissional, pois experimentei lecionar em diferentes séries e instituições que possuem realidades completamente diferentes.

Em 2016, mesmo ano em que me tornei mestre em Linguística, fui aprovado em concurso público para professor efetivo do ensino superior na Universidade de Brasília - UnB, onde trabalho atualmente. Durante os três anos seguintes, ministrei aulas no curso de Letras Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua (LSB-PSL), ofereci a disciplina de Libras básico, intermediário e avançado para alunos de outros cursos da Universidade e me dediquei a pesquisas acadêmicas nas áreas da Terminologia de Libras e do ensino de Libras.

Em 2019, após três anos de atuação na UnB, decidi continuar os meus estudos acadêmicos, então com uma pesquisa de doutorado. Nesse mesmo ano ingressei como no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGLetras-UFRGS) sob a orientação da professora doutora Maria José Bocorny Finatto. Ao longo dos quatro anos de doutoramento tive a oportunidade de cursar disciplinas que me ajudaram na pesquisa que apresento nesta tese. Para isso, me mudei de Brasília para

Porto Alegre para que eu me dedicasse integralmente à pesquisa. Entretanto, em 2020, fomos tomados de assalto pela pandemia da Covid-19. À época, não sabia muito bem como seria o meu futuro na pesquisa. As Universidades fechadas, o *lockdown* necessário e sem perspectiva de vacinas, interrompemos as atividades por cinco meses.

Embora as atividades acadêmicas regulares tivessem sido retomadas de forma remota, isso contribuiu para que eu cursasse disciplinas em outros Programas de Pós-Graduação, participasse de grupos e eventos científicos e produzir artigos científicos para Revistas e capítulos de livro. Se, por um lado, estávamos amedrontados com o aumento de casos de Covid entre 2020 e 2022, por outro, houve acessos facilitados por meio do ensino remoto. Assim, pude realizar disciplinas ofertadas por professores renomados de outras Universidades como a UFSC, UNESP e USP, o que, de forma presencial, não seria possível.

Graças às pesquisas científicas a vacina foi desenvolvida com sucesso, fui imunizado e tive a oportunidade de voltar à Porto Alegre para a coleta dos dados necessários para a tese. Vale dizer que tive total apoio dos professores, professoras, alunos e alunas Surdos das escolas CEM 02 de Planaltina e da Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon de Porto Alegre.

Apresentado de forma resumida o meu contato com a Libras e que se cruza com a minha profissão, creio que alcancei o objetivo que persegui e percebo que também dei maior sentido à minha carreira acadêmica. Sinto-me gratificado e feliz ao encerrar esse processo, pois, após “revivenciar” minha trajetória, tenho certeza de que pude contribuir muito para a Comunidade Surda, a Comunidade Surda Acadêmica e a sociedade com a minha pesquisa no PPG-Letras-UFRGS. Agora, passados quatro anos de dura dedicação a esta tese, apresento o resultado dos meus quatro anos de pesquisa e de descobertas. Espero que os meus leitores e leitoras consigam aproveitar os ganhos que obtive, que dividam as questões que coloco e que nos ajudem a lançar outras. Por fim, peço uma boa dose de empatia para as limitações e dificuldades que encontrarem.

2. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES E HIPÓTESES DE PESQUISA

Esta pesquisa de doutorado, partindo da perspectiva dos Estudos da Linguagem, com ênfase nos estudos do Léxico, é dedicada à linguagem e às terminologias de História e à sua expressão em Libras. Por isso, iniciamos o nosso texto situando a área de conhecimento envolvida, a História.

Os pilares da formação humana, no sentido de reconhecimento de si e do outro, estão alicerçados no tratado vasto da história do pensamento filosófico e científico. Desde o surgimento das ideias teóricas sobre o Conceito (ou a busca pela sua explicação lógica) na Europa no século XIV, a ciência nasce e se configura a partir da Filosofia, a fim de descrever o conhecimento registrado. Curiosamente, no século XIX, os métodos ditos “científicos” com o objetivo de tornar o conhecimento verossímil - ou fundamentado - eram utilizados apenas para disciplinas como a Astronomia, Física e Química, colocando em xeque se os assuntos mais ou menos sociais poderiam ter comprovações como as ciências naturais (Giddens; Sutton, 2016).

Do ponto de vista da Escola Metódica positivista do século XIX, quando a História se constituiu como uma *disciplina*, a questão central do estudo histórico colocou-se como a descoberta dos fatos voltados à pesquisa documental. Nesse processo de “descobertas”, o ofício do historiador era exercido com “base no modelo das ciências naturais, a ciência ao invés da arte” (Hartog, 2005, p. 174). Seguindo esses encaminhamentos, trataremos a História, que compõe as Ciências Humanas, como uma ciência, acompanhando também os argumentos postos por Jörn Rüsen (Rüsen, 2010). Assim, a História, área que integra outras disciplinas conhecidas como *Ciências Humanas*, utiliza a narrativa histórica como fruto de um procedimento mental da capacidade do homem interpretar a si mesmo e ao mundo ao seu redor.

Além disso, através de um método científico particular, os historiadores (entre os quais me incluo) constroem narrativas que fazem parte da experiência humana, pois a todo momento pensamos o passado, refletimos fatos empíricos inerentes às nossas ações cotidianas e abstraímos uma série de informações que norteiam o presente e que podem repercutir no futuro. Essa narrativa, fruto do trabalho (científico) dos historiadores, está registrada em livros temáticos, livros didáticos, artigos científicos, dicionários e glossários.

Isso posto, verificamos que a História, como uma disciplina das Ciências Humanas, possui características muito particulares que a diferem de disciplinas pertencentes às ditas

Ciências Exatas, como a Matemática, Física, Química, Biologia, entre outras. É evidente, portanto, que a linguagem de especialidade (ou especializada) utilizada na História diferirá daquela utilizada nas Ciências Exatas ou mesmo em outras Humanidades, como o Direito, por exemplo.

Nessa medida, as terminologias consideradas “*humanas*” no português e na Libras, que integram parte deste estudo, nos fazem pensar nos rumos dos estudos definitórios e conceituais na língua de sinais. Se a linguagem científica das Humanidades tem uma “marca” própria, seus enunciados definitórios e modos de dizer também devem o ter. E isso precisará ser melhor descrito e equacionado. Isto é, uma mesma forma ou padrão definicional pode não servir para todos.

Além disso, os parâmetros vinculados, primordialmente, às descrições de terminologias de línguas orais parecem ser, *a priori*, insuficientes quando transpostos e aplicados às terminologias conforme forem e são expressas e construídas em Libras. Para além das peculiaridades da ciência ou área de conhecimento envolvidos em um reconhecimento terminológico, é incontornável dar importância às particularidades linguísticas da Libras. É primordial, por isso, levar em consideração a natureza visoespacial¹ dessa língua. Não se pode desconsiderar as características que diferem uma construção textual sinalizada frente à construção textual escrita da língua portuguesa.

Assim, considerando as especificidades enunciativas e conceituais da área de conhecimento que é a História e a importante salvaguarda dos modos de construção e de expressão de conhecimentos em Libras, nossa pesquisa visa investigar a validade e o alcance das seguintes hipóteses associadas ao tema da definição terminológica:

Hipótese 1:

A Definição Terminológica Sinalizada (doravante DTS) eficiente, em Ciências Humanas, deve acomodar aspectos próprios da enunciação em Libras, como a recursividade e o detalhamento.

Hipótese 2:

Além de recursividade e detalhamento, a DTS eficiente inclui elementos específicos da Definição Terminológica (doravante DT) de línguas orais escritas, como as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*.

¹ Conforme apresenta Quadros e Karnopp (2004, p. 48), “as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”.

Dessa forma, na nossa investigação da **Definição Terminológica Sinalizada (DTS) vista como um texto-enunciado**, estará em causa uma verificação da eficiência de seu funcionamento junto a um dado público destinatário Surdo. Como público-usuário, temos: o sujeito-interlocutor que recebe a mensagem, frente a um enunciador (terminólogo), que está construindo e interferindo sobre a linguagem. Vale lembrar que: a) é sempre o Surdo o ponto em torno do qual todo o conhecimento terminológico é produzido por autores e especialistas em Terminologia de Libras; b) e que a recepção desse usuário Surdo não é passiva ou meramente decodificadora. Isto é, a partir de sua percepção, o usuário coloca em ação a informação que depreende conforme seus conhecimentos prévios e experiências de vida, sejam essas experiências com um dado sinal-termo, sinal ou com alguma conceituação ou ideia, expressos ou evocados no/pelo texto.

3. ANTECEDENTES, PROBLEMA DA PESQUISA, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA DA TESE

Esta pesquisa busca contribuir com os estudos de Terminologia, na linha de pesquisa “Estudos do Léxico e da Tradução” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS (PPG-LETRAS-UFRGS). Com ela, inserimo-nos nos grupos de pesquisa sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)², no Grupo de Estudos em Linguística de *Corpus* do Sul (GELCORP-SUL)³ e também, Projeto/Grupo Terminológico Cone Sul (TERMISUL)⁴.

Atualmente, a pouca produção de pesquisas sobre Definição Terminológica (DT) em Libras, ao que parece, teria contribuído para a elaboração de textos definitórios ineficientes para o público Surdo. Além disso, pelo o que já verificamos (Felten, 2016; Nascimento, 2016; Tuxi, 2017; Vale, 2018; D’azevedo, 2019 - para citar alguns autores), os modelos utilizados na terminografia de Libras tendem a ser aqueles utilizados em línguas orais, em uma relação de decalque bastante explícita. Isso significa que, estruturalmente falando, corremos riscos. Afinal, utilizar, *pari passu*, modelos que funcionam, geralmente bem, numa língua oral-auditiva, pode não ser o mais adequado numa língua de modalidade visoespacial.

Considerando o antes colocado, percebemos que a dimensão textual e enunciativa da

² As informações sobre o grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade> .

³ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://dgp.cnpq.br/buscagrupos/detalheGrupo.jsp?grupo=0192801R0T3AKW&censo=2010>.

⁴ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>.

DT deve ser vista, conforme já apontava Finatto (2001), como um importante viés que constitui a definição em dicionários e glossários escritos. Por isso, partimos do pressuposto que a DT apresentada em glossários bilíngues Português-Libras de Ciências Humanas também deveria poder atender e acomodar as especificidades informativas e enunciativas dessa Ciência, além, é claro, em primeiro lugar, de responder às necessidades do público Surdo. Isso tudo de acordo com a modalidade linguística diferenciada da Libras.

Diante do panorama apresentado, ao considerar a microestrutura de um glossário terminológico como um texto de especialidade, esta pesquisa buscará responder aos seguintes questionamentos:

- I. Quais as informações necessárias e suficientes que devem conter um texto/enunciado definitório de glossários de Ciências Humanas em Libras, para uso em meio escolar?
- II. Quais os elementos considerados linguísticos auxiliam na compreensão de uma DT em Libras?
- III. Qual o repertório lexical necessário para elaborar uma boa paráfrase definitória em Libras?
- IV. Como a modalidade visoespacial da Libras interfere na produção de textos definitórios em glossários terminológicos?
- V. Qual a melhor estrutura de verbete/microestrutura para um glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português para estudantes Surdos do Ensino Médio?

Para concretizar tal proposição, além da pesquisa bibliográfica, partimos de um *corpus* de sinais-termo das vídeo provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), do Glossário Sistemático Bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil (Felten, 2016) e de diferentes outras obras do gênero que contemplem Libras e domínios de especialidade do Ensino Médio.

Nesse sentido, nosso objetivo mais geral é **identificar e propor um modelo de Definição Terminológica Sinalizada (DTS) aplicável à Língua Brasileira de Sinais (Libras), em um contexto de ensino-aprendizagem com estudantes do Ensino Médio.** Estudantes que necessitam de informação de natureza técnico-científica no âmbito das

Ciências Humanas, apresentada em uma Linguagem Simples⁵. Um modelo que seja aplicável em uma proposta preliminar de um glossário didático-pedagógico semibílingue Libras-Português voltado para alunos Surdos⁶ do Ensino Médio.

Esse glossário-piloto, ainda em formato rascunho, um dos produtos da pesquisa desta tese, será uma ferramenta suplementar de consulta *on-line* para apoiar participantes Surdos do Enem. Dessa forma, um dos nossos insumos de partida corresponde à linguagem e às terminologias conforme utilizadas nas vídeo provas do Enem da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias, ao que somamos nosso glossário de História do Brasil e mais outras obras adiante apresentadas.

Para atingir o objetivo geral, relacionamos as seguintes etapas de trabalho:

- I. identificar e apontar as vantagens e limites dos modelos de DT em glossários de Libras propostos em teses e dissertações de diferentes domínios do conhecimento científico, técnico e tecnológico.
- II. indicar um caminho para a descrição e análise crítica da DTS;
- III. selecionar um léxico especializado da área de História pertinente ao público-alvo para fins de amostragem do modelo de glossário bilíngue.
- IV. selecionar um conjunto representativo de sinais-termo, em amostra, para abordagem didática e para coleta de dados direta com estudantes Surdos do Ensino Médio;
- V. desenvolver e aplicar um questionário que sirva para coletar os enunciados definitórios espontâneos produzidos por esses alunos Surdos, em sala de aula, associados à amostra de termos e conceitos selecionados;

⁵ Entendemos como Linguagem Simples (LS) aquela informação que seja descomplicada para um determinado interlocutor. É uma técnica de escrita e uma forma de garantir que uma determinada informação esteja compatível com as necessidades e condições de compreensão daquelas pessoas que a buscam. A LS, conforme a conhecemos hoje no Brasil, vem do projeto de *Plain Language* lançado após a Segunda Guerra Mundial. Seu foco inicial era principalmente o oferecimento de informações sobre segurança do trabalho e legislação em um inglês simplificado para consumo de operários adultos falantes de línguas europeias que se refugiavam no espaço estado-unidense. Mais tarde, a LS também passou a ser ponto de interesse e de ações da promoção geral dos Direitos Civis daquele país e não só uma questão de falta de proficiência de migrantes.

⁶ Tal qual foi feito em Castro Júnior (2011, p. 12), utilizaremos a denominação Surdo, com letra maiúscula, como formas estratégicas de empoderamento por reconhecermos Surdo “com suas especificidades e sua identidade vivenciadas nos artefatos culturais, por meio das manifestações da Libras. Além de ser uma visão social de posição e divulgação das pessoas Surdas enquanto cidadãos que lutam por seus direitos políticos, culturais, linguísticos, educacionais entre outros, para que sejam respeitadas suas manifestações por meio da Libras e, finalmente, uma inclusão efetiva e conceitual.

- VI. sistematizar e somar - em curadoria terminológica - os resultados das coletas de dados com os estudantes Surdos frente às necessidades da obra e de sua utilização como material didático de apoio;
- VII. propor um modelo analítico-descritivo de enunciado definitório que seja mais adequado à Libras, no contexto escolar verificado, para a área de Ciências Humanas por meio das semelhanças e diferenças dos enunciados terminológicos em glossários bilíngues e semibíngues Português-Libras, e monolíngues-Libras; e,
- VIII. registrar, em um protótipo de glossário *on-line*, os sinais-termos coletados e respectivos verbetes, conforme organizados em VI.

Assim, buscando aproveitar os insumos gerados pelos próprios estudantes Surdos, preocupamo-nos em ampliar a acessibilidade linguística e textual e terminológica da informação que recebem, no Ensino Médio, em Libras, sobre temas de História e/ou Humanidades. Esse processo também será útil para aqueles que já finalizaram essa etapa dos estudos e tenham interesse em pleitear uma vaga no Ensino Superior via Enem, que contém expressivo conteúdo sobre Ciências Humanas, nas áreas de História, Sociologia, Filosofia e Geografia.

Embora os estudos em Lexicologia e Terminologia da Libras tenham crescido muito nos últimos 05 anos, são poucos os trabalhos que visam à verificação dos perfis ou padrões da DT em Libras, considerando a especificidade da modalidade linguística da língua de sinais, isto é, a modalidade visoespacial. Não há, conforme nosso conhecimento, até 2023, pesquisas suficientes que se dediquem a verificar se há ou não nos textos sinalizados definições de sinais-termo em glossários das áreas pertencentes às Ciências Humanas.

Dentre as pesquisas em Terminologia da Libras, nenhuma delas, via de regra, se dedica a um estudo aprofundado da DT. Não obstante, muitos estudos têm se empenhado em recolher sinais-termo já existentes ou propor novos. Por outro lado, não encontramos estudos que proporcionem reflexões quanto ao conteúdo dessas UTS (Unidades Terminológicas Sinalizadas), ou seja, sobre o enunciado linguístico que explica o significado do conceito que são denominados por terminologias na Libras.

4. CENÁRIO E CONTEXTUALIZAÇÃO DAS QUESTÕES DE PESQUISA

Ao apresentarmos glossários terminológicos como ferramentas suplementares de

acesso à informação especializada destinada à pessoa Surda, é importante reconhecer que a condição de acessibilidade deve ser pensada de um modo amplo. Esse modo amplo vai desde a estrutura física do lugar e/ou ambiente em que a ofereçam atividades de ensino/aprendizagem com os materiais que planejamos, até o acesso ao direito de livre expressão, dessas pessoas, em Libras.

Para que não haja nenhuma barreira à comunicação, a Lei 10.436 de abril de 2002 reconheceu a Libras como a língua oficial da Comunidade Surda brasileira. Dessa forma, a legislação reforça a necessidade de acessibilidade linguística e, conseqüentemente, demanda-se uma determinada estrutura física e ambiental, presença de intérprete de Libras<>Português, acessibilidade de materiais, boa iluminação, entre outros. Sem isso, torna-se utópico e até irresponsável falar-se em comunicação efetiva.

A realidade da Libras na sociedade brasileira, coexistindo com a língua portuguesa, que também é majoritária e língua nacional e oficial do Brasil, nos exige pensar em várias condições e necessidades em prol dos Surdos e de todos que com eles convivem e aprendem, especialmente em ambiente escolar. Afinal, é direito nosso haver uma forma adequada e concatenada de acessibilidade linguística para os cidadãos Surdos, que também beneficia os não-surdos.

Essa Lei, que reconheceu a Libras como uma língua oficial de uma comunidade brasileira, é muito recente, tem menos de 20 anos. Na sua esteira, uma série de obras de referência está por se construir no nosso país para que a nossa população surda possa usufruir de seus direitos de cidadania, como o direito à Educação, à Cultura, ao lazer, à Saúde, entre outros.

Ao pensarmos num glossário semibílingue como ferramenta suplementar de acesso à informação sobre temas de História e Humanidades em geral, no cenário do nosso Ensino Médio, não podemos deixar de citar o ensino bilíngue. O ensino bilíngue Libras-Português auxilia que a pessoa Surda avance na aprendizagem e na socialização com diferentes comunidades que conformam o nosso país e a nossa nação. Mais recentemente, o Decreto nº 10.195/2019 instituiu e definiu as funções da Diretoria de Políticas de Educação Bilíngue de Surdos (DPEBS). Ao implementar a DPEBS, o nosso Ministério da Educação (MEC) dá mais um passo para beneficiar os estudantes Surdos matriculados na Educação Básica.

Dessa forma, a fim de alinhar as ações já em desenvolvimento, observamos que o inciso III do Art. 33 do Decreto supracitado determina que a Diretoria deve “definir e implementar ações de apoio didático, técnico e financeiro ao ensino bilíngue de surdos,

Surdocegos e deficientes auditivos”. O Decreto define também que, entre as competências da Diretoria, está planejar, orientar e coordenar a implementação de políticas de educação bilíngue que considerem a Libras como primeira língua (L1) e a língua portuguesa escrita como segunda (L2). Isso posto, percebemos que o Brasil possui fundamentos legais para implementar, fomentar e garantir a continuidade do público Surdo na Educação Básica bilíngue.

Do ponto de vista da acessibilidade bilíngue Português-Libras, o Art. 14 do Decreto 5.626/2005 determina que as instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas Surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a Educação Infantil até à Superior. Dentro dos processos seletivos em nível nacional, se inclui o Enem.

O Enem foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica. Atualmente, podem se candidatar para o exame os alunos que estão concluindo ou que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. O Enem é utilizado como uma das principais portas de acesso para o Ensino Superior. Ao realizar o exame, os candidatos podem concorrer a bolsas no Programa Universidade para Todos (ProUni), instituído pela Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Além disso, de acordo com dados do MEC⁷, cerca de 500 universidades já usam o resultado do Enem como critério de seleção para o ingresso no ensino superior, seja complementando ou substituindo o vestibular.

Entretanto, considerando a data de criação desse exame nacional e as políticas voltadas para a acessibilidade de informação para pessoas Surdas em diversas esferas, percebemos que este público ficou desassistido por quase vinte anos. Somente em 2017 o Inep atendeu a demanda da população Surda e criou o Enem em Libras. Isso quer dizer que até 2017 as pessoas Surdas realizam as provas do Enem em L2.

O Enem em Libras é uma iniciativa da Política de Acessibilidade e Inclusão do Inep direcionada à Comunidade Surda e deficiente auditiva que tem a Libras como L1. Assim, o Enem em Libras garante editais, vídeo provas, cartilhas e campanhas de comunicação em Libras, tornando, assim, o exame acessível a seu público-alvo. Ao longo das edições do Enem, o atendimento às diferentes necessidades dos participantes Surdos e deficientes auditivos têm se tornado uma preocupação do Inep.

⁷ Dados disponíveis em <http://portal.mec.gov.br/enem-sp-2094708791>. Acesso em maio de 2020.

Dessa forma, em 2017, o instituto passou a oferecer a vídeo prova em Libras e levou o tema “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil” para a redação, promovendo um amplo debate sobre o assunto. Um ano depois, com o auxílio da Comissão de Assessoramento Técnico-Pedagógico em Libras, foi lançada a Plataforma Enem em Libras⁸, na qual as vídeo provas podem ser acessadas em plataforma similar à adotada na aplicação. Nela o Inep disponibiliza os vídeos com os enunciados e as opções de respostas da vídeo prova, permitindo que os candidatos Surdos estudem no mesmo formato acessível em que elas são aplicadas.

Através dessa Plataforma, é possível que o estudante Surdo tenha “domínio das linguagens e ferramentas mentais usadas em ciência para o desenvolvimento científico” (Santos, 2007, p. 479), e acesso à diversidade do conhecimento científico apresentado pelo Exame. Nesse sentido, os Surdos têm contato com terminologias nas áreas do conhecimento científico e tecnológico através de textos que compõem os itens do exame, sendo as questões na vídeo prova organizadas conforme as áreas abordadas, quais sejam: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e Redação, Ciências Humanas e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias.

A nós interessa a área da História, embora não descartemos as outras ciências que compõem as Humanidades, conteúdo abordado nos itens da vídeo prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias. Como falamos sobre conhecimento científico, é importante destacar que estamos em conformidade com a perspectiva de Rüsen (2010, p. 153) sobre os debates teóricos na História, “quando tornou necessário levar em conta a especificidade do pensamento histórico ao se tratar do padrão de racionalidade da explicação científica”, explicação essa que exige do historiador um método de investigação. Isso significa que, se há um método para análise dos fatos e eventos históricos, a História se estrutura como uma ciência. E é esse fator científico que nosso trabalho com terminologias e conceitos de História em Libras também quer acentuar.

A linguagem da História, pela qual são expressos os textos de especialidade encontrados nas vídeo provas do Enem, se realiza para nomear os próprios eventos históricos, acontecimentos que só podem ser expostos a partir de seus rastros discursivos (Dosse, 2012). De acordo com Dosse (Ibid., p. 170), a “[...] relação essencial entre linguagem e acontecimento – histórico – se constitui pela problematização das correntes etnometodológicas, do interacionismo e, é claro, pela abordagem hermenêutica”.

⁸ Pode-se acessar a Plataforma Enem em Libras por meio do link <http://enemvideolibras.inep.gov.br/>.

Segundo o autor, essas correntes explicam a materialização do sentido da experiência humana no tempo. Essas três correntes ajudam a lançar bases de uma semântica histórica.

Já argumentamos que, só por meio da linguagem (Felten, 2016), podemos construir uma semântica histórica. Isso significa que, primeiro, *denominamos* determinados fatos e eventos históricos quando os observamos como eventos ocorridos pontualmente num período histórico específico. No momento em que identificamos esses fatos e eventos, são atribuídos significantes que contêm, então, um **valor semântico histórico**. Verificamos, portanto, que os termos recorrentes, encontrados nas vídeoprovas do Enem em Libras, são dotados de valor semântico histórico e abarcam a relação essencial entre linguagem, eventos históricos e sujeitos.

Conforme já colocamos (Felten, *Ibid.*, p. 24), “escrever a história é tarefa do historiador, já o linguista, ocupa-se das observações e experiências empíricas da linguagem conforme a sua orientação investigativa”. Isso significa que, ao linguista, é atribuída a função de recolher os produtos de um processo sistêmico mental, constituído por um sistema de significação criado pelo historiador. Esse produto é conhecido como narrativa histórica. Nesse sentido, a Ciência que estuda as línguas humanas empreende um estudo científico das narrativas que estão registradas em um edito, uma lei, um decreto, uma declaração de guerra, uma carta, um relato de naufrágio ou de descobertas de além-mar, entre outras, documentado com palavras. Para Robin (1973, p. 41), a Lexicologia na história “tem por objetivo o vocabulário das sociedades passadas”.

Dessa forma, o conhecimento científico da História chega ao cidadão por meio de textos que narram os fatos históricos. Esses sujeitos, ao se depararem com o texto, podem abstrair as informações e mentalizar a sua posição frente aos mesmos fatos e eventos históricos. Assim, ao narrar, criam-se realidades que são dependentes dessas narrativas.

Numa perspectiva voltada para o público Surdo, podemos verificar que os textos contidos nas questões do Enem estão disponíveis em língua portuguesa escrita e em Libras, acessibilidade que é garantida pela Lei nº 10.436 de 2002 e pelo Decreto 5.626 de 2005, política que garante aos Surdos acesso às informações em Libras, sendo a primeira língua (L1) da Comunidade Surda no Brasil. Porém, os estudantes Surdos não contam com materiais de referência na mesma medida que os estudantes falantes de português. A maioria dos materiais didáticos à disposição dos estudantes Surdos, e isso inclui dicionários e glossários, está, apenas, em língua portuguesa escrita.

Dessa forma, os materiais terminográficos adequados a esse público, apresentados em Libras, podem contribuir com uma aprendizagem e a acessibilidade mais ampla e

inclusiva. Afinal, a prova do Enem faz ampla utilização de sinais-termo no seu conteúdo, e emprega unidades terminológicas sinalizadas (UTS) muitas vezes desconhecidas pelos estudantes, que desconhecem as narrativas por trás delas.

À vista do quadro apresentado, fica claro que materiais que contenham e sistematizem o vocabulário técnico-científico são ferramentas suplementares que favorecem os aprendizes Surdos quanto ao conhecimento histórico. Nesse caminho, buscamos reconhecer os vocabulários narrados, definidos e por eles explicados, queremos identificar como o estudante Surdo do Ensino Médio consegue - ou não consegue - fazer abstrações e relações de sentido em torno de um dado termo ou noção histórica. Reconhecendo o que fazem os estudantes Surdos, poderemos então (re)construir seus insumos, conectados a todo um corpo de conhecimentos teórico-práticos, em prol de uma obra terminológica que realmente atenda seus desejos e que, sobretudo, apresente a informação conforme lhes seja compreensível.

Além disso, o contexto legal é favorável do ponto de vista do incentivo à produção de materiais dessa natureza. Por fim, partimos do pressuposto de que a disponibilidade de glossários e vocabulários facilita o acesso ao conhecimento e ao domínio das linguagens especializadas.

5. CONTRIBUIÇÕES DESTA PESQUISA

As demandas pela acessibilidade textual e terminológica em Libras relacionam-se não somente à necessidade de haver informação disponível em Libras, mas, sim, à disponibilidade de uma informação que seja compreensível, apresentada em repertórios de sinais reconhecíveis pelos Surdos. Isto é, não basta algo estar em Libras para ser, necessariamente acessível, no sentido de sua compreensibilidade.

Por isso, no cenário do ensino/aprendizagem, é vital haver descrição e elaboração da DT na Libras em diferentes domínios do conhecimento para que ela possa ser formulada e apresentada de um modo que permita que o enunciado faça sentido. Nos domínios das Ciências Humanas e da História, lançamos duas hipóteses apresentadas na seção 2. Ao sugerir um modelo de DTS para compor um glossário específico, é importante apontar as contribuições que esta tese pode oferecer à sociedade, aos estudos em Terminologia geral e da língua de sinais. Portanto, apresentamos, nas subseções seguintes, algumas contribuições desta pesquisa.

5.1. Impacto social

A nossa contribuição para a divulgação e democratização da percepção da História como uma ciência seria um fator de impacto desta pesquisa. Nesse sentido, Moreira (2006, p. 11) já discorria sobre a importância da divulgação científica no contexto da inclusão social apresentando que

é um dos grandes desafios de nosso país que, por razões históricas, acumulou enorme conjunto de desigualdades sociais no tocante à distribuição da riqueza, da terra, do acesso aos bens materiais e culturais e da apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos.

Para que a apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos apresentados pelo autor seja de fato realizada, é fundamental que haja pesquisas e ações que facilitem o acesso às pesquisas científicas voltadas para a melhoria da vida dos cidadãos brasileiros, população essa que inclui as Pessoas Surdas.

Ao considerar que a língua viabiliza o conhecimento científico, técnico ou tecnológico, é essencial que haja mais estudos lexicográficos e terminológicos em Libras que englobem as dimensões da área de Ciências Humanas. Assim, sabendo que o ensino em Ciências Humanas está contemplado na Educação Básica, conforme apontam os estudos lexicográficos e terminológicos que já realizamos (Felten, 2016), a falta de repertórios de termos de especialidade na Libras dificulta o trabalho profissional de professores que atuam na educação de Surdos, seja na perspectiva inclusiva ou na perspectiva bilíngue. A falta de conhecimento veiculado e construído por terminologias dificulta, também, a elaboração do conhecimento por parte dos Surdos, bem como, conseqüentemente, sua participação nos debates postos pela sociedade.

5.2. Apoio à tradução e interpretação em Libras

Além das contribuições na educação de Surdos, os estudos terminológicos possuem confluência com os estudos da Tradução, pois relaciona-se “ao fato de que os termos técnico-científicos são elementos chave, nódulos cognitivos, dos textos especializados” (Krieger; Finatto, 2018, p. 66) que circulam no mundo, de uma sociedade para outra, sendo, portanto, traduzidos. Dessa forma, além de contribuir com a democratização do conhecimento científico por meio da DT, esta pesquisa pode contribuir para fornecer conhecimento técnico e científico aos tradutores e intérpretes de Libras e português (TILSP), sobretudo aqueles que atuam na esfera educacional. Esse é um âmbito que exige atenção, pois, conforme orienta a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens

essenciais que devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, se preocupa em identificar objetos e documentos que remetam à própria experiência no âmbito da família ou da comunidade, discutindo as razões pelas quais alguns objetos são preservados e outros são descartados (BNCC, 2019), orientando o indivíduo a constituir consciência histórica e cidadã.

Dado o panorama geral, acreditamos que o glossário proposto por esta tese, no qual trazemos modelos de DTS, contribuirá de forma positiva para o acesso ao conhecimento científico por parte dos estudantes Surdos. Esse glossário, ainda que em um protótipo, pode ser uma base de um material de apoio para o trabalho prévio à interpretação ou à aula para professores bilíngues e TILSP. Nesse caminho, acreditamos que materiais bilíngues em formato de glossário Libras-Português com conteúdo que esteja em consonância com a educação básica forneça, acima de tudo, direito à aprendizagem e acessibilidade de informações aos alunos Surdos, matriculados nas variadas redes de ensino no Brasil.

Uma vez que pretendemos descrever e propor a DT de sinais-termo encontrados nas vídeo provas do Enem, é relevante identificarmos eventuais pontos de complexidade para públicos leitores Surdos. Entrelaça-se, assim, a nossa pesquisa com o tema da Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT), visto que além de a informação estar disponível em Libras, que é um avanço, ela precisará estar em um formato compatível com a capacidade de compreensão do destinatário. Nesse ponto, trazemos de Rosa Estopà (2019) a importante base dos seus conceitos e de experimentos de curadoria terminológica, em trabalhos na Espanha e na Argentina, quando se envolvem destinatários, especialistas de domínio e os elaboradores de glossários. A partir dessa participação qualificada, podemos focar no direito que esse público tem à herança histórico-cultural e convidar que ele mesmo se manifeste e opine sobre suas necessidades. Entretanto, essa herança está documentada, sobretudo, em língua portuguesa escrita, sendo muitas vezes apenas “clonada” ou “transposta” para Libras, sem os ajustes necessários para uma nova ambiência e realidade de comunicação.

5.3. Ampliação de acessibilidade

Sabemos que toda essa herança histórico-cultural registrada em forma de documentos históricos, acervos bibliográficos, audiovisuais, artísticos, entre outras formas, não estão devidamente acessíveis para o público Surdo. Entretanto, embora privados do conhecimento histórico em Libras, o Enem lista uma série de competências

em sua Matriz de Referência de Ciências Humanas e Suas Tecnologias que o candidato precisa ser capaz de possuir para responder os itens na vídeo prova. Essas competências enquadram tanto a História do Brasil, quanto a História Geral, como podemos ver a seguir:

1. Compreender os elementos culturais que constituem as identidades;
2. Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder;
3. Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais;
4. Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seus impactos nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social;
5. Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade; e
6. Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

De acordo com o Inep (2019), mais de 1,3 mil participantes se inscreveram para realizar as vídeo provas em Libras na última edição do Enem, e 14,8 mil tiveram tempo adicional para finalizar a prova. A vídeo prova consiste na tradução para Libras dos itens da prova em português escrito, respeitando, assim, sua modalidade visoespacial.

Desse modo, o conhecimento histórico abordado em sala de aula nas escolas inclusivas e/ou bilíngues para Surdos deve ser contemplado através de conteúdos que estejam tanto em língua portuguesa quanto em Libras. A palavra “compreender”, mencionada várias vezes entre as competências arroladas, é uma chave que sinaliza a questão das acessibilidades envolvidas. Logo, apenas ter acesso a um texto em Libras parece não ser suficiente para sua compreensão efetiva.

Por essa razão, glossários bilíngues Libras-Português de áreas que abarcam as Ciências Humanas podem favorecer o público Surdo conforme direito linguístico garantido, uma vez que a educação, a informação e a cultura são direitos de todos, por isso a remoção de eventuais barreiras linguísticas se torna uma necessidade.

Dada essa realidade, a existência de um vocabulário bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil, pesquisa por nós iniciada em 2016 como trabalho de

mestrado em Linguística, tornou-se fonte de produção do conhecimento terminológico para a Comunidade Surda no Brasil. Produção essa que se tornou pioneira na área de História do Brasil, de modo que contribui com os estudos terminológicos da Libras, com outras pesquisas desenvolvidas em outras áreas científicas, técnicas ou tecnológicas.

Na perspectiva política, o vocabulário da História do Brasil, que será ampliado por esta pesquisa com foco na DT, estará em consonância com a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), quando determina em seu art. 9º que os componentes obrigatórios devem ser tratados em uma ou mais áreas do conhecimento para compor o currículo. O item C do Art. determina, ainda, que o ensino da História do Brasil leva em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígenas, africanas e europeias.

Por fim, o material que pretendemos desenvolver, como um produto associado a este desta tese, está em conformidade com a Lei n.º 13.146 de 06 de julho de 2015, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão (LBI). Nesta Lei, no que diz respeito à acessibilidade cultural e artística, o parágrafo 2º do artigo n.º 42 da lei em questão, garante a “promoção do acesso a todo patrimônio cultural, observadas as normas de acessibilidade, ambientais e de proteção do patrimônio histórico e artístico nacional”. Por isso, o conteúdo da História do Brasil é fundamental para a formação dos Surdos como cidadãos conscientes do percurso histórico do seu país.

Dessa maneira, a linha de pesquisa em Estudos do Léxico e da Tradução oferecida pelo PPG-LETRAS-UFRGS, tende a poder favorecer investigação que visa à compreensão da DT na Libras ou à informação do conhecimento histórico e artístico para Surdos no Brasil, considerando a sua estrutura e a relação termo e texto. Portanto, buscamos favorecer socialmente os laços entre a História, a Libras e o Enem, sob o viés linguístico da Acessibilidade Textual e Terminológica.

6. REPERCUSSÃO DA PESQUISA PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM E DO LÉXICO

No atual momento, a Libras está em evidência graças às políticas linguísticas e às pesquisas de cunho linguístico. Por isso, é fundamental que haja estudos sobre Libras que analisem e dialoguem com a Lexicografia, Terminologia e suas relações textuais. Esse caminho é necessário para aprimorar as estruturas dos dicionários e glossários, e contribuam, ainda mais, com a ampliação do léxico, da sintaxe e a da composição de

textos na Libras e em Português, tendo em mente as Pessoas Surdas que vivem no Brasil. Dessa forma, apresentamos, nesta seção, algumas possíveis contribuições desta tese para os Estudos de Terminologia e Terminografia em geral, para os estudos de Terminologia e Terminografia de Libras e para a Terminografia didático-pedagógico de Libras. O destaque ao componente lexical, nessas especialidades, é uma contingência, mas pode ser expandido ou redimensionado, conforme o tipo de pesquisa empreendido.

6.1. Estudos de Terminologia e Terminografia em geral

Conforme já mencionado, esta tese tem como desafio propor um modelo de DTS em Linguagem Simples para alunos Surdos do Ensino Médio, sendo tal modelo pautado nos fundamentos da Terminologia e da Terminografia. Assim, sistematizamos os sinais-termo que representem conceitos e significados, no domínio da História, seguindo os princípios das teorias terminológicas e terminográficas. Outro ponto central deste estudo é o reconhecimento de modos de apresentar os enunciados definitórios em Libras, por aprte dos estudantes Surdos, para que esse reconhecimento possa embasar apresentações compreensíveis para esses destinatários.

Esta pesquisa contribui para os estudos de Terminologia, pois estamos investigando as relações entre signo, significado e conceito dos sinais-termo encontrados nas vídeo provas do Enem. Esse caminho investigativo ampara-se nas reflexões de Rey (2001). Para esse autor, a Terminologia só pode ter sentido como um resultado do confronto com muitas posições mais ou menos teorizadas sobre a língua e os signos. Assim, para propor uma DT dos sinais-termo, a nossa DTS, buscamos o resultado do confronto e/ou contraponto das posições teóricas da Terminologia disponíveis nas línguas orais e na Libras.

Já as contribuições desta tese na perspectiva da Terminografia, em conformidade com a nossa perspectiva (Felten, 2016), é fornecer informações para a amplificação das atividades essenciais à sociedade. Ao amplificar as atividades essenciais, como a produção de dicionários especializados em novos formatos, podemos ampliar nossos entendimentos sobre a comunicação especializada através de um termo. Por esse motivo, o protótipo de glossário de alguns sinais-termo que compõem o léxico de especialidade das Ciências Humanas, no recorte da História, oferece uma ferramenta que proporcionará aos estudantes Surdos construir conceitos e aplicá-los em diferentes contextos. Um exemplo disso é conseguir compreender e explicar, em Libras, a relação entre Portugal e sua colônia na América, antes que esse território se tornasse Brasil.

Por fim, este estudo em Terminologia e Terminografia deve também servir para a ampliação de sinais-termo no domínio das Ciências Humanas, para o conhecimento científico e para a divulgação do conhecimento sócio-histórico por meio da DTS para o público Surdo.

6.2. Estudos de Terminologia e Terminografia de Libras

O diálogo entre a Terminologia da Libras e sua aplicabilidade social ainda está em crescimento no nosso país. Um marco importante para os estudos lexicais e terminológicos na Libras foi a iniciativa de criação de sinais-termo. A criação dessas terminologias por Faulstich (2012) apresenta um contraste natural interessante entre a Língua Portuguesa e a Libras, pois “percebemos que as terminologias científica e técnica exigem um tratamento diferenciado numa e noutra língua no que se refere à gênese de sinais terminológicos” (Faulstich, 2016, p. 69).

Nesse contexto, para nortear a leitura e a compreensão desta tese, apresentamos, neste momento, a diferença entre um termo/terminologia e um sinal-termo. A distinção é a que segue:

Termo: palavra simples, palavra composta, sintagma, símbolo ou fórmula que designam os conceitos de áreas do conhecimento específico. Também unidade terminológica. Ver unidade terminológica complexa (Faulstich, 2012).

Sinal-termo: Termo da Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos com características de linguagem especializada, própria de classe de objetos, de relações ou de entidade. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira (Faulstich, 2012).

Nos estudos lexicográficos, terminológicos e terminográficos da Libras, é fundamental que façamos a distinção acima apresentada, pois lidamos com línguas de modalidades diferentes. Conforme já mencionado, enquanto o Português se caracteriza como uma língua oral-auditiva, a Libras, por sua vez, é uma língua de natureza visoespacial, isto é, articulada pelas mãos e produzida no espaço neutro à frente do corpo do sinalizante. Esta é uma realidade importante para aqueles que querem empreender pesquisas de cunho linguístico na Libras.

Devido à peculiar modalidade linguística da Libras, é mister que o “Sistema linguístico de natureza motora, visual e espacial, com estrutura gramatical própria”

(Faulstich, 2016, p. 79), conforme apresentamos, considera competências particulares que envolvem construções enunciativas pautadas na experiência visual e na percepção de imagens mentais. Isto posto, Tuxi (2017, p. 86), a partir da representação da tríade do signo linguístico proposto por Peirce (2015), postula que

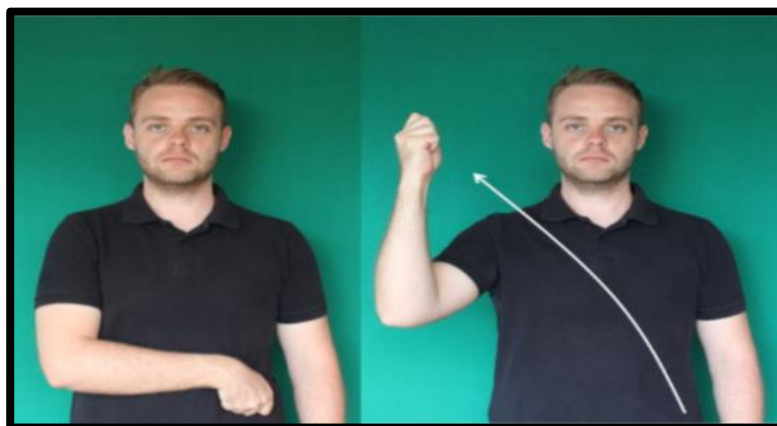
A constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB (**Língua de Sinais Brasileira**) representa uma estrutura distinta, do que seria de uma equivalência do termo em LS (Língua de Sinais), pois pelo aspecto conceitual, ressignificado pelo interpretante, no caso o indivíduo surdo o sinal e o sinal-termo se distinguem pelo uso no discurso que pode ser específico ou comum. (...) À vista disso, é possível depreender o termo e o sinal-termo como unidades terminológicas específicas que apresentam formas de registro e organização específicas. (Destaque nosso)

A partir do postulado de Tuxi, compreendemos como os Surdos entendem o conceito dos termos de uma determinada área científica, técnica e tecnológica. Para mais, Faulstich (2016, p. 80) defende que os sinais que ainda não fazem parte do vocabulário especializado da Libras podem ser gerados a partir da motivação do

Pensamento cognitivo que venha a promover conceitos e novos termos, em conformidade com a natureza motora, visual e espacial que o signo linguístico requer, a fim de distinguir a modalidade oral e auditiva de uma língua em relação à outra, que pratica movimento com as mãos, desenvolve função perceptiva e tem lugares definidos de ordem, de ritmo e de frequência.

Para ilustrar a experiência visual e motora da Libras, eu e Faulstich (Felten; Faulstich, 2014), descrevemos a importância da iconicidade como elemento da formação de conceitos. Como a iconicidade é uma propriedade sempre muito potente, essencial, da Libras, muitos sinais-termo são criados a partir de um vestígio imagético que, compreendido e abstraído (nível do significado) pelos Surdos, motiva a sua elaboração (nível do significante). Isso ocorre a partir do trabalho de criação de sinais-termo fundamentados em imagens históricas, conforme podemos observar na figura 1, a seguir.

Figura 1 - Léxico comum do sinal de Independência do Brasil.



Felten (2016, p. 33)

Figura 2 – O Grito do Ipiranga



Pedro Américo: Óleo sobre a tela, 415 cm × 760 cm (1888), Museu Paulista da USP

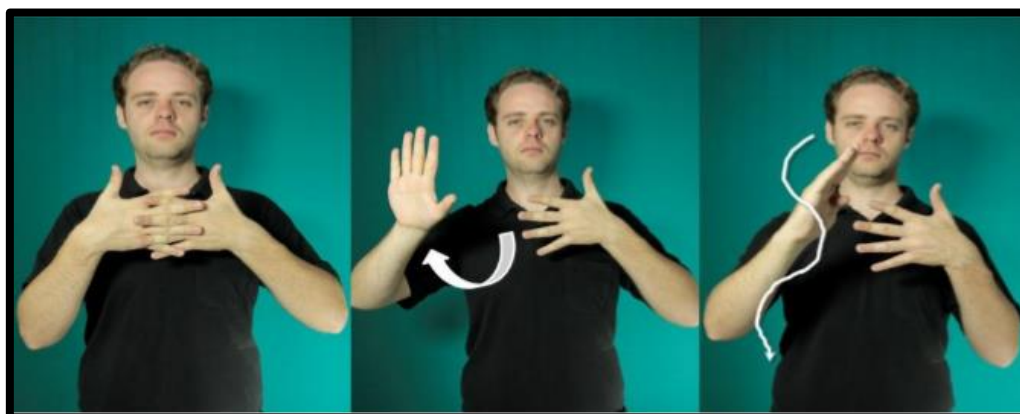
O sinal representado pela figura 1 de *Independência do Brasil* faz referência à obra criada por Pedro Américo como podemos observar na figura 2. Percebemos que o sinal é motivado substancialmente por questões estéticas ou imagísticas o que é diferente da iconicidade cognitiva, isto é, o signo interpretante produto da mente estruturado a partir da construção de conceitos adquiridos no ensino da História do Brasil, assimilados no nível mental da língua. Assim, para Peirce (Ibid., p. 52), o símbolo

(...) é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo àquele objeto”. Vezes e vezes, o objeto não parece com sua representação; a associação do signo ao objeto geralmente é instituída ao longo do tempo, por meio de uma assimilação cultural.

A definição para *Independência do Brasil* é a parcela semântica do processo histórico. A definição, em princípio, pode parecer limitada, no entanto, ela significa um processo complexo em uma ciência subjetiva e que está em constante revisão, mas possui condições de remeter ao cerne do conceito do significante. Assim, a forma e o conteúdo do sinal estão no âmbito conceitual, ou seja, a forma de representação mental. Deste modo, a definição do termo acima exemplificado é, portanto, a interpretação simples e racional do conceito complexo e subjetivo, mas que possui condições de manter o percurso histórico do processo da construção do conceito que tem por significante o sinal-termo correspondente ao significante do português.

De acordo com os estudos da criação do sinais-termo, conforme o exemplo do termo do português *Independência do Brasil*, apresentado na figura 3 a seguir, percebemos uma arbitrariedade entre o conceito e o significado semântico do sinal, conforme a figura 1. A definição do termo *Independência do Brasil* se dá por um “movimento político elitista para a ruptura com Portugal” (Del Priore, 2010, p. 164). Dada a relação entre o conceito e a definição, percebemos que os usuários da língua frequentemente associam a definição com a obra de Américo apresentada na figura 2. Nessa figura há o sinal comumente utilizado pelos falantes da língua de sinais, pois a independência brasileira não se deu por um movimento popular ou uma revolta contra a metrópole, como apresenta a obra *O Grito do Ipiranga*, mas por um movimento estritamente político que envolveu poucos personagens. Dessa forma, eu (Felten, 2016) apresento a proposta do sinal-termo pautado na definição que explica o conceito desse movimento histórico.

Figura 3 – Sinal-termo de *Independência do Brasil*



Felten (2016, p. 32)

Conforme se pôde observar na sequência das figuras 1 a 3, um sinal comum não é o mesmo que um sinal-termo. Segundo dados levantados por Tuxi (2017, p. 32) sobre

pesquisas de cunho lexicográfico e terminológico na Libras, entre os anos de 2007 e 2016 havia 2 trabalhos desenvolvidos em Programa de Iniciação Científica (IC); 26 pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação a nível de Mestrado; e 5 pesquisas desenvolvidas em Programas de Pós-Graduação a nível de Doutorado. Como os dados apresentados marcam investigações desenvolvidas e publicadas até 2016, certamente há novas pesquisas na área que estão em desenvolvimento.

Conforme explica a autora (Ibid., p. 31), “estas pesquisas apresentam satisfatoriamente traços de criação, descrição, categorização, organização e registro de léxicos ou de terminologias na Língua de Sinais Brasileira”. Conforme os traços descritos pela autora, é evidente que, para organizar um glossário de uma determinada área de especialidade, é fundamental que se tenha embasamento teórico e metodológico suficiente para elaborar um enunciado definitório.

Dada essa realidade, o que podemos observar nos glossários que apresentam a macro⁹ e microestrutura¹⁰ em duas línguas, conhecidos como bilíngues; ou semibilíngues, isto é, glossários que apresentam parcialmente sua macro e microestrutura em duas línguas; ou ainda, em glossários que apresentam sua macro e microestrutura apenas em uma língua, caracterizados como monolíngues em Libras, são pistas que apontam para textos sinalizados de definições que são mais adequados de acordo com o público-alvo desses materiais.

Os trabalhos que tentaram, inicialmente, firmar um modelo de DT na Libras foram empreendidos por Nascimento (2016) e Tuxi (2017). Antes disso, Finatto (2001, p. 218) já apresentava um modelo de decomposição da DT - escrita em português - por meio de proposições interpretantes ou de predicções endereçadas ao item que se está definindo. Assim,

os predicados “SER incl”, “SER qual”, “POSSUIR”, “FAZER”, “SERVIR para” e “RESULTAR de” poderiam ser depreendidos das definições terminológicas e, com isso, auxiliaria a verificação e crítica das definições com o objetivo de obter maior homogeneidade lógico-semântica.

Partindo desse modelo proposto por Finatto (2001), Nascimento (2016) utilizou os predicados SER incl, SER qual, POSSUIR, FAZER, SERVIR para e RESULTAR para

⁹ De acordo com Tuxi (2017, p. 106), a macroestrutura de um dicionário ou glossário são o “conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta”.

¹⁰ A microestrutura, conforme Faulstich (1995), simboliza o verbete, isto é, a parte terminográfica do glossário que contém as informações gramaticais e lexicais do termo.

dar maior uniformidade aos verbetes da sua obra lexicográfica em Libras.

Nascimento (2016), nesse trabalho que é a sua tese de doutorado, nos traz, na verdade, pistas sobre como deve ser a estrutura de um enunciado definitório na Libras. A autora propõe uma reformulação da definição para o público-alvo Surdo com base naquela estrutura proposta, originalmente, por Finatto (2001). Tuxi (2017), aplicando o método criado por Nascimento (2018) sobre a definição reformulada, por sua vez, propõe um glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico.

Assim, Tuxi (2017) sugere que há uma definição original criada a partir de bibliografia especializada e reformulada para atender as necessidades dos alunos Surdos e Surdocegos¹¹ da Universidade de Brasília, e que se enquadra à modalidade linguística da língua. As pesquisas desenvolvidas por Nascimento (2016) e Tuxi (2017) são as primeiras que apontam para uma possível teoria, de cunho metodológico, para a criação de um perfil de enunciado definitório em Libras.

Em outros trabalhos que se dedicam à organização de glossários bilíngues ou semibilíngues na Libras, desenvolvidos no Brasil, segue-se o padrão da definição pragmática desenvolvida por Faulstich (2014). O padrão proposto pela autora sugere que um enunciado terminológico deve estar em consonância com a definição lexicográfica canônica, isto é, *o que é?* e o padrão pragmático, ou seja, *para que serve?*.

Dessa forma, numa proposição lexicográfica, sugere a autora, “aquela que aparece como definição nos dicionários, o significado de Y está contido em X” (Faulstich, 2014, p. 380). E continua, “(...) **o que interessa ao consulente de um dicionário é compreender o que é o objeto X**” (Ibid., p. 380, grifo nosso).

Entretando, o que estamos problematizando, e será possível ver no Capítulo 9 desta tese, é se o modelo pragmático de Faulstich funciona para o glossário terminológico da área de História. Podemos imaginar, por exemplo, que um tradutor, ao utilizar um glossário, muitas vezes não precisa entender “o que é”, mas precisa saber “para que serve”. Ao contrário, um estudante Surdo que está no Ensino Médio, precisa compreender “o que é”, “para que serve”, “como se relaciona outros conceitos” etc. Dito isso, de acordo com os resultados desta pesquisa, é perceptível que a natureza do enunciado definitório varia em função da “função” do glossário e do público-alvo.

¹¹ “A surdocegueira é o comprometimento, em diferentes graus, dos sentidos receptores à distância (audição e visão). A combinação desses comprometimentos pode acarretar sérios problemas de comunicação, mobilidade, informação e, conseqüentemente, a necessidade de estimulação e de atendimentos educacionais específicos” (Cader-Nascimento, F. A. A. A.; Costa, M. P. R. A., 2010, p. 18).

Podemos encontrar aproveitamentos do padrão da definição pragmática desenvolvido por Faulstich em diversas pesquisas, como em:

- Costa (2012), na Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil: enciclolibras;
- Prometi (2013) no Glossário bilíngue da língua de sinais brasileira: criação de sinais dos termos da música;
- Nascimento (2016) em Terminografia Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário ilustrado semibilíngue do meio ambiente, em mídia digital;
- Felten (2016) no Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da História do Brasil, para citar alguns.

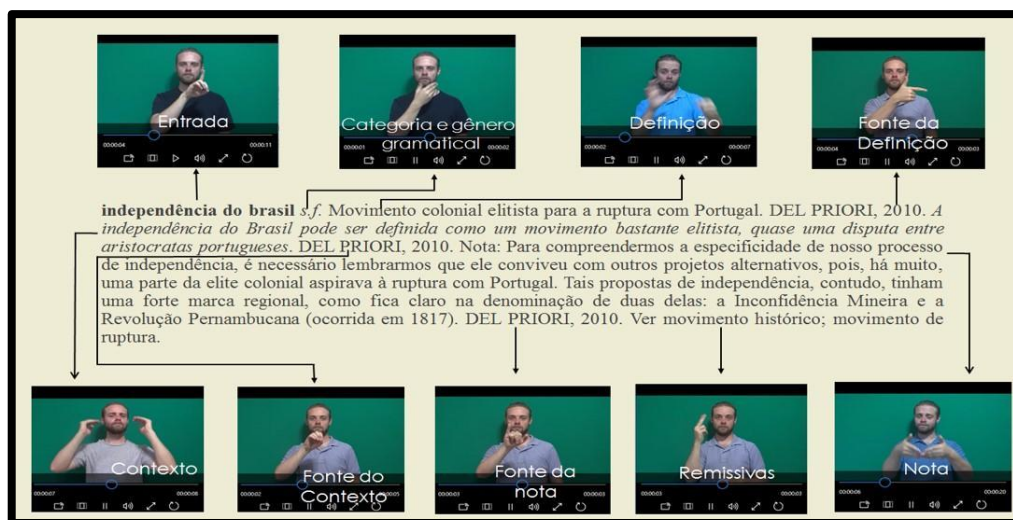
Em outro momento (Felten, 2016), ao avaliar o Novo Dicionário de História do Brasil Ilustrado, das Edições Melhoramentos (1971); o Dicionário do Brasil Joanino: (1808 – 1821), de Vainfas e Neves (2008); o Dicionário de Nomes, Termos e Conceitos Históricos, de Azevedo (2012); o Dicionário de Ciências Humanas, de Dortier (2010); e o Dicionário de História do Mundo, de Wright e Law (2013), obras que compõem o léxico de especialidade das Ciências Humanas em língua portuguesa, aplica critérios de análise teórico-linguísticos como ponto de partida para identificar se as obras seguem o modelo lexicográfico tradicional, ou se seguem um método de descrição em narrativas textuais inerentes à experiência discursiva das Ciências Humanas. Ao considerar a tipologia textual contida nesses materiais lexicográficos, identifica duas importantes características.

A primeira característica apontada pelo autor é quanto à relação textual, característica tipológica evidente em obras terminográficas das Ciências Humanas. A maioria dos dicionários e glossários analisados por mim (Felten, 2016) possuem o enunciado definitório em formato de artigos. Isto é, todas as obras se afastam do padrão canônico e pragmático, o *que é?* e *para que serve?*. Assim sendo, é notável que há vestígios de que no enunciado definitório de termos das Ciências Humanas, a objetividade do modelo pragmático é insuficiente para definir os termos reunidos nas obras.

A segunda característica diz respeito à necessidade de adaptar aquela definição canônica e pragmática proposta por Faulstich. Isso quer dizer que, para criar a definição dos termos da História do Brasil, adaptei (Felten, 2016) o padrão de definição canônica e pragmática para *o que foi?* e *para que serviu?* determinado fato ou evento histórico. Sobre essa adaptação, retomaremos a sua ideia no capítulo 9 destinado à DTS.

Para tornar o glossário acessível, eu utilizei a tradução dos campos do verbete para a Libras, uma vez que o glossário parte da língua portuguesa. Cada campo contido no texto do verbete fora traduzido para a Libras. Foi utilizado um *hiperlink* em cada campo do verbete para que o consulente tenha acesso a essas informações na Libras. Esse modelo pode ser observado na figura 4, a seguir.

Figura 4 – Modelos de verbete bilíngue proposto por Felten (2016)



Felten (2016, p. 139)

O autor utiliza para definir os termos coletados bibliografia de especialidade como livros didáticos de História Geral e História do Brasil; dicionários e glossários de História do Brasil e História Mundial; e enciclopédias. Ao utilizar as bibliografias acima mencionadas, o autor considera a dimensão textual que deve ser vista, conforme aponta Finatto (2001), como um importante viés que constitui a definição dicionarizada. Por isso, percebemos o uso exaustivo do campo do verbete “nota” para contemplar todas as informações que não se enquadram no padrão canônico e pragmático.

Em outro momento (Felten, 2016), já explicávamos que o campo “nota” resolvia questões de cunho extralinguístico em relação aos eventos e fatos históricos. Por essa razão, este campo do verbete acomodava comentários práticos que complementam as informações que não cabem/cabiam no modelo canônico de definição.

Até 2016, pensávamos que o campo “nota” resolvia as “ausências” informativas consideradas apenas necessárias e suficientes na definição terminológica para glossários em Libras. Com muita leitura e pesquisa exaustiva, percebemos que a DTS pode e deve comportar informações que sejam, na verdade, necessárias e suficientes sobre o conceito do sinal-termo para estudantes Surdos do ensino médio.

A partir dos resultados da nossa investigação, percebemos que a nota terminológica em glossários de Libras deixa de ser um campo que recebe mais explicações e passa a receber menos informações complementares, sem perder o seu verdadeiro papel no verbete.

Isso mostra que a DTS em Libras, conforme veremos nos capítulos adiante, se tende ser muito mais “aberta” e menos limitada em relação às informações que devem estar em sua estrutura. Entretanto, essa nova possibilidade de definir sinais-termo que propomos está muito bem fundamentada, detalhada e descrita nesta tese.

Seguindo com o nosso pensamento, percebemos, assim, uma importante característica que necessita da relação “termo + texto”, uma vez que definir um fato ou evento histórico ultrapassa a delimitação definicional. Isso porque entendemos que as Ciências Humanas são Ciências complexas para enquadrar uma definição canônica e pragmática. Essa complexidade é resultado da natureza epistemológica das ciências consideradas Humanas, pois envolve relações entre personagens históricos e relações socioculturais complexas que constroem um fato ou evento histórico. Em virtude dessas relações, é possível considerarmos que a

DT científica é um texto que, além de expressar o significado da palavra-termo, autorizando o *continuum* cognitivo coletivo, histórica e socialmente construído da área de conhecimento, ultrapassa uma delimitação definicional estrita e revela uma integração entre o sujeito e enunciador coletivo da ciência e o sujeito individual (FINATTO, 2001, p. 150).

De acordo com Finatto (2001, p. 47), nos estudos de Filosofia da Ciência e em investigações antropológicas e cognitivas, “tem sido usual reconhecer que as chamadas ciências exatas e humanas têm um comportamento e feição significativamente distintos”. Isso nos faz perceber que, ao analisar as definições de termos em dicionários e glossários que tratam das Ciências Exatas e Humanas nas línguas orais, é preciso mobilizar estruturas distintas, que contemplem as necessidades da enunciação científica de cada área, como a Matemática, a Química e a Física, em contraste com a História, Sociologia e Filosofia. Há, assim, todo um *entorno de significação* (cf. Finatto, 2001) específico a ser recuperado. Esse entorno equivale a um cenário de valores e significados que precisará repercutir sobre o enunciado definitório de algum modo. E isso tudo precisará ser pensado e/ou (re)construído especialmente para a comunicação em Libras.

BLOCO 1 – ENFRENTAMENTOS TEÓRICOS

CAPÍTULO 1 – REVISÃO TEÓRICA: DA TERMINOLOGIA À TERMINOGRAFIA

Neste capítulo, apresentamos o trajeto prático e teórico da Terminologia, área de estudos em que se insere a nossa pesquisa. Iniciamos o percurso com os estudos terminológicos em breve perspectiva, apresentando a Terminologia como disciplina formal, bem como suas principais vertentes teóricas e seus campos de atuação. Em seguida, reconhecemos a perspectiva textual(lista) da Terminologia nos Estudos de Linguística de Texto Especializado (LTE) e nos estudos do grupo em Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT).

Para situar melhor a nossa pesquisa, neste capítulo fazemos, ainda, a diferenciação entre Terminologia e Terminografia. Como auxílio teórico para o material terminográfico proposto por nós, incluímos o ponto de vista da Terminologia e Terminografia Didático-Pedagógica de Libras, para então, compreendermos como essa perspectiva influencia nos campos que formam a macro e microestrutura de um glossário.

1.1. Estudos terminológicos em perspectiva

1.1.1. Terminologia - entre ciências e disciplinas

Os estudos sobre as terminologias técnicas e científicas empregadas em Libras cresceram consideravelmente na última década. São várias pesquisas que vão da Iniciação Científica à Pós-Graduação. Com isso, os estudos não só terminológicos, mas lexicais, *para* e *em* Libras, configuram um novo paradigma de caráter teórico e de organização linguística (Tuxi, 2017, p. 30).

Nessa trajetória, a Terminologia é uma área do conhecimento científico que se constitui a partir de um conjunto de princípios epistemológicos básicos e metodológicos. No Brasil, conforme tornou-se usual considerar, a Terminologia - com "t" maiúsculo - é uma das "Ciências do Léxico", junto com a Lexicologia e a Lexicografia, teórica ou aplicada. A Terminologia não é, por si, uma ciência, mas um campo de estudos associados à Linguística, que pode ser tanto teórica como aplicada.

Em Terminologia, temos hoje diferentes teorias que buscam, cada uma a seu modo, descrever, analisar e explicar os diferentes fenômenos da comunicação técnico-científica partindo, geralmente, do componente lexical concretizado em suas práticas textuais. Como um ponto de encontro de interesses interdisciplinares, os estudos de Terminologia têm nos legado algumas teorias propriamente ditas. Uma boa teoria é um empreendimento

analítico descritivo, uma narrativa minuciosamente construída, que nos permite descrever, analisar, explicar, generalizar e prever dados. No caso das linguagens especializadas, esses dados são os elementos terminológicos ou "traços especializados" - até onde eles se incidam - em meio ao funcionamento da linguagem humana que veicula conhecimentos e saberes.

Na nossa pesquisa de tese, ao tratar sobre teorias terminológicas, adotaremos preceitos e entendimentos de diferentes procedências. Um exemplo é a definição para o signo linguístico denominado "termo" proposta por Cabré (2019, p. 537), que estabeleceu a chamada *Teoria Comunicativa da Terminologia* (TCT). Nessa teoria o termo, a unidade terminológica, é tomado como um objeto central. Além disso, também endossamos algumas de suas considerações. Para a autora, uma teoria é um

agrupamento organizado de declarações internamente coerentes e princípios ou condições que permitem a descrição (ou descrição e explicação) de um conjunto de fenômenos e suas relações organizado em volta de um objeto do conhecimento que constitui seu núcleo.

Assim, o núcleo da TCT é o termo, a terminologia, a "palavra" com valor de termo. E uma teoria deve(ria) descrever, analisar e explicar as Unidades Terminológicas (UTs) no nível cognitivo, linguístico e sociocomunicativo. Nessa perspectiva, os limites entre palavras comuns e terminologias não são fixos, de modo que uma palavra pode estar em estado de termo ou um termo estar em estado de palavra (Cabré, 2019). Isto é, trata-se aqui de considerar que há um valor de UT que se ativa em meio a um dado discurso/texto.

Com efeito, os estudos teóricos e descritivos, no sentido de que a teoria e a prática mantêm uma interrelação íntima, têm contribuído para a consolidação dos estudos de Terminologia enquanto campo científico usualmente filiado à Linguística Aplicada. Para que possamos conhecer as vertentes que favorecem as novas aplicações terminológicas, apresentamos, a seguir, cinco teorias escolhidas para a nossa análise. Entre elas e a partir delas, esperamos poder situar ou abrigar uma Terminologia de/em Libras, na qual temos, por exemplo, os já citados "termo" e o "sinal-termo".

De uma forma mais ampla, a Terminologia é uma disciplina que funciona de maneira interdisciplinar, embora isso pareça algo redundante. Isso porque pressupõe um cenário de comunicação em que há a necessidade de transferir e até construir um conhecimento especializado. A comunicação desse conhecimento, via linguagem escrita, linguagem oral ou sinalizada, assim, torna-se um tópico estudo da Linguística, a ciência que - junto com a Lexicologia - instrumentaliza a Terminologia em sua consideração sobre o núcleo do léxico.

As pesquisas em e sobre terminologias na Libras estão intimamente relacionadas às bases teóricas de Terminologia selecionadas pelos estudiosos do assunto. Afinal, cada perspectiva teórica de Terminologia poderá instituir um ponto de vista diferente sobre um dado objeto de estudo. Assim, como Saussure já referiu, um ponto de vista determinado é capaz de criar um objeto (Saussure, 2006, p. 15).

Para conduzir e estabelecer as nossas próprias reflexões, nesta tese, percorreremos, em um *continuum* histórico-cronológico, as bases teóricas da Terminologia "tradicional", que ainda não trataram ou incluíram as especificidades das línguas de sinais: são a Teoria Geral da Terminologia (TGT) de Wüster (1898-1977); a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) - antes citada - de Cabré (1993; 1999); a Teoria da Socioterminologia de Gaudin, no Canadá (1993) e Socioterminologia de Faulstich no Brasil (1995); a Teoria Sócio-Cognitiva da Terminologia (TST) de Termmermann (2000); e a Linguística Textual Especializada de Lothar Hoffmann (1998-1999). Finalizando o percurso teórico, recuperamos algumas ideias e/ou orientações dos estudos empreendidos pelo grupo de pesquisa em Acessibilidade Terminológica e Textual (ATT) de Finatto (2018) e de Finatto & Paraguassu (2022).

Apresentaremos, muito brevemente, os principais argumentos de cada vertente teórica, a fim de identificar suas características, os seus objetivos e suas visões sobre o *termo/palavra com valor especializado*, objeto privilegiado da Terminologia. Para nós, essa revisão teórica servirá para que possamos associar a proposta dessa pesquisa àquela que, do ponto de vista da DT, melhor explica, epistemologicamente e metodologicamente, uma conceituação expressa e construída em Libras.

Feito isso, buscaremos verificar as suas presenças ou repercussões em um conjunto de pesquisas da atualidade realizadas na Libras.

1.1.2. Teoria Geral da Terminologia (TGT)

A TGT corresponde aos primórdios da Terminologia, como uma área de estudos disciplinar que fica, historicamente, entre o mundo do conhecimento e o mundo das línguas que o veiculam. Apresenta-se como uma teoria que se conecta a uma prática de intervenção sobre a linguagem, uma teoria para administrar o funcionamento das linguagens que veiculam conhecimentos. Essa proposta de um conjunto de princípios que permitissem controlar as linguagens foi idealizada pelo engenheiro Eugen Wüster (1898-1977) e visava que se evitassem problemas de comunicação/entendimento tanto na denominação/criação de um termo técnico ou científico como na apresentação, via

linguagem, de seu conceito.

É um construto que partiu do conhecimento e experiências de Wüster ao desenvolver o dicionário franco-inglês *The Machine Tool. An interlingual Dictionary of Basic Concepts*. Essa obra foi desenvolvida, segundo Cabré (2019), para ser um modelo para futuros dicionários técnicos. Seu norte era a padronização de formas escritas e conceituações, de modo a facilitarem trocas comerciais e trocas de conhecimentos, principalmente no âmbito da indústria. Nesse intento, embora muitos artigos e reflexões tenham sido publicados pelo próprio E. Wüster no sentido de uma pré-teoria, a sua TGT foi concebida apenas após a sua morte. Isso deve ao seu aluno Helmut Felber, através das anotações das suas aulas. Assim, Felber publicou a obra *Einführung in die allgemeine Terminologielehre und terminologische Lexikographie* (1979), que representaria a essência da TGT. Cristalizaram-se, assim, as ideias de Wüster, ouvidas em aulas, numa teoria. Essa teoria passaria a balizar uma série de instituições e associações internacionais de normatizações técnicas, como o Instituto ISO, com sede na Áustria, e as associações nacionais a ele filiadas.

Do ponto de vista da TGT em seu funcionamento sobre a expressão linguística de conhecimentos e conceituações, um dado termo deveria ser sempre monossêmico. Isto é, um conceito só deve ser expresso por um único termo, estabelecido como um padrão entre os especialistas de uma dada área. Assim, evitam-se ambiguidades de significado e problemas de comunicação. Isso quer dizer que, para esta vertente teórica, a unidade terminológica (UT) não é um objeto central, mas, sim, o seu conceito, que se uniformiza e fixa.

A partir dessa concepção, há uma proposta de padronização e/ou harmonização controlada dos diferentes conceitos, mesmo que sejam nomeados por formas diferentes em línguas diferentes. Essa posição se ampara “na suposição de que um conceito é universal, independente das diferenças culturais, e que, conseqüentemente, a única variação possível é aquela determinada pela diversidade das línguas” (CABRÉ, 2019, p. 513).

Além dessa posição, o autor (que é Wüster, por Felber) delimitou os espaços e "poderes" da Linguística - geralmente descritivista - frente a essa Terminologia mais prescritiva. Para Krieger e Finatto (2018, p. 21),

embora Wüster tenha definido a Terminologia como um ramo da Linguística Aplicada, preocupou-se em assinalar as diferenças básicas entre a própria Linguística e o campo terminológico, demarcando fronteiras entre as duas disciplinas. Nesse sentido, diferencia seus

objetos de interesse: para a primeira, a língua geral em todos os seus aspectos; para segunda, somente o léxico especializado.

Essa distinção fica clara quando o autor defende que “a Terminologia considera que o âmbito dos conceitos e das denominações (=aos termos) são independentes. Por essa razão, os terminólogos associados à TGT e ao seu *modus operandi* falam de conceitos, enquanto os linguistas falam de conteúdo das palavras, referindo-se à língua geral” (Wüster, 1998, p. 21).

Assim, essa vertente teórica fundadora defenderá o valor da univocidade do termo, isto é, a necessidade da ausência ou limitação de sinônimos; possui interesse exclusivamente no léxico em detrimento a outros níveis como a combinação entre os itens lexicais no nível sintático e prioriza os registros escritos. A partir desses princípios, a TGT evolui e sugere um planejamento, unificação e padronização das UTs em nível internacional. Seu método está ancorado na abordagem onomasiológica, ou seja, prioriza o conteúdo em contraste a abordagem semasiológica, isto é, a forma na prática lexicográfica.

Wüster desenvolveu seu conceito de Terminologia, de conceitos e de terminologias, primeiramente, com base em sua experiência como engenheiro envolvido em uma normalização terminológica nacional e internacional necessária à introdução efetiva da normalização de objetos físicos, procedimentos e medidas em diversos ramos da Engenharia. É evidente que a TGT tem a sua importância no projeto de tornar a Terminologia um campo científico e de dar o devido valor para a padronização de denominações e de entendimentos, bens vitais em diferentes âmbitos. A padronização terminológica, bem se sabe, é uma necessidade em muitos e variados cenários das trocas de conhecimentos. Ninguém duvida da necessidade, por exemplo, de uma terminologia anatômica padronizada, de modo que médicos, profissionais da Saúde e cientistas possam se comunicar corretamente durante o tratamento de um paciente.

Por outro lado, as críticas à TGT, ao longo do tempo, oportunizam mudanças de paradigmas para Psicologia cognitiva e para a Filosofia, pois, para essas áreas, há uma dificuldade em separar um conhecimento geral do conhecimento especializado, pois o primeiro ajuda na aquisição do segundo. Além disso, se deve levar em consideração a cultura de determinada comunidade de fala como fator determinante para a percepção da realidade, inclusive as realidades estabelecidas e construídas pelas ciências. Podemos observar isso entre os falantes nativos de língua portuguesa, os Não-Surdos, que utilizam uma língua oral-auditiva, e os falantes nativos de Libras, os Surdos, que utilizam uma

língua visoespacial. A percepção da realidade entre esses dois públicos funciona de forma distinta, e esse processo influencia na formatação da língua.

Outra mudança de paradigma, via efeitos da padronização da linguagem, ocorre na visão da Linguística e a Sociolinguística. Ambas áreas do estudo científico da língua fazem fortes questionamentos sobre a divisão entre a linguagem em geral e a especializada, dos especialistas. Há de considerarmos que existem modelos que podem ser integrados, onde o papel principal a desempenhar é dado a Semântica e a Pragmática. Devido à mudança do conteúdo semântico, em determinado contexto, as unidades lexicais adquirem valor especializado.

Já, nas Ciências da Comunicação, uma mudança de paradigma ocorre ao considerarem-se os modelos de "cenários" desenvolvidos que integram o desenho de um conhecimento especializado, seja científico ou técnico. Assim, percebem-se estruturas em meio a dentro dos *frames* comunicacionais específicos: isto é, temos por exemplo, o *frame* da Biologia e o *frame* da Física, cada qual com a sua constituição e espelhamento de um conjunto de conceitos e hierarquias estabelecidas ao longo de um dado processo sócio-histórico.

A partir do que foi posto e disposto pelo ideário prescritivista da TGT, em Terminologia, estabeleceram-se diferentes vertentes ou ramos em meio aos Estudos da Linguagem. Como esta tese, ao tratar da DTS e das terminologias de História em um contexto educacional, visando à acessibilidade da informação, mobiliza algumas dessas vertentes, sintetizamos muito brevemente, alguns dos seus pontos mais básicos.

1.1.3. A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT)

Na década de 90 os estudos tradicionais de Terminologia, de herança wüsteriana, foram questionados. Maria Teresa Cabré e colaboradores deram o impulso a esse debate tecendo críticas à visão tradicional das terminologias e da Terminologia de Wüster e Felber. Os estudos da autora e seus colaboradores apresentam uma série de fundamentos para a proposta de uma nova teoria denominada TCT.

De acordo com Krieger e Finatto (2018, p. 35), a TCT “articula-se baseada na valorização dos aspectos comunicativos das linguagens especializadas em detrimento dos propósitos normalizadores, bem como na compreensão de que as unidades terminológicas formam parte da linguagem natural e da gramática da língua”. Para mais, o objeto central dessa teoria são as UTs e não os conceitos, ou seja, dando enfoque a abordagem semasiológica, diferentemente da abordagem onomasiológica proposta pela TGT.

Outro fundamento importante apresentado por esta teoria é que não há diferença entre termo e palavra. Isso quer dizer que, o que há, na verdade, são signos linguísticos que se constituem de forma e significado, e que podem se comportar, num determinado discurso, como termo ou palavra. O que depende, portanto, é a situação comunicativa. Ainda para a TCT, o conhecimento pode ser veiculado pelos níveis lexical, morfológico, sintático e textual. Na Libras esse fenômeno é semelhante.

Recentes estudos desenvolvidos no cenário da TCT, capitaneados pela Profa. Dra. Rosa Estopà e seus alunos, da Universidade Pompeu Fabra, em Barcelona, têm colocado em destaque o princípio da adequação lançado por Cabré (1999). É dessa autora a ideia absolutamente inovadora de aproveitamento das condições de conhecimento pré-existente de uma dada comunidade para a alimentação de produtos terminológicos voltados para essa mesma comunidade.

1.1.4. A Socioterminologia

Essa teoria foi proposta pelo canadense François Gaudin (1993) que também, como outros, criticava a posição normatizadora da TGT. O autor traz uma discussão mais pertinente no que tange à Terminologia voltada para o social.

Faulstich (1995, p. 02), por sua vez, trouxe essas contribuições socioterminológicas do Canadá para o Brasil, conferindo-lhes sua própria percepção. Institui, assim, uma Socioterminologia brasileira. Para a autora, a Socioterminologia, “como prática do trabalho terminológico, fundamenta-se na análise das condições de circulação do termo no funcionamento da linguagem”. Já como “disciplina descritiva, estuda o termo sob a perspectiva linguística na interação social” (Ibid.).

Ainda para a autora, a Socioterminologia no Brasil deve descrever e explicar os diferentes usos que a comunidade faz dos termos, o que leva ao surgimento e emprego de variantes terminológicas, fundamentadas sob os princípios da Sociolinguística. Faulstich considera, ainda, “as comunicações entre membros da sociedade capazes de gerar conceitos interacionais de um mesmo termo ou de gerar termos diferentes para um mesmo conceito” (1995, p. 03), sob os princípios da Etnografia. A autora apresenta um estudo muito mais complexo e refinado sobre a Socioterminologia que, infelizmente, não é possível explanar nesta seção todos os seus princípios e métodos. Na sua visão, dar conta das variações, descrever e explicá-las é o mais fundamental.

Vale ressaltar, além disso, que a autora tem também o mérito de ser uma precursora dos estudos em Terminologia na Libras. Sobre a relação entre o conhecimento

terminológico e sua aquisição, Faulstich (2018, p. 27) diz que

No panorama mundial do século XXI, a ampliação lexical se dá a cada momento, mediante a constante inovação tecnológica, que constitui, de fato, linguagens de especialidade. Essas precisam ser reconhecidas e entendidas para serem usadas. As linguagens de especialidade chegam ao português pela via da língua criadora, quase sempre o inglês, entendido como berço dessas criações. Por outro lado, para que sejam compreendidas pelos surdos e surdocegos, que estão na formação docente, as inovações, provenientes de outras línguas, normalmente passam pelo português. Há aí um jogo de conceituação, tradução, compreensão e interpretação para que seja atingido o alvo da aprendizagem.

Sempre preocupada com os métodos adequados que permitem uma verdadeira e efetiva aprendizagem por parte dos Surdos e Surdocegos, a autora sempre dedicou-se a trazer inovações teóricas e metodológicas no nível lexical e terminológico na Libras.

1.1.5. A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST)

Em conformidade com o enfoque da Socioterminologia, está a Teoria Sociocognitiva da Terminologia, de Rita Temmerman (2000). De acordo com a visão de Krieger e Finatto (2018), essa vertente teórica está estruturada sob o paradigma da hermenêutica. O enfoque hermenêutico possui foco interpretativo correlacionado com a abordagem cognitivista da ciência (Krieger; Finatto, 2018). Apresentamos, a seguir, a TST proposta por Temmerman.

Assim como a TCT, a TST critica igualmente o caráter normativo da TGT, bem como a sua visão fragmentada entre a língua geral e a de espacialidade. Além disso, Temmerman opõe-se ao não reconhecimento da função e da constituição dos termos na produção do conhecimento científico por parte da TGT.

Para a TST, os termos são unidades da compreensão e produtos da mente humana. Em outras palavras, as UTs são unidades de compreensão e de representação, e funcionam a partir de modelos cognitivos e culturais (Ibid.), devido seu enfoque hermenêutico. Essa percepção é fundamentada na experiência do mundo por parte do indivíduo, isto é, como leem e percebem a realidade ao seu redor, bem como, a partir dessa percepção individual e coletiva, esses indivíduos categorizam as coisas.

Temmerman defende, ainda, que a Ciência cognitiva (prototipicidade, modelos cognitivos, compreensão analógica, análise diacrônica) devem necessariamente ser incluídos nos princípios e métodos da descrição terminologia conforme evidenciado pelos estudos de categorização e nomeação do *corpus* nas variadas Ciências.

Para Temmerman (2002), as UTs estão em constante transformação. Nas palavras da autora, “*not words for things but words which are living things with the power to move*¹²” (TEMMERMAN, 2000, p. 13). Para a autora, as palavras têm o poder de se mover. Com isso, observamos a importância do papel da linguagem na construção do saber. Esse caráter não estático das palavras aponta para a importância do aspecto pragmático, ao considerar o cenário comunicativo como um fator significativo no processo de aquisição do conhecimento científico.

Todos esses direcionamentos teóricos contribuem para que a Terminologia se constitua como um campo de estudo, ampliando os horizontes sem excluir os fatores cognitivos, linguísticos, textuais e comunicacional sobre o léxico de especialidade no sistema linguístico (Krieger; Finatto, 2018).

1.2. Perspectivas textuais e/ou textualistas da Terminologia

1.2.1. Estudos de Linguística de Texto Especializado (LTE)

A Linguística do Texto, como ficou conhecida, traz uma abordagem teórica e prática para pesquisadores interessados nas linguagens técnico-científicas, abrangendo temas que envolvem vocabulário especializado e linguagens especializadas. Na sua esteira, temos uma *Linguística do Texto Especializado*, que é uma abordagem dos estudos de Terminologia proposta por Lothar Hoffmann. Esse autor, que hoje tem 94 anos de idade, teve sua produção bastante reconhecida no cenário germânico, e apenas recentemente teve seus trabalhos traduzidos para o português. Hoffmann estudou a fundo a tradução de textos técnico-científicos e as terminologias estabelecidas em diferentes idiomas em termos contrastivos e estatísticos, para apoiar, com dicionários e glossários, a tradução.

Em seus estudos, Hoffmann assegura que as linguagens especializadas se desenvolveram e se cristalizaram no cenário mundial após a Revolução Industrial nos séculos XVIII e XIX. Após a Revolução, houve substancial expansão do vocabulário no sentido terminológico (Hoffmann, 2000).

No aspecto histórico, o autor defende que após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), seguida da reconstrução e recomeço dos países europeus, houve uma forte influência na vida cotidiana dos cidadãos. Essa mudança significativa atingiu, sobretudo, na vida profissional das pessoas. Esse impacto pode ser observado na linguagem, principalmente na linguagem especializada.

¹²Não palavras para coisas, mas palavras que são coisas vivas com o poder de se mover. (Tradução nossa)

As inovações técnicas são fundadas no pós-guerra, e são condutores de terminologias nas diversas áreas como “engenharia elétrica, eletrônica, as técnicas em medição, condução e regulamentação, bem como a engenharia nuclear, a engenharia de processos químicos e, possivelmente, a engenharia genética” (Hoffmann, 2000, p. 24). Outras áreas como a Ciência, Cultura, Ensino, meios de comunicação em massa, a Economia, entre outras, foram forças que causaram transformação mundial na segunda metade do século XX. Com elas surgiram novas disciplinas científicas e, conseqüentemente, terminologias que denominam coisas e processos e trazem mudanças linguísticas significativas para o cotidiano (Ibid.).

Para compreendermos melhor essa vertente teórica "textualista" lançada por Hoffmann, é importante sabermos o que é, nela, entendido como linguagem especializada. Dessa forma, a linguagem especializada é “o conjunto de todos os recursos linguísticos que são utilizados em um âmbito comunicativo, delimitado por uma especialidade, para garantir a compreensão entre as pessoas que nele atuam” (Hoffmann, 1988, p. 40).

Na linguagem especializada, a formação do conceito e das palavras, isto é, o léxico, está relacionado a textos especializados. Para o autor (Hoffmann, 1988, p. 107), isso significa utilizar os elementos do sistema linguístico em determinadas condições comunicativas. Dessa forma, as condições comunicativas específicas típicas são dadas por meio de textos especializados, que são os cenários primários do conhecimento.

Assim, em uma Linguística do Texto Especializado, o termo – mas não só ele - é considerado como vocabulário especializado, que são todas as “unidades lexicais contidas em textos especializados, já que essas unidades contribuem para a comunicação especializada de uma maneira direta ou indireta” (Hoffmann, 1988, p. 43). Para mais, essa abordagem faz a distinção entre termos, semitermos e jargões especializados. O primeiro são apenas as “palavras cujo conteúdo seja determinado por meio de uma definição normativa” (Ibid.). O segundo, por sua vez, não é definido em normas, mas são suficientemente precisos em descrição e denotação. Já o terceiro, por fim, não possui precisão.

No que tange à terminologia, o léxico especializado temático, a Linguística do Texto Especializado trazida por Hoffmann explica que “é um dos traços mais claramente diferenciadores da linguagem especializada” (Ibid.). De acordo com os estudos dessa vertente teórica, a terminologia pertence ao vocabulário especializado, se aproximando, assim, de uma equiparação entre os conceitos de *terminologia* e *linguagem especializada*

(Hoffmann, 1988).

É interessante observarmos o status em que Hoffmann (1988, p. 45) dá ao termo, pois, de acordo com o autor (como já se veria, mais tarde, com a TCT de Cabré), a terminologia

não se difere fundamentalmente do léxico comum quanto à formação de palavras e à mudança de significado, quer dizer, ela pertence à língua natural, pelo que podemos dizer que é igualmente flexível à intervenção modificadora e ordenada da humanidade. A hegemonia e a estabilidade da terminologia são tópicos de interesse de uma comunicação especializada efetiva ou otimizada.

Já do ponto de vista prático, ao tratarmos o termo como objeto de estudo da Terminologia, é importante buscarmos, em primeiro lugar, esclarecer a natureza dos conceitos. Nas palavras do autor, o trabalho terminológico

busca a delimitação de conteúdo e de abrangência dos conceitos, como também a correspondência entre conceito e signo linguístico”. Além disso, também dedica grande atenção às relações entre unidades de cada sistema conceitual, no que têm especial destaque as relações hierárquicas (relações de abstração e partitivas), mas também outros tipos de relações conceituais, como as de gênero-espécie, as funcionais, causais, de instrumentos, etc.

É importante esclarecer que o autor chama *Trabalho Terminológico* à visão da Terminologia tradicional, que se ocupa das padronizações, proposta por Wüster (1974). Entretanto, Hoffmann expande a perspectiva ao tecer observações sobre as mudanças fundamentais na comunicação especializada após grandes fatos e eventos históricos de nível mundial (como o pensamento Iluminista no século XVII-XVIII, a Revolução Industrial nos séculos XVIII-XIX e a Segunda Guerra Mundial no século XX). Além disso, o autor explica como o léxico especializado pode suprimir lacunas nos sistemas linguísticos nas mais diversas áreas do conhecimento (Pickbrenner; Zilio, 2015, p. 15).

Hoffmann chama atenção para o percurso em que os estudos linguísticos conduziram as linguagens especializadas. A princípio, a atenção estava voltada exclusivamente para o termo e para as terminologias. Num segundo momento, a linguagem especializada dirigiu-se em direção à sintaxe. Hoje, a atenção volta-se, cada vez mais, para o texto especializado. Segundo o autor, esse caminho se deu de forma natural, motivado por meio do contato com os estudos da linguagem especializada (Hofmann, 1988, p. 39). O texto, que tenha terminologias e outros elementos, assim, torna-se o objeto nuclear das teorias linguísticas sobre a comunicação técnico-científica.

Por fim, mas não menos importante, essa vertente traz à tona a importância do tradutor

de textos especializados. Com a ascendente demanda do mercado de trabalho, cada vez mais a atuação desse profissional tem crescido. Muito tem se atribuído às necessidades práticas de comunicação especializada, na qual os principais intermediadores são os tradutores técnico-científicos. E esses profissionais precisam do apoio de terminólogos e de dicionários especializados.

Observamos uma crescente demanda de traduções de textos especializados do português para a Libras (e vice-versa), a fim de diminuir as barreiras de informação e de contato que se manifestam no cenário social-cultural no Brasil. Para que as linguagens de especialidade resistam à integração à linguagem comum (como aquela utilizada na comunicação em massa televisionada, por exemplo), na qual muitas vezes encontramos barreiras linguísticas que geram conflitos de comunicação, é importante que nos preocupemos com a adequada formação de tradutores e intérpretes.

Uma formação técnica em linguagens especializadas tende a diminuir as barreiras de informação e de contato que se estabelecem de forma natural num mundo globalizado, onde as áreas científicas, técnicas e tecnológicas são utilizadas como vias de conhecimento e que não podem ser excluídas de nenhum sistema educacional.

Por fim, os muitos estudos empreendidos por Lothar Hoffmann, embora ainda pouco conhecidos no Brasil, podem nos auxiliar na análise teórica e prática de textos técnico-científicos, de diferentes áreas, incluindo-se as Humanidades. Sob a perspectiva da sua Linguística do Texto Especializado, o estudo das linguagens especializadas não deve se limitar a examinar apenas os termos presentes nos textos, mas precisa estudar de forma mais detalhada “o cenário do texto”. Afinal, esse tipo de texto possui características diferenciadas que levam a uma compreensão determinada; e, se não houver uma atenção especial, essa compreensão pode ficar comprometida. Assim, o *frame* do texto é o que define o estatuto das terminologias e dos demais elementos que o constituem. E essa ideia fundamental, conforme acreditamos, também pode ser aproveitada na Terminologia de Libras.

1.2.2. Estudos sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)

À luz das teorias em Terminologia, sob as perspectivas da Linguística do Texto Especializado proposta por Hoffmann (1988) e também da TCT (1997; 1998, 1999) e de uma Linguística da Enunciação (Flores, 2022), é importante mencionar as contribuições de Finatto (2018). Essa autora nos traz, como uma novidade dos estudos de Terminologia do Brasil, um ponto de vista diferenciado para o enfoque dos textos especializados, que

ela associa à ideia de Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT) e iniciativas das metodologias e técnicas de escrita facilitada da Linguagem Simples (*Plain Language*).

A ATT, entendida como uma condição de boa compreensibilidade a ser perseguida e conquistada a partir de um diagnóstico analítico-descritivo de formulações textuais, motivou a constituição de um grupo de pesquisa inter e transdisciplinar junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Seu principal objetivo é estudar, descrever e sistematizar, sempre com base científica, modos de tornar acessíveis textos escritos que tratem de temas técnico-científicos, especialmente os que veiculam temas de Utilidade Pública, para pessoas adultas de escolaridade limitada e poucas experiências de leitura. A ideia de base do grupo reunido em torno da ATT é facilitar conhecimentos e saberes em movimento, em um cenário de diálogos entre especialistas e não especialistas. Desde 2022, o grupo da ATT iniciou estudos também sobre o preparo de materiais sobre temas de Saúde para as crianças e jovens que frequentam a Escola Pública.

Esse grupo tem produzido material teórico e prático - inclusive um curso gratuito *online*¹³ - para subsidiar quem precise fazer textos escritos mais "simplificados", de modo a torná-los mais facilmente compreensíveis para o chamado "público leigo". A ideia da ATT, assim, está associada a conceitos como *inteligibilidade*, *legibilidade*, *apreensibilidade*, *letramento*, *complexidade textual* e *simplificação textual*. Dessa forma, vale situar uma breve explicação para esses conceitos, já tratados em Finatto & Paraguassu (2022), que reforçam a ideia de que textos escritos podem ser dotados de "rampas de acesso". Essas rampas são recursos que permitem, a diferentes pessoas, o acesso ao conteúdo veiculado. Tais rampas podem ser construídas quando os textos são devidamente (re)escritos para incluir os pontos de vista e necessidades de informação do leitor-destinatário, de um modo que esse leitor seja atendido em suas necessidades e conforme suas condições de entendimento.

DuBay (2004, p. 3), um dos autores-base do grupo da ATT da UFRGS, explica que a *inteligibilidade* pode ser vista como as propriedades que tornam alguns textos mais simples de ler do que outros. O autor explica que este termo pode ser confundido com *legibilidade*. Entretanto, este último refere-se às características físicas do texto, como a formatação textual que diz respeito ao tamanho, a forma e a cor de letras, o espaçamento, como os parágrafos estão organizados e a diagramação (Silva, 1985), por exemplo. Quanto a *apreensibilidade* (ou *readability*), esse termo está relacionado com a habilidade

¹³ Para conhecer o curso acesse: <https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=142>.

na compreensão da leitura, como a velocidade da leitura e a apreensão geral de um texto. Tais fatores estão associados à forma de escrita e com o vocabulário utilizado.

Já a *complexidade textual* pode ser compreendida como as propriedades de um texto como frases, palavras ou expressões sintagmáticas, frente a capacidade de compreensão dessas propriedades pelo leitor. Dessa forma, o grupo ATT tem estudado métodos que favorecem a compreensão textual para diferentes públicos. Assim,

desde muito tempo, buscaram-se fórmulas ou modelos – sempre muito discutidos e criticados – que fossem capazes de prever quais elementos textuais estariam mais associados à dificuldade de compreensão da escrita, de modo que pudessem ser gerados textos de acesso mais facilitado para uma grande fatia de população leitora. Essa população, cabe situar, correspondia a grupos sociais de escolarização recente. Entre esses estudos mais antigos de amplo espectro, não associados a uma perspectiva específica de Linguística, produzidos por volta dos anos 70, entretanto, não encontramos muitas referências sobre as condições de legibilidade de textos especializados (FINATTO, 2011, p. 4).

Além disso, o grupo ATT trata o processo de simplificação textual como se fosse uma *tradução intralinguística* (ou intralingual) (Finatto; Tcacenco, 2021). Isto é, tem-se um processo de "tradução" que não envolve duas línguas diferentes. Isso porque é necessário traduzir informações escritas numa linguagem complexa em língua portuguesa, para uma linguagem mais simples no mesmo idioma.

Entretanto, fazer uma tradução intralingual não significa, simplesmente, usar estratégias como notas explicativas frente ao conteúdo avaliado como complexo, mas é um processo criterioso de escrita, no qual se selecionam palavras do léxico comum, termos e sintagmas e frases, partindo da perspectiva do que o leitor-destinatário sabe (ou não) e precisa saber sobre o conteúdo textual. Torna-se, assim, um processo cauteloso e complexo.

Por fim, o grupo ATT tem se dedicado não só promover a ideia da acessibilidade textual e terminológica e dos preceitos e/ou técnicas da Linguagem Simples quando se trata de comunicar temas de Utilidade Pública, mas também tem se esforçado por criar e fomentar a criação de recursos tecnológicos para apoiar a simplificação. Um exemplo é a Ferramenta MedSimples¹⁴. Essa é uma ferramenta *on-line* gratuita para ajudar a redação simplificada de textos escritos sobre determinados temas de Saúde para pessoas adultas

¹⁴ Para conhecer mais sobre a Ferramenta MedSimples, acesse: [https://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/page/cartilha/#:~:text=Sobre%3A,ver%20op%C3%A7%C3%B5es%20%2D%20perfil%20escolar\).](https://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade/page/cartilha/#:~:text=Sobre%3A,ver%20op%C3%A7%C3%B5es%20%2D%20perfil%20escolar).)

de escolaridade limitada.

Nessa perspectiva, conforme já mencionado, entende-se que são necessárias “rampas de acesso” acopladas ao conteúdo textual escrito. Afinal, textos sobre temas como Saúde e Direito, por exemplo, mesmo que se digam "para leigos", tendem ainda a empregar termos técnicos sem explicação ou mesmo várias palavras que, não sendo termos técnicos, soam estranhas no seu conteúdo. Isto posto, a crença no valor da promoção da ATT busca uma forma de tornar o texto mais claro e compreensível para um determinado público. E essa crença também pode ser estendida para os textos em Libras, destinado a diferentes públicos Surdos, por exemplo, para aqueles mais ou menos escolarizados.

Na prática, examina-se e reformula-se a estrutura de um dado texto escrito, com destaque para o todo do vocabulário, não só para as terminologias, mas também para as frases e sua articulação em um todo de sentido e de significação. Essa abordagem prática tem tido como principal objeto de estudo o todo do texto de divulgação científica.

Essa perspectiva dos estudos de Terminologia de enfoque "textualista", com a ideia da promoção da ATT em diferentes cenários comunicativos, é uma das bases desta tese, pois tem a intervenção facilitadora e mediadora de saberes e conhecimento em movimento como princípio. Isto é, o objeto nuclear do texto especializado, que contém terminologias e conceitos e palavras e valores e modos de dizer, torna-se um objeto de diagnóstico e de intervenção. Uma intervenção não prescritiva (como era na TGT), mas facilitadora.

A conexão com essa vertente, se justifica porque, como bem sabemos, os Surdos constituem um público que tem estado à margem da sociedade e, nesse sentido, como minoria, sofrem de falta de acesso qualificado ao conhecimento e letramentos científico, técnico e tecnológico conforme lhes são apresentados. Também essa comunidade precisa de "rampas de acesso" virtuais para adentrar aos espaços de conhecimento, ainda mais se os prédios são feitos das palavras-tijolos de uma língua que lhes é estrangeira, o português.

Sabemos, portanto, que a tradução de textos técnico-científicos é uma forma de oferecer acessibilidade para pessoas Surdas. Entretanto, não basta este texto estar em Libras, é necessário que as informações estejam, também, em Libras Simples. E esse mesmo texto deve estar de acordo com a linguagem do público-alvo, como é o caso, por exemplo, dos textos informativos traduzidos pela Secretaria Municipal de Saúde de Porto

Alegre-RS para o imigrantes haitianos¹⁵. Deve haver uma preocupação não apenas e somente com a tradução em si, mas que, no processo tradutório, se pense nos diversos públicos usuários de uma determinada língua. Essa preocupação pode mitigar complexidades textuais e terminológicas a fim de facilitar o conhecimento oferecido.

Além do pouco material disponível em Libras, muitas vezes pouco se questiona se sua apresentação, em Libras, seria compatível com seus níveis de conhecimento e compreensão nessa língua. Isto é, apenas traduzir um texto altamente complexo sobre Tuberculose, do português para Libras, não o tornará menos complexo. Diante disso, não podemos nos esquecer aqui da perspectiva dos Estudos da Tradução. Tornar o texto menos complexo dependerá, igualmente, da perspectiva tradutória adotada. Se o tradutor se apoiar em uma perspectiva funcionalista de tradução (Cf. Nord, 2009¹⁶), ele vai privilegiar a relação do texto – ou sua melhor recepção – pelo público-alvo, e não a relação com o texto de partida. Quanto mais uma tradução buscar respeitar a função do texto de partida, mais intervenções o tradutor deverá fazer em seu texto para adequar, culturalmente, esse texto ao público-alvo.

Será preciso que também a informação em Libras tenha as suas próprias "rampas de acesso". Assim, por exemplo, será preciso dar condições para que um estudante do Ensino Médio Surdo consiga compreender, em Libras, o que é esta doença (a Tuberculose) de modo que saiba tomar medidas do seu interesse sobre ela, em meio à sua vida e à vida de quem o rodeia, conforme o estudo/testagem de compreensibilidade realizado e apresentado no capítulo 4 desta tese. Assim, percebemos a necessidade de simplificar a enunciação científica, seja em que língua for, ampliando a compreensão por parte de quem não tenha formação ou informação especializada.

1.3. Terminologia e Terminografia Pedagógica de Libras

Esta tese tenta resgatar, em parte, os princípios da Terminografia Pedagógica, advindos da Lexicografia Pedagógica da língua escrita. Isso pressupõe o recorte do léxico de especialidade da Libras para públicos-alvo de aprendizes. Conforme a necessidade do consulente, o conteúdo desses materiais – tanto a macro quanto a microestruturas – muda. Tal como já mencionado na seção anterior, sobre a ATT.

¹⁵ Para saber mais, acesse: <https://prefeitura.poa.br/sms/noticias/saude-lanca-materiais-informativos-bilingues-para-imigrantes-haitianos>.

¹⁶ Disponível em: NORD, C. *El funcionalismo en la enseñanza de traducción*. Mutatis Mutandis, v. 2, n. 2, p. 209-243, 2009.

Nessa perspectiva, pretendemos oferecer, para os lexicógrafos e terminógrafos de Libras, um protótipo de glossário que esteja de acordo com as necessidades, habilidades e dificuldades do estudante Surdo do Ensino Médio envolvido com o ensino/aprendizagem de terminologias e de conceitos da área de História.

Nesse contexto, é importante que as DTS, que acompanham os termos, estejam em linguagem simples e compreensível. E, diferente daquela definição que funcionaria para uma pessoa ouvinte qualquer, com um determinado desconhecimento sobre uma dada terminologia, a DTS didático-pedagógica, por seu turno, opera em meio a um processo de ensino-aprendizagem. Nesse caso, não bastaria "apenas" simplificar uma informação complexa X, torná-la minimamente entendível, pois torna-se imperioso também apontar caminhos para a pessoa aprender, reconhecer e construir conhecimentos a partir da definição que se apresente. Ao trabalharmos com a coleta de sinais-termo encontrados nas vídeo-provas do Enem, o viés pedagógico da Terminologia e das terminologias postas em glossários se tornam essenciais. Esse viés é o de dinamizar processos de aprendizagem pois, a Terminologia e a Terminografia Pedagógicas são, por natureza, didáticas.

Além disso, há necessidade de que o glossário desejado possa inserir-se em um preparo para o enfrentamento de um dado gênero textual e discursivo, que é a vídeo-prova. Obviamente, a tipologia textual empregada no exame pretende avaliar o conteúdo aprendido pelos Surdos em sala de aula. Assim, dado esse traço importante do Enem, é importante que haja materiais terminográficos que possam ser usados por professores bilíngues em sala de aula. Esses materiais, como o glossário que pretendemos desenhar, devem mostrar ao aluno Surdo que um determinado assunto deve ser aprendido e situado criticamente, pois faz parte das competências que serão cobradas no Enem.

Além de propor um modelo de DT em Libras de Ciências Humanas/História, torna-se imprescindível, a partir do que é proposto, planejar e realizar algum produto concreto. Além de modelos, mais ou menos teóricos, precisamos auxiliar professores, TILSP e alunos com uma base concreta posta em um material e ferramental adequados às necessidades dos aprendizes de um domínio específico.

Dessa forma, o nosso protótipo – em rascunho – de um glossário de sinais-termo da História, acompanhado de definições sinalizadas (DTS), pretende não somente informar sobre os "termos técnicos" envolvidos na prova do Enem, mas auxiliar os Surdos na melhora da compreensão-leitora de textos-vídeos sinalizados encontrados nesse exame e no aprendizado dos sinais-terminos. Além da pesquisa teórica, descritiva e propositiva, pensamos que esta tese deve resultar em uma metodologia para apoiar a produção de

DTSs mais acessíveis para os usuários.

1.4. Enfrentamento teórico: o que fazer em/para Libras?

Ao verificarmos as vertentes teóricas em Terminologia e sua aplicabilidade em abordagens mais textuais, é possível observar que a Libras ainda não está completamente contemplada. Dessa forma, faremos, nos estudos para esta tese, a análise de um conjunto de sinais-termo selecionados sob o viés do seu aspecto conceitual. Isto é, partiremos da base de construção fonomorfológica ligada ao processo de significação mental e de como essa formação influencia na DTS.

Para tanto, adotaremos algumas vertentes teóricas apresentadas como a TCT, a Socioterminologia e as perspectivas textuais, antes citadas, a fim de nos ajudar na explicação, descrição e proposta de um modelo de DT eficiente em Libras. Escolhemos a TCT pois, conforme verificamos na análise dos dados, os sinais-termo tomam formas que podem variar a depender do contexto comunicativo em que estão empregadas.

Já a Socioterminologia, por sua vez, nos ajuda a compreender como essas variantes terminológicas são categorizadas em diferentes situações de uso, como é o caso de PRETO, utilizado para objetos, e PRETO utilizado para denominar etnia. Com relação a Perspectiva Textual da Terminologia, nos auxiliará a compreender como o verbete de dicionário é um texto de especialidade, formado por uma série de informações terminológicas incluindo a DTS.

Dessa forma, a Teoria Comunicativa da Terminologia, a Socioterminologia e as Perspectivas Textual(ista) da Terminologia são abordagens teóricas que também nortearão este estudo e todo o processo de construção e organização das hipóteses desta tese.

1.4.1. Lexicografia versus Terminografia

Como esta tese pretende, ainda, dialogar com duas práticas que possuem trato ou aplicações distintas, apresentamos, neste momento, a diferença entre Lexicografia e Terminografia. A primeira, dentre seus vários aspectos, se dedica à organização e ao registro do léxico comum de uma língua. Já a terminografia, de acordo com Schierholz (2012), é entendida como uma técnica de coleta e organização de termos em dicionários terminológicos ou dicionários de especialidade. Ainda, de acordo com o autor, o termo Terminografia e o termo Lexicografia Terminológica são sinônimas. Entretanto, não podem corresponder à mesma noção de Lexicografia de Especialidade ou Lexicografia

Especializada.

Na perspectiva de Alain Rey (1995, p. 130), a distinção entre Lexicografia e Terminografia está amparada em pressupostos teóricos. Segundo o autor, “*whilst lexicography collects and describes the lexical units necessary for the functions of a general language, terminography is concerned with signs in relation to the objects to be named (designata)*¹⁷”. Dessa forma, ainda segundo Alain Rey, a terminografia possui aspectos técnicos que são motivados por necessidades específicas inerentes à Ciência ou área técnica. Por essa razão, a terminografia demanda métodos que se enquadrem a descrição de termos da linguagem de especialidade.

Já Bessé (1997) explica que a lexicografia se preocupa com as palavras do léxico comum, enquanto a terminografia se interessa pelos termos. Essa distinção surge a partir do momento em que fazemos comparações metodológicas. Segundo o autor, a diferença metodológica possui vertentes procedentes das abordagens onomasiológica e semasiológica. Assim, a abordagem lexicográfica é onomasiológica, enquanto a terminográfica é semasiológica.

Isso posto, entendemos que a abordagem onomasiológica parte do conceito e procura o termo que deve corresponder a descrição desse conceito que pertence a um determinado domínio científico, técnico ou tecnológico. Já a abordagem semasiológica parte da palavra e procura o conteúdo semântico que inclui as propriedades do significado dessa unidade lexical.

Nesse sentido, Finatto (2001a, p. 213-214) já apontava a diferenciação entre os enfoques utilizados na Lexicografia e na Terminografia a partir das abordagens onomasiológicas e semasiológicas. Assim, a autora considera que “enquanto o terminólogo usualmente parte de conceitos e tenta encontrar termos que possam lhes ser correspondidos (abordagem onomasiológica), o linguista parte de palavras e tenta definir seus conceitos (abordagem semasiológica)”. Isso implica, conseqüentemente, metodologias descritivas para o fazer lexicográfico e terminográfico. Entretanto, é importante dizer que, na prática terminográfica para elaboração de um glossário, por exemplo, o terminógrafo pode utilizar ambas abordagens.

Sob o ponto de vista de Kageura (2015, p. 56), Terminografia é o termo atribuído para

¹⁷ “enquanto a lexicografia coleta e descreve as unidades lexicais necessárias ao funcionamento de uma linguagem geral, a terminografia preocupa-se com os signos em relação aos objetos a serem nomeados (designados)” (tradução nossa).

*“practices, activities, methods and know-how related to collecting and describing terms, compiling terminological lexicons, establishing concept systems or ontologies, making thesauri, etc. which constitute an important aspect of terminology”*¹⁸. Já a Lexicografia lida *“with words or lexical items in general and with a full range of linguistic information related to words, including grammatical features such as POS, meanings, usages, discourse types, register, etc. depending on the type of dictionary”*¹⁹ (Id. *Ibidem.*, p. 57).

Felber (1984, p 189), na sua obra *Terminology Manual*, explica que a Terminografia é uma atividade cujo objetivo é registrar as designações de termos-conceito, incluindo o lugar do conceito nos sistemas conceituais. Isso é feito para registrar e/ou inventariar dados terminológicos que fornecem descrição precisa de um conceito e das relações que existem entre esses conceitos e outros. Conforme apresenta Felber, há três tipos de terminografia, a saber, terminografia descritiva, terminografia prescritiva e terminografia científica. A primeira registra o uso de terminologia tal como ela é. A segunda registra o uso da terminologia como deveria ser. A terceira, por sua vez, é usada pelas comunidades científicas e, como os conceitos científicos estão em constante fluxo, esse tipo de terminografia só pode ser recomendada, mas não prescrita.

Bevilacqua e Finatto (2006) complementam que a prática terminográfica se distingue, sobretudo, no que se refere às informações técnicas que lhes são típicas. Isso significa, por exemplo, que o verbete de uma obra terminográfica terá a definição muito mais delimitada sem lacunas para possíveis ambiguidades como nas definições de uma obra lexicográfica.

Essas diferenças teóricas, que já explorei (Cf. Felten, 2020), implicam práticas diferenciadas ao elaborarmos uma obra, em Libras, quando se reúnem sinais comuns (léxico comum) e sinais-termo (léxico de especialidade), pertencentes a uma área de conhecimento como a História. Embora encontremos semelhanças entre a Lexicografia e a Terminografia, optamos por tratá-las como disciplinas e práticas distintas também em Libras. Assim, desenvolvemos um modelo de DTS que observe a natureza linguística da Libras, na perspectiva das Ciências Humanas e do conhecimento do público-consulente.

¹⁸ “práticas, atividades, métodos e conhecimentos relacionados à coleta e descrição de termos, compilar léxicos terminológicos, estabelecer sistemas de conceitos ou ontologias, fazer tesouros etc., que constituem um aspecto importante da terminologia”.

¹⁹ “com palavras ou itens lexicais em geral e com uma gama completa de informações linguísticas relacionadas às palavras, incluindo características gramaticais como POS, significados, usos, tipos de discurso, registro, etc. dependendo do tipo de dicionário”.

1.5.O Glossário

Um glossário, na concepção desta tese, é a documentação de uma lista de termos selecionados, que pertence a um determinado campo científico, técnico ou tecnológico. É um recurso de referência que contém itens lexicais e suas respectivas definições, em uma ou mais línguas. Nas palavras de Finatto (2001, p. 79), um dicionário (e/ou glossário) terminológico “busca reproduzir a estruturação do conhecimento referencial de uma área específica, quer seja uma ciência, técnica ou tecnologia”.

Faulstich (2010) faz a distinção entre um dicionário terminológico e um glossário. Para a autora, um **dicionário terminológico** – grifo nosso - apresenta os termos de uma ou de várias áreas científicas ou de áreas técnicas, dispostos em ordem sistêmica ou em ordem alfabética. Já um **glossário** traz um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência do termo. A diferença, assim, seria a abrangência de áreas de conhecimentos inventariadas.

Para esta tese, adotamos a concepção glossário, como um recurso que se limita a uma área apenas, pois interessa-nos uma obra que contenha informações específicas, necessárias e eficientes para um público-alvo bem específico. Os tipos e variedades de informações que compõem a microestrutura do glossário dependerão das necessidades do usuário que se busca atender. Sobre essa questão, vamos nos aprofundar na parte aplicada da nossa tese (Cf. Bloco 2), na qual apresentaremos a macro e a microestrutura do glossário proposto por nós.

1.5.1. A Macroestrutura

Tuxi (2017, p. 106) explica que a macroestrutura de um dicionário ou glossário “exprime o conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta”. Ainda segundo a autora, a macroestrutura “abrange todas as partes que compõem uma obra terminográfica, a saber, o prefácio, a introdução e as especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro” (Ibid. p. 107).

Martins (2018, p. 156), por sua vez, diz que as obras terminográficas

têm suas estruturas organizadas de forma a facilitar a utilização pelo sujeito, como, por exemplo, a apresentação de uma introdução logo nas primeiras páginas da obra, uma explicação de forma sucinta sobre as características e o conteúdo ao usuário, como é feita a busca de termos,

para qual público é destinado e também como a obra é produzida e instruções para seu uso.

Já Faulstich (2010) destaca que a macroestrutura envolve toda a obra desde a introdução, os anexos, a bibliografia e, caso existam as ilustrações, fotos ou mapas. Já Welker (2004, p. 81) explica que a macroestrutura “refere-se à forma como o corpo do dicionário é organizado”. Em relação à macroestrutura em glossários de Libras, Tuxi (2017, p. 107) que “é entendida como o conjunto de informações e identificação de um glossário constituído de elementos que indicam a forma de registro, bem como sua organização”.

Como o protótipo de glossário que propomos nesta tese possui caráter didático-pedagógico, a macroestrutura será a forma com que os sinais-termo são organizados para poder atender as necessidades de aprendizagem em Ciências Humanas pelo público-alvo. Isso significa que o terminógrafo, ao pensar na organização geral da obra, deve considerar o seu caráter didático, a ciência envolvida e, principalmente, o público-alvo.

Como a nossa obra coloca a Libras como língua de partida, encontramos em Tuxi amparo teórico e metodológico. Para mais, voltaremos a este tópico na parte em que aplicamos os estudos terminográficos.

1.5.2. A Microestrutura

A respeito da microestrutura de um glossário, Tuxi (Ibid.) diz que a microestrutura ou o verbete de um glossário “pode ser considerada seu núcleo principal, quer por seu conteúdo, quer por sua forma”. Como temos a DT como foco e defendemos que o verbete de um glossário consiste num texto de especialidade,

De todo modo, a microestrutura constitui um dos muitos, pequenos ou extensos microtextos que compõem o texto maior e a totalidade de um ‘livro-dicionário’, que, por sua vez, forma uma macroestrutura textual. Geralmente, a microestrutura do verbete traz pelo menos uma definição, que corresponde a um ou mais significados do termo; em alguns casos, como nos glossários de algumas normas técnicas, pode haver, de modo mais singelo, apenas a indicação de um sinônimo ou a apresentação de um contexto de uso do termo. Incluindo-se aqui, na categoria definição, as chamadas definições por intensão, por extensão ou enumeração e por compreensão (Finatto, 2001, p. 82).

Vale lembrar que, no *corpus* analítico desta tese, a microestrutura traz uma série de diferentes tipos de comentários que o terminógrafo julga necessário, principalmente por ser um verbete destinado a alunos Surdos do Ensino Médio. Dessa forma, o perfil dos

consulentes é um fator determinante para a construção do verbete em Libras, pois ali, por excelência, é o lugar de didatização de uma obra terminográfica.

Como estamos lidando com uma língua sinalizada, adotamos o modelo de microestrutura apresentado por Tuxi (2017). O modelo é o que segue:

Figura 5 – Modelo de microestrutura apresentado por Tuxi (2017)



Tuxi (2017, p. 173)

Os principais campos do verbete que são o sinal-termo, definição, contexto e variante consistem em registros videográficos em Libras. Em seguida, há o correspondente em português, no caso ALUNO ESPECIAL, e a escrita de sinais em sequência. Na parte aplicada à terminologia desta tese vamos apresentar mais detalhes sobre a estrutura do verbete.

Seguindo as contribuições de pesquisas anteriores, vamos utilizar o modelo de microestrutura proposto por Tuxi (Idem.), com mudanças necessárias para atender a tipologia da obra, isto é, uma obra de natureza didático-pedagógica. O grande trunfo da proposta da autora é, entre outras tantas contribuições, o modo de disposição das informações terminográficas no verbete em Libras. Outra vantagem do seu modelo é a possibilidade de adaptação da microestrutura para as necessidades do público-alvo. Para nós, essas mudanças foram importantes para manter a relação do verbete com os *corpora* desta pesquisa que são as provas em português escrito e as vídeo provas em Libras do Enem.

CAPÍTULO 2 – DEFINIÇÕES EM PERSPECTIVA

Neste capítulo, depois de revisar o tema da Definição do ponto de vista das línguas orais, avançaremos o nosso caminho para a identificação de uma definição de termos e de conceitos que seja adequada à Libras e à situação de ensino-aprendizagem em foco. Nesse percurso, será necessário delimitar uma concepção sobre *definição* para esta tese. A partir do que entendemos como Definição Terminológica Sinalizada (DTS), buscaremos estabelecer ou modular uma estrutura da definição por meio da acessibilidade do vocabulário utilizado para a construção da paráfrase definitória.

2.1.A Definição em perspectiva

2.1.1. *Definição na perspectiva lógico-filosófica*

A definição, sem dúvida, é o ponto central do trabalho terminográfico e um tema, muitas vezes, controverso. Além disso, a definição ocupa um lugar central em todas as ciências e é uma ferramenta fundamental na lógica, filosofia de ideias e semântica (SAGER, 2000). Cada área apresentada por Sager possui um ponto de vista a respeito da atividade de definir. Na prática comunicativa diária, resultado dessa atividade, há diversas formas de definição a depender do seu objetivo.

Definir, no entanto, não é uma prática simples. Ao estabelecer limites entre conceitos de um determinado domínio do conhecimento científico, técnico ou tecnológico, é importante que se faça de forma eficiente. Os limites são estabelecidos por características comuns e distintas entre conceitos. Ao apresentar tais características, se estabelece relações entre coisas, ideias e seus nomes que são coletados e registrados em obras lexicográficas e terminográficas.

Aqui é importante que façamos a diferença entre os termos *definir* e *definição*. Para nós, *definir* é estabelecer os limites entre conceitos que pertencem a um mesmo domínio. Portanto, é explicitar as características comuns e as características que são distintas entre um conceito e outro. Já a *definição* é a apresentação do conceito por meio de uma paráfrase metalinguística, a qual se pretende descrever suas características comuns e as características distintas.

Essa concepção sobre características é herança do pensamento lógico-filosófico, iniciado pelos gregos. A partir dos pensamentos de Platão de Aristóteles, a definição é compreendida como um exercício mental que expressa a natureza das coisas ou se formula a sua essência. Nesse sentido, definir uma identidade consistiria em considerar

“a classe à qual pertence e colocá-la em um determinado nível hierárquico de realidades” (Thiry-Cherques, 2012, p. 295). Esse nível é determinado pelas categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Assim, uma determinada coisa ou ideia pertence a uma classe, relativamente estreita, a qual incluímos essa coisa ou ideia, que denominamos *gênero*. Entretanto, essa coisa ou pensamento se diferenciam uns dos outros por meio de características distintivas, que denominamos *diferença*.

Para Aristóteles, uma definição “é definida como a frase que explica o que uma coisa é” (1987, p. 132). Nos diálogos entre Sócrates e Teeteto, os pensadores admitem que “se apanharem num determinado objeto o que o distingue dos demais, apanhaste, como dizem alguns, sua explicação ou definição” (2016, p. 92). E continua, “mas enquanto só atingires caracteres comuns, tua explicação dirá respeito apenas aos objetos que tenham de comum essa característica.” (Id. Ibid.). Portanto, é importante que a definição explique, também, as diferenças.

Isso posto, a caracterização tradicional da definição do tipo lógico-filosófica com as categorias *gênero* e *diferença* parece um método de sucesso para se definir certas classes ou propriedades. Entretanto, se a natureza do ente definido for uma relação, função ou, ainda, um processo, parece não ter êxito. Essa problemática se manifesta na formulação de definições terminológicas.

2.2.A definição no âmbito da Terminologia que lida com textos escritos

Nas áreas científicas, técnicas ou tecnológicas, a definição tradicional parece não ser nem necessária e nem suficiente (Hegenberg, 1974). Assim, há de pensarmos de que modo as categorias *gênero* e *diferença* podem ser adequadas para definir um termo. Além disso, sempre fica o questionamento sobre quais seriam as informações que são necessárias e suficientes para a elaboração de uma definição de um termo. Apresentado o conjunto de questões que são próprias da prática definitória para além das categorias clássicas, mas se volta para a natureza dos conceitos, entramos agora no domínio que mais nos interessa: a DT.

No âmbito teórico, uma terminologia, segundo Alain Rey (1984), está ligada a um sistema conceitual de uma determinada ciência. Assim, um conceito em terminologia, segundo a proposição do autor, é “a representação abstrata composta pelo conjunto de traços comuns e essenciais a um grupo de entidades (objetos ou ideias) e obtida pela subtração das características individuais” (resumido em Finatto, 2001a, p. 213).

Isso posto, Finatto (Id., p. 214) explica que, em Terminologia/Terminografia, o

especialista parte do termo ao qual corresponde uma descrição de um conceito. Nessa direção, a autora explica que conceitos não são o mesmo que significados. Desse modo, os conceitos são tidos como “unidades de conhecimento e contêm apenas conhecimento factual ou técnico”. Já o significado abriga elementos emotivos e conotativos que se fundamentam no princípio de que um “conteúdo semântico de uma palavra é geralmente polissêmico e inclui propriedades do significado da palavra, ou denotação, seu significado adicional ou conotação, e sua capacidade de combinação com outras palavras da língua” (Id. Ibid.). Portanto, um termo, para os estudos de Terminologia, teria caráter mais denotativo. Já a palavra, para a Lexicologia, possui caráter mais conotativo.

Do ponto de vista dos estudos de Terminologia, a autora defende que a definição é o ponto para o qual convergem o aspecto conceitual e o linguístico, pois a DT é um “texto cuja função é descrever as características que delimitam um conceito e a função de particularizá-lo num determinado sistema conceitual ou domínio” (Id. Ibid.). Portanto, a definição estabelece “vínculo entre um termo, um conceito e um significado” (Krieger; Finatto, 2018, p. 160) através de um texto que contém “somente as características mais relevantes de um conceito ou categoria” (Finatto, 2001a, p. 216).

A partir dessa perspectiva, apresentamos, a seguir, os principais tipos de enunciados de definição que se preocupam em estabelecer vínculo entre termo, conceito e significado, apresentando as características mais relevantes de um conceito ou categoria. Os tipos de definição são os que seguem.

2.3. Os tipos de definição em línguas orais escritas

As definições no âmbito da Lexicografia e da Terminografia que lidam com línguas orais escritas possuem inúmeros tipos. Mas, levando em consideração a definição e a definição em Libras como nossos objetos de estudo que pretende definir aspectos inerentes às Ciências Humanas por meio da linguagem, nos deparamos com três principais tipos, a saber: i) a definição lexicográfica; ii) a definição enciclopédica; e iii) a definição terminológica. É importante frisar que as margens que distinguem esses três tipos de definição são tênues, pois as tipologias são passíveis de combinação. Entretanto, é possível apresentar algumas características.

2.3.1. A definição lexicográfica

O primeiro tipo de definição é a “definição lexical ou lexicográfica”. Esse tipo de

definição é encontrada em dicionários de língua e em dicionários enciclopédicos que se propõe esclarecer os significados e distinguir os sentidos das palavras de uma língua (Larrivière, 1996). Para Alain Rey (1995, p. 42), a definição lexicográfica está preocupada apenas com as palavras de uma língua. Para o autor, “*it explains meanings while trying to distinguish among senses and classes of usage of signs and not concepts and classes of things*”²⁰.

Krieger e Finatto (2018, p. 167) apresentam um grau de tipicidade pautado no grau de informação que leva a uma definição lexicográfica. As autoras admitem que a tipologia de obras lexicográficas e terminográficas são redutoras, pois muitas vezes não há marcas claras entre um tipo e outro. No entanto, na perspectiva das autoras, as definições lexicográficas se caracterizam “pela predominância de informações linguísticas, tratando mais de palavras”.

Segundo a perspectiva lexicográfica de Jackson (2002, p. 93), a definição em dicionários monolíngues consiste “*of language turned back on itself, using the same language do describe as is being described*”²¹. Para o autor, a definição em dicionários de língua geral possuem quatro tipos, a saber: i) definição analítica; ii) definição sinonímica; iii) definição típica; e iv) definição por uso.

A definição analítica é que declara o conceito por um termo superordenado, isto é, hiperônimo, que corresponde ao *gênero próximo*, associado com menos uma característica distintiva, isto é, *diferença específica*. Esta definição é a forma mais comum, pois é formulada por meio de uma frase contendo as categorias *gênero* e *diferença*.

A segunda definição é a sinonímica. De acordo com Jackson (Ibid. p. 94), este tipo é constituído de uma frase sinonímica criada por um conjunto de sinônimos usados para definir uns aos outros. O autor justifica que não é fácil definir por meio das categorias *gênero* e *diferença* palavras consideradas mais abstratas, recorrendo, portanto, ao uso de sinônimos.

O terceiro tipo, por sua vez, é a definição típica. Esse tipo de definição utiliza o que é considerado mais típico do referente. Nessa definição é normalmente utilizado em combinação com outros tipos de definição, geralmente o tipo analítico, e é introduzido

²⁰ “...explica significados enquanto tenta fazer distinção entre sentidos e classes de uso de signos e não conceitos e classes de coisas”.

²¹ “...da linguagem voltada sobre si mesma, usando a mesma língua para descrever o que está sendo descrito”.

por um advérbio.

O último exemplo é a definição por uso. Esse tipo de definição explica o uso para cada palavra ou sentido está inserido, geralmente na gramática da língua. Essa forma de definição é empregada para definir palavras gramaticais ou funções de palavras, especialmente quando não há referente fora da língua (Ibid. p. 95).

2.3.2. *A definição enciclopédica*

A definição enciclopédica possui a característica de conter informações exaustivas sobre determinadas coisas. Por essa razão, é importante que façamos a distinção entre definição e descrição. Alain Rey (1995, p. 42) defende que uma definição deve explicar todos os traços relevantes de um significado, ou seja, todas as características conceituais e somente essas. Isso significa que a definição deve conter apenas os traços mais relevantes que descrevem um determinado conceito. Por outro lado, uma descrição pode acumular características consideradas relevantes e irrelevantes. Nesse sentido, Rey (Id. Ibid.) explica que uma definição enciclopédica apenas descreve as características relevantes e irrelevantes.

De outra forma Bessé (1997, p. 66) aponta que a definição enciclopédica possui funções pedagógicas, pois apresenta uma série de informações com propósito didático. Na perspectiva de Cabré (1999), o significado encontrado em enciclopédias e dicionários enciclopédicos não são denominados definição, mas de artigo enciclopédico. Para a autora, o artigo enciclopédico consiste num conjunto de frases que formam em longa e quase exaustiva descrição do objeto definido.

Krieger e Finatto (2008, p. 167) explicam que as definições enciclopédicas “se ocupam mais de referências e de descrição de ‘coisas’”. Sager (1990), por sua vez, explica que a definição enciclopédica descreve um conceito de uma maneira compreensível, fornecendo todas as suas funções etc., nos respectivos campos de assunto em que ele ocorre.

2.3.3. *A definição terminológica*

A posição da DT está longe de ser clara (Rey, 1992; 1995). Para Alain Rey (1992), na perspectiva teórica, a DT expressa os traços pertinentes de um termo e reflete sua noção, entendida pelo autor como conceito. Assim, a definição terminológica se difere de outras definições. Se torna única por se tratar de um compromisso entre definição

lexicográfica e descrição enciclopédica, cujo objetivo é melhorar o uso de palavras comuns para permitir que funcionem como termos, a fim de evocar o modo de constituição das classes de ser e o funcionamento de esquemas conceituais (Id. Ibid.). Nesse sentido, a definição terminológica é finalmente determinada pela natureza dos sistemas previstos para determinadas áreas do conhecimento científico, técnico ou tecnológico e pelas classes dos termos em questão.

Na perspectiva de Bessé (1997), a DT não deve ser exaustiva, entretanto deve refletir o conhecimento por meio do termo de uma área de especialidade e satisfazer as necessidades do consulente. Portanto, as informações contidas numa paráfrase definitiva em terminologia devem localizar e distinguir um conceito dentro de um sistema conceitual mais amplo. Dessa forma, a tipologia de uma DT será variada. A necessidade de diferentes estruturas se dá devido a natureza da área de especialidade. Isso significa que tipo de DT nas áreas de especialidade, estruturalmente falando, terão informações que convergem entre si. Entretanto, cada domínio demanda informações muito particulares que influenciam na elaboração de uma definição de um termo.

Para Cabré (1998), a definição é uma formulação linguística que visa descrever um conceito. Para a autora, as DTs são mais descritivas do que contrastivas, pois descrevem conceitos em referência exclusiva de um determinado campo conceitual e não de um sistema linguístico. Assim, as definições podem ser intensional ou extensional. A primeira apresenta as características que descrevem um conceito. Já a segunda enumera os objetos específicos que um conceito representa. Nesse sentido, para a formulação de uma DT, de acordo com Cabré (1998, p. 106), devem ser observados alguns princípios. Assim, uma DT deve:

- Descrever um conceito;
- Distinguir o conceito do ente definido de outros conceitos de um mesmo ou diferente campo conceitual;
- Apresentar as dimensões pertinentes de um campo conceitual;
- Estar localizado no campo conceitual ao qual um conceito pertence;
- Se adequar aos objetivos da tese em que se apresentam.

Além dos princípios acima apresentados, uma DT deve ser elaborada de acordo com uma série de recomendações (Id. Ibid.) que são:

- Devem ser compatíveis com o tipo de definições usadas em um campo específico e, assim, devem iniciar a partir da estrutura pré-existente desse campo;
- Devem coletar todas as características essenciais de cada conceito, de acordo com a estrutura estabelecida pelo campo conceitual;
- Devem refletir as relações sistemáticas que um conceito estabelece com outros conceitos no mesmo campo conceitual;
- Devem incluir todas as características que são importantes para uma descrição completa do conceito, mesmo que não sejam essenciais.

Do ponto de vista de Felber (1984), a DT pode ser compreendida como a descrição de um conceito por meio do significado de outro conceito já conhecido em forma de palavras. Essa descrição determina a posição de um termo dentro de um sistema conceitual. Para o autor, há dois principais tipos de definição em terminologia. O primeiro tipo é a definição descritiva que indica o significado de um termo. O segundo é a definição prescritiva que indica qual significado o termo deveria ter. Ambos tipos apresentados pelo autor indicam métodos terminográficos distintos, ficando a cargo do terminógrafo escolher o melhor modelo para a elaboração da DT.

Sager (1990), por sua vez, explica que a definição, como um produto, “*is a linguistic description of a concept, based on the listing of a number of characteristics, which conveys the meaning of the concept*”²² (p .39). Nesse sentido, uma DT identifica um conceito a partir das características exclusivas dentro de um sistema conceitual do qual o termo faz parte e o classifica nesse sistema.

Em relação à função da DT, Sager (Id. Ibid.) explica que é necessária para enquadrar um termo na estrutura da área especializada a que pertence. Esse trabalho puramente é o que chamamos de ‘definição terminológica’. Esse ponto de vista converge com outras perspectivas abordadas quando verificamos que este trabalho requer atenção especial para o conceito de uma determinada unidade e enquadrá-lo num determinado domínio do conhecimento.

De acordo com o autor, há algumas regras para a formulação de uma DT que são herança da perspectiva lógico-filosófica de Aristóteles. Algumas regras estão no nível metodológico e utilizam abordagens mais analíticas. Outras se preocupam com a

²² “..é uma descrição linguística de um conceito, baseada na listagem de uma série de características, que transmite o significado do conceito”.

expressão, prescrevendo o que deve ou não ser considerado ao formular uma DT, como não utilizar expressões na negativa ou usar linguagem figurada.

Larivière (1996, p. 409) explica que o conceito é a base do processo terminológico. Dessa forma, a autora apresenta que o conceito “*se définit comme une représentation mentale d'un référent (ou chose) dénommée par un terme et explicitée, à la fois, par la place qu'il occupe au sein d'un système organisé de relations et par une définition*”²³. Nesse sentido, a DT se propõe a caracterizar, ou melhor, delimitar e distinguir um conceito de outros conceitos, representado por um termo que pertence a um sistema conceitual organizado.

Isso posto, Larivière (Id. p. 410) explica que uma DT, por se definir pela sua finalidade e não pela sua forma, adotará várias formulações quanto à sua estrutura e quanto a sua composição. Em relação a sua estrutura ela pode ser uma definição genérica, partitiva ou categórica. Em relação a sua composição, no entanto, pode ser uma definição lexical, conceitual ou referencial.

Na visão de Pearson (1998), a DT é retirada de contextos. A autora explora a possibilidade de recuperação de definições a partir de *corpora* para ajudar a elaboração das definições baseadas em contextos reais retirados de textos.

Ao analisar o dicionário *Cobuild Collins Cobuild English Language Dictionary*, considera que, embora a Lexicografia e a Terminografia sejam áreas distintas, há contribuições mútuas que podem ser utilizadas. Dessa forma, conclui que a estrutura de uma definição corresponde à fórmula: um x é um y + características distintivas, sendo 'y' um termo hiperônimo (Ibid., p. 104), ou seja, sentenças onde o termo e a sua definição são constituídos por uma só frase e que se encontram em textos predominantemente informativos.

Finatto (1998) já nos explicava que a DT possui papel elementar na comunicação especializada. Entretanto, a importância de tal função é proporcional às dificuldades encontradas em seu estudo, pois exigem conhecimento dos diferentes fatores e condições que perpassam sua formulação. A autora traz experiência com definição ao participar do grupo para a elaboração de um dicionário de terminologia jurídico-ambiental (KRIEGER *et al*, 1998). Ao elaborar as definições para a obra, é verificado em que medida essa

23 “...é definido como uma representação mental de um referente (ou coisa) denominado por um termo e explicado, tanto pelo lugar que ocupa dentro de um sistema organizado de relações quanto por uma definição”.

definição pode constituir ponto de confluência entre a definição lexicográfica e a enciclopédica. Essa abordagem se fundamenta na ideia de Alain Rey (1995, p.42) sobre um possível entrelaçamento entre a definição lexicográfica e a descrição enciclopédica.

Essa perspectiva estabelece que a implementação de elementos lexicográficos e enciclopédicos na DT desempenha um papel de maneira bastante interessante, visto que oferece muitas informações relevantes e úteis para o usuário da obra terminográfica. Entretanto, é recomendável verificar questões sobre as características do termo e a natureza da ciência. Essas informações podem não ter êxito de uma forma padronizada no trabalho terminográfico.

A DT, bem como lembra Balestero *et. al.* (2019, p. 5), pode ser vista por várias abordagens teórico-metodológicas. E já lembramos de Saussure que nos ensina que o ponto de vista constrói um objeto. Além das várias abordagens, a elaboração de uma definição é um trabalho complexo e que requer rigor. Isso porque essa tarefa “perpassa diversos conhecimentos: o da área-objeto e de vários ramos da Linguística, tais como Terminologia, Semântica, Morfologia, Sintaxe e Linguística Textual”.

A visão que Balestero *et al.* (2019) trazem sobre a DT, ainda que em um domínio de especialidade bem diferente do nosso, é interessante para esta tese. O grupo de pesquisa desses autores propõe uma ontologia²⁴ bilíngue (inglês-português), com aproximadamente 800 conceitos da Agropecuária. O trabalho colaborativo entre terminólogos e especialistas da Agropecuária agrupa termos do campo “ambiente físico”, que mantêm entre si alguma relação. É interessante notarmos que, na elaboração da DT, nesse domínio de especialidade, não há necessariamente a hierárquica do tipo (“é um”), orientado pelo padrão canônico, ou seja, uso de um hiperônimo ou arquilexema.

Para a elaboração da DT para os termos que integram a obra/ontologia, foram utilizados cinco tipos de definição²⁵, a saber: 1) definição parafrástica substancial (29 ocorrências); 2) definição por gênero próximo e diferença específica (15 ocorrências); 3) definição por paráfrase sinonímica (4 ocorrências); 4) definição extensional (1 ocorrência); e 5) definição mista (1 ocorrência). Dados os modelos definitórios utilizados,

²⁴ O grupo emprega o termo “ontologia” em lugar de “estrutura conceitual”, mesmo tendo em conta que na área de Ciência da Informação o emprego do termo pressupõe um artefato tecnológico que possa ser organizado e recuperado de forma automática (Cf. BALESTERO; ALMEIDA; PIEROZZI JUNIOR, 2019, p. 04).

²⁵ Não foi possível apresentar a estrutura de todas as definições no texto desta tese. Sugerimos a leitura do artigo completo onde há a explicação da estrutura de cada uma das definições (Cf. BALESTERO, M. de S.; ALMEIDA, Gladis M. de B.; PIEROZZI JUNIOR, I. Quando o especialista de domínio e as novas tecnologias entram em cena: impactos na definição terminológica. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 1-27, jan./jul. 2019. ISSN: 1983-6988.)

o grupo observou que o modelo canônico (*gênero e diferença*) possui baixíssima ocorrência em relação à estrutura parafrástica substancial. Conforme discutem os autores, a definição parafrástica substancial se mostrou muito mais proveitosa, sendo o primeiro elemento da definição um descritor e não, necessariamente, um arquilexema.

Outra observação importante é que “o termo parece ter vida própria, pois muitas das fórmulas, regras, protocolos dos tipos definitórios não se encaixam para muitos casos que se parecem, a princípio, semelhantes” (Ibid., p. 23). Segundo os autores, “não é possível antecipar o tipo definitório que será utilizado: primeiro faz-se a definição, depois se observa a sua estrutura para ver se cabe em algum molde e então se descreve o processo” (Id. Ibid.).

A consideração sobre o termo “parecer ter vida própria” parece ser significativa, sobretudo, nas Ciências Humanas. Enquadrar um determinado modelo de definição em todos os sinais-termo parece não satisfatório, conforme apresentaremos no Capítulo 4. De acordo com a nossa experiência em criação de sinais-termo e organização dessas UTS em glossários, verificamos que essas unidades possuem trato diferenciado de acordo com a natureza do conceito.

Ao considerarmos o aspecto conceitual, no âmbito da História, há sinais-termo que tomam a forma de conceitos referentes a processos como *colonização* e *neocolonização*, e conceitos mais icônicos que dizem respeito a um fato histórico, como em *noite das garrafadas* e *dia do fisco*. Assim como na ontologia bilíngue em Almeida (et. al., 2019), cada sinal-termo se apresenta como um novo desafio. Isso significa que, para a elaboração de uma DT, é fundamental levar em consideração o caráter da área científica, técnica e tecnológica, as especificidades linguísticas da língua e a necessidade do público-alvo.

Na opinião de Finatto (2001a, p. 218), o discurso terminológico no âmbito do texto que expressa a definição deveria ser o mais monossêmico possível. Isso significa que o texto que expressa a DT deve evitar noções polissêmicas. Cada termo deverá corresponder a apenas um significado pontual, específico, considerando sua inserção em um sistema conceitual e linguístico. De acordo com a autora, “a formulação de uma definição terminológica é estreitamente relacionada a uma correspondência entre um plano linguístico e outro conceitual”. Em outras palavras, de acordo com o postulado da autora, na DT se trata de verbalizar uma categorização conceitual por meio da discriminação dos traços relevantes que a fixam.

Nesse sentido, Finatto (2001a) postula que os predicados verbais SERincl., SERqual, POSSUIR, FAZER, SERVIRpara e RESULTARde podem ser depreendidos dos textos

definitórios se consideramos essas categorias como uma predicação do termo que é o objeto da definição. A autora ressalta que essas categorias, apesar de passíveis de revisão, contribuíram para uma melhor organização e compreensão – pelo destinatário – da informação no texto definitório de um dicionário de terminologia jurídico-ambiental brasileira (KRIEGER et al., 2008).

Certamente uma das maiores contribuições da autora em relação à DT é a proposta de de uma nova metodologia analítico-descritiva para o enfoque da definição terminológica científica, via sistematização dos predicados associados a um item-termo. Para tal, a autora (2001b) examina diferentes formulações de definições dicionarizadas para termos da Química, em contraste com uma pequena amostra de definições de termos da Ciência Política, também coletados de dicionários especializados. A partir disso, sua pesquisa verificou que é importante o reconhecimento do enunciado definitório em relação a todo um *entorno de significação* das linguagens científicas. Isto é, haverá sempre algo além do gênero próximo e da diferença específica. Evidencia, assim, que a definição é um texto/enunciado multidimensional, com características que extrapolam os limites das categorias mais usuais ou tradicionais do *gênero próximo e diferença específica*.

O *entorno de significação* postulado pela autora, ao tratar dos “transbordamentos” da DT tradicional, inclui a identificação de valores e circunstâncias sócio-históricas da linguagem científica, isto é, elementos, valores e características dessa linguagem, além de elementos que vêm de sua terminologia. De acordo com seu postulado, o enunciado terminológico possui um primeiro segmento denominado **Significação Nuclear** atribuída ao termo, e um segundo segmento constituído por uma **Significação Circundante**. Tais segmentos formam um ambiente de significação que corresponde à DT.

Na opinião da autora, a categoria genérica ou simplificada prototípica da definição diz **o que uma coisa é**. Esse núcleo mais elementar é considerado a manifestação da ciência. Por outro lado, os atributos correspondentes à “coisa” são determinados como “índices da manifestação do sujeito-dicionarista-cientista” (Finatto, 2001, p. 158). Entretanto, o postulado de Finatto é conduzido a partir da consideração de “**o que se diz**” e “**como se diz**” (Ibid.) vistos em relação ao entorno de significação.

Para mais, o *entorno de significação* na concepção de Finatto (2001b) é destacado por algumas ordens básicas de características genéricas e particulares que, somadas, refletem sobre a constituição do significado de termos mais peculiares utilizados na linguagem de uma determinada ciência.

Outras contribuições para os estudos em DT podem ser encontradas em Krieger e

Finatto (2004, p. 172). Para as autoras, as condições textuais na formação de uma DT têm sua relevância. Essa importância é explicada ao considerar que o enunciado definatório surge da complexa combinação de uma série de fatores. Tais fatores são determinados pelas “necessidades de veiculação de uma determinada porção de conhecimento e o perfil epistemológico e textual da área de especialidade”. Para as autoras, a elaboração de um texto definatório exigirá sempre reflexão e revisões em função dos objetivos que se tenha.

As visões apresentadas até aqui são modelos ou propostas pré-existentes que se enquadram e justificam em um cenário de línguas orais escritas. Para encontrarmos um modelo eficiente e específico para Libras, será necessário estudarmos as visões da DT já existentes. Um modelo que seja eficiente em Libras, não só por se tratar de uma língua visoespacial, mas por ser uma língua minoritária, com menos material de apoio, com menos material autêntico das áreas de conhecimento produzido em língua de sinais (menos especialistas Surdos) etc., o que impacta, provavelmente, a metodologia utilizada em Libras. Ou seja, a diferença não é intrínseca às línguas, mas ao lugar que elas ocupam num dado contexto sócio-histórico-cultural. Assim, buscaremos aproveitar aquilo que contribuirá para a proposta de uma DTS, isolando os elementos que não se enquadram em uma língua de modalidade visoespacial.

2.4.A concepção de Definição para esta tese

Para iniciarmos a análise de um tipo de definição, no caso desta tese, a DT, não podemos deixar de lado a concepção filosófica. Nesse sentido, entendemos que a definição é uma prática que permeia a faculdade mental humana, a qual procura expressar a natureza das coisas ou se formula a sua essência.

Definir, a nosso entender, é estabelecer os limites existentes entre conceitos que pertencem a um mesmo domínio. Portanto, é explicitar as características comuns e as características que são distintas entre um conceito e outro. Já a definição é a apresentação do conceito por meio de uma paráfrase metalinguística, um enunciado que explana suas características comuns e as características distintas.

No âmbito da Terminologia/Terminografia, a definição procura selecionar as características de um determinado conceito através de uma paráfrase, seja ela em texto escrito ou sinalizado, apontando as informações necessárias e suficientes sobre um determinado termo pertencente a uma área científica, técnica ou tecnológica. Como vimos nas seções anteriores, há uma variedade de autores que explicam o que a DT é no âmbito das línguas orais escritas. Além de explicarem com bons argumentos as características de

uma definição em Terminologia, muitos apresentam orientações que devem ser seguidas para obtermos, geralmente, boas DTs.

No âmbito deste trabalho, portanto, a definição de um dado sinal-termo irá significar: o resultado do processo através do qual se seleciona as características dos conceitos utilizando sinais que descrevem, caracterizam, delimitam e expliquem esses conceitos que podem ser de natureza icônica, processual ou eventual de um sinal-termo, respeitando o caráter linguístico visoespacial.

Em relação à DT, pretendemos determinar qual o significado ao longo da pesquisa, mas não poderíamos fazer sem antes abordar um estudo detalhado sobre o assunto. Por fim, adotaremos o termo inaugural **Definição Terminológica Sinalizada** (DTS) para fazer a distinção entre a formulação de um enunciado definitório nas línguas orais escritas e das línguas de sinais.

2.5.A Definição na Libras: da acessibilidade da língua à acessibilidade do vocabulário definitório

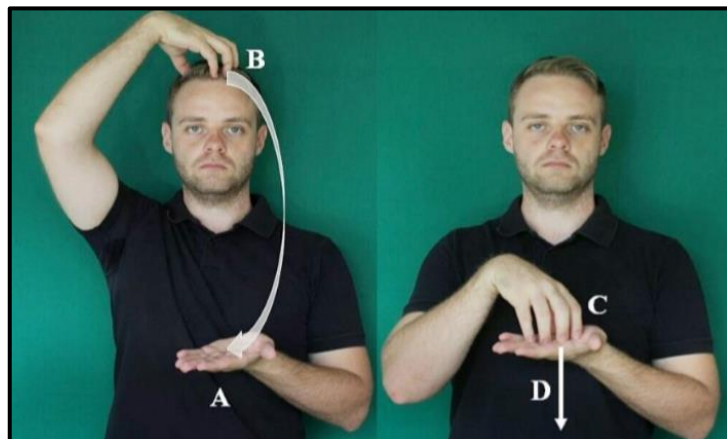
A elaboração de definições é, também, uma prática recorrente no trabalho terminográfico no âmbito das línguas de sinais. Nesse sentido, Tuxi (2017) explica que é pelo aspecto conceitual, ressignificado pelo interpretante, no caso o sujeito Surdo, que o sinal-termo correspondente ao termo no português se distingue pelo discurso inserido na linguagem comum ou de especialidade, ou seja, o conceito - ou sua representação linguística - está em relação interlinguística com a língua oral dominante.

Aqui é importante traçar uma fronteira entre termo e sinal-termo. Conforme apresentamos nas figuras 1 a 3 (5.2), um termo não corresponde a uma palavra do léxico comum. Entretanto, uma UL comum pode ganhar *status* de termo a depender do cenário comunicativo em que é empregado. Dada a relação estreita entre a Libras e o português, o sinal-termo corresponde a uma UT no português. Entretanto, a sua formação está condicionada ao conceito e ao contexto comunicativo em que será utilizado, conforme apresentamos em seções anteriores.

Isso posto, a autora defende a tese de que a constituição do sinal-termo ocorre a partir da captação das características estruturais da própria definição do objeto. O postulado de Tuxi (2017) é de que, a partir da significação pela definição, um novo signo linguístico é criado. Observamos, dessa forma, um indício de que o conhecimento do conceito estrutural e funcionalista do termo contribui para a formulação de uma DT para sinais-termo mais icônicos e menos icônicos. Podemos observar a relação icônica na

formação de um sinal-termo a partir da Unidade Terminológica Complexa Sinalizada (UTCS) postulado por mim (Felten, 2016), representada pela figura 6, a seguir.

Figura 6 – UTCS: *Abdicação*



Felten (2016, p. 111)

Conforme explei anteriormente (Felten, 2016, p. 111), na figura 6,

temos uma UTCS formada por três outras **Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS)**: COROA (B) e ENTREGA coroa (D). A Abdicação é entendida como a renúncia do governo imperial por D. Pedro I. Nesta UTCS aferimos que há uma composição dos elementos A e B para formar o C. À vista disso, a UTCS possui uma composição conceitual em que a base A possui valor +geral (genérico) do conceito; B significa A no sentido de tirar a Coroa; C reopera no conceito de AB de tal forma que constitui um significado apenas de Coroa tirada; D reopera no conceito de BC e fecha o conceito complexo. A direção “para frente” de D é que completa o conceito de renúncia, já que o ato de retirar a coroa não encerra o conceito, por isso, o elemento direcional é fundamental para a sequência de combinações na formação de UTCS. Grifo nosso.

A partir da descrição icônica apresentada pelo conceito de *Abdicação* na História do Brasil, percebemos que um novo signo é criado a partir da compreensão do significado da definição por parte dos Surdos (Tuxi, 2017). A iconicidade da Unidade Terminológica Sinalizada (UTS) apresentada na figura acima é evidente, pois se trata de uma iconicidade mental histórica que se vale de ícones característicos da monarquia como a coroa.

Nesse caminho, Tuxi (Ibid.) defende que sinais-termo que não têm uma representação quanto à forma e a imagem no mundo real, em sua formação, se recorre às suas marcas conceituais. Além disso, nem todos os termos possuem a mesma natureza. Isso quer dizer que, mesmo num mesmo domínio, como as Ciências Humanas, por exemplo, os sinais-termo correspondentes terão natureza icônica, processual, eventual,

entre outras, o que pode influenciar na formulação de sua definição.

Percebemos, então, que a acessibilidade terminológica na Libras tem se ampliado em termos teóricos e práticos. Teóricos, pois alcançamos postulados que explicam a formação dos sinais-termo por parte dos Surdos, conforme explica Tuxi (2017), além de nos valer das abordagens teóricas da Terminologia aplicadas à Libras. E práticos, uma vez que também temos obtido bons resultados com pesquisas que se dedicam em criar métodos para a elaboração de produtos terminográficos numa língua visoespacial.

A partir dessas considerações, devemos propor não só uma DTS que esteja adequada à Libras em termos teóricos e práticos, mas uma DTS que esteja acessível ao público-alvo cujo repertório lexical esteja no nível de conhecimento adequado. Dessa forma, proporcionamos não só uma boa DTS, mas uma DTS que seja mais facilmente compreensível na Libras, para os sinais-termo que ainda não possuem definição adequada, como é o caso de *Abdicação* (figura 6).

CAPÍTULO 3 - REVISANDO PADRÕES E ORIENTAÇÕES DA DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA EM OBRAS DE LIBRAS

Para dar continuidade à busca da estrutura de DTS, foi preciso rastrear os padrões e orientações da DT em obras de Libras. Nessa etapa, procuramos o “estado da arte” da nossa pesquisa. Dessa forma, neste capítulo, a partir dos fundamentos teóricos apresentados nos capítulos anteriores, buscamos saber como a definição é vista e tratada em pesquisas desenvolvidas em terminologia da Libras. Após a análise, apresentamos no final do capítulo, algumas considerações sobre a DT encontradas nas obras em Libras.

3.1. Padrões e orientações da DT em obras de Libras

A partir das particularidades a respeito dos três tipos de definição e suas propriedades apresentadas em seções anteriores (Cf. Seções 2.3.1; 2.3.2; 2.3.3), analisamos a manifestação desses tipos de definição em pesquisas desenvolvidas em terminologia na Libras. Para a nossa análise, escolhemos um *corpus* para identificar o padrão definitório privilegiado em Libras, assim selecionamos dez dissertações de mestrado e quatro teses de doutorado desenvolvidas em diversos Programas de Pós-Graduação, defendidas entre os anos de 2016 a 2019. Além dos trabalhos acadêmicos, selecionamos duas obras terminográficas impressas, o História em Libras: Pré-História à Idade Média e o Manual de libras para ciências: a célula e o corpo humano.

Para a análise, foi importante apresentarmos as seguintes informações: i) o objetivo da pesquisa; ii) o fator motivador para o seu desenvolvimento; iii) como foi a seleção de termos para compor o *corpus* do glossário proposto; iv) se houve o uso de algum modelo teórico em DT; e v) qual o tipo de definição, isto é, a lexicográfica, enciclopédica ou terminológica que os autores utilizam.

Nas subseções, a seguir, apresentaremos a análise das pesquisas selecionadas com o foco na definição.

3.1.1. Glossário Sistêmico Bilíngue Português-Libras de Termos da História do Brasil

Na obra proposta por mim (Felten, 2016), são coletados termos da História do Brasil das provas do Enem entre 2014 e 2015, e sistematizados para a criação de sinais-termo correspondentes, que representam conceitos e significados conforme os fundamentos das teorias lexicais e terminológicas. Foi escolhido o campo semântico relativo à História do Brasil para o estudo de conceitos, formação de sinais-termo já existentes e validação de novas

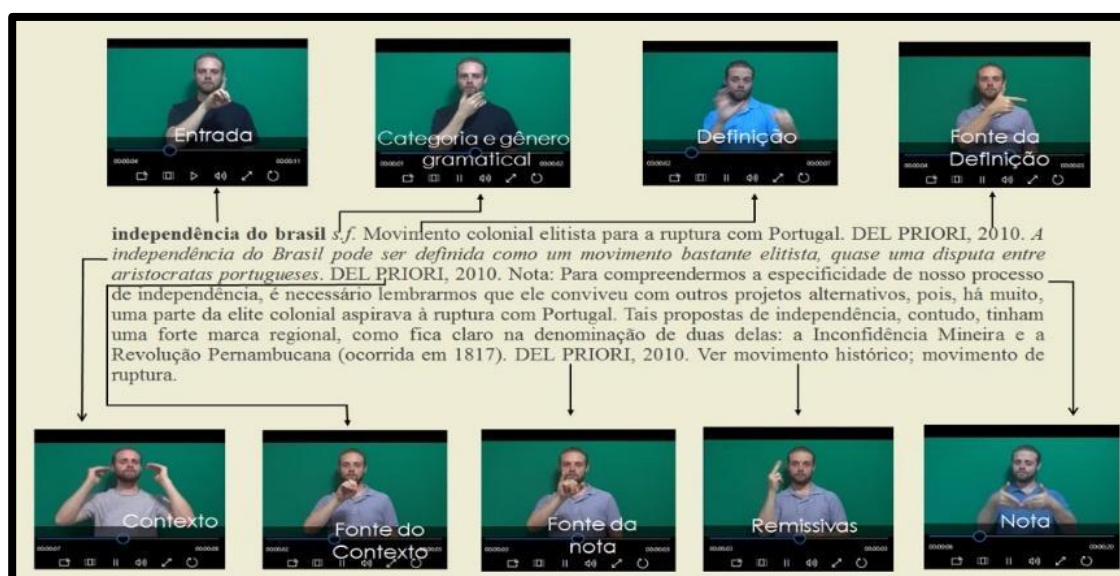
unidades lexicais, por ser uma área do conhecimento ainda não explorada. A obra é destinada a alunos Surdos matriculados no ensino médio. Nesse meu trabalho de 2016, para elaborar o glossário sistêmico bilíngue, utilizei a metodologia para a elaboração de definição proposto por Faulstich (2014). A autora propõe um modelo de definição lexicográfico e terminológico conhecido como modelo canônico e pragmático. Esse modelo tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*.

Isso posto, em Felten (2016) expliquei que foram necessárias adaptações para que o conteúdo abordado pela bibliografia se enquadre ao *o que é e para que serve?* (Faulstich, 2014). No caso da História do Brasil, adaptou-se para *o que foi e para que serviu?* os fatos e eventos históricos conforme a proposta da definição lexicográfica canônica.

No verbete em português, para contemplar os aspectos enciclopédicos e outras informações importantes que não cabem no modelo de definição canônico adotado, o autor utiliza o campo do verbete **nota** para enquadrar as informações dessa natureza. No que tange às Ciências Humanas, mais especificamente à História, esse campo do verbete, isto é, **nota**, fora uma estratégia metodológica fundamental, pois a redução do enunciado definitório pautado no modelo canônico e pragmático parece ser insuficiente para contemplar informações complementares que estejam de acordo com a natureza do campo de domínio e das necessidades linguísticas e extralinguísticas do consulente.

No verbete em Libras, o autor utiliza a tradução para todos os campos que o compõem, a fim de contemplar as duas línguas. O modelo de verbete proposto pelo autor está apresentado na figura 7, a seguir.

Figura 7 – Estrutura de verbete bilíngue proposto por Felten



Felten (2016, p. 123)

Esse modelo, conforme podemos observar, tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero* e *diferença*. Assim, onde inclui <<Movimento colonial elitista>> é o gênero próximo. E onde inclui <<para a ruptura com Portugal>> é a diferença específica.

Um das inovações trazidas pelo autor em sua obra, é o método sistêmico para obras em Libras. O intuito dessa organização é fornecer informações constantes acerca do termo, trabalho inerente à função do terminógrafo. Esse método se inicia ainda no preenchimento da ficha terminográfica e influência na elaboração da definição. O autor procurou contemplar os hiperônimos e os hipônimos utilizados na definição em remissivas, isto é, organizados em outras palavras-entrada e outro sinal-termo justamente para manter a relação semântica entre os itens remissivos. Para mais, defendo que as remissivas são úteis na elaboração de glossário técnico, uma vez que organizam de forma sistêmica a estrutura da obra.

Desse modo, eu utilizei o modelo canônico e pragmático pautado na estrutura clássica *gênero* e *diferença* para as definições tanto em LP, quanto na Libras. A seguir, apresentaremos a análise da definição de uma obra terminográfica no domínio da Nutrição.

3.1.2. *Terminografia da Língua Brasileira de Sinais: glossário de Nutrição*

A pesquisa desenvolvida por Rodrigues Cardoso (2017), propõe um glossário bilíngue Libras-Português em nutrição, representado por sinais-termo de repertórios lexicográficos já existentes na língua de sinais, mas que também são destinados a outras áreas afins. A autora esclarece que, para registrar e organizar o léxico de especialidade na área de Nutrição, a pesquisa não se empenhou em criar sinais-termo, mas fazer um levantamento de terminologias em Libras utilizados em outras áreas de especialidade como o domínio da Biologia.

Para definir os termos coletados, a autora contou com a parceria de especialistas na área de Nutrição que indicaram bibliografia de especialidade e com definições acessíveis. Além da consultoria, os nutricionistas contribuíram com os exemplos de uso dos sinais-terminos que estão descritos na ficha terminológica adotada para a pesquisa.

Rodrigues Cardoso utiliza, em sua ficha terminológica, dois campos interessantes sobre a definição dos termos. O primeiro deles é *Definição em português* e o segundo é *Estratégia para interpretação em Libras*. Para ilustrar, utilizamos um recorte da ficha terminológica utilizada pela autora no quadro 1 e 2, a seguir.

Quadro 1 – Recorte da ficha terminológica do termo *fibras* .

<i>Definição em português</i>	As fibras insolúveis, tais como a celulose, aumentam a capacidade de retenção de água do material não digerido, levando ao aumento do volume fecal, ao aumento da frequência de evacuações diárias e ao trânsito intestinal diminuído. Por outro lado, as fibras solúveis formam géis, desaceleram o tempo de trânsito gastrointestinal, ligam outros nutrientes, tais como colesterol e sais minerais, e diminuem a sua absorção. (KRAUSE, 2012, p. 40).
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Fibras ajudar intestino. Possível encontrar fibra dentro frutas, também cereais integrais: arroz, trigo, aveia. Ter fibras dentro legumes, verduras, também dentro feijões, lentilha, grão de bico, ervilha.

Rodrigues Cardoso (2017, p. 103)

Quadro 2 – Recorte da ficha terminológica de termo *insulina*

<i>Definição em português</i>	A insulina é um hormônio liberado das células do pâncreas que permite às células metabolizar e armazenar glicose e outros combustíveis. KRAUSE (2012, p.765).
<i>Estratégia para interpretação em Libras.</i>	Corpo humano produz natural insulina . Insulina controlar níveis açúcar corpo. Corpo usa açúcar dentro sangue porque ter energia, insulina é muito importante. Algumas pessoas ter diabetes, 'S-I' pâncreas problema produzir insulina, então precisa injetar insulina.

Rodrigues Cardoso (2017, p. 105)

É importante dizer que não tivemos acesso às definições dos termos *fibras* e *insulina* em Libras. A DT não está disponível em vídeo, apenas em registro em português escrito nas fichas terminológicas, conforme observamos nos quadros 1 e 2. Conforme os registros, a autora utiliza bibliografia especializada para elaborar as suas definições.

Dessa forma, segundo a nossa análise, as definições para os respectivos termos, tanto em português, quanto aquele descrito como estratégia para interpretação em Libras possuem caráter enciclopédico e extensionista. Outra informação interessante que podemos observar é que o sinal-termo é usado na construção da definição. Para mais, a autora não menciona nenhum modelo teórico sobre DT.

3.1.3. *Desenvolvimento de sinais em Libras para o ensino de Química Orgânica: um estudo de caso de uma escola de Linhares/ES*

A pesquisa desenvolvida por Pontara (2017) desenvolveu materiais pedagógicos como apostilas, modelos de avaliações, jogos e roteiros de aulas experimentais. Todos esses materiais, segundo a autora, são adaptados às necessidades dos alunos Surdos. Para mais, a autora explica que, ao fazer pesquisa bibliográfica para sua dissertação, não encontrou numerosos materiais como dicionários, livros e/ou artigos científicos que contemplem o Ensino de Química para Surdos.

Além dos materiais pedagógicos, a autora desenvolveu um glossário de sinais químicos. Esse material é destinado para auxiliar os intérpretes e alunos na compreensão dos materiais desenvolvidos. Para compor o vocabulário, os termos da Química foram coletados a partir de uma revisão bibliográfica em artigos científicos e dissertações cujo tema era o “ensino de Química para surdos” ou “materiais de Química adaptados para surdos” (Pontara, 2017, p. 75).

Os termos utilizados nos materiais didáticos e no glossário proposto surgiram por meio da explicação do conteúdo em sala de aula, debate sobre os termos fundamentais para a compreensão do conteúdo e, então, a melhor forma que os alunos usam para associar o sinal-termo ao seu significado.

No que diz respeito às definições, a pesquisa não esclarece a fonte das definições. Inferimos, a partir do relato sobre a criação dos sinais-termo, que as definições foram elaboradas a partir das discussões na sala de aula por meio do levantamento bibliográfico utilizado para a pesquisa. Apresentamos as definições utilizadas por Pontara (2017) conforme as figuras 8 e 9, a seguir.

Figura 8 – Definição para o termo *molécula*



Pontara (2017, p. 169)

Figura 9 – Definição para o termo *substância composta*

Substância Composta é aquela formada por mais de um tipo de elemento químico.

Sinais esquemáticos para substância-

Fonte: Saldanha, 2011

Pontara (2017, p. 170)

A partir das definições utilizadas para compor o glossário, observamos que a DT para os exemplos acima, possuem estrutura da definição lexicográfica. Além disso, há informações enciclopédicas como o uso de ilustrações. No mesmo verbete há a representação imagética do sinal-termo correspondente para *substância simples* e *substância composta*. Assim, observamos a distinção entre ambas substâncias químicas.

Nos chamou a atenção o fato de a definição “em Libras” utilizar a soletração com as configurações de mãos (CM) do alfabeto manual. O ideal seria que a definição estivesse em Libras registrado por meio de vídeo.

O uso da ilustração na definição nem sempre é considerado fundamental, na perspectiva de Couto (2003). Entretanto, o seu uso, no ponto de vista de Rondeau (1984, p. 84) serve apenas para integrar as definições. Já para Felber (1984, p. 164), as ilustrações são úteis pois ajudam a clarificar melhor as definições e, conseqüentemente, facilitam a sua compreensão. Bessé (1997, p. 70), por sua vez, defende que “*the terminographer can also use illustration in order to define*”, pois pode se deparar numa situação na qual a definição seja complexa. Assim, por meio da ilustração, pode compreender melhor o conceito do termo.

Por fim, a autora não utiliza em seu trabalho nenhum modelo teórico de DT. Além disso, a definição está apenas em língua portuguesa e possui a soletração por meio da representação

imagética das CMs do alfabeto manual da Libras.

3.1.4. *A importância da Terminologia para a atuação do TILSP: proposta de glossário de sinais-termo do Processo Judicial Eletrônico*

Inserido nos Estudos da Tradução, o trabalho realizado por Vale (2018) propôs um glossário de sinais-termo do Processo Judicial Eletrônico. A autora defende que o material terminográfico é uma ferramenta que auxilia o Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILSP) na formação de sua competência. Assim, ao longo de sua pesquisa levanta a discussão para a necessidade de uma formação terminológica para esse profissional no domínio jurídico.

Em relação ao *corpus* da obra, foram selecionados temas do Processo Judicial Eletrônico, sistema para consulta pública de processos. Em seguida, para a definição dos termos coletados, a autora justifica que os glossários jurídicos em língua portuguesa não se mostraram acessíveis ao público não especialista. Por essa razão, utilizou preferencialmente definições em outros meios como o Dicionário online e o Dicionário Houaiss (VALE, 2018, p. 73).

Para fins da organização do glossário, a autora utiliza como ferramenta metodológica o modelo de ficha terminológica proposta por Faulstich (2010). No campo da ficha destinado à definição, observamos que, embora não haja menção de nenhum modelo de DT, a estrutura utilizada por Vale é a lexicográfica. Esse tipo de definição podemos observar na ficha terminológica para o termo *Audiência de instrução e julgamento*, no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Ficha terminológica utilizada para *Audiência de instrução e julgamento*

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário de Termos do Processo Jurídico	
014	
1. Entrada	AUDIÊNCIA DE INSTRUÇÃO E JULGAMENTO
2. Categoria gramatical	Nome
3. Gênero	Masculino
4. Variante(s)	
5. Sinônimo(s)	
6. Área	Jurídica
7. Definição	Sessão solene que, ocorrendo num tribunal, tem o objetivo de julgar uma causa, ouvir as testemunhas, os advogados e/ou partes interessadas em sua resolução.
8. Fonte de constituição da definição	https://www.dicio.com.br/audiencia/
9. Contexto	Assim, a designação da audiência de instrução e julgamento sem observar o prazo legal para que a parte possa arrolar testemunhas, ou localizá-las para ouvir em audiência, cerceia o direito de defesa e nulifica os atos praticados
10. Fonte do contexto	http://www.tjdf.tjus.br/institucional/jurisprudencia/informativos/2004/informativo-de-jurisprudencia-n-o-75/designacao-audiencia-de-instrucao-e-julgamento-posterioridade-audiencia-de-conciliacao-inobservancia-prazo-legal-cerceamento-defesa
11. Remissiva	
12. Nota	Sessão para ouvir as partes.
13. Equivalente	
14. Autor	LMV
15. Redator	LMV
16. Data	29/01/2018

Vale (2018, p. 97)

Esse modelo de definição lexicográfica tem base no enunciado definitório clássico da língua oral escrita com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Assim, onde inclui <<Sessão solene>> é o gênero próximo. E onde inclui <<tem o objetivo de julgar uma causa, ouvir as testemunhas, os advogados e/ou partes interessadas em sua resolução>> é a diferença específica.

Analisaremos, a seguir, o modelo de definição utilizado no glossário bilíngue dos procedimentos de tradução em Língua de Sinais Brasileira.

3.1.5. *Proposta de glossário bilíngue: terminologia dos “procedimentos de tradução” em Língua de Sinais Brasileira*

Assim, como o glossário para os termos do Processo Jurídico Eletrônico, o glossário bilíngue dos procedimentos de tradução em LSB está no âmbito dos Estudos da Tradução. Embora tenha sido elaborado no mesmo Programa de Graduação, o glossário em questão está na área da Tradução e organiza a terminologia utilizada nos procedimentos de tradução.

O público alvo da obra são os usuários bilíngues, mais especificamente discentes Surdos e Não-Surdos da graduação em Letras Libras e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução ou áreas afins, bem como os Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais Brasileira – Língua

Portuguesa (TILSP).

Os termos foram selecionados do livro *Terminologia da Tradução* (Delisle *et al.*, 2013), de obras lexicográficas em Libras e da aula ministrada sobre os procedimentos de tradução na disciplina de Oficina de Tradução no segundo semestre de 2017 no PÓS-TRAD-UnB. Os sinais-termo correspondentes do português não encontrados, a autora propõe a criação de novas UTS.

Tomemos, portanto, por meio do quadro 4, um recorte da ficha terminológica utilizada pela autora. O fragmento é o que segue.

Quadro 4 – Recorte da ficha terminológica do termo *Procedimento de Tradução*

FICHA TERMINOLÓGICA	
Glossário Bilingue de Termos Estudos da Tradução	
015	
1. Entrada	Procedimento de tradução
2. Categoria gramatical	Substantivo
3. Gênero	Masculino
4. Variante(s)	
5. Sinônimo(s)	Procedimento de transferência
6. Área	Estudos da Tradução
7. Definição	<Procedimento de tradução>Procedimento de transferência linguística dos elementos de sentido do texto de partida aplicado pelo tradutor no momento em que este formula uma equivalência.
8. Fonte de constituição da definição	Terminologia da Tradução – 2013

Abati (2018, p. 114-115)

Para a criação de novos sinais-termos, Abati (2018) apresentou o conceito do termo por meio da explicação da definição procedente do verbete em português. Foi importante que a equipe composta por TILSP Surdos e Não-Surdos o reconhecimento da estrutura da definição do termo, característica verificada em todos os verbetes do glossário.

O modelo de enunciado definitório tem base no modelo clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Assim, onde inclui <<Procedimento de transferência linguística>> é o gênero próximo. E onde inclui <<dos elementos de sentido do texto de partida aplicado pelo tradutor no momento em que este formula uma equivalência>> é a diferença específica.

Isso posto, ao verificarmos a definição também em Libras percebemos que fora mantido o mesmo modelo do português, conforme observamos na ficha terminológica. Finalmente, Abati (2018, p. 67-68) utiliza a definição lexicográfica se fundamentando nos estudos de

modelo de definição apresentados por Pavel e Nolet (2002), pesquisadoras canadenses em Terminologia.

3.1.6. A dicionarização de termos da Apicultura em Libras

O material lexicográfico proposto por Marques (2018) foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande. O objetivo da pesquisa foi a produção de um dicionário bilíngue Português-Libras para a área da Apicultura. A relevância da pesquisa se justifica na carência deste material, tão significativo para acessibilidade comunicacional entre usuários da Libras.

Os *corpora* da obra foram selecionados a partir manuais de apicultura produzidos pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2007); pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2006); por Magalhães e Borges (2012), entre outros. Os sinais-termo correspondentes foram recolhidos de obras lexicográficas de Libras organizado pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul (2008); de Honora e Frizanco (2009); Capovilla e Raphael. (2012) e materiais da internet.

A autora propõe uma ficha terminológica para organizar as informações para o verbete. Podemos verificar a ficha utilizada na sua pesquisa, no quadro 5, a seguir.

Quadro 5 – Ficha terminológica para o termo *Apicultura*

SINAL- TERMO	APICULTURA
EXEMPLO DE REPRESENTAÇÃO DO SIGNIFICADO SINAL-TERMO	 <p>APICULTURA</p> <p>Fonte: http://www.sdr.pi.gov.br/camaras/apicultura/</p>
CONFIGURAÇÃO DE MÃO	 <p>40 02</p>
REPRESENTAÇÃO DA FORMA DO SINAL-TERMO	
DEFINIÇÃO DO TERMO	<p>S.f. Arte, ciência ou técnica de criar abelhas para produção de mel, cera, própolis ou outros derivados.</p> <p>Fonte: https://www.dicio.com.br/apicultura/</p>

Marques (2018, p. 48)

Conforme a análise do texto definitório descrito no campo da ficha “definição do termo”, a estrutura utilizada na obra é a definição lexicográfica. Esse modelo tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero* e *diferença*. Assim, onde se inclui <<Arte, ciência ou técnica de criar abelhas>> temos o gênero próximo. E onde inclui <<para produção de mel, cera, própolis ou outros derivados>> é a diferença específica. A autora não menciona modelos teóricos de DT. Entretanto, como réplica a definição proposta em outras obras lexicográficas e terminográficas, a estrutura a qual identificamos é a da definição lexicográfica.

Por fim, não encontramos a definição em Libras. Assim, inferimos que a única definição utilizada está em língua portuguesa. Para mais, Marques (2018) disponibiliza em sua dissertação as fichas terminológicas e não os verbetes. Assim, para melhor compreender o conceito do sinal-termo, é utilizado ilustrações. Por último, há a descrição das CMs utilizadas na produção da UTS e, então, a representação imagética do sinal-termo em Libras.



3.1.7. *Glossário em Libras: uma Proposta de Terminologia Pedagógica (Português-Libras) no Curso de Administração da UFPel*

O trabalho desenvolvido por Friedrich (2019) visa à construção de um glossário em Libras-Português, tendo como foco a produção de sinais-termo específico do curso de Administração, da UFPel. O trabalho desenvolvido pelo autor se justifica devido à falta lexical de termos no processo de tradução das aulas do curso de Administração na Universidade relatada pelos alunos Surdos, bem como para TILSP que sempre precisaram optar por outras estratégias de tradução como o uso da datilologia ou a combinação de sinais.

O critério utilizado pelo grupo de pesquisa composto por TILSP e Surdos foi o uso de termos mais utilizados durante as aulas. Assim, para a explicação dos termos, o grupo utilizou bibliografia especializada como a obra *Introdução à Teoria Geral de Administração* (Chiavenato, 2004) e o *dicionário de Administração e Negócios* (Duarte, 2011).

Em relação à definição, observamos, por meio do quadro 6, um recorte da ficha terminológica utilizada pelo autor. O fragmento é o que segue.

Quadro 6 – Ficha terminológica para o termo *Custo*

7. A – Termo: CUSTO	
Ficha de Léxico – Terminográfica – Glossário de Administração	
(1) Categoria: Administração	(2) Classe gramatical: Substantivo
(3) Definição em português: (1) Somatório dos valores aplicados na produção de um bem ou de um serviço. (2) Valor do produto sem a inclusão do lucro. (Fonte: Dicionário de Administração – autor DUARTE, 2011, pág.306).	
(3.a) Vídeo da definição em Libras no Youtube: https://youtu.be/NkMCIhxOmMI	(3.b) QR Code: 
(4) Utilização do termo em uma frase: Novo material reduz custo de célula combustível para gerar energia. Fonte: https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/novo-material-reduz-custo-de-celula-combustivel-para-gerar-energia/	
(4.a) Vídeo da Utilização do termo em uma frase, em Libras no Youtube: https://youtu.be/nFtRkFknBY	(4.b) QR Code: 

Friedrich (2019, p. 145)

Conforme a análise do texto definitório descrito no campo da ficha “definição do termo”, a estrutura utilizada na obra é a definição lexicográfica. Esse modelo tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero* e *diferença*. Assim, onde inclui <<Somatório dos valores>> é o gênero próximo. E onde inclui <<aplicados na produção de um bem ou de um serviço>> é a diferença específica, conforme a acepção (1). Em relação à acepção (2), onde inclui <<Valor do produto>> é o gênero próximo. E onde inclui <<sem a inclusão do lucro>> é a diferença específica.

No que concerne à definição em Libras, observamos que possui o mesmo modelo da definição em português. Isso se dá pelo fato da definição sinalizada ser uma tradução da definição em língua portuguesa. Essa análise foi possível, pois as definições dos sinais-termo estão disponíveis em *site* de plataforma gratuita de compartilhamento de vídeos, o que facilitou a nossa análise e favorece a democratização do conhecimento terminológico para usuários da Libras.

Em algumas outras definições, identificamos o uso da soletração como estratégia de tradução para algumas ULS referentes ao termo mais genéricos (hiperônimo) e outros mais específicos (hipônimos), ou seja, uma subclasse em relação ao hiperônimo (Faulstich, 2010, p. 180-183).

Por fim, o autor não menciona modelos teóricos de DT. Entretanto, como réplica a definição proposta em bibliografia especializada e obras terminográficas, a estrutura a qual identificamos é a lexicográfica.

3.1.8. O uso da Libras na Matemática do ensino fundamental: uma proposta de glossário

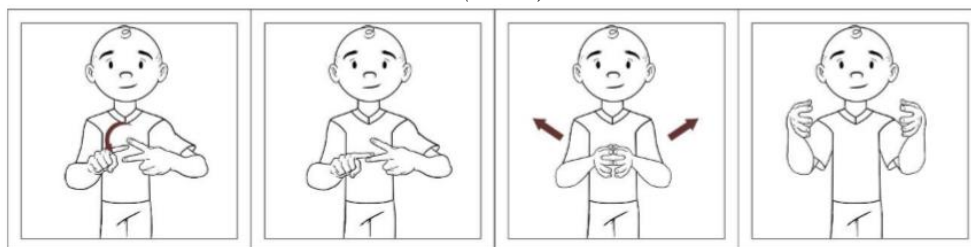
O trabalho desenvolvido por Atayde (2019), visa identificar os aspectos oriundos do processo de elaboração e utilização de um glossário de símbolos matemáticos, que busca auxiliar no ensino e aprendizagem dos alunos Surdos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do Distrito Federal, localizada no bairro de Planaltina.

Para a seleção do *corpus* para a obra, o autor criou uma Ficha de Verbete onde cada participante deveria listar os termos matemáticos que compõem o vocabulário da disciplina de seu ano. Os alunos foram orientados a usar como fonte de pesquisa seu livro didático e o conteúdo registrado nas aulas de Matemática. Após a recolha das Fichas preenchidas pelos alunos, foi possível levantar os termos relacionados aos sinais das operações matemáticas. Em seguida, foi feita a busca dos sinais em Libras correspondentes aos termos em português em sites, dicionários de Libras impressos, dicionários de Libras *online*, glossários de Matemática em Libras e aplicativos.

Feito o levantamento dos sinais-termo, o grupo de pesquisa se reuniu para discutir, a partir da explicação do conceito, se a UTS estaria de acordo para a ser incluída no glossário, ou se era necessário outro sinal-termo que, conforme a explicação do conceito, seria mais adequado. A substituição, quando necessária, era sugerida pelo grupo composto pelos alunos Surdos, professor pesquisador e TILSP.

É importante explicar que o glossário proposto por Atayde (2019) não possui definição dos sinais-termo. Isso significa que foi organizado um vocabulário de sinais-termo a partir da metodologia aplicada pelo pesquisador. Para compreendermos melhor, observamos as figuras 10 e 11, a seguir.

Figura 10 – Representação imagética do sinal-termo correspondente a *ângulo obtuso* ($>90^\circ$)



Atayde (2019, p. 67)

Figura 11 - – Representação imagética do sina-termo correspondente a *MMC*



Atayde (2019, p. 67)

Observamos, a partir dos exemplos acima, que o glossário em questão possui a representação imagética do que seria o sinal-termo. Aproveitamos, aqui, para reiterar a importância do registro de sinais-termo em vídeo, a fim de contemplar a modalidade linguística da Libras. Ademais, o autor não utiliza nenhum modelo teórico sobre DT.

Além disso, é interessante observar que o glossário proposto por Atayde (2019) possui orientação onomasiológica (Cf. Baldinger, 1966; Pottier, 1992; Jackson, 2002). Obras que possuem tal orientação partem do conceito para encontrar determinada palavra para o significado desse mesmo conceito.

Por último, é importante dizer que o percurso onomasiológico é útil para consulentes que sabem o que um determinado termo significa, mas procuram identificar seu correspondente em outra língua. Obras lexicográficas e terminográficas bilíngues e dicionários de sinônimos são exemplos de obras dessa natureza. No caso da obra analisada nesta seção, observamos que, a partir do conceito dos termos selecionados em português, se buscou, então, o sinal-termo (forma) adequada para conceito de *ângulo obtuso >90°* e *MMC*, por exemplo.

3.1.9. *O tradutor intérprete de Libras/Português (TILSP) como pesquisador orgânico da terminologia: proposta de glossário de sinais-termo da Economia*

O trabalho desenvolvido por Alfaia (2019), visou verificar se um glossário de sinais-termo da área da Economia beneficia a competência tradutória do TILSP. Para isso, a autora organiza um glossário de sinais-termo do domínio da Economia. A justificativa de sua pesquisa se fundamenta a partir da percepção da pesquisadora em sua prática em sala de aula enquanto TILSP, pensando nas dificuldades no momento da interpretação, devido à falta de léxico especializado neste domínio.

Para a seleção do *corpus*, a pesquisadora contou com o auxílio de professores de Economia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG/SAP), e coletaram, inicialmente,

53 termos a partir de pesquisa em bibliografia especializada. Para a seleção, o critério utilizado pela equipe foi coletar termos de uso comum em diversas disciplinas, níveis de ensino e contextos de negócios (Alfaia, 2019, p. 41). Em seguida, esses profissionais votaram, conforme a sua experiência prática e, dentre os 53 termos apontados, escolheram 20 que mereciam registro no glossário. Além disso, segundo a autora, foi reservado um espaço para sugestão de termos que os TILSP julgassem importantes e que gostariam que estivesse compilado no glossário. Assim, com os termos mais votados, a equipe elaborou um mapa conceitual dos 19 termos escolhidos por TILSP e economistas, e 1 que foi sugestão dos economistas que se preocuparam com a lógica conceitual relacionados entre os termos.

Em relação à definição (em anexo), observamos, por meio do quadro 7, a ficha terminológica utilizada pela autora.

Quadro 7 – Ficha terminológica do termo *Recessão*

Glossário de sinais-termo da Economia	
Ficha Terminológica: 008	
Entrada:	Recessão
Área:	Economia
Definição:	Um período de queda da renda real e aumento do desemprego.
Fonte da definição:	Livro: Introdução à Economia. Autor: N. Gregory Mankiw.
Remissiva:	Renda; Desemprego.
Contexto:	Estudo indica que recessão ainda afeta os mais pobres
Fonte do contexto:	https://www.valor.com.br/brasil/6333111/estudo-indica-que-recessao-ainda-afeta-os-mais-pobres
Data:	08.07.2019

Alfaia (2019, p. 138)

Conforme a análise do texto definitório descrito no campo da ficha “Definição”, identificamos que a estrutura utilizada na obra é a definição lexicográfica. Esse modelo tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero* e *diferença*. Assim, onde inclui <<um período>> é o gênero próximo. E onde inclui <<de queda da renda real e aumento do desemprego>> é a diferença específica, conforme a aceção (1).

Por fim, a autora não menciona modelos teóricos de DT. Entretanto, como réplica a definição proposta em bibliografia especializada, a estrutura a qual identificamos é a definição lexicográfica.

3.1.10. *Terminografia em Língua de Sinais Brasileira: proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente, em Mídia Digital*

O trabalho desenvolvido por Nascimento (2016), visou desenvolver um glossário ilustrado semibilíngue da área de Meio Ambiente. A obra terminográfica é idealizada para

estudantes Surdos dos anos finais do Ensino Fundamental – 6º ao 9º ano. Uma das justificativas apresentada pela autora é que, o material desenvolvido, respeita as idiossincrasias linguísticas dos Surdos ao tratar a Língua Portuguesa como L2, e por reconhecer a importância da terminologia em LSB como L1 dos Surdos. Além disso, o glossário é um recurso essencial no ensino e apreensão de conhecimentos adquiridos no âmbito escolar (Nascimento, 2016, p. 19).

Os termos para compor o glossário proposto foram coletados do conteúdo do jornal Folha de São Paulo da categoria denominada “Ciência”, que apresenta a subcategoria “Ambiente”. Os textos selecionados foram divulgados pelo Folha entre os dias 27 de novembro de 2012 e 4 de março de 2013.

Para a organização do verbete, Nascimento (2016) utiliza a ficha terminológica proposta por Faulstich (2010). Na ficha há o campo destinado para a elaboração da definição. Dessa forma, para as definições em português, foram utilizadas seis obras lexicográficas e terminográficas que incluem dicionários e glossários do Meio Ambiente, bem como dicionários de língua portuguesa.

Para a definição em Libras, a autora reformula o texto definitório retirado das seis obras lexicográficas de forma sistemática por meio de um processo metodológico. Essa redefinição pretende adequar a linguagem utilizada no enunciado definitório para o público Surdo.

Para isso, Nascimento (2016) utiliza a proposta de estrutura predicativa de Finatto (2001a) para a definição terminológica. Esse postulado propõe que os predicados “SERincl”, “SERqual”, “POSSUIR”, “FAZER”, “SERVIRpara” e “RESULTAR de” poderiam ser depreendidos das definições terminológicas e, com isso, teríamos um apoio para a verificação e crítica das definições, o que favorece maior homogeneidade lógico-semântica (NASCIMENTO, 2016, p. 98). Entretanto, a autora critica a ausência de explicações mais detalhadas sobre os predicados supracitados, o que dificulta a reestruturação das definições a partir das categorias verbais.

Assim, Nascimento aproveita uma lacuna, em tese, deixada por Finatto quanto a um aspecto e propõe uma reestruturação da definição. Isso é feito a partir de sua compreensão sobre as categorias verbais propostas por Finatto (2001a). Conforme a autora, “os predicados SERincl, SERqual, POSSUIR, FAZER, SERVIRpara e RESULTARde foram o caminho encontrado por nós para dar maior uniformidade aos verbetes. Estes são utilizados para definir os limites de um conceito terminológico” (Nascimento, 2016, p. 99).

Para aprofundar a reformulação da definição, Nascimento propõe uma ficha de reformulação em português na qual apresenta o termo, a definição original retirada de

bibliografia especializada e a decomposição da definição. A ficha utilizada pela autora é a que segue:

Quadro 8 – Modelo de ficha de reformulação de definição

Número da ficha: 8	
Termo: alga	
Definição original: Planta aquática cujo <i>habitat</i> são os mares, rios ou lagos e pode ter dimensões extremamente variadas, de tamanho microscópico até centenas de metros. Pode permanecer fixa às rochas ou se localizar em meio ao plâncton... Além de servirem de abrigo e alimento para os animais marinhos e para o ser humano, as algas também são importantes filtros das águas do mar. (DIMA)	
Decomposição da definição	
SER incl	Planta aquática.
SER qual	Dimensões extremamente variadas, de tamanho microscópico até centenas de metros.
POSSUIR	
FAZER	
SERVIR para	Abrigo e alimento para os animais marinhos e para o ser humano, filtrar as águas do mar.
RESULTAR de	
Definição reformulada: Planta aquática com tamanho variado que serve de proteção e alimento para os animais do mar e para as pessoas.	

Nascimento (2016, p. 99)

Como podemos observar, no campo **Definição reformulada**, a autora inaugura, assim, uma metodologia para a elaboração de texto definitório com linguagem mais simples em língua portuguesa para que se torne mais acessível para o público Surdo. Isso respeita a faixa etária e as informações específicas para os alunos Surdos do Ensino Fundamental II, público-alvo do glossário proposto.

Conforme a análise do texto definitório descrito no campo da ficha “Definição reformulada”, vemos que se baseia no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero* e *diferença*. Assim, onde inclui <<Planta aquática>> é o gênero próximo. E onde inclui <<com tamanho variado que serve de proteção e alimento para os animais do mar e para as pessoas>> é a diferença específica.

Por fim, observamos, a partir da análise da Definição reformulada para o público Surdo proposto por Nascimento (2016), se mantém a concepção de uma definição com informações necessárias e suficientes quer na perspectiva lógica, quer na perspectiva linguística das categorias *gênero* e *diferença* (Finatto, 2003). Vale dizer que não analisamos a definição em Libras, pois não estão disponíveis definições. Por essa razão, a análise foi feita por meio das informações encontradas na ficha de reformulação de definição criada pela autora.

Outras duas pesquisas utilizam o método elaborado por Nascimento em seus trabalhos

em Libras. Falaremos, a seguir, de cada uma dessas investigações.

3.1.11. *A Terminologia na LSB: proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*

O trabalho desenvolvido por Tuxi (2017), visou criar uma proposta de organização e registro de glossário bilíngue Português-Libras de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico tendo como público-alvo o discente Surdo da Universidade de Brasília. A justificativa do trabalho desenvolvido se fundamenta na falta de sinais-termo técnico e administrativos do meio acadêmico numa Instituição de ensino que possui docentes e discentes Surdos.

Assim, a tese defendida por Tuxi é que a constituição do signo linguístico do sinal-termo em LSB tem base na abstração mental do conceito que o objeto representa na mente do interpretante, no caso o Surdo. Para isso, a hipótese utilizada pela autora é que o sinal-termo resulta da elaboração do conceito do termo, organizado pela estrutura da definição do objeto (Tuxi, 2017, p. 20).

Os termos para compor o glossário proposto foram coletados em espaços e momentos específicos, a saber: i) reunião do colegiado; ii) leitura dos formulários internos da área administrativa da UnB e iii) análise do guia do calouro (p. 128) publicados nos anos 2014, 2015 e 2016.

Para o glossário bilíngue de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico, Tuxi (2017) apresenta uma organização das definições dos sinais-termo em língua de sinais. A autora explica que essa etapa de organização da obra foi complexa, pois exige conhecimento nas duas línguas, ou seja, em português e em Libras. Para isso, Tuxi utiliza o modelo de ficha de reformulação de definição proposta por Nascimento (2016). Observamos, assim, que o modelo de reformulação da definição proposto por Tuxi tem base teórica no postulado de Finatto (2001), utilizado primeiramente por Nascimento (2016), a partir das categorias verbais sistematizadas. Dessa forma, Tuxi (2017, p. 144-145) explica que

em sinais, ‘O que é?’ caracteriza a representação do sinal que constitui o conceito maior do sinal-termo, marcado na base (morfema-base) ou o movimento que pode predicar a base. Neste trabalho, ‘o que é?’ pode ser marcado por: local, pessoa, grupo de área e documento”. Já as categorias estruturadas por COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ? PARA QUE SERVE? em sinais “significa a descrição do processo que estrutura o termo sob o ponto de vista do uso, como aparece no exemplo seguinte.

Para melhor esclarecer a reformulação da definição, apresentamos no quadro 9, a seguir, a ficha de reformulação de definição utilizada por Tuxi (2017).

Quadro 9 – Ficha de reformulação de definição adapt. por Nascimento (2016)

Número da ficha: 005	
Termo: aproveitamento de estudo.	
Definição original: Reconhecimento dos créditos de disciplina cursada na UnB e em outra instituição de ensino superior, mediante análise dos estudos realizados pelo aluno.	
Decomposição da definição	
O QUE É?	Documento.
COMO FUNCIONA? FAZ O QUÊ?	Analisar as disciplinas que algum aluno cursou na UnB ou em outra instituição de ensino superior, para aceitar ou não o lançamento de créditos.
Definição reformulada: Documento que analisa as disciplinas que o aluno estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não (TUXI, 2016).	
Remissivas: disciplina e crédito.	

Tuxi (2017, p. 145)

Conforme a análise do texto definitório descrito no campo da ficha “Definição reformulada”, tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Assim, onde inclui <<Documento>> é o gênero próximo. E onde inclui <<que analisa as disciplinas que o aluno estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não>> é a diferença específica.

Finalmente, ao analisarmos a definição já reformulada em Libras do sinal-termo correspondente a *aproveitamento de estudo* (Cf. Quadro 18) observamos que a autora segue a estrutura canônica por *gênero* e *diferença*, assim como a definição em português. Dessa forma, o trabalho que tentou, inicialmente, firmar um modelo de DT na Libras foi empreendido por Nascimento (2016) e utilizado como modelo metodológico de reformulação de definição, posteriormente, por Tuxi (2017) e D’azevedo (2019).

3.1.12. Terminologia da Matemática em Língua de Sinais Brasileira: proposta de glossário bilíngue Libras-Português

A pesquisa desenvolvida por D’Azevedo (2019) visou criar glossário terminológico bilíngue Libras-Português de termos matemáticos. A obra terminográfica desenvolvida é destinada aos alunos Surdos dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, pois o autor acredita que os sinais-termo podem auxiliá-los na compreensão e referência de conceitos por meio da Libras.

A coleta dos termos e das definições foi realizada por meio do levantamento em dicionários especializados de matemática e em livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD, a fim de identificar os termos do campo conceitual “equação”. Para mais, o *corpus* para compor o glossário de Matemática se

constitui, ainda, dos livros didáticos do 7º Ano do Ensino Fundamental à 1ª série do Ensino Médio, além de dicionários especializados em matemática.

Em relação à definição, D’Azevedo (2019) faz importantes ponderações. O autor apresenta algumas dificuldades em relação às definições no domínio da Matemática. De acordo com sua análise, é por meio do ensino de matemática na Educação Básica que os professores dessa disciplina fornecem definições adequadas aos alunos, a considerar o nível de conhecimento que possuem. O autor considera que esses profissionais devem ponderar que, conceitos mais complexos de matemática, tidos como elementares, devem ser ensinados de forma diferenciada para alunos da Educação Básica. Para D’Azevedo essa “diferenciação é crucial para o entendimento desses conceitos” (2019, p. 109).

Dado esse caráter didático diferenciado, o autor problematiza a questão das definições no domínio da matemática. Assim, a “definição é construção da relação biunívoca entre o termo e as características do que é descrito” (2019, p. 110). Para explicar essa relação biunívoca, o autor utiliza a definição de retângulo. Assim, “quando definimos *retângulo*, por exemplo, é necessário registrar os atributos do conceito do objeto descrito. Porém, definições como ‘figura geométrica formada por quatro lados’ é insuficiente para a total compreensão do termo” (Ibid.). Essa insuficiência definitiva relatada pelo autor se dá pela ausência de características distintivas em relação às outras figuras geométricas que também possuem a mesma quantidade de lados, como o caso do losango, por exemplo.

Dessa forma, para que haja precisão na representação do conceito, outros traços distintivos devem ser atribuídos às definições para se tornarem biunívocas com os termos relatados. Esses traços podem ser acrescentados no texto definitivo a fim de que *retângulo* seja mais delimitado. Assim, o autor sugere o acréscimo “cujos ângulos internos são congruentes” (Ibid.) na DT. Dados esses traços distintivos, o que diferencia essas figuras geométricas, isto é, *losango* de *retângulo*, é que losango é “formada por quatro lados congruentes” (Ibid.) (Grifo nosso).

Em relação à definição para losango em português escrito, a partir da perspectiva da acessibilidade textual, pode não ser adequada. Isso ocorre quando o público-alvo apresenta dúvidas quanto ao significado de “congruentes”. Para tornar o texto ainda mais acessível, seria interessante trocar a palavra “congruentes” por “iguais” ou “semelhantes”, por exemplo. Em Libras, por sua vez, essa definição seria a descrição por meio de ULS mais icônicas para explicar a relação de igualdade entre os quatro lados do losango.

Para sua obra, o autor faz a análise de definições encontradas em livros didáticos de Matemática. As definições selecionadas pelo autor são aquelas em destaque nas páginas dos

livros, como podemos observar pelas figuras 12 e 13, a seguir.

Figura 12 – Definição de *equação*

Equação é uma sentença matemática com sinal de igualdade (=) em que números desconhecidos são representados por letras, denominadas **incógnitas**.

Editora Moderna (2014, p. 134 *apud* D’Azevedo, 2019, p. 115)

Figura 13 – Definição de *equação*

Equação é uma sentença matemática expressa por uma igualdade em que há pelo menos uma letra que representa um número desconhecido, chamada **incógnita**.

Resolver uma equação é encontrar o valor desconhecido da incógnita, ou seja, obter a **solução** ou a **raiz** da equação. Em uma equação podemos destacar os seguintes elementos.

$$\begin{array}{ccc} \text{incógnita} & & \\ \underline{2x + 9} & = & \underline{81} \\ \text{1ª membro} & & \text{2ª membro} \end{array}$$

Veja alguns exemplos de equações.

$$x + 3 = 5$$

$$2a + b = 45$$

$$x^2 + 6 = -5x$$

Souza e Pataro (2015, p. 157 *apud* D’AZEVEDO, 2019, p. 115)

Para a elaboração das DT dos termos do domínio “equação”, o autor se baseia nos estudos de Pavel e Nolet (2002) e Bessé (1997) a respeito do conceito de definição e da estrutura de uma definição. Assim, D’Azevedo percebe lacunas no conteúdo das definições encontradas nos livros didáticos. As inadequações estão relacionadas a “falta de clareza e sistema de remissiva; texto definitório não apropriado ao público-alvo; erro conceitual e ausência de definição” (D’azevedo, 2019, p. 116-117). Devido à existência dessas inadequações, o autor aponta para a necessidade de ajuste dessas definições.

Para fazer os possíveis ajustes no texto definitório dos termos para o público Surdos, D’Azevedo problematiza a definição de *Incógnita* retirada do livro *Matemática nos dias de hoje, 7º Ano: na medida certa*. A definição para o termo é “A palavra incógnita significa desconhecida.” (Centurión; Jakubovic, 2015a, p. 99 *apud* D’azevedo, 2019, p. 124). Assim, “o conceito não é contemplado com precisão, pois só aborda a origem da palavra. Não é apresentado nem os usos na matemática nem o conceito dentro dessa disciplina” (Ibid.). Por essa razão, o autor procurou ajustar as definições para estarem mais adequadas ao público-alvo a que se destina o glossário de Matemática.

Para isso, D’Azevedo utiliza o modelo de ficha de reformulação de definição proposta por Nascimento (2016) com bases teóricas no postulado de Finatto (2001a).

Quadro 10 – Ficha de reformulação da definição proposta por Nascimento (2016)

FICHA DE REFORMULAÇÃO DA DEFINIÇÃO	
Número da ficha: 002	
Termo: constante	
Definição original:	
<p>“1 Valor que não muda. A noção de constante é utilizada em oposição a noção de varável.” (SÓ MATEMÁTICA, 2011, p. 37) “1 Valor que não muda quando é usado para o propósito específico para o qual foi definido. Geralmente é dada por um número, mas em alguns casos uma letra pode ser usada para indicar uma constante.” (TAPSON, 2012, p. 24)</p> <p>“Constant: A number that always has the same value. The opposite of variable.” (KLERK, 2009, p. 25)</p>	
Decomposição da definição:	
SER incl	Número.
SER qual	Que pode ser representado por uma letra.
POSSUIR	Valor fixo.
FAZER	
SERVIR para	
RESULTAR de	
Definição reformulada: Número, com valor fixo, que pode ser representado por uma letra.	

D’Azevedo (2019, p. 128)

Por meio da ficha de reformulação da definição, observamos que é utilizada para elaborar a definição original de três bibliografias de especialidade. Duas delas em português e outra em inglês. Verificamos, assim, que a acepção 1 retirada de Só Matemática (2011) se aproxima do modelo de definição lexicográfica. Já a acepção 2 (Tapson, 2012) possui caráter explicativo, portanto, mais enciclopédico. Já a terceira acepção (Klerk, 2009), assim como a acepção 1, possui caráter lexicográfico e apresenta distinção entre *constant* e *variable*.

Em relação ao texto definitório descrito no campo da ficha “Definição reformulada”, tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero* e *diferença*. Assim, onde inclui <<Número >> é o gênero próximo. E onde inclui <<com valor fixo, que pode ser representado por uma letra >> é a diferença específica.

Finalmente, ao analisarmos a definição já reformulada em Libras do sinal-termo correspondente a *constante* (em anexo), observamos que o autor segue a estrutura canônica por *gênero* e *diferença*, assim como a definição em português. Assim, o trabalho traz reflexões interessantes a respeito da definição reformulada, assim como iniciado em Nascimento (2016) e em Tuxi (2017). Outra contribuição de D’Azevedo em relação à definição terminológica em Libras é a reformulação da linguagem científica para o público-alvo, conforme apresentamos nesta seção.

3.1.13. Terminologia da Libras: coleta e registro de sinais-termo da área de Psicologia

A pesquisa desenvolvida por Martins (2018), visou um estudo em terminologia do domínio da Psicologia em Libras. A pesquisa em questão se justifica pela carência de registro e documentação dos sinais-termo dessa área, o que interfere na negociação de sentido e dos conceitos utilizados por diversos profissionais como docentes, psicólogos Surdos e Não-Surdos discentes, TILSP e discentes em Psicologia.

Em sua tese, a autora faz reflexões sobre obras terminológicas em Libras. A primeira reflexão trazida pela autora é que parte das obras Lexicográficas em Libras têm o objetivo de oferecer os seus conteúdos para os sujeitos que querem aprender Libras, por isso essas obras possuem o conteúdo predominantemente em língua portuguesa, para que o público interessado possa ler e aprender os sinais.

A segunda reflexão feita por Martins (2018, p. 173) é “a relação com as obras terminológicas em Libras é diferente, porque apresentam sinais dos termos das áreas de especialidades para que discentes Surdos, docentes, profissionais, tradutores/intérpretes de Libras, que convivem nas suas áreas especializadas, possam acessar e compreender os sinais dos termos”.

É por meio dos sinais-termo que o público-alvo é capaz de compreender a definição do conceito. Desse modo, Martins (Ibid.) defende que

é importante refletir sobre obras terminológicas em Libras, as quais os usuários acessam para compreender os sinais-termo: eles acessam as obras, consultam os sinais-termo e também compreendem as definições/conceitos em Libras, tendo uma melhor compreensão através da Libras.

Dada a importância da terminologia do domínio da Psicologia, a autora organiza um glossário de sinais-termo. Assim, o *corpus* fora selecionado do texto-base da disciplina Psicologia da Educação de Surdos (Dalcin, 2009) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A autora justifica que os termos em português foram selecionados desse material, pois são aqueles usados com mais frequência em aulas, palestras, reuniões e situações do cotidiano.

A fim de elaborar as definições a autora utilizou bibliografia de especialidade de Hermeto e Martins (2012) e Cabral e Nick (2012). Para os termos que não apresentaram definições ou conceitos que não ficaram claros, foi utilizada a página da Wikipédia como ferramenta de pesquisa, sendo esta a última opção, conforme explica a autora (Martins, 2018, p. 192). Para analisarmos as definições, apresentamos a ficha terminológica no quadro 11, a seguir, utilizada pela pesquisadora.

Quadro 11 – Fragmento da ficha terminológica para *Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)*

(1) Ficha Léxico – Terminográfica – Glossário da Psicologia	Número: 82. A
(2) Termo: Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC)	(3) Categoria: Transtorno psicológico e psiquiátrico
(4) Classe gramatical: Sigla	
(5) Definição em português: Indivíduo tem comportamentos considerados estranhos pela sociedade ou por si próprios; normalmente trata-se de ideias exageradas e irracionais de saúde, higiene, organização, perfeição ou manias e "rituais" que são incontroláveis ou dificilmente controláveis. (Wikipédia)	
(6) Utilização do termo em uma frase: Paciente foi buscar psicólogo para tratar, pois percebeu que tem mania de limpar as mãos no todo dia, mais de vinte vezes.	
(7) Fotos do sinal:	

Martins (2019, p. 578-579)

Conforme a análise do texto definitório descrito no campo da ficha “Definição em português”, verificamos que a definição utilizada pela autora possui caráter enciclopédico, pois reúne explicações mais didáticas e contextualizadas sobre o que o TOC é e como ele se manifesta num indivíduo. Esse modelo de definição é encontrado nos termos que a autora utiliza a Wikipédia como fonte. Entretanto, identificamos também o mesmo modelo, em definições retiradas de bibliografia de especialidade, conforme podemos observar num fragmento da ficha terminológica do termo Paranoia, conforme o quadro 12, a seguir.

Quadro 12 – Fragmento da ficha terminológica do termo *Paranoia*

(1) Ficha Léxico – Terminográfica – Glossário da Psicologia	Número: 49. E
(2) Termo: Paranoia	(3) Categoria: Sintoma psicológico e psiquiátrico
(4) Classe gramatical: substantivo	
(5) Definição em português: Caracterizada por delírios sistemáticos, mas sem demência, ou muito pouca. O delírio de grandeza ou o de perseguição e ciúme (um dos dois ou ambos) são as características mais salientes e as que o paciente defende com todas as aparências de lógica e razão em seus argumentos. (Cabral e Nick, 2006, p.233) As paranoias podem ser classificadas em três categorias principais: distúrbio paranóide de personalidade, distúrbio delirante paranóide e esquizofrenia paranóide.	
(6) Utilização do termo em uma frase: O paciente apresenta um quadro de paranoia.	
(7) Fotos do sinal:	

Martins (2018, p. 450)

Por outro lado, identificamos na definição de alguns termos em português e em Libras (em anexo) o modelo lexicográfico. Podemos verificar este modelo conforme o quadro 13, a seguir.

Quadro 13 – Fragmento da ficha terminológica para *Paciente*

(1) Ficha Léxico – Terminográfica – Glossário da Psicologia	Número: 48. A e B
(2) Termo: Paciente	(3) Categoria: Psicologia
(4) Classe gramatical: adjetivo e substantivo	
(5) Definição em português: Pessoa que está sob cuidados médicos, psicólogos, áreas de saúde e recebe tratamentos.	
(6) Utilização do termo em uma frase: Hoje psicólogo vai atender pacientes, a maioria deles apresenta depressão.	

Martins (2018, p. 447)

Verificamos, assim, que a definição elaborada para o termo paciente em português tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Assim, onde inclui <<Pessoa >> é o gênero próximo. E onde inclui <<que está sob cuidados médicos, psicológicos, áreas de saúde e recebe tratamentos >> é a diferença específica. Todavia, o verbete para o termo correspondente a *paciente* em Libras não está disponível no glossário²⁶. Por isso, não foi possível fazer a análise da definição deste termo em Libras.

Por fim, verificamos que a pesquisa em questão contribui com reflexões importantes no que diz respeito à importância da definição dos conceitos de termos da Psicologia para diferentes públicos. Além disso, percebemos que há mais de um modelo de DT empregada no glossário. A existência desses dois modelos de definição se dá, conforme a nossa compreensão, por dois motivos. O primeiro deles é a tipologia, isto é, se o termo possui um conceito gramatical, uma função ou um fenômeno, por exemplo. Já o segundo é em relação ao público-alvo. Este último determina quais os traços suficientes e necessários uma definição pode ter, bem como o repertório lexical que deve ser utilizado para elaborar a paráfrase definitória seja no português ou na Libras.

3.1.14. *Estudo terminológico em Língua de Sinais: glossário multilíngue de sinais-termo na área de Nutrição e Alimentação*

O estudo desenvolvido por Andrade (2019) visou a produção de um glossário multilíngue na área de nutrição e alimentação, em três línguas de sinais: a brasileira Libras, a *American Sign Language* (ASL) e a *Langue des Signes Française* (LSF). A pesquisa se justifica na expansão do Empoderamento Surdo nas últimas décadas que inclui seu acesso à educação

²⁶ Parte dos termos estão organizados em glossário de Libras disponíveis em <http://www.glossario.libras.ufsc.br/psicologia>.

em diversas áreas. Por essa razão, torna-se importante o trabalho de dicionarização e registro do crescente vocabulário disponível em Libras, baseado em teorias lexicográficas e terminológicas consistentes para a perspectiva tradutória da língua de sinais.

Para compor o *corpus* do glossário de Nutrição, a autora utilizou três passos. O primeiro foi a recolha dos termos mais recorrentes em português disponíveis em textos e vídeos presentes na internet sobre alimentação e saúde e no Glossário temático: alimentação e nutrição - 2ª edição (2013). O segundo passo foi a recolha dos sinais-termo correspondentes em dicionários de nutrição, biologia e química *on-line* em Libras como o Dicionário de Libras – Palavras e Termos da Biologia, promovido pelo Grupo de Estudos de Pequenas Empresas e Empreendedorismo (EPEEM); no mini glossário terminográfico em nutrição GLOSSNUTRI – Glossário de Nutrição em Libras (Cardoso, 2017); no Glossário de Biociência em Libras, produzido pelo Instituto de Bioquímica médica da UFRJ (IBqM) e coordenado desde 2005 pela Dra. Vivian Rumjanek; no Dicionário da Língua Brasileira de Sinais (INES; versão 3, 2011); no Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. (Capovilla; Raphael, 2013).

Em seguida, a autora seleciona os sinais-termo em língua de sinais estrangeira. Primeiramente ela seleciona os sinais-termo na ASL, nos dicionários *on-line American Sign Language Dictionary* e *Signing Savvy*, além de vídeos disponíveis em plataforma online de compartilhamento de vídeos. Em segundo lugar, houve a seleção dos sinais-termo correspondentes na LSF nos dicionários online *Sematos.eu* e *Elix Dictionnaire*. A autora fez o levantamento de sinais-termo em língua de sinais estrangeiras por meio do *Spread the Sign*, uma plataforma *online*, produto do Centro Europeu de Língua de Sinais, que possui mais de 300.000 vídeos com várias línguas de sinais do mundo. O terceiro passo foi a coleta dos sinais-termo na Comunidade Surda. A autora buscou os sinais correspondentes entre os usuários Surdos de Libras.

Com relação à elaboração da definição dos termos, foi feita uma pesquisa do conceito e definição dos termos em português, referentes aos sinais-termo na área de nutrição e alimentação. A autora explica que alguns termos não possuíam uma descrição nas principais obras lexicográficas consultadas, que incluem dicionários de língua comum e glossários especializados. Dessa forma, foi necessária uma pesquisa em sites e blogs de nutrição, biologia e medicina.

Para sistematizar os sinais-termo e criar os verbetes do glossário, Andrade (2019) utiliza o modelo de ficha terminológica com adaptações propostas por Douettes (2015). É interessante observarmos que na ficha terminológica há a definição em português escrito e

QR-Code para acesso da definição em Libras. Para a nossa análise, apresentamos, por meio do quadro 14, as definições utilizadas pela autora.

Quadro 14 – Fragmento da ficha terminológica de *Cogumelos*

ORDEM: 98	ENTRADA: Cogumelo / Mushroom / Champignon		
DEFINIÇÃO	Os cogumelos são uma forma comum de fungo que cresce em todo o mundo. Eles se desenvolvem em bosques ou em áreas recobertas de grama em que haja muita umidade. Alguns tipos de cogumelo são consumidos como alimento, mas outros são tóxicos. Os cogumelos variam em suas cores e formas.		
LIBRAS			Variante
		X	
CM1	CM2	 ASL	 LSF
			

Andrade (2019, p. 298)

A partir da ficha terminológica disponível em sua tese, foi possível empreender a análise da definição utilizada na obra. No caso do termo *Cogumelos*, observamos que a definição utilizada por Andrade (2019) possui caráter enciclopédico. Isso porque há informações mais didáticas no texto. Além disso, encontramos informações sobre onde encontramos os cogumelos e a diferença de tipos desse fungo.

Por outro lado, identificamos na definição de alguns termos em português, o modelo lexicográfico. Podemos verificar este modelo segundo o quadro 15, a seguir.

Quadro 15 – Fragmento da ficha terminológica do termo *Alimentação*

ORDEM: 2	ENTRADA: Alimentação / Food / Alimentation		
DEFINIÇÃO	Processo biológico e cultural que se traduz na escolha, preparação e consumo de um ou vários alimentos.		
LIBRAS			Variante
		X	

Andrade (2019, p. 128)

Verificamos, assim, que a definição elaborada para o termo paciente em português

tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Assim, onde inclui <<Processo biológico e cultural >> é o gênero próximo. E onde inclui <<que se traduz na escolha, preparação e consumo de um ou vários alimentos>> é a diferença específica.

Além da definição enciclopédica e a lexicográfica, encontramos, ainda, uma que possui característica terminológica e extensionista. Esse tipo de definição, segundo Bessé (1997, p. 68), “*enumerates all objects to which the concept applies*”. Vale dizer, ainda, que a autora não utiliza um modelo teórico sobre DT.

Por fim, verificamos que a pesquisa em questão contribui com o conhecimento terminológico e terminográfico, sobretudo na organização de uma obra trilingue. Além disso, verificamos três modelos de definição na obra. Isso demonstra a necessidade dos estudos em DT na Libras.

3.1.15. História em Libras: Pré-História a Idade Média

A obra proposta por Rosa (2018), tem o objetivo de servir como ferramenta didática bilíngue para os estudantes Surdos, professores de alunos Surdos, TILSP, e para aqueles que estejam interessados em ampliar seu vocabulário. A estrutura do livro, conforme a autora, é simples: há o termo e significado em português, uma imagem representativa, o sinal-termo (em Libras) e o QRCode para acesso aos recursos midiáticos, conforme podemos observar na figura 14, a seguir.

Figura 14 – Verbete para *Guerra dos 100 anos*

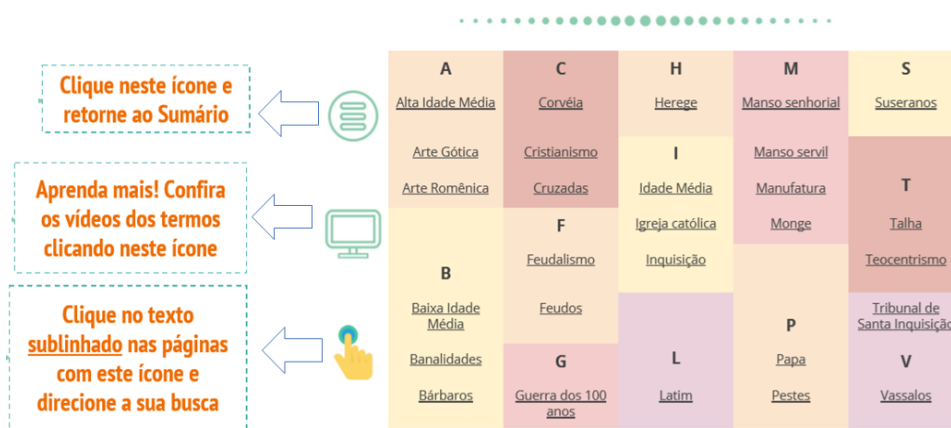


Rosa (2018, p. 71)

Essa obra nos chamou a atenção pelo fato de se estruturar numa proposta interessante de material didático de caráter enciclopédico. A estrutura do *e-book* está em português escrito e possui informações sobre o termo, conforme observamos na figura acima, seguida da ilustração e da sequência imagética do sinal-termo correspondente.

Além do *e-book*, o material conta com vídeos (anexo ao material analisado) que contém os sinais-termo, a ilustração e a definição do termo em Libras. Para orientar o consulente, a obra possui um esquema de consulta com ícones que direcionam a pesquisa. O esquema é ilustrado pela Figura 15, a seguir.

Figura 15 – Esquema de consulta da obra História em Libras



Adapt. de Rosa (2018, p. 63)

Em relação à definição, observamos que sua estrutura possui traços enciclopédicos, pois oferece ao consulente informações de cunho didático. Além das informações cuja função é pedagógica, a definição, tanto em português escrito, quanto em Libras, descreve o conceito com informações consideradas relevantes e irrelevantes sobre a *Guerra dos 100 anos*. Isso porque, a definição enciclopédica pode acumular traços característicos, mas não pertinentes (Rey, 1979). No caso desta obra, a definição possui a descrição que vai além do que foi (*gênero próximo*) e para que serviu (*diferença específica*) a *Guerra dos 100 anos*. Por esse motivo, percebemos que essa definição possui datas e nomes que são informações mais descritivas sobre o evento histórico, se caracterizando, portanto, mais enciclopédico.

Por fim, embora a proposta do material seja inovadora em termos de junção das informações em português escrito e em Libras, o conteúdo, sobretudo na língua de sinais, requer revisão e um norte no quesito definição e estrutura do verbete. Essa revisão pode auxiliar, por exemplo, em regras sobre a elaboração da DT e quanto aos campos dos verbetes que podem constituir a microestrutura da obra conforme as necessidades do público-alvo. Além disso, conhecer orientações de cunho teórico, por exemplo, as diferenças essenciais

entre definição lexical, enciclopédica e terminológica podem melhorar, ainda mais, a qualidade da obra.

Essas questões de cunho teórico-metodológico apontam para a necessidade de iniciativas como essa precisam ser construídas a partir do respaldo de um modelo adequado e eficiente em Libras. Esse respaldo pretendemos oferecer com o trabalho desta tese.

3.1.16. Manual de Libras para ciências: a Célula e o Corpo Humano

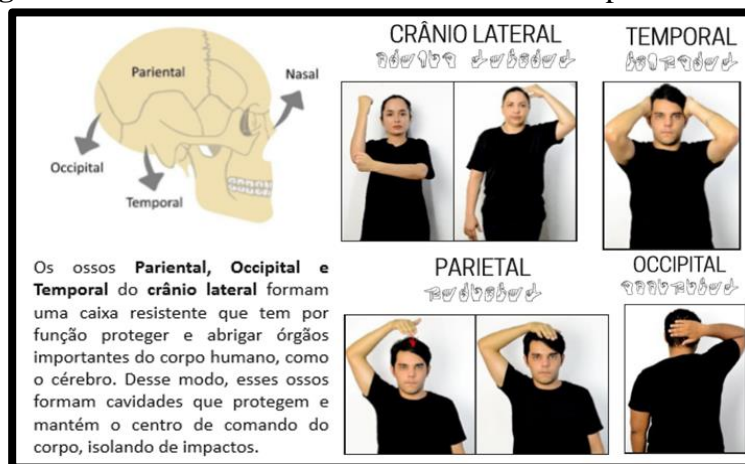
O Manual de Libras para Ciências foi pensado para como forma de suprir a inexistência de recursos didáticos da esfera das Ciências Naturais voltados para a educação de Surdos. Mais uma vez, uma iniciativa para tentar preencher lacunas para a Comunidade Surda.

Dentre as barreiras encontradas em sala de aula, apresentadas pelos organizadores da obra, estão o despreparo de professores, a falta de TILSP na sala de aula e a transmissão de conteúdo sem contextualização, sobretudo devido à inexistência de sinais-termo já estabelecidos dessa área.

Por essa razão, este manual de Ciências, visa criar sinais-termo correspondentes aos termos de Ciências em português que não existem. A partir disso, está a intenção de melhorar o ensino e a aprendizagem neste campo do conhecimento. Além disso, conforme os autores, o manual é de extrema importância não só para os Surdos, mas também para os profissionais que atuam na educação de Surdos, como os professores, os TILSP e instrutores de Libras.

Em relação à obra, observamos que o conteúdo é dividido em capítulos temáticos como “células”, “ossos”, “tecidos”, etc., e a microestrutura, como no trabalho anterior, possui traços enciclopédicos. Na figura 16, a seguir, podemos verificar como estão organizadas as informações microestruturais da obra. Vejamos:

Figura 16 – Microestrutura do Manual de Libras para Ciências



Manual de Libras para Ciências (2019, p. 23)

Em relação à definição em português escrito, conforme podemos observar por meio da figura 16, é, novamente, de natureza enciclopédica. Esse traço marcante se dá devido ao conteúdo da informação apresentada na obra. Os textos possuem explicações detalhadas sobre temas abordados pelo domínio do corpo humano. Nesse sentido, os termos em destaque no texto não possuem significados. O que se tem, na verdade, é um conteúdo informativo sobre a função dos ossos do crânio. É comum encontrarmos esse tipo de conhecimento apresentação de verbetes em enciclopédias e dicionários enciclopédicos.

No que se refere à Libras, o Manual contém os sinais-termo correspondentes recorrendo às imagens. Já explicamos, em outros momentos, que essas imagens não correspondem aos sinais, por se excluírem alguns parâmetros fonológicos, como o movimento do sinal, considerados fundamentais. Além disso, não respeita a modalidade visoespacial da Libras. Nesse sentido, orientamos que o ideal são os sinais-termo registrados em vídeo, a fim de contemplar as especificidades da língua de sinais.

Outra observação importante é que a definição de caráter enciclopédico não está registrado em Libras, apenas em português escrito. Em outras ocasiões, explicamos que a língua portuguesa é a L2 dos Surdos. Isso significa a importância da modalidade escrita do português como forma de apreender conhecimento. Entretanto, por questões não só políticas, é fundamental que tais conteúdos estejam em Libras com o interesse em oferecer conhecimento científico, técnico ou tecnológico de forma adequada e eficiente em L1.

Em suma, o “Manual de Libras para Ciências” é, sem dúvidas, uma importante ferramenta capaz de proporcionar conhecimento no domínio do corpo humano para Surdos. Isso é incontestável. Contudo, este material, como o antes apresentado, da área de História, deve passar por uma revisão quanto aos elementos da estrutura e conteúdo, visando tornar ainda mais eficiente para o público-alvo.

Mais uma vez, vemos que as iniciativas de construir obras para a comunidade surda, embora meritórias, parecem carecer de um respaldo em termos de método e em termos de reflexão sobre o fazer terminológico e terminográfico de e para Libras. Dessa forma, reiteramos que este projeto pretende oferecer um conhecimento teórico e metodológico capaz de orientar, em termos de estrutura e conteúdo, tanto a DT quanto a DTS presentes nesses materiais.

3.2.Considerações preliminares sobre a DT nas obras analisadas

Após a análise das DT feita nos dezesseis trabalhos em sobre terminologias da Libras, é possível fazer algumas constatações. Antes de apresentarmos as nossas verificações, é

importante conhecermos algumas regras em relação ao que deve ou não conter numa DT. Para isso, utilizamos a síntese das regras apresentadas na pesquisa de Couto (2003) que analisa das normas ISO 1087 e a 704, além de autores como Felber (1984), Cabré (1990), Alain Rey (1995), Krieger e Finatto (2018), Larivière (1996), Pearson (1998) e Sager (2000) sobre o conceito de DT. As sínteses estão retratadas nos quadros 16 e 17, a seguir.

Quadro 16 - Regras: o que **não se deve** fazer na elaboração da definição terminológica

Uma definição terminológica **não deve**:

- incluir o definido;
- ser incompleta;
- ser circular;
- ser tautológica;
- ser escrita na negativa;
- ser excessivamente ampla;
- definir através de um sinônimo.

Couto (2003, p. 21)

Quadro 17 - Regras: o que se deve fazer na elaboração da definição terminológica

Uma definição terminológica **deve**:

- consistir numa única frase;
- estar adaptada aos utilizadores aos quais se dirige;
- incluir as características essenciais que permitem identificar o conceito dentro do sistema conceptual;
- usar conceitos que já são conhecidos pelo destinatário ou que pelo menos se encontrem definidos no mesmo glossário ou dicionário;
- ter uma estrutura lexical e sintática coerente;
- ser clara e concisa, evitando ambiguidades;
- permitir a distinção entre o conceito e conceitos similares no mesmo domínio ou em domínios distintos;
- refletir as relações sistemáticas que o conceito estabelece com outros conceitos do mesmo domínio;
- estar de acordo com os objetivos do projeto onde vai ser inserida;

Couto (2003, p. 22)

A partir das considerações apresentadas por Couto (2003), e com a análise das DT apresentadas em pesquisas em terminologia na Libras, é possível conduzir as seguintes

constatações. A primeira delas é que o termo (*definiendum*) e o sinal-termo é utilizado no texto definitório (*definiens*) de alguns glossários. Conforme apresentamos no quadro 16, numa DT não deve incluir o definido. Entretanto, há indícios, pelo menos a priori, que a presença do sinal-termo definido no DTS pode auxiliar melhor o consulente Surdo a fazer a relação entre o ente definido e o seu significado. O mesmo observamos na definição para *Massa*, do domínio da Química, que foi escolhida por pesquisadores Surdos em Terminologia como a mais compreensível. Sobre essa definição trataremos mais adiante.

A segunda consideração observada é que, tanto o DT em português, quanto a DTS são definições curtas com apenas uma frase. Entretanto, verificamos que em algumas definições não havia a quantidade suficiente de informações necessárias para a compreensão de seu significado. Quando a DT é muito concisa, pode ser que as informações possam não ser suficientes, prejudicando o consulente quanto as informações necessárias no texto definitório.

A terceira constatação, por sua vez, é que algumas definições analisadas, ao contrário do modelo lexicográfico, possuem caráter enciclopédico. Isso nos permite dizer que as informações contidas na DT e na DTS não são exaustivas, como aquelas encontradas em obras enciclopédias, por exemplo. Isso quer dizer que, via de regra, o conhecimento explícito nessas definições parece conter informações consideradas supérfluas para o modelo lexicográfico. O uso de imagens e fórmulas são elementos enciclopédicos encontrados em algumas definições, por exemplo.

A quarta consideração, é uma das mais significativas, é que, dos quatorze trabalhos selecionados para este estudo, tivemos acesso à definição em Libras apenas em oito deles. Isso significa que seis trabalhos não apresentam as definições sinalizadas. Isso é muito significativo. Afinal, prejudica o público Surdo na compreensão dos sinais-termo, uma vez que as definições estão, em sua maioria, apenas em língua portuguesa. Mesmo que o número de definições em Libras seja oito (que apresentam) em relação a seis (que não apresentam), todos os trabalhos têm foco na elaboração de glossários em Libras ou bilíngues, cujo público alvo são consulentes Surdos. Reiteramos, assim, a necessidade de trabalhos com registro videográfico contemplando a modalidade visoespacial da língua de sinais.

Outra observação pertinente é referente à grande parte dos materiais terminográficos analisados estarem, ainda, em formato de textos acadêmicos. Um dos motivos para isso é que dois anos de pesquisa são insuficientes para contemplar toda a organização de um glossário. Isso porque a maioria dos trabalhos analisados são dissertações de mestrado, e o tempo médio para uma especialização nesse nível no Brasil é de dois anos. Assim, os prazos são apertados

e nem sempre o pesquisador consegue disponibilizar um glossário, seja ele bilíngue ou monolíngue, bem estruturado. Por isso, muitas são apenas propostas de modelos de materiais terminográficos e não efetivamente produtos. Isso é um ponto que planejamos ultrapassar.

Outro grande motivo para a democratização ideal dos materiais propostos é a falta de fomento e apoio financeiro para projetos dessa natureza. À vista disso, muitos pesquisadores não conseguem manter um glossário ativo e atualizado, disponível *on-line*. O próprio pesquisador precisará dar conta de ter um provedor na internet e de manter uma estrutura computacional, a fim de apresentar e conservar a macro e a microestrutura bem organizadas conforme sugerem os axiomas terminográficos da Libras. Muitos sinais-termo e suas definições estão disponíveis em plataforma de compartilhamento de vídeos, o que não permite a organização da macro e microestrutura da obra.

Outra constatação é sobre a importância de definir a tipologia da obra e o público-alvo por parte do terminógrafo. Tais aspectos influenciarão na elaboração da DT. Isso porque a estrutura do glossário implica decisões axiomáticas pertinentes. Dessa forma, saber se o glossário é monolíngue, bilíngue ou multilíngue acarreta macroestruturas diferentes e, conseqüentemente, modelos de definição que contemplem os aspectos linguísticos de uma, duas ou mais línguas. Isso abrange a adaptação necessária aos utilizadores aos quais se dirige a obra.

Além disso, o público-alvo e a área de domínio da obra terminográfica determinarão as informações necessárias e suficientes na paráfrase definitória. Isso significa que uma DT destinada para Surdos acadêmicos deverá conter informações necessárias diferentes daquela destinada a Surdos do Ensino Médio. Aliás, isso implica estrutura lexical e sintática coerente com o repertório lexical diferenciado e acessível na paráfrase definitória para ambos os públicos.

Por fim, observamos, com a análise realizada, a importância das categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Essas categorias são importantes, pois conforme explica Finatto (2003, p. 200), “têm sido um parâmetro para observação qualitativa da definição desde os estudos clássicos de Filosofia, Retórica e Lógica, são tomadas como principais pontos de reflexão sobre a sua formulação”. Esse parâmetro qualitativo se dá, ainda segundo a autora, pela herança lógico-filosófica observada nas formulações de definição desenvolvidas na perspectiva das teorias linguísticas e de Terminologia (Ibid.).

Nos estudos empreendidos por Finatto (2001b) sobre a DT, a autora reconhece os estudos da Lógica, ao tratarem de definições, com as categorias *gênero* e *diferença* como condições mínimas fundamentais para a formulação de uma definição. Entretanto, ao tratarmos a DT

como um texto, característica que vai além de apresentar o significado do termo, revela, ainda, uma integração entre a linguagem científica e o público-alvo. Por essa razão, a autora defende que, além das categorias *gênero* e *diferença*, ou mesmo de uma categorização prototípica, “são determinados valores agregados ao tópico-termo e por ele dinamizados no interior de uma tessitura dinâmica de significações e relações conformada pela ciência em particular” proposto por Finatto (2001b, p. 367) como **entorno de significação**.

Isso significa, *grosso modo*, que há na definição de termos da linguagem científica outros valores de significação que devem caber no texto definitório, a fim de permitir a melhor compreensão de uma área científica, técnica ou tecnológica. Esses valores de significação parecem ser importantes para a elaboração da DTS em termos de informações necessárias e suficientes para o público-alvo.

Todas as considerações sobre a DT nas obras analisadas e as constatações realizadas, serviram como apoio para identificarmos o que seria adequado e o que não seria adequado numa DTS. Alcançada essa etapa da pesquisa, foi preciso realizar a descrição e análise de estruturas de definição terminológica em Libras. Essa nova etapa apresentaremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4 - ESTRUTURAS DE DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA EM LIBRAS

Neste capítulo, retomamos um estudo e testagem sobre a compreensibilidade de quatro definições de diferentes glossários terminológicos que envolvem Libras. Esse foi um estudo-piloto para prospectar elementos, publicado em Felten & Finatto (2021), visando um reconhecimento sobre as qualidades e dificuldades de um conjunto de enunciados definitórios.

As pessoas que nos forneceram suas avaliações foram nossos colegas de estudos, ao nível de pós-graduação, 13 pesquisadores Surdos que se ocupam com estudos lexicais de Libras. Isto é, tivemos o apoio de pessoas com um embasamento significativo nesse tema. O que, conforme acreditamos, forneceu uma base para pensar as condições do nosso futuro glossário didático de História para ajudar alunos Surdos do Ensino Médio que se preparam para o Enem.

Resolvemos reproduzir os resultados obtidos em Felten & Finatto (2021) neste capítulo, pois se trata de uma etapa de investigação que integra outras etapas desta pesquisa de doutorado, com vistas a identificar um modelo ou padrão de DTS.

4.1 Recolha de diferentes definições de sinais-termo

Conforme está no artigo citado (Felten; Finatto, 2021), selecionamos, de forma aleatória, quatro definições disponíveis em quatro glossários em Libras. As definições corresponderam aos seguintes sinais-termo e respectivos dicionários:

- i) Aproveitamento de estudo²⁷, selecionado do Glossário bilíngue de sinais-termo Técnico e Administrativos do Meio Acadêmico, proposto por Tuxi (2017);
- ii) Independência do Brasil²⁸, selecionado do Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de temas da História do Brasil, proposto por Felten (2016);
- iii) Massa²⁹, selecionado retirado do Glossário de Química desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina – Campus Palhoça Bilíngue, e;
- iv) Comédia Pastelão, selecionado do Glossário online de Libras desenvolvido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)³⁰.

Como as definições estão em Libras, acrescentamos as traduções para o português escrito

²⁷ Link para acessar a DTS para *Aproveitamento de Estudos*: <https://youtu.be/W7ORNFsBCJE>.

²⁸ Link para acessar a DTS para *Independência do Brasil* <https://youtu.be/o0YToJ1eIQY>.

²⁹ Link para acessar a DTS para *Massa* <https://youtu.be/JCvE6v77n8g>.

³⁰ Link para acessar a DTS para *Comédia Pastelão* <https://youtu.be/61He3A-113M>.

a fim de contemplar os leitores que não sabem a língua de sinais. Conforme explicamos naquele artigo (Felten & Finatto, 2021), a análise realizada pelos pesquisadores foi realizada diretamente em Libras, cumprindo os propósitos da pesquisa. Isto posto, apresentamos, no quadro 18, a seguir, a tradução das definições.

Quadro 18 - Tradução para o português escrito das definições em Libras

Aproveitamento de estudo: Documento que analisa as disciplinas que o aluno estudou na UnB ou outra instituição superior crédito para aceitar ou não (Tuxi, 2016).
Independência do Brasil: Movimento colonial elitista para a ruptura com Portugal (Felten, 2016, adapt. Del Priori, 2010).
Massa: o que massa significa? Massa é um termo da Química. Em outro contexto, M-A-S-S- A possui outro significado, entretanto, na Química, qual é o seu conceito? É a quantidade de matéria. Massa pode parecer, ou ainda, ser confundido com peso, mas é diferente. Por exemplo: o nosso corpo é composto por uma massa fixa ou que não se altera, por exemplo. Isso podemos observar quando subimos numa balança. Aqui na Terra temos um determinado peso. Entretanto, esse peso tem relação gravitacional. Por outro lado, se um astronauta fizer uma viagem espacial rumo à lua, lá a gravidade é diferente. Na lua parece que estamos flutuando, certo? Lá o seu peso terá outro valor. Nesse ambiente onde a gravidade difere pode parecer que o corpo é mais leve, entretanto, o valor da massa é o mesmo que o da Terra. Os pesos no planeta Terra em comparação ao da lua são distintos, porém o valor da massa é o mesmo. (Glossário de Química -IFSC)
Comédia pastelão: É um tipo de comédia que utiliza o corpo, e não a fala, para atividades como quedas, arremesso do corpo em paredes, perseguições e torta na cara uns dos outros para proporcionar humor. (Glossário UFSC Online)

Felten; Finatto (2021)

Nesse trabalho, demos preferência às definições dos sinais-termo acima mencionados, devido a sua estrutura de definição terminológica distintas. Além disso, para o estudo, escolhemos áreas científicas e técnicas diferentes. Optamos por selecionar definições de áreas distintas para: i) observar como as definições funcionam em suas devidas áreas de conhecimento; e ii) para verificar se a área científica, técnica ou tecnológica influencia na estrutura da definição.

4.1.1. Análise da compreensão das definições recolhidas

Após a seleção das definições, verificamos qual das quatro definições seriam as mais claras ou compreensíveis na perspectiva dos nossos avaliadores Surdos *experts* em estudos lexicais. Para a análise, recorreremos a um questionário apresentado a Surdos e Surdas.

Os avaliadores, tendo examinado as definições, responderam duas perguntas:

- 1) das quatro definições, qual é mais compreensível?

2) Em relação à escolhida, quais critérios a faz mais compreensível?

Conforme a metodologia por nós utilizada, as perguntas foram enviadas em Libras (registradas em vídeo) para cada colaborador, também via aplicativo multiplataforma de mensagem instantânea.

À época da publicação de Felten & Finatto (2021) não foi possível compartilhar as contribuições dos colaboradores em forma detalhada. Como doze contribuições foram enviadas em Libras e uma em português escrito, resolvemos acrescentar neste capítulo as críticas traduzidas para o português que não foram publicadas.

Para mantermos o sigilo dos participantes, os denominamos C1, C2, C3, sucessivamente até o C14. Além disso, para a leitura das colaborações, utilizamos a estratégia tradutória de palavras em CAIXA ALTA para referenciar ao sinal-termo ou a sinais relacionados a sua definição, respeitando a gramática da Libras. Por fim, utilizaremos algumas notas de tradução que estarão em notas de rodapé para explicar questões referentes a algumas situações apresentadas pelos avaliadores especialistas.

Quadro 19 – *Feedback* dos Surdos(as) colaboradores(as)

- C1 O vídeo mais claro é o que define MASSA. Primeiramente é apresentado o sinal-termo MASSA, em seguida, a definição relacionada com o exemplo de uso. O que é massa está concatenado com o exemplo de uso. Em outras palavras, essa definição está mais compreensível porque o significado está unido ao exemplo de uso.
- Já a definição do sinal-termo COMÉDIA PASTELÃO é um tanto resumida. Entretanto, como a definição do sinal-termo está relacionado com humor, é explorado o espaço neutro como um elemento importante para o conteúdo humorístico inerente ao sinal-termo. Já na definição de MASSA são utilizados sinais associados à área da Química que leva o consulente a compreender todas as informações contidas no texto definitório.
- Em relação à definição do sinal-termo INDEPENDÊNCIA DO BRASIL são utilizados sinais como MOVIMENTO COLONIAL ELITISTA e o uso da soletração³¹ (datilologia)³². Foi compreendido por mim, mas são usados vocabulários da História que não são tão claros, prejudicando a compreensão do sinal-termo. Houve, no verbete, a mudança de cores da camisa³³ do sinalizante, informações sobre a fonte da definição e o autor com o nome

³¹ Nota: nessa parte o colaborador se refere ao verbete. O vídeo que contém a definição para Independência do Brasil é, na verdade, o verbete em Libras. Quando o colaborador fala sobre a soletração ou datilologia, significa que o sinalizando usa a soletração do termo em português e, em seguida, o sinal-termo.

³². Estratégia linguística que utiliza o alfabeto manual para representar uma determinada palavra letra por letra. Essa estratégia é utilizada, na maioria das vezes, quando não há sinais correspondentes de alguma palavra em português.

³³ Nota: nessa parte o colaborador questiona a mudanças das cores da camisa utilizada pelo sinalizante. Essa mudança de cores foi uma estratégia que Felten (2016) utiliza para fazer a distinção entre os campos do verbete.

soletrado³⁴, o que prejudicou o texto definitório sinalizado, uma vez que não está claro o motivo dessa mudança.

No que diz respeito a definição do sinal-termo APROVEITAMENTO DE ESTUDOS, a compreensão total não foi atingida. Algumas informações foram assimiladas, mas outras que envolvem outros sinais-termo como CRÉDITO não é conhecido por mim. Ou ainda, quando o sinalizante utiliza DOCUMENTO VERIFICA CONTEÚDO/CONCEITO³⁵ GERAL INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR OU UNIVERSIDADES UnB etc., e no fim é utilizado o sinal-termo CRÉDITO me parece que é um sinal-termo utilizado num determinado espaço³⁶, ambiente ou instituição. É possível conceber a informação dada pelo texto definitório, mas não são todos os sinais-termo que eu sou capaz de entender, e são utilizados na definição. Penso que há carência de um repertório que esteja coerente e coeso.

- C2 Começarei pela definição de COMÉDIA PASTELÃO. A definição é compreensível, entretanto, a meu ver, há um pequeno problema. Se há na definição o exemplo de alguém que bate numa parede e causa humor, me parece que está relacionado mais com um acidente, e não uma característica desse gênero cinematográfico. Sugiro que no texto definitório sinalizado pudesse ter algo como que uma bobagem em língua oral que gera nos espectadores risos e gargalhadas. Ou ainda, se ultrapassarmos para a linguagem teatral, pode gerar humor, como uma torta na cara e vemos a pessoa se limpar. Penso que falta mais vocabulário que deixe clara o que COMÉDIA PASTELÃO significa.

A segunda definição que me foi apresentada, fora a de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL. A expressão facial do sinalizante do texto definitório causa confusão. Durante a sinalização são utilizadas, por várias vezes, as bochechas e boca infladas, o que não há necessidade. Também são utilizados os sinais-termo (hiperônimo) de MOVIMENTO COLONIAL ELITISTA e o sinal-termo de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL poderia ser sinalizado de forma mais clara, com o dorso das mãos para cima, e a palma das duas mãos para baixo. Para o lado esquerdo o sinal PORTUGAL e para o lado direito BRASIL, como duas nações que se desvincularam, o que deixa a definição clara, mas o inchaço das bochechas e boca não são necessárias, apenas o uso do hiperônimo MOVIMENTO COLONIAL ELITISTA RUPTURA.

Já na definição de MASSA não está claro o conceito do sinal-termo, embora o texto definitório esteja bem elaborado. Entretanto, faltam mais detalhes sobre o conceito na construção do sinal-termo. Esse sinal-termo pode ser confundido com o termo *WORKSHOP* que são palestras em sua formação fonomorfológica. A ausência desses elementos conceituais podemos observar na escolha da CM (em formato do número 3). Não há uma condição lexical clara o suficiente para que o consulente veja o sinal-termo e já associe o significado. Entretanto, como eu já falei, há uma clareza excepcional no texto definitório com o uso de sinais-termo como ASTRONAUTA, PESO, entre outros. Mas volto o olhar para a questão do sinal-termo em que o conceito que

³⁴ Nota: nesta parte o colaborador diz respeito ao nome do autor em que o terminógrafo utilizou como fonte da definição do termo.

³⁵ Nota: “conceito” está empregado como menção ou nota atribuído ao aluno.

³⁶ Nota: o colaborador não é do mesmo Estado onde foi desenvolvida a pesquisa do glossário bilíngue de sinais-termo Técnico e Administrativos do Meio Acadêmico.

o envolve não está claro o suficiente.

Em relação à definição de APROVEITAMENTO DE ESTUDOS, o sinalizante do texto definitório inicia com o hiperônimo DOCUMENTO e continua com ANÁLISE ESTUDOS, o que não deixa clara a definição. Na verdade, penso que seja o contrário, isto é, ESTUDO UNIVERSIDADE OU INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR JÁ ESTUDADO DISCIPLINAS APROVEITA OUTRA UNIVERSIDADE ANÁLISE EMITE DOCUMENTO FAVORÁVEL. Esta é a minha percepção, entretanto, DOCUMENTO ANALISA ESTUDO não me parece uma colocação adequada, na verdade é oposto, conforme já apresentei, o que não deixa claro o texto definitório sinalizado.

Em resumo, a definição de COMÉDIA PASTELÃO falta um pouco mais de vocabulário que deixe clara que a comédia pastelão é algo engraçado e que faz o expectador morrer de rir e que possui provocações e chacotas como torta na cara que são bem característicos. Mas violência corporal, como alguém que é jogado ou se joga numa parede, quando utilizado, deve ser explicado que pode ser cômico. Perseguição tudo bem, mas esse tipo de construção de alguém na parede falta uma explicação que isso faz sentido nas línguas orais, ou até mesmo nas de sinais, mas precisa ser marcado que isso gera humor.

Mas das quatro definições, em relação à compreensão, opto pela definição de APROVEITAMENTO DE ESTUDOS e COMÉDIA PASTELÃO. A definição de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL está aceitável, mas deve ser de forma mais clara; a sinalização do sinal-termo com o dorso das mãos para frente e não com as palmas das mãos para baixo. Ou ainda, poderia ser sinalizado o rompimento com um movimento mais distante das mãos que representam os territórios do Brasil e Portugal e o hiperônimo utilizado, isto é, MOVIMENTO COLONIAL ELITISTA. Já a definição do sinal-termo MASSA é altamente compreensível, entretanto, eu não entendi a composição morfológica do sinal-termo. O que eu quero dizer é que o seu conceito não está claro de acordo com sua composição fonomorfológica.

C3 Bom, a definição que me pareceu mais clara foi a de MASSA. Escolhi essa definição porque me parece que está tudo num só registro³⁷. Primeiro se faz um recorte da remissiva e explica a área científica, técnica ou tecnológica. Em seguida, eu percebo um texto definitório condensado, muito embora não haja uma definição de regras muito claras para essa estrutura, mas o consulente é capaz de compreender bem. Ele compreende, pois está apresentado num mesmo registro e não de forma separada. Além disso, faz comparações com outros possíveis contextos ou áreas de emprego do sinal-termo.

C4 Eu analisei os quatro modelos de definição e pude perceber, de maneira geral, que a definição que atrai a nossa atenção devido à sinalização são dois, o primeiro é a definição para o sinal-termo MASSA e COMÉDIA PASTELÃO. O texto definitório desses dois sinais-termo são atraentes, é gostoso de observar, pois a forma da sinalização é clara, o que faz com que a gente se envolva com o conteúdo.

Entretanto, há algo passível de observação. No verbete MASSA eu percebi que, enquanto eu assistia ao texto definitório, os sinalizadores³⁸ com o *Sign*

³⁷ Nota: aqui a colaboradora diz respeito ao verbete.

³⁸ Nota: aqui a colaboradora diz respeito às informações que aparecem no vídeo que foram editadas para que funcionem como itens remissivos no verbete de MASSA.

*Writing*³⁹ me atrapalhou um pouco. Isso porque a gente perde um pouco o foco, a atenção. Isso atrapalha um pouco, mas o sinalizante é muito profissional e permite com que a gente consiga entender bem o que é abordado na definição. Já na definição de COMÉDIA PASTELÃO, percebi que o vídeo é um pouco escuro, mas a forma que é sinalizada a definição também é muito clara para mim. As duas melhores definições são as que apresentei. Espero ter auxiliado na sua investigação.

Bom, ao assistir às quatro definições percebi que as duas primeiras definições, isto é, a de APROVEITAMENTO DE ESTUDO e INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, são utilizados muitos sinais específicos das áreas que abordam. Isso fez com que eu ficasse um pouco perdida. Parece que me foi preciso um esforço maior para compreender as definições. O motivo é que os sinais utilizados no texto definitório são muito acadêmicos. Já nas definições de MASSA e COMÉDIA PASTELÃO, é utilizado um vocabulário mais simples, comum ou mais conhecido pelos surdos.

Isso fez com que eu percebesse que essas duas últimas definições eram mais claras. Em contrapartida, os dois primeiros⁴⁰ são um tanto mais acadêmicos, pois utilizam muitos sinais da área de especialidade que estão a abordar, o que gera um “peso” para quem está assistindo. Não sei se você teve essa impressão, mas para mim isso ficou bem evidente. Por outro lado, os dois últimos, é possível que qualquer pessoa compreenda, o que os dois primeiros, por serem mais acadêmicos, se tornam um pouco mais difíceis de compreender. Os dois últimos, como eu já abordei, a gente consegue compreender melhor e os surdos não acadêmicos poderão compreender de forma mais clara, melhor.

C5 Verifiquei a definição de APROVEITAMENTO DE ESTUDO, assisti à definição, conheço e entendi o sinal-termo e seu significado. Entretanto, se algum consulente ou alunos, por exemplo, não conhecem ou nunca usaram esse sinal-termo, terão dificuldades de compreender. Isso porque a definição diz respeito a todas as disciplinas ou apenas uma que se equivalem e é aprovada? Assim, percebo que há uma inconsistência no texto definitório apresentado. Entretanto, a estética e a forma com que é sinalizada a definição são suficientemente claras.

Já a definição de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, há mudança da cor da camisa⁴¹. O que significa cada cor? Também é utilizado tons de azul-claro e escuro. Qual o propósito dessa estratégia? Foi necessário repetir várias vezes e não entendi o propósito da mudança das cores. Outro fator importante que devemos considerar é o uso da soletração seguida do sinal. Essa estratégia causa uma confusão ou falta de clareza e pode influenciar na compreensão da definição.

A definição de MASSA me parece que aborda dois conceitos. O primeiro é rápido, breve. O segundo é um pouco mais extenso, apresentando outros contextos. Poderia conter os dois conceitos e, de forma separada, abordar o contexto relacionado ao conceito um e ao conceito dois. Mas a presente estrutura não é clara o bastante.

Já a definição de COMÉDIA PASTELÃO foi a que mais me identifiquei, pois seu texto é sucinto e direto. Me parece que atende o objetivo do consulente,

³⁹ Sistema de registo escrito de sinais.

⁴⁰ Nota: aqui a colaboradora faz referência as definições para APROVEITAMENTO DE ESTUDOS e INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.

⁴¹ Nota: aqui a colaboradora diz respeito a cada campo do verbete de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL.

- isto é, os alunos do curso⁴², além de conter contexto de uso. A definição é sucinta e não é uma definição extensiva demais. A definição é mais objetiva.
- C6 Das quatro definições que analisei, fiquei entre duas. Na verdade, uma delas é melhor, a terceira definição⁴³, e vou explicar o motivo. As informações apresentadas são mais claras, de fácil compreensão, e apresentam elementos visuais que chamam mais atenção. Dentre eles a escrita de sinais, imagens com informações e textos curtos ligados a temática apresentada⁴⁴. E a reunião de todos esses elementos com a explicação em língua de sinais tornou a assimilação muito melhor. Dos quatro textos definitórios que assisti, o que mais me chamou a atenção foi a definição de MASSA, por ser aquele que é mais chamativo e que desperta mais interesse do consulente.
- C7 Das quatro definições que pude analisar, escolhi a definição de MASSA e vou explicar por quê. Bom, a definição escolhida possui mais clareza, pois, primeiramente, o sinalizante utiliza o sinal-termo e, em seguida, explica o que MASSA significa.
- Você pode utilizar o modelo da UFSC⁴⁵, proposto pela professora Débora, que explica sobre as características da definição como uma explicação breve, por exemplo. Se a definição se expande, pode dificultar ou atrapalhar a compreensão. Talvez o ideal sejam textos definitórios sinalizados com até 30 segundos de duração. Isso podemos observar, por exemplo, num sinal da área jurídica.
- O termo é JUIZ. O que JUIZ significa? Juiz é um profissional da esfera jurídica que atua na defesa da lei e na resolução de conflitos. O exemplo que mostrei é uma definição breve, explicada num curto tempo. Se você precisar de mais auxílio pode me pedir.
- C8 Das quatro definições apresentadas, a que me pareceu mais compreensível é a de MASSA, da área da Química. Alguns elementos me levaram a essa escolha. Ao comparar com as outras definições, percebo que não estão conforme a necessidade dos consulentes surdos.
- O primeiro, que define o sinal-termo de APROVEITAMENTO DE ESTUDO, possui 15 segundos, o que é pouco. Além disso, a definição não ficou inteligível o suficiente.
- Já a definição de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, a troca de cores da camisa⁴⁶ do sinalizante o atrapalha a compreensão, além de não ter informações sobre o motivo pelo qual as cores mudam. Com a mudança das cores, e com a estrutura do verbete, pode prejudicar a compreensão do sinal-termo devido a esses elementos visuais.
- A definição para MASSA é bem esclarecedora por conta da proposta de apresentação que são: o termo e o sinal-termo, seguidos do conceito. E apresenta, ainda, a diferença do termo quando empregado em diferentes contextos complementados com outros exemplos. Quando o sinalizante volta com as informações para a área da Química, se torna ainda mais compreensível

⁴² Nota: aqui a colaboradora faz referência aos alunos do curso de Letras Libras.

⁴³ Nota: aqui o colaborador faz referência a definição de MASSA.

⁴⁴ Nota: aqui o colaborador faz referência a informações linguísticas e extralinguísticas que são editadas no verbete.

⁴⁵ Nota: aqui a colaboradora faz menção ao glossário de Libras organizado pela Universidade Federal de Santa Catarina está disponível online.

⁴⁶ Nota: nessa parte o colaborador questiona a mudança das cores da camisa utilizada pelo sinalizante. Essa mudança de cores foi uma estratégia que Felten (2016) utiliza para fazer a distinção entre os campos do verbete.

a definição⁴⁷. Para complementar, para melhorar ainda mais a compreensão quando é apresentado o termo e o sinal-termo, pode utilizar de alguma imagem que faça alusão ao termo e/ao que o conceito denomina⁴⁸. Embora o texto definatório proporciona uma ótima compreensão, o uso da imagem, embora opcional, poderia ser inserido a fim de complementar a informação da definição.

Já a última definição, a de COMÉDIA PASTELÃO, é muito concisa. É compreensível, é verdade, mas é muito rápida, o que pode prejudicar a abstração daquilo que se pretende definir, embora seja uma sinalização compreensível dentro do possível. Falta, de repente, um exemplo⁴⁹ de uso.

C9 Analisei as quatro definições que você me enviou e farei algumas considerações por meio da ótica terminológica e conforme a compreensão do público-alvo. Bom, eu fiz a análise das quatro definições e a que me pareceu mais clara ou fluida foi a de COMÉDIA PASTELÃO e explicarei por quê. Na definição de APROVEITAMENTO DE ESTUDO, são utilizados muitos sinais específicos e pode ser que o público-alvo não conheça esse vocabulário utilizado.

Na definição de INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, pode ser que o consulente não entenda a razão pela qual é utilizada várias cores de camisas⁵⁰ no verbete. Outro fator que percebi é quanto a estética da sinalização. Há pausas, ou ainda, um sinal, outro sinal, mais um sinal. Não é uma sinalização coesa e fluída. Essa ausência de fluidez é cansativa para o consulente e pode gerar um desvio de atenção, ou uma compreensão diferente da que é proposta.

A definição de MASSA é muito clara, certamente. Há outras informações em sinais escritos.

O texto definatório de COMÉDIA PASTELÃO também é suficientemente claro, mas comparado à definição de MASSA, percebo que o texto é mais fluído sendo utilizado um repertório lexical mais acessível ou que é conhecido por um público mais geral. Além disso, são utilizados menos termos, o que permite a públicos de diferentes níveis uma compreensão da definição. A definição de MASSA também é compreensível, mas pode ser que um público com um nível de conhecimento menor não compreenda o que está sinalizado, diferentemente da definição de COMÉDIA PASTELÃO.

Já a definição de APROVEITAMENTO DE ESTUDOS e INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, possuem um nível mais complexo e uma linguagem mais acadêmica. Isso faz com que as definições sejam destinadas ao público também acadêmico. Mas pode acontecer do público com menor nível de escolaridade não compreender totalmente as definições, embora isso seja apenas uma hipótese. Em resumo, a definição de COMÉDIA PASTELÃO é mais clara, esteticamente mais fluída e pode ser compreendida por diferentes públicos, com maior ou menor grau de conhecimento. Enfim, essa é a minha avaliação.

⁴⁷ Nota: isso porque é apresentado o significado no domínio da Química, em seguida foi apresentado outro contexto de uso, que pode ser confundido com outro termo em português, isto é, MATERIAL, e retorna, então, para o contexto da Química novamente.

⁴⁸ Nota: aqui o colaborador faz uma sugestão para melhorar a compreensão do consulente sobre a definição.

⁴⁹ Nota: neste caso, o contexto está em outra aba do verbete, o que não foi apresentado aos colaboradores. Enviamos apenas os textos definatórios.

⁵⁰ Nota: nessa parte o colaborador questiona a mudança das cores da camisa utilizada pelo sinalizante. Essa mudança de cores foi uma estratégia que Felten (2016) utiliza para fazer a distinção entre os campos do verbete.

- C10 Bom, vou responder a sua primeira pergunta sobre qual definição é mais clara, mais compreensível. A que penso ser a mais clara é a definição de COMÉDIA PASTELÃO. Isso porque, nessa definição, percebo que proporciona um conforto visual por parte do consulente. Esse conforto é proporcionado por alguns aspectos técnicos como o fundo azul do registro videográfico e o preto da vestimenta do sinalizante⁵¹. Entretanto, é importante pensar no público Surdocego. Esse público exige cores adequadas. Se o fundo do registro videográfico e a roupa do sinalizante não foi neutra, pode atrapalhar a percepção do consulente surdocego. Comumente esse público se queixa quando essas orientações técnicas não são respeitadas. Outro fator é que esse registro videográfico possui uma boa edição. Eu me lembro lá no início das produções videográficas para o vestibular⁵². Esses registros com o conteúdo produzido em Libras eram editados com muitas informações visuais. Por isso, recebemos muitas críticas por parte dos usuários Surdos referente a quantidade de informações visuais contidas no vídeo e precisamos rever essa questão, isto é, deixar o mais “limpo”, mais neutro possível esses registros. Por essa experiência, percebo que o verbete criado pelo IFSC (MASSA) possui muitas informações visuais, podendo não favorecer o consulente. Torno e lembrar que a melhor orientação técnica é o fundo neutro e a vestimenta preta, pautada no conforto visual que pode proporcionar ao consulente. Em relação à definição para APROVEITAMENTO DE ESTUDO, percebo que são utilizados muitos sinais que não conheço. São muitos sinais-termo utilizados na paráfrase definitiva que não contribuem para a compreensão da definição. Eu prefiro, ainda, as definições para MASSA e COMÉDIA PASTELÃO. Entretanto, a definição para COMÉDIA PASTELÃO é melhor por respeitar as orientações terminográficas quanto a estrutura do verbete. Já no verbete para MASSA observamos o sinal-termo com a definição e o exemplo de uso, o que não é adequado. Porém uma característica me parece interessante no verbete para MASSA. Há no verbete o item remissivo ao lado do sinalizante em escrita de sinais. É algo inovador para mim, entretanto, todos os campos do verbete seguidos num mesmo registro me parece inadequado. Mas volto a reiterar que a definição para COMÉDIA PASTELÃO possui uma fluência na sinalização, se torna mais compreensível.
- C11 Bom, eu observei os quatro modelos de definição terminológica. Bom, a definição de APROVEITAMENTO DE ESTUDO explica que é um documento que registra e coleta informações sobre as disciplinas cursadas não só na UnB, mas em outras Universidades de forma geral. Penso ser importante criar um glossário que reúna sinais-termo sobre as disciplinas cursadas, bem como da área acadêmica, e que isso seja socializado para que outras pessoas possam conhecer. O movimento colonial elitista (hiperônimo), se torna fundamental para compreendermos o que foi a INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, não apenas como uma proposta, mas que tenha outras propostas na área da História.

No glossário proposto pelo IFSC, temos a apresentação do termo a escrita de sinais em *SignWriting*, e a definição que é algo muito importante. Porém, é

⁵¹ Nota: nesta parte a colaboradora faz referência a alguns protocolos técnicos de registro videográfico na Libras.

⁵² Nota: aqui a colaboradora lembra das primeiras vídeo provas produzidas pela UFSC.

muito específico daquele grupo, é necessário socializar e coletar outros termos. Já na definição para COMÉDIA PASTELÃO o sinalizante dá alguns exemplos que caracterizam esse gênero cinematográfico. Assim, quem vê a definição pode relacionar. Além disso, para compreender o que comédia pastelão é, é fundamental buscar informações que nos dê conhecimento por meio de estudos da área do cinema.

C12 Bom, agora eu vou dar as minhas contribuições. Hoje assisti duas vezes seguidas as definições e, a meu ver, a definição que parece ser mais adequada é a para COMÉDIA PASTELÃO. Isso porque me parece que a sinalização do texto definitório é mais descritiva, leve, mais compreensível. Essa definição não é tão extensa, pelo contrário, é uma definição concisa e objetiva. Dessa forma, quem vê a definição consegue compreender efetivamente o que comédia pastelão significa. Assim, por essas razões, eu prefiro a definição para COMÉDIA PASTELÃO.

C13 Eu vi as quatro tipos de definição que você me enviou para fazer a minha análise. Análise essa, com foco na definição dos termos propostos. Pois bem, assisti a primeira definição proposta por Tuxi (2017) e, conforme verifiquei, penso que esse modelo é compreensível, além de seguir as regras da lexicografia. Além disso, eu percebi o uso adequado da vestimenta por parte do sinalizante. Outra característica observada é o fundo do vídeo com cor adequada.

O segundo vídeo é a proposta de Felten (2016). Esse modelo achei um tanto confuso, pois faltam expressões faciais por parte do sinalizante e o uso excessivo de soletração. O ideal seria evitar o uso da datilologia. Além disso, seria melhor ir direto ao sinal-termo sem o uso da soletração. Em seguida, apresentar a definição e depois o contexto. Quero complementar, ainda, que senti falta das respostas “do que é” e “para que serve” no texto definitório sinalizado.

No terceiro vídeo que é a definição para MASSA. A definição para MASSA é perfeitamente compreensível, entretanto, eu percebi um erro quanto a cor da camiseta por parte do sinalizante. Fica confuso identificar o que é sinal-termo ou o que é a definição, ou ainda, em que parte do texto está o contexto de uso. Isso porque eu fico imaginando um Surdo puro que não conhece muito bem o português, pode ser que ele não compreenda a definição devido a uma única cor de roupa. Por isso, eu penso que nesse verbete falta o uso adequado das cores correspondentes aos campos do verbete. Entretanto, a definição para MASSA é entendível.

O quarto vídeo, para a COMÉDIA PASTELÃO, foi sinalizado pelo Surdo gordinho, o Germano. Eu entendi a definição para o termo. Entretanto, eu penso que faltam as cores correspondentes para os campos do verbete conforme as regras da lexicografia da Libras. Isso porque é utilizada a vestimenta apenas preta. O ideal, no entanto, é o uso das diferentes cores.

C14 Bom, na minha análise dos 04 vídeos, eu particularmente gostei mais do último: comédia pastelão, pois a definição está dentro da Linguística da Língua de Sinais, que precisa procurar mecanismos linguísticos dentro da língua de sinais de modo a determinar clara e precisamente o conceito ou objeto que se busca a definição.

Felten (2023)

A partir desse nosso trabalho de coleta de dados, foi possível verificar alguns aspectos linguísticos e extralinguísticos que influenciaram na compreensão das DTS. Esses elementos são referentes às categorias gramaticais da Libras, bem como os princípios lexicográficos e terminográficos utilizados para a elaboração de um texto definitório.

Como resultado da análise, organizamos, no artigo de 2021 (Felten & Finatto, 2021), as impressões em forma de críticas por parte dos participantes em: i) aspectos positivos de natureza linguística; ii) aspectos negativos de natureza linguística; iii) aspectos positivos de natureza extralinguística; e iv) aspectos negativos de natureza extralinguística. A título de síntese, colocamos as impressões em quadros, reproduzidos a seguir.

Quadro 20 - Aspectos **positivos de natureza linguística** que contribuem para a boa compreensão de uma DTS

Aproveitamento de Estudo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uso de hiperônimo; 2. Sinalização clara e atraente; 3. Uso das regras lexicográficas quanto ao comentário semântico;
Independência do Brasil	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uso de hiperônimo; 2. Necessidade do uso de expressões faciais;
Massa	<ol style="list-style-type: none"> 1. Texto definitório relacionado ao contexto de uso; 2. Definição ligada a outros campos do verbete; uma mesma sequência; 3. Analogias e distinções na definição; 4. Sinalização fluída e atraente; 5. Repertório definitório mais simples; 6. Uso da escrita de sinais para o item remissivo; 7. A sinalização desperta interesse por parte do consulente; 8. Texto do verbete seguido por sinal-termo e definição numa mesma estrutura; 9. Poderia ser usado elementos extralinguísticos para melhor compreensão do conteúdo proposto (SUGESTÃO DO COLABORADOR);
Comédia Pastelão	<ol style="list-style-type: none"> 1. Exploração do espaço neutro da construção do enunciado definitório; 2. Sinalização fluída e atraente; 3. Repertório definitório mais simples; 4. Definição mais sucinta e objetiva; 5. Uso de contexto na definição; 6. Texto definitório mais descritivo (talvez pelo uso do contexto na definição); 7. Uso de aspectos linguísticos próprios da Libras para a construção da paráfrase definitória;

Felten; Finatto (2021, p. 134-135)

Quadro 21 - Aspectos **negativos de natureza linguística** que contribuem para a compreensão de uma DTS.

<p>Aproveitamento de Estudo</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uso de repertório lexical e terminológico desconhecidos; 2. Linguagem acadêmica; 3. Não há clareza quando a combinação entre hiperônimos e hipônimos; 4. Uso de repertório definitório específico; 5. Repertório definitório mais denso ou difícil; 6. Dúvida quanto à área de especialidade dos sinais-termo devido ao repertório lexical utilizado na construção da paráfrase definitória em sinais; 7. Texto definitório muito sucinto;
<p>Independência do Brasil</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Uso da soletração; 2. Sinalização não fluída, isto é, com muitas pausas; 3. Linguagem acadêmica; 4. Uso de repertório lexical e terminológico desconhecidos; 5. Uso da fonte bibliográfica nos campos do verbete; 6. Ausência de fluidez na sinalização do texto definitório. 7. Ausência do uso de referentes dêiticos no espaço de sinalização; 8. Uso de repertório definitório específico; 9. Repertório definitório mais denso ou difícil; 10. Ausência das respostas do “<i>o que é</i>” e “<i>para que serve</i>”;
<p>Massa</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Falta de clareza quanto ao conceito do termo; 2. Ausência de informações do conceito do termo na construção fonomorfológicos do sinal; 3. Problema homonímico (o sinal pode ser confundido com o de <i>WORKSHOP</i>); 4. Definição resumida; 5. Ausência de regras para a estruturação do verbete ou campos do verbete não definidos; 6. Informações em escrita de sinais (perda do foco); 7. Parece ter dois conceitos apresentados, causando confusão quanto a qual conceito está a ser apresentado;
<p>Comédia Pastelão</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Definição resumida ou sucinta; 2. Escolhas lexicais que causam confusão no exemplo aplicado no texto definitório sinalizado;

Felten; Finatto (2021, p. 135-136)

Quadro 22 - Aspectos **positivos de natureza extralinguística** que contribuem para a compreensão de uma DTS.

Aproveitamento de Estudo	1. Uso adequado das cores da vestimenta para a distinção dos campos do verbete; 2. Fundo neutro adequado (azul ou verde);
Independência do Brasil	Sem aspectos positivos levantados.
Massa	1. Uso de elementos extralinguísticos na compreensão da definição;
Comédia Pastelão	1. Respeito às regras lexicográficas de comentário de forma; 2. Uso do fundo neutro no conforto visual do consulente; 3. Uso do fundo azul e da vestimenta preta pelo sinalizante para o benefício do público Surdocego; 4. Boa edição de vídeo;

Felten; Finatto (2021, p. 136)

Quadro 23 -Aspectos **negativos de natureza extralinguística** que prejudicam a boa compreensão de uma DTS

Aproveitamento de Estudo	1. Necessidade de conhecimento prévio da área;
Independência do Brasil	1. Não está claro a mudança dos campos do verbete; 2. Não está claro a mudança das cores da vestimenta do sinalizante; 3. A troca de cores atrapalhou na compreensão do conteúdo proposto.
Massa	1. O uso de muitas informações extralinguísticas no verbete; 2. Uso da vestimenta do sinalizante apenas com a cor preta (isso implica campos do verbete não definidos);
Comédia Pastelão	1. Vídeo com pouca iluminação;

Felten; Finatto (2021, p. 136-137)

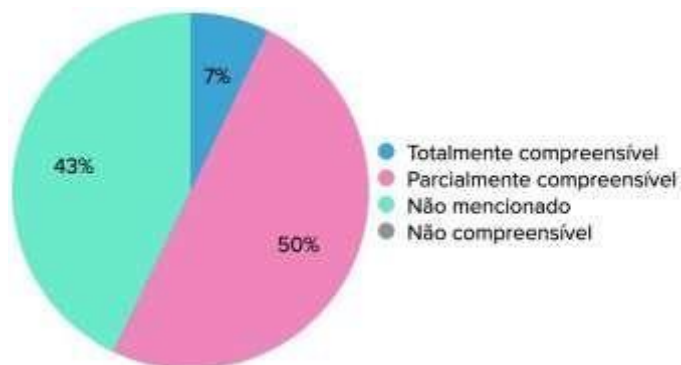
Nesse trabalho, agrupamos as avaliações dos especialistas em categorias: 1) definição *totalmente compreensível*; 2) definição *parcialmente compreensível*; 3) definição *não compreensível*; e 4) definição *não mencionada*.

Nessa categorização, a definição considerada *totalmente compreensível* é aquela que, “conforme as impressões dos colaboradores, fora escolhida como a mais clara e coerente, considerando os aspectos linguísticos positivos” (Ibid., p. 137). Já a definição considerada *parcialmente compreensível* “é aquela que foi apontada como entendida ou assimilada, mas que também foram apontados pelos colaboradores aspectos que atrapalharam na leitura,

elementos linguísticos ou extralinguísticos considerados negativos” (Id. Ibid.). Por fim, a definição considerada *não compreensível*, “é aquela apontada como totalmente incompreensível. E a definição *não mencionada* é aquela que nenhum colaborador mencionou em suas contribuições” (Id. Idid.).

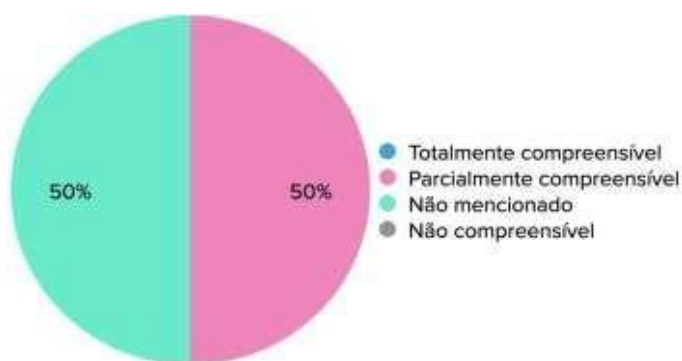
Abaixo, nos Gráficos 1, 2, 3 e 4 respectivamente, podemos observar o resultado da análise das definições conforme os critérios apresentados.

Gráfico 1 - Compreensão da definição para *Aproveitamento de Estudos*



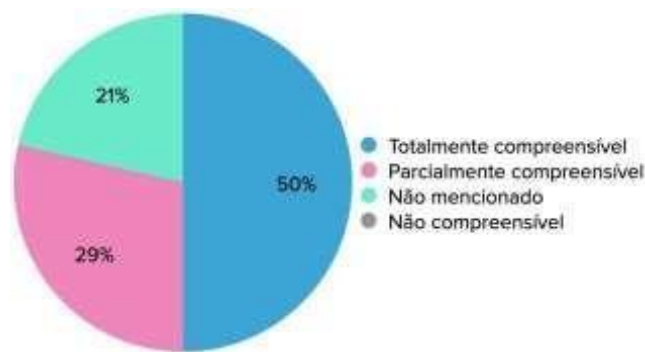
Felten; Finatto (2021, p. 137)

Gráfico 2 - Compreensão da definição para *Independência do Brasil*



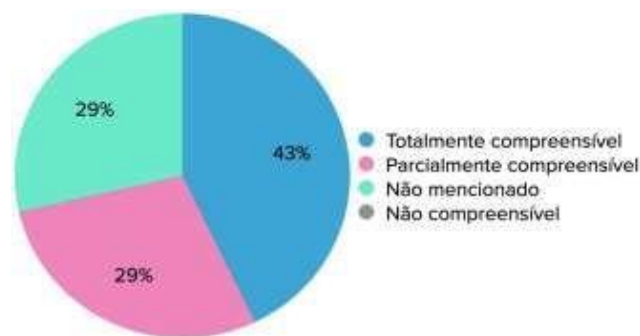
Felten; Finatto (2021, p. 138)

Gráfico 3 - Compreensão da definição para *Massa*



Felten; Finatto (2021, p 138)

Gráfico 4 - Compreensão da definição para *Comédia Pastelão*



Felten; Finatto (2021, p. 139)

Diante dos dados levantados, constatamos que são complexas as propriedades inerentes ao processo de significação numa língua visoespacial. Segundo o resultados dessa avaliação (Felten & Finatto, 2021, p. 140), a partir da visão dos especialistas, concluímos ser importante observar os seguintes fatores:

1. Público-alvo: determinar o perfil do público consulente antes de se iniciar uma obra.
2. As propriedades da definição que integra as terminologias técnico-científicas: considerar o teor das informações e traços suficientes e necessários. Isto é, o conteúdo das informações contidas na DT deve concordar com as características inerentes às áreas científica, técnica ou tecnológica. Isso significa que as propriedades da definição devem seguir o perfil do domínio em que se enquadram. Considerar, ainda, aquilo importante para compor a DTS e que poderá contribuir com a compreensão do sinal-termo por parte do consulente. Essas propriedades podem ser, ainda, informações tidas como “irrelevantes”, mas que, conforme a área do conhecimento e as necessidades do consulente, se tornam relevantes.

3. Elementos linguísticos: identificar quais Unidades Lexicais Sinalizadas (ULS) e como essas unidades se combinam a fim de apresentar os traços suficientes e necessários do sinal-termo.
4. Elementos extralinguísticos: reconhecer as normas de registro videográfico em Libras como cor do fundo do vídeo, vestimenta do sinalizante e proporções da tela; o uso de figuras, imagens e vídeos; considerar os axiomas apresentados pela lexicografia e terminografia da Libras quanto à constituição da DTS e sua relação com a macro e microestrutura da obra.

Conforme registramos nesse artigo, a relação entre esses quatro fatores, por um lado, é favorável no sentido de identificar aquilo que poderá influenciar na elaboração de uma DTS e que, muitas vezes, é deixado de lado por parte dos terminólogos e terminógrafos. Conforme temos reforçado ao longo desta tese, não basta apenas observarmos as porções definitórias que compreendem a menção do *gênero próximo* e da *diferença específica*, mas é fundamental, na etapa de formulação de uma DT, levar-se em conta outros fatores aqui denominados como condicionantes, para bem estruturá-la. Reiteramos que esses "outros elementos" perfazem o que Finatto (2001b) já denominou como "entorno de significação".

Por fim, o reconhecimento dos aspectos apontados pelos nossos 13 colegas pesquisadores Surdos que se dedicam à Terminologia e/ou Lexicografia de Libras, nos apontou e ratificou caminhos significativos para o nosso caso específico. Na seção, a seguir, apresentamos uma análise da estrutura das definições já consideradas quanto à sua compreensibilidade.

4.1.2. Análise da estrutura das definições no artigo de 2021

Após a análise de compreensibilidade das definições selecionadas para esta etapa do estudo, nesse artigo de 2021, demos um segundo passo na análise para descrever a estrutura das DTS. Para a elaborar a definição, algumas categorias foram criadas. Essas categorias são representadas por: O QUE É X; COMO FUNCIONA X; e PARA QUE SERVE X. De outro modo, a definição proposta também atende ao modelo clássico composto pelas categorias *gênero* e *diferença*. Dessa forma, a estrutura de **APROVEITAMENTO DE ESTUDOS** possui a seguinte estrutura: O QUE É X (*gênero próximo*) + COMO FUNCIONA X + PARA QUE SERVE X (*diferença específica*).

Já a estrutura de **INDEPENDÊNCIA DO BRASIL** segue o modelo de definição

lexicográfico e terminológico conhecido como modelo canônico e pragmático por Faulstich (2014). O composto é representado da seguinte forma (Felten; Finatto, 2021, p. 141): i) o que é X; ii) para que serve X; de modo que “X” corresponde a forma/signo e condensa “Y”. Os autores explicam que esse modelo tem base no enunciado definitório clássico com as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*.

No caso da DTS de **MASSA**, foi observado que neste modelo de definição apresenta aspectos distintivos, por exemplo, que **MASSA** difere de matéria. Essa definição possui, segundo os autores, analogias contextuais que facilitam a compreensão do consulente Surdo. Assim, a definição do sinal-termo possui a seguinte estrutura: “**X SIGNIFICA O QUE?**”. Nesse caso, ‘X’ corresponde ao sinal-termo” (Ibid., p. 143). Nesse caso, explicamos que esse tipo de pergunta retórica é recorrente na Libras, pois, em muitos contextos, é utilizada essa estratégia para preparar os interlocutores para receberem as informações posteriores.

Ainda no caso da definição de **MASSA**, chamamos a atenção para o fato que essa tática utilizada na DTS possui três funções: i) preparar o interlocutor para informações posteriores; ii) dar ênfase a uma informação relevante; e iii) para evocar o ente definido. Diante da análise apresentada por mim e Finatto (Felten; Finatto, 2021, p. 144), a estrutura da definição possui uma sequência para explicar, de forma didática, o conceito de **MASSA**. A sequência é a que segue:

- 1.MASSA SIGNIFICA O QUÊ;
- 2.MASSA PERTENCE À QUÍMICA;
- 3.MASSA É...;
- 4.M-A-S-S-A EM OUTRO CONTEXTO É...;
- 5.EXEMPLO: um determinado corpo possui uma quantidade de massa;
 - 5.1.CONTEXTO 1: um corpo na terra tem um determinado peso;
 - 5.2.CONTEXTO 2: um corpo na lua tem peso diferente que o da terra;
 - 5.3. HIPÓTESE: O peso muda, mas a massa continua igual.

Por fim, no que diz respeito à estrutura da DTS para **COMÉDIA PASTELÃO**, identificamos alguns traços distintivos utilizados. Esses traços são representados pelas seguintes categorias: “O QUE É COMÉDIA PASTELÃO; COMÉDIA PASTELÃO USA O QUE; O QUE COMÉDIA PASTELÃO NÃO USA; e COMÉDIA PASTELÃO SERVE

PARA QUE” (FELTEN; FINATTO, 2021, p. 145). Isso posto, a DTS para o sinal-termo em questão possui a seguinte sequência:

1. COMÉDIA PASTELÃO É: tipo de comédia;
2. COMÉDIA PASTELÃO USA: o corpo;
3. COMÉDIA PASTELÃO NÃO USA: voz;
4. COMÉDIA PASTELÃO SERVE PARA 1: para atividades;
 - 4.1. POR MEIO DE: quedas, arremesso do corpo em paredes, perseguições e torta na cara uns dos outros;
 - 4.2.COMÉDIA PASTELÃO SERVE PARA 2: proporcionar humor.

4.2. Considerações sobre a estrutura da DTS

Após comparar e avaliar as definições de alguns sinais-termo em diferentes glossários, elaboramos algumas considerações. A primeira delas está relacionada à importância das categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Observamos que a presença dessas categorias na estrutura de três, das quatro DTS. Portanto, para nós, essas categorias são consideradas importantes para a elaboração de uma DT, porém apenas o uso dessas categorias é insuficiente para a produção de uma definição considerada compreensível, adequada e eficiente.

A segunda consideração trazida pelos autores diz respeito à presença do ente definido na paráfrase definitiva, conforme observamos na estrutura “**X SIGNIFICA O QUE?**” apresentada na DTS correspondente **MASSA**. Outra consideração dos autores é quanto ao sinal de EXEMPLO utilizado na DTS para **MASSA**. Nós acreditamos que o uso dessa unidade lexical pode ser confundida com o contexto de uso. Por outro lado, essa mesma unidade é empregada para evocar características que distinguem os conceitos, e não como contextos.

Além disso, a elaboração das DTS possui objetivos diferentes, além do didático. Essa é a diferença pela qual a DTS de COMÉDIA PASTELÃO não precisa de uma explicação para distinguir conceitos como vimos em MASSA. Diante disso, os autores explicam que “percebemos que essa explicação de cunho conceitual parece resolver uma questão homonímica advinda do português” (Felten; Finatto, 2021, p. 147).

Por fim, damos relevância ao caráter extensionista da definição. O caráter extensionista é utilizado, a partir de diferentes situações num mundo possível, como função

para representar o conceito de intenção (Moura, 1999). Esse tipo de definição “traz exemplos e analogias que enumeram as funções e as intenções estabelecem um vínculo entre o sinal-termo, o conceito e seu significado” (Id. Ibid.).

Para apresentar os aspectos reconhecidos como relevantes para a elaboração de uma DTS, Felten & Finatto (2021) organizamos essas características num quadro do qual podemos conferir, a seguir:

Quadro 24 - Aspectos reconhecidos como relevantes para a elaboração de uma DTS

Uso das categorias <i>gênero próximo</i> e <i>diferença específica</i> ;
Uso do ente definido por meio da combinatória X SIGNIFICA O QUE;
Observar a área de domínio e o público-alvo;
Uso de contexto para distinguir conceitos por meio da ULS EXEMPLO + CONCEITO;
Uso das categorias verbais: É oque, USA oque, não USA , SERVE para;
Enumera as características do conceito;
Caráter mais circular e menos conciso e objetivo;

Felten; Finatto (2021, p. 149)

SÍNTESE DO BLOCO 1

Tal como dissemos na apresentação inicial da tese, ao tratar da DT de sinais-termo pertencentes às Ciências Humanas, por meio dela, buscamos recuperar a perspectiva de uma definição que esteja na perspectiva de definição em Linguística. Todo o percurso traçado até aqui teve o intuito de buscar reflexões teóricas para justificar o nosso objeto de pesquisa.

Apresentamos, também, uma preocupação com o serviço de acessibilidade linguística e textual e terminológica para os candidatos Surdos que estejam, ainda, no Ensino Médio, ou para aqueles que já finalizaram essa etapa dos estudos e tenham interesse em pleitear uma vaga no ensino superior por meio da realização do Enem. Um exame que contém expressivo conteúdo sobre as Ciências Humanas, que compreendem as áreas de História, Sociologia, Filosofia e Geografia.

Nos preocupamos em apresentar o impacto social que esta tese promove ao contribuir para a acessibilidade linguística para os sujeitos Surdos brasileiros. Mostramos que como esta pesquisa traz contribui no sentido de oferecer um material lexicográfico cuja DT esteja de acordo com a Libras e com a promoção da acessibilidade textual, uma condição fundamentada na democratização do acesso ao conhecimento encontrado em formato de texto.

Não podemos deixar de lembrar, ainda, que esta pesquisa contribui para os estudos de Terminologia de Libras. Só se pode trazer contribuições dessa natureza se a Terminologia for colocada numa posição mais ou menos teorizada sobre a língua e os signos. Assim, para propor uma DT para sinais-termo, buscamos o resultado do confronto das posições teóricas da Terminologia disponíveis nas línguas orais e estudos em terminologia empreendidos na Libras.

Em função disso, buscamos inspiração em concepções terminológicas de Cabré, Faulstich e Hoffmann para entendermos como tais perspectivas teóricas observam o termo. Nesse sentido, a alternativa atual de uma Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), numa perspectiva linguística, surge, evidentemente, como uma opção mais aberta e adequada à porção linguística das terminologias, incluindo as terminologias sinalizadas, ainda que não a considere como única concepção.

A concepção socioterminológica nos dá uma amplitude teórica necessária para observação do comportamento terminológico por diversos grupos sociais. Isso inclui a Comunidade Surda brasileira e os seus subgrupos, como os jovens Surdos que estão no

ensino médio. Esse público apresenta um particular relacionamento com as terminologias em contexto escolar. O seu ponto de vista, o do usuário, no caso, é rico para definir a forma e o modo com que expressam determinados sinais-termo, a partir do ponto de vista dos usuários da língua. Isso significa uma alternativa igualmente atualizada no que tange esse grupo social no Brasil. Considerar o ponto de vista do usuário como posição de enfrentamento terminológico na Libras é, sem dúvida nenhuma, um importante aprendizado.

Após a fase inicial da Terminologia, aquela considerada clássica, cuja função era dar predominância aos aspectos cognitivos e normativos sobre os aspectos linguísticos, mais tarde, verificamos uma segunda etapa de transformações epistemológicas da Terminologia: a perspectiva linguística. Continuando a oposição à Terminologia tradicional, a partir de trabalhos considerados pioneiros por Alain Rey (1979) e L.Hoffmann (1982) e de outros autores, passa-se a compreender que o reconhecimento terminológico deverá incluir também especificidades da dimensão textual.

Essa dimensão é uma das que encontramos apoio para explicar o trato terminológico a partir de textos especializados, como o do texto do tipo “questão de prova” encontrado nas provas do Enem. Isso inclui tanto o texto em português escrito, como o texto sinalizado.

Além disso, nos posicionamos contra um reducionismo do enunciado definitório aos valores e limites estanques da categorização lógica do *gênero próximo* e da *diferença específica*. Embora importantes, encontramos vestígios de que não são os únicos elementos referidos no *definiendum* ao se tratar de uma DT em Libras. Isso foi verificado, sobretudo, com pesquisa de campo, publicado em artigo e integrado à tese.

A próxima parte desta pesquisa, no sentido de validarmos as ideias defendidas por esta tese, é especial dedicada à perspectiva linguística da DT.

BLOCO 2 – TERMINOLOGIA E TERMINOGRAFIA APLICADAS

CAPÍTULO 5 – DEFINIÇÃO DO *CORPUS* PARA UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SEMIBILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS DE CIÊNCIAS HUMANAS

Neste capítulo, vamos abordar os caminhos percorridos para fixar o *corpus* que nos serve para compor um protótipo de glossário. Esse deve ser um glossário pensado para atender estudantes Surdos do Ensino Médio que se preparam para o Enem na área de Humanidades/História.

A fase de organizar um *corpus* partindo das vídeo provas do Enem foi, sem dúvida, uma das etapas mais importantes da nossa pesquisa. Selecionar os candidatos a termos e sinais-termo de um *corpus* não é uma tarefa fácil. Para alcançarmos a tarefa de selecionar as terminologias, foi preciso entender, primeiramente, a relação entre termo, texto e a tradução das provas do Enem. Além disso, a coleta de percepções, com colegas pesquisadores e pós-graduandos Surdos, descrita no bloco anterior, nos ajudou a escolher alguns caminhos e a identificar particularidades do domínio com que vamos tratar: a História.

Nas seções deste capítulo, apresentamos, ainda, os *corpora* da pesquisa e a seleção dos termos e sinais-termo. Ao longo do tratamento terminológico, apareceram alguns casos curiosos com que tivemos que lidar, como o caso das variantes e das sinonímias. Além dessas, tivemos o caso de formas de sinais-termo que são tanto adjetivos, quanto substantivos, tendo o contexto como fator determinante para identificarmos a sua classe gramatical. Observamos, ainda, que as referências bibliográficas dos textos da prova são fonte e emprego de termos e sinais-termo. Por último, trazemos algumas ponderações sobre o *corpus* selecionado para compor o desenho do glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português de Ciências Humanas.

5.1. Considerações preliminares ao trabalho com o *corpus*: relação entre termo, texto e tradução das vídeo provas do Enem

A relação entre termo, texto e tradução vêm preocupando há muito tempo terminólogos, terminógrafos e tradutores. Os posicionamentos a respeito dessa relação são diversos: seja pela evolução dos estudos terminológicos e pelos possíveis axiomas que regem a organização do léxico de especialidade em glossários, seja pela importância dos termos para o tradutor técnico.

Como lidamos com termos, é importante retomarmos a definir sobre nosso objeto aqui estudado. Cabré (1998) diz que termo é um signo que possui traços distintivos e leva significados num discurso da linguagem de especialidade. Eles também possuem um lado

pragmático, pois são unidades utilizadas na comunicação especializada para se referir a objetos do mundo real. Krieger & Finatto (2018, p. 78) explicam que termos não se restringem apenas a objetos do mundo real, mas podem ser usados para expressar conceitos e processos. Para as autoras, os termos “são elementos de expressão da realidade e de construção do saber científico, técnico ou tecnológico”. Para L’Homme (2004a, p. 22), os termos “são unidades lexicais cujo significado é considerado por referência a um campo de especialidade, ou seja, um campo do conhecimento humano, associado à atividade socioprofissional”⁵³.

Como não lidamos apenas com termos em português escrito, é importante diferenciá-lo de sinal-termo. Nesse caminho, entendemos o sinal-termo como um

Termo da Língua de Sinais Brasileira para representar conceitos com características de linguagem especializada, própria de classe de objetos, de relações ou de entidade. 2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber. 3. Termo adaptado do português para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira (FAULSTICH, 2012).

Nos estudos terminológicos e terminográficos da Libras, é fundamental que façamos a distinção acima apresentada, pois lidamos com línguas de modalidades diferentes. Assim, entendemos que os termos e sinais-termo são importantes recursos para a precisão conceitual das comunicações profissionais, favorecendo a transmissão e a construção do conhecimento científico.

Nesse sentido, o Enem, principal porta para o ensino superior no país, é um campo fértil ao tratarmos de conhecimento científico. Consideramos um campo farto, pois o exame procura avaliar o desempenho escolar dos estudantes ao término da educação básica. Tal desempenho é avaliado por meio de questões que envolvem quatro grandes áreas científicas ensinadas ao longo do processo de escolarização. Essas grandes áreas são: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias e Matemática e suas Tecnologias. Como toda área científica possui os seus termos, o Enem se torna um veículo importante que não só avalia os conhecimentos dos candidatos, mas conduz conhecimento científico, técnico e

⁵³ Os termos “*sont des unités lexicales dont le sense est envisagé par repport à um domaine de spécialité, c’est-à dire um domaine de la connaissance humaine, solvente associe à une activité socio-professionnelle*” (Tradução nossa).

tecnológico por meio de terminologias.

Em 2017 se inaugura o Enem em Libras, grande oportunidade para candidatos Surdos ingressarem no ensino superior. Para melhor atender as especificidades linguísticas desses candidatos, usam-se as vídeo provas que são traduções a partir do português na modalidade escrita. Como a vídeo prova é resultado de um processo tradutório, entendemos a tradução como um “processo interpretativo e comunicativo que consiste na reformulação de um texto por meio de outra língua, que se desenvolve em um contexto social e com uma finalidade determinada” (Hurtado Albir, 2001, p. 41). A partir da concepção da autora, e dentro da perspectiva da Libras, compreendemos que a tradução é um ato de comunicação que opera um texto (seja escrito ou sinalizado) e uma tarefa cognitiva.

Para conhecer um pouco mais sobre o processo de tradução do Enem, é importante mostrar a estrutura da prova, tanto em português escrito, como em Libras. O caderno de provas em português escrito possui uma estrutura que conduz o candidato na análise do item. Em outro momento (Felten, 2022), explicamos que, no caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias, o item a ser respondido é composto por quatro partes, a saber: i) texto motivador ou imagem; ii) referência bibliográfica; iii) pergunta/comando; e iv) alternativas. Podemos observar a estrutura dessa diagramação na figura 17, a seguir.

Figura 17 – Diagramação do item 58 do caderno de prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias em português escrito

QUESTÃO 58

A democracia que eles pretendem é a democracia dos privilégios, a democracia da intolerância e do ódio. A democracia que eles querem é para liquidar com a Petrobras, é a democracia dos monopólios, nacionais e internacionais, a democracia que pudesse lutar contra o povo. Ainda ontem eu afirmava que a democracia jamais poderia ser ameaçada pelo povo, quando o povo livremente vem para as praças – as praças que são do povo. Para as ruas – que são do povo.

Disponível em: www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/discurso-de-joao-goulart-no-comicio-da-central. Acesso em: 29 out. 2015.

Em um momento de radicalização política, a retórica no discurso do presidente João Goulart, proferido no comício da Central do Brasil, buscava justificar a necessidade de

- A** conter a abertura econômica para conseguir a adesão das elites.
- B** impedir a ingerência externa para garantir a conservação de direitos.
- C** regulamentar os meios de comunicação para coibir os partidos de oposição.
- D** aprovar os projetos reformistas para atender a mobilização de setores trabalhistas.
- E** incrementar o processo de desestatização para diminuir a pressão da opinião pública.

1. TEXTO MOTIVADOR

2. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

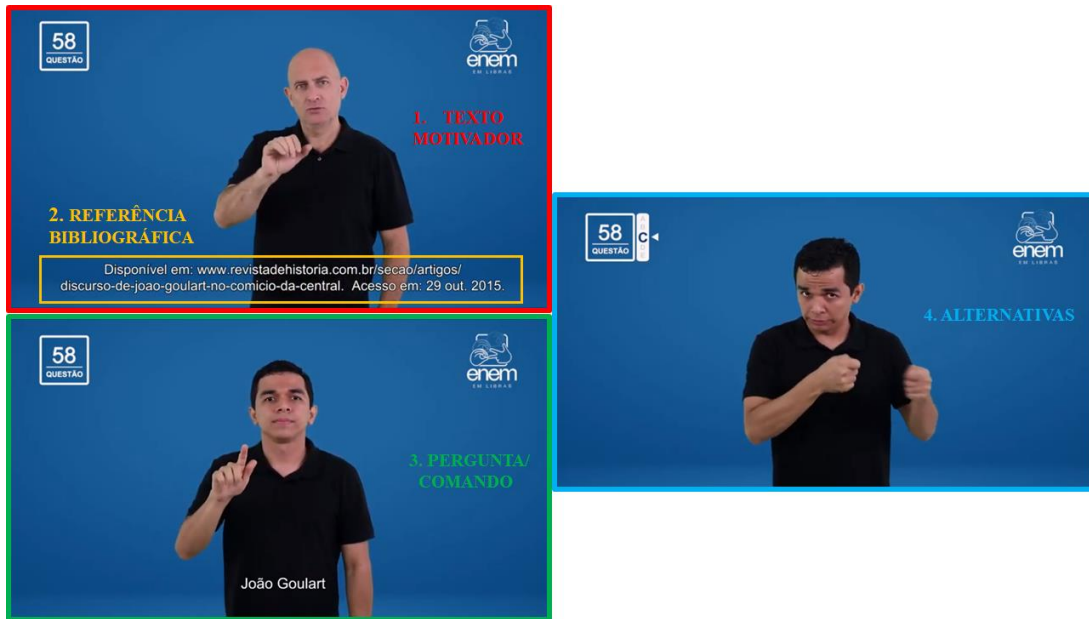
3. PERGUNTA/COMANDO

4. ALTERNATIVAS

Caderno de provas de Linguagens e suas Tecnologias e Redação e Ciências Humanas e suas Tecnologias (INEP, 2018, p. 28).

Da mesma forma, na vídeo-prova, os itens possuem estrutura semelhante, mas de modo que atenda as especificidades linguísticas da Libras. Observemos a diagramação por meio da figura 18, a seguir.

Figura 18 - Diagramação do item 58 da vídeo prova do caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias



Enem 2018. Vídeo prova de Linguagens e suas Tecnologias e Redação e Ciências Humanas e suas Tecnologias (INEP, 2018, p. 28)

A partir das quatro partes que compõem uma questão do Enem, verificamos que este mesmo item possui um estilo específico. Isso quer dizer que um item, ao ser elaborado, deve ter: a) inclusão de uma competência a ser verificada pelo candidato; e a b) inclusão de uma habilidade a ser verificada pelo candidato. Essas competências e habilidades estão na Matriz de Referência⁵⁴ do exame. Na figura 19, a seguir, podemos observar como é o processo de criação de um item de prova utilizado no Enem.

⁵⁴ A Matriz de Referência é um documento público que pode ser acessado por meio do *link*: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdfhttps://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.

Figura 19 – Processo de construção da prova do Enem

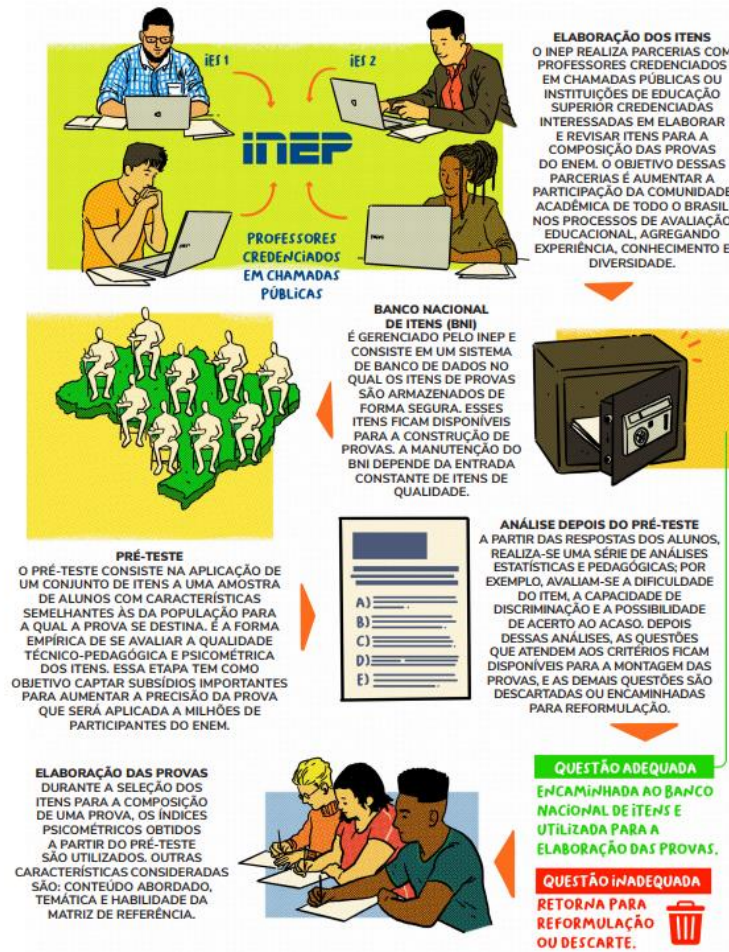


FIGURA 11

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PROVA DO ENEM

Fonte: Elaborado pela Ascom/Inep.

ASCOM/INEP

Isso mostra que, para se criar um item, devem ser considerados critérios bem delimitados para que este esteja adequado a fazer parte do Banco Nacional de Itens (BNI)⁵⁵. Está claro que tais critérios criam uma diferenciação do estilo especializado que um item deve possuir. Isso significa que há uma relação coesa entre o texto/imagem motivador (a), a pergunta e as alternativas. Essa correlação constitui uma estrutura textual muito particular, sendo considerada por nós, portanto, como um texto de especialidade.

⁵⁵ “Atualmente, o BNI do Inep reúne um acervo de itens para a realização do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa (Celpe-Bras), do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), do Exame Nacional de Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja), do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), do Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituição de Educação Superior Estrangeira (Revalida) e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)”. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/bni>. Acesso em agosto/2022.

Entendemos como texto a “unidade linguística relativamente fechada em relação à temática, articulada, estruturada, coerente, complexa, e que, nas relações sociais de atividades, deve exercer uma ou mais funções comunicativas” (Hoffmann, 1990, p.6).

Já os textos especializados são o “resultado da atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada sócio-produtiva” (Hoffmann, 2015, p. 47). Segundo o autor, um texto de especialidade (que é especializado) possui aspectos estruturais e funcionais que são formados por um conjunto finito e ordenado de orações sintáticas, semânticas e pragmaticamente coerentes. Nas palavras do autor,

o texto especializado é um instrumento e, ao mesmo tempo, resultado da atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada socioprodutiva. Esse texto compõe uma unidade estrutural e funcional (um todo) formado por um conjunto finito de orações sintáticas, semântica e pragmaticamente coerentes (textemas). O texto pode ser visto como unidades de valor equivalentes que correspondem, na medida de signos linguísticos complexos, a enunciados complexos do conhecimento humano e a circunstâncias complexas da realidade objetiva (Hoffmann, 1990, p. 93).

A partir da perspectiva apresentada por Hoffmann (1990, 2015), entendemos que o item de prova do Enem é um texto especializado do tipo “questão de prova”. Afinal, está a serviço do conhecimento e da definição de objetos específicos de áreas especializadas, como as Ciências Humanas. Isso porque o item é criado por um especialista de um determinado domínio e que tem como objetivo avaliar o conhecimento relacionado a essa mesma área. Desse modo, cada item do Enem é um texto especializado, pois possui características próprias que o distingue, facilmente, de outros gêneros textuais.

Como se trata de um texto especializado, o material do Enem possui uma densidade terminológica considerável. Suas unidades terminológicas veiculam conhecimentos por meio de conceitos que são característicos das Ciências Humanas. Em outro momento explicamos que os termos da História são provenientes das construções discursivas, resultantes de uma profunda reflexão que passa por todo um processo investigativo de um especialista, perpassa pela operação intelectual reflexiva, faz correspondência com as estruturas mentais da língua e se constituem em unidades semânticas (Felten, 2016).

Como dissemos anteriormente, a prova do Enem, desde 2017, é traduzida da sua versão em língua portuguesa escrita para a Libras. Ao lidarmos com um texto de especialidade dessa natureza, é comum que terminologias se tornem problemas ao longo do processo tradutório. Conforme apontam Bevilacqua e Kilian (2017, p. 1711.), os

problemas terminológicos que podem ocorrer durante o processo tradutório, estão relacionados: “i) ao estabelecimento de equivalentes no texto de chegada (TC) para os termos do texto de partida (TP); ii) à identificação de formas variantes para um mesmo termo tanto no TP como no TC, e iii) à neologia terminológica”.

Ao longo da coleta de termos para este trabalho, percebemos que muitos equivalentes⁵⁶ em Libras encontrados na vídeo prova são sinais-termo correspondentes, paráfrases ou explicações sobre os termos. Dessa forma, consideramos não apenas sinais-termo correspondentes, mas também paráfrases, explicações e descrições⁵⁷, que são estratégias tradutórias do tradutor como *corpus* para nossa pesquisa.

Aceitar as estratégias tradutórias como *corpus* para nossa pesquisa foi ~~foram~~ importantes por dois motivos: i) o Enem é aplicado em todo Brasil, tornando-se uma ferramenta de difusão de terminologias sinalizadas; e ii) acreditamos que essas paráfrases, explicações e descrições podem, a longo prazo, se ajustar e tornarem-se ~~se tornando~~ unidades terminológicas bem definidas.

5.2. Os *corpora* desta pesquisa

Conforme já mencionado, utilizamos, para coleta dos termos e sinais-termo, as provas e vídeo provas das edições aplicadas em 2017, 2018 e 2019. Escolhemos tais edições, pois a tradução e a produção da vídeo prova começaram a partir de 2017. Não contemplamos as edições de 2020 e 2021, dado que até a etapa de coleta das terminologias desta tese, as vídeo provas referentes às estas edições não haviam sido disponibilizadas no *site* do Inep, como estão as três edições anteriores.

Todas as provas estão disponíveis em formato PDF e podem ser consultadas por meio do *site* <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>. As vídeo provas também estão disponíveis através do *site* <http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/enem/enem-em-libras>. Nas subseções, a seguir, detalharemos cada uma das etapas.

5.2.1. A seleção dos termos

⁵⁶ Para nós, equivalência, na perspectiva da tradução, é o processo tradutório que dá conta da mesma situação que a língua original expressa, recorrendo a uma redação inteiramente diferente na língua fonte (VINAY; DARBELNET, 1958, p. 8-9). Do ponto de vista da terminologia, são as tomadas de decisão que o tradutor faz para encontrar um correspondente na língua alvo de um termo empregado no texto na língua fonte.

⁵⁷ Na vídeo prova do Enem, na perspectiva da tradução, como nem todos os termos possuem correspondentes, os tradutores utilizam extensões como estratégia tradutória para dar conta do sentido que um determinado termo possui no contexto em que está incorporado.

A seleção dos candidatos a termos em português foi realizada manualmente. Isso significa que não utilizamos nenhum *software* como *AntConc*¹, *Sketch Engine*², etc. Esses programas são úteis para gerar listas de frequência de palavras ou termos, muito utilizados em pesquisas sobre vocabulários. Entretanto, ao pensarmos na Libras, não há um programa que faça essa busca de frequência de sinais ou de sinais-termo em vídeos. Até o momento desta pesquisa, em 2023, desconhecemos qualquer programa desenvolvido que funcione para vídeos, como os *softwares* mencionados anteriormente.

Esses programas que listam frequência de palavras e termos são comumente utilizados em pesquisas que lidam com *corpus* textuais escritos. Todavia, ao afirmar que essas ferramentas não funcionam para a Libras, não quer dizer que não há pesquisas que lidem com *corpus* em língua de sinais. Pelo contrário, sabemos que há pesquisas importantes que buscam um *corpus* de referência na Libras, como o caso do *Corpus Libras*³, grupo de estudo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Esse grupo possui três eixos importantes: o inventário nacional de variação linguística; o inventário de Libras de falantes com idade entre 19 e 29 anos, 30 a 59 anos e acima de 60 anos; e o registro de línguas de sinais emergentes motivados pelo Inventário Nacional de Diversidade Linguística (INDL).

Por tais razões, resolvemos identificar e coletar os termos manualmente, seguindo esses critérios:

- i) os termos devem pertencer às ciências que compõe as Ciências Humanas, isto é, a História, a Geografia, a Sociologia e a Filosofia;
- ii) os termos devem estar enquadrados em alguma das quatro categorias institucionais, a saber: instituição Política, a instituição Social, a instituição Cultural e a instituição Econômica;
- iii) os termos devem pertencer à categoria dos substantivos;
- iv) ter relevância no conteúdo do Enem; e
- v) percepção subjetiva do item pelo pesquisador.

Para a coleta, realizamos uma leitura detalhada das questões do caderno de provas, avaliando o emprego dos termos e sua relação textual. Feita a leitura, fomos listando os termos utilizados, separando-os pelo número da questão e ano de edição. Isso facilitou a coleta dos sinais-termo na vídeo-prova, processo que apresentaremos na seção seguinte.

Postos os critérios para a seleção dos termos, demos destaque ao critério ii): os termos devem estar enquadrados em alguma das quatro categorias institucionais, a saber:

instituição Política, a instituição Social, a instituição Cultural e a instituição Econômica. As instituições apresentadas foram pensadas a partir das competências exigidas na Matriz de Referência da área de Ciências Humanas e suas Tecnologias do Enem. As competências avaliadas são seis:

- 1) Compreender os elementos culturais que constituem as identidades;
- 2) Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder;
- 3) Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais;
- 4) Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social;
- 5) Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade; e
- 6) Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos.

Embora tenhamos seguido critérios bem definidos para a seleção dos termos, não podemos deixar de comentar que essas terminologias foram escolhidas seguindo, também, critérios subjetivos da minha percepção de relevância. Afinal, como autor desta pesquisa, sou também professor, tradutor e intérprete de Libras e licenciado em História.

Por meio de conhecimentos em História trazidos por mim, foi possível avaliar as terminologias em ambas as línguas, segundo o critério de importância do conteúdo abordado no Enem. Isso quer dizer que há temas que podem ser mais ou menos abordados na prova. Isso também foi determinante para a escolha dos termos.

Foram coletados, portanto, **148 termos** das três edições mencionadas. Todos os termos foram organizados em uma árvore de domínio e enquadrados em uma das quatro Instituições que organizam a sociedade brasileira. Sobre essa organização, comentaremos no capítulo destinado à organização das terminologias em árvores de domínio. Os termos selecionados podem ser conferidos no capítulo 6.

Apresentadas as considerações sobre a coleta dos termos em português, temos, a seguir, a etapa de coleta dos sinais-termo.

5.2.2. *A seleção dos sinais-termo*

Realizamos a coleta dos sinais-termo manualmente assim como coletamos os termos em português escrito. Para a seleção dos sinais-termo, seguimos os mesmos critérios para a coleta dos termos em português:

- i) os termos devem pertencer às ciências que compõe as Humanidades, isto é, a História, a Geografia, a Sociologia e a Filosofia;
- ii) a recorrência do uso das terminologias nos *corpora* utilizados para a pesquisa;
- iii) os termos devem estar enquadrados em alguma das quatro categorias institucionais, a saber: instituição Política, a instituição Social, a instituição Cultural e a instituição Econômica;
- iv) os termos devem pertencer à categoria dos substantivos;
- v) ter relevância no conteúdo do Enem.

Após a seleção dos termos, realizamos a busca dos correspondentes em Libras nas vídeoprovas referentes aos anos de 2017, 2018 e 2019. Para organizar os termos coletados, criamos uma tabela comum para o português e para a Libras onde constam as seguintes informações: A) o termo, o número da questão onde está empregado e o ano da edição da prova; B) em qual parte da questão o termo está empregado, isto é, se está no texto motivador, na referência bibliográfica do texto motivador, no comando ou nas alternativas, seu recorte em português escrito e referência do caderno de prova, contendo o dia da aplicação e o número da página; e C) o *link* do YouTube da questão em Libras, onde recortamos o contexto de uso dos sinais-termo.

Com a ajuda de um editor de vídeo, foi possível “recortar” do item os contextos de uso dos sinais-termo. Isso serviu para duas finalidades: 1) registrar o sinal-termo e 2) para sistematizar as informações que serão importantes na estruturação da microestrutura do glossário proposto.

Na tabela 1, a seguir, podemos observar um exemplo da organização criada por nós com o uso do termo e do sinal-termo *Democracia* nas três edições do Enem.

Tabela 1 – Registro, uso e referências dos termos e sinais-termo coletados

A	B	C
DEMOCRACIA Q. 48 – 2017	Alternativa D) Enaltecimento do sentimento pátrio, ligado à consolidação da democracia. Ciências Humanas – 1º dia	Link da vídeoprova: https://www.youtube.com/watch?v=LIFbyEcCpQo

	Caderno – VERDE – Página 19	
DEMOCRACIA Q. 58 – 2018	<p>Texto motivador</p> <p>“A democracia que eles pretendem é a democracia dos privilégios, a democracia da intolerância e do ódio (...)”.</p> <p>Disponível em: www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/discurso-de-joao-goulart-no-comercio-da-central. Acesso em: 29 out. 2015.</p> <p>Ciências Humanas – 1º dia / Caderno – VERDE – página 23</p>	<p>Link da vídeoprova: https://www.youtube.com/watch?v=3grTko-2IwM</p>
DEMOCRACIA Q. 88 – 2019	<p>Texto motivador</p> <p>“A democracia envolve um modelo de Estado no qual políticas protegem os cidadãos e reduzem as desigualdades.”</p> <p>Rizzoto, M. L. F. <i>et al.</i> Justiça social, democracia com direitos sociais e saúde: a luta do Cebes. Revista Saúde em Debate, n. 116, jan.-mar. 2018 (adaptado).</p> <p>Ciências Humanas – 1º dia Caderno - VERDE – Página 31</p>	<p>Link da vídeoprova: https://www.youtube.com/watch?v=FxagT1EHU9g</p>

Felten (2023)

Por meio dessa organização, foi possível mapear a questão e ano de aplicação da prova onde os termos estão empregados. Feito o mapeamento, pudemos procurar na mesma questão, mas agora na vídeoprova. Quando o termo estava empregado no texto motivador, por exemplo, foi preciso assistir toda a sinalização da tradução do mesmo texto na vídeoprova para identificar o termo correspondente em Libras. A figura 20, a seguir, mostra em *frames*, como identificamos os sinais-termo nas vídeoprovas.

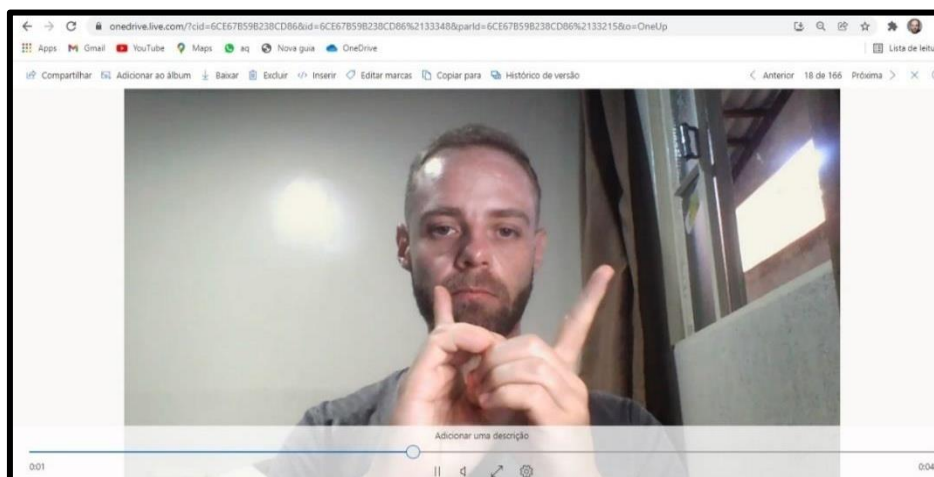
Figura 20 – Exemplo de uso do sinal-termo correspondente para *democracia* na estrutura da questão do Enem 2018



Disponível em:
http://enemvideolibras.inep.gov.br/2018/videoprova.html?prova=p2#questao_58. Acesso em
jan. 2022.

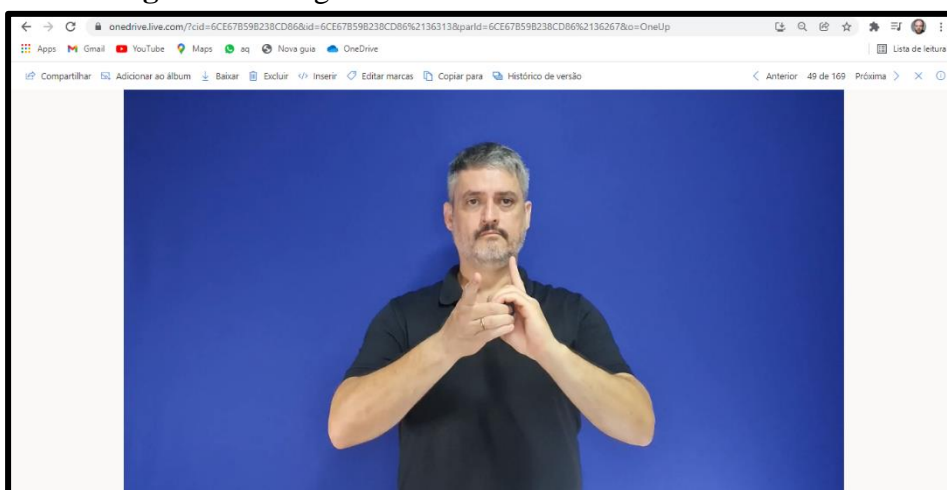
Após a identificação do correspondente, foi preciso realizar um registro “caseiro” do sinal-termo. Isso nos auxiliou a não nos perder ao longo do caminho da coleta dos sinais-termo. O registro foi armazenado na nuvem para, em outro momento, ser registrado em estúdio por um Surdo, com cor de camiseta e fundo do vídeo adequados. Nas figuras 21 e 22, respectivamente, podemos observar o *frame* do registro “caseiro” realizado pelo pesquisador e em estúdio pelo terminólogo Surdo do sinal-termo para *Democracia*.

Figura 21 – Registro “caseiro” do sinal-termo *democracia*



Felten (2023)

Figura 22 – Registro em estúdio do sinal-termo *democracia*



Felten (2023)

Após todas as etapas acima descritas concluídas, importamos os sinais-termo registrados em vídeo para o YouTube, criando uma *playlist* com o vocabulário de especialidade. A relação de sinais-termo coletados das vídeo-provas estão disponíveis e podem ser consultados por meio do *link*: https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOInigBVD7pP-46Rszh_63iIzIv23Y7.

A lista, organizada dessa forma, com acesso aberto, pode facilitar a consulta ao vocabulário especializado empregado nas vídeo-provas. Além disso, é uma estratégia interessante de democratizar as terminologias em Libras, pois qualquer pessoa que possua o *link* pode acessar o conteúdo gratuitamente, se estiver conectada à internet.

É importante dizer que, ao longo do processo de coleta dos sinais-termo, buscamos

os exemplos de uso dos correspondentes em Libras nas três edições da vídeo prova. Em contextos mais recorrentes relacionados à política, economia e religião, foi possível obter um contexto de uso em cada edição do Enem utilizado por nós. Os termos e sinais-termo mais recorrentes são *Democracia*, *Cidadania*, *Cidadão*, *Colonização portuguesa*, *Desigualdade social*, *Globalização*, *Década*, *Ideologia*, *Lei*, *Mão de obra*, *Nacionalismo*, *política*, entre outros.

Por outro lado, houve contextos relacionados a assuntos mais específicos e menos recorrentes como *Cidades-estados*, *Cidade Medieval*, *Pensamento kantiano*, *Religiões de matriz africana*, *Paus-de-Arara*, *Revolucionismo*, *Tecnologia militar*, *Satélite artificial*, entre outros. Nesses casos, encontramos apenas um contexto em uma das edições de aplicação da vídeo prova.

Após a organização mencionada, criamos uma *playlist* no YouTube com todos os recortes de uso selecionados por nós. A *playlist* pode ser acessada por meio do *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=ZZ7BOyEMDRI&list=PLIwOInigBVD5LOM9OZB5OppDQvp1ZJwgp>. Ao acessar a lista de recortes que mostram o emprego dos sinais-termo na vídeo prova, o consulente terá acesso a 179 vídeos. Essa quantidade de contextos é superior à quantidade de terminologias sinalizadas. Isso ocorre porque tivemos a preocupação de apresentar um exemplo de uso do sinal-termo em cada edição, no caso das UTS mais recorrentes, e um exemplo apenas, no caso das UTS menos recorrentes.

5.2.2.1. O caso das variantes

Conforme apresentamos na seção anterior, à medida que os sinais-termo eram coletados, íamos observando os seus contextos de uso na vídeo prova. Essa observação de uso nos permitiu a identificação de variantes linguísticas de termos a partir da tipologia textual que lidamos. Isso confirma que há, de fato, a existência de variantes e variabilidades nas linguagens de especialidade (Sager, 1990).

Faulstich (2001, p. 18) já nos explicava que a “variação linguística interlíngua se dá quando diferentes termos são empregados para designar um só conceito em várias línguas. Estes são considerados sinônimos de variação”. A autora diz, ainda, que a terminologia tradicional tinha o objetivo de eliminar a variação das linguagens de especialidade. No caminho contrário à perspectiva wüsteriana, variação e terminologia não se confrontam nas teorias atuais. Pelo contrário, “a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social” (Ibid. p. 20).

A TCT (Cabré, 1999, 2005) trouxe modelos semânticos para fornecer explicações sobre a formação e estruturação dos conceitos especializados, bem como, para descrever as características dos sistemas conceituais e sua denominação. Essa teoria explica que os termos não devem ser concebidos como unidades dissociadas de seu contexto de produção e comunicação, mas devem ser vistos como unidades que ativam um conhecimento ou caráter especializado, dependendo de seu uso.

Nesta tese, para explicar o fenômeno das variantes terminológicas, consideramos, em especial, a Socioterminologia de Faulstich (1995), a Teoria Comunicativa da Terminologia de Maria Teresa Cabré (1999, 2005) e as perspectivas textuais de Hoffmann (1990, 2015). A partir desses paradigmas, entendemos que os termos e suas variantes fazem parte da língua e do uso social, como também não se dissociam do contexto comunicativo e textual, seja no aspecto denotativo ou conceitual.

Trazendo tais teorias para a realidade da Libras, tais concepções nos ajudaram a entender o comportamento dos sinais-termo no contexto comunicativo em que estão manifestos. Como o contexto comunicativo é manifesto por meio de textos de especialidade, do tipo “questão de prova”, as terminologias sinalizadas podem se manifestar em qualquer domínio científico, técnico ou tecnológico, inclusive na História.

Conforme apresentamos na seção anterior sobre o processo de coleta dos sinais-termo, ao realizarmos a busca pelos exemplos de uso, percebemos que há formas diferentes utilizadas pelo tradutor para o mesmo termo em português das edições do Enem analisadas. Essas formas variantes são resultados da escolha dos tradutores. Esse resultado ocorre, principalmente, devido ao contexto em que o termo está empregado.

Esse é o ponto por nós corroborado, ou seja, as variantes terminológicas podem apresentar formas diferentes de um mesmo conceito ou conceitos similares sendo abordados num contexto comunicativo de especialidade. Essas formas são determinadas a partir da relação entre o texto de especialidade, do contexto em que estão empregadas e de escolhas tradutórias. Considerando a tríplice relação apresentada, entendemos que esses sinais-termo são formas variantes legítimas e que merecem ser repertoriadas.

Como planejamos incluir as formas variantes nos verbetes que vão compor o protótipo de glossário proposto por nós, ratificamos a definição de variantes terminológicas trazida por Faulstich (2010, p. 180-183). Para a autora, as variantes “são formas concorrentes com a entrada. Elas correspondem, na verdade, a uma das alternativas para um mesmo referente”.

Mas, para que organizássemos as terminologias como sinal-termo principal e

variante(s), foi necessário pensar em critérios. Os critérios foram dois: i) o primeiro uso segundo a edição (2017) de aplicação da vídeo-prova. Isso significa que, se o(s) sinal(is)-termo correspondente(s) fosse(m) diferente(s) nas outras duas edições (2018 e 2019), escolheríamos como sinal-termo 1 a unidade utilizada na primeira edição (2017); ii) a recorrência de uso, isto é, se houvesse dois ou mais sinais-termo iguais em duas das três edições, escolheríamos como principal o que tivesse mais ocorrência. Dessa forma, organizamos como sinal-termo principal o sinal-termo 1, e os demais (2, 3 e 4) como suas variantes.

Considerando a escolha dos sinais-termo, a relação textual existente e o contexto de uso que guia a escolha tradutória, observamos que esse fenômeno ocorreu com os correspondentes em Libras para os termos:

ALFÂNDEGA



<https://youtu.be/TQEipVO1LLs>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/eGJ5Q4gBiCM>

Sinal-termo 2

ARTESANATO



<https://youtu.be/aKYwqMIGXvk>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/57dltCEMQBU>

Sinal-termo 2

CAPITAL



<https://youtu.be/fEhBBQsXS-g>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/MwvNRp7syww>

Sinal-termo 2

CARTOGRAFIA



<https://youtu.be/S8m8ynAua98>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/xPbUAT8U3I8>

Sinal-termo 2

CENSURA



<https://youtu.be/gsMisXwJ73Q>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/7QhLqhWiJvY>

Sinal-termo 2

COMUNIDADE



<https://youtu.be/2xzSu0YFJo4>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/VUx9LSzdbey>

Sinal-termo 2

DESIGUALDADE SOCIAL



<https://youtu.be/WU5EMGnwKBY>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/13208M6EB40>

Sinal-termo 2

ESCRAVO



<https://youtu.be/kG7KQfWHgbc>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/M9NLnSfrHqo>

Sinal-termo 2

ESTEREÓTIPO



<https://youtu.be/okNGPBZo-Ic>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/fRYFvDkU0Qw>

Sinal-termo 2

GLOBALIZAÇÃO



<https://youtu.be/Av3omFieo0k>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/wY0G6dMaZ14>

Sinal-termo 2



https://youtu.be/o9J-t5_KWeY

Sinal-termo 3

HEGEMONIA



<https://youtu.be/ZLoJUFJzex4>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/IYQYvXpy9cY>

Sinal-termo 2

MINISTÉRIO DA DEFESA



<https://youtu.be/IWZWzqiEjG4>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/7xgNSs6n0kQ>

Sinal-termo 2

MONOCULTURA



<https://youtu.be/gXKpsWCgHRs>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/OK51avrukEc>

Sinal-termo 2



<https://youtu.be/Q4Ze0nd2FaI>

Sinal-termo 3

MOVIMENTO SOCIAL



<https://youtu.be/dw116bE939Y>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/Q61RUZeB5Fs>

Sinal-termo 2

NACIONALISMO



<https://youtu.be/c1kDIZtcFuM>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/yz3-QpnyE4g>

Sinal-termo 2



<https://youtu.be/9sp7byGJEBM>

Sinal-termo 3

NORMA



<https://youtu.be/U4EhmbmaD68>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/PQArSUsAstI>

Sinal-termo 2



<https://youtu.be/UreV09vUQCA>

Sinal-termo 3

OCUPAÇÃO



https://youtu.be/j-_OoLP6OMg

Sinal-termo 1



https://youtu.be/j_9d8esfewU

Sinal-termo 2



<https://youtu.be/oN9nLVswCC8>

Sinal-termo 3



https://youtu.be/wseQ_Tr_M7U

Sinal-termo 4

ONU



<https://youtu.be/qwCkr3enkbI>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/LTP9b2C7qio>

Sinal-termo 2

REFORMA AGRÁRIA



<https://youtu.be/C7rZQr6SOoU>

Sinal-termo 1



<https://youtu.be/cYHjhw8572E>

Sinal-termo 2

SUS



<https://youtu.be/RwAOs1eCftU>

Sinal-termo 1



https://youtu.be/G3yNO_xp2GM

Sinal-termo 2

Dados os exemplos de variantes, pudemos desenvolver algumas constatações. A primeira delas é que a(s) forma(s) variante(s) está(ão) intrinsecamente ligada(s) ao contexto de uso. A segunda, é que a escolha do sinal-termo correspondente dependerá da subjetividade do tradutor. Em terceiro lugar, o uso de um glossário destinado para os tradutores da vídeoprova poderia ajudar a diminuir as variações. Mas isso não significa que as variantes sejam um problema. Pelo contrário, são escolhas que foram muito bem pensadas para o contexto do item.

Sobre o uso de glossário para os tradutores, no entanto, depende do projeto de tradução que envolve o Enem. Como não temos acesso ao projeto e desconhecemos o processo de tradução, o que inferimos aqui são considerações realizadas por meio de análises.

5.2.2.2.O caso das sinonímias

Nesta seção, ilustramos alguns casos de sinonímias encontradas no *corpus* desta

pesquisa. Antes de apresentar os casos encontrados, é importante entendermos o que são sinonímias na perspectiva terminológica.

Inicialmente, a Teoria Geral da Terminologia (TGT), a partir de uma perspectiva normativa e prescritiva, não recomendava a documentação de muitos sinônimos. Conforme explica Karsch (2014, p. 294), “*in fact, these approaches aim to have one designation represent one concept*⁵⁸”.

Nesse caminho, Sager (1990) explicava que, na visão da Teoria Geral, a forma de um termo poderia pertencer a mais de um campo semântico, desde que as formas fossem diferentes, ou seja, numa perspectiva “um por um”. Esse ponto de vista considera que uma determinada forma denomina um conceito. Entretanto, a partir da mudança de paradigma trazida pelas novas teorias terminológicas, começou-se a aceitar a existência de sinônimos para um conceito. Para o autor (Id. p. 59),

*In the onomasiological approach and in the search for translation equivalents, however, the choice between forms must be made via contextual examples which are translated into rules of usage. In this way terminological theory gains a practical dimension*⁵⁹.

O que o autor apresenta, na verdade, é que, a partir da perspectiva onomasiológica, isto é, da visão que parte do significado para o significante (forma), os termos que compartilham o mesmo significado são sinônimos uns dos outros. Nesse caminho, Temmerman (2000), mais tarde, reconhecerá que variantes e sinônimos são necessários, inevitáveis e funcionais.

Cabré (1990) admite que, embora teoricamente um conceito seja expresso por uma única designação, na realidade existem designações alternativas para um único conceito e a designação de dois conceitos diferentes podem coincidir, mesmo dentro do mesmo campo especial. Para a autora, duas unidades que designam o mesmo conceito são sinônimas. Cabré (Ibid. p. 109-110) explica, de forma mais detalhada, que a sinonímia existe em diferentes níveis:

a) *Between a designation and its definition (alternating current = electric current that reverses direction in a circuit at regular intervals)*⁶⁰;

⁵⁸“de fato, essas abordagens visam fazer com que uma designação represente um conceito” (tradução nossa).

⁵⁹ “Na abordagem onomasiológica e na busca de equivalentes de tradução, entretanto, a escolha entre as formas deve ser feita por meio de exemplos contextuais que são traduzidos em regras de uso. Desta forma, a teoria terminológica ganha uma dimensão prática” (tradução nossa).

⁶⁰ “Entre uma designação e a sua definição (corrente alternada = corrente elétrica que inverte o sentido num circuito em intervalos regulares)”.

- b) *Between a designation and an illustration of the same concept.*⁶¹
- c) *Between equivalent terms in different languages (Eng. design, Fr. dessin, Sp. diseño)*⁶²;
- d) *Between designations of different functional languages (correctional centre, penitentiary, prison, jail)*⁶³;
- e) *Between alternative designations in the same historical language (tocology/obstetrics; windshield/windscreen; computed tomography/computed axial tomography/computerized axial tomography/computerized tomography)*⁶⁴

Pearson (1998, p. 170), em sua perspectiva, diz que “(...) *what is important for establishing synonymy is equivalence of meaning*⁶⁵”. Para se aprofundar mais nessa posição, a autora utiliza as normas ISO (1087, p. 05) que estabelece que um sinônimo é a “*Relation between designations (5.3.1) representing only one concept (3.1) in one language*⁶⁶”. Segundo Pearson (Ibid.), a ISO (Idem.) se refere a situações em que os termos são equivalentes em significado e em uso. Dessa forma, os sinônimos terminológicos podem mudar em todos os contextos de um campo semântico. Contexto, para Pearson (1998), é um texto ou parte de um texto no qual um termo é usado.

No nosso *corpus*, observamos a ocorrência de sinais-termo sinônimos. Um caso interessante que deve ser apresentado particularmente é o caso dos sinais-termo correspondentes a *Constituição, Constituição Federal e Constituição de 1988*. Esses sinais-termo, na linguagem de especialidade, fazem referência ao mesmo conceito. Estamos diante de um caso típico de sinais-termo coocorrentes.

Como pretendemos incluir as formas sinonímias nos verbetes que vão compor o nosso protótipo de glossário, adotamos a definição de sinônimos terminológicos trazida por Faulstich (2010). Para a autora, os sinônimos são formas coocorrentes que funcionam como sinônimos cujo significado é idêntico ao do termo da entrada.

⁶¹ “Entre uma designação e uma ilustração do mesmo conceito”.

⁶² “Entre termos equivalentes em línguas diferentes (Eng. Design, Fr. Dessin, Esp. Diseño)”.

⁶³ “Entre designações de diferentes linguagens funcionais (centro correcional, penitenciária, prisão, cadeia)”.

⁶⁴ “a) Entre uma designação e sua definição (corrente alternada = corrente elétrica que inverte o sentido de um circuito em intervalos regulares);

b) Entre uma designação e uma ilustração do mesmo conceito;

c) Entre termos equivalentes em diferentes línguas (Eng. *design*, Fr. *dessin*, Sp. *diseño*);

d) Entre designações de diferentes linguagens funcionais (centro prisional, penitenciária, prisão, cárcere);

e) Entre designações alternativas na mesma língua histórica (tocologia/obstetrícia; para-brisas/para-brisas; tomografia computadorizada/tomografia axial computadorizada/tomografia axial computadorizada/tomografia computadorizada)” (tradução nossa).

⁶⁵ “o que é importante para estabelecer a sinonímia é a equivalência de significado” (tradução nossa).

⁶⁶ “Relação entre designações (5.3.1) representando apenas um conceito (3.1) numa língua” (tradução nossa).

Os sinais-termo que apresentam esse fenômeno são:



<https://youtu.be/FQ23FZMhj8s>

Constituição



<https://youtu.be/Y6vVC0gJGyo>

Constituição Federal



<https://youtu.be/Pq1zoZEKbck>

Constituição de 1988

Os sinais-termo para *Constituição* e *Constituição Federal* podem, muito bem, fazer referência às outras Constituições elaboradas ao longo da história política e social brasileira. Entretanto, os casos aqui apresentados, foram retirados de contextos pós 1988, período de redemocratização brasileira. Os sinais-termo acima mencionados fazem, portanto, menção ao mesmo documento político.

Em um dos contextos retirados da vídeo-prova sobre o sinal-termo para *Comunidade*, observamos que o tradutor utiliza o sinal para *Povo* no sentido de *Comunidade*. Neste caso, registramos o contexto para ser inserido no verbete como uma terceira opção de exemplo de uso do sinal-termo. O contexto que utiliza o sinal para *Povo* como sinônimo de *Comunidade* foi encontrado na edição de 2018 (Contexto 2). Os contextos retirados da vídeo-prova que mostram o uso do sinal-termo para *Comunidade* são:

COMUNIDADE



<https://youtu.be/30dS6ajXYHw>

Contexto 1



<https://youtu.be/qYFEi6Rcm-M>

Contexto 2



<https://youtu.be/1pC6kYGjygM>

Contexto 3

5.2.2.3. O caso da mudança de classes gramaticais

Além dos casos das variantes e das sinonímias, encontramos termos em português empregados na prova como adjetivos. Essas UTs são: *criacionista*, *ecumênico*, *etnocêntrica* e *mitológica*. Como um dos critérios para seleção é que o termo deve ser um substantivo, resolvemos selecionar, portanto, *Criacionismo*, *Ecumenismo*, *Etnocentrismo* e *Mitologia*. Em Libras, esses adjetivos tomam forma de substantivo. O que os difere é, na verdade, o contexto de uso. Como as formas para os esses adjetivos são, também, a mesma para os substantivos, resolvemos incluí-los no *corpus* da pesquisa na forma de nomes. Os sinais-termo são os que seguem:



https://youtu.be/TdQ_JmJNyIo

Criacionismo



<https://youtu.be/HnAjOz9FhgA>

Ecumenismo



<https://youtu.be/HAhp5cgl6Uw>

Etnocentrismo



https://youtu.be/r_NLc8_ZZ3Y

Mitologia

5.2.2.4. O caso das referências bibliográficas

Outro caso interessante desta etapa da pesquisa foi a seleção do termo *Escravidão*. O termo e o sinal-termo foram selecionados da referência bibliográfica de um dos itens. A questão estava relacionada ao período da escravidão no Brasil, mas não estava empregado no texto, na pergunta/comando ou nas alternativas. Nessa situação, decidimos selecioná-lo, partindo do pressuposto a importância do conteúdo que o termo e do sinal-termo possuem.

O contexto do sinal-termo em questão é a tradução da referência bibliográfica do item. Lembrando que a “questão de prova” possui um funcionamento, percebemos que as referências também são importantes. Isso porque o aluno deve observar, além dos textos, as suas referências bibliográficas. Nelas há informações importantes que podem não estar explícitas nos textos, mas em casos como este, contextualizam o tempo histórico que o texto aborda. O sinal-termo para *Escravidão* foi encontrado em duas referências bibliográficas na edição de 2019. Os contextos são:

ESCRAVIDÃO



<https://youtu.be/E--zFZWFnfo>

Contexto 1

ENEM, 2019. Vídeoprova de Ciências Humanas e suas Tecnologias.



https://youtu.be/iUY_6ArDFVA

Contexto 2

ENEM, 2019. Vídeoprova de Ciências Humanas e suas Tecnologias

5.3. Considerações sobre o corpus que será composto o glossário didático-pedagógico semibílingue Libras-Português de Ciências Humanas

Todo processo de seleção dos termos e sinais-termo desta pesquisa foi pensado para compor um glossário de Ciências Humanas com fins didático-pedagógicos. Além de um material que sirva para o ensino e aprendizagem da linguagem científica de História, todo o *corpus* que dará forma ao glossário foi pensado e selecionado para atingir os destinatários da obra. Isso mostra que o caráter da obra e o público a que será destinada, cumprem um papel fundamental no balizamento de escolha das terminologias.

Não basta pensarmos apenas num modelo de DT sinalizada em Linguagem Simples, inspirada nas ideias da *plain language*, aplicável à Libras. É preciso que todo o processo de elaboração, desde a seleção dos sinais-termo até a micro e macroestrutura do glossário estejam adequados aos estudantes Surdos do Ensino Médio, o destinatário do trabalho.

Todos os casos de variantes, sinonímias, classes gramaticais e contextos de uso devem estar a favor da aprendizagem dos consulentes. Embora a definição dos sinais-termo seja uma questão urgente a ser discutida, não é a única função de uma obra terminográfica. Cada sinal-termo e suas informações são importantes para auxiliar o aluno a adquirir conhecimento técnico-científico. Além disso, o candidato Surdo que queira conhecer o funcionamento do Enem, ao consultar a obra, terá a oportunidade de acessar conteúdos que estão disponíveis na vídeoprova.

Por essa razão, algumas considerações precisam ser feitas. Como dissemos em outras oportunidades (Cf. Felten, 2021) e aqui reforçamos, que o Enem é aplicado

nacionalmente no Brasil desde 1998. Só a partir de 2017, ou seja, dezenove anos depois o exame passou a ser traduzido para a Libras, o que é bastante recente.

Além disso, a estrutura da avaliação não foi pensada para as pessoas surdas. O que queremos dizer, por exemplo, é que há questões que podem contemplar a cultura compartilhada pelas pessoas não-surdas, como o uso de composições musicais, para testar habilidades relacionadas à acuidade auditiva.

Outra consideração é a estrutura do item. Por ser um exame que avalia as competências dos candidatos, cada item possui um objetivo que requer a habilidade de análise. Dessa forma, a tradução deve seguir o objetivo do item e manter o grau de dificuldade em Libras para os candidatos Surdos poderem analisar. Isso implica estratégias e tomadas de decisão no processo tradutório da prova.

Diante dessas considerações, destacamos o que reconhecemos, talvez, como o fator mais importante. Ao longo da etapa de coleta das terminologias, verificamos uma estreita relação entre os sinais-termo, o texto e o contexto comunicativo. *Grosso modo* pode-se dizer o seguinte: o uso do sinal-termo e conseqüentemente o seu conteúdo conceitual, está muito bem alocado num amplo contexto comunicativo (comunicação especializada), isto é, o texto. Juntos cumprem a função de transmissão e de construção do conhecimento científico, técnico ou tecnológico (linguagem especializada).

O texto especializado, que no nosso caso corresponde às questões de prova do Enem, compõe uma unidade estrutural e funcional formada por um número finito de frases que se comportam de forma coerentes. Nesse conjunto de enunciados, há termos e sinais-termo, como unidades de valor que, na condição de signos linguísticos complexos, correspondem a enunciados complexos do conhecimento humano. Esses enunciados ~~que~~ pertencem a um contexto comunicativo científico bem específico. No caso do nosso estudo, assim, vale frisar, lidamos com os textos de especialidade (questões de prova do Enem) do domínio das Ciências Humanas.

Dessa forma, em consonância com a visão de Hoffman (2015), o estudo das questões do Enem, como textos de especialidade, não pode se limitar apenas aos termos e sinais-termo nesses textos, pois as próprias questões podem apresentar características enunciativas muito particulares. Por isso, acreditamos que, no processo tradutório, há um funcionamento lógico e coerente entre o termo, o sinal-termo, o objetivo do texto de especialidade (questões de prova) e o contexto sócio-histórico inerente às Ciências Humanas. Esse é um dos motivos que explica a produção de tantas formas variantes e uso de sinônimos encontradas ao longo dos três anos de aplicação do Enem em Libras.

Isso reforça as explicações encontradas, reconhecidas por nós na Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1997; 1998), na Socioterminologia (Faulstich, 1995) e na perspectiva Textual da Terminologia (Hoffmann, 2018).

Assim, os componentes sintáticos que compõem a estrutura textual parecem conduzir a forma dos sinais-termo. Isso pode parecer, a princípio, um problema de caráter funcional que envolve a terminologia, o texto e seus contextos e a tradução. Para nós está longe de ser um problema. Entendemos que essa relação mostra como a Libras funciona diante dos vários nichos científicos, técnicos e tecnológicos. A língua de sinais tem se mostrado, ao menos no comportamento terminológico, como autêntica e independente.

Feitos esses os comentários sobre o *corpus* desta pesquisa, passamos para o capítulo que aborda a importância da elaboração das árvores de domínio tanto em português, como em Libras.

CAPÍTULO 6 – ELEMENTOS DO GLOSSÁRIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SEMIBILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS DE CIÊNCIAS HUMANAS

Neste capítulo, apresentamos as árvores de domínio em português escrito e em Libras. Nelas estão inseridos os termos e sinais-termo selecionados. Uma árvore de domínio é um organograma hierárquico composto por termos ou sinais-termo pertencentes à uma área científica, técnica ou tecnológica. Nesta parte da pesquisa, como trazemos uma organização hierárquica possível, conceituamos o que é uma árvore de domínio e sua importância no trato terminológico. Nesse sentido, como uma parte inovadora desta tese, propomos uma hierarquia alternativa em Libras.

6.1.A importância de um glossário de Ciências Humanas

Os estudos relacionados às Ciências Humanas constituem um dos mais vastos e ricos espaços de debate que geram conhecimento. Em pesquisas que procuram remontar o passado, buscamos no tempo, nas estruturas do pensamento humano e nas relações sociais explicações para os mais inquietantes questionamentos humanos. Dessa forma, conseguimos reconstruir a nossa existência por meio de vestígios, artefatos, documentos e narrativas históricas.

As Ciências ditas Humanas, nesse contexto, servem como cenário onde a existência humana acontece. Essas ciências e seus agentes testemunham os mais importantes eventos da vida humana – pois só o ser humano consegue conceber e refletir sobre o tempo como objeto - e é capaz de observar e refletir em termos racionais sobre o tempo presente.

Dentre as ciências que compõem as Humanas, nosso destaque é para a História. A compreendemos como ciência, pois possui “sentido do processo histórico de regulação metódica da pesquisa que leva o conhecimento genérico à plausibilidade racional controlável da ciência” (Rüser, 2010, p. 11). Esse conhecimento, que leva a uma aceitação racional por meio de um método investigativo, é pautado por evidências.

Dessa forma, admitimos a autenticidade da História como ciência. Entretanto, não apenas a História compõe o âmbito das Ciências Humanas. Essa grande área é composta por outras três disciplinas que são a Geografia, a Filosofia e a Sociologia. Tais disciplinas, quando abordadas em sala de aula, pretende formar “cidadãos críticos na perspectiva dos multiletramentos, em razão da multiplicidade de linguagens e de culturas nas e das sociedades contemporâneas, concebida na perspectiva de uma cidadania construída” (SEEDF, 2014, p. 21).

Assim, o nosso futuro glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português tem sua importância não só na compilação de sinais-termo que pertencem às Ciências Humanas, mas tem como responsabilidade ajudar a divulgar, em Libras, o conhecimento científico das disciplinas que as compõem.

Para irmos além da divulgação do conhecimento técnico-científico que a obra pode proporcionar, nos motivamos para proporcionar aos Surdos temas fundamentais das Ciências Humanas para a formação de uma consciência histórica. Uma consciência que se dá nas salas de aulas formais. Como dissemos e defendemos em outro momento (Felten, 2016), pretende-se alcançar ao sujeito, na sua vida prática, recursos para uma compreensão elementar sobre a formação política, social, cultural e econômica, concepções que consideramos fundamentalmente históricas.

Um desafio na Educação Básica brasileira são ausências de métodos e materiais bilíngues congruentes, que auxiliem os Surdos ao longo da sua jornada educativa intrinsecamente relacionada à comunicação. Essas lacunas colaboram com o desigual conhecimento científico oferecido durante a formação escolar. Isso significa que as informações precisas não chegam com qualidade aos estudantes Surdos, porque faltam materiais adequados em Libras. Daí a importância de uma obra terminográfica em língua de sinais.

Acreditamos que um dos modos que pode diminuir as distâncias comunicativas na educação de Surdos é o fomento à acessibilidade mediante materiais em Libras. Defendemos a criação e divulgação de materiais em Libras.

A importância deste glossário assenta-se na contribuição linguística entre Surdos, professores Surdos e não-Surdos e Tradutores e Intérpretes de Libras nas escolas; no estreitamento de caminhos comunicativos; na amplificação e promoção do léxico dos alunos Surdos e não-Surdos; e na ajuda da compreensão das tramas dos eventos e dos fatos históricos brasileiros. A proposta bilíngue considera a Libras como fator determinante na constituição da identidade Surda, valorização reconhecida legalmente pela Lei 10.436/2002, subsídio legal ao direito de comunicar-se na L1 dos Surdos.

Como já dissemos anteriormente, este glossário diferencia-se por incluir a contribuição linguística dos alunos Surdos que estão cursando ou já concluíram o Ensino Médio. A maior contribuição, no entanto, está no estreitamento de caminhos comunicativos; na amplificação e promoção do léxico dos alunos Surdos; e na ajuda da compreensão das tramas dos eventos e dos fatos históricos e sociais em uma linguagem simples, de acordo com repertórios de significação mais conhecidos e empregados por

esses estudantes.

6.2. A árvore de domínio

Uma das etapas fundamentais do trabalho terminológico é produzir uma organização sistematizada ou hierárquica dos termos no domínio especializado, associando-os a um sistema conceitual. Essa organização permite ao terminólogo um desenho em perspectiva de um campo de conhecimento com que trabalhe. Por isso, é importante discutir sobre a elaboração de uma representação do sistema de conceitos do domínio de História em português e, sobretudo, em Libras.

A respeito desses sistemas de conceitos, Felber (1984) explicava que são conhecidos, também, como sistemas que classificam conceitos. Conforme o autor, as características conceituais que descrevem um determinado termo, desempenham um papel importante no sistema de conceitos. Essas características fazem o papel de agrupar os termos segundo o campo conceitual em que estão inseridos. Isto é, criam “famílias” de termos.

Todos os termos de sistema conceitual estão estruturados em níveis hierárquicos. Essas estruturas podem ser representadas por tabelas, gráficos e diagramas. Felber (Ibid., p. 134) acrescenta que *“there are a variety of graphical representations of concept and subject systems in existence which serve specific purposes and there will be even more in future”*⁶⁷. Isso quer dizer que não há um modelo “certo” a ser seguido quando se estabelece uma estrutura conceitual, mas há várias propostas de organização de termos em sistemas conceituais. As árvores de domínio são esquemas que servem para isso.

De acordo com Krieger e Finatto (2018, p. 134), uma árvore de domínio “é um diagrama hierárquico composto por termos-chave de uma especialidade, semelhante a um organograma”. As autoras explicam, ainda, que essa organização situa os termos numa determinada área do conhecimento.

Dito de outro modo, a árvore de domínio é uma ferramenta reconhecida pela Terminologia, servindo como um “guia de navegação” em uma dada área ou especialidade. Esse “mapa de termos+conceitos” favorece que, em grupo de trabalho, todos identifiquem e sigam os mesmos paradigmas conceituais. Um esquema como esse também pode servir como um guia para o consulente de um glossário situar um

⁶⁷ “existe uma variedade de representações gráficas de sistemas de conceito e tema que servem a propósitos específicos, e haverá ainda outros mais no futuro”. Tradução nossa.

determinado termo em meio a outros em uma dada área repertoriada, como se fosse um índice de temas. Para mais detalhes sobre a natureza e a construção de árvores de domínio, em português, veja os estudos de Cremonese (2007) e de Yamamoto (2020), que exploram as hierarquias e os sistemas conceituais da Linguística do Brasil. *A importância da árvore de domínio*.

6.2.1. . A importância da árvore de domínio

Até aqui falamos sobre sistemas de conceitos e como eles podem ser organizados conforme as características comuns que os termos possuem em relação à área de domínio em que estão inseridos. Mas podemos nos perguntar a razão dessas organizações serem importantes e/ou necessárias para o trato terminológico. Bojanoski (2018, p. 163) diz que “tais estruturas orientaram a organização conceitual da área, assim como a delimitação da nomenclatura do glossário”.

Para Krieger e Finatto (2018, p; 134), uma árvore de domínio serve para mostrar inter-relações conceituais de uma especialidade, além de “contribuir para que se tenha uma ideia de “onde” se situaria um trabalho específico de termos para um glossário ou dicionário”.

Já para Cremonese (2007), uma árvore de domínio é um “elemento que pode auxiliar o usuário do dicionário, à medida que situa um dado campo de conhecimento, suas denominações e suas inter-relações, ainda que as mais básicas, por ser sempre uma *aproximação inicial* de um campo”. Para essa autora, há duas grandes funções de uma árvore de domínio. A primeira é, conforme já citado, auxiliar uma equipe no processo de concepção geral do trabalho terminológico e terminográfico, e na elaboração dos verbetes de uma obra. A segunda função é que esse diagrama pode ser publicado, na própria obra que se organiza, servindo mesmo como um prefácio. Afinal, ajudará o consultante/usuário a (re)conhecer o campo conceitual conforme é coberto pela obra.

Para a autora, há duas grandes funções de uma árvore de domínio. A primeira é, conforme já citado, auxiliar uma equipe no processo de concepção geral do trabalho terminológico e terminográfico, e na elaboração dos verbetes de uma obra. A segunda função é que esse diagrama pode ser publicado, na obra ao final do trabalho ou mesmo como um prefácio. Isso serve para auxiliar o consultante/usuário a conhecer o campo conceitual conforme é coberto pela obra, além de identificar a importância de um dado termo no todo do campo conceitual em foco.

Para nós, não a árvore, mas as árvores de domínio tanto em português, como em

Libras, serviram para sistematizar o trabalho terminográfico. Essa sistematização envolveu verificar o funcionamento do termo e do sinal-termo no contexto textual em que é usado. Além disso, foi possível observar, conforme já referido, como as terminologias em Libras se estruturam a partir da sua relação com o texto e das escolhas tradutórias ao longo do processo de tradução da vídeo-prova.

Para mais, as árvores de domínio permitem auxiliar o consulente Surdo a entender o ponto de partida da definição do termo. Ou seja, a partir da leitura do organograma da árvore, apresentado em Libras, o usuário saberá a posição onde a terminologia se encontra no mapa conceitual. As árvores funcionam como um “localizador” terminológico no mapa semântico. Ao saber exatamente onde o termo ou o sinal-termo está, o consulente tem um importante auxílio para compreender o/os contexto(s) que o(s) termo(s)/sinal(is)-termo possui(em).

Considerando a relação entre termo e sinal-termo, texto e contexto, foi possível organizar as terminologias coletadas em campos temáticos que integram as Ciências Humanas. Esses campos temáticos, naturalmente, não foram pensados ao acaso. Para que pudéssemos selecionar e alocar cada terminologia em seu campo, utilizamos a Matriz de Referência do Enem, conforme apresentamos no capítulo anterior. Sobre os campos temáticos falaremos na seção a seguir.

6.2.2. A busca de uma árvore de domínio para o glossário de História

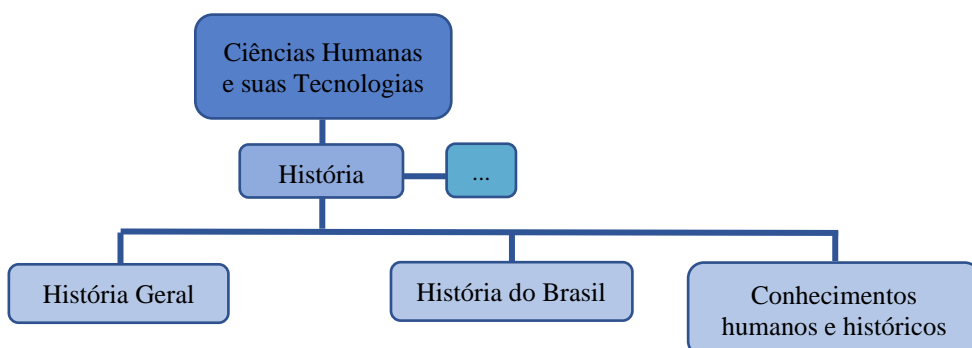
Como diz Castillo (1997, p. 21), “a árvore conceitual, ou árvore de campo, é uma representação esquemática da realidade do âmbito em que se investiga de onde se retiram as principais esferas (ramos da árvore) que formam a área em questão”. Percebemos que o autor utiliza outras terminologias para se referir ao organograma hierárquico. Para este trabalho, damos preferência ao termo “árvore de domínio”.

Conforme já referido, as árvores de domínio em português e em Libras criadas por nós, são estruturas que orientaram a organização conceitual da área da História, assim como delimitam a nomenclatura do glossário. E, vale repetir, apesar da nossa obra se chamar “CHT em Libras”, favorecemos a área da História, por possuir formação na área. Isso nos dá mais legitimidade em relação à percepção de temas nesse domínio.

Inicialmente, selecionamos a grande área do conhecimento com base na prova de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Em seguida, isolamos a área de História que integra as Ciências Humanas. Depois, a subdividimos em três subáreas que são: História Geral, História do Brasil e Conhecimentos Humanos e Históricos. Essa organização se

encontra da seguinte forma:

Figura 23 – Árvore de domínio da macroárea das Ciências Humanas e suas Tecnologias: História, História Geral, História do Brasil e Conhecimentos humanos



Felten (2023)

Para subsidiar a elaboração destas estruturas consultamos dois documentos que orientam o conteúdo que deve ser abordado ao longo dos três anos do Ensino Médio. Os documentos são: i) a Base Nacional Curricular Comum (BNCC)⁶⁸; ii) e a Matriz de Referência⁶⁹ do Enem.

A BNCC é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica. No Ensino Médio, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de **competências específicas**. As competências relacionadas às Ciências Humanas, isto é, à História, à Sociologia, à Filosofia e à Geografia, que o aluno deve desenvolver ao longo do Ensino Médio propostas pela BNCC (MEC, 2022, grifos nossos) são:

1. Analisar **processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais** nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da **pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos**, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

⁶⁸ A BNCC pode ser conferida na íntegra por meio do link: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

⁶⁹ A Matriz de Referência do Enem está disponível para consulta pelo link: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf.

2. Analisar a **formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços**, mediante a compreensão das **relações de poder** que determinam as territorialidades e o **papel geopolítico dos Estados-nações**.
3. Analisar e avaliar criticamente as **relações de diferentes grupos, povos e sociedades** com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus **impactos econômicos e socioambientais**, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional, nacional e global.
4. Analisar as **relações de produção, capital e trabalho** em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades.
5. Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando **princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários**, e respeitando os **Direitos Humanos**.
6. Participar do **debate público de forma crítica**, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao **exercício da cidadania** e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

Já a Matriz de Referência do Enem, no que tange às Ciências Humanas e suas Tecnologias, define uma série de competências e habilidades que o candidato deve possuir para analisar e responder as questões da prova. Essas competências, por nós grifadas, são:





1. **Competência de área 1 – Compreender os elementos culturais que constituem as identidades;**
2. **Competência de área 2 – Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder;**
3. **Competência de área 3 – Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais;**
4. **Competência de área 4 – Entender as transformações técnicas e tecnológicas e seu impacto nos processos de produção, no desenvolvimento do conhecimento e na vida social;**

5. **Competência de área 5 – Utilizar os conhecimentos históricos para compreender e valorizar os fundamentos da cidadania e da democracia, favorecendo uma atuação consciente do indivíduo na sociedade;**
6. **Competência de área 6 – Compreender a sociedade e a natureza, reconhecendo suas interações no espaço em diferentes contextos históricos e geográficos;**

A Matriz de Referência do Enem possui relação com a BNCC em termos de orientações sobre o conteúdo que deve ser ensinado ao longo do Ensino Médio. Ao verificarmos as competências em ambos os documentos, percebemos que há certa familiaridade entre eles. Os temas que enquadram as terminologias selecionadas das provas e vídeo-provas do Enem foram destacados por nós, a fim de demonstrar a inter-relação que há entre o conteúdo abordado na escola e o conteúdo avaliado no Enem.

A partir das competências identificadas em ambos os documentos, criamos subáreas que integram a História Geral e História do Brasil. Ambas as áreas possuem subáreas que comportam os termos selecionados por esta tese. As subáreas são, na verdade, instituições que possuem base e relação direta com as competências apresentadas tanto na BNCC (Ciências Humanas e Sociais Aplicadas), quanto na Matriz de Referência (Ciências Humanas e suas Tecnologias). Os campos criados historicamente e escolhidos para acolher as terminologias são: **político, cultural, econômico, social, Três Poderes, documentos políticos, Instituições, tempos históricos, aspectos histórico-geográficos, conhecimento humano e histórico e transformações técnicas e tecnológicas**. Esses campos integram as nossas árvores de domínios.

Para facilitar a leitura da nossa árvore de domínio, criamos uma legenda que complementa a compreensão do organograma. A legenda está assim organizada:

-  Grande área de domínio
-  Área que compõe as Ciências Humanas
-  Instituições formadas historicamente
-  Termos que serão utilizados na pesquisa

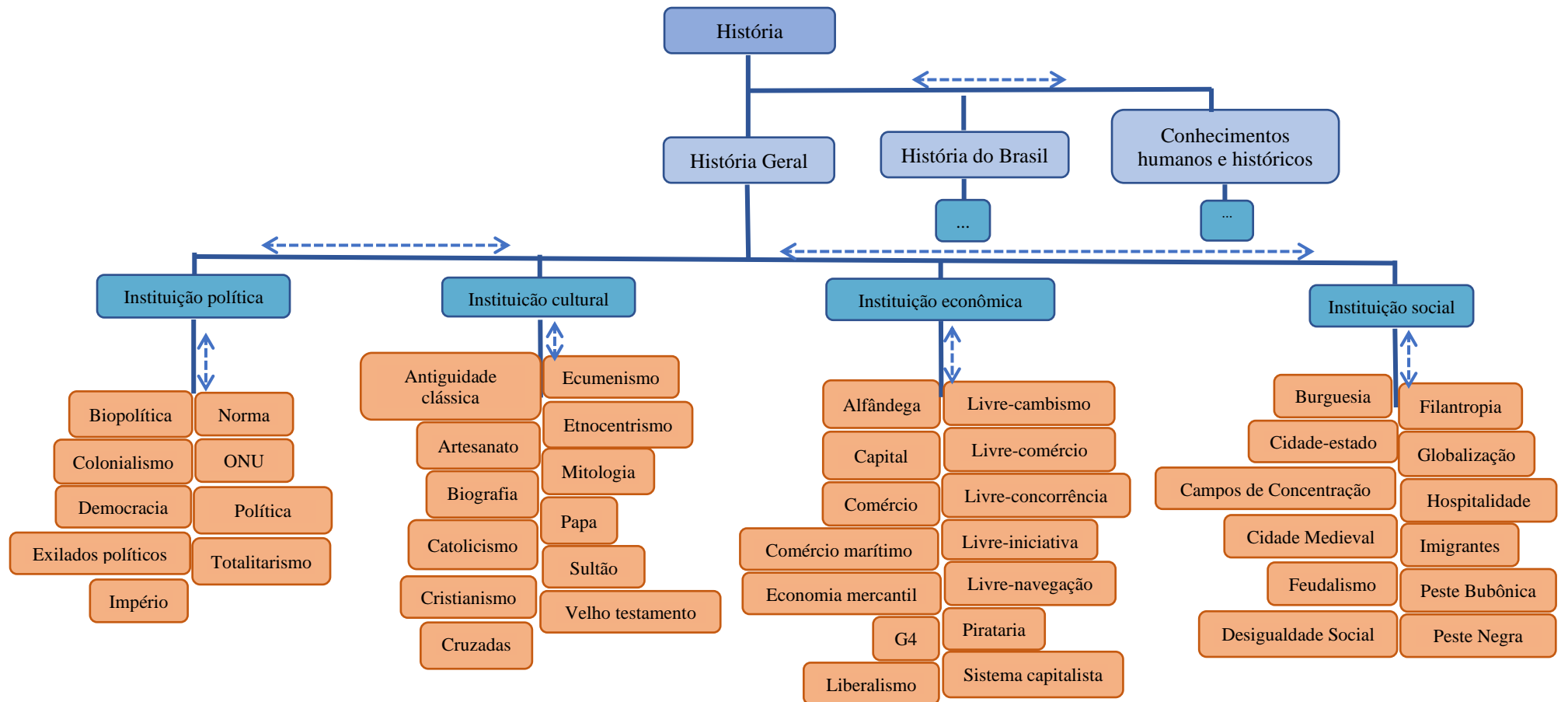
← → Movimento realizado pelos termos entre as áreas institucionais

Para esta pesquisa, são considerados, apenas, os termos que estão nos **balões de cor laranja**. Os termos que estão nos balões em azul são as subáreas onde as terminologias estão posicionadas. De outra forma, as setas tracejadas indicam o

movimento das terminologias. Isso significa que elas não são estáticas. Pelo contrário, elas flutuam entre as subáreas e macroáreas. *Capitalismo* é um termo que flutua entre a instituição econômica e social, por exemplo. O mesmo termo pertence, ainda, às macroáreas da Sociologia e Geografia. Assim, um termo estar em uma dada categoria não significa um confinamento estático, embora seja uma redução metodológica, situativa.

Com base nas explicações anteriores e nas seis competências das áreas contidas nos documentos, dividimos os termos da seguinte forma:

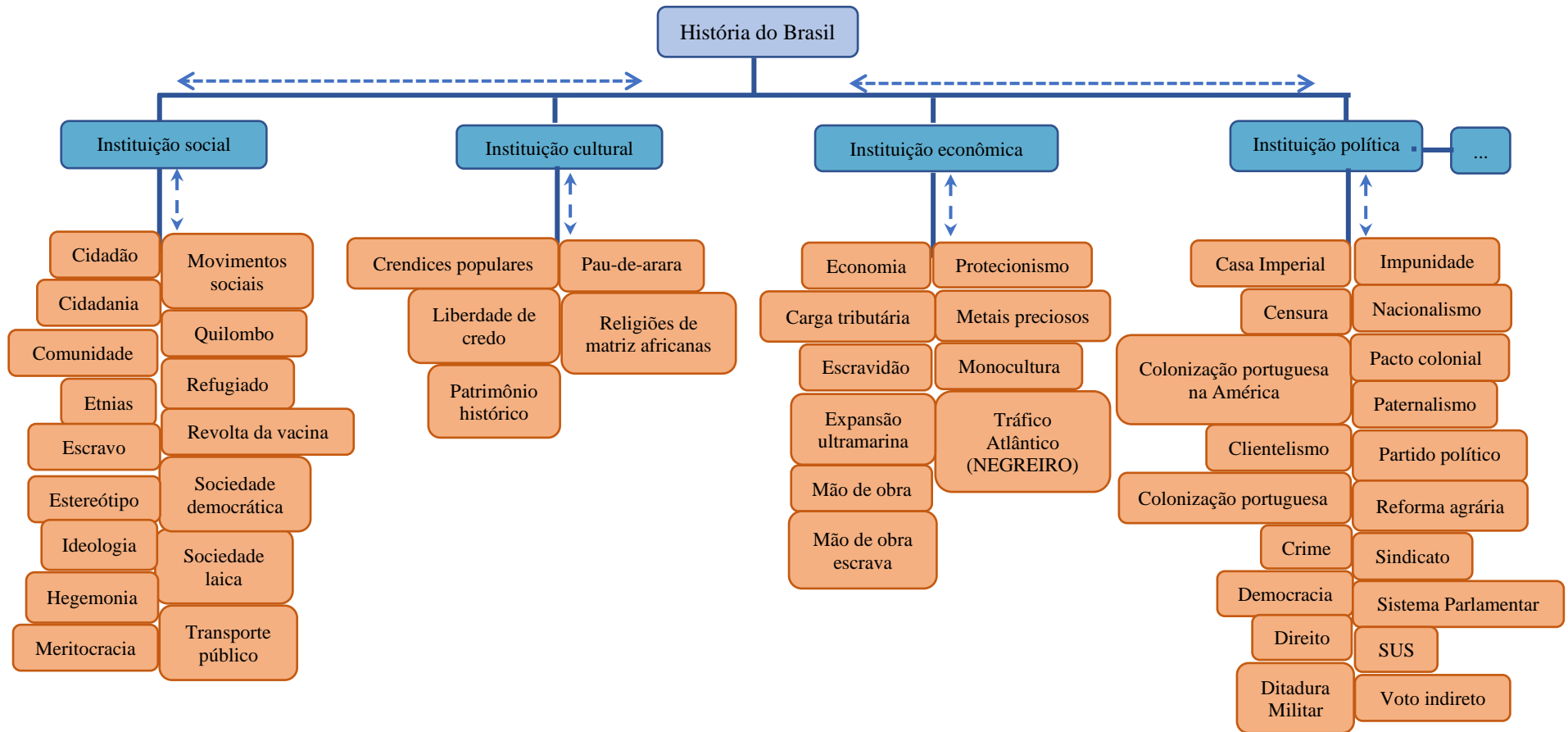
Figura 24 – Árvore de domínio das subáreas da História: História Geral, História do Brasil e Conhecimentos humanos e históricos



Felten (2023)

Com base na mesma metodologia de organização, achamos importante criar uma subárea da História que contenha os termos que pertencem à história brasileira. Para isso, criamos, então, a subárea da **História do Brasil**. A partir das seis competências da área, os termos da História do Brasil estão divididos da seguinte forma:

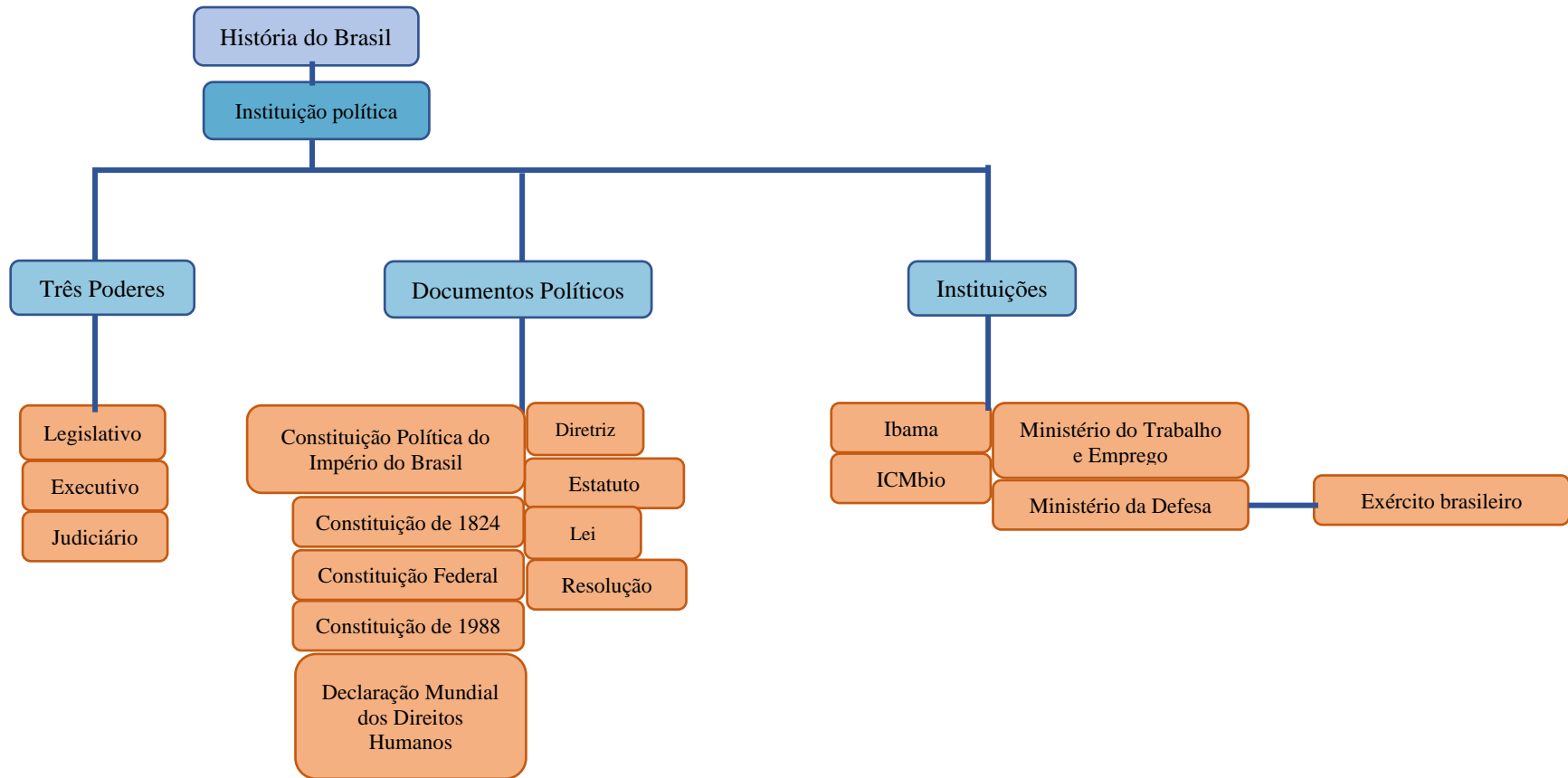
Figura 25 – Árvore de domínio das subáreas da História do Brasil: Instituição social, Instituição cultural, Instituição econômica e Instituição política



Felten (2023)

Na subárea *Instituição Política*, foi necessário subdividi-la em outros campos. Dessa forma, organizamos os termos pertencentes aos **Três Poderes**, aos que pertencem a **Documentos Políticos** e às **Instituições Políticas**. Esse último campo não é o mesmo que Instituição Política, subárea da História Geral e do Brasil. Essas subáreas se referem aos órgãos que regem a política brasileira. Isso posto, os termos estão organizados da seguinte maneira:

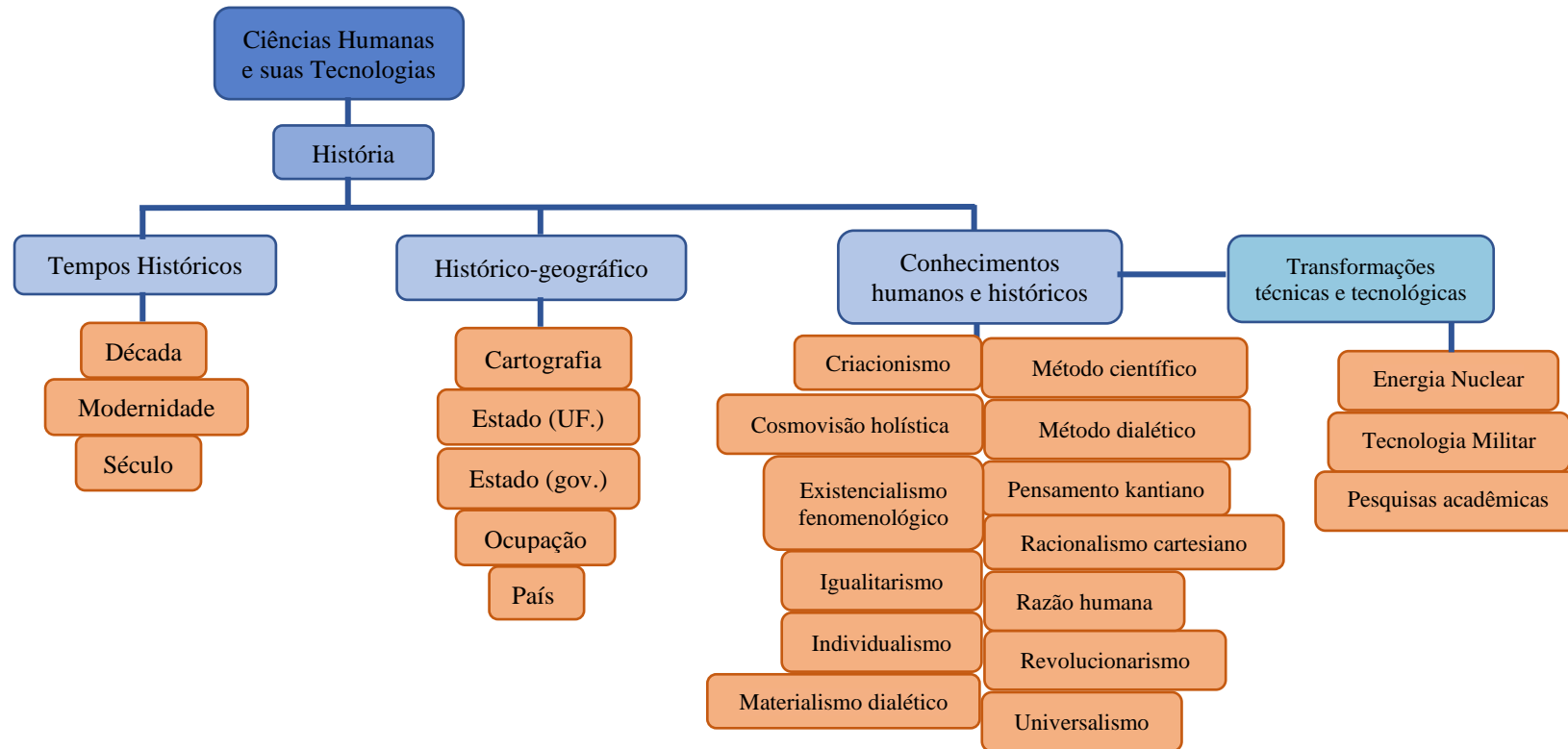
Figura 26 – Árvore de domínio das subáreas da Instituição Política: Três Poderes, Documentos Políticos e Instituições



Felten (2023)

Ainda na área da História, subárea das Ciências Humanas, sentimos a necessidade de criar outro campo além da **História Geral** e do **Brasil**. Algumas terminologias poderiam pertencer a esses campos, mas achamos melhor enquadrá-las em campos mais específicos. Por essa razão, criamos as subáreas **Tempos Históricos**, **Histórico-Geográficos** e **Conhecimentos Humanos e Históricos**. A partir desse último, criamos outro campo chamado **Transformações técnicas e tecnológicas** para alocar termos que fazem referência aos conceitos que são fruto do conhecimento humano. Assim, os termos foram organizados da seguinte forma:

Figura 27 – Árvore de domínio das subáreas da História: Tempos Históricos, Histórico-geográfico e Conhecimentos humanos e históricos



Felten (2023)

Apresentada a organização das terminologias selecionadas para compor o glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português de Ciências Humanas em português, mostraremos, na seção seguinte, a árvore de domínio em Libras.

6.3.Árvore de domínio de sinais-termo da História

Sem dúvidas alguma, essa etapa da nossa pesquisa foi uma das mais desafiadoras. Apresentar essa árvore de domínio em Libras exigiu de nós tempo, estudo e análise terminológica detalhada. Após tantas tentativas de organização, chegamos a uma proposta de estrutura hierárquica que julgamos ser adequada para o propósito desta pesquisa.

Como mencionado anteriormente, na seção 6.2.1, a organização que apresentamos em Libras também é apenas uma representação possível entre outras. Não se trata de uma ilustração completa e exata, mas de uma organização de referência, entre tantas alternativas igualmente possíveis, sobre como poderíamos iniciar a ordenar os sinais-termo dentro dos seus campos temáticos.

É importante reiterar que o esquema que apresentamos nesta seção, pretende apenas servir como uma referência didático-operacional para a área de especialidade da História. Um instrumento que auxilia a compreender algumas de suas hierarquias básicas e a situar o recorte terminológico para o nosso glossário. Um outro pesquisador, lidando com o mesmo repertório de termos e conceitos, poderia propor uma organização diferente da nossa, o que é natural e igualmente legítimo.

6.3.1. Sobre o sistema de registro da árvore de domínio em Libras: uma nova proposta

A organização da árvore de domínio em Libras foi uma das últimas etapas realizadas, no que diz respeito à seleção dos sinais-termo para compor o material terminográfico proposto por nós. Para que chegássemos ao modelo apresentado, trilhamos um longo caminho. Caminho este que pode ser conferido no capítulo 5 sobre a coleta das terminologias. A partir daqui comentamos como foi pensado o organograma em campos temáticos em Libras, partindo da organização da árvore de domínio em português.

A árvore de domínio em Libras está registrada em escrita de sinais (*SignWriting*), método adotado por nós para ordenar as terminologias sinalizadas em campos temáticos. A nossa proposta, aparentemente, é inovadora, pois não identificamos, até o 2023, pesquisas que apresentam um método de organização arbórea como a que apresentamos nesta tese. O que existe, na verdade, são sinais-termo escritos lematizados em verbetes de

diversos materiais lexicográficos e terminográficos. A presença da escrita de sinais não é nenhuma novidade nesse sentido.

Aqui vale uma explicação sobre o que é a escrita de sinais. Comumente conhecida entre pesquisadores da Libras como *SignWriting*, esse sistema de escrita foi inventado por Valerie Sutton que dirige o *Deaf Action Committee* (DAC), uma organização sem fins lucrativos sediada em *La Jolla*, Califórnia, EUA. Stumpf (2005, p. 50-51) explica que

o sistema pode representar línguas de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O *SignWriting* pode registrar qualquer língua de sinais no mundo sem passar pela tradução da língua falada.

Atualmente o *SignWriting* não é o único sistema de escrita de sinais. No Brasil, outro sistema de escrita conhecido como ELiS é bastante conhecido. O ELiS é o sistema brasileiro de escrita das línguas de sinais, proposto pela professora Mariângela Estelita Barros, da Universidade Federal de Goiás (UEG). Em 2017, Barros e Leandro lideraram o projeto cujo objetivo era escrever em ELiS todas as entradas do Novo Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue–Língua Brasileira de Sinais/Novo DEIT–Libras (Capovilla; Raphael; Mauricio, 2013), obra que possui, além das entradas em português, os correspondentes em inglês e em Libras pelo sistema *SignWriting*.

Embora o ELiS e o *SignWriting* coexistam como possibilidades de escritas para as línguas sinalizadas, para a nossa pesquisa, nossa preferência foi pelo segundo, uma vez que é o sistema mais utilizado entre os pesquisadores de Línguas de Sinais. Na esfera lexicográfica e terminográfica, o *SignWriting* é o mais utilizado.

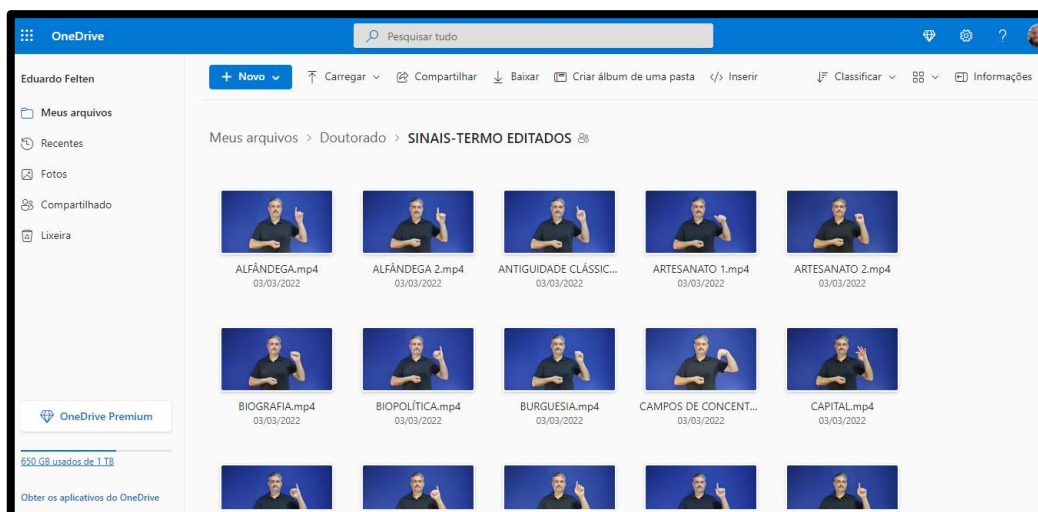
Uma característica interessante sobre esse sistema de escrita é que as frases são postas na vertical, iniciando a leitura de cima para baixo, enquanto a escrita em português é linear, começando da esquerda para a direita. A verticalidade do sistema influenciou diretamente nas tomadas de decisão para pensarmos a árvore de domínio em Libras. Conseqüentemente, desenhar a estrutura em Libras precisou de mais espaço em relação à árvore de domínio em português.

6.3.2. Os passos para o registro da árvore de domínio em Libras

Após localizarmos os sinais-termo correspondentes aos termos em português nas três edições da vídeo-prova do Enem, os registramos em vídeo. Esses vídeos serviram para orientar o processo de transcrição dos sinais-termo para a escrita em *SignWriting*. Todos

os sinais-termo em vídeo registro foram alocados em *Drive (OneDrive)* e disponibilizados para a transcritora ter acesso. Os vídeos registros estão organizados no *Drive* da seguinte forma:

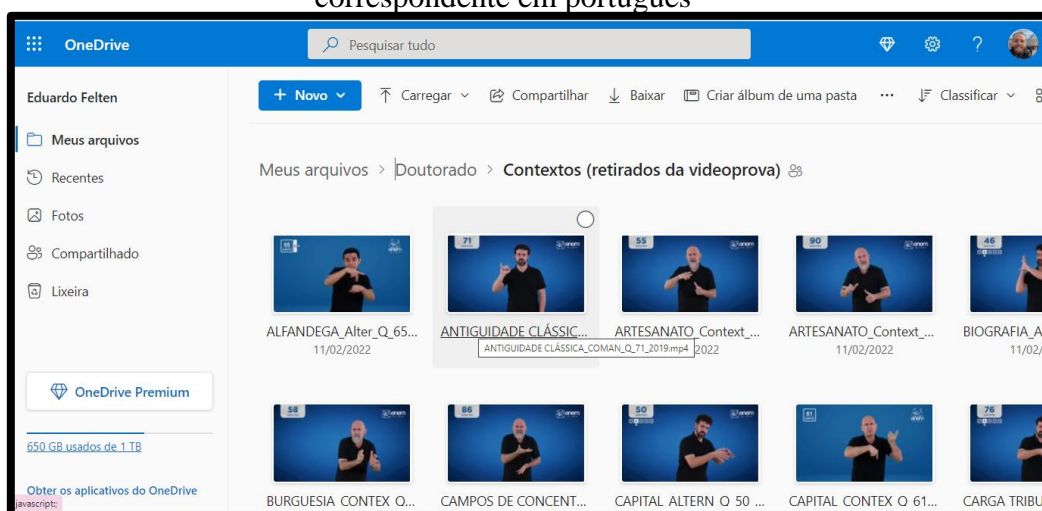
Figura 28 – Armazenamentos em nuvem dos sinais-termo em vídeo registro



Felten (2023)

Para a profissional ter mais precisão em sua transcrição, foi dada a permissão de seu acesso aos contextos dos sinais-termo retirados das vídeo provas. Isso foi necessário para que ela consultasse o *corpus* caso houvesse alguma dúvida quanto ao uso e a forma da terminologia em Libras. Os contextos estão armazenados em *Drive* e devidamente identificados pelo sinal-termo, a parte da questão em que foram retirados, isto é, se estão no texto motivador, nas referências bibliográficas, no comando ou nas alternativas, seguido do número da questão e do ano da edição de aplicação. A seguir, podemos observar o armazenamento dos contextos.

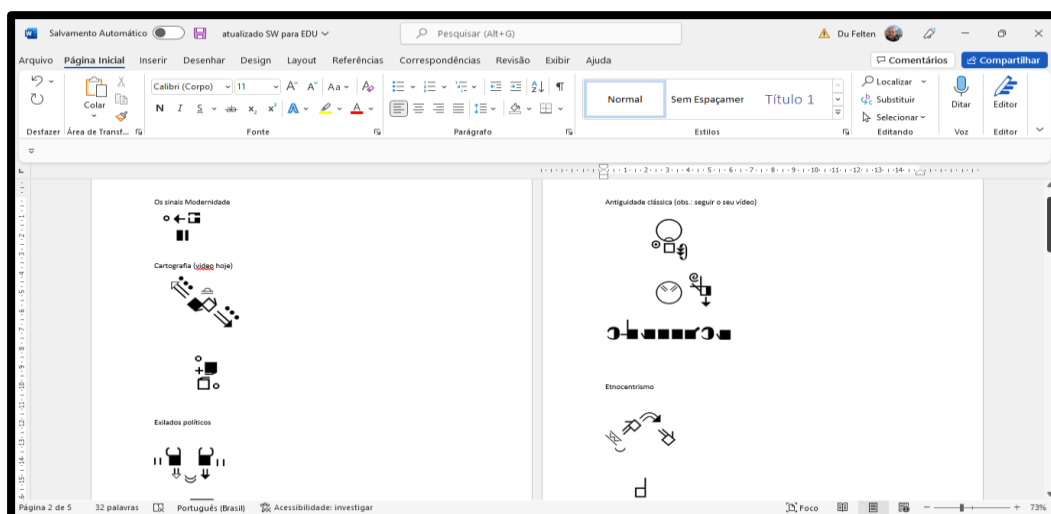
Figura 29 – Contextos armazenados e identificados de acordo com o seu correspondente em português



Felten (2023)

Os sinais-termo foram transcritos com o auxílio de uma profissional que possui amplo conhecimento e experiência em *SignWriting*. Todo o procedimento de transcrição levou, aproximadamente, entre dois e três meses para ser finalizado. Uma das etapas do processo foi a conferência dos sinais-termos escritos. Essa etapa serviu para verificarmos se as terminologias em Libras estavam conforme os seus correspondentes em português, além de observarmos se estavam adequadas as configurações de mãos, os movimentos, os toques e expressões faciais. A transcritora enviava os sinais-termo registrados em documento *Word* para conferência da seguinte maneira:

Figura 30 – Transcrição dos sinais-termo em *SignWriting*



Felten (2023)

A árvore de domínio em Libras é, na verdade, um espelho da árvore em português.

Isso quer dizer que utilizamos os mesmos documentos que serviram de orientação para determinarmos as macroáreas e as subáreas, ou seja, a BNCC e a Matriz de Referência do Enem. Dessa forma, a macroárea é a Ciências Humanas e Suas Tecnologias, e a subárea é a História, divididas em outras duas: a História Geral e História do Brasil. A macroárea e a subárea também foram transcritas para o *SignWriting*.

As terminologias selecionadas para a nossa pesquisa na árvore em português estavam destacadas nos retângulos de cor laranja. Para que seguirmos o mesmo padrão na árvore em Libras, destacamos a margem do sinal-termo na mesma cor. A seguir, podemos conferir o termo e o sinal-termo destacados da forma que estão nas respectivas árvores de domínio.

Figura 31 – Exemplo de termo e sinal-termo selecionado para compor o glossário conforme se encontram em suas respectivas árvores de domínio









Felten (2023)

Após a conferência, organizamos os sinais-termo escritos conforme os mesmos temas do português, apresentados da seção anterior (Cf. Seção 6.2.2). Além das terminologias selecionadas para compor o nosso glossário, foram transcritos, da mesma forma, a macroárea e as subáreas que organizam hierarquicamente essas unidades, conforme podemos observar no organograma, a seguir.

Uma peculiaridade que a árvore de domínio em Libras possui, diferentemente da organização em português, é a presença das variantes. Nesta tese há uma subseção dedicada aos casos de variantes encontrados nas vídeoprovas (Cf. Seção 5.2). Como estratégia visual utilizada em nossa árvore em Libras, diferenciamos as variantes dos sinais-termo principais. Essa diferença pode ser observada pelos sinais-termo destacados com as bordas de cor verde, conforme podemos verificar na figura 32, acima.

Para facilitar a leitura da nossa árvore de domínio, criamos uma legenda que complementa a compreensão do organograma em Libras. A legenda está assim organizada:

-  Grande área de domínio
-  Área que compõe as Ciências Humanas
-  Instituições formadas historicamente
-  Termos que serão utilizados na pesquisa
-  Movimento realizado pelos termos entre as áreas institucionais
-  Variante do sinal-termo

Em termos conceituais, os sinais-termo possuem equivalência aos termos em português. Isso implica a locação das terminologias em Libras nos mesmos campos temáticos que os termos em português estão postos. Os campos temáticos em Libras são os mesmos do português. Esses campos são: **Instituição política, instituição cultural, instituição econômica e instituição social**, subáreas da **História Geral** e da **História do Brasil**. Outros campos como **Três Poderes, Documentos Políticos e Instituições** (como subárea da Instituição política), **Tempos Históricos, Histórico-Geográfico, Conhecimentos Humanos e Históricos e Transformações Técnicas e Tecnológicas** (como subárea de Conhecimentos Humanos e Históricos) também permanecem como estão em português.

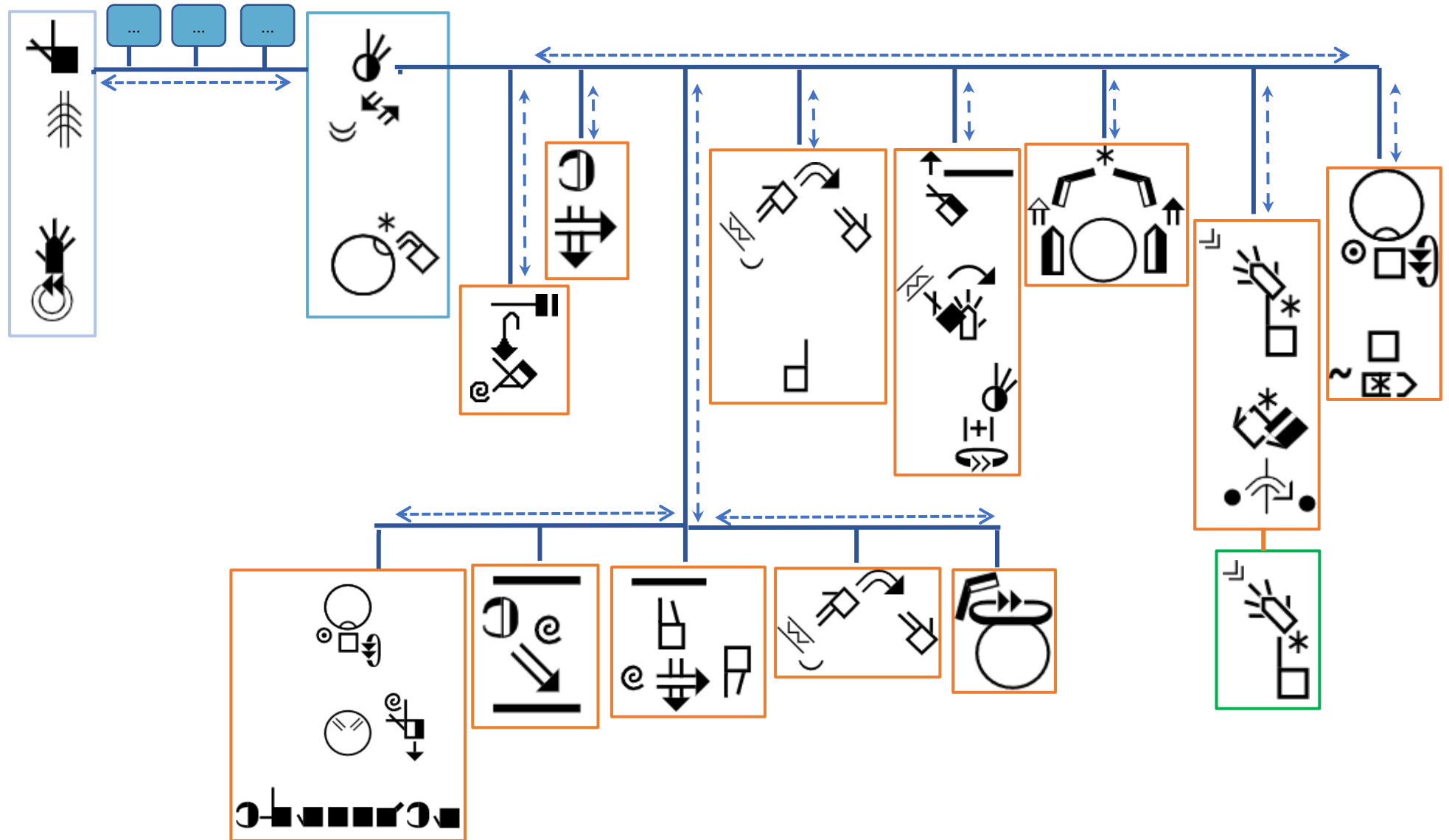
Outra particularidade da ilustração em Libras é a disposição das terminologias. Como a estrutura de leitura do sinal-termo é vertical, não conseguimos pensar numa organização hierárquica. Pelo menos não da forma com que apresentamos em português e do sentido estrito do termo. Por possuir estrutura vertical, não foi possível organizarmos os sinais-termo um abaixo do outro. Como solução para esse impasse, as colocamos uma ao lado da outra.

Embora os sinais-termo estejam alocados por uma organização lateral e não uma abaixo da outra, como em português, a relação hierárquica não se perde. Pelo contrário,

conseguimos visualizar os graus de subordinação dos termos mesmo que posicionados de forma lateral.

Feitas as considerações sobre a nossa organização da árvore de domínio em Libras, apresentamos, a seguir, as organizações propostas por esta tese.

Figura 33 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Cultural (História Geral)



Felten (2023)

Figura 36 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Social (História do Brasil)

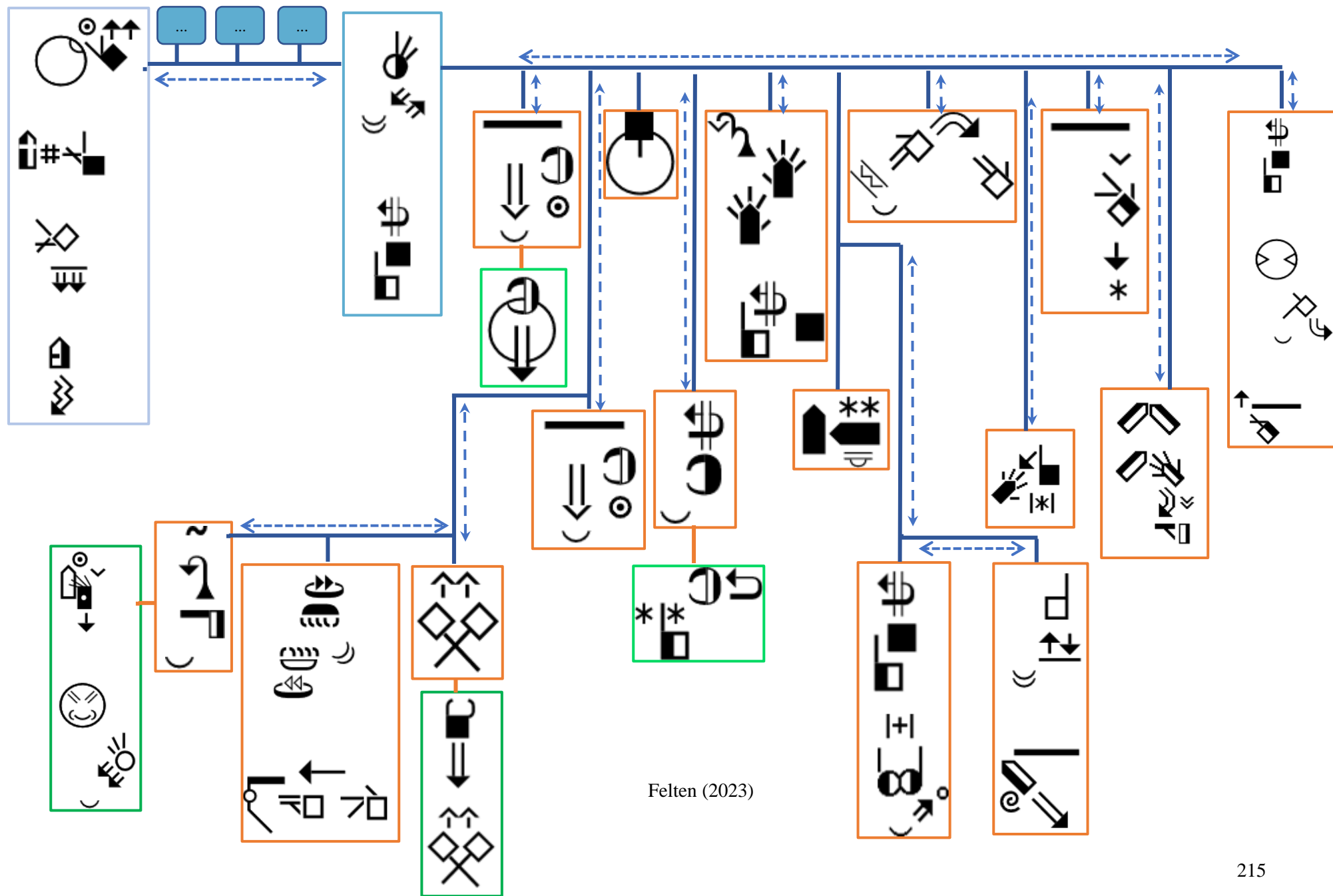


Figura 37 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Cultural (História do Brasil)

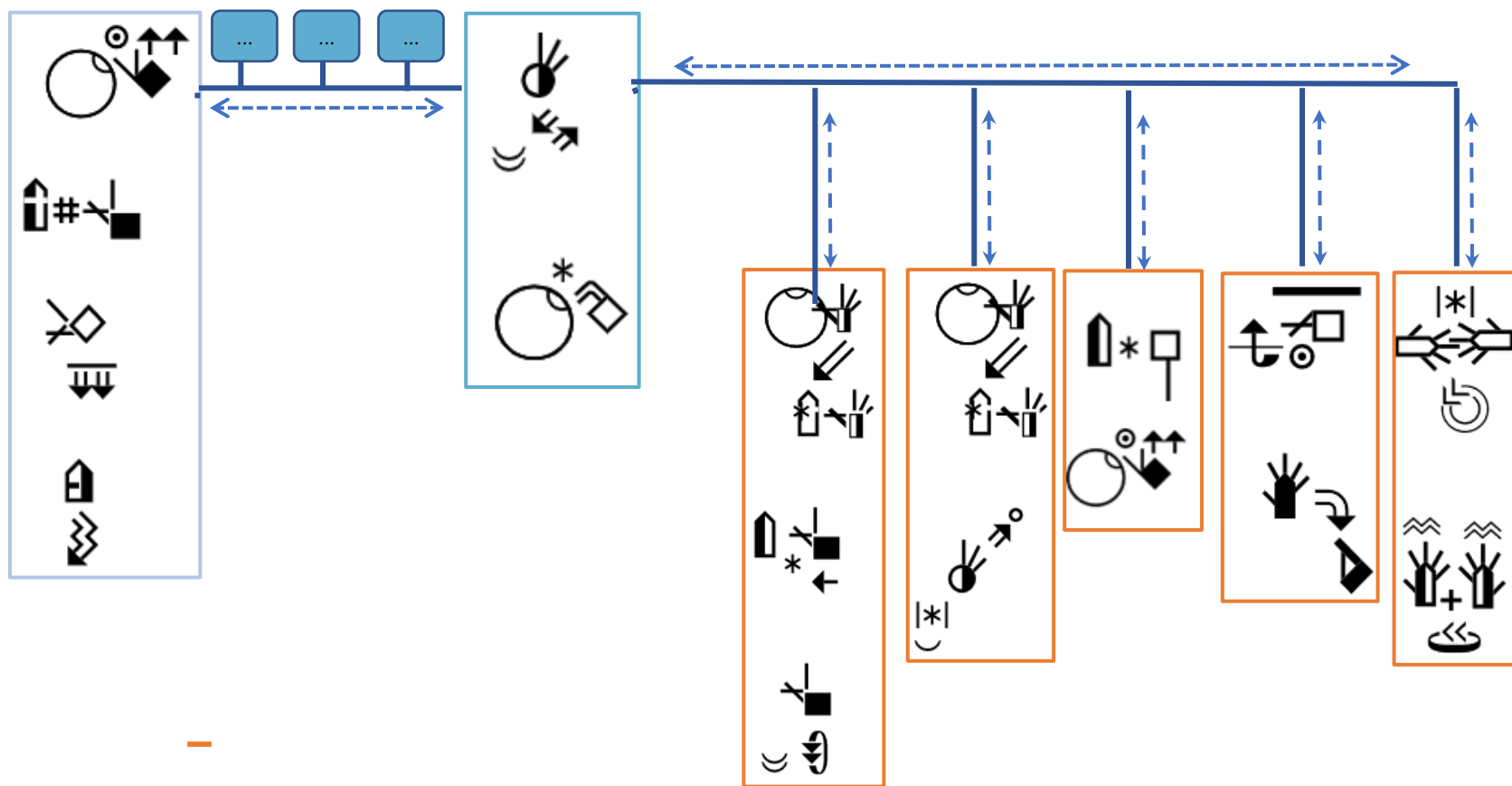


Figura 38 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Econômica (História do Brasil)

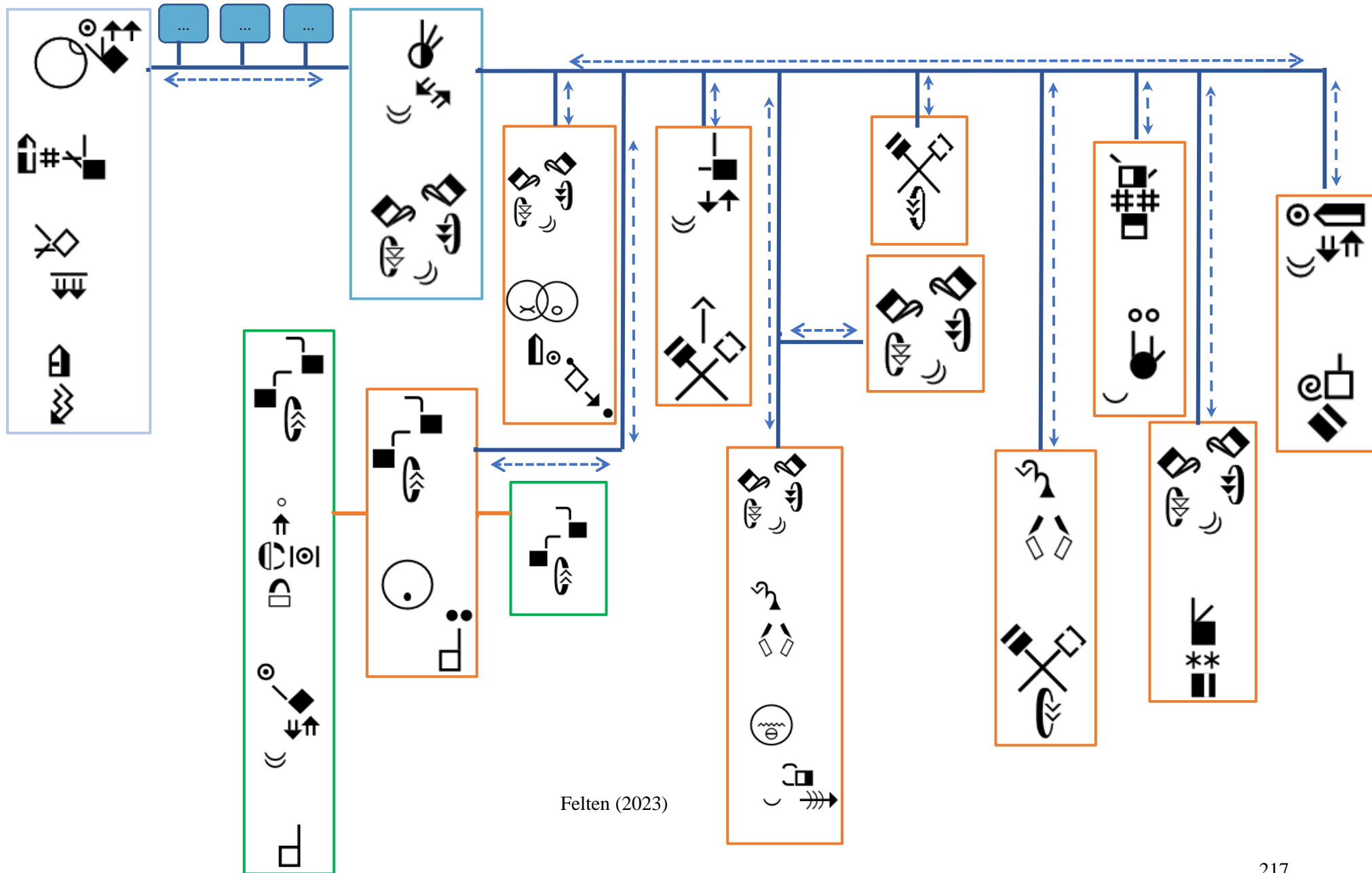
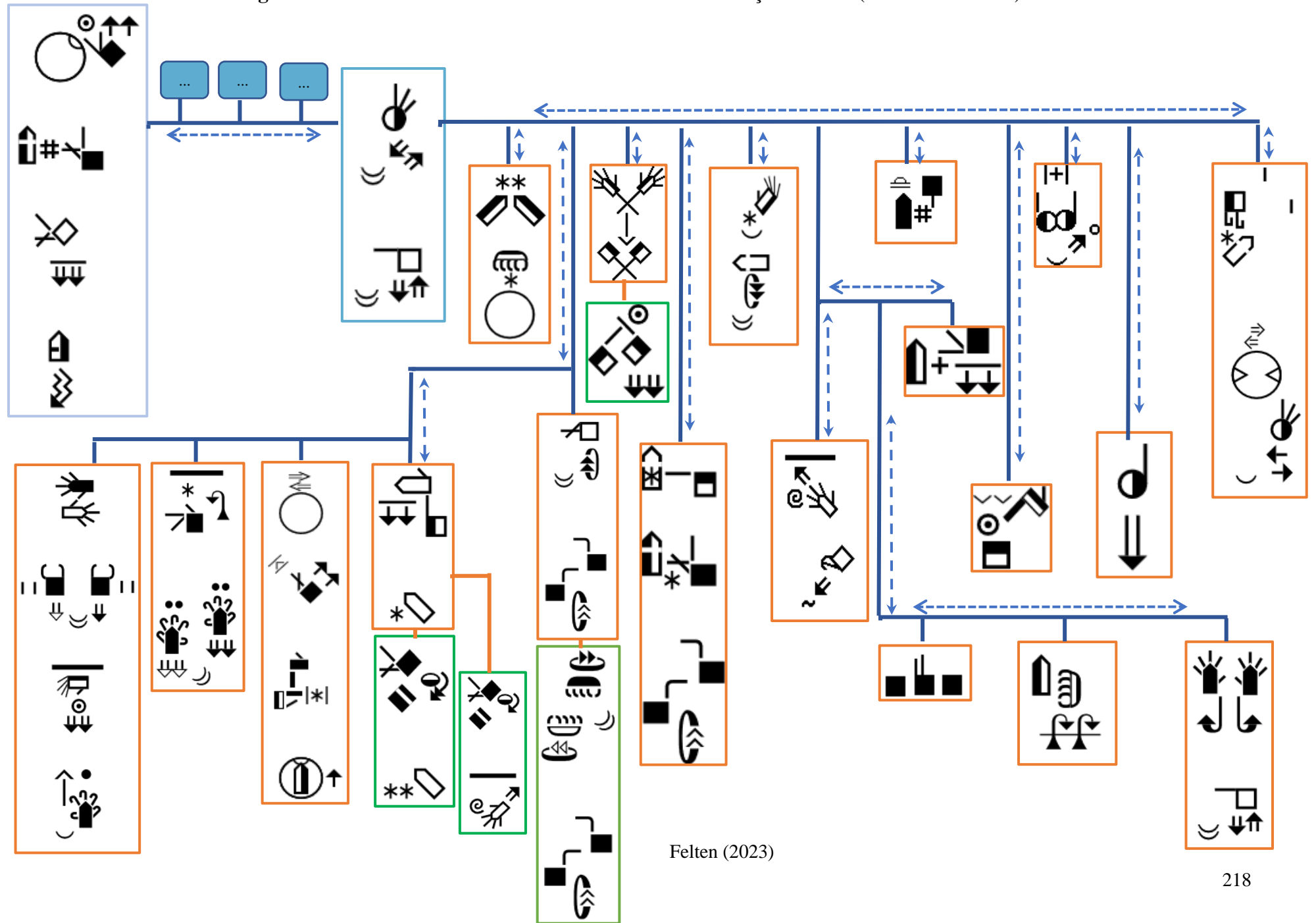
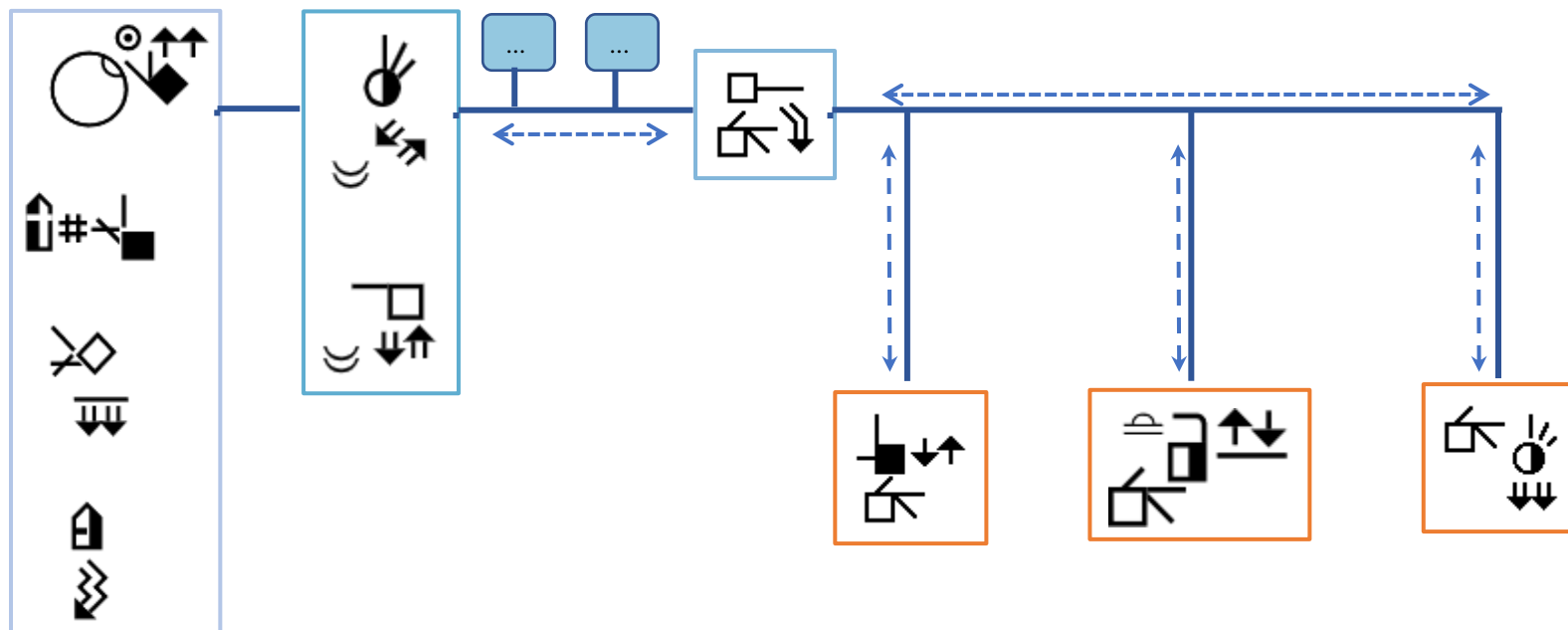


Figura 39 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituição Política (História do Brasil)



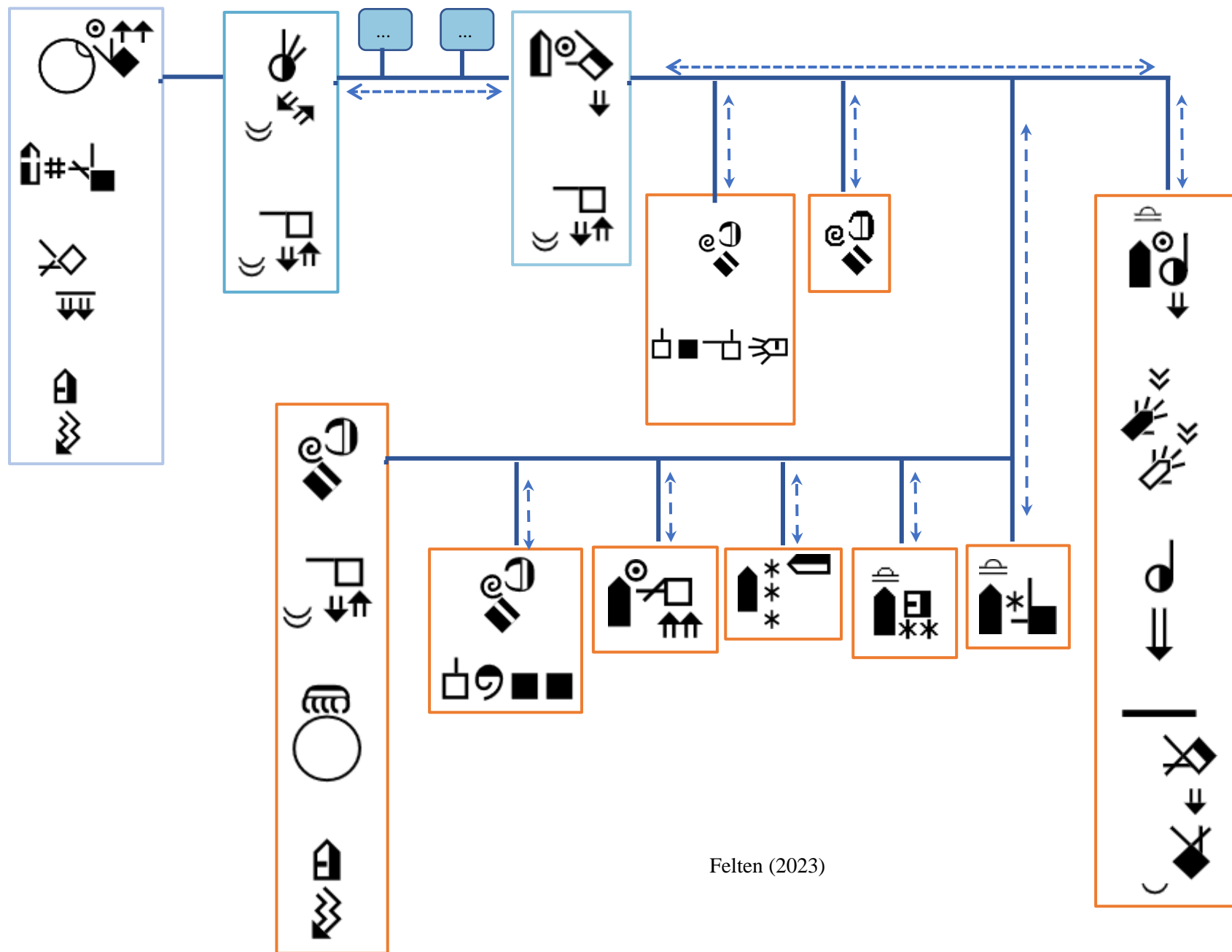
Felten (2023)

Figura 40 - Árvore de domínio em Libras da subárea Três Poderes (Instituição Política da História do Brasil)



Felten (2023)

Figura 41 - Árvore de domínio em Libras da subárea Documentos Políticos (Instituição Política da História do Brasil)



Felten (2023)

Figura 42 - Árvore de domínio em Libras da subárea Instituições (Instituição Política da História do Brasil)

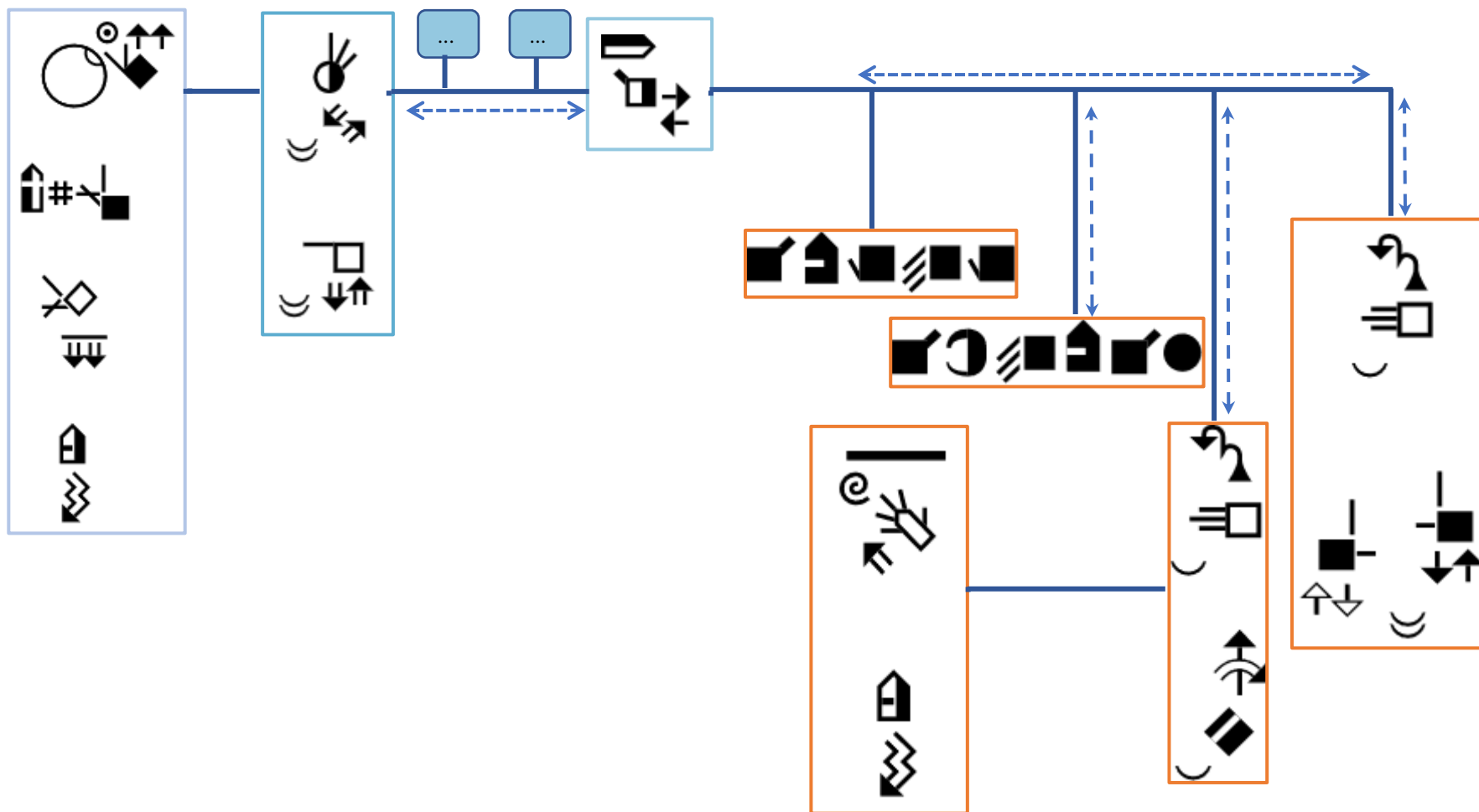
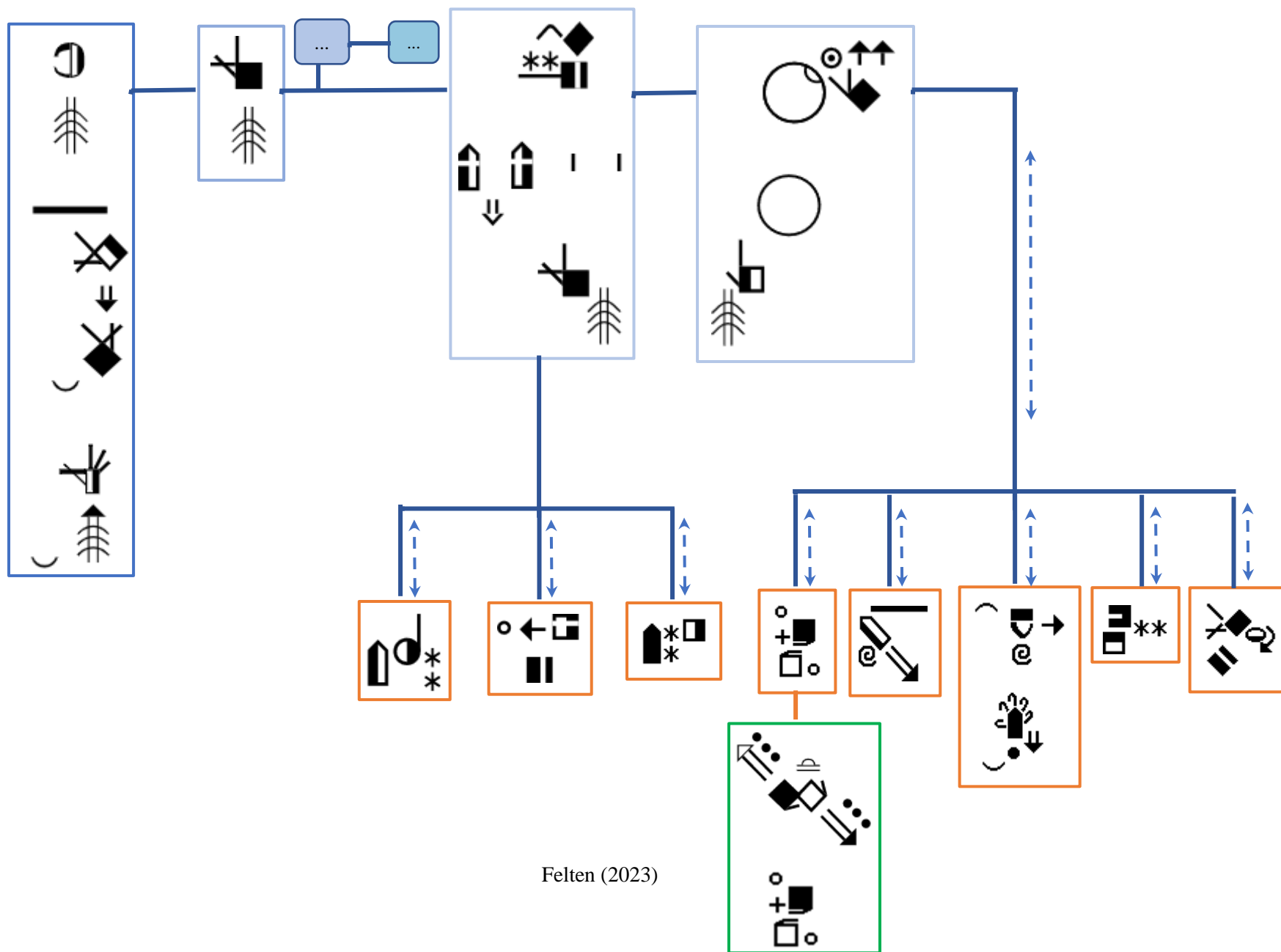


Figura 43 - Árvore de domínio em Libras da subárea Tempos Históricos e Histórico-Geográfico (História Geral e do Brasil)



Apresentadas as árvores de domínio em português e em Libras, seguidas de comentários teórico-metodológicos que as acompanham, é importante fazer algumas considerações a respeito do trabalho de elaboração dessas ilustrações para esta pesquisa. Em primeiro lugar, vale reiterar que as representações arbóreas propostas por nós são somente possibilidades de organizações das terminologias que envolvem as Ciências Humanas.

Em segundo lugar, não se trata de representações completas ou exatas, mas de uma perspectiva, dentre tantas outras possibilidades, sobre como poderíamos iniciar uma aproximação a essa área do conhecimento quando se planejasse organizar, por exemplo, um glossário de História como o que propomos nesta pesquisa. Esse esquema pretende apenas servir como uma organização possível para a Ciência histórica, de modo que pesquisadores futuros possam, com base nele, compreender como se dá a organização hierárquica básica, e poder situar a sua pesquisa terminológica e terminográfica.

Acreditamos que a árvore seja um recurso interessante para estudiosos da História e das outras ciências que compõem as Ciências Humanas, como forma de constante busca de conhecimento na área. Além dos estudiosos das Humanas, a nossa proposta pretende ser um caminho para guiar os estudantes Surdos a compreenderem os fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais.

A partir de tais explicações, os termos e sinais-termo conduzem o consulente a iniciar a sua trajetória crítica a respeito das estruturas socioeconômicas brasileiras e das relações diplomáticas que envolvem outras nações e suas formações. Pretende-se, por meio das árvores, ilustrar a formação dos povos nativos, das comunidades quilombolas, das microsociedades que integram a população, sempre trazendo senso crítico pautado nos Direitos Humanos, na ética, na liberdade e nos valores democráticos.

Como vemos, as árvores de domínio são formas sempre imperfeitas, incompletas e passíveis de revisão constante de caracterização de um domínio científico, técnico ou tecnológico. Apesar dos subsídios teóricos, sempre há lacunas metodológicas no processo de sua constituição que fazem com que não se consiga uma ilustração perfeita, pelo menos no que concerne às Ciências consideradas Humanas.

Detalhados todos os procedimentos que realizamos para propor as nossas árvores de domínio, tanto em português como em Libras, no próximo capítulo trazemos os passos metodológicos da nossa coleta de dados com os estudantes Surdos e os ajustes dos instrumentos de coleta em cada um dos tópicos.

RESUMO DO BLOCO 2

Este segundo bloco da tese mostrou ao leitor os procedimentos utilizados para definir o *corpus* de termos e sinais-termo passíveis ao trato terminológico. A partir desse conjunto de terminologias será possível entender os passos necessários para identificação da DTS, tomada como objeto de investigação terminológica.

Como selecionar os candidatos a termos e sinais-termo como *corpus* da nossa pesquisa não foi uma tarefa fácil. Para que o conjunto de terminologias servisse aos nossos propósitos, foi fundamental entender a tríade relação entre termo, texto e tradução nas provas do Enem. Para a seleção dos termos e sinais-termo depende diretamente de como a relação entre o termo e o texto impactam nas escolhas tradutórias dos profissionais tradutores que atuam no Enem.

Como vimos ao longo dos capítulos que compõem este bloco, as escolhas tradutórias terão um papel considerável na escolha dos sinais-termo correspondentes aos termos do português. Essas escolhas influenciam na forma com que as unidades terminológicas terão, em termos de significantes, que estejam adequados aos conceitos científicos e técnicos.

Essas formas estão intrinsecamente relacionadas ao contexto comunicativo do texto. Consequentemente, devem manter o mesmo sentido na vídeo-prova mesmo sendo, muitas vezes, influenciados pela subjetividade do tradutor. É interessante notar que os sinais-termo que compõem as vídeo-provas se adequam ao propósito do tipo textual. Isso reforça, portanto, o nosso pressuposto anterior de que o sinal-termo utilizado não está fora de um contexto comunicativo científico.

Ao longo do trato terminológico apareceram alguns casos curiosos com que tivemos que lidar, como as variantes e das sinônimas. Além dessas, tivemos o caso de formas de sinais-termo que são tanto adjetivos, quanto substantivos, tendo o contexto comunicativo científico como fator determinante para identificarmos a sua classe gramatical.

Com a investigação em andamento, pudemos notar que as referências bibliográficas dos textos da prova, tanto em português quanto em Libras, são fonte significativa de uso de termos e sinais-termo. Essa categoria que compõe o texto do tipo “questão de prova” é, além de um contexto onde encontramos terminologias, uma pista significativa para o candidato entender a estrutura do texto e o funcionamento da prova.

Como vimos, a árvore de domínio que apresenta uma organização hierárquica de um subconjunto de áreas de um sistema de noções, são partes de um saber vistos segundo o ponto de vista particular da História. A organização proposta por esta pesquisa, tem a intenção de reunir e compilar as terminologias que serão submetidas a elaboração de uma

definição que seja adequada.

Para que isso fosse possível, primeiramente alocamos as terminologias coletadas do Enem, para que, então, pudéssemos reunir as características para formar um conceito. Esses termos e sinais-termo foram postos a partir de uma visão mais geral, isto é, as Ciências Humanas, que inclui em sua dimensão o domínio da História. A partir dessa disposição, foi possível pensar em subdomínios que compõem o domínio da História, como as Instituições Política, Social, Cultural e Econômica.

De outro lado, conforme frisamos, a imagem de uma “boa árvore de domínio” ou de um organograma minimamente necessário e adequado, portanto, “correto”, está alicerçado na perspectiva associativa, onde recebe não apenas conceitos da História, mas abarca conceitos que “flutuam” entre domínios como a Sociologia, a Filosofia e a Geografia.

Não podemos deixar de mencionar a árvore de domínio em Libras. Sem dúvidas, a organização proposta, mas não definitiva, é considerada por nós inovadora. Essa inovação só foi possível graças ao sistema de escrita de língua de sinais. A partir desse sistema, foi possível pensar, como em português, numa organização hierárquica que posiciona os conceitos do domínio da História também em Libras. Esperamos que essa organização possa ser referência para pesquisas futuras em Terminologia de Libras e que seja, inclusive, aprimorada.

Isto posto, na próxima parte da tese, passamos à apresentação de uma base teórico-metodológica para a descrição para a **DTS**, de modo que sejam oferecidas novas vias de ultrapassagem para os problemas e limites aqui elencados e discutidos ao longo de toda a primeira e segunda partes e blocos. Essa base, mais adiante, será aplicada, em uma de suas possibilidades de configuração, à descrição da estrutura da definição de sinais-termo de História. Nas partes que seguem, passamos à experimentação propriamente dita, com vistas à averiguação de nossa hipótese e à obtenção de indicativos e de insumos de vocabulário e dos modos de enunciar definições dos estudantes. Esses dados servem à apresentação da nossa proposição final de princípios para o enfoque da definição terminológica em Libras em meio a um protótipo do nosso dicionário.

**BLOCO 3 – METODOLOGIA DESCRITIVA: OBTENÇÃO DE INSUMOS PARA A
FORMULAÇÃO DA DTS EM UM GLOSSÁRIO DIDÁTICO DE HISTÓRIA**

CAPÍTULO 7 – METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS COM ESTUDANTES SURDOS

Este capítulo relata os diversos passos metodológicos por nós desenhados e percorridos para obtenção de insumos, com estudantes Surdos, para a apresentação do conteúdo das DTS propostas. Na verdade, desenhamos um conjunto de atividades didáticas em História que seriam desenvolvidas com esses estudantes Surdos que estão no Ensino Médio. Essas atividades tinham como tópico um conjunto de conceitos que selecionamos a partir das vídeo provas do Enem, que são o nosso *corpus* fonte. Esses conceitos e termos a serem trabalhados com os estudantes foram previamente situados em árvores de domínio, conforme antes explicado.

Assim, a partir das atividades e conteúdos apresentados pelo pesquisador - sendo também professor de História e de Libras - a ideia de base era: **fazer os alunos falarem sobre os temas apresentados e estimulá-los a definir conceitos com suas próprias palavras**. Seus enunciados, desse modo, servem como balizas para as nossas propostas de DTS em meio a um protótipo de glossário. Isto é, cuidamos de verificar, em sala de aula, inspirados no que já fez Rosa Estopà (2022)⁷⁰ com uma língua escrita e pessoas ouvinte, qual seria o repertório desses estudantes Surdos quando enunciam sobre os temas, terminologias e conceitos de História.

As DTS que conseguimos formular - via curadoria dos insumos colhidos com esses alunos - alimentam um conjunto de oito verbetes, encabeçados por respectivos sinais-terminos. Esse conjunto terminológico já foi apresentado e situado em uma árvore de domínio no bloco anterior.

7.1 Iniciando o processo de coleta de dados

Conforme antes citado, buscamos identificar, *no locus* da sala de aula, a maneira como os alunos Surdos, matriculados no Ensino Médio, em atividades didáticas com História, compreendem e sinalizam as informações e conceitos veiculados por sinais-termo. O objetivo desse experimento foi reconhecer tanto um repertório lexical, quanto um conjunto de recursos de significação utilizados pelos estudantes, em Libras, em situação de ensino/aprendizagem mediada por um professor.

Para a nossa coleta de dados, devidamente autorizada, em um longo processo, pelo

⁷⁰ Recomendamos este vídeo curto da Profa. Estopà (menos de 5 min), que sintetiza a sua proposta de coleta e curadoria de definições sobre temas médicos, construída com crianças em escolas da Espanha : <https://www.youtube.com/watch?v=ZUVDHQI4N2M>.

Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS, selecionamos duas escolas públicas, de perfis bastante diferentes, que atendem alunos Surdos em duas regiões diferentes do Brasil.

Primeiramente, fazemos alguns comentários preliminares a respeito das decisões que antecederam a etapa das visitas às escolas selecionadas para a coleta de dados; em seguida, traçamos o perfil das instituições de ensino para as abordagens didáticas; depois, apresentamos os procedimentos adotados para a obtenção dos dados que serviram de base para esta tese; por último, a partir da experiência obtida por nós ao longo das abordagens didáticas, propomos alguns princípios básicos para a elaboração de uma DTS para glossários de caráter didático-pedagógico.

7.1.1. Comentários preliminares: submissão do projeto ao Comitê de Ética em pesquisa da UFRGS, características das instituições de ensino e repertórios lexicais

A partir da apresentação do nosso projeto de pesquisa e do nosso desenho metodológico inicial ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (doravante CEP-UFRGS), com obtenção de aprovação em 22/09/21 (CAAE 50004521.4.0000.5347) por meio do parecer favorável n.º 4.990.655, as escolas selecionadas para a nossa coleta de dados foram:

- A) o Centro de Ensino Médio 02 (CEM 02), escola pública da cidade de Planaltina-DF – identificada, doravante, a instituição como Grupo A;
- B) a Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon, escola pública de Porto Alegre – RS – instituição denominada Grupo B.

Em contatos prévios, as direções e professores de ambos os estabelecimentos concordaram em nos ajudar e nos prestaram já algumas informações importantes em abril de 2021. Fomos informados de que teríamos, no grupo A, 13 alunos Surdos compondo diferentes turmas de Ensino Médio (turma mista, com Surdos e ouvintes). Esses alunos estão alocados em grupos de 2 ou 3 alunos, distribuídos em três turmas mistas. As faixas etárias médias estão entre 16 e 23 anos. Por outro lado, no grupo B, fomos informados que há uma população de 117 alunos surdos, distribuídos em diferentes turmas/anos, todas atendendo grupos que têm apenas pessoas surdas. As faixas etárias médias também estão entre 16 e 23 anos.

Conforme já citado, a coleta de dados foi realizada somente após a aprovação final do CEP-UFRGS, mas também tivemos que obter a aprovação das respectivas Secretarias

de Educação Estaduais/Escolas. Esse processo teve o devido registro na Plataforma Brasil.

A partir do *feedback* dos estudantes surdos, do exame de suas respostas ao nosso questionário, apostamos que seria possível identificar os recursos mais comuns, frequentemente mais empregados e reconhecidos pelos próprios estudantes na sua elaboração de enunciados definitórios em Libras. Esses recursos, então, por nós sistematizados, abastecem um *goldstandard* para guiar as nossas próprias propostas de formulações para a DTS em Libras na área de História, as quais estarão em materiais de apoio didático, conforme apresentaremos ao longo deste capítulo.

Nesse sentido, **frisamos que ambos os grupos de estudantes não estiveram em comparação ou contraste quanto a seus perfis de vocabulário ou tipos de desempenho em Libras. Os repertórios vocabulares manifestados pelos alunos foram somados. Afinal, o foco era identificar uma amplitude de vocabulário mais ou menos recorrente, como também verificar o que seria mais comum aos dois grupos. Além disso esses dados foram gerados partir do desempenho de uma amostra de respondentes.** Assim, utilizamos o método descritivo-analítico para descrever e organizar os sinais comuns mais utilizados pelos alunos-colaboradores Surdos, os quais supomos sejam, por eles, mais simples ou compreensíveis e claros, de acordo com o seu nível escolar.

7.2. Perfis das Instituições

A) Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina-DF

O Centro de Ensino Médio 02 (CEM 02) de Planaltina-DF é uma escola pública, inclusiva e de referência em atendimento aos alunos Surdos e deficientes auditivos⁷¹. Para os alunos Surdos usuários de Libras, a escola possui Classe Bilíngue Mediada (CBM). Conforme a Portaria n.º 477 (2021, p. 25), essas classes são constituídas por estudantes ouvintes e Surdos e/ou Surdocegos. Além disso, há presença do professor intérprete educacional e/ou guia-intérprete, e o professor regente. No caso dos estudantes Surdocegos, é necessário o guia-intérprete.

Para cumprir a Lei 10.436/2002 e o Decreto 5.626/2005, a escola conta com o

⁷¹ Aqui entendemos os surdos como indivíduos com suas especificidades e sua identidade vivenciadas nos artefatos culturais (CASTRO JÚNIOR, 2011, p. 12). Já o deficiente auditivo é o indivíduo que possui perda parcial ou total da audição, mas não possuem identidade e não compartilham os artefatos culturais do povo surdo.

atendimento ao aluno Surdo em CBM, com a presença de um professor(a) intérprete de Libras (PTILS) desde 2005. Aqui vale uma explicação sobre o termo PTILS. Adotamos essa nomenclatura, pois, de acordo com Philippsen (2018, p. 34),

A compreensão conceitual por parte do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais intensifica sua responsabilidade porque o estudante Surdo está confiando no profissional durante os processos educacionais e de interação social. Um TILS apenas não resolve o problema. Precisa ser um PTILS, Professor Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais. Ele precisa ser o segundo professor.

Embora o CEM 02 possua CBM com PTILS desde 2005, é importante dizer que a mesma instituição recebeu alunos Surdos anos anteriores. A diferença era que nos anos que antecedem 2005, os alunos Surdos não foram assistidos com a presença de um PTILS numa CBM. Vários Surdos tiveram o seu ensino médio completo no CEM 02 de Planaltina, motivo pelo qual, anos depois, a escola se tornou polo de atendimento a alunos Surdos e deficientes auditivos.

Além disso, escolhemos o CEM 02 de Planaltina-DF por ser a escola em que me formei no Ensino Médio e por ter a oportunidade de aprender Libras ao longo da minha escolarização. O primeiro contato com outros Surdos se deu ainda nesse ambiente escolar. Isso marcou a minha trajetória enquanto integrante da Comunidade Surda, como TILS e como professor de Libras. Anos depois, tive a oportunidade de voltar a esta instituição, em 2013, como PTILS e, três anos depois, como professor de Libras como L1.

B) Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon de Porto Alegre-RS

A Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilia Mazon (EEEMLM) é uma escola pública, bilíngue e de referência em atendimento aos alunos Surdos. A EEEMLM foi inaugurada no dia 22 de agosto de 2006 pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS) e pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e de Altas Habilidades do Rio Grande do Sul – FADERS.

Segundo a escola, no período dos nossos contatos, havia 117 alunos Surdos matriculados no Ensino Fundamental (período vespertino) e ensino médio (período matutino). No Ensino Médio havia 59 alunos Surdos matriculados. Entretanto, a maioria dos alunos não frequentavam as aulas, pois possuíam assuntos familiares particulares ou trabalham porque são responsáveis pela renda familiar.

No ano da coleta de dados, em 2022, para o Ensino Médio, a EEEMLM possuía duas turmas para o 1º ano, duas turmas para o 2º ano e três turmas para o 3º ano. Cada turma tinha entre 4 e 6 alunos. Ao longo daquele ano letivo é era comum que alunos Surdos sejam transferidos de outras escolas.

Para entendermos melhor sobre o perfil bilíngue da EEEMLM, o PNEE (2020) explica que a educação bilíngue possui um público bem variado. Entre eles estão Surdos, pessoas com deficiência auditiva sinalizantes, Surdocegos, Surdos com altas habilidades/superdotação e Surdos com deficiências associadas que optam pela Libras.

Além do perfil destacado pelo documento, uma instituição dessa natureza respeita e promove a especificidade linguística e cultural dos educandos usuários de Libras e organiza serviços educacionais disponíveis em classes bilíngues de Surdos. Dessa forma, é garantido a educação bilíngue que adota a Libras como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa escrita como segunda língua (L2).

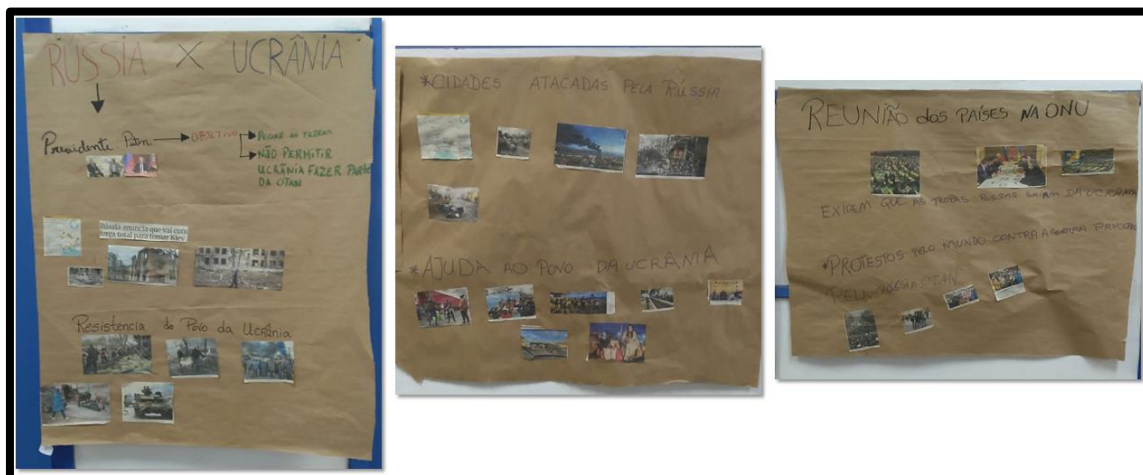
A EEEMLM é uma escola bilíngue e, portanto, a sua estrutura oferece atendimento especializado aos alunos Surdos. Isso significa que todos os professores que trabalham na escola são bilíngues e usam a Libras como língua de instrução para ministrar as disciplinas.

A escola conta com uma estrutura que favorece o ensino dos alunos Surdos. Nela podemos encontrar um auditório, salas de aulas com diversos recursos como quadro branco, murais, armários com materiais utilizados nas aulas, biblioteca, sala multimídia, refeitório e laboratório de física.

Pelos corredores da instituição, era comum observarmos murais feitos pelos alunos sobre assuntos atuais como a Guerra na Ucrânia e a *Deaflympics*⁷², evento que ocorreu na cidade de Caxias do Sul-RS entre os dias 01 e 15 de maio de 2022. Os murais contavam com informações visuais, o que é comum na educação de Surdos, como é possível conferir na figura 46, abaixo.

⁷² A Surdolimpíadas é um evento multidesportivo internacional, organizado pelo Comitê Internacional de Esportes para Surdos (ICSD – *International Committee of Sports for the Deaf*). A primeira edição, realizada em Paris em 1924, foi também o primeiro evento esportivo para pessoas com necessidades especiais. A Surdolimpíadas de Verão acontece a cada 4 anos e é o evento multidesportivo mais antigo depois dos Jogos Olímpicos. Como marco histórico o Brasil foi o Primeiro País da América Latina a sediar os Jogos Surdolímpicos de Verão em Caxias do Sul-RS. Disponível em <https://www.deaflympics2021.com/pt/history/>. Acesso em junho de 2022.

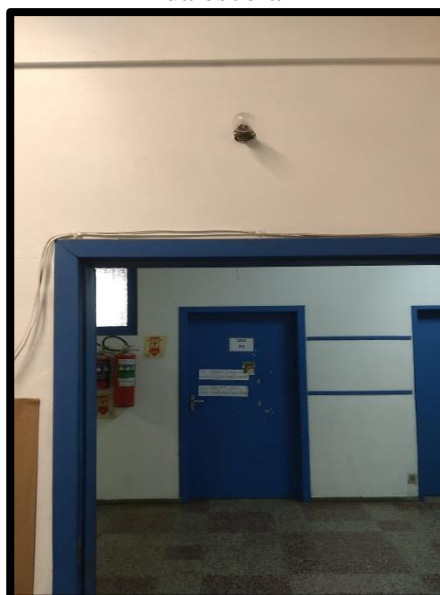
Figura 46 – Mural feito pelos alunos da EEEMLM sobre a guerra na Ucrânia



Felten (2023)

Outra curiosidade sobre a escola é que, marcando o início ou o fim das aulas, não é o sinal sonoro. Em cada sala de aula, sala dos professores, auditório, refeitório e corredores há lâmpadas que piscam para avisar os alunos sobre o início da aula, a troca de períodos e saída da escola. Podemos observar a lâmpada na figura 47, a seguir.

Figura 47 – Sinal-lâmpada utilizada para avisar o início, troca de períodos e saída da escola



Felten (2022)

Até aqui falamos sobre o perfil de cada instituição escolhida para que fossem feitas as nossas abordagens didáticas para coleta de dados com os estudantes Surdos. Na seção, a seguir, explicaremos os procedimentos adotados para o Grupo A e, na sequência, para

o Grupo B.

7.3. Procedimentos adotados

7.3.1. Grupo A

7.3.1.1. Contato com o CEM 02, com os pais ou responsáveis, com os colaboradores Surdos e professores

Fizemos um contato preliminar com as respectivas instituições de ensino via e-mail. O contato prévio foi necessário para sabermos se seria permitida a aplicação de uma exposição didática associada à prova do ENEM, com uma posterior coleta dos dados via gravação de imagens e para saber quais documentos seriam necessários para ser possível a execução de uma coleta de dados *in loco*.

Por meio da instituição de ensino, entramos em contato com os pais ou responsáveis pelos(as) aluno(as) menores de dezoito anos. Por meio das informações cedidas pelo CEM 02, realizamos um primeiro contato com os pais dos alunos Surdos, por meio de mensagem instantânea individualmente. O contato serviu para apresentar o pesquisador, para explicar o projeto de pesquisa, mostrar a carta de apresentação do pesquisador emitida pelo PPG-Letras (UFRGS) e a carta de anuência emitida pelas respectivas escolas.

Após este primeiro contato, esclarecemos e tiramos dúvidas com os pais, encaminhamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Participante (TCLE) (Cf. Anexos 6 e 7) para que os pais ou responsáveis dos(as) aluno(as) menores de dezoito anos pudessem assinar e autorizar a participação do seu filho(a) ou aluno(a) por quem se responsabiliza.

O convite – aos alunos Surdos - consistiu num vídeo em Libras e num documento em português escrito (em arquivo formato PDF), no qual explicamos o estudo, como seriam as abordagens didáticas, como seria a coleta dos dados por gravação de vídeo e pedimos o consentimento formal dos participantes.

7.3.1.2. Potenciais participantes da pesquisa: desenho de amostras desejáveis da população envolvida no CEM 02

Para a observação e coleta/registro do repertório lexical utilizados pelos estudantes, embora visássemos toda população do CEM 02, alguns critérios foram necessários para seleção dos potenciais participantes-colaboradores. Assim, para o aluno colaborador puder participar como potencial-colaborador, precisou se enquadrar nos seguintes

critérios:

- i) ser Surdo;
- ii) estar matriculado e frequentando regularmente uma das três séries do Ensino Médio regular oferecidas na escola; e
- iii) querer participar das atividades.

Além dos critérios de seleção, foi necessário obedecer a dois critérios de exclusão da pesquisa, conforme determina o CEP-UFRGS. Os critérios de exclusão são:

- i) Não ser Surdo(a); e
- ii) não ser usuário da Libras.

Em conversa anterior com a coordenação pedagógica do CEM 02, foi nos informado que haveria uma população de 13 alunos, entre 16 e 23 anos, que seriam os potenciais-colaboradores. Entretanto, apenas 6 alunos se enquadram nos requisitos acima mencionados. Os alunos que não se enquadram como colaboradores em potencial são deficientes auditivos não usuários da Libras ou alunos da modalidade de Ensino para Jovens e Adultos (EJA). Portanto, não se enquadram nos requisitos da pesquisa.

Os participantes em potencial do CEM 02, conforme já referido, estão matriculados em uma escola inclusiva. Isso quer dizer que cumprem atividades divididos em até três alunos Surdos por série, estudando com alunos não-Surdos. Assim, selecionamos seis participantes colaboradores. Os alunos selecionados são Surdos e Surdos oralizados, mas todos são usuários de Libras. Dessa forma, três estavam matriculados no 1º ano, dois no 2º ano e uma no 3º ano. É importante dizer que não foi feita distinção entre gênero para a participação.

7.3.1.4. Seleção dos sinais-termo para a abordagem didática realizada na coleta de dados no CEM 02 de Planaltina-DF

Todo o processo de recolha dos termos e sinais-termo dos *corpora* foi realizado por mim, professor, pesquisador e autor desta tese. Além de professor de Libras (Letras Libras – UFSC) e mestre em Linguística (PPGL-UnB), possuo formação em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), curso concluído em 2017. Com formações específicas, esta tese faz convergência entre três grandes áreas: a Libras, a Linguística e a História. A convergência entre o funcionamento linguístico da Libras e a História nos permite entender que a língua estabelece

ligações cognitivas entre formas e significado que estão além da sua função comunicativa. A reconstrução do passado é exercida pelo ofício do historiador ao empregar um determinado método investigativo que estabelecerá, conforme o pensamento histórico, formas e significados cognitivos na organização temporal das análises das fontes que resultará numa narrativa habitualmente exposta por um texto. É a partir deste resultado que entra em exercício as análises do linguista (Felten, 2016, p. 26 - 27).

Conforme expliquei em 2016, nos ambientes textuais que apresentam conteúdo histórico podemos encontrar termos que nomeiam e dão sentido a fatos e eventos históricos. A partir da experiência entre as áreas que se convergem é que podemos pensar e propor os métodos apresentados ao longo deste capítulo.

Para ser possível encontrar um repertório lexical desses estudantes que nos desse a possibilidade de propor uma estrutura de DTS eficiente, selecionamos oito sinais-termo retirados do *corpus* desta pesquisa. Todo o processo de escolha dos sinais-termo está descrito no Capítulo 5 desta tese. No Capítulo destinado à escolha dos termos e sinais-termo está a árvore de domínio pensada para situar os termos e conceitos.

Após o processo de escolha dos termos e sinais-termo e a organização do repertório terminológico em árvore de domínio, selecionamos oito sinais-termo para a nossa abordagem com os Surdos colaboradores para o Grupo A. Os termos em português correspondem aos sinais-termo para: *Peste Bubônica*, *Racionalismo Cartesiano*, *Revolta da Vacina*, *Ditadura Militar*, *Quilombo*, *Liberalismo*, *Energia Nuclear* e *Colonização Portuguesa na América*.

A escolha dos sinais-termo correspondentes aos termos mencionados acima não foi ao acaso. Para a seleção, pensamos em critérios que oferecessem contribuições ao repertório lexical utilizado pelos alunos Surdos.

Dessa forma, o primeiro critério adotado para o nosso propósito foi selecionar sinais-termo que fazem refere-se a fatos e eventos históricos como *Revolta da Vacina*, *Ditadura Militar* e *Peste Bubônica*. O segundo critério foi escolher sinais-termo que possuem conceito mais abstrato, ou seja, que não são fatos ou eventos históricos, mas que são fruto do conhecimento humano, como *Liberalismo* e *Racionalismo Cartesiano*. O terceiro critério foi optar por um sinal-termo que fosse produto concreto do conhecimento humano como *Energia Nuclear*, além de ser um sinal-termo que flutua entre outras áreas do conhecimento como a Geografia, a Química e a Física, por exemplo.

O quarto critério foi escolher um sinal-termo cujo conceito refere-se a um processo histórico. Para nós, um processo histórico é representado por uma sucessão de

acontecimentos ou mudanças do que já ocorreu. Assim, um sinal-termo que nos foi útil é o correspondente a *Colonização Portuguesa na América*.

O quinto e último critério pensado para a seleção foi escolher um sinal-termo que faz referência ao tempo presente. O sinal-termo escolhido é o correspondente a *Quilombo*. Aqui é importante explicar que os Quilombos são comunidades que configuram, dentre outras características, resistência. Esse sinal-termo nos faz conhecer a realidade social brasileira do tempo presente. Os quilombos possuem uma longa trajetória histórica que os constituem, mas são reconhecidos como tal atualmente.

Nesse sentido, contemplar a História do Tempo Presente brasileiro evidente no Enem também deve ser considerada. A História do Presente, para Lohn (2019, p. 11),

demarca temporalidades em construção, as quais correspondem ao vivido e aos vivos. Trata-se não de uma prática do que pode ser chamado de luto social, como se apenas o mundo dos mortos coubesse à historiografia, mas do envolvimento com as lutas pela sobrevivência e seus conflitos em sociedades marcadas pelo capitalismo e pelas desigualdades sociais.

Mais do que “conversar com os mortos”, a História nos apresenta tramas e relações mais complexas e expõe diversas temporalidades que nos dão condições de compreender as estruturas sociais no tempo atual.

Para além disso, os sinais-termo selecionados para a nossa abordagem foram pensados conforme o presente vivido no Brasil. Nos últimos dois anos, vivenciamos num período em que o negacionismo e a desautorização científica, o racismo estruturado e a disseminação de *fake news* vinham sendo praticadas recorrentes. Por essa razão, foi imprescindível escolher temas que dialogassem com o passado e trouxessem argumentos plausíveis que nos ajudam a entender aquele retrocesso emergente instalado no Brasil. Não ao acaso, trouxemos temas como *Peste Bubônica* que explica historicamente como as pandemias assolam a sociedade mundial e como contribuíram para o desenvolvimento da medicina.

Vinculado ao tema pandêmico, trouxemos a *Revolta da Vacina*, tema que trata sobre a obrigatoriedade da vacina que acarretou uma revolta no Rio de Janeiro no início do século XX. Essas relações históricas entre passado e presente trouxeram importantes reflexões ao longo das abordagens didáticas durante o período da coleta de dados.

Por meio dos temas trazidos por nós, foi possível elencar outros sinais-termo que não foram selecionados para compor a nossa amostra. O sinal-termo *Diretas Já*, por exemplo, está associado ao período da *Ditadura Militar*. Já a *Escravidão* foi outro tema que

trouxemos ao longo das explicações relacionadas aos assuntos *Colonização Portuguesa na América e Quilombo*.

Não podemos deixar de comentar que os sinais-termo foco das atividades de aula também foram escolhidos a partir da perspectiva subjetiva do pesquisador. Selecionamos 148 sinais-termo dos *corpora* (Cf. Capítulo 6) e, desses 148, escolhemos 8 para a nossa amostragem e atividades didáticas. Essas UTS foram selecionadas a partir da relevância de seus conteúdos relacionados à História no Ensino Médio.

Por fim, optamos por não selecionar ou analisar os sinais-termo a partir da sua composição morfológica. Essa tese não se trata de um estudo analítico ou que propõe a criação de sinais-termo do domínio da História. Na verdade, **essas terminologias sinalizadas são resultados do processo de tradução da prova do Enem. Portanto, são correspondentes escolhidos e utilizados por tradutores e aproveitados por nós, uma vez que o Enem em Libras é um exame nacional que veicula conteúdo científico e divulga terminologias para candidatos Surdos em todo o Brasil.**

Conforme já mencionado, embora os sinais-termo sejam fruto do processo tradutório, isso não significa que não possam variar. À medida que outros correspondentes sejam utilizados nas traduções do Enem para os mesmos termos em português escrito, esses sinais-termo serão registrados no futuro glossário proposto por nós.

Apresentados os critérios de seleção dos oito sinais-termo utilizados para a nossa abordagem, explicaremos, a seguir, como foram pensadas as intervenções didáticas na sala de aula e os materiais utilizados para mediar o conhecimento histórico por meio dos sinais-termo reconhecer os repertórios e recursos enunciativos dos estudantes Surdos.

7.3.1.5. Preparação do material para as abordagens didáticas no CEM 02 de Planaltina-DF

Conforme reiterado, o propósito desta tese é apresentar modelos para uma DTS eficiente, em Linguagem Simples, utilizando um repertório de sinais familiar e compreensível para os estudantes em foco. Esses modelos, organizados em torno de sinais-termo de diferentes tipos - abastecem um protótipo de um glossário didático-pedagógico semibilíngue. Pensar num material terminográfico de cunho didático-pedagógico implica importantes tomadas de decisão por parte do terminógrafo - que é um terminólogo realizando uma curadoria desses conteúdos levantados. Dessa forma, todas as etapas para a elaboração de um glossário - ainda que seja um protótipo - devem ser planejadas de forma concatenada, a fim de alcançar um bom objetivo. Isso significa que

todos os passos devem estar relacionados e coesos, do desenho macroestrutural ao desenho do verbete e do enunciado da DTS.

Para encontrar uma DTS eficaz, foi preciso pensar em materiais que atendam, igualmente, às necessidades didático-pedagógicas dos alunos Surdos do Ensino Médio, público-alvo da nossa pesquisa.

Após a escolha dos oito sinais-termo para a abordagem didática, elaboramos o material com o conteúdo científico aplicado na coleta de dados. Durante a montagem do material para as abordagens didáticas, e para o nosso material ser eficiente, tomamos como orientação as contribuições da didática visual, do letramento visual e do letramento científico em História para alunos Surdos.

Do ponto de vista do ensino de História para Surdos, o letramento visual é visto como “prática social, e apresenta algumas capacidades necessárias ao ato de ver, como codificar, compreender, criticar, analisar e interpretar as imagens” (LAMEIRÃO, 2019, p. 1-2).

Conforme explicamos em outros momentos (Cf. FELTEN, 2022), o letramento visual está segundo a perspectiva da didática visual (Cf. Perlin; Rezende, 2011⁷³) e da pedagogia visual (Cf. Campello, 2008⁷⁴) como prática fundamental em sala de aula. Essa prática consiste, *grosso modo*, em explorar ao máximo a produção e uso de imagens no ensino para alunos Surdos. Esse exercício é bem recomendado para educadores que atuam no ensino de Surdos, pois esse público recebe, processa e apreende o conteúdo proposto por meio da acuidade visual. Portanto, devem ser criados materiais didáticos orientados pela didática visual que auxiliem os usuários da Libras no processo de ensino e aprendizagem.

Já o letramento histórico é definido como o “conjunto de práticas culturais de leitura e escrita que possibilitam a compreensão de um campo discursivo específico da história” (Lameirão, 2019, p. 1-2). Aqui estamos diante de um processo que pretende identificar, problematizar e conhecer fatos e eventos históricos.

Esse processo implica na aquisição de consciência histórica, sendo a representatividade coletiva sobre a construção das estruturas sociais, culturais e econômicas ao longo do espaço e do tempo. Além disso, é ter consciência que o nosso presente não é desvinculado do passado, mas que somos fruto de um processo do qual

⁷³

Disponível

em:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/didaticaEEducaoDeSurdos/assets/489/texto_base_Didatica_2008.pdf.

⁷⁴ Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/91182>.

temos responsabilidade, pois participamos dele.

A partir das três perspectivas apresentadas - da didática visual, do letramento visual e do letramento histórico - foi possível planejar o conteúdo ministrado em sala de aula com os estudantes e colaboradores Surdos. Para isso, criamos *Power Points* (PPTs) nos quais exploramos ao máximo o uso de conteúdo visual. Esse conteúdo corresponde ao uso de imagens, vídeos do YouTube e outros materiais como seringas para determinados temas. Além do conteúdo sobre os sinais-termo, utilizamos Data Show para projetar o material, bem como o auxílio do quadro-negro.

Organizamos os PPTs com estrutura básica comum. Essa estrutura básica consiste em:

- i) apresentação do sinal-termo;
- ii) linha do tempo; e
- iii) conteúdo.

Pensamos, primeiramente, na apresentação do sinal-termo e de seus conceitos com o seu correspondente em português escrito, conforme podemos observar o PPT utilizado para *Peste Bubônica, Peste Negra ou Peste*.

Figura 48 – PPT utilizado para apresentar, aos estudantes, o conteúdo sobre *Peste Bubônica, Peste Negra ou Peste*

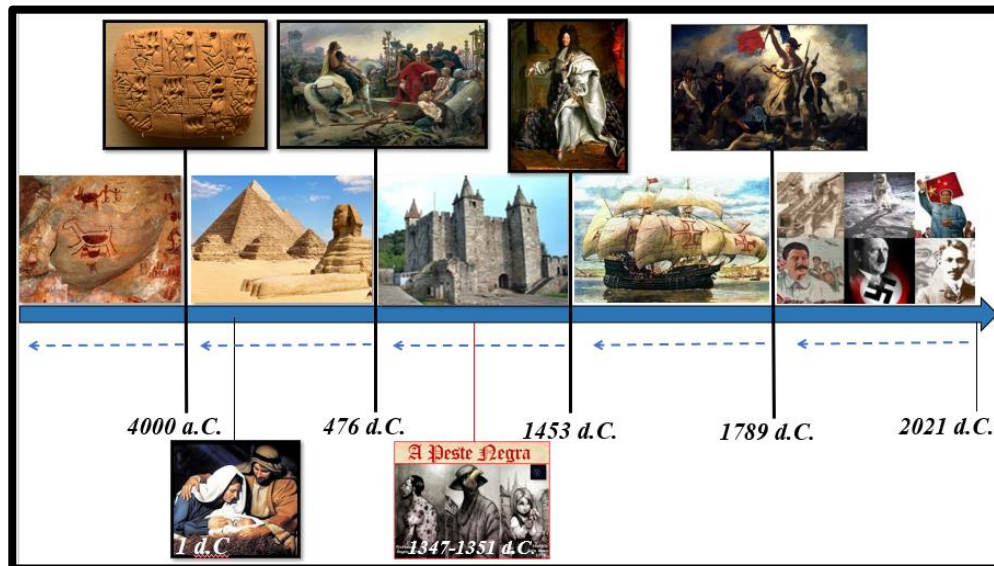


Felten (2023)

Em segundo lugar, inserimos a linha do tempo para poder situar o aluno em qual período histórico houve a pandemia da *Peste Bubônica*. A linha do tempo foi utilizada,

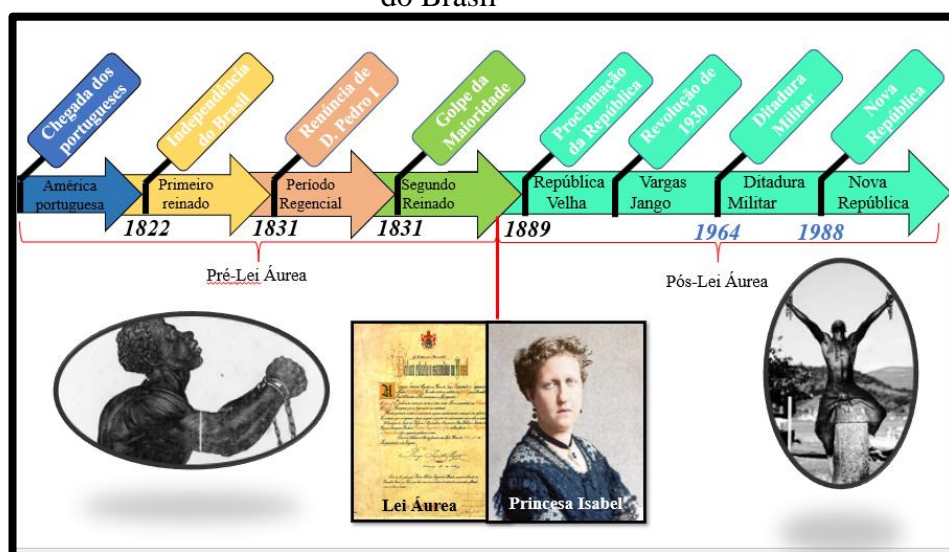
também, nos temas referentes a *Revolta da Vacina*, *Colonização Portuguesa na América*, *Dictadura Militar*, *Racionalismo Cartesiano*, *Quilombo* e *Liberalismo*. Nesse último, embora não seja fato histórico, utilizamos a linha do tempo para indicar o século em que Adam Smith e John Locke, considerados precursores do Liberalismo, viveram. No caso de *Quilombo*, utilizamos a linha do tempo para explicar o período Pré e Pós-Lei Áurea no Brasil. Vale dizer que utilizamos dois modelos de linha do tempo. O primeiro está vinculado aos tempos históricos da História Mundial e o segundo está dividido segundo os períodos históricos relacionados à História do Brasil. Podemos conferir os modelos nas figuras 49 e 50, abaixo.

Figura 49 – Linha do tempo relacionado aos períodos históricos da História Mundial



Felten (2023)

Figura 50 - Linha do tempo relacionado aos períodos históricos da História do Brasil



Felten (2023)

O único tema do qual não utilizamos uma linha do tempo foi para *Energia Nuclear*. Segundo o nosso entendimento, focamos precisamente no funcionamento de uma usina nuclear, sem a necessidade de situar no tempo a primeira usina criada no mundo, por exemplo. Isso não quer dizer que não se possa utilizá-la, mas significa que o conteúdo do qual escolhemos para ser ministrado não nos apontava para uma informação que fosse necessária ou suficiente para uma DTS.

Se tratando do conteúdo ministrado sobre os temas, que seria a base para a recolha da manifestação e dos entendimentos dos estudantes, buscamos contemplar aquelas informações que julgamos necessárias e suficientes para uma definição eficiente. Esses critérios foram fundamentais para que o conteúdo ensinado não fosse extenso, mas que tivesse informações como “o que foi a Peste Bubônica?”, “o que transmitia a peste?”, “a doença era um vírus ou uma bactéria?”, “como era organizada a sociedade medieval?”, “quais os seus desdobramentos da peste para a época?”.

Além dos PPTs, outros materiais como seringas e um balde de plástico preto foram utilizados por nós para atender as demandas de conteúdo sobre *Racionalismo Cartesiano* e *Revolta da Vacina*. O balde de plástico preto foi usado durante a explicação sobre *Racionalismo Cartesiano* com os propósitos de comparar o próprio objeto e um animal (coelho) e apresentar as características e funcionalidade que são inerentes a ele. O balde serviu como objeto norteador de toda a explicação, sempre utilizado para levar os colaboradores e alunos Surdos a pensar a respeito do conteúdo, uma vez que o cerne do pensamento cartesiano é que a razão é a única forma para chegar ao conhecimento. O uso

do material como ferramenta pedagógica pode ser conferido na Figura 51, a seguir.

Figura 51 – Uso do balde como ferramenta pedagógica destacado com um círculo vermelho



Felten (2023)

Figura 52 - Conteúdo utilizado para explicar sobre o *Racionalismo Cartesiano*



Felten (2023)

O que pretendíamos com o uso desse material era levar o aluno a pensar sobre a imposição de “verdades prontas” que estamos acostumados a receber. Nesse sentido, a dúvida sobre as “verdades” é o caminho para questioná-las. Somente por meio da razão humana somos capazes de refletir sobre as coisas no mundo e perceber se determinadas coisas são realmente o que parecem ser. Todo o método utilizado e aqui descrito foi preciso para que chegássemos ao cerne do pensamento cartesiano.

O postulado de Descartes é complexo e está no nível abstrato das ideias, por isso pensamos em estratégias didáticas concretas para que levássemos os colaboradores à compreensão da filosofia cartesiana. Sabemos que esse conceito não é fácil e tão pouco foi o nosso objetivo encerrar todas as discussões sobre o *Racionalismo*. Como dissemos anteriormente, pensamos num conteúdo que atenda às necessidades de uma DTS onde é possível conter as informações necessárias e suficientes deste sinal-termo. No capítulo sobre a análise dos dados apresentamos de forma mais detalhada sobre cada abordagem realizada.

O outro material utilizado foram seringas. O objetivo de seu uso foi trazer para o concreto a situação vivida no Rio de Janeiro no início do século XX. Por meio desse objeto se iniciou a explicação, trazendo os alunos a observar o motivo que levou à revolta da população durante um surto de varíola em 1904. É importante dizer que as seringas utilizadas nessa abordagem foram adquiridas em farmácia, foram retiradas todas as agulhas e não foram reutilizadas após a explicação, sendo descartadas logo depois. Podemos observar o uso das seringas como ferramentas pedagógicas na figura 53, a seguir.

Figura 53 – Uso de seringas como ferramenta pedagógica destacado com um círculo vermelho

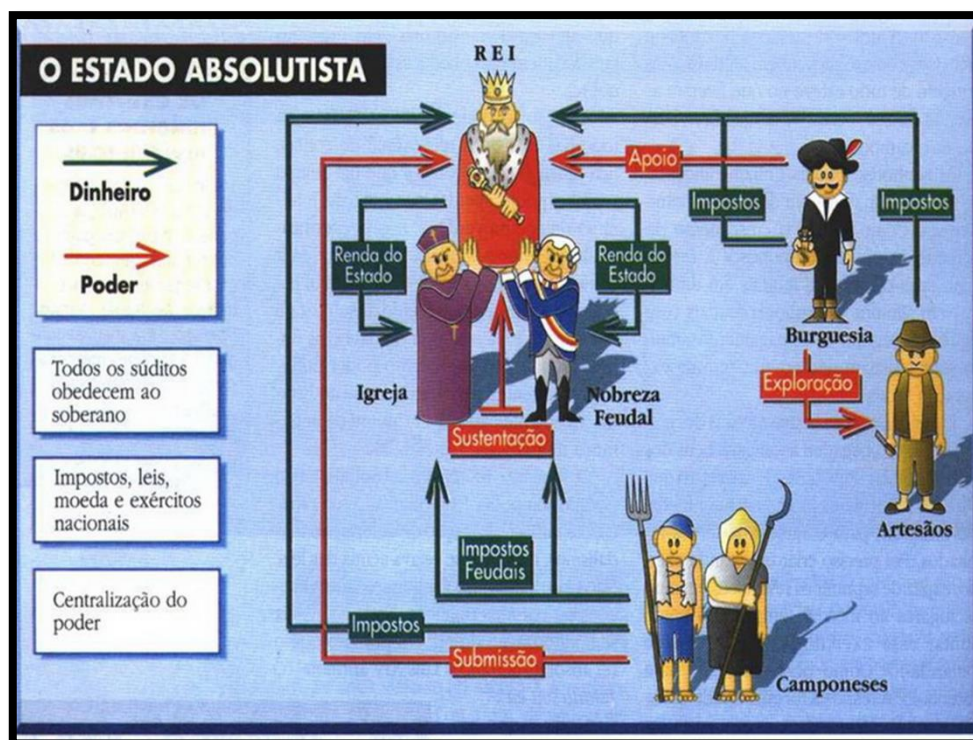


Felten (2023)

Com relação ao português escrito, optamos por utilizá-lo apenas em casos extremamente necessários. O português em sua forma escrita esteve no título do PPT como correspondente do sinal-termo (Cf. Figura 48) e foi utilizado para alguns nomes de personagens históricos como Princesa Isabel (Cf. Figura 50), John Locke, Adam Smith,

entre outros. Recorremos ao português nos conteúdos de imagens que buscamos na internet e que não foi possível desvincular a escrita conforme a figura 54.

Figura 54 – Imagem retirada da internet e utilizada na explicação sobre *Liberalismo*, sem a remoção do conteúdo em português escrito



<https://sites.google.com/site/lehist09/home/idade-moderna/seculo-xvii/mensagemsemtitulo-8>

Buscamos vídeos com explicações rápidas e com linguagem simples para complementar o conteúdo levado para os colaboradores Surdos. Um bom exemplo foi o vídeo produzido pelo canal da TV Senado intitulado “Histórias do Brasil – A Família Real vem morar no Brasil”, utilizado na explicação sobre a *Colonização Portuguesa na América*. O vídeo foi exibido no final da exposição para mostrar que o período colonial teve seu fim com a vinda da Família Real portuguesa para a colônia na América. O que nos chamou a atenção foi o título pouco comum e o conteúdo animado.

É corriqueiro falarmos que a Família Real veio para o Brasil, mas pouco damos ênfase ao verdadeiro propósito da mudança do Príncipe Regente e sua corte. O que nos chamou a atenção é que o título diz que a Família Real veio **morar** na Colônia. O verbo “morar” nos traz familiaridade com o verdadeiro motivo da corte portuguesa ter se mudado para os trópicos. Consideramos esse tipo de vocabulário mais acessível para o público-alvo da nossa pesquisa. Neste caso, o vídeo selecionado possui legenda, sendo outro caso do uso do português escrito ao longo das abordagens. O *frame* do vídeo utilizado por ser conferido por meio da figura 55, a seguir.

Figura 55 - Vídeo A Família Real vem morar no Brasil



TV Senado. Disponível em: [Histórias do Brasil - A Família Real vem morar no Brasil](#)

Cada abordagem didática foi aplicada em um dia específico na escola. Cada dia era introduzido, em contexto de aula exclusivo aos participantes Surdos colaboradores, o conteúdo associado a um sinal-termo. Os conteúdos sobre todos os oito sinais-termo foram trabalhados, respectivamente, com os alunos do 1º ano, ao 2º ano e ao 3º ano. Não houve a preocupação em “casar” as nossas abordagens didáticas dos sinais-termo com o conteúdo ensinado pelo professor regente regular, pois nos interessava ensinar e desenvolver o conteúdo vinculado ao sinal-termo e, em seguida, aplicar o questionário com foco nos modos de construção da definição que seria enunciada pelos colaboradores.

Apresentados todos os passos para a elaboração e uso dos materiais para as nossas abordagens didáticas, comentamos na subseção, a seguir, os procedimentos de registro dos vídeos coletados, em aula, para a análise dos dados.

7.3.1.6. Coleta dos dados em vídeo registro no CEM 02 de Planaltina-DF

Antes de detalhar o processo de registro das abordagens, é importante dar destaque ao “vídeo registro” (CARDOSO, 2016). Essa modalidade de registrar a Libras só foi possível graças à ascensão tecnológica. Para os propósitos desta tese, o recurso de vídeo

foi eficaz, considerando a modalidade visoespacial⁷⁵ da língua envolvida.

Para Cardoso (Ibid., p. 37), o vídeo registro é destinado a “registrar a fala das Línguas de Sinais, cujo foco é a informação aos Surdos na sua própria essência”. Além de explicar a que se destina o vídeo registro, o autor defende que esses registros são possibilidades de

gravar por meio dos diversos modos de armazenamentos atuais, a fim de garantir a preservação ao longo do tempo. Da mesma forma que acontece quando alguém escreve num pergaminho, numa folha de papel, em paredes de pedra ou qualquer outro jeito de registrar a escrita, aparece o cuidado para a preservação do que foi registrado (Ibid., p. 38).

Vale dizer que há outros modos de registros de modalidade escrita da língua de sinais como o *SignWriting*⁷⁶ e o ELiS⁷⁷. Entretanto, nem todos os usuários da Libras têm o domínio desses métodos. Por essa razão, optamos pelo registro em vídeo. Dito isso, apresentamos os detalhes da gravação das abordagens didáticas realizadas para a coleta dos dados.

Os encontros com os alunos e colaboradores Surdos no CEM 02 foram realizados duas vezes por semana. Isso porque a sala de recursos da escola cumpre os atendimentos às terças, quartas e quintas-feiras. Dessa forma, foi preciso nos adaptar para que as nossas abordagens didáticas fossem realizadas nos dias mencionados.

Conforme explicamos anteriormente, fazíamos os nossos encontros semanais com cada turma, sempre pela manhã. A turma do 1º ano foi composta por três colaboradores. A turma do 2º ano tinha dois colaboradores e o 3º ano havia apenas um colaborador(a). Assim, antes das aulas retomarem a rotina 100% presencial, fazíamos as reuniões semanais com cada um dos grupos. Numa semana as reuniões foram realizadas com o 1º ano. Na semana seguinte, com o 2º ano. O(A) colaborador(a) do 3º ano participava quando havia um horário vago na grade das aulas.

Em outra oportunidade, as abordagens com o(a) colaborador(a) foram

⁷⁵ Conforme apresentaram Quadros e Karnopp (2004, p. 48), “as línguas de sinais são denominadas línguas de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”.

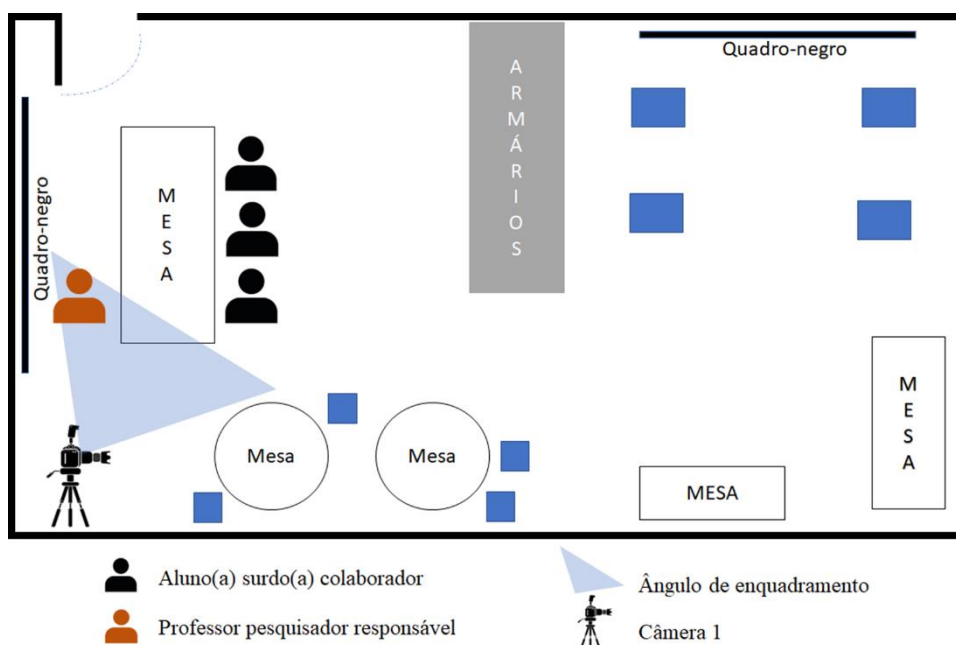
⁷⁶ O *SignWriting* é um sistema de escrita que utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Este “alfabeto”- uma lista de símbolos visualmente delineados –é utilizado para escrever movimentos de qualquer língua de sinais no mundo (SUTTON, 2010, p. 5).

⁷⁷ ELiS é a sigla para Escrita das Línguas de Sinais. Esse sistema de escrita foi criado por Estelita Barros, em 1998, como resultado de sua pesquisa de mestrado e aprofundado em seus estudos de doutoramento. Para saber mais, acesse: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/download/38881/22322/188989>.

realizadas às quartas, pois eram os dias que havia horários vagos em sua grade de aulas. Reiteramos que a este(a) colaborador(a) não frequentava a sala de recursos no horário inverso. Por essa razão, tivemos que fazer essa adaptação de horários.

Para as gravações das nossas abordagens, utilizamos três tipos de câmeras posicionadas em locais estratégicos para ser possível registrar toda a dinâmica nos momentos das explicações. O primeiro tipo de câmera utilizada foi uma Canon modelo Rebel T5. Houve reuniões onde a câmera foi posicionada no canto direito da sala de recursos para que capturasse a sinalização do professor pesquisador, e mais especificamente para capturar possíveis discussões entre o pesquisador e os colaboradores. A posição da câmera pode ser conferida na figura 56 que se segue.

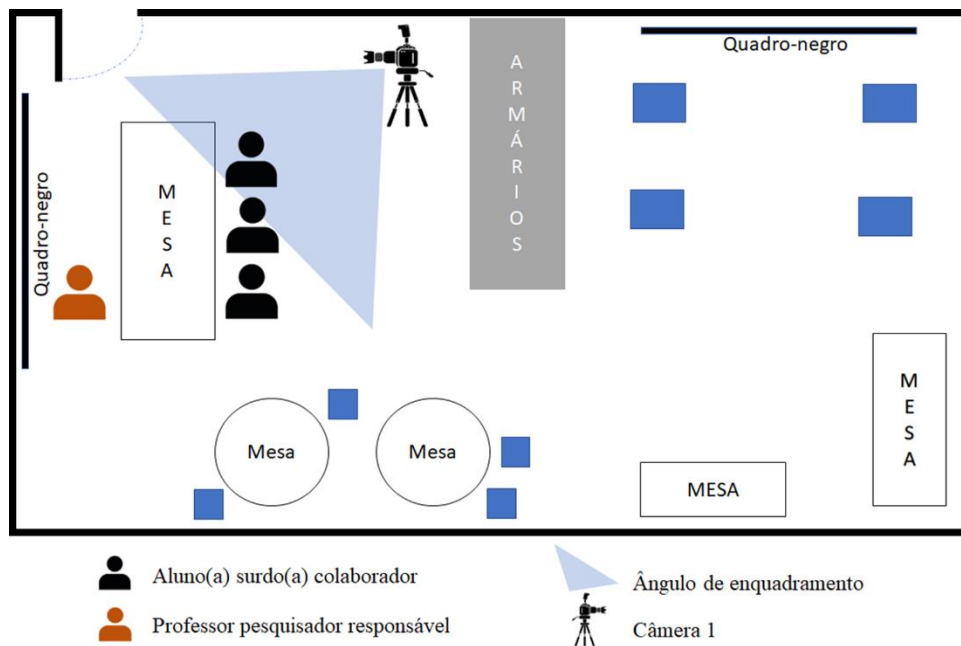
Figura 56 – Posicionamento da câmera 1



Felten (2023)

Ao longo das reuniões foi reparado que o posicionamento (câmera 1) na sala enquadrava os alunos Surdos colaboradores, mas não o professor pesquisador responsável. Como o objetivo, até aqui, eram as gravações em vídeo das respostas dos colaboradores por meio de um questionário aplicado ao final da explicação de cada tema, resolvemos reposicionar a câmera 1. Nesse local, a câmera enquadra os alunos Surdos colaboradores posicionados de costas e o professor e pesquisador responsável de frente. Se pode conferir o reposicionamento da câmera 1 na figura 57, a seguir.

Figura 57 – Reposicionamento da câmera 1



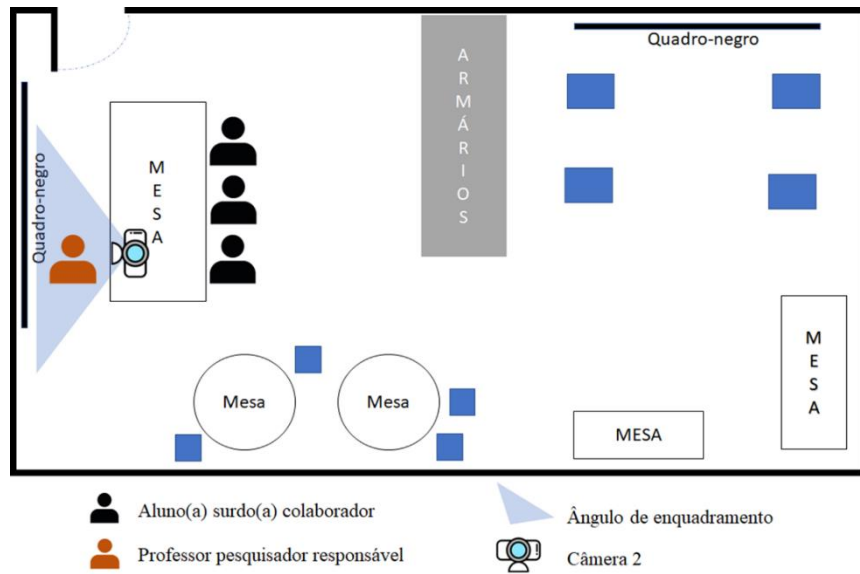
Felten (2023)

A decisão de reposicionar a câmera 1 foi condicionada pela necessidade de também registrar a explicação dos sinais-termo e dos conteúdos associados a eles. Assim, poderíamos observar outros sinais utilizados pelo pesquisador que podem, a partir da análise dos dados coletados, contribuir na proposta de uma DTS eficaz, uma vez que a linguagem adotada pelo professor foi adaptada para o nível escolar dos colaboradores.

Após a revisão do posicionamento da câmera 1, percebemos que não seria bom a câmera 1 enquadrar os alunos Surdos colaboradores de costas. Percebemos ao longo das explicações que os colaboradores Surdos faziam comentários que julgamos importantes. Os sinais utilizados nos comentários também podem ser úteis na análise dos dados e para a estrutura da DTS.

Assim, reposicionamos a câmera 1 para a posição inicial (Cf. Figura 57) para enquadrar os alunos de frente e utilizamos uma webcam (câmera 2) acoplada ao computador do professor responsável para o registro da sua sinalização. A câmera 2 utilizada é uma Logitech modelo C920s Pro HD. O computador esteve todo o tempo em cima da mesa com o enquadramento para o professor e para o conteúdo projetado por um Datashow no quadro-negro. Observemos, portanto, o posicionamento da câmera 2 por meio da figura 58.

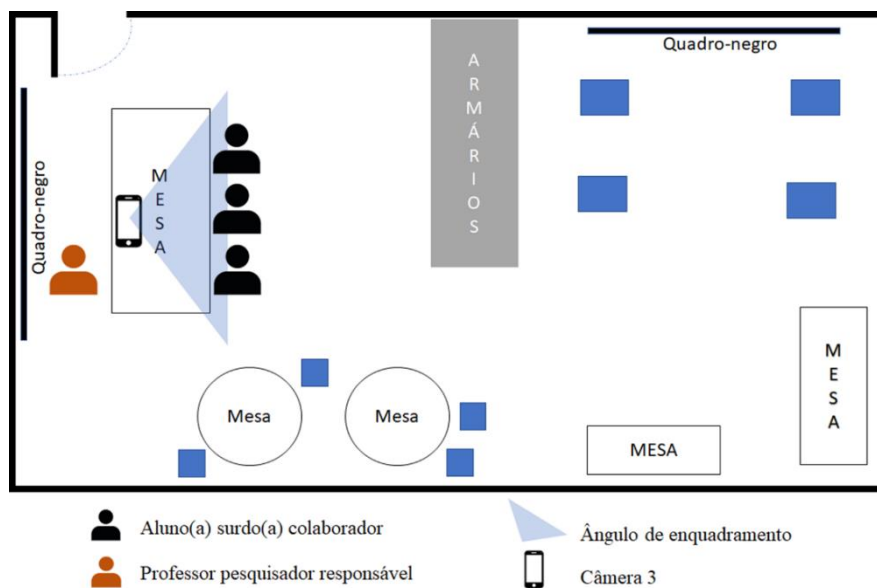
Figura 58 – Posicionamento da câmera 2



Felten (2023)

Para a gravação do questionário aplicado ao final de cada abordagem, utilizamos a câmera de um *smartphone* (câmera 3). Ao final das explicações sobre cada tema abordado, o professor pesquisador posicionou a câmera 3 num tripé específico para smartphones, em cima da mesa principal e com o enquadramento de frente para os alunos Surdos colaboradores. O posicionamento da câmera 3 pode ser conferido na figura 59, a seguir.

Figura 59 – Posicionamento da câmera 3



Felten (2023)

Apresentada a descrição de como foram pensadas as formas de registro dos vídeos, detalharemos na seção, a seguir, os encontros com os alunos e colaboradores Surdos.

7.3.1.7. Encontros para a coleta de dados no CEM 02 de Planaltina-DF

Para a coleta de dados, realizamos onze encontros no CEM 02 de Planaltina-DF entre setembro e dezembro de 2021. Conforme explicamos anteriormente, algumas adaptações foram necessárias para os vídeos registros atenderem o propósito desta pesquisa.

A princípio, os encontros foram marcados com os colaboradores remotamente. Para customizar o tempo, fizemos encontros híbridos com os grupos do 1º e 2º anos. Realizamos uma tentativa, mas houve a necessidade de adaptações posteriormente. Enquanto estávamos com um grupo de colaboradores do 1º ano nos dias dos atendimentos na sala de recursos presencialmente, o grupo do 2º ano estava conectado remotamente pela plataforma do *Google Meeting*. A câmera do computador foi posicionada de forma estratégica para que o grupo conectado pela plataforma pudesse participar da explicação do professor pesquisador. Fizemos um encontro com a colaboradora surda do 3º ano remotamente.

Entretanto, devido à baixa qualidade da conexão com a internet por parte dos colaboradores, não foi possível continuar as reuniões *on-line*. Muitas vezes, as conexões eram interrompidas e era necessário retomar a explicação. Outras vezes não percebemos que a conexão dos colaboradores havia caído, e continuávamos a explicação. Para evitar esses problemas, migramos dos encontros remotos para os presenciais. Nessa tentativa de reuniões híbridas, foi aproveitado o momento com os alunos do 1º ano que estavam presentes na escola, sendo necessário remarcar outra reunião com o grupo do 2º ano. A partir daí decidimos realizar os encontros apenas presenciais.

Na tabela 2, a seguir, podemos conferir as informações sobre a quantidade de encontros realizados.

Tabela 2 – Quantidade, data e tema dos encontros realizados com o Grupo A

ENCONTRO	DATA	TURMA	TEMA
1	27/09/2021 (remoto)	3º ano	<i>Peste Bubônica</i>
2	29/09/2021 (encontro híbrido)	1º e 2º anos	<i>Peste Bubônica</i>
3	13/10/2021	1º ano	<i>Racionalismo Cartesiano e Revolta da Vacina</i>
4	19/10/2021 (reagendado)	2º ano	<i>Peste Bubônica</i>

5	20/10/2021	2º e 3º anos	<i>Racionalismo Cartesiano e Revolta da Vacina</i>
6	26/10/2021	1º ano	<i>Ditadura Militar</i>
7	27/10/2021	1º ano	<i>Quilombo e Energia Nuclear</i>
8	09/11/2021	1º ano	<i>Liberalismo e Colonização Portuguesa na América</i>
9	23/11/2021	2º ano	<i>Ditadura Militar</i>
10	24/11/2021	2º ano	<i>Liberalismo e Quilombo</i>
11	01/12/2021	2º ano	<i>Colonização Portuguesa na América e Energia Nuclear</i>

Felten (2023)

Produzimos outra tabela – confira na seção de anexos - que registra informações sobre cada uma das sessões de trabalho de coleta de dados com os estudantes Surdos. Nela temos as turmas, os temas abordados em cada encontro, a descrição do vídeo registro, isto é, se é a explicação do professor pesquisador ou as respostas do questionário por parte dos colaboradores Surdos, a quantidade de vídeos necessários para a explicação ou para o questionário e o tempo da gravação de cada vídeo.

Apresentada a descrição de como foram pensados os encontros para a coleta de dados, falaremos na seção, a seguir, sobre algumas dificuldades que encontramos ao longo da coleta de dados.

7.3.1.8. *Algumas dificuldades encontradas durante o período da coleta de dados*

Durante a coleta de dados realizada no CEM 02 de Planaltina-DF, encontramos seis principais dificuldades. A primeira delas está relacionada à pandemia do Coronavírus. Iniciamos a nossa abordagem com os alunos Surdos em 29 de setembro de 2021. Nesse período as aulas presenciais já haviam sido retomadas. Entretanto, para ter mais segurança e respeitar o distanciamento social, optamos pelas reuniões virtuais. É exatamente aqui que encontramos os primeiros desafios. Tivemos vários problemas de conexão, pois estávamos em ambientes diferentes e nem sempre a internet tinha conexão com qualidade. Isso nos trouxe problemas como o travamento da tela e desconexão da internet durante a explicação.

Os problemas aqui relatados interferem diretamente no propósito da abordagem, que é o *feedback* dos alunos em relação à explicação dos sinais-termo. Mas para manter o distanciamento, houve outra tentativa de realizar a abordagem de forma virtual. Nesta segunda tentativa os problemas gerados em torno da conexão com a internet continuaram. Por fim, decidimos mudar as nossas estratégias. Na mudança, resolvemos deixar as abordagens remotas em *standby* e escolhemos realizá-las presencialmente, respeitando os

protocolos de segurança determinados pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF).

A segunda dificuldade enfrentada diz respeito a disponibilidade dos alunos. Isso quer dizer que houve encontros nos quais os colaboradores Surdos confirmaram a presença, mas não compareceram. Cada encontro contava com três ou quatro colaboradores. Entretanto, houve encontros realizados com apenas um ou dois participantes. Esses contratempos já estavam previstos, pois a participação dos alunos era voluntária e todos tinham prerrogativas de que poderiam decidir não participar da pesquisa sem nenhum problema, conforme explicado no Termo de Livre Esclarecido (TALE) (Cf. Anexos 2 e 3).

Outra adversidade que encontramos ao longo do processo de coleta dos dados está relacionada com o calendário escolar. A princípio, as escolas estavam sob o regime de ensino híbrido desde agosto de 2021. Isso quer dizer que, um grupo de alunos frequentava a escola durante uma semana, e na outra semana as atividades eram remotas. A mesma dinâmica foi adotada pela sala de recursos para os alunos Surdos, local das coletas. Numa semana estava o grupo do 1º ano. Na semana seguinte, o grupo do 2º ano. Essa dinâmica mudou a partir de novembro de 2021, quando o governador do Distrito Federal decretou⁷⁸ o retorno 100% presencial.

Devido ao decreto de retorno às aulas 100% presenciais, o Sindicato dos Professores no Distrito Federal convocou assembleia para decidir sobre a paralisação das aulas frente a decisão do governador. A assembleia foi marcada na quarta-feira, dia 03 de novembro de 2021, num dia de atendimento na sala de recursos. Entretanto, os professores votaram pela não deflagração da greve.

Com o decreto do governo, a dinâmica de atendimento aos alunos Surdos na sala de recursos também mudou. As turmas do 1º ano e 2º ano dividiam o tempo e o espaço. Os atendimentos eram realizados às terças, quartas e quintas-feiras, das 08h às 12h. Na sala de recursos havia duas professoras que auxiliavam os alunos Surdos com atividades e conteúdo das Ciências Exatas, Humanas e Libras como primeira língua (L1). No primeiro horário, isto é, das 08h às 10h, enquanto a professora de Exatas atendia os alunos do 1º ano com atividades, a professora de Libras como L1 atendia os alunos do 2º ano. No

⁷⁸ Para saber mais sobre o decreto de retorno às aulas presenciais, acesse: <https://jornaldebrasil.com.br/brasil/publicado-decreto-de-volta-as-aulas-100-presenciais/#:~:text=O%20Governo%20do%20Distrito%20Federal,%20Dfeira%2C%203%20de%20nove mbro.>

segundo horário, das 10h às 12h, o atendimento era invertido.

Para a nossa abordagem, a partir da mudança da dinâmica híbrida para o presencial, utilizamos o horário do atendimento destinado ao ensino de Libras como L1. A professora de Libras nos cedeu os horários de suas aulas para a coleta dos dados. É importante dizer que utilizamos a Libras como língua de instrução e comunicação em todos os momentos ao longo dos encontros com os alunos e colaboradores Surdos, a fim de respeitar e privilegiar a língua de sinais como primeira língua e língua veicular do conhecimento histórico.

Além dos colaboradores Surdos do 1º e 2º anos, houve apenas uma colaboradora do 3º ano. Inicialmente fizemos a mesma dinâmica de forma virtual descrita anteriormente, mas tivemos os mesmos problemas de conexão. Por essa razão, também optamos pela abordagem presencial. Entretanto, a aluna surda do 3º ano não frequenta a sala de recursos no horário inverso. Para que ela contribuísse com a nossa pesquisa, encaixamos a sua participação nos horários dos alunos dos 1º e 2º anos. Porém, mesmo tentando esse encaixe de horários, muitas vezes a aluna não frequentava a sala de recursos no horário da coleta de dados. Mas é importante dizer que, quando houve a sua participação, a aluna trouxe importantes contribuições e questionamentos para a nossa pesquisa.

Outro problema encontrado, ao longo das nossas abordagens presenciais, foram os feriados. No segundo semestre de 2021 houve muitos feriados prolongados adotados pela SEEDF. Muitos deles caíram nos dias dos atendimentos na sala de recursos. Esses feriados atrasaram a coleta de dados, mas não atrapalharam ou prejudicaram as nossas abordagens.

Por fim, um último obstáculo ao longo da nossa abordagem foi um tanto peculiar. Entre a semana do dia 15/11/2021 ao dia 19/11/2021 o CEM 02 suspendeu as aulas presenciais, retomando o regime de ensino remoto. Isso porque no final de semana anterior houve um curto-circuito na fiação elétrica da escola, o que inviabilizou as aulas naquela semana.

7.3.1.9. Do questionário aplicado aos colaboradores Surdos no CEM 02 De Planaltina-DF

A aplicação do questionário foi uma das etapas mais importantes da pesquisa. Por meio das perguntas foi possível verificar o léxico e os recursos expressivos utilizados pelos alunos Surdos em relação ao conteúdo apresentado. Nesse questionário (ver as questões adiante), os estudantes foram estimulados a formularem definições e/ou

explicações sobre os sinais-termo que mais lhes foram explicados.

O questionário foi criado pelo professor pesquisador e aplicado ao final de cada abordagem didática. Ao longo do processo de coleta dos dados, foi necessário repensar a forma com que as questões seriam apresentadas. A princípio, havíamos ponderado aplicar três questões genéricas para todos os sinais-termo:

- 1. A partir do que foi exposto, o que significa o sinal-termo ____?**
- 2. O que você achou mais importante e interessante sobre o sinal-termo ____?**
- 3. O conteúdo conforme explicado na aula foi suficiente para você entender o que significa o sinal-termo ____? Explique/Justifique a sua resposta.**

Entretanto, foi importante considerar o conhecimento preexistente dos participantes, o seu nível de língua e o conhecimento ensinado/adquirido. O conteúdo dos sinais-termo ensinados aos alunos Surdos nos fez repensar as estratégias para aplicação das perguntas. Repensando as questões, decidimos, então, criar e aplicar questões mais pontuais. As questões reelaboradas com viés mais específico nos serviram para obter respostas mais completas.

Assim, o ritmo e a interação entre o professor pesquisador e os Surdos colaboradores influenciaram para a mudança. Saímos de um questionário com apenas três questões, para questões mais questões e mais específicas. Essas questões foram aplicadas em Libras tanto para os alunos do 1º ano, quanto para os do 2º ano. A colaboradora do 3º ano compareceu a apenas duas reuniões marcadas.

Outro fator que influenciou a adaptação foi o conteúdo visual utilizado ao longo das explicações. Como já falamos, a visualidade é um aspecto fundamental ao longo da escolarização de alunos Surdos. Por essa razão, as imagens são recursos que nos ajudaram a chegar a uma boa participação por parte dos alunos.

A reelaboração das perguntas seguiu uma proposta de simplificação. Para que isso acontecesse de forma adequada utilizamos, ao longo das abordagens, imagens dos PPTs das explicações realizadas. À medida que os colaboradores viam as imagens no PPT, as respostas tinham mais conteúdo. Isso nos mostrou que as imagens funcionam como “gatilhos” na memória dos Surdos para que conseguissem responder ao questionário.

Ainda sobre essa etapa da pesquisa, o conhecimento histórico e seus desdobramentos funcionam numa lógica de sucessão de fatos. Como já dissemos, e dependendo do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, é necessária uma contextualização histórica.

Para entender melhor sobre o conhecimento histórico e seus desdobramentos, tomemos o exemplo de *Liberalismo*. O que queremos dizer é que, para chegar ao Liberalismo é importante que os alunos conheçam sobre a estrutura do Estado Absolutista, organização social condicionante à época. Entendendo a relação entre o rei, a Igreja, a nobreza e as dominações de outras classes sociais como os camponeses e os artesãos, é possível perceber a filosofia liberal clássica motivada pelo pensamento iluminista do século XVII.

Dito isso, apresentamos nas subseções, a seguir, os questionários aplicados ao final de cada abordagem didática. Veremos que ao longo das questões estão *links* com algumas imagens que serviram de pistas para os estudantes colaboradores responderem às perguntas. Em algumas delas, faremos alguns comentários para ficar claro como ocorreu a aplicação do questionário, etapa fundamental para esta pesquisa.

7.3.1.8.1. Questionário sobre a Ditadura Militar

O conteúdo sobre Ditadura Militar foi, sem dúvida nenhuma, um grande desafio. Foi desafiador por corresponder a um período de 21 anos (1964 – 1985) da nossa história, onde tivemos 5 militares no poder e 16 Atos Institucionais. Além de toda a trama militar, houve vários movimentos sociais de resistência e lutas pela redemocratização. Entretanto, o Regime Militar não ocorreu de repente. Houve eventos anteriores a 1964 que levaram ao golpe. Por essa razão, o conteúdo partiu da inauguração de Brasília em 1960 sendo finalizado com a Constituinte de 1988, período do qual chamamos de redemocratização brasileira.

Devido ao extenso conteúdo dos anos de chumbo no Brasil, dedicamos um encontro para ser possível explorar cada informação da qual julgamos necessária e suficiente que defina esse período da nossa história. O conteúdo nos mostrou, também, que apenas três questões seriam insuficientes para o nosso propósito. Após a apresentação do conteúdo aplicamos o questionário retomando o material elaborado para os colaboradores terem pistas para respondê-las. Dessa forma, elaboramos seis perguntas que contemplavam o conteúdo explicado pelo professor pesquisador. As questões foram:

- 1. O que você entendeu sobre a Ditadura Militar?**
- 2. Qual a relação entre a Guerra Fria e a Ditadura Militar no Brasil?**

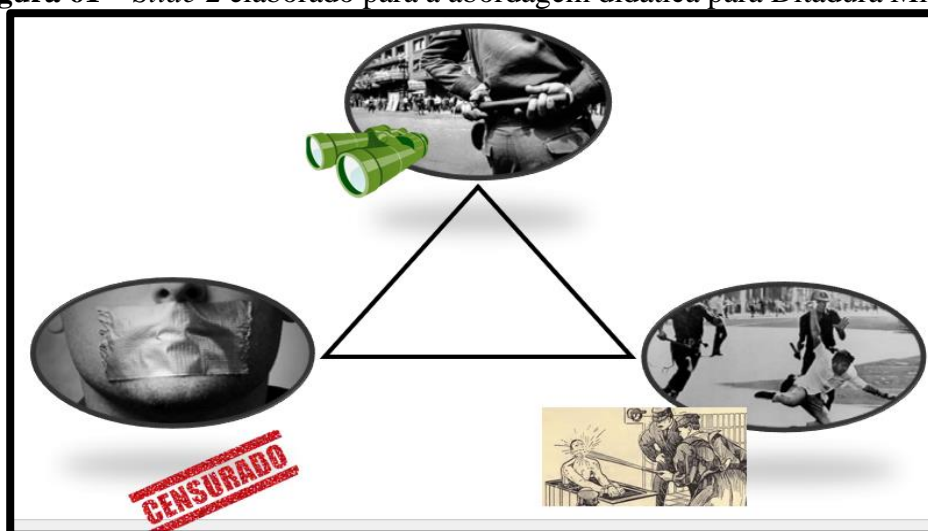
Figura 60 – Slide 1 elaborado para a abordagem didática para Ditadura Militar



Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/34445/golpe-de-64-marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-completa-50-anos-saiba-quem-a-financiou-e-dirigiu>. Acessado em ago/2021.

3. Quais as três bases de controle do governo ditador no Brasil?

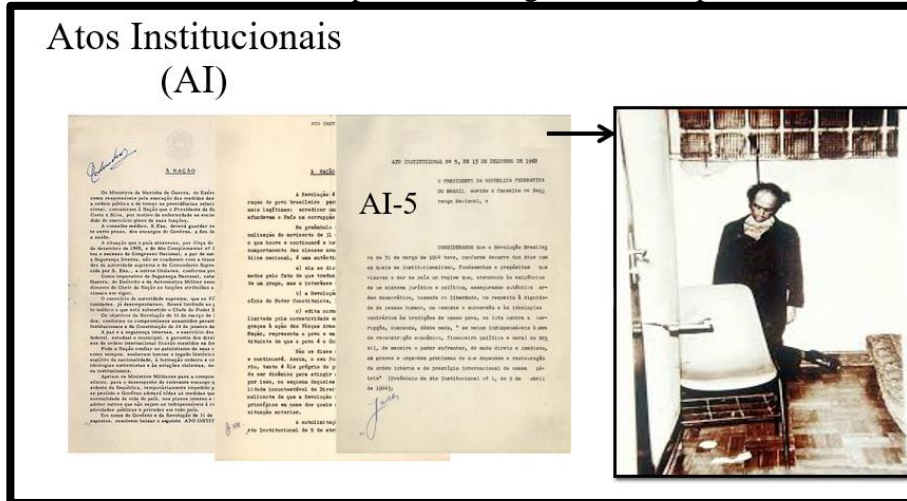
Figura 61 – Slide 2 elaborado para a abordagem didática para Ditadura Militar



Felten (2023)

4. Qual o pior Ato Institucional (AI) instaurado pelo governo?

Figura 62 – Slide 3 elaborado para a abordagem didática para Ditadura Militar



Brasil (1964; 1965; 1968); imagem: Instituto Vladimir Herzog (2021).

5. Como eram as eleições para presidente durante a Ditadura Militar?
6. Explique sobre as Diretas Já.

7.3.1.8.2. Questionário sobre o sinal-termo para Liberalismo

Considerando a natureza do conhecimento histórico, foram reelaboradas 8 questões. Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos slides utilizados na explicação dos sinais-termo. As imagens utilizadas serviram de “gatilhos” visuais para podermos estimular os colaboradores a fim de conseguir o máximo de informação nas respostas. Assim, as questões aplicadas forma:

1. Qual o sinal para LIBERALISMO (soletrado)?
2. Explique sobre a dominação do rei, da Igreja e da nobreza (Estado Absolutista) e sobre os artesãos e camponeses (Cf. Figura 54, seção 7.2.1.4).

Nessa pergunta do questionário, é importante dizer que utilizamos a figura 54 para explicar a relação entre a figura do rei, da Igreja e da nobreza sobre os artesãos e camponeses que correspondiam as parcelas exploradas e mais pobres da sociedade no século XVII-XVIII. Essa estratégia foi necessária para poderem extrair ao máximo as informações explicadas. Além disso, o alargamento das perguntas com mais detalhes sobre o conteúdo foi eficiente para os colaboradores acessarem as informações recém-ensinadas.

3. Quem foi o homem John Locke?

Figura 63 – Slide 1 elaborado para a abordagem didática para Liberalismo

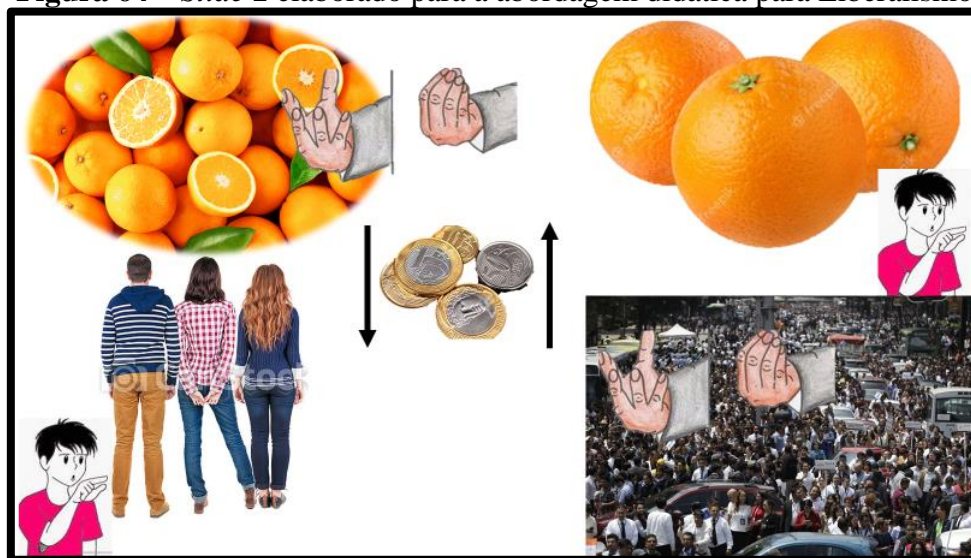


Britannica Escolar (2021)

4. O que significa Liberalismo?

5. Como é a oferta (venda) e procura (compra) na economia?

Figura 64 – Slide 2 elaborado para a abordagem didática para Liberalismo



A pergunta 5 está relacionada à lógica do mercado. Durante a explicação, o professor pesquisador utilizou o exemplo das laranjas. A lógica é a seguinte: quando houver mais laranjas disponíveis no mercado a compradores (parte esquerda do *slide*), as laranjas estão mais baratas. Do contrário, quando houver menos laranjas disponíveis (parte direita do *slide*) a compradores, a fruta estará mais cara. Isso explica o porquê o mercado utiliza suas próprias regras para controlar a economia. Por isso, o ponto de vista da filosofia liberal defende que o estado deve interferir minimamente na economia.

7.3.1.8.3. Questionário sobre o sinal-termo para Racionalismo Cartesiano

Em relação ao questionário aplicado para *Racionalismo Cartesiano*, também consideramos os fatores já apresentados. O desafio encontrado nessa abordagem foi que, assim como *Liberalismo*, o *Racionalismo Cartesiano* diz respeito a uma filosofia, uma forma de pensamento. Isso implica conceitos mais abstratos. Pela natureza do conteúdo, buscamos ao máximo torná-lo mais concreto para que os colaboradores e alunos Surdos compreendessem a filosofia cartesiana.

Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos *slides* utilizados nas explicações dos sinais-termo. As imagens utilizadas serviram de “gatilhos” visuais para puderem estimular o conhecimento recém-abordado para os colaboradores Surdos. Essa estratégia teve como objetivo alcançar o máximo de informação nas respostas dos alunos. Tendo isso em vista, reelaboramos e criamos 7 questões que são:

1. Qual o sinal para RACIONALISMO CARTESIANO (soletrado)?
2. Quem criou o Racionalismo?
3. Onde René Descartes nasceu?
4. Qual a importância da Razão para nós pessoas?

Figura 65 - Slide 1 elaborado para a abordagem didática para Racionalismo Cartesiano



Felten (2023)

5. Você lembra dos três tipos de ideias que Descartes falou?

Figura 66 – Slide 2 elaborado para a abordagem didática para Racionalismo Cartesiano: as ideias inatas, adventícias e factícias



Felten (2023)

- 6. Você lembra do Método criado por Descartes? Quais as quatro etapas ou processos para chegar à verdade?**
- 7. O que é Racionalismo Cartesiano?**

Algo interessante aconteceu na sala de aula enquanto explicávamos o conteúdo sobre o *Racionalismo*. Uma das alunas colaboradoras perguntou do porquê temos que aprender sobre esse assunto. Esse foi um momento rico no qual pudemos refletir sobre a razão pela qual estudamos História. Para nós, esse questionamento vindo de um dos colaboradores nos deu a certeza sobre a importância do que fazíamos naquele momento. Percebemos que essa pergunta era importante para os Surdos, mas que eles não se sentiam à vontade para fazê-la na sala de aula regular. Essa pergunta foi pertinente, realizada num ambiente confortável mediado pela Libras e entre seus falantes.

7.3.1.8.4. Questionário sobre o sinal-termo para Quilombo

Para os alunos colaboradores entenderem o que um *Quilombo* é, foi necessário explicar o contexto histórico pré e pós-Abolição da Escravidão no Brasil. Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos *slides* utilizados na explicação dos sinais-termo. As imagens utilizadas serviram de “gatilhos” visuais para podermos estimular os colaboradores a fim de conseguir o máximo de informação nas respostas das perguntas. No caso do questionário aplicado para Quilombo, foram reelaboradas as seguintes perguntas:

- 1. Qual o sinal para QUILOMBO (soletrado)?**
- 2. Como os escravizados viviam no Brasil antes da Princesa Isabel assinar a Lei Áurea, lei que dá liberdade aos negros que foram escravos?**

Figura 67 – Imagens utilizadas nos *slides* para explicar o trabalho escravo no Brasil



1. Autor desconhecido.; 2. Debret (1830); 3. Debret (sem data)

3. O que é um *Quilombo*?

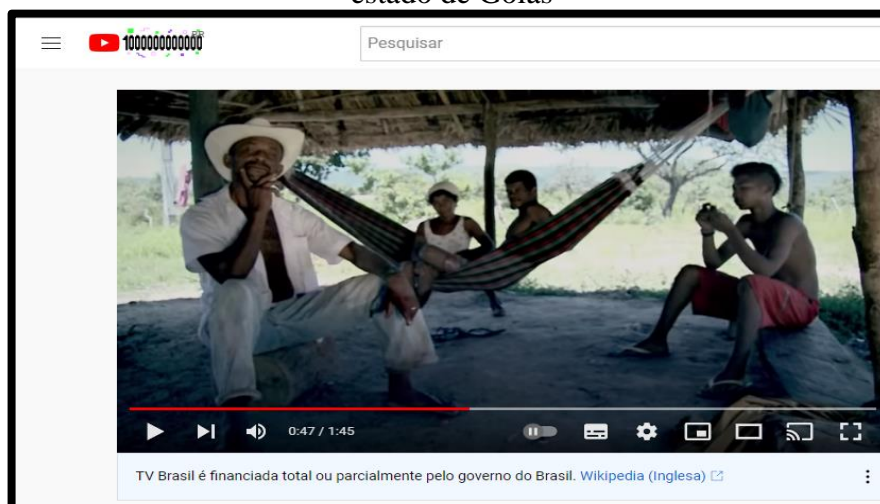
Figura 68 – *Slide* elaborado para explicar o surgimento de uma comunidade Quilombola



Imagem 1: autor desconhecido; 2. IPHAN (2016); Imagem 2: Wagener (2006);

4. Como é a vida num *Quilombo*?

Figura 69– *Frame* do vídeo utilizado para explicar a vida no quilombo Kalunga no estado de Goiás



Kalungas, Patrimônio Brasileiro - TV NBR (2013)

5. Como são os costumes de uma comunidade quilombola?

6. Qualquer pessoa pode entrar em uma comunidade quilombola?

Esse tema foi interessante. Explicar sobre os *quilombos* é poder criar um elo entre passado e presente. Passado, pois é necessário adentrar o sistema escravocrata brasileiro que precedeu a abolição da escravidão. Foi exatamente nesse contexto social que as comunidades quilombolas tiveram a sua origem. E o presente, uma vez que muitas dessas comunidades ainda conservam os costumes dos antepassados e lutam por seus territórios.

7.3.1.8.5. Questionário sobre o sinal-termo para Energia Nuclear

Ao contrário do que aconteceu com os temas acima apresentados, o conteúdo sobre *Energia Nuclear* está situado no tempo presente. Categorizamos a *Energia Nuclear* como fruto do conhecimento humano com o avanço das ciências. Embora seja um assunto atual, foi possível fazer uma ponte com o passado.

Inicialmente mostramos o que é uma usina nuclear e seu funcionamento. Em seguida, entramos no contexto químico para ser possível entender como funciona um reator de uma usina por meio do urânio enriquecido (Cf. Figura 70). Embora não seja um conteúdo extenso, foi possível apresentar aos alunos o maior acidente nuclear da história. O acidente ocorreu em Chernobyl, cidade ucraniana pertencente, à época, à União Soviética (URSS).

Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos *slides* utilizados na explicação dos sinais-termo. A partir do conteúdo, reelaboramos oito perguntas para o questionário que são:

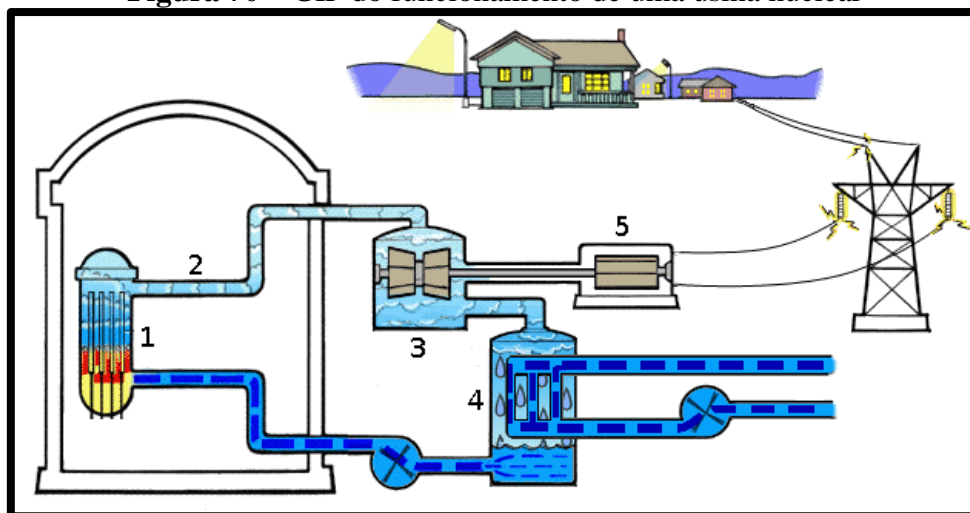
1. Qual o sinal para ENERGIA NUCLEAR (soletrado)?

2. Me explica o que é *Energia Nuclear*, o que é?

Em Libras, é comum utilizarmos repetidamente o pronome interrogativo seguido Q-U-E no final da frase. Isso traz foco à pergunta e evoca aquilo que os colaboradores devem responder.

3. Explique como a *Energia Nuclear* é produzida na usina.

Figura 70 – GIF do funcionamento de uma usina nuclear



Disponível em: <https://suportegeografico77.blogspot.com/2018/06/energia-nuclear-3.html>.
Acessado em setembro/2021.

Nesta pergunta utilizamos o GIF que mostra o processo de aquecimento e resfriamento da água no reator por meio da quebra do núcleo dos átomos de urânio enriquecido. Essa quebra dos átomos gera uma reação em cadeia (1) (Cf. Figura 72). Em seguida, podemos observar a transformação da água em vapor (2) que causa pressão na turbina (3; 5) e, então, a condensação (4) da água, retornando ao início do processo. A imagem animada foi fundamental para a compreensão dos colaboradores Surdos quanto ao funcionamento da usina na perspectiva micro (atômica) e macro (sistema de geração de energia completo). Mais uma evidência sobre a importância das imagens no processo de escolarização dos alunos Surdos.

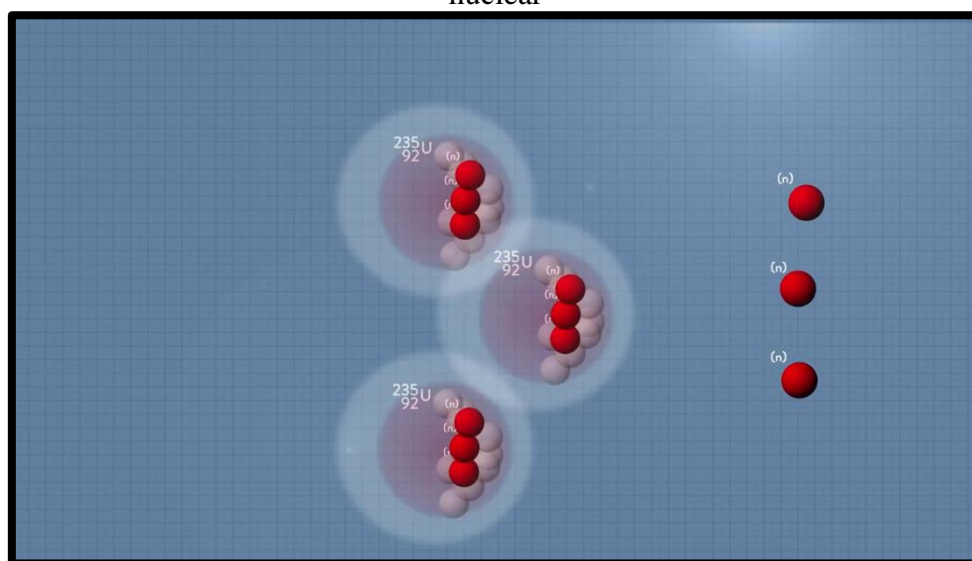
4. Você lembra o nome do elemento químico que está na vareta do reator? Você lembra o nome? O elemento está na tabela periódica.

Figura 71 – Tabela periódica utilizada na abordagem didática para Energia Nuclear

Disponível em: <https://jornalimparcial.com.br/iq-unesp-recebe-a-maior-tabela-periodica-impresa-do-brasil/>. Acessado em out/2021.

5. Você lembra que o nêutron bate no átomo? Como acontece e por quê?
6. Quando o nêutron bate no núcleo do átomo, o que essa reação libera?

Figura 72 – *Frame* do vídeo que mostra a reação em cadeia que acontece no reator nuclear



Disponível em: [Na Trilha da Energia - Energia Nuclear](#). Acessado em set/2021.

7. Onde acontece a liberação de calor (GIF que mostra o sistema de produção de energia nuclear)?
8. Você lembra onde aconteceu o pior acidente numa usina nuclear? Onde aconteceu?

Apresentado o questionário sobre *Energia Nuclear*, passamos para o questionário aplicado sobre a Colonização Portuguesa na América.

7.3.1.8.6. Questionário sobre o sinal-termo para Colonização Portuguesa na América

Assim como para *Ditadura Militar*, o conteúdo para *Colonização Portuguesa na*

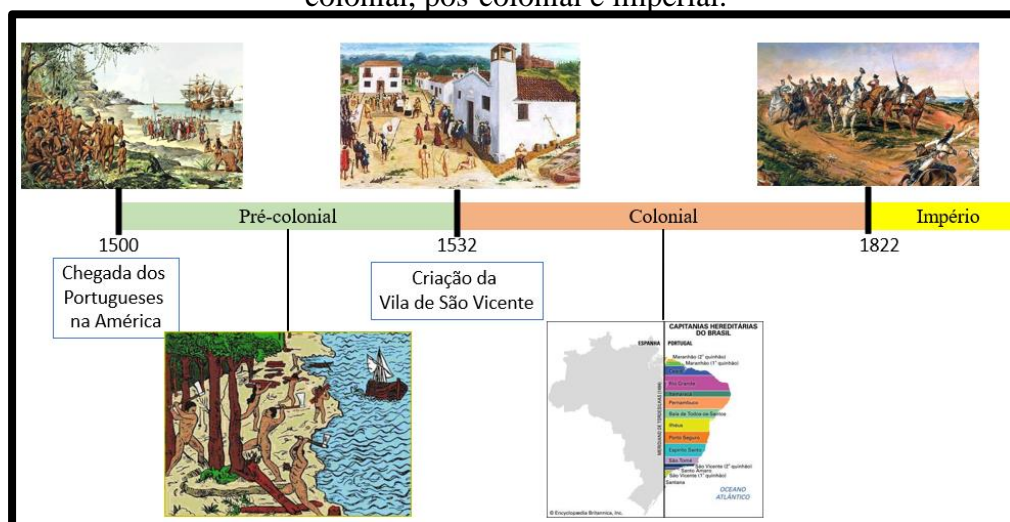
América é extenso. Isso porque a colonização portuguesa no continente americano foi um processo que durou cerca de 292 anos, dividido em dois períodos: o pré-colonial (1500-1532) e colonial (1532-1822) (Cf. Figura 73).

Além da complexidade do conteúdo, o sinal-termo explica um processo histórico. Não se trata de um fato ou evento isolado como foi a *Revolta da Vacina*, mas diz respeito a sequência de eventos que envolveram muitos personagens históricos e relações sociais complexas. Todo esse processo histórico deu origem ao que conhecemos hoje como nação brasileira.

Para que pudéssemos tirar proveito do conhecimento dos alunos e colaboradores Surdos, foi necessário explicar detalhadamente o conteúdo utilizando vídeos e imagens sobre o processo colonizador. Conseqüentemente, foi preciso reelaborar as perguntas do questionário. Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos *slides* utilizados na explicação dos sinais-termo. Assim, as questões reelaboradas foram:

1. O que vocês entenderam sobre *Colonização Portuguesa na América*?
2. Por que Portugal chegou no Brasil, por quê? Vocês lembram onde Portugal queria chegar?
3. No período verde (pré-colonial – mostrado na imagem) o que aconteceu?

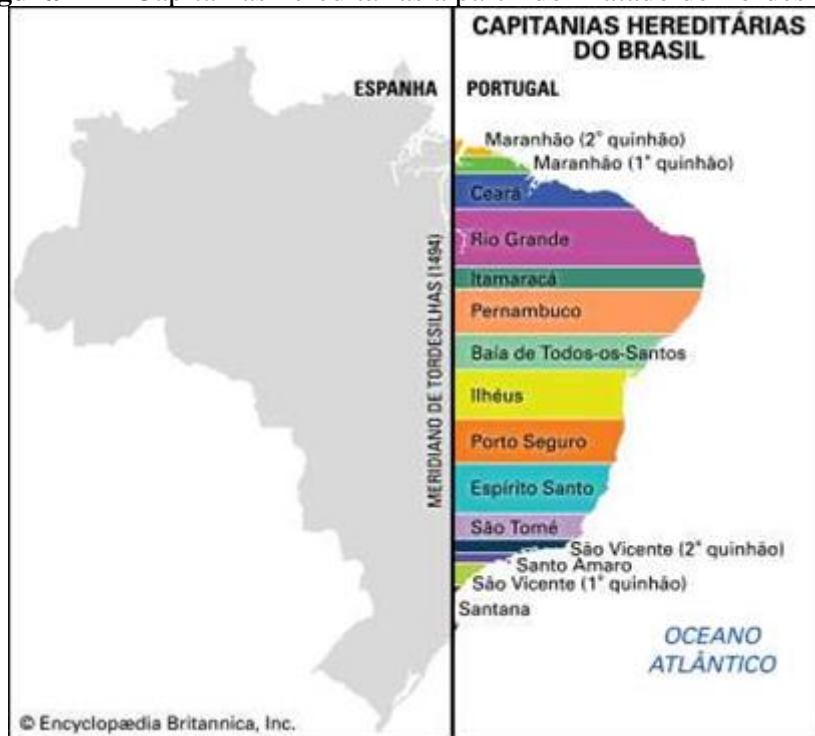
Figura 73 – Linha do tempo que divide a História do Brasil entre os períodos pré-colonial, pós-colonial e imperial.



Felten (2023)

4. Qual o sinal para Tratado de Tordesilhas (mostrando a imagem do *slide*)? Da linha pra cá (oeste) a qual país pertence? Da linha pra lá (leste) a qual país pertence?

Figura 74 – Capitânicas hereditárias a partir do Tratado de Tordesilhas



Britânica Escolar (2021)

5. Como era a sociedade colonial? Quais eram as pessoas que viviam na colônia?
6. O que se plantava nas fazendas da colônia? Que tipo de planta?
7. Explique sobre o Pacto Colonial.

No conteúdo relacionado ao processo colonizador português na América do sul, foi possível elencar outros assuntos que se relacionam. Um deles é sobre o *Pacto Colonial*. Além disso, apresentamos os motivos pelos quais motivaram a mudança da família real portuguesa à colônia americana, fato que deu fim ao período colonizador e elevou as terras brasileiras ao império português.

8. Quando o período colonial terminou? O Brasil ficou colônia para sempre?

Apresentado o questionário sobre *Colonização Portuguesa na América*, passamos para o questionário aplicado sobre a *Revolta da Vacina*.

7.3.1.8.7. Questionário sobre o sinal-termo para Revolta da Vacina

O conteúdo relacionado ao sinal-termo para *Revolta da Vacina* se trata de um evento histórico ocorrido no Rio de Janeiro em 1904, após um surto de varíola. Entendemos esse evento como um episódio importante ocorrido na República Velha. O conteúdo não foi tão denso quanto observamos em *Ditadura Militar e Colonização Portuguesa na América*.

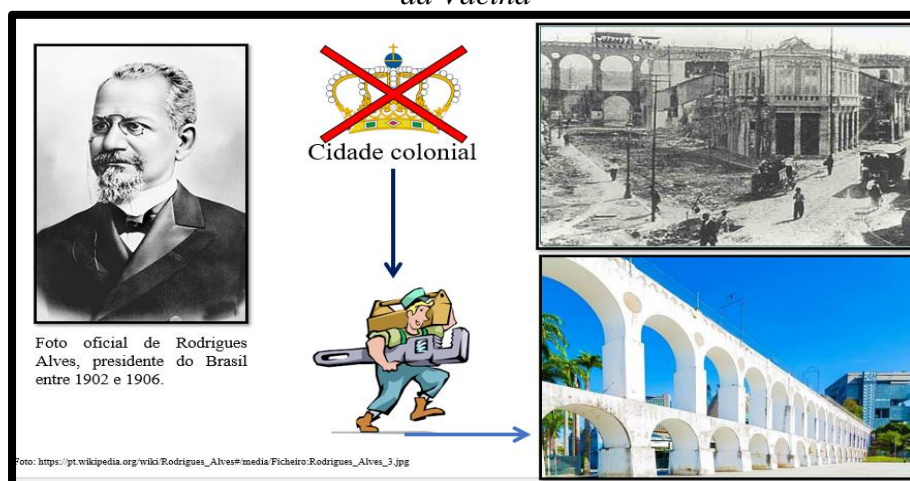
Se por um lado as informações ensinadas aos alunos e colaboradores Surdos não foi tão denso, por outro pudemos criar pontes com o tempo presente, sobretudo no caso da campanha de vacinação contra a Covid-19 iniciada no início de 2021.

Foi no contexto de modernização da antiga capital brasileira que tivemos a criação da Fundação Oswaldo Cruz, instituto que leva o nome de um dos mais importantes sanitaristas brasileiros. Essa relação entre passado e presente foi realizada por meio da vacina. No início do século XX, por meio da vacina contra a varíola; já no século XXI, com a vacina contra o Coronavírus. Por conta do conteúdo inerente a *Revolta*, tivemos boas discussões e reflexões sobre a importância de aprender sobre o passado e sobre a pesquisa científica no Brasil.

Dadas as informações consideradas por nós importantes para uma definição terminológica sobre o sinal-termo para *Revolta da Vacina*, reelaboramos 11 questões, conforme as reflexões geradas por meio da abordagem didática. Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos *slides* utilizados na explicação dos sinais-termo. As questões aplicadas foram:

1. Qual o sinal para REVOLTA DA VACINA (soletrado)?
2. O que você entendeu sobre a Revolta da Vacina?
3. Onde aconteceu a Revolta da Vacina e em que ano?
4. Por que o presidente quis reformar a cidade do Rio de Janeiro?

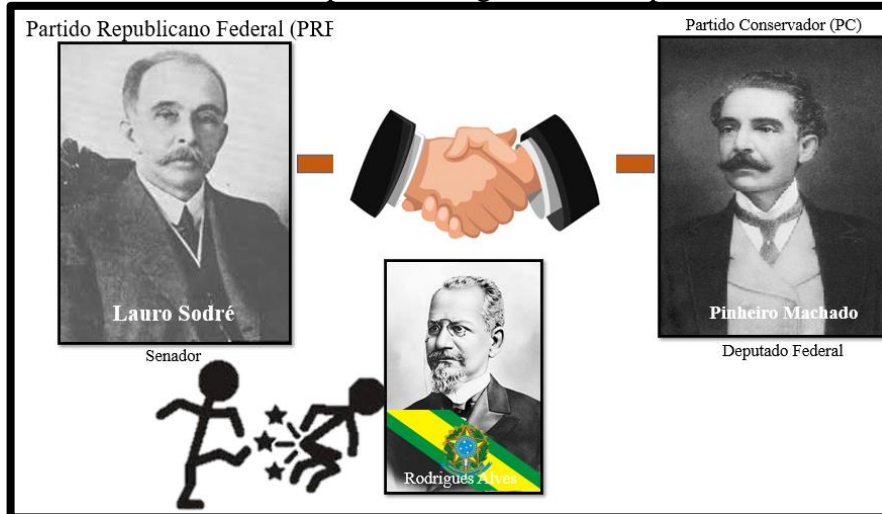
Figura 75 – Slide 1 elaborado para elaborado para abordagem didática para a *Revolta da Vacina*



Felten (2023)

5. Por que aconteceu a Revolta?

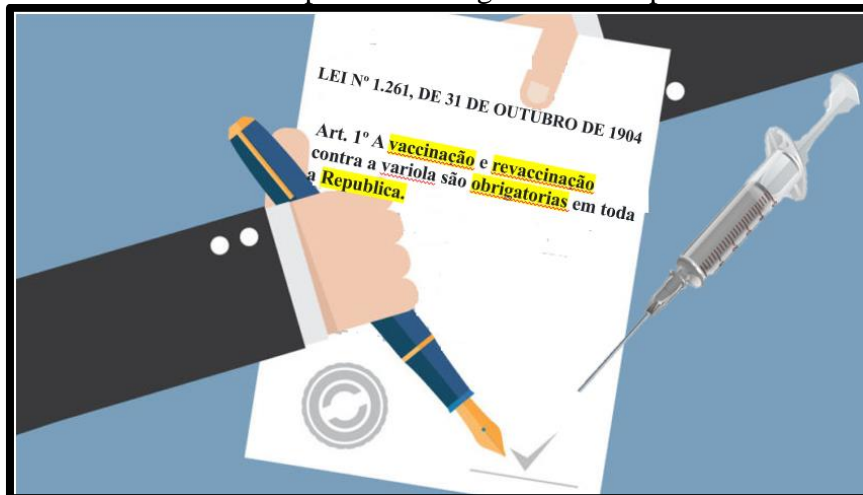
Figura 76 – Slide 2 elaborado para abordagem didática para a *Revolta da Vacina*



Felten (2023)

6. Qual o efeito da vacina para as pessoas?
7. Qual doença se espalhou no Rio de Janeiro na época da *Revolta*?
8. O que o presidente fez para ajudar o povo na época da *Revolta*?

Figura 77 – Slide 3 elaborado para a abordagem didática para a *Revolta da Vacina*



Lei nº 1.261 de outubro de 1904 (Brasil, 1904)

9. Por que o povo do Rio de Janeiro se revoltou?
10. Onde se produziu a vacina contra a Variola?

Figura 78 – Slide 4 elaborado para a abordagem didática para a *Revolta da Vacina*



Fiocruz (2021)

11. Quem fundou o Instituto Oswaldo Cruz?

Apresentado o questionário sobre *Revolta da Vacina*, passamos para o questionário aplicado sobre a *Peste Bubônica*.

7.3.1.8.8. Questionário sobre o sinal-termo para *Peste Bubônica*

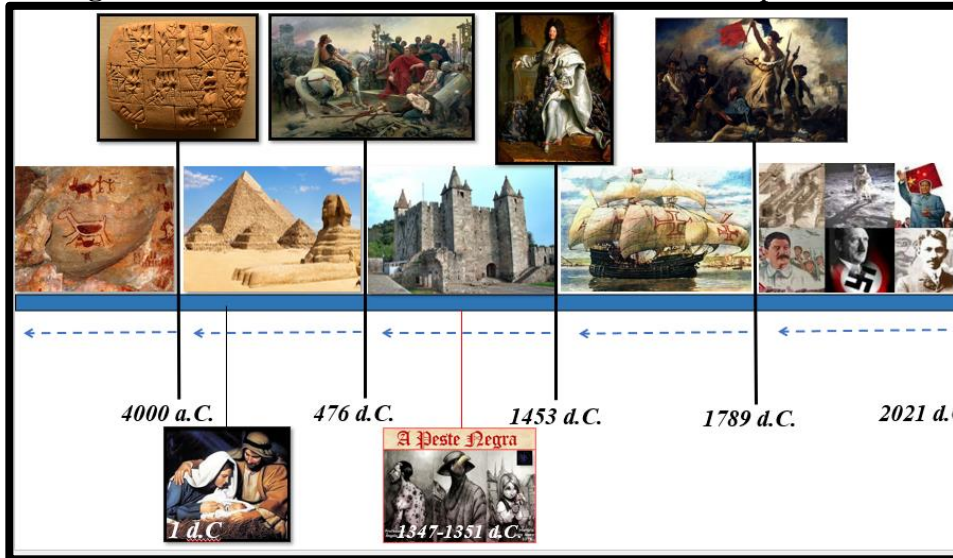
Assim como o conteúdo abordado para a *Revolta da Vacina*, foi possível traçar relação entre passado e presente com a *Peste Bubônica*. A pandemia da Covid-19 permitiu uma nova forma dos alunos pensarem sobre a *Grande Peste*. A experiência de estarem inseridos num tempo pandêmico que assola a humanidade atualmente trouxe certa familiaridade em relação à *Peste Bubônica*.

Embora a epidemia da bactéria *Yersinia Pestis* tenha marcado a Idade Média, combatendo-a foi possível descobrir avanços importantes na área da medicina e hospitalar. Trazer essas informações para os alunos e colaboradores Surdos foi significativo, pois eles conseguiram fazer relações históricas importantes, se aproximando do conhecimento histórico e, conseqüentemente, convidados a ter consciência histórica.

Como dissemos anteriormente, o questionário foi aplicado juntamente com a apresentação dos *slides* utilizados na explicação dos sinais-termo. As perguntas foram reelaboradas e são as que seguem.

1. O que é a *Peste Bubônica*?
2. Qual o período da história aconteceu a epidemia da *Peste Bubônica*?

Figura 79 – A Peste Bubônica situada na linha do tempo histórica



Felten (2023)

3. Qual o nome da bactéria da doença *Peste Negra/Bubônica*?
4. Você lembra onde começou a *Peste Bubônica*?
5. O que as pessoas da Europa faziam na China?
6. Os europeus iam para a China comprar o que? Que tipo de objeto iam comprar?

Figura 80 – Slide utilizado na abordagem didática para *Peste Bubônica*



Felten (2023)

7. Porque a *Peste Bubônica* também tinha outro sinal **PESTE NEGRA** (soletrado)?

Figura 81 – *Frame* do episódio “Os 20 milhões de mortos da Grande Peste” utilizado na abordagem didática para Peste Negra



Mundo Mistério (2020)

8. Nos navios e nas cargas com camelos e cavalos qual animal estava dentro?
9. O que você entendeu sobre a *Peste Bubônica*? Pode ser de forma resumida.
10. As máscaras dos médicos serviam para o quê?

Figura 82 – Equipamento de proteção utilizado pelos médicos medievais durante a epidemia da *Peste Bubônica*



Academia Mineira de Medicina. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/noticia/a-pestee-a-medicina-medieval/>. Acessado em set/2021.

11. Houve *Peste Bubônica* no Brasil?

Após apresentarmos o processo criativo que nos levou a elaborar questões direcionadas, apresentaremos, na subseção, a seguir, os passos percorridos para a coleta de dados realizada com o Grupo B.

7.3.2. GRUPO B

7.3.2.1. Potenciais participantes da pesquisa: desenho de amostras desejáveis da população envolvida na EEMLM

Em reunião com os professores das áreas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia da EEMLM, foi sugerido que a abordagem fosse realizada em três turmas: a turma 101, referente ao 1º ano; a turma 202, referente ao 2º ano; e a 303, referente ao 3º ano. Essas são as turmas que os docentes ministravam as suas respectivas disciplinas.

Para a observação e coleta/registro do repertório lexical utilizados pelos estudantes da EEMLM, seguimos os mesmos critérios para a seleção dos potenciais participantes-colaboradores observados no CEM 02 de Planaltina-DF. Assim, para o aluno colaborador poder participar como potencial-colaborador, precisou se enquadrar nos seguintes critérios:

- i) ser Surdo;
- ii) estar matriculado e frequentando regularmente uma das três séries do Ensino Médio regular oferecidas na escola; e
- iii) querer participar das atividades.

Os critérios de exclusão:

i) Não ser Surdo(a); e ii) não ser usuário da Libras, não foram considerados, uma vez que a EEMLM tem caráter bilíngue, todos os alunos são Surdos e usuários de Libras.

Em conversa anterior com os professores da EEMLM, foi nos informado que haveria uma população de 117 alunos. Entretanto, esse número era referente aos alunos Surdos tanto do Ensino Fundamental, como do Médio. Como nossa pesquisa é destinada a alunos da última etapa, a população de matriculados no Ensino Médio era de 59 Surdos, entre 16 e 23 anos.

Considerando a sugestão dos próprios professores sobre aplicar as abordagens às turmas 101, 202 e 303, escolhemos os participantes segundo as turmas mencionadas. Na turma 101 houve a participação de 5 alunos(as). Já na turma 202, houve a participação de 6 alunos(as). Por fim, na turma 303, houve a participação de 4 alunos(as). Contando com todas as três turmas, participaram da abordagem didática 15 alunos Surdos colaboradores.

7.3.2.2. Seleção dos sinais-termo do corpus para a abordagem didática realizada na coleta de dados na EEMLM de Porto Alegre-RS

Para as abordagens didáticas com o Grupo B, foram usados a mesma quantidade de sinais-termo abordados no Grupo A, isto é, oito sinais-termo. A princípio ponderamos utilizar os mesmos termos e sinais-termo escolhidos para a etapa realizada com o Grupo A. Entretanto, devido ao tempo disponível para as abordagens, tivemos que fazer algumas alterações.

As abordagens com o Grupo B foram realizadas nos horários das disciplinas de História, Geografia, Sociologia e Filosofia. O tempo para cada disciplina era de 50min., diferente do tempo que tínhamos com o Grupo A, que era de 1h30min. Por uma questão de tempo e de cronograma, decidimos que alguns termos e sinais-termo seriam os mesmos abordados no Grupo A e outros seriam substituídos.

As terminologias que permaneceram foram as correspondentes à *Energia Nuclear*; *Quilombo*; e *Revolta da Vacina*. As terminologias substituídas foram os correspondentes à *Colonização Portuguesa na América*; *Ditadura Militar*; *Peste Negra*; *Liberalismo*; e *Racionalismo Cartesiano*. Esses últimos deram lugar a outros cinco novos que são *Comércio Marítimo*; *Constituição de 1824*; *Criacionismo*; *Democracia*; e *Desigualdade Social*.

A escolha desses cinco novos itens não foi ao acaso. Tivemos o cuidado de seguir os mesmos critérios para os selecionados para a etapa realizada com o Grupo A. Aqui vale retomarmos os critérios, a saber: i) sinais-termo que referem-se a fatos e eventos históricos, como *Revolta da Vacina*; ii) sinais-termo que possuem conceito mais abstrato, ou seja, que não são fatos ou eventos históricos, mas que são fruto do conhecimento humano como *Criacionismo* e *Desigualdade Social*; iii) sinal-termo que fosse produto concreto do conhecimento humano como *Energia Nuclear* e *Comércio Marítimo*; iv) sinal-termo cujo conceito refere-se a um processo histórico, como *Democracia*; v) sinal-termo que faz referência ao tempo presente. O sinal-termo escolhido é o correspondente a *Quilombo* e *Constituição de 1824*.

Enquadramos o sinal-termo correspondente à *Constituição de 1824* como referência ao tempo presente para mostrar como a Carta Magna brasileira se constituiu e se modificou ao longo da nossa história. Entretanto, esse sinal-termo também pode ser enquadrado em outros critérios como produto do conhecimento humano e do processo histórico.

É importante dizer, também, que esses cinco novos sinais-termo correspondentes foram selecionados dos 148 sinais-termo recolhidos dos *corpora* da pesquisa (Cf. Capítulo 7, seções 7.2.1.3 e 7.3.2). Essas cinco UTS foram selecionadas a partir da relevância de seus conteúdos relacionados às Ciências Humanas ensinadas no ensino médio. Não podemos deixar de dizer que os sinais-termo foram escolhidos, igualmente, a partir da perspectiva subjetiva do pesquisador, conforme antes mencionado.

7.3.2.3. *Preparação do material para as abordagens didáticas e coleta de dados na EEMLM de Porto Alegre-RS*

Após a escolha dos oito sinais-termo para a abordagem didática, elaboramos o material com o conteúdo científico aplicado na coleta de dados. Conforme já apresentamos a respeito do material aplicado para o Grupo A, utilizamos o mesmo método para a preparação do material utilizado para o Grupo B. Durante a montagem do material para as abordagens didáticas, e para o nosso material ser eficiente, tomamos como orientação as contribuições da didática visual, do letramento visual (Cf. Lameirão, 2019) e do letramento científico em História para alunos Surdos.

A partir das três perspectivas apresentadas - da didática visual, do letramento visual e do letramento histórico - foi possível planejar o conteúdo ministrado em sala de aula com os estudantes e colaboradores Surdos do Grupo B. Para isso, criamos *Powerpoints* em que exploramos, ao máximo, o uso de conteúdo visual.

Como o nosso tempo para as abordagens eram de apenas 50min., foi preciso seguirmos o que chamamos de “regra dos 10”. Essa regra consiste na elaboração de, no máximo, 10 *slides* por tema. O conteúdo corresponde ao uso de imagens, vídeos do YouTube e outros materiais como a Constituição Federal e cédulas de dinheiro utilizadas em jogos de tabuleiro. Além do conteúdo sobre os sinais-termo, utilizamos Data Show para projetar o material, bem como o auxílio do quadro-negro e outros materiais.

Nesta seção, apresentaremos os materiais utilizados para as abordagens didáticas realizadas para o Grupo B, referente aos sinais-termo para *Comércio Marítimo; Constituição de 1824; Criacionismo; Democracia; e Desigualdade Social*. O material utilizado para as abordagens sobre *Energia Nuclear, Quilombo e Revolta da Vacina*, já foram apresentados na seção sobre a preparação do material utilizado para o Grupo A. Isso significa que aproveitamos e utilizamos os mesmos PPTs sobre essas três últimas terminologias com o Grupo B.

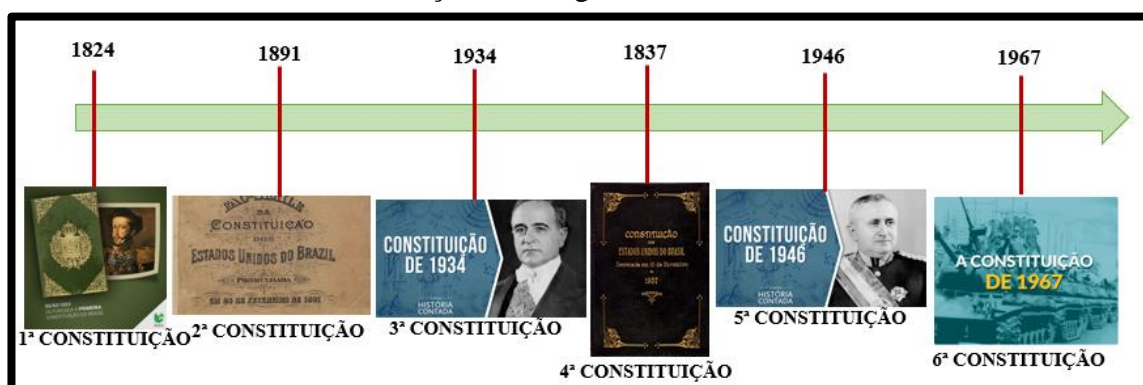
É importante dizer que, infelizmente, não conseguiremos esgotar os comentários sobre os materiais e discussões realizadas ao longo das abordagens realizadas com o Grupo B. O que apresentaremos são os principais materiais, ferramentas e recursos utilizados na preparação dos *slides* para as abordagens didáticas destinadas à coleta de dados.

Assim como fizemos com o material utilizado com o Grupo A, organizamos PPTs com estrutura básica comum para o Grupo B. Essa estrutura básica consiste em: i) apresentação do sinal-termo; ii) linha do tempo; e iii) conteúdo. Do mesmo modo

realizado com o material para o Grupo A, pensamos, primeiramente, na apresentação do sinal-termo com o seu correspondente em português escrito.

Com relação ao recurso de linha do tempo, não a utilizamos em todos os temas com o Grupo B, pois o conteúdo dos sinais-termo para *Criacionismo*, *Comércio Marítimo*, *Desigualdade Social* e *Democracia* não demandaram necessariamente o uso desse recurso. A linha do tempo foi utilizada apenas no material para *Constituição de 1984*. Preferimos usar esse recurso para mostrar aos alunos que o documento em questão foi a primeira Constituição do Brasil, elaborada ainda no Império. A linha do tempo serviu para mostrar em qual período da história brasileira as outras seis Constituições foram redigidas. Observamos, portanto, a linha do tempo utilizada para o sinal-termo *Constituição de 1824* por meio da figura 83, a seguir.

Figura 83 – Linha do tempo relacionada aos anos em que foram elaboradas as Constituições ao longo da história brasileira



Felten (2023)

Além dos PPTs, outros materiais como a Constituição de 1988 e cédulas de reais utilizados em jogos de tabuleiro. A Constituição Federal de 1988 foi levada aos alunos para que eles pudessem entender o que uma Constituição é a sua importância para o cidadão brasileiro. A partir dessa apresentação, foi possível dizer aos alunos colaboradores que o documento que eles veem é o conjunto de leis fundamentais sobre a organização social e política no Brasil, mas que houve outras seis anteriores. Na figura 84, a seguir, podemos observar os alunos Surdos colaboradores manuseando a Constituição de 1988.

Figura 84 – Uso da Constituição Federal como material didático na abordagem para *Constituição de 1824*



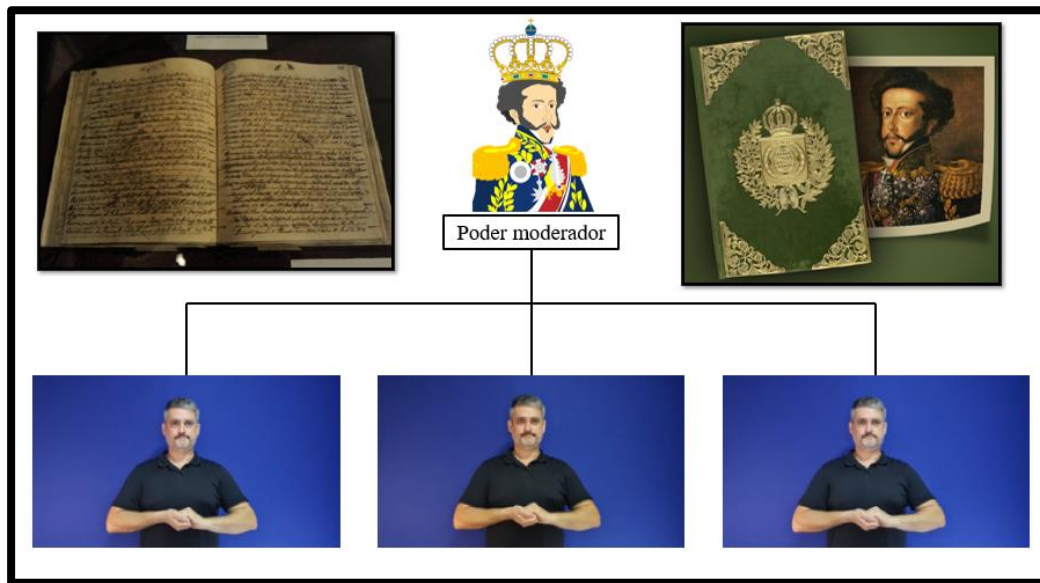
Felten (2023)

O uso da Constituição em vigência foi importante para os alunos puderem compreender sobre o *Poder Moderador*, Poder que sobrepõe os outros. Na oportunidade, fizemos referência aos *Três Poderes* já mencionados na abordagem para o sinal-termo *Democracia*. Essas referências fazem com que os alunos acessem conhecimento já ensinado anteriormente como pré-requisito.

Para saber como o *Poder Moderador* do imperador do Brasil funciona, é preciso conhecer a estrutura política que se constituiu historicamente. No material elaborado por nós criamos estrutura hierárquica para mostrar a posição do *Poder Moderador* sobre os *Três Poderes* disponíveis em Libras, por meio de vídeo. Utilizamos o português escrito para *Poder Moderador*, pois, até o momento, desconhecemos o sinal-termo correspondente.

Na figura 85, a seguir, podemos observar o uso da imagem da *Constituição de 1824*, bem como o na hierarquia política do *Poder Moderador* do Imperador em 1824, mencionado na Constituição à época.

Figura 85 – Slide utilizado para explicar a sobreposição do *Poder Moderador* sobre os *Três Poderes* no Império do Brasil

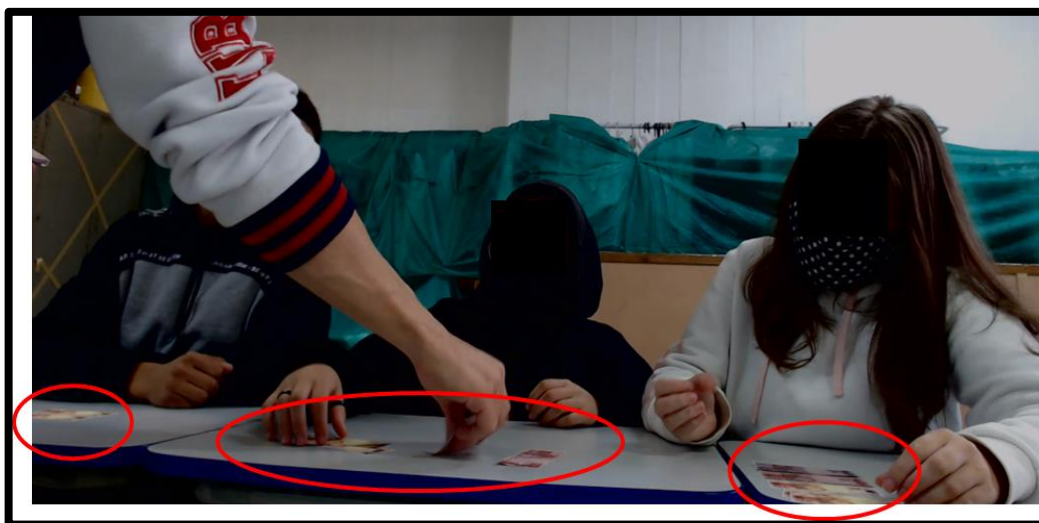


Felten (2023)

Além da Constituição Federal de 1988, utilizamos cédulas de reais utilizadas em jogos de tabuleiro. As cédulas serviram como material didático para a abordagem do sinal-termo para *Desigualdade Social*. As questões que envolvem o tema estão relacionadas com a má distribuição de renda entre a população brasileira. Essa estratégia serviu para os alunos entenderem que, a partir da estrutura econômica adotada por grande parte dos países no mundo, uns acumulam grandes riquezas e outros vivem na pobreza extrema.

A má distribuição de renda contribui para a desigualdade alçar outras instâncias da sociedade como a educação, questões de raça e gênero. Como estratégia didático-pedagógica, utilizamos diversas imagens e vídeos que mostram como a má distribuição de renda afeta a sociedade. O material utilizado para o tema pode ser conferido na figura 86, abaixo.

Figura 86 – Uso de cédulas de brinquedo para a explicação do sinal-termo para *Desigualdade Social*



Felten (2023)

Para a abordagem didática para *Criacionismo* foi preciso fazer relação com *Evolucionismo*. Grosso modo, *Criacionismo* é a filosofia que explica a criação do mundo e do homem (como humano) a partir do poder e da vontade divina. Para que chegássemos à compreensão do sinal-termo, mostramos como outras civilizações explicam a criação do mundo e do homem a partir do seu perspectivismo. Dessa maneira trabalhos, também, conceitos que, embora tenham contrapontos em suas correntes de pensamento, possuem correlação.

Visitamos os gregos e os incas para explicar como esses povos explicavam a criação para, então, chegarmos à compreensão sobre *Criacionismo* na concepção cristã. Podemos observar, no *frame* do vídeo (Cf. Figura 87) utilizado por nós, a concepção grega sobre a criação do homem por meio do sopro de vida dado por Atena, deusa grega, ao “homem de barro”.

Figura 87 – *Frame* do vídeo sobre a criação do homem na perspectiva grega



O Castigo de Prometeu: A Criação da Humanidade - Mitologia Grega em Quadrinhos - Foca na História. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mRNk55Se5jo&t=135s>. Acesso em 03/22.

Outro recurso utilizado por nós foi o *Google Earth*. Essa ferramenta *on-line* e em 3D foi explorada para a abordagem do sinal-termo para *Comércio Marítimo*. Os precursores do comércio marítimo foram os fenícios por volta de 1500 A.C. A partir do *Google Earth* foi possível mostrar aos alunos a região onde era a fenícia, atual Líbano. A figura 88, a seguir, ilustra o uso da ferramenta *on-line Google Earth*.

Figura 88 – Uso da ferramenta *Google Earth* destacando o Líbano, antiga região fenícia

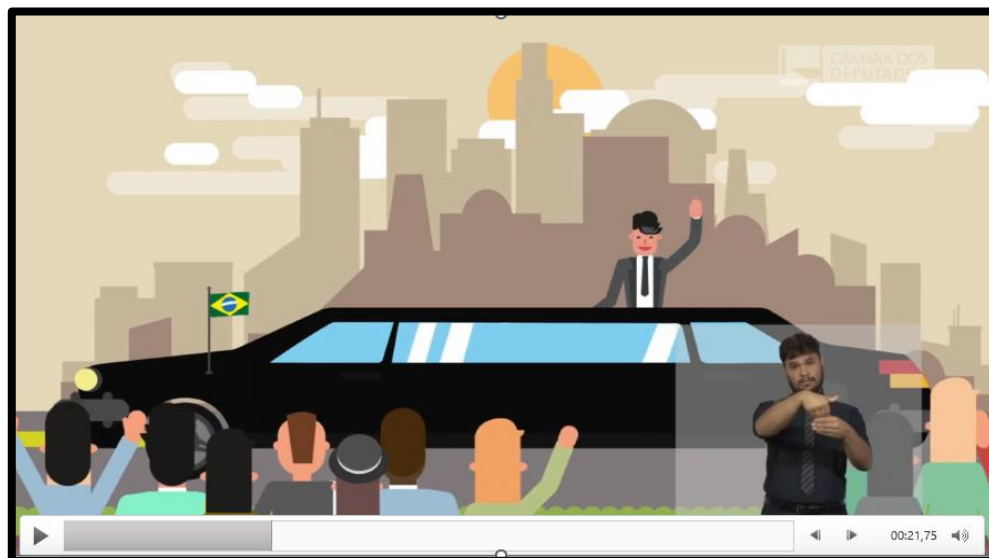


Disponível em: <https://www.google.com.br/intl/pt-BR/earth/>. Acesso em abril/22.

Além de todos esses recursos mostrados até agora, utilizamos um vídeo produzido pela Escola da Câmara traduzido em Libras. O vídeo em questão foi utilizado para a

abordagem didática para o sinal-termo *Democracia*. Achemos interessante utilizar esse material justamente pelo conteúdo acessível com janela de Libras. No vídeo se explica como funciona a democracia na modalidade representativa. Observamos o *frame* do vídeo por meio da figura 89, a seguir.

Figura 89 – *Frame* do vídeo “O que é democracia representativa – com Libras”



Democracia Representativa em Libras. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=laVasrn2Tpw>. Acesso em março/22.

Apresentados todos os passos para a elaboração e uso dos materiais para as nossas abordagens didáticas com o Grupo B, comentamos na seção, a seguir, os procedimentos de registro dos vídeos coletados para a análise dos dados.

7.3.2.4. Coleta de dados em vídeo registro na EEMLM de Porto Alegre-RS

Os encontros com os alunos e colaboradores Surdos na EEMLM foram realizados de duas a três vezes por semana. Como já comentamos anteriormente, as abordagens foram realizadas nos horários das aulas de Geografia, História, Filosofia e Sociologia. Cada aula durava 50 minutos, sempre no turno da manhã.

Para as abordagens, criamos um cronograma para organizar as abordagens conforme a semana e a turma. No quadro 25, a seguir, podemos ver o cronograma do mês de março de 2022.

Quadro 25 – Cronograma de coleta de dados do mês de março/2022

MARÇO/2022						
DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB
		1 CARNIVAL	2	3	4 101 Geografia 10h55	5
6	7 101 Filosofia 11h	8 101 Geografia 11h	9 202 Sociologia 09h10	10	11	12
13	14 202 Geografia 07h25	15 202 Filosofia 11h50	16	17 202 História 07h25	18	19
20	21	22 303 Sociologia 10h10	23 303 História 11h	24 303 História 11h50	25	26
27	28 101 Filosofia 11h	29 101 Geografia 11h	30 101 História 09h10	31		

Felten (2023)

Para melhor identificação, separamos as turmas por meio de cores. Conforme a tabela, o 1º ano (turma 101) está na cor rosa; o 2º ano (turma 202) está na cor verde; e o 3º ano (turma 303) está em azul.

Para que os alunos não ficassem prejudicados em relação ao fluxo de aulas, decidimos que a coleta aconteceria em semanas intercaladas. O quadro 26 ilustra bem a organização. Iniciamos a coleta com o 1º ano (semana 1). Os encontros com a mesma turma aconteceram duas semanas depois (semana 4). Além disso, as abordagens aconteceram em aulas diferentes para não atrapalhar as aulas recorrentes.

Ao longo dos três meses de coleta de dados com o Grupo B, algumas mudanças foram necessárias. Essas mudanças foram motivadas algumas vezes pelas atividades pedagógicas desenvolvidas pela escola, outras vezes pela impossibilidade do professor pesquisador responsável. Na tabela 3, a seguir, fizemos uma síntese das turmas, dos dias em que as abordagens foram realizadas e dos sinais-termo abordados.

Tabela 3– Síntese do cronograma de coleta de dados com o Grupo B

TURMA	DIA	TEMA
101	04/03/2022	QUILOMBO
101	07/03/2022	DEMOCRACIA
101	08/03/2022	REVOLTA DA VACINA
101	28/03/2022	CRIACIONISMO
101	29/03/2022	COMÉRCIO MARÍTIMO
101	30/03/2022	ENERGIA NUCLEAR
101	24/05/2022	CONSTITUIÇÃO DE 1824
101	25/05/2022	DESIGUALDADE SOCIAL
202	09/03/2022	QUILOMBO
202	14/03/2022	DEMOCRACIA
202	15/03/2022	CRIACIONISMO
202	17/03/2022	COMÉRCIO MARÍTIMO
202	04/04/2022	REVOLTA DA VACINA
202	05/04/2022	ENERGIA NUCLEAR
202	05/04/2022	CONSTITUIÇÃO DE 1824
202	27/05/2022	DESIGUALDADE SOCIAL
303	22/03/2022	QUILOMBO
303	24/03/2022	DEMOCRACIA
303	29/03/2022	REVOLTA DA VACINA
303	19/05/2022	CRIACIONISMO
303	24/05/2022	COMÉRCIO MARÍTIMO
303	25/05/2022	ENERGIA NUCLEAR
303	27/05/2022	DESIGUALDADE SOCIAL
303	01/06/2022	CONSTITUIÇÃO DE 1824

Felten (2023)

Como podemos observar na tabela acima, seguimos a mesma ordem de sinais-termo abordados para cada turma. Isso serviu para que tivéssemos controle das atividades em andamento. Entretanto, tivemos que realizar algumas reposições para que a coleta não sofresse atrasos. Isso explica o motivo de alguns sinais-termo coincidirem com as datas da abordagem.

A maioria das abordagens foram realizadas no auditório da escola. O auditório é amplo, possui *Data Show* e computador disponíveis para uso. Além disso, há uma mesa grande para reuniões e cadeiras para comportar confortavelmente os alunos. Três abordagens foram realizadas em sala de aula, pois o auditório estava reservado para outras atividades. Podemos observar, por meio da figura 90, a seguir, o auditório da EEEMLM, onde foram realizadas as abordagens didáticas.

Figura 90 – Auditório da EEEMLM

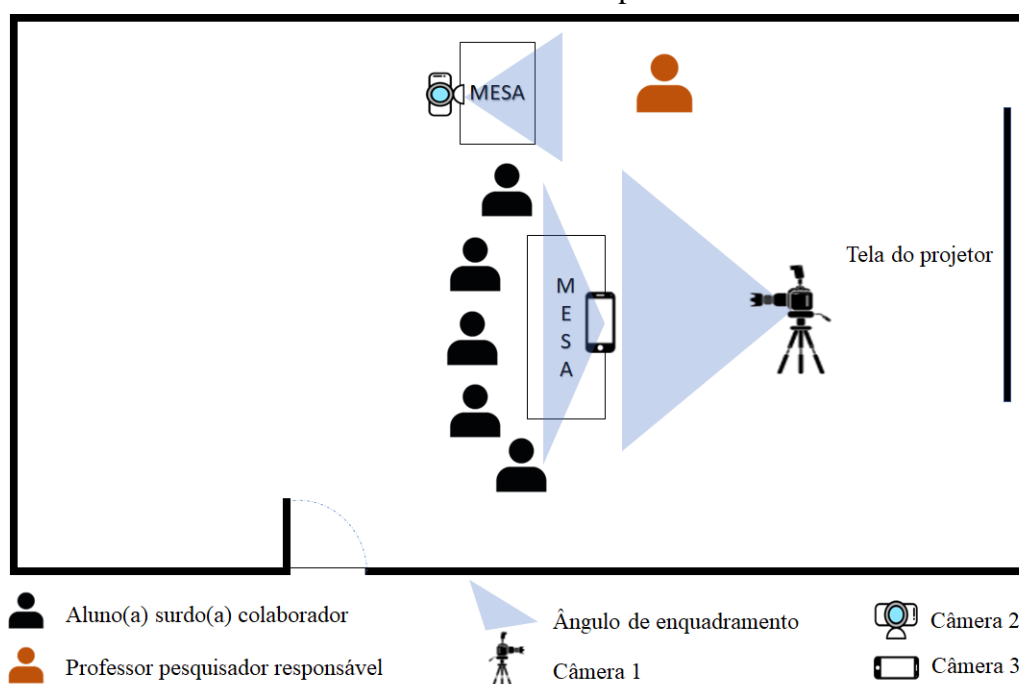


Felten (2023)

Para as gravações, assim como foi feito com o Grupo A, utilizamos três tipos de câmeras. Os equipamentos foram posicionados em locais estratégicos para ser possível registrar toda a dinâmica nos momentos das explicações. O primeiro tipo de câmera utilizada foi uma Canon modelo Rebel T5 (câmera 1). Utilizamos uma webcam (câmera 2) acoplada ao computador do professor responsável para o registro da sua sinalização. A câmera 2 utilizada é uma Logitech modelo C920s Pro HD. E o terceiro tipo de câmera foi um *smartphone* (câmera 3).

A câmera 1 sempre esteve posicionada em frente aos alunos para que fosse capturada a sinalização dos alunos ao longo das abordagens. A câmera 2 acoplada ao computador esteve todo o tempo em cima da mesa com o enquadramento para o professor e para o conteúdo projetado por um Datashow no quadro-negro, a fim de captar a explicação em sinais. A câmera 3, no entanto, só foi utilizada para registrar o questionário aplicado aos alunos colaboradores. A câmera 3 foi posicionada num tripé específico para *smartphones*, com o enquadramento de frente para os alunos Surdos colaboradores. As posições das câmeras utilizadas nas abordagens do Grupo B podem ser conferidas pela figura 91, a seguir.

Figura 91 – Posicionamento das câmeras para o registro da abordagem didática realizada com o Grupo B



Felten (2023)

Apresentada a descrição de como foram pensadas as formas de registro dos vídeos do Grupo B, detalharemos na seção, a seguir, os encontros com os alunos e colaboradores Surdos.

7.3.2.5. Encontros com os alunos Surdos colaboradores na EEEMLM de Porto Alegre – RS

Para a coleta de dados com o Grupo B realizamos vinte e três encontros na EEEMLM entre março e junho de 2022. Conforme explicamos anteriormente, algumas adaptações foram necessárias para os vídeos registros atenderem o propósito desta pesquisa.

Todos os encontros foram marcados, primeiramente, com os professores regentes responsáveis pelas disciplinas. Com o apoio e autorização do professor, fomos à escola nos dias e horários específicos, conforme apresentamos anteriormente (Cf. Tabela 3). No período da coleta de dados, todas as escolas públicas de Porto Alegre-RS estavam funcionando em regime presencial.

Apresentada a descrição de como foram pensados os encontros para a coleta de dados, falaremos na próxima seção, sobre algumas dificuldades que encontramos ao longo da coleta de dados.

7.3.2.6. Algumas dificuldades encontradas durante o período da coleta dos dados

Durante a coleta de dados realizada na EEMLM em Porto Alegre-RS, encontramos três principais dificuldades. A primeira delas está relacionada às atividades comuns na escola, como a escolha dos professores conselheiros de classe e o dia da família na escola. Essas atividades são recorrentes ao longo do ano letivo e, às vezes, coincidia com os dias das coletas. Uma ou duas vezes estivemos na escola para a coleta, mas não foi possível realizá-la devido esses eventos que demandavam dois ou três horários completos.

A segunda dificuldade foram as mudanças dos horários das disciplinas no meio do bimestre. Ao questionar essa mudança nos foi informado que isso é um hábito. Ao longo do ano são necessários esses ajustes para melhor atender os alunos e os professores.

A terceira dificuldade foi que algumas abordagens agendadas tiveram que ser adiadas ou repostas em razão das Olimpíadas dos Surdos. Esse evento acontece anualmente e envolve toda comunidade escolar. Devido aos treinos dos alunos tivemos que adiar algumas vezes as coletas.

Apesar das dificuldades encontradas, tivemos muito apoio dos professores e da direção da escola quanto às nossas visitas ao longo dos três meses. A comunicação com os professores sempre foi clara, organizada e eficiente, o que contribuiu para as visitas serem tranquilas e alcançássemos o objetivo das abordagens.

7.3.2.7. Do questionário aplicado na EEMLM de Porto Alegre-RS

A aplicação do questionário foi uma das etapas mais importantes da pesquisa no que diz respeito à coleta de dados sobre o repertório vocabular dos estudantes Surdos. Por meio das perguntas, foi possível verificar o léxico utilizado pelos alunos Surdos da EEMLM em relação ao conteúdo apresentado. No questionário aplicado (ver as questões adiante), os estudantes foram estimulados a formular definições e/ou explicações sobre os sinais-termo que mais lhes foram apresentados.

Nesta seção apresentaremos os questionários aplicados para os correspondentes para *Comércio Marítimo*, *Constituição de 1824*, *Criacionismo*, *Democracia* e *Desigualdade Social*. Para os sinais-termo correspondentes aos itens *Energia Nuclear*, *Quilombo* e *Revolta da Vacina*, utilizamos o mesmo material didático e questionário aplicado ao Grupo A. Por essa razão não serão detalhados aqui novamente.

A experiência obtida por nós durante a dinâmica de aplicação do questionário para o Grupo A, nos fez manter as estratégias na aplicação para o Grupo B. Isso implica a

aplicação de questões pontuais, utilizando o material didático como orientação. Como no Grupo A, as questões elaboradas têm viés mais específico e nos serviram para obter respostas mais completas.

Para essa fase da pesquisa, assim como foi feito com o Grupo A, consideramos quatro fatores que julgamos importantes para o questionário. Os fatores são, a saber:

- i) conhecimento pré-existente dos alunos Surdos colaboradores;
- ii) conteúdo visual;
- iii) proposta de simplificação; e
- iv) contextualização histórica. Esses quatro fatores já foram abordados por nós anteriormente neste texto (Cf. Seção 7.2.1.8).

É importante dizer, ainda, que o questionário foi aplicado em Libras e utilizamos as mesmas perguntas para as turmas 101, 202 e 303. As respostas aos questionários também foram realizadas em Libras pelos alunos colaboradores.

Dito isso, apresentamos nas subseções, a seguir, os questionários aplicados ao final de cada abordagem didática para o Grupo B. Assim como apresentamos na seção para o Grupo A, estarão lincadas algumas imagens que servem como pistas para os colaboradores responderem às perguntas. Em algumas delas, faremos alguns comentários para ficar explicado como ocorreu a aplicação do questionário, etapa fundamental para esta pesquisa.

7.3.2.7.1. *Questionário sobre o sinal-termo para Comércio Marítimo*

Considerando a natureza do conhecimento histórico apresentado em *Comércio Marítimo*, foram elaboradas 9 questões. O conteúdo possui informações de como se desenvolveu, ao longo da história, o comércio por navegações. O conceito do sinal-termo explica como surgiu o comércio por meio de navegações, o que se comercializava e quem o fazia. Em seguida, foi apresentado como esse tipo de comércio funciona hoje em dia. Feita essa explicação, as perguntas aplicadas foram:

1. **Qual o sinal-termo para C-O-M-E-R-C-I-O M-A-R-I-T-I-M-O?**
2. **O que vocês entenderam sobre *Comércio Marítimo*?**
3. **Qual o primeiro povo a criar o *Comércio Marítimo*?**

Durante a abordagem didática, mostramos as três principais civilizações antigas cujo costume era comercializar por meio de barcos. As três civilizações são: os fenícios, os

romanos e os egípcios. Durante as explicações mostramos no mapa onde cada civilização se desenvolveu e o local onde comercializavam. Era comum que esses povos tivessem contato uns com os outros por meio do comércio no mar mediterrâneo. A seguir podemos observar o *frame* de um vídeo utilizado para explicar o comércio marítimo coordenado pelos fenícios.

Figura 92 – *Frame* do vídeo utilizado para explicar o comércio marítimo coordenado pelos fenícios



OS FENÍCIOS. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=110_hJJKKW0. Acesso em mar/22.

4. **Quais os povos antigos que também navegaram para comprar e vender coisas?**
5. **Como os portugueses chegaram à América?**
6. **O que os portugueses compravam na Índia?**

A pergunta 6 está lincada com o conhecimento prévio dos alunos em relação à história do Brasil. Para os alunos puderem responder, foi mostrado o seguinte *slide*:

Figura 93 - Slide 9 elaborado para a abordagem didática para a *Comércio Marítimo*



A expedição de Cabral em 1500. Disponível em: veja.abril.com.br. Acesso em abr/2022.

Cada civilização era conhecida por comercializar certos produtos. Os portugueses, por exemplo, comercializavam especiarias. Foi nesse contexto comercial que a comitiva de Cabral encontrou terras indígenas na América.

7. Como é o comércio marítimo hoje?

Para que os alunos pudessem responder à questão 7, exibimos o *slide* de regiões portuárias. A figura apresentada é a que segue:

Figura 94 – Slide 10 elaborado para a abordagem didática para a *Comércio Marítimo*



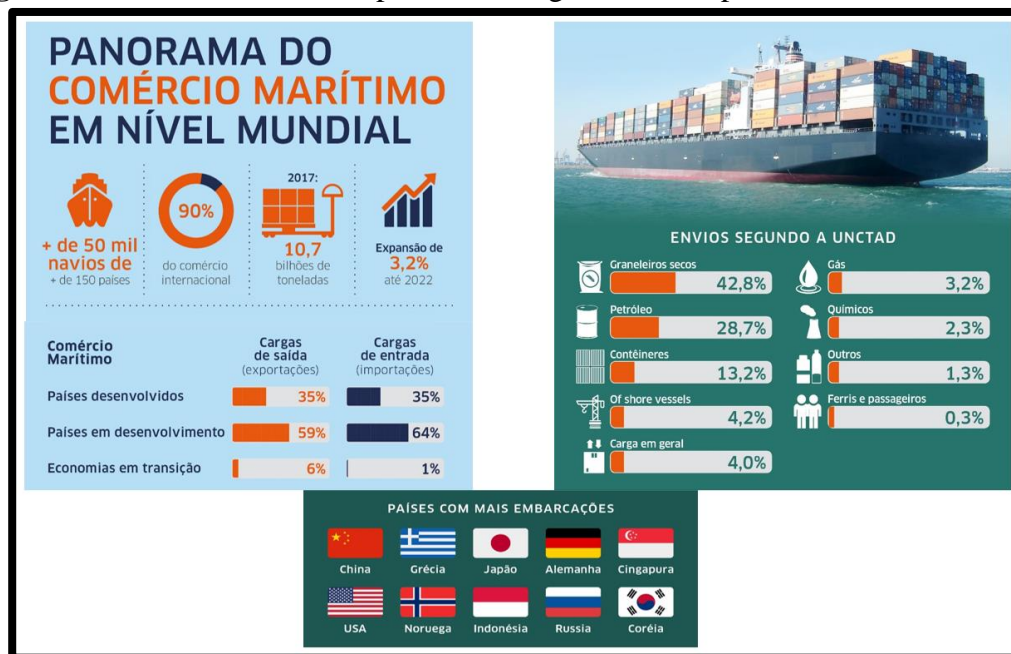
Foto à esquerda: NAVIO ATRACADO. Disponível em: <https://www.wilsonsons.com.br/pt-br/blog/cotacao-no-transporte-maritimo-internacional/>. Acesso em mar/22. Foto à direita: REGIÃO PORTUÁRIA. Disponível em: <https://www.comexdobrasil.com/frete-maritimo-ultrapassa-us-10-mil-por-container-e-gera-grande-apreensao-no-comercio-exterior-brasileiro/>. Acesso em mar/22.

A partir das imagens acima apresentadas, os alunos puderam ter uma dimensão do comércio marítimo atual. Além de conhecer o funcionamento do mercado em questão, foi importante trazer por meio de imagens como funciona o comércio dessa natureza.

8. **O que os navios levam (compram e vendem) hoje em 2022?**
9. **Quais os países que mais compram e vendem coisas no mundo?**

As perguntas 8 e 9 estão inter-relacionadas. O objetivo dessas perguntas foi saber quais os principais produtos e os principais países que os comercializam atualmente. Na figura 95, a seguir, temos a dimensão, por meio de dados obtidos da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), quais as principais cargas levadas por navios cargueiros a nível mundial.

Figura 95 – Slide 11 elaborado para a abordagem didática para a *Comércio Marítimo*



UNCTAD (2017)

7.3.2.7.2. Questionário sobre o sinal-termo para Constituição de 1824

Após a explicação do sinal-termo, aplicamos as seguintes questões:

1. Qual o sinal-termo para C-O-N-S-T-I-T-U-I-Ç-Ã-O D-E 1-8-2-4?
2. Quantas Constituições existiram no Brasil?
3. Para que serve uma Constituição?
4. Explique o que foi a *Assembleia Constituinte de 1823*.
5. Por que o Imperador dissolveu/cancelou a *Assembleia Constituinte de 1823*?
6. O que é o *Poder Moderador*?

Para a questão 6, foi possível retomar o conteúdo trabalhado sobre o sinal-termo Democracia. Um dos pontos abordados foi a organização política brasileira dividida em Três Poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. A abordagem sobre a Constituição de 1824 foi realizada após o conteúdo de *Democracia* não ao acaso. Para que os alunos Surdos colaboradores compreendessem o Poder Moderador era necessário que eles conhecessem os outros três poderes. Para isso, usamos o seguinte organograma com vídeos e imagens para demonstrar que o Poder Moderador era representado pelo Imperador que sobrepunha os outros Três Poderes. Deixamos o termo *Poder Moderador* em português escrito no material, pois desconhecemos o sinal-termo correspondente. Observamos a figura 96, a seguir.

Figura 96 – Slide 10 elaborado para a abordagem didática para a *Constituição de 1824*



Felten (2023)

7. Quais os principais pontos da *Constituição de 1824*?

7.3.2.7.3. Questionário sobre o sinal-termo para Criacionismo

O questionário aplicado após a abordagem para *Criacionismo* teve apenas quatro questões. O conteúdo foi o mais breve, mas não menos importante. Ao longo da explicação foi possível debater com os alunos questões relacionadas à fé. Como esperado, foi um momento com debates polêmicos, mas proveitosos. Consideramos polêmico, pois sempre que tocamos em questões relacionadas à crença de forma geral, sempre gera grandes discussões.

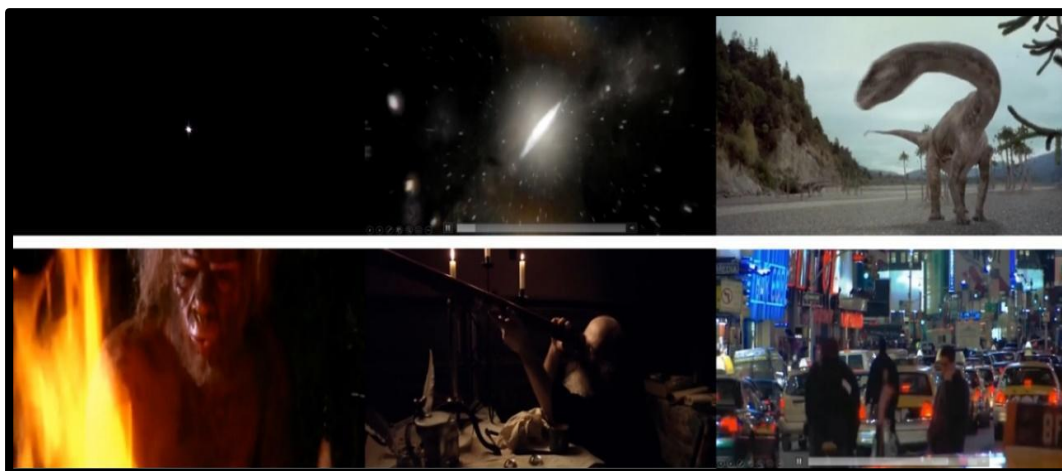
A estratégia adotada foi apresentar os diferentes pontos de vista que explicaram a criação dos seres humanos e do mundo ao longo da história para, então, alcançarmos a perspectiva cristã. Esse caminho foi trilhado para chegar ao centro da filosofia humana que explica a criação a partir do viés religioso. Consideramos essa filosofia criacionista tão importante quanto a teoria do *Evolucionismo*, que também teve espaço para discussões. As questões são as seguintes:

1. Qual o sinal-termo para C-R-I-A-C-I-O-N-I-S-M-O?
2. Como as religiões veem a criação do homem e do mundo?
3. Como a Ciência explica a criação do mundo?
4. O que o foi o *Big Bang*?

Para essa última pergunta foi utilizado um vídeo que mostra o universo e o planeta terra, desde o *Big Bang* até os dias atuais, em um minuto. A sequência de *frames* do vídeo

exibido por nós pode ser conferida pela figura 97, abaixo.

Figura 97 – Sequência de *frames* do vídeo sobre o *Big Bang*



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m4nmwfUnfS4>. Acesso em 03/22.

7.3.2.7.4. *Questionário sobre o sinal-termo para Democracia*

De todos os conteúdos abordados com o Grupo B, *Democracia* foi o mais extenso. Por se tratar de um tipo de governo que tem o povo como soberano, foi necessário utilizar muitos exemplos. Além disso, há vários tipos de governos democráticos. Por isso, focamos no modelo brasileiro que é a *Democracia* representativa. Após a explicação do sinal-termo, aplicamos sete questões para os alunos Surdos colaboradores. As questões foram:

- 1. Vocês lembram qual o sinal-termo para D-E-M-O-C-R-A-C-I-A?**
- 2. O que vocês entenderam sobre o que significa *Democracia*?**

A questão 2 foi a que os alunos tiveram mais dificuldade de responder. Um dos fatores que julgamos como dificultador é o conceito abstrato do sinal-termo. Por isso, os alunos trouxeram características inerentes à terminologia em Libras como o direito ao voto, a manifestações, a garantia de direitos e cumprimentos de deveres, por exemplo.

A partir dessa pergunta, percebemos que há um caráter instanciativo na resposta dos alunos. Isso significa que eles usam da descrição do sinal-termo, ou seja, trazem as características que são próprias de um governo democrático. Essa perspectiva é importante, pois nos dá evidências daquilo que é importante para a definição. Isso reforça a ideia de que, numa DT sinalizada, aquilo que é dito está no território do mostrar.

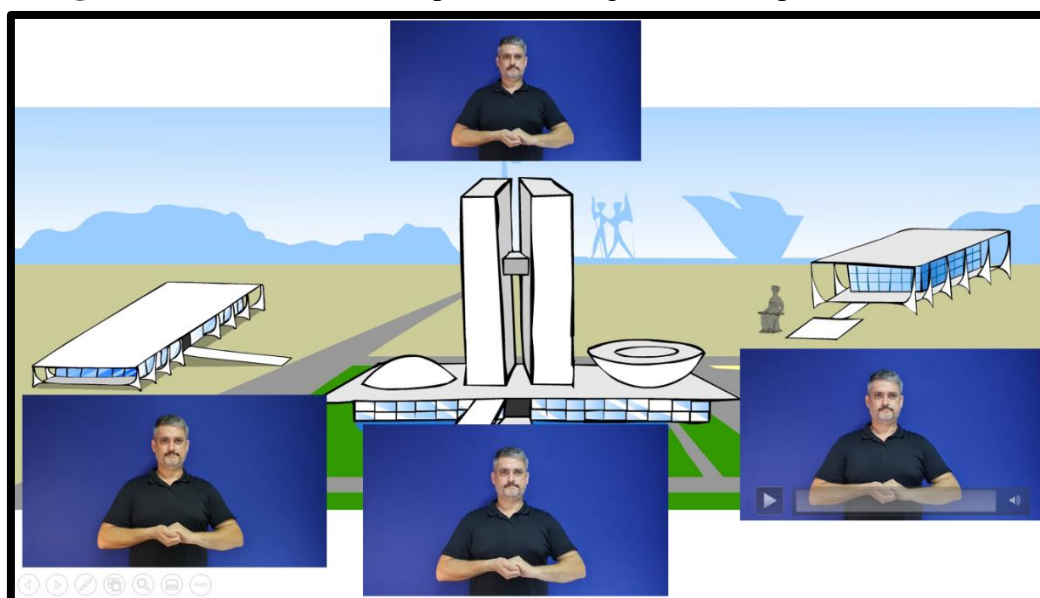
3. Se vocês lerem a palavra *Democracia* em livros, por exemplo, vocês vão entender o que *Democracia* significa?
4. Como acontece a *Democracia* aqui no Brasil? Acontece como na Inglaterra ou nos EUA?

A questão 4 teve como objetivo fazer uma comparação com outros países que possuem um modelo democrático diferente do Brasil. Essa comparação foi necessária para os alunos colaboradores responderem que, no atual modelo, o Brasil é presidido por um representante eleito pela maioria dos votos válidos. Isso reforça, ainda mais, o caráter representativo no nosso sistema democrático.

5. Como funciona a *Democracia* no Brasil?
6. De forma resumida, para você o que *Democracia* é?
7. Qual o sinal-termo para *Três Poderes*?

Trouxemos, na questão 7, a organização dos Poderes políticos no Brasil. Por meio de imagens e vídeos foi possível explicar qual o papel de cada Poder e como funcionam. A partir da explicação obtivemos respostas positivas quanto a compreensão da organização política. A figura 98, a seguir, mostra a imagem e os vídeos que utilizamos para explicar sobre os *Três Poderes*.

Figura 98 - Slide 7 elaborado para a abordagem didática para *Democracia*



Felten (2023)

7.3.2.7.5. Questionário sobre o sinal-termo para Desigualdade Social

Após a explicação do conteúdo do sinal-termo para Desigualdade Social, foram aplicadas oito questões. O questionário é o que segue:

1. Quais os sinais-termo para D-E-S-I-G-U-A-L-D-A-D-E S-O-C-I-A-L?

Essa primeira foi feita para os alunos Surdos puderem lembrar dos sinais-termo para o correspondente em português. Apresentamos dois sinais-termos, pois são essas UTS usados na vídeoprova. Percebemos, portanto, que há variações de sinais-termo para o mesmo correspondente em português no Enem. Por essa razão incluímos os dois sinais-termo, pois é importante que o candidato conheça, inclusive, as variações.

Os sinais-termo são utilizados em diferentes contextos, embora possuam o mesmo conceito. Digamos que são duas formas de sinalizar o mesmo termo em português. Essas formas variam, porque, conforme apresentei em outros momentos (FELTEN, 2022), a vídeoprova é uma tradução da prova em português escrito. Portanto, são resultados de processos tradutórios.

2. O que vocês entenderam sobre o que é *Desigualdade Social*?

3. Explique o que você entende sobre *Desigualdade Social* a partir dessa figura:

Para a questão 3 utilizamos uma figura muito conhecida e utilizada em livros didáticos que abordam o tema. A imagem utilizada pode ser conferida por meio da figura 99, a seguir.

Figura 99 – Slide 3 elaborado para a abordagem didática para *Desigualdade Social*



PANORAMA DA DESIGUALDADE: Favela de Paraisópolis, em São Paulo, ao lado de prédio de luxo. Tuca Vieira/Folhapress. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/atualidades-vestibular/desigualdades-sociais-entenda-como-surgem-e-por-que-elas-se-perpetuam/>. Acesso em mar/22.

A Desigualdade Social está diretamente relacionada à má distribuição de renda, causando impactos, sobretudo, na qualidade de vida dos cidadãos. Essa imagem foi utilizada na questão para os alunos puderem observar e responder sobre as diferenças entre as pessoas na sociedade. O que queríamos era que eles utilizassem certos sinais sobre as diferenças sociais para que aproveitássemos o léxico espontâneo dos colaboradores. O uso das imagens foi a mesma estratégia utilizada nas questões 4, 5, 6 e 7, conforme podemos observar nas figuras 100, 101, 102 e 103, respectivamente.

4. Explique como a *Desigualdade Social* influencia na educação.

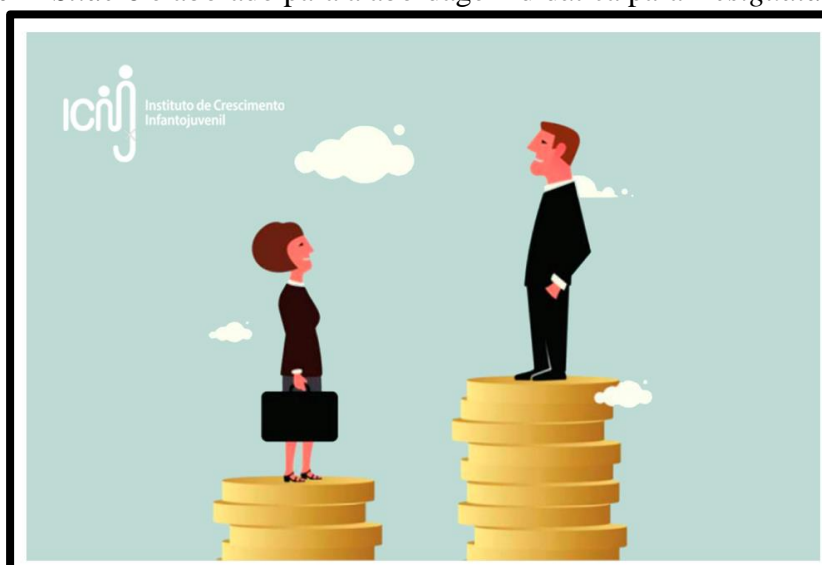
Figura 100 - Slide 3 elaborado para a abordagem didática para *Desigualdade Social*



Imagem à esquerda: disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/efeitos-positivos-da-educacao-ate-nisso-a-escola-publica-perde-a9by47yudxs3qhxtm1nfi513w/>. Acesso em maio/22. Imagem à direita: Disponível em: <https://aprimoramente.com/s/lista-de-escolas-particulares-em-sao-paulo>. Acesso em maio/22.

5. Explique como a *Desigualdade Social* influencia na oportunidade de emprego em relação à questão de gênero.

Figura 101 - Slide 6 elaborado para a abordagem didática para *Desigualdade Social*

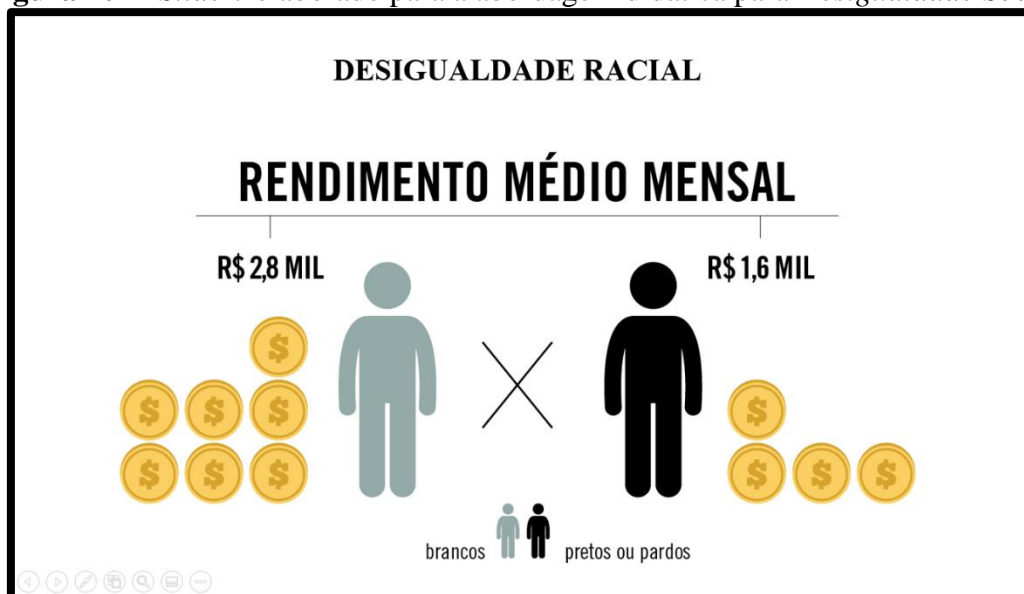


Disponível em: <https://institutoinfantojuvenil.com.br/desigualdade-de-genero-no-trabalho/>.

Acesso em maio/22.

6. Como a *Desigualdade Social* influencia na oportunidade de trabalho em relação à questão racial.

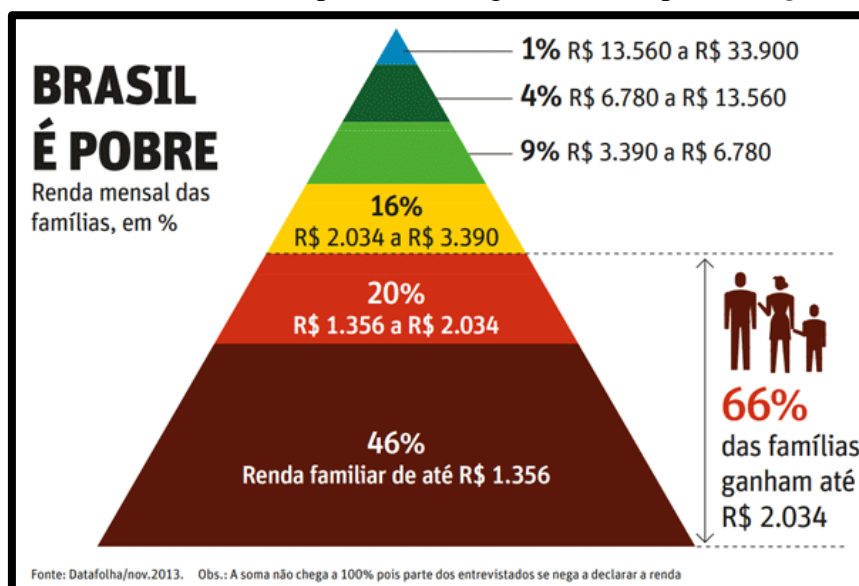
Figura 102 - Slide 7 elaborado para a abordagem didática para *Desigualdade Social*



Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/privilegio-longe-do-fim/>. Acesso em mai/22.

7. Na imagem da pirâmide a gente vê a divisão de renda por família no Brasil. Como você explica essa divisão de dinheiro?

Figura 103 - Slide 8 elaborado para a abordagem didática para *Desigualdade Social*



Datafolha nov/2013. Obs.: A soma não chega a 100% pois parte dos entrevistados se nega a declarar a renda.

8. Como você explica a má distribuição de salário/dinheiro (renda)?

Após apresentar o processo criativo que nos levou a elaborar questões direcionadas, tanto para o Grupo A, quanto para o Grupo B, é importante mostrar os princípios básicos que nos ajudaram a manter de forma coesa todas as etapas metodológicas. Essas etapas nos ajudaram a encontrar uma definição terminológica eficiente, apresentada com

Linguagem Simples e que seja aplicável a glossários didático-pedagógicos. Assim, damos alguns encaminhamentos a partir da experiência que tivemos na coleta de dados.

7.4. Metas básicas para coleta de dados de uma DTS para sinais-termo em glossário de caráter didático-pedagógico

Ao mesmo tempo que apresentamos os questionários aplicados nesta etapa da pesquisa, tratamos alguns aspectos sobre o conteúdo dos temas e conceitos de História. Isso foi necessário, pois percebemos que deveria haver coerência entre material didático, conteúdo e questionário para chegarmos à definição terminológica enunciada pelos estudantes, na metodologia proposta por nós nesta tese.

Após selecionarmos os oito sinais-termo para a abordagem didática com os colaboradores, pensando nos materiais e estratégias que seriam aplicadas durante a abordagem com os alunos, estabelecemos algumas metas para nos guiar:

i) é preciso identificar e caracterizar as ações do público-alvo (alunos Surdos do Ensino Médio);

ii) é preciso reconhecer o repertório lexical utilizado nos materiais de aula e aquele utilizado pelos alunos (tendo-se em mente a necessidade de simplificação/acessibilidade textual e terminológica);

iii) é preciso identificar quanto a definição terminológica sinalizada torna-se eficiente.

Estabelecidas as metas que servem como guias para as abordagens didáticas, é possível pensar:

iv) no conteúdo a ser abordado (informações consideradas necessárias e suficientes);

v) na elaboração do material didático (adequado ao aluno Surdo) para a intervenção didática; e

vi) no questionário que será aplicada ao final de cada abordagem (considerando todos as metas anteriormente apresentados).

Esses princípios básicos são fruto de pesquisas teórico-metodológicas em Terminologia (Krieger & Finatto, 2018; Tuxi, 2017; Tuxi & Felten, 2019; Felten, 2016, 2020; Felten & Finatto, 2020), em Lexicografia (Bugueño Miranda, 2007; 2014), em Terminografia (Belvilacqua & Finatto, 2006), em Lexicografia Pedagógica (Binon, J.; Verlinde, S., 2008; Tarp, 2008; Loguércio, 2007; 2015; Estopà, 2019; Krieger; Müller,

2023) em Terminografia Didático-Pedagógica (Fadanelli, 2017).

Esses passos foram pensados para que alcançássemos os dados necessários, obtidos em contexto de aula, e que nos ajudaram a pensar no conteúdo que preenche a DTS aplicável a materiais terminográficos didático-pedagógico em Libras. Essas metas atenderam de forma eficaz o propósito desta pesquisa. Acreditamos que, a partir dos passos percorridos por nós, é possível que outros pesquisadores possam utilizá-los para elaborar definições aplicáveis a glossários com perfil didático. Além disso, os passos metodológicos aqui descritos podem ser utilizados, adaptados e aprimorados conforme a necessidade e perfil do público-alvo, a natureza da pesquisa e a área científica, técnica ou tecnológica.

Dito isso, no capítulo subsequente, apresentamos os passos metodológicos adotados por nós para a análise dos dados. A metodologia apresentada, como esperamos deixar claro, fundamenta a proposta do glossário destinado a alunos Surdos que se preparam para prestar o Enem.

CAPÍTULO 8 – METODOLOGIA DE ANÁLISE DE DADOS RECOLHIDOS

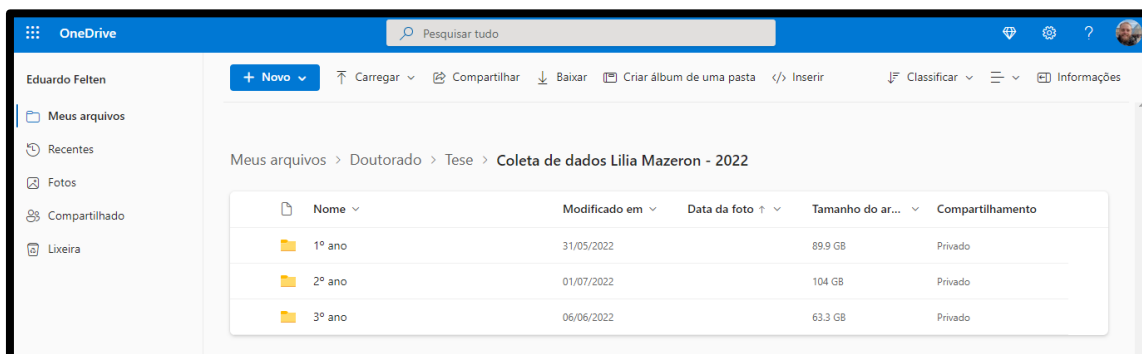
Neste capítulo, apresentamos os passos e etapas, teoricamente fundamentadas, da nossa metodologia para coleta e análise de dados. Essa metodologia, fruto da revisão empreendida nos capítulos anteriores, como esperamos deixar claro, sustenta o desenho de um protótipo de glossário voltado para os estudantes Surdos que preparam para as vídeo provas do Enem.

Vale ressaltar, novamente, que a coleta de dados com os estudantes, em meio a atividades didáticas de História, alimenta o reconhecimento de um repertório de sinais e de sinais-termo por eles empregados. Além disso, permite identificar outros recursos expressivos por eles utilizados. Como também já frisamos, o material gerado pelos estudantes, com a nossa devida curadoria terminológica, é a fonte para formatar e apresentar as informações dirigidas aos estudantes. Assim, a proposta é partir do que sabem e expressam os estudantes Surdos para formular o material para eles, apostando que esse método tenha maiores chances de subsidiar um produto compreensível e eficiente, frente às suas necessidades.

8.1. Passos metodológicos para a análise dos dados coletados com os Grupos A e B, formados por estudantes do RS e do DF

Após a coleta de dados durante as atividades didáticas por nós desenhadas, o passo seguinte foi a tabulação e a análise das informações obtidas. Para isso, separamos os questionários respondidos conforme as séries do Ensino Médio. Dividimos as respostas dos alunos por pastas e as salvamos no *OneDrive*. A organização foi feita tanto para o Grupo A, quanto para o Grupo B. A seguir, segue a imagem da organização dos questionários no serviço de armazenamento da Microsoft.

Figura 104 – Questionários organizados de acordo com a série dos alunos Surdos colaboradores da pesquisa



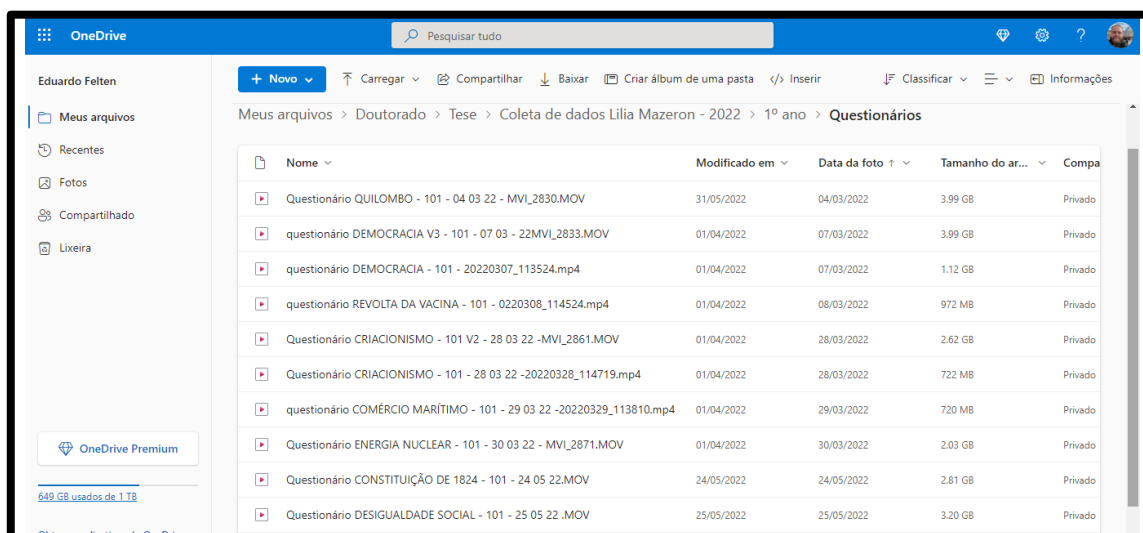
Felten (2023)

Além da organização dos vídeos coletados, em cada pasta referente à série das turmas em que coletados os dados, organizamos as respostas dos questionários por temas. Essa estrutura nos auxiliou a encontrar os temas que seriam analisados de forma ágil. A resposta de cada turma, seja do Grupo A ou do B, tinha a seguinte estrutura:

- i) o tema da abordagem didática;
- ii) o número da turma, isto é, turma 101, 202 ou 303, por exemplo;
- iii) a data que foram coletadas as respostas; e
- iv) o número do vídeo.

Essa organização dos dados obtidos pode ser conferida por meio da figura 105, a seguir.

Figura 105 – Organização das respostas dos alunos Surdos colaboradores por temas



Felten (2023)

Feita a arrumação dos questionários por série e tema abordado, demos início à análise dos vídeos coletados. A análise foi realizada por meio da observação das respostas dadas

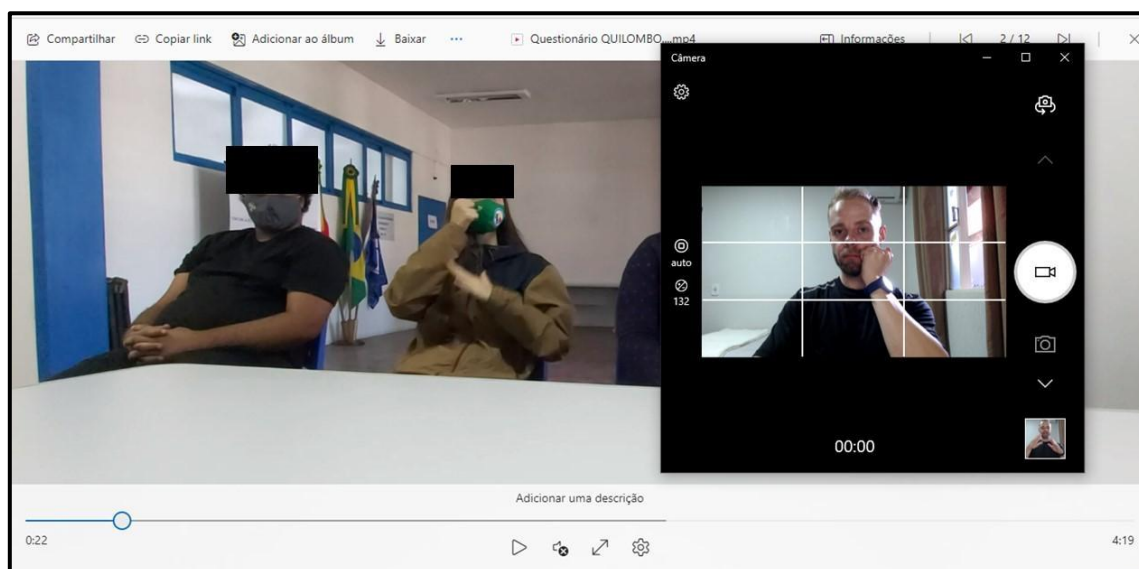
pelos alunos Surdos colaboradores. Iniciamos, primeiramente, com a análise do Grupo A, pois iniciamos a coleta de dados pelo Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina.

Conforme explicamos anteriormente, os dados coletados são sigilosos, pois envolvem a imagem pessoal dos alunos Surdos, menores de idade. Nosso objetivo é analisar e publicar aqui as suas respostas e não as suas identidades. Essa questão já foi prevista ao submetermos o nosso projeto e a metodologia de coleta ao Comitê de Ética da UFRGS. Assim, os dados originalmente coletados *in loco*, foram regravados por mim, espelhando a fala dos estudantes, e transformados em:

- a) uma lista de enunciados definitórios desidentificados, os quais categorizamos como enunciado **frasal**;
- b) uma lista de **sinais-termo** utilizados pelos participantes;
- c) uma lista de sinais mais genéricos que categorizamos, genericamente, como **outros**.

Para a nossa regravação do espelhamento das falas dos estudantes, utilizamos uma *webcam* que ficou habilitada numa janela à parte, de menor dimensão e ao lado do participante que fala. Dessa forma, foi possível reproduzir em vídeo tal qual aquilo que os colaboradores respondiam. A estratégia utilizada pode ser observada por meio da figura 48, abaixo, que também mostra nosso esforço pela desidentificação.

Figura 106 – Janela de vídeo utilizada para a regravação dos enunciados definitórios utilizados pelos alunos Surdos colaboradores



Felten (2023)

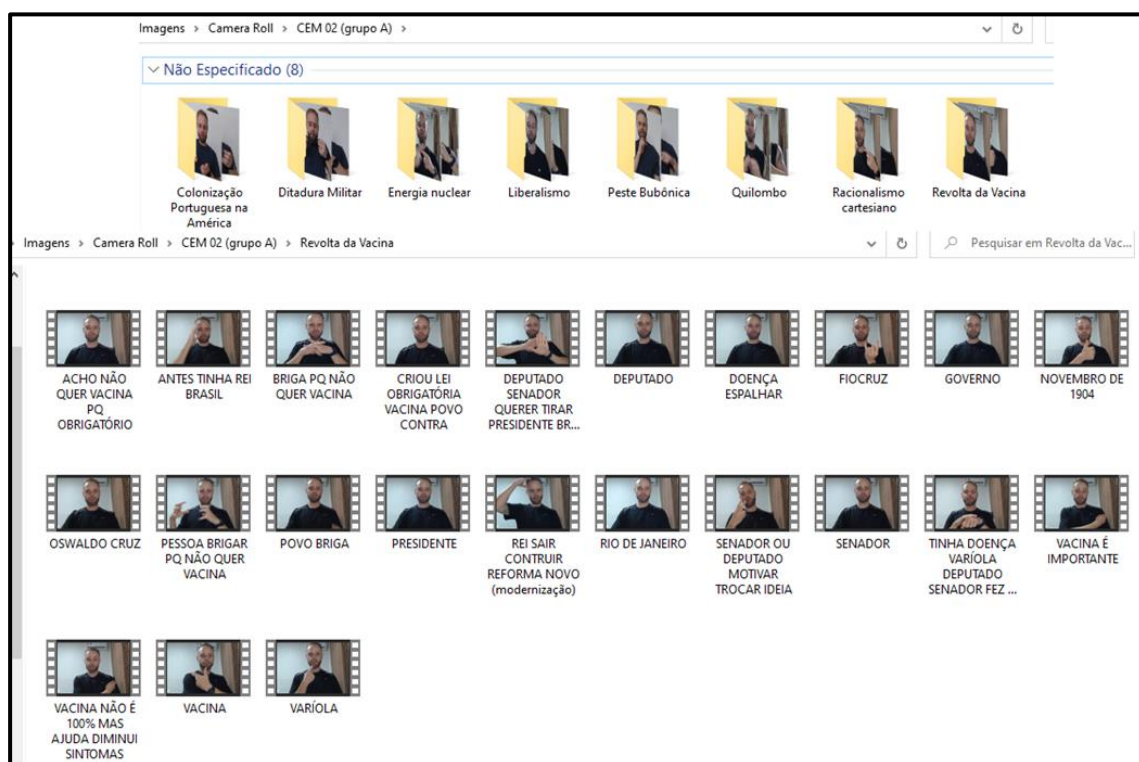
Na figura acima, podemos observar uma aluna surda colaboradora, à esquerda, realizando, em seu discurso, o sinal para pessoa preta. À direita, na janela da *webcam*,

vemos o professor responsável por essa pesquisa reproduzindo o discurso da colaboradora tal como foi realizado por ela. Isso mostra que seguimos, rigorosamente, a autenticidade das respostas, mesmo que reproduzidas por uma segunda pessoa.

Junto estão apontados os itens e modos de enunciar mais e menos recorrentes, em cada grupo de alunos, tudo registrado em vídeo e em glosas, sendo um tipo de registro dos sinais em português escrito. Tudo foi registrado por mim, como corresponsável pelo projeto aprovado perante o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS. É importante frisar, novamente, que sou intérprete e professor de Libras junto à UnB.

Assim, importa destacar que os novos vídeos e registros da coleta são uma sistematização e resultado da gravação original das respostas dos estudantes participantes para o questionário (Cf. Capítulo 7, seções 7.3.1.9; e 7.3.2.7). Os novos registros também foram organizados em pastas, agora de acordo com os temas relacionados. Na figura 107, abaixo, podemos verificar a organização por temas.

Figura 107 – Organização dos vídeos por temas relacionados



Felten (2023)

Conforme já comentamos, os novos registros em sinais foram transcritos por meio de glosas para o português escrito, conforme a descrição dos vídeos relacionados à *Revolta da Vacina*, por meio da figura acima. Foi necessária essa estratégia para que organizássemos o novo conteúdo em tabela, o que nos serviu para orientar sobre informações dadas pelos

participantes que serviram para a construção da definição sinalizada.

Com relação à análise, destacamos os diferentes sinais utilizados pelos participantes que possam contribuir para a construção de uma paráfrase definitória em Libras. Buscamos, nesses dados, aqueles sinais que sejam considerados por nós, como os potencialmente mais simples e de fácil compreensão para estudantes do Ensino Médio.

Para sistematizar esses dados, criamos tabelas para que pudéssemos organizar os sinais utilizados pelos colaboradores. Criamos três tabelas:

- i) tabela azul; na qual está o repertório lexical utilizado pelo Grupo A;
- ii) tabela verde, na qual contém o repertório lexical utilizado pelo Grupo B; e,
- iii) tabela rosa, na qual contém o repertório lexical comum utilizado pelos Grupos A e B.

Pensamos na estrutura de tabela apresentada para organizarmos os dados coletados a partir da aplicação dos questionários. Como dissemos em outro momento, o questionário serviu para que coletássemos o *feedback* dos alunos colaboradores sobre os temas apresentados por meio das abordagens didáticas. Dessa forma, para preenchermos a tabela com as informações que nos são necessárias, foi preciso pensar na seguinte estrutura: primeiramente, a tabela possui a indicação do Grupo no qual a análise foi realizada, isto é, se é o Grupo A ou B. No campo abaixo, indicamos o sinal-termo analisado, acrescido da sua escrita em sinais.

Em seguida, na primeira coluna, da esquerda, registramos os sinais-termo que os alunos colaboradores sinalizaram ao longo das respostas dadas. Já na coluna do meio, reservamos para o registro das informações que categorizamos como **frasal**. Essa categoria foi idealizada para podermos coordenar as contribuições de cunho definitório produzido de forma espontânea pelos colaboradores. Pensamos na estrutura de tabela apresentada para organizar os dados coletados a partir da aplicação dos questionários. Como dissemos em outro momento (Cf. Capítulo 7), o questionário serviu para que coletássemos o *feedback* dos alunos colaboradores sobre os temas apresentados por meio das abordagens didáticas.

Dessa forma, para preenchermos a tabela com as informações que nos são relevantes, foi necessário pensar na seguinte estrutura: primeiramente, a tabela possui a indicação do Grupo onde a análise foi realizada, isto é, se é o Grupo A ou B. No campo abaixo, indicamos o sinal-termo analisado, acrescido da sua escrita em sinais.

Em seguida, na primeira coluna, da esquerda, registramos os sinais-termo que os alunos colaboradores sinalizaram ao longo das respostas dadas. Já na coluna do meio, reservamos para o registro das informações que categorizamos como **enunciado frasal**. Essa categoria

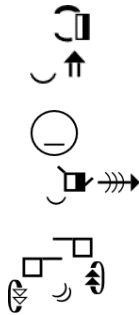
foi idealizada para pudermos coordenar as contribuições de cunho definatório produzido de forma espontânea pelos colaboradores.

Já a coluna da esquerda foi reservada para alocarmos as informações que não se enquadram nas categorias **sinais-termo** e nem em **enunciado frasal**. Por isso, a denominamos como **outros**. Nessa seção da tabela, colocamos os nomes de cidades ou personalidades históricas, ou informações curtas como sinais isolados.

Dessa forma, para preencher a tabela com as informações que nos são necessárias, foi necessário pensar na seguinte estrutura: primeiramente, a tabela possui a indicação do Grupo onde a análise foi realizada, isto é, se é o Grupo A ou B. No campo abaixo, indicamos o sinal-termo analisado, acrescido da sua escrita em sinais.

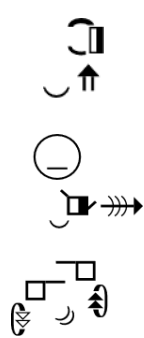
Em seguida, na primeira coluna, da esquerda, registramos os sinais-termo que os alunos colaboradores sinalizaram ao longo das respostas dadas. Já na coluna do meio, reservamos para o registro das informações que categorizamos como **frasal**. Essa categoria foi idealizada para pudermos coordenar as contribuições de cunho definatório produzido de forma espontânea pelos colaboradores. As tabelas a que nos referimos são as que seguem:

Tabela 4 – Modelo de tabela para sistematização do vocabulário lexical para a construção da DTS a partir dos dados do Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
		
Sinal-termo	Frasal	Outros
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO		
O QUE VAI NA DEFINIÇÃO DO SINAL-TERMO		

Felten (2023)

Tabela 5 – Modelo de tabela para sistematização do vocabulário lexical para a construção da DTS a partir dos dados do Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
		
<i>Energia Nuclear</i>		
Sinal-termo	Frasal	Outros
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO		
O QUE VAI NA DEFINIÇÃO DO SINAL-TERMO		

Felten (2023)

Conforme explicamos no capítulo de metodologia de coleta de dados (Cf. Capítulo 7), foi necessário escolher outros sinais-termo para as abordagens realizadas para o Grupo B. Entretanto, três sinais-termo permaneceram para ser possível fazer o cruzamento de dados comuns entre os Grupos participantes. Os sinais-termo comuns são: *Energia Nuclear*, *Quilombo* e *Revolta da Vacina*.

Para a análise desses sinais-termo abordados tanto para o Grupo A, quanto para o Grupo B, criamos uma terceira tabela. Para a análise, a fizemos separadamente. Primeiro fizemos a análise do Grupo A (tabela azul) e, em seguida, realizamos a observação do Grupo B (tabela verde). Num terceiro momento preenchemos a tabela rosa com as informações comuns.

Nesse sentido, frisamos, novamente, que ambos os grupos não estão em comparação ou contraste quanto a seus perfis de vocabulário ou tipos de desempenho. Os repertórios de vocabulário e de recursos expressivos identificados foram somados. Isto é, estamos em busca da identificação de uma desejada amplitude de vocabulário mais ou menos recorrente, como também interessados no que seja mais comum aos dois grupos. A tabela para sistematização do vocabulário lexical comum a partir dos dados do Grupo A e B é a que segue:

Tabela 6– Modelo de ficha para sistematização do vocabulário lexical comum para a construção da DTS a partir dos dados do Grupo A e B

CEM 02 e Lilia Mazon (Grupo A e B)		
Sinal-termo	Frasal	Outros
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO		
O QUE VAI NA DEFINIÇÃO DO SINAL-TERMO		

Felten (2023)

Esse percurso metodológico foi necessário para que construíssemos uma paráfrase definitória que estivesse conforme as necessidades do público-alvo. Após a fase de preenchimento das fichas, realizamos a análise destinada à criação das DTS por meio de uma nova etapa da qual denominamos curadoria das informações definitórias. Para realizar essa nova etapa, mais uma vez, tomamos como inspiração os estudos empreendidos por Rosa Estopà (2019), ao criar as definições para os dicionários *Petit dictionari de ciencia* (2012), destinado a crianças de 6 a 10 anos, e o *Primer dictionari de medicina il·lustrat* (2018), destinado a crianças de 8 a 12 anos. Nesses trabalhos, conforme já mencionado, os dados gerados pelos próprios usuários em foco – crianças e jovens ouvintes, foram incorporados às duas obras após um cuidadoso processo de filtragem e curadoria didática, com apoio conceitual de especialistas e pedagogos. Isto é, as conceituações formuladas por aquelas crianças e jovens não foram apenas “copiadas e coladas” nos verbetes. Já o nosso processo de curadoria terminológica pode ser conferido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 9 - ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM OS ESTUDANTES

O exame e a organização dos dados obtidos com os estudantes, constituíram um processo que denominamos *curadoria terminológica* (Estopà, 2019). Nesse processo, o analista descreve, categoriza e desconstrói uma série de dados e enunciados produzidos por um dado grupo social, para então poder reconstruí-los e reorganizá-los em uma nova apresentação da informação.

Essa nova apresentação, ou reconstrução da informação definicional, é o que ajudará a sustentar um produto dicionarístico com uma dada função, voltado para atender esse mesmo grupo social. Desse modo, os estudantes Surdos do Ensino Médio por nós envolvidos em uma série de atividades, tornam-se co-participantes da elaboração do produto terminográfico a eles dirigido.

9.1.Princípios básicos para a formulação de uma DTS simples

Apresentamos, nesta seção, os princípios básicos ponderados na elaboração de uma DTS no âmbito das Ciências Humanas. A partir do que temos em Finatto (2001), adaptando-se para a perspectiva da Libras, temos os seguintes princípios norteadores:

O **primeiro princípio**: o enunciado definitório é um objeto linguístico no qual se encontram a linguagem e um discurso científico. Além disso, nosso objeto é um texto sinalizado em que todas as informações referidas ao *definiendum* são, em primeiro lugar, importantes e dotadas de algum valor de significação⁷⁹.

Consideramos, também, que a paráfrase definitória em Libras é um tipo de texto sinalizado de especialidade, no qual as informações nela contidas são expressas pelo enunciador⁸⁰ de um determinado modo. Assim, temos o nosso **segundo princípio**: a DTS simplificada, ao exercer a função de significar e comunicar, ultrapassa a condição de uma delimitação fechada ou restrita, precisando ser também aberta e ampla para acomodar as informações que são suficientes e necessárias conforme o público que se destina.

O nosso **terceiro princípio** está relacionado à estrutura de um texto em sinais. Tal estrutura textual se articula em duas dimensões: i) na dimensão da significância dos signos-sinais que a integram; e ii) na dimensão da significância da enunciação, compreendida pelos modos ou escolhas de apresentação do enunciado dos e para os Surdos, que é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Essa concepção, além do

79

⁸⁰ O enunciador é o agente dos atos de fala de uma enunciação. Assim, a enunciação é a realização de diversos atos de fala (FLORES, 2022, p. 109).

enunciado definitório em si, implica, assim, a observação do modo ou formato “como se diz” sobre determinados sinais-termo. Em resumo, o enunciado é o que é dito somado ao modo de dizer escolhido.

Vale destacar as especificidades do diálogo estabelecido durante as coletas de dados desta pesquisa. Temos, em interação, os enunciadores que são, no nosso caso específico, os alunos Surdos colaboradores e o “eu dicionarista”. Mas há também o um diálogo entre quem “carrega” o conhecimento científico e os intérpretes individuais de um conjunto de conhecimentos construídos em contexto de aula. Por isso, como **quarto princípio**, admitimos que a conformação do enunciado definitório sinalizado é influenciada por distintos cenários, tipos ou instâncias de comunicação. No caso desta pesquisa, a instância comunicativa é constituída em contexto de ensino e aprendizado formado entre sujeitos Surdos interlocutores, de forma coletiva ou individual.

Entretanto, para que o enunciado definitório em Libras possa ser feito respeitando-se o vínculo que há entre a paráfrase definitória e o tipo de discurso científico, é importante estabelecer um **princípio fundamental**. Esse princípio que reconhecemos como **fundamental** se estabelece, sobretudo, em dois aspectos: na possível influência do funcionamento da ciência História e da influência da linguagem utilizada pelos Surdos do Ensino Médio. O primeiro aspecto encontra-se na etapa que precede à descrição do termo/sinal-termo, ainda na fase de apresentação do conteúdo científico ao público-alvo em forma de abordagem didática. O segundo aspecto, por sua vez, admite a linguagem utilizada por esse mesmo público, isto é, na forma como eles mesmos entendem e definem determinados sinais-termo a partir dos conteúdos que lhes são ensinados.

9.2. Etapas de elaboração do enunciado definitório em Libras

A partir dos princípios antes expostos, estabelecemos que coleta de dados sobre a DTS deve ser pensada a partir de quatro etapas, as quais descreveremos a seguir.

Na **primeira etapa**, é preparado o material didático que contém as informações consideradas necessárias e suficientes para os estudantes poderem, com base nele, formular suas próprias definições e explicações sobre um dado conceito previamente trabalhado. Todo o processo de montagem do material está descrito no capítulo sobre a metodologia de coleta de dados (Cf. Capítulo 7).

A **segunda etapa** consiste na abordagem didática propriamente dita. Nessa etapa, há o reconhecimento de elementos e de recursos de significação provavelmente importantes para o sujeito enunciador. A partir do que o enunciador aprenderá e enunciará

é que teremos insumos suficientes para compor um futuro enunciado definitório em Libras a ser colocado no nosso protótipo de dicionário.

A partir do reconhecimento de elementos e de recursos de significação advindos das áreas que compõem as Ciências Humanas ensinados e explorados em contexto de aula, é que podemos iniciar a **terceira etapa**. Este novo passo é reservado para a aplicação do questionário para obtermos os enunciados definitórios e explicações formulados pelos dos Surdos colaboradores. É nesta etapa que os Surdos definem e/ou explicam certos sinais-termo, a partir do conteúdo apresentado na etapa didática.

Após o registro dos enunciados definitórios dos colaboradores Surdos, a próxima **e última etapa** é a curadoria das definições e enunciados por eles produzidos, das explicações e insumos oferecidos pelos próprios alunos, a partir dos dados registrados em fichas. Para esta etapa específica, por ser uma das mais importantes dessa trajetória, dedicamos uma seção à parte, a seguir.

9.2.1. Sobre o processo de curadoria terminológica e lexical do repertório de sinais utilizado pelos estudantes

Com certa frequência os alunos Surdos e surdas que estão no Ensino Médio perguntam (e se perguntam) o que significam certos termos no português e seus correspondentes em Libras: *o que é um Quilombo? Por que aconteceu a Revolta da Vacina? Como funciona uma usina nuclear?* Assim, ensinar o vocabulário terminológico relacionado às Ciências Humanas também faz parte do processo de aprendizagem ao longo do Ensino Médio.

A respeito dos materiais terminográficos, já disse em outro momento (Cf. Felten, 2022, p. 169)

Sendo assim, os glossários especializados de Libras, gerados entre pessoas que lidam com Terminografia, devem, em linhas gerais, ser capazes de repertoriar os sinais-termo em Libras. Como ferramentas suplementares na educação de Surdos, tornam-se uma contribuição para a sistematização, divulgação e democratização dos conhecimentos técnico-científicos produzidos em diferentes áreas do saber.

Nesse contexto, para obter as respostas para as questões que nos deram como resultado o repertório lexical e expressivo utilizado pelos alunos Surdos colaboradores, foi necessário ensinar sobre os conceitos associados aos sinais-termo em contexto de aula. Em um primeiro momento, introduzimos o sinal-termo que seria abordado. Em segundo

lugar, conduzimos uma explicação e descrição a respeito do tema trabalhado. Por último, aplicamos um questionário para obtermos as respostas dos alunos a respeito do que eles compreenderam sobre o sinal-termo.

Nesse processo de curadoria, contamos com um *corpus* de partida produzido pelos próprios alunos Surdos. Esse *corpus* corresponde ao conjunto de suas respostas. Toda a etapa realizada para obter o repertório lexical especializado dos colaboradores está descrita na metodologia de coleta de dados (Cf. Capítulo 7). Cabe salientar que as definições e/ou explicações dos Surdos são narrativas espontâneas motivadas por perguntas que pedem que nos expliquem o significado dos sinais-termo. O questionário pode ser, também, conferido no capítulo que trata da metodologia de coleta de dados.

Esse *corpus* traz dados sobre 13 sinais-termo correspondentes aos seguintes conceitos:

1. *Colonização portuguesa na América;*
2. *Comércio marítimo;*
3. *Constituição de 1824;*
4. *Criacionismo;*
5. *Democracia;*
6. *Desigualdade social;*
7. *Ditadura Militar;*
8. *Energia nuclear;*
9. *Liberalismo;*
10. *Peste bubônica;*
11. *Quilombo;*
12. *Racionalismo Cartesiano;*
13. *Revolta da Vacina.*

Conforme já mencionado, para reconhecer e chegar aos constituintes das DTS, usamos a proposta criada por Rosa Estopà caracterizada como “acumulação de estratégia positiva” (Estopà, 2019, p. 255). Para a autora, essa estratégia converge na “*seleccionó toda la información positiva desde el punto de vista científico de las definiciones del ICC*”

(*IULA Children Corpus*), *respetando, siempre que ha sido posible, las palabras usadas por los escolares en sus escritos*⁸¹”.

Dessa forma, assim como propõe Estopà, selecionamos as informações positivas, conceitualmente válidas, apresentadas pelos alunos Surdos nos seus enunciados. Esse *corpus* será denominado *Corpus para Definição Terminológica Sinalizada*, doravante CDTS.

Por outro lado, as informações denominadas “tóxicas” por Estopà (Ibid.) e consideradas por nós como informações depreciativas ou de juízo de valor, ou informações equivocadas também foram marcadas, quando presentes, no CDTS. Essas informações foram identificadas e quantificadas. Naturalmente, essas informações equivocadas não serão aproveitadas ou reproduzidas na nossa DTS para que não haja prejuízo na aprendizagem dos alunos.

Entretanto, como também a proposta de Estopà realiza e orienta, se é verificada a presença recorrente de algum equívoco, que pode ser prejudicial à aprendizagem, caberá ao curador-analista, no texto definitório, contrapor essa informação ou ideia recorrente. Esse seria o caso, por exemplo, de uma identificação dados recorrentemente equivocados enunciados pelos alunos. Vamos supor, por exemplo fictício, que muitos enunciados dos estudantes Surdos declarassem que uma condição de Saúde, como a Síndrome de Down ou o Diabetes, seria **adquirida** pela pessoa, via contágio. Assim, no interior do verbete, complementando-se a DTS, seria necessário alertar, mesmo que sob a forma de uma nota, para o fato que tal condição “não se pega tal condição/doença de uma pessoa”. Dessa forma, o curador-terminólogo, partindo do diagnóstico de acertos e equívocos com a população de destinatários do trabalho, aproveitaria a identificação de equívocos frequentes para, justamente, trazer e até ressaltar uma dada informação adequada que precisaria, justamente, estar mais exposta, enfatizada ou reiterada para esses estudantes.

Nesse processo de curadoria terminológica, opera-se o que a autora chama de “controle do conhecimento”. Assim, essa última etapa, que envolve administrar conhecimentos e saberes, contém: a) a verificação da adequação conceitual dos enunciados produzidos pelos estudantes sobre um dado conceito e/ou tema; b) a organização dos enunciados que figurarão na microestrutura definicional do glossário que

⁸¹ “Seleccionou todas as informações positivas do ponto de vista científico das definições do ICC (*IULA Children Corpus*), respeitando, sempre que possível, as palavras utilizadas pelos estudantes em seus escritos” (tradução nossa).

se está propondo. Esse processo de curadoria terminológica “retrabalha” os dados de percepção dos futuros usuários de um glossário e demanda a participação tanto de educadores quanto de especialistas do domínio em foco (no caso da autora espanhola, biólogos, médicos, físicos, engenheiros).

No nosso caso, desempenhamos também a parte do controle do conhecimento, pois, além de linguista, sou professor de História com graduação nessa área. Dessa forma, asseguramos o controle e avaliação da adequação conceitual e científica das informações, tanto das coletadas com os estudantes, quanto daquelas selecionadas para integrarem as nossas DTSSs.

A partir do que apresentamos, criamos alguns critérios para a seleção/aproveitamento do enunciado válido sinalizado, produzido pelos estudantes. Os critérios de exclusão são:

1. Não pode ser informação repetida;
2. Não pode ser informação “tóxica” – conceitualmente equivocada - mas que é marcada quanto à sua frequência de menção;
3. Não pode ser informação que faça juízo de valor pessoal – “Ex.: “a revolta foi uma burrice””;
4. Não se pode ser aproveitado enunciado com repertório com muitos sinais locais;
5. Não pode ser aproveitado enunciado produzido por alunos oralizados que usam o português oral nas respostas do questionário.

9.2.2. *Seleção do repertório mais adequado*

Ainda no desenvolvimento da quarta etapa, elaboramos as nossas definições seguindo os padrões mais recorrentes que usaram os alunos Surdos colaboradores. Nas nossas definições, incluímos exemplos e contextualizações que os alunos haviam mencionado. O conteúdo aproveitado não foi inventado ou manipulado, ao contrário, mantivemos as informações que propuseram os colaboradores Surdos em suas respostas e as complementamos, quando necessário. Por exemplo, no sinal-termo para *Quilombo* se disse: [ESCRAVO FUGIU MATO CONSTRUIU QUILOMBO.](#)

Ainda em relação ao sinal-termo para *Quilombo*, os alunos fizeram uma descrição de como é um Quilombo hoje em dia. Um dos alunos disse: [LÁ QUILOMBO ELES AJUDAM UNS AOS OUTROS PLANTANDO FEIJÃO, MANDIOCA, COISAS.](#)

Sabemos que aquilo dito pelos colaboradores Surdos e foi usado nas suas

definições/explicações é, na verdade, aquilo que mais chamou a sua atenção, o que pareceu mais relevante. Além disso, uma definição nossa, assim formulada, pensada a partir da Libras, tende a trazer ou reproduzir uma melhor percepção das informações científicas contidas nos sinais-termo a eles apresentados. Desse modo, pensamos que, para os Surdos matriculados no Ensino Médio, propor DTSs que contenham segmentos elaborados por eles seria mais adequado do que, simplesmente, reproduzir as definições que utilizam a estrutura de uma língua oral adaptada para a Libras.

As definições dos alunos Surdos também nos serviram, acima de tudo, para identificar e reproduzir um repertório de sinais que eles podem entender. Ademais, o *corpus* contém metáforas que se adéquam à perspectiva cognitiva mais adequada ao nível escolar desses estudantes. Algumas metáforas foram usadas para explicar sobre os sinais-termo ensinados. Um exemplo seria a metáfora utilizada para explicar a chegada dos portugueses na América, utilizada na definição para *Colonização portuguesa na América*: [PORTUGAL BARCO COLOCA BANDEIRA LUGAR BRASIL](#).

Ao longo da análise de dados produzidos pelos alunos, encontramos algumas dificuldades apresentadas pelos estudantes durante a formulação de seus enunciados. As dificuldades foram:

1. Falta de compreensão das questões/atividades por parte dos alunos;
2. Falta de memória recente por parte dos colaboradores sobre o conteúdo que foi recém explicado pelo professor colaborador;
3. Falta de vontade de participar ativamente da coleta/parte didática, mesmo tendo aceitado a participação na pesquisa;
4. Nem todos os colaboradores eram ativos nas respostas ou eram muito participativos, abafando a participação de algum colega mais ativo/envolvido. Nesse último caso, o professor colaborador teve que interferir para mediar a participação de todos;
5. Não compreensão, por parte do professor-pesquisador, de alguns sinais que os estudantes utilizaram;
6. Não identificação de alguns sinais utilizados pelos estudantes durante as atividades filmadas; alguns sinalizavam “pela metade”, por exemplo.

Para a proposição de um formato definitório, como dissemos anteriormente, organizamos o conteúdo obtido por meio do questionário aplicado. Para que o trabalho de curadoria fosse feito, elaboramos tabelas para que pudéssemos organizar, aproveitar

os dados e inserir elementos importantes, de modo que a informação reunida no verbete cumpra seu objetivo de subsidiar a formação de um conceito e a conexão dele com outros.

Nas tabelas rosas, onde há o cruzamento de dados entre o Grupo A e o B, preenchemos os campos denominados K, L, M, N, P, Q, Y, W e Z. Esses campos são destinados ao conteúdo que compõem a estrutura lógica da DTS. Eles respondem às categorias **SIGNIFICA O QUE?, PARA QUE?, COMO?, PASSADO COMO?, PASSADO IMPORTANTE POR QUE?, HOJE COMO? e POR QUÊ?**. Nos aprofundaremos na estrutura da definição na seção 8.3.

Resolvemos alocar as 9 tabelas com o cruzamento de dados entre os Grupos A e B no corpo do texto. Entretanto, para o texto definitivo da tese, colocamos todas as 19 tabelas nos Apêndices para evitar inchaço de informação do texto da tese. Além disso, para o seu preenchimento, utilizamos o sistema de glosas, estratégia que visa contemplar as informações dos vídeos em português escrito, visto que não foi possível colocar todos os vídeos regravados que contém as informações desejadas.

Percebemos que os alunos Surdos, ao utilizar as metáforas como estratégia para explicar determinados conceitos, saem do significado mais estrito para alcançar a trajetória do conhecimento. Essa trajetória não está pronta, mas é um processo. Aqui estamos diante de uma definição instanciativa, isto é, que se aproxima do território do mostrar. Quando utilizam um repertório visual, os Surdos compreendem bem como se deu o processo de colonização ao dizer que Portugal colocou uma bandeira num território antes desconhecido. Com isso, compreendemos que cada processo, ou seja, cada conteúdo apresentado pelos sinais-termo, demanda um repertório diferente.

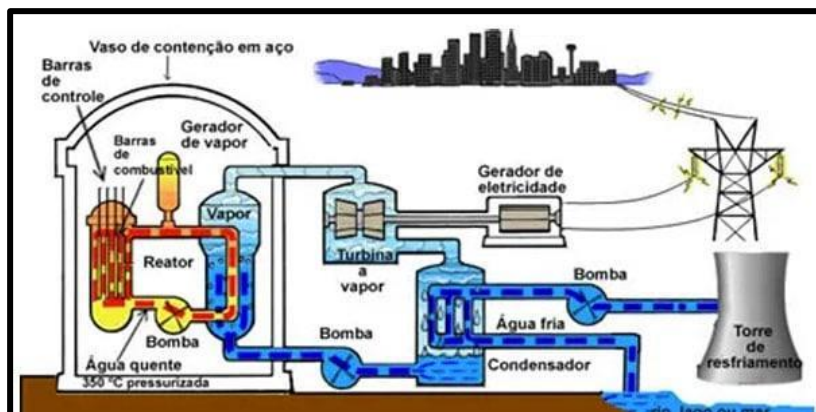
9.2.3. *Relação cognitiva entre os participantes*

No repertório lexical utilizado pelos alunos Surdos, encontramos informações que só os colaboradores utilizam em conversas entre si. Esse tipo de informação é muito útil para estabelecer, nas palavras de Estopà (2019), cumplicidades cognitivas entre os pares. Por exemplo, na informação utilizada na definição para o sinal-termo correspondente ao item *Revolta da Vacina*, referiram a *Febre Amarela*, doença endêmica no Rio de Janeiro no início do século XX. No contexto da Revolta, os Surdos comentavam entre si sobre o mosquito *aedes aegypti*, principal agente transmissor da doença. Isso foi possível devido ao uso de uma imagem selecionada pelo professor pesquisador na abordagem didática.

9.2.4. *A escolha das imagens para os verbetes do glossário*

A nossa curadoria como terminólogo que é também especialista foi necessária na seleção das imagens que compõem o verbete do glossário a ser desenhado por nós. Algumas das 13 figuras que ilustram o protótipo de futuro glossário foram utilizadas nas abordagens didáticas, como é o caso da imagem escolhida para o verbete para *Energia Nuclear*:

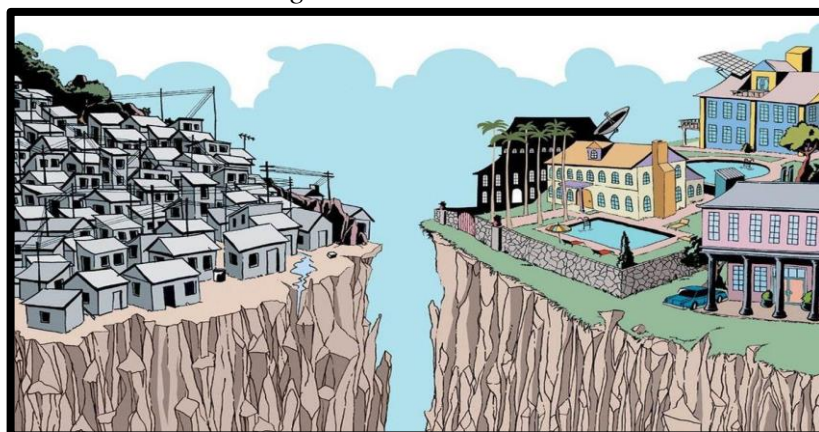
Figura 108 – Figura selecionada pelo curador para ilustrar o verbete para *Energia Nuclear*



Disponível em: <https://beduka.com/blog/materias/atualidades/energia-nuclear/>. Acesso em out./2022.

Outras imagens, no entanto, foram selecionadas a partir da percepção do curador-terminógrafo. Para uma imagem compor o verbete, ela deve resumir o conteúdo do tema. Além disso, deve trazer informações visuais para os alunos Surdos de forma eficiente, como é o caso da imagem escolhida para o sinal-termo correspondente ao item *Desigualdade Social*:

Figura 109 - Figura selecionada pelo curador para ilustrar o verbete para *Desigualdade Social*



Disponível em: <https://conhecimentocientifico.com/desigualdade-social-o-que-e-origem-causas-e-situacao-no-brasil/>. Acesso em out./2022.

Além das informações obtidas por meio do CDTS, foi necessário criar estruturas pautadas por perguntas para que pudéssemos acoplar as informações formuladas pelos colaboradores. Sobre as estruturas definitórias a serem por nós formuladas tratamos na seção a seguir.

9.2.5. *Conclusões sobre o processo de curadoria terminológica*

Conforme já referido, a metodologia de composição das definições e do todo do verbete está inspirada nas ideias de Estopà (2019). Essa autora acredita que é importante incorporar ao trabalho terminográfico os insumos dos usuários a que o trabalho se destinará. Isto é, será preciso que um glossário ou dicionário traga também a perspectiva dos seus utilizadores, que podem nos mostrar como eles mesmos conceitualizam e expressam conteúdos especializados. Assim, o produto final poderá melhor harmonizar-se com suas necessidades e entendimentos, tornando-se mais compreensível e reconhecível. Tal como já mencionado, vale frisar que a autora produziu dicionários especializados para o público infantil e juvenil que aproveitam, justamente, as suas contribuições, em um processo de curadoria e transformação desses insumos.

No nosso caso, partimos da análise de um *corpus* de definições propostas por alunos Surdos para construir um glossário didático-pedagógico semibilíngue. Convidar esses alunos a definir termos e noções previamente trabalhados com eles em aula, nos ajudou a encontrar passos para obter um resultado adequado e coerente com o objetivo desta tese. Esses alunos Surdos elaboraram individualmente, embora inseridos num processo de aprendizagem coletivo, as definições num movimento de receber o conhecimento científico por trás dos sinais-termo, reelaborando-o e, finalmente, reconstruindo as informações, resultando numa nova definição.

Essa metodologia de incluir a voz do futuro destinatário da obra pode ser mecanismo chave para a construção de um *corpus* de explicações empregadas no contexto escolar de ensino-aprendizagem de História. Partindo do que aponta Estopà (2019), o resultado dessa metodologia tenderia a estar, sim, adequado à realidade dos alunos Surdos brasileiros conforme apresentamos ao longo desta seção. Para mais, os limites e as margens das informações dos sinais-termo marcam, justamente, o *corpus* de definições dos alunos Surdos colaboradores desta pesquisa.

Além das semelhanças entre a pesquisa de Estopà e a nossa, encontramos, igualmente, diferenças. Na sua abordagem, a pesquisadora realiza a sua amostragem com crianças de 5 a 11 anos, buscando informações dadas por elas mesmas sobre o que elas já

sabem sobre determinados termos da área médica. Isto é, não houve uma atividade didática preparatória sobre os termos em foco. A nossa proposta, por sua vez, o insumo a ser utilizado e administrado é fruto das trocas e discussões em contextos de aula. O que nos serviu da pesquisa de Estopà foi, justamente, o seu inovador processo de curadoria, que baliza a seleção daquilo que foi dito e do que cabe na enunciação definitiva. Essa autora, como nós, lida com a construção e com a desconstrução dos insumos elaborados pelos futuros usuários para identificar alternativas mais produtivas para a apresentação das informações na microestrutura e também na macroestrutura.

Por fim, a técnica definitiva defendida por nós está no nível do modo de dizer (enunciação) que possa ser o mais simplificado possível. **Entre aquilo que é dito, elemento do qual utilizamos para criar o nosso repertório lexical, não podemos excluir o modo como se diz sobre os sinais-termo.** As definições elaboradas por nós a partir do que foi dito sobre os sinais-termo por parte dos Surdos, possuem, ainda, uma estrutura organizacional específica, que consiste em nossa quinta etapa para a descrição da DTS proposta por nós, que será apresentada na seção, a seguir.

9.3. Estruturas e recursos definitivos em Libras

Nesta seção, interessa observar, na DTS, *como os alunos Surdos fazem para dizer o que é X*, sendo o *definiendum*, objeto e tópico dessa tese, e como esse *modo de dizer* se insere na estrutura de significação da História. A ideia aqui desenvolvida tem como base os estudos em definição empreendidos por Finatto (Cf. 2001, p. 2019). Segundo a autora (2001, p. 151),

(...) como normalmente ocorre no tratamento de qualquer objeto de mediação que estabeleça um diálogo entre um “eu que fala” e um “eu que escuta”, no tratamento de um DT, além do enunciado em si, implica, assim, a observação do modo ou do formato “do que se diz”.

Em estudos realizados por nós anteriormente (Cf. Felten; Finatto, 2021), já resumidos no capítulo 4, avaliamos as definições de alguns sinais-termo em diferentes glossários. Por isso, podemos fazer algumas considerações.

A primeira delas, conforme já apresentamos na análise das definições na seção 4, é quanto à importância das categorias *gênero próximo* e *diferença* específica. Observamos a presença dessas categorias na estrutura de três, das quatro DTS. Por essa razão, notamos que essas categorias são importantes para a elaboração de uma DT. Porém, vale frisar, apenas o uso dessas categorias definicionais “clássicas” é insuficiente para a produção de

uma definição considerada compreensível, adequada e eficiente em Libras.

Entretanto, essas categorias podem e devem ser inseridas na DTS por meio das perguntas-guias **É O QUE?** e **PARA QUE?**. A luz dessas perguntas-guia, pensamos em outras perguntas que estão no nível da *diferença específica*, as quais chamamos de modalizadores. Essas perguntas, ao contrário das perguntas-guia, vão estar explícitas na definição sinalizada. As perguntas-guia, que fazem referência às categorias *gênero* e *diferença*, segundo as Normas ISO 1087 e 704 (Cf. Capítulo 3), não podem estar no texto da definição. Mas elas servem de guia para conduzir o lexicógrafo e/ou dicionarista a encontrar um hiperônimo (O QUE É?) e os hipônimos (PARA QUE SERVE?). Isso é que se observa na seguinte definição, em português, para o termo Revolta da Vacina:

revolta da vacina: *movimento popular* (hiperônimo – O QUE É) que se opôs à *obrigatoriedade da vacina contra a varíola no Rio de Janeiro em 1904* (hipônimo – PARA QUE SERVIU?).

Vale lembrar que essas normas servem para as línguas orais. Como verificado nos dados coletados, em Libras, há a necessidade de ampliarmos, ou seja, incluir outras perguntas no nível da *diferença específica*. Essas perguntas, as quais denominamos modalizadores, conduzirão o conteúdo da definição, conforme veremos nos próximos parágrafos. A função desse elemento gramatical – os modalizadores - na definição, *serve* equivale ao ato de o locutor manifestar determinada atitude em relação ao conteúdo de seu próprio enunciado. No caso da definição, esses modalizadores “avisam” o interlocutor que virá uma resposta em seguida.

Na DT para as línguas orais, essas categorias, *gênero próximo* e *diferença específica*, denominadas por Faulstich (2014) e por outros autores como estrutura canônica, permitem nortear o terminógrafo a identificar o hiperônimo e o hipônimo. Na nossa pesquisa de mestrado, utilizamos essa mesma estrutura para identificar a definição terminológica para o Glossário Sistemático Bilíngue de Termos da História do Brasil.

À época fizemos algumas adaptações quanto ao modelo padrão da definição pragmática desenvolvida por Faulstich (2014). As adaptações foram necessárias para que o conteúdo abordado pela bibliografia se enquadre ao *o que é e para que serve?*, no caso da História do Brasil, para *o que foi e para que serviu?* os fatos e eventos históricos conforme a proposta da definição lexicográfica canônica.

Nesta pesquisa de tese, identificamos que, embora essas categorias sejam importantes e devam constar na definição terminológica, ainda são insuficientes para

subsidiar, por si só, a compreensão do público-alvo. Enquanto na definição para as línguas orais essas categorias são uma orientação para a construção da definição, na Libras essas categorias servem não apenas como orientação, mas devem aparecer na paráfrase sinalizada. Isso porque essas estruturas parecem contribuir com a organização da informação que será apresentada na paráfrase definitiva em Libras.

Conforme postulamos na seção anterior (seção 8.2.2) deste capítulo, **para nós interessa, do ponto de vista enunciativo, tanto o COMO SE DIZ (estrutura) e O QUE SE DIZ (conteúdo)**. A estrutura e o conteúdo da DTS devem estar apresentados conforme a escolaridade do público-alvo e formulados de forma simplificada, de acordo com a compreensão dos Surdos estudantes do Ensino Médio.

Primeiramente, apresentamos cinco estruturas obtidas a partir da análise dos dados realizada para o Grupo A. A primeira delas é a estrutura:

**X = SIGNIFICA O QUE? COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA AMÉRICA É Y.
PARA QUE? PARA K. COLÔNIA PORTUGUESA AMÉRICA COMO? FOI P.
PERÍODO COLÔNIA FIM QUANDO? FIM R. COLÔNIA PORTUGUESA
AMÉRICA FIM POR QUE? PORQUE W.**

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Colonização Portuguesa na América*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **COMO?** (*diferença específica*). Nessas primeiras categorias, observamos o uso metafórico para explicar a chegada dos portugueses nas terras indígenas. Já a categoria **COMO?** traz a ideia de como foi o processo de colonização portuguesa na América. Nessa seção da DTS, observamos traços de intenção que agregam finalidades ou características como a descrição do processo colonizador.

Devido ao conteúdo semântico do sinal-termo, só as categorias **SIGNIFICA O QUE?**, **PARA QUE?** e **COMO?** são insuficientes para alcançarmos as informações suficientes, como temos defendido. Para que alcançássemos uma definição considerada adequada, utilizamos outras duas categorias: **FIM QUANDO?** e **FIM POR QUE?**. Como se trata de um período de mais de trezentos anos, é importante destacar na definição quando e o motivo do “fim” do período colonial.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Colonização Portuguesa na América* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=2mbFQiCy0qM&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=11>

A segunda estrutura identificada é a seguinte:

**X= SIGNIFICA O QUE? DITADURA MILITAR É Y. POR QUE? PORQUE R.
COMO? FOI W. FIM QUANDO? FIM Z.**

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Ditadura Militar*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** (*gênero próximo*) e **POR QUE?, COMO? e FIM QUANDO?** (*diferença específica*). É importante observar que nesta estrutura, a categoria **COMO?** foi posicionada após a categoria **POR QUE?**. Utilizamos essa categoria, pois, em sentido prático, é difícil definir para que serve/serviu uma ditadura militar, seja ela no Brasil ou em outro país.

Definir esse sinal-termo foi um desafio. Por um lado, alguns podem dizer que uma ditadura militar serve/serviu para organizar a sociedade a partir de uma visão civil e moral. Por outro lado, outros argumentam que o mesmo regime serve/serviu para instalação de controles sociais, utilizando artefatos de poder como a censura e repressão.

O fato é que esses “motivos” são, na verdade, consequências de uma estratégia e tipologia política que pós-cede um golpe antidemocrático. Para tentar resolver o desafio de definir esse sinal-termo, utilizamos a categoria **POR QUE** e não **PARA QUE?**, evitando ao máximo recorrer às ideologias ou posicionamentos particulares. Entretanto, precisamos dizer que não há nenhum discurso desprovido de ideologias. O próprio discurso que prega o não uso de ideologias é, em si, ideológico.

Já as categorias **COMO?** e **FIM QUANDO?** descrevem as características mais evidentes da ditadura militar no Brasil, indicando traços de intenção para a DTS. Nessas seções da definição, colocamos a característica mais marcante de um governo autoritário que é a centralização do poder. Além disso, foi importante dizer o período inicial e final dos anos de chumbo no Brasil, acrescentando consequências que levaram, posteriormente, ao início da redemocratização no país.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Ditadura Militar* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=xbbcTKXgMMo&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=5>

A terceira estrutura identificada é a seguinte:

X= **SIGNIFICA O QUE?** É Y. **PARA QUE?** PARA W. X **COMO?** Z. +
EXEMPLO ILUSTRATIVO.

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Liberalismo*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **COMO?** (*diferença específica*). A categoria **COMO?** traz a ideia das vertentes teóricas vinculadas ao liberalismo que são: o Político e o Econômico. Além disso, explica como cada uma dessas teorias são aplicadas. Nessa seção da DTS, observamos traços de intenção que agregam finalidades ou características como os principais filósofos e o contexto histórico-social à época que deu início ao pensamento liberal. Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é uma espécie de alegoria ou elemento prático que dá visibilidade mais concreta sobre o tema relacionado (Cf. Apêndice 12).

Essa categoria está longe de ser um contexto de uso do sinal-termo na linguagem de especialidade. Os dados e o funcionamento da DTS nos mostraram que ela é, na verdade, um exemplo utilizado para fins definitórios em contextos específicos. O **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é um elemento definicional não obrigatório, ficando a cargo do terminógrafo e do conteúdo semântico o seu uso.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Liberalismo* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=DN12KccWxxw&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=6>

A quarta estrutura identificada é a seguinte:

X= **SIGNIFICA O QUE?** PESTE BUBÔNICA SIGNIFICA Y. **PASSADO ACONTECER QUANDO?** ACONTECER R. **COMO COMEÇAR?** COMEÇAR W **POR QUE ESPALHAR?** PORQUE Z.

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Peste Bubônica*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** (*gênero próximo*) e **PASSADO ACONTECER QUANDO?**, **COMO COMEÇAR?**, **POR QUE ESPALHAR?** (*diferença específica*). Observamos que todas as categorias que estão depois do *gênero próximo* ajudam a montar a definição do sinal-termo. Como verificamos em *Ditadura Militar*, essa estrutura não possui a categoria **PARA QUE?**. Como explicamos, é difícil definir para que uma pandemia serviu.

Nos últimos três anos, pudemos experimentar o que uma pandemia é. O corona vírus nos mostrou, de forma bruta e lamentável, como é viver em meio a uma doença que

tirou a vida de inúmeras pessoas. Essa experiência é mais que uma justificativa para não aceitarmos o “para que” isso serviu. Ao contrário do “para que serve”, buscamos explicar o que foi a Peste Bubônica, suas características e consequências. É claro que a Peste Bubônica contribuiu para a ascensão da Medicina e da Tecnologia, mas não pode ser justificativa para a finalidade de uma pandemia.

Por essa razão, utilizamos as categorias PASSADO ACONTECER QUANDO?, COMO COMEÇAR e POR QUE ESPALHAR. Essas categorias trazem atributos importantes para que a DTS tenha informações necessárias e suficientes. Essas características delimitam o período (Idade Média), a região (euroásia) e os motivos (sobretudo o comércio) que levaram a disseminação da bactéria. Essas informações são suficientes, pois estamos definindo uma peste que assolou a Europa e a Ásia num determinado momento histórico, e não definindo a doença proiamente dita que, inclusive, existe no tempo presente.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Peste Bubônica* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=Mpqu4yjr0ZU&list=PLIwOInigBVD6j4HAyVvmUxj7ua8wClx1w&index=7>

A quinta estrutura identificada é a seguinte:

X = SIGNIFICA O QUE? RACIONALISMO CARTESIANO É Y. PARA QUE? PARA K. PASSADO QUEM CRIAR X? FOI W. POR QUE? PORQUE Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO.

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Racionalismo Cartesiano*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) **PASSADO QUEM CRIOU?** e **POR QUE?** (*diferença específica*). A categoria **PASSADO QUEM CRIOU?** explica que o *Racionalismo Cartesiano* foi criado por René Descartes. Já a categoria **POE QUE?** explica o contexto histórico em que levou Descartes a refletir e propor o seu método. Esse tipo de estrutura denominamos como explicativa.

Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é uma espécie de alegoria ou elemento enciclopédico que dá visibilidade mais concreta sobre o tema relacionado. O **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é um elemento definicional não obrigatório, ficando a cargo do terminógrafo e do conteúdo semântico o seu uso.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Racionalismo Cartesiano* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=O8LuWmfRH6c&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=8>

Apresentadas as cinco estruturas de DTS identificadas para o Grupo A, mostraremos, a seguir, outras cinco estruturas que identificamos na análise dos dados realizada para o Grupo B. A primeira delas é a estrutura:

X = SIGNIFICA O QUE? COMÉRCIO MARÍTIMO É Y. PARA QUE? PARA K. PASSADO COMO? FOI P. HOJE COMO? Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Comércio Marítimo*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **COMOPassado?** e **AGORA COMO?** (*diferença específica*). A categoria **ANTES COMO?** apresenta os primeiros povos que iniciaram a comercialização de mercadorias ainda na antiguidade. Já a **AGORA COMO?** explica como é a organização do comércio marítimo no tempo presente.

Esse tipo de estrutura denominamos como **DTS Comparativa**. Esse tipo de definição pode ser empregado para sinais-termo que fazem relação entre passado e presente. Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é uma espécie de alegoria ou elemento enciclopédico que dá visibilidade mais concreta sobre o tema relacionado. No caso desta definição não utilizamos essa última categoria, pois, como já explicamos, ela é não é obrigatória.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Comércio Marítimo* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=7Iw7XyTLsvU&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=9>

A segunda estrutura identificada é a seguinte:

X = SIGNIFICA O QUE? CONSTITUIÇÃO 1824 Y. PARA QUE? PARA P PASSADO IMPORTANTE POR QUÊpassado? PORQUE W. HOJE COMO? HOJE Z+ EXEMPLO ILUSTRATIVO

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Constituição de 1824*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero*

próximo) e **PASSADO IMPORTANTE POR QUE?** e **HOJE COMO?** (*diferença específica*). A categoria **IMPORTANTE POR QUE** passado? é nova na estrutura. Como estamos falando sobre a primeira Carta Magna, ou seja, a primeira Lei máxima do Brasil, achamos produtivo dizer sobre a sua importância na DTS.

Esse tipo de estrutura também é uma **DTS Comparativa**. As categorias **IMPORTANTE POR QUE** passado? e **HOJE COMO?** fazem relação entre a primeira e a atual Constituição. Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é uma espécie de alegoria ou elemento enciclopédico que dá visibilidade mais concreta sobre o tema relacionado. No caso desta definição não utilizamos essa última categoria, pois, como já explicamos, ela é não é obrigatória.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Constituição de 1824* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=ajbcZenZF70&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=12>

A terceira estrutura identificada é a seguinte:

X = SIGNIFICA O QUE? CRIACIONISMO É Y. PARA QUE? PARA P. COMO? É Z. + EXEMPLO EXPLICATIVO

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Criacionismo*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **COMO?** (*diferença específica*). A categoria **COMO?** mostra como a mitologia grega, o perspectivismo inca e a filosofia cristã explicam a criação do mundo e do ser humano. Essa teoria não é exclusiva ao cristianismo. Ao contrário, cada religião terá a sua própria explicação sobre de onde viemos e quem somos em relação ao universo.

Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO**, é uma espécie de alegoria ou elemento prático que dá visibilidade mais concreta sobre o tema relacionado (Cf. Apêndice 17). Nesta categoria, mostramos que *Criacionismo* não é a única vertente teórica que explica a criação do mundo e dos seres humanos. Em contraste com essa teoria, temos a teoria do *Big Bang* e do *Evolucionismo*.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Criacionismo* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=X7IOw3mYR34&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=10>

A quarta estrutura identificada é a seguinte:

X = SIGNIFICA O QUE? DEMOCRACIA É Y. PARA QUE? PARA K. PASSADO COMO? É P. HOJE COMO? É W. + EXEMPLO ILUSTRATIVO

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Democracia*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **COMO passado?** e **HOJE COMO?** (*diferença específica*).

Como já mostramos em outras estruturas, essa DTS também é do tipo **Comparativa**. Esse tipo de definição pode ser empregado para sinais-termo que fazem relação entre passado e presente. Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO** mostramos como é o processo eleitoral para escolha de um representante, ilustrando é uma democracia representativa como é a do Brasil.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Democracia* por meio do seguinte *link*:

https://www.youtube.com/watch?v=W_oEiDzwgE&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=13

A quinta estrutura identificada é a seguinte:

X = SIGNIFICA O QUE? DESIGUALDADE SOCIAL SIGNIFICA Y. POR QUE? PORQUE K. DESIGUALDADE EDUCAÇÃO COMO? É L. DESIGUALDADE GÊNERO COMO? É M. DESIGUALDADE RACIAL COMO? É N.

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Desigualdade Social*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** (*gênero próximo*) e **POR QUE?, EDUCAÇÃO COMO?, GÊNERO COMO?** e **RACIAL COMO?** (*diferença específica*). A estrutura dessa DTS e da estrutura para *Colonização Portuguesa na América* são as que mais utilizamos categorias específicas.

Observamos a necessidade em especificar as principais áreas em que a desigualdade social está mais evidente. Essas categorias não são ao acaso, mas fazem parte do conceito do sinal-termo. Como se sabe, a desigualdade social está diretamente relacionada à má distribuição de renda. Por essa razão, ela acaba influenciando na educação, afeta as pessoas LGBTQI+, as mulheres e as pessoas pretas.

No conteúdo da definição observamos o uso da locução adverbial **POR EXEMPLO**. O seu uso foi observado, muitas vezes, pelos alunos colaboradores. Isso nos dá um indício de que o uso do sinal **EXEMPLO** é feito para deixar o conceito do sinal-termo mais compreensível. Por essa razão, utilizamos no conteúdo da DTS o uso do sinal

como estratégia para explicar o conceito de forma prática. O sinal utilizado para apresentar exemplos práticos de como a desigualdade social alcança os grupos sociais apresentados, por exemplo, não é o mesmo que o EXEMPLO ILUSTRATIVO.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Desigualdade Social* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=8tiO4rXlCk&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=14>

Apresentadas as cinco estruturas de DTS identificadas para o Grupo A e as cinco estruturas identificadas para o Grupo B, referentes aos sinais-termos distintos ensinados e explorados conceitualmente para ambos os Grupos, a seguir, temos outras três estruturas verificadas na análise do cruzamento de dados para os sinais-termo comuns ensinados tanto para o Grupo A, quanto para o Grupo B. A primeira delas é a estrutura:

X SIGNIFICA O QUE? ENERGIA NUCLEAR SIGNIFICA Y. PARA QUE? PARA W. COMO? Z + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional).

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Energia Nuclear*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **COMO?** (*diferença específica*). A categoria **COMO?** traz a ideia da forma com a qual a energia nuclear é produzida e funciona. Nessa seção da DTS, observamos traços de intenção que agregam finalidades ou características como a descrição do funcionamento de um *reator nuclear*. Já a última categoria **EXEMPLO ILUSTRATIVO** é uma espécie de alegoria ou elemento enciclopédico que dá visibilidade mais concreta sobre o tema relacionado.

Reiteramos que a hipótese que o uso dessa categoria pode ser confundido com o contexto de uso do sinal-termo na linguagem de especialidade. Entretanto, é empregado com a função de explicar ou apresentar as características que distinguem os conceitos em questão, e não como exemplos de uso. Isso está próximo de um exemplo para fins definitórios em contextos específicos.

No caso da nossa definição, essa “alegoria” ou contextualização enciclopédica é apresentada por meio de apontamento de informações sobre o acidente nuclear ocorrido na cidade de Chernobyl, na Ucrânia, em 1985. E isso foi aproveitado na nossa definição/verbete visto que *acidente nuclear* foi algo que chamou muita atenção dos alunos ao longo da abordagem didática. Por essa razão, concretizando um processo de curadoria terminológica em Libras, achamos válido contemplá-lo na nossa

definição/verbetes. Esse é um exemplo bastante ilustrativo da metodologia proposta e do resultado que ela gera para a etapa final da redação terminológica dos verbetes.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Energia Nuclear* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=V2SfDBkugPw&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=1>

A segunda estrutura identificada é a seguinte:

X SIGNIFICA O QUE? QUILOMBO SIGNIFICA Y. PARA QUE? W. PASSADO COMO? AGORA COMO? Z. AGORA COMO? K

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Quilombo*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **PASSADO COMO? AGORA COMO?** (*diferença específica*). A categoria **ANTES COMO?** apresenta a ideia do Quilombo antes da abolição da escravidão no Brasil. Já a **AGORA COMO?** traz a ideia da forma com a qual um Quilombo de estrutura no tempo presente.

Esse tipo de estrutura denominamos como **DTS Comparativa**. Esse tipo de definição pode ser empregado para sinais-termo que fazem relação entre passado e presente. Os *Quilombos* são comunidades que se formaram ainda no regime escravocrata brasileiro e se constituem hoje como comunidades independentes, formadas por descendentes de ex-escravizados. Além disso, percebemos que também há traços de intenção ao agregar finalidades ou características de um *Quilombo*. Por exemplo, a intenção de um Quilombo é “agregar ex-escravizados” num determinado período da história, “proteger a natureza”, “preservar a cultura quilombola” etc.

A seguir, podemos encontrar a DTS para *Quilombo* por meio do seguinte *link*:

https://www.youtube.com/watch?v=oI1H2_9KLbc&list=PLIwOInigBVD6j4HAyVvmUxj7ua8wClx1w&index=2

A terceira estrutura identificada é a que segue:

X PASSADO SIGNIFICA O QUE? REVOLTA VACINA passado SIGNIFICA Y. PARA QUE? W. POR QUE Z.

Essa estrutura foi reconhecida no sinal-termo para *Revolta da Vacina*. Observamos que há as categorias **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?** (*gênero próximo*) e **POR QUE?** (*diferença específica*). A categoria POR QUE? explica o contexto histórico brasileiro em que ocorreu a revolta popular e porque ela aconteceu. Esse tipo de estrutura denominamos como explicativa.

Para o caso da *Revolta da Vacina*, a estrutura comparativa também nos parece adequada para a construção da DTS. É possível fazer uma comparação entre a revolta que ocorreu no Rio de Janeiro em 1904, em meio a um surto de febre amarela, peste bubônica e varíola, com o atual cenário pandêmico brasileiro. Observamos, ao longo dos anos de pandemia, uma resistência à vacinação por uma parcela da sociedade. Essa parcela de brasileiros discutia, inclusive, sobre a obrigatoriedade da vacina.

Percebemos, portanto, que o reconhecimento prévio do contexto histórico, no caso da DTS, exerce um papel muito importante no estabelecimento da estrutura da definição em Libras e influência no perfil da linguagem utilizada em termos de COMO É DITO. A seguir, podemos encontrar a DTS para *Revolta da Vacina* por meio do seguinte *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=HNkgUCPolP0&list=PLIwOInigBVD6j4HAvVvmUxj7ua8wClx1w&index=3>

9.4. Considerações a respeito das estruturas e recursos definitórios em Libras

Desse modo, a partir dos resultados observados na constituição particular desse segmento do enunciado, seria possível aprofundar, com alguma margem de segurança, uma reflexão sobre outras categorias que estão no nível da *diferença específica* como recursos de utilidade recorrente na DTS para glossários em Libras.

Além disso, vemos que o referencial enunciativo definitório, a partir do qual apreciamos as manifestações da ciência envolvida, a História, do sujeito Surdo individual e coletivo e do terminógrafo/cientista, realmente oferece condições para uma “leitura” atenta da definição. Uma leitura e/ou percepção que se processa sem a intervenção tão acentuada de aparatos lógicos — que é nossa ideia básica desde o início da investigação.

A descrição da DTS, entretanto, para crescer em operacionalidade, necessita naturalmente de alguns ajustes. Um deles seria levar em conta algumas outras nuances e sutilezas daquilo que chamamos de *contribuição do público-consulente* na criação de sentido para os sinais-termo da História. É difícil objetivar ou reconhecer nos enunciados

com absoluta precisão aquilo que, dentre o conteúdo do sinal-termo, chamará mais a atenção dos Surdos. Daí a importância de dois grandes níveis: o de análise e o de descrição

Afinal, características que reconhecemos como mais “rebuscadas” da formulação mais subjetiva do enunciado por parte dos alunos Surdos colaboradores, especialmente aquelas apontadas em Ciências Humanas e que obviamente também estão presentes na História, tendem a envolver outras marcas linguísticas, tais como, por exemplo, o caso do uso de aspectos mais descritivos no enunciado definatório, com relações metafóricas e instanciativas e do uso de perguntas como modalizadores enunciativos.

Nessas condições apresentadas na seção anterior, nossa pesquisa permite perceber, entre outras coisas, que a definição de termos de História realmente ultrapassa os limites do *gênero próximo* e da *diferença específica*. Aliás, neste particular, vale mencionar que apenas o uso de eventuais categorias lógicas como um conjunto de segmentos da **significação**⁸² **dos sinais-termo** se revelariam difusas, heterogêneas até relativamente vazias e, em si mesmas, pouco funcionais do ponto de vista das necessidades do público Surdo consulente.

Neste sentido, uma possibilidade expandida de configuração da nossa metodologia descritiva poderia considerar, por exemplo, a observação do papel das perguntas-chave como modalizadores **SIGNIFICA O QUE?** e **PARA QUE?**. Esses modalizadores são, na verdade, correspondentes para as categorias *gênero próximo* e *diferença específica*. Como defendemos, o seu uso na DTS é fundamental, pois se relaciona com o cerne de permitir compreensibilidade e delimitação da tradição definicional aristotélica ou clássica.

As perspectivas e as metodologias desenvolvidas nesta tese propõem a ampliação da categoria *diferença específica*. Para isso, utilizamos outros modalizadores que trazem informações que caracterizam o conceito do sinal-termo. Esses modalizadores foram encontrados em outras estruturas de definição em Libras analisadas (Cf. Capítulo 4), identificamos o seu uso pelos alunos Surdos Colaboradores da pesquisa e oferecidos pelo conteúdo semântico do sinal-termo. Os modalizadores foram denominados assim: **Elementos da Ciência** e **Elementos do Conceito**. No quadro 26, a seguir, podemos observar a organização dos modalizadores identificados por esta pesquisa.

⁸² Significação, para nós, é o valor semântico da frase. Para Ducrot, “a significação contém instruções dadas àqueles que irão interpretar o enunciado da frase. Essas instruções não devem ser confundidas com o sentido literal, pois dizem somente o que deve ser feito para descobrir o sentido, que é particular cada vez que uma frase é enunciada” (Flores, 2022, p. 2010).

Quadro 26 – Modalizadores de DTS organizados de acordo com seus Elementos

CATEGORIAS			
GÊNERO PRÓXIMO	DIFERENÇA ESPECÍFICA		
SIGNIFICA O QUE?	PARA QUE?	<i>ELEMENTOS DA CIÊNCIA</i>	<i>ELEMENTOS DO CONCEITO</i>
		PASSADO COMO?	POR QUE?
		PASSADO IMPORTANTE POR QUE?	COMO?
		HOJE COMO?	COMEÇO QUANDO?
		PASSADO ACONTECER QUANDO?	FIM QUANDO?
		PASSADO QUEM CRIAR?	POR QUE ESPALHAR?
		POR EXEMPLO	COMO COMEÇAR?
			EDUCAÇÃO COMO?
			GÊNERO COMO?
			RACIAL COMO?

Os modalizadores **PASSADO COMO?**; **PASSADO IMPORTANTE POR QUE?**; **HOJE COMO?**; **PASSADO ACONTECER QUANDO?**; **PASSADO QUEM CRIAR?**; e **POR EXEMPLO** são aqueles pensados a partir da necessidade da Ciência Histórica. O uso dos advérbios **PASSADO** (passado como?) e **PRESENTE** (agora como?) poderia ser expresso pelo sujeito enunciador como uma organização dos fatos historicamente marcados. Esses elementos são informações circundantes da Ciência envolvida, o seu “entorno de significação”, conforme já explicava Finatto (2001), em traços confirmados por esta pesquisa.

Já os modalizadores **POR QUE?**; **COMO?**; **COMEÇO QUANDO?**; **FIM QUANDO?**; **POR QUE ESPALHAR?**; **COMO COMEÇAR?**; **EDUCAÇÃO COMO?**; **GÊNERO COMO?**; e **RACIAL COMO?** são aqueles oferecidos pelo conteúdo semântico do sinal-termo. Esses elementos são mais específicos e estão conforme o conceito dos sinais-termo definidos.

Em complemento ao argumento acima apresentado, acreditamos que a elaboração das DTS possui objetivos diferentes. Tais objetivos, que consideram a natureza da área de domínio e o público-alvo e a inserção em um cenário de ensino-aprendizagem de

conteúdos de História, parecem interferir na estrutura da DT em Libras. Isso explica a razão da DTS de *Quilombo* e *Revolta da Vacina* não precisar, necessariamente, de uma mesma explicação ou recurso enciclopédico para distinguir conceitos como podemos observar da DTS de *Energia Nuclear*.

9.5.DTS: uma proposta teórica

Uma teoria é um conjunto de preceitos, prescrições ou princípios, mais ou menos ordenados, aplicados em uma determinada área específica e a um conjunto de fenômenos. Esses preceitos sistematizados nascem de uma hipótese. Para que essa hipótese seja aceita ou refutada, é necessário a realização de um experimento.

Após todo esse processo investigativo, o método científico, uma teoria deve(ria) descrever, analisar e explicar a hipótese proposta que é posta à prova. A partir dessa premissa e por meio do método criado e aplicado para descrever DTs, criamos uma estrutura da DTS válida para um domínio e uma finalidade específicos. Assim, fica evidente que o que propomos é também uma “teoria” sobre como elaborar uma definição terminológica em Libras, ainda que sob determinadas condições e em um cenário comunicativo.

Ao longo dos quatro anos dedicados a esta investigação, testemunhados pelo o que pudemos acompanhar nos capítulos de revisões, estudos e testes, podemos afirmar que foi possível identificar um potencial bom modelo ou padrão de **DT aplicável à Libras**⁸³. Isso implica, obviamente, conseguir descrevê-la e explicá-la, conforme já fizemos.

A “teoria” defendida por esta tese é, portanto, que uma DT eficiente e aplicável à Libras deve comportar, em sua estrutura, as categorias clássicas *gênero próximo* e *diferença específica*. Mas, além disso, a categoria *diferença específica* deve acomodar outros elementos, denominados modalizadores, que são inerentes à História e confirmam as necessidades do conceito do sinal-termo. Esses elementos, em português, podem parecer redundâncias ou “recursos estranhos”, mas em Libras não são.

Vale frisar que estamos preocupados, do ponto de vista enunciativo, não só com o **COMO SE DIZ**, interessa-nos, igualmente, **O QUE SE DIZ** (conteúdo). Por isso, para que a DTS seja, também, acessível aos estudantes Surdos do Ensino Médio, os modalizadores são elementos muito importantes, já que chamam a atenção dos

⁸³ Embora defendamos que o modelo proposto se aplique especificamente à Libras, entendemos que os passos teórico-metodológicos para a elaboração da DT podem ser aplicáveis à outras línguas de sinais ou orais. Para isso, seria importante pesquisas que queiram fazer a aplicabilidade metodológica proposta.

consultantes para as informações que serão apresentadas. Além disso, evidenciamos a importância de o conteúdo das DTS trazer a voz e percepção do público-alvo do glossário, tornado-o, dessa forma, coparticipante do ato de definir.

No quadro 27, a seguir, trazemos, a partir dos resultados obtidos, uma síntese dos elementos que influenciam a elaboração de uma DTS.

Quadro 27 – Elementos que influenciam na elaboração de uma DTS

Elementos terminológicos	Texto de especialidade;
	Relação entre sinal-termo, o texto e o contexto comunicativo;
	Contexto comunicativo e tradução (quando o texto for traduzido);
Elementos terminográficos	Tipologia da obra;
	Público-alvo;
Elementos linguísticos	Uso das categorias <i>gênero próximo e diferença específica</i> ;
	Uso dos modalizadores;
	Uso de linguagem que esteja de acordo com o nível de conhecimento do público-alvo;
	A contribuição do público-alvo no ato de definir sinais-termo;
	Uso da escrita de sinais no registro da definição (não obrigatório);
Elementos extralinguísticos	Uso de imagens no registro da definição;
	Uso da cor da vestimenta do sinalizante;
	Cor do fundo do vídeo registro;
Elementos conceituais	Tipologia/natureza da ciência;
	Natureza conceitual dos sinais-termo;

Até aqui apresentamos todo o percurso teórico-metodológico para analisar, descrever e explicar a elaboração de uma DTS. Mas a definição só faz sentido se estiver posicionada em seu lugar de prestígio: o verbete. Querer saber e entender o significado de um sinal-termo é o motivo que leva um consultante utilizar um glossário. Assim, o nosso processo de elaboração de um glossário didático-pedagógico poderá ser conferido no próximo capítulo.

CAPÍTULO 10 - ELABORAÇÃO DE UM PROTÓTIPO – EM RASCUNHO - DE GLOSSÁRIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO SEMIBILÍNGUE LIBRAS-PORTUGUÊS DE CIÊNCIAS HUMANAS

A fim de registrar e divulgar os sinais-termo do campo das Ciências Humanas, realizados a partir da proposta de uma DTS aplicável à Libras, estruturamos a página Web CHT LIBRAS⁸⁴. Neste *site*, já antes mencionado, os sinais-termo são apresentados de duas formas: por meio de material de apoio didático e ordenados em um vocabulário semibilíngue. Os verbetes têm objetivo de dar apoio didático-científico aos Surdos que se preparam para o Enem, uma vez que uma das áreas abordadas no exame são as disciplinas que compõem as Ciências Humanas. Em relação ao glossário, apresentamos uma proposta de verbete que atenda às necessidades dos candidatos Surdos quanto ao conteúdo científico e a estrutura do Enem. A seguir, descrevemos a proposta da macroestrutura e da microestrutura da obra.

10.1. Texto de apresentação do glossário

O glossário semibilíngue didático-pedagógico Português-Libras de Ciências Humanas segue os fundamentos teórico-metodológicos da Terminografia e da Terminografia Didático-Pedagógica. As fontes de dados utilizadas para a constituição desta obra foram as provas e videoprovas do Enem aplicadas nas edições de 2017, 2018 e 2019.

O glossário desenhado por nós é, na verdade, uma proposta de uma obra, ainda, idealizada. Planejamos um recurso didático destinado, principalmente, a auxiliar os alunos Surdos do Ensino Médio que se preparam para o Enem. O principal objeto de pesquisa estudado por nós, que é a Definição Terminológica Sinalizada (DTS), está acomodada em verbetes que compõem este glossário.

Escolhemos os estudantes Surdos do Ensino Médio como público para esta obra. Conseqüentemente, as informações trazidas nos verbetes devem atender às necessidades desses estudantes. Para isso, tornamos um grupo de alunos Surdos coautores das DTS aqui propostas, pois verificamos, em eles e elas, como explicam os conceitos e terminologias que trazemos neste glossário. Ao trazer a sua linguagem para o texto da definição, esperamos que o texto dos verbetes seja melhor compreendido pelo nosso público-alvo.

⁸⁴ Disponível em: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras>.

Como o nosso glossário é, ainda, apenas um protótipo, criado para colocar em prática o que aprendemos para a DTS em uma longa jornada de pesquisa, não nos aprofundaremos, exaustivamente, na descrição da macro e microestrutura da obra. Essa decisão tem três razões.

Primeiramente, esse não é objetivo e nem objeto desta pesquisa. Em segundo lugar, para que um glossário esteja disponível na internet, é necessário adquirir um domínio digital, uma infraestrutura computacional e um suporte técnico, o que não possuímos. Para criar, poder mostrar e manter um glossário *on-line* em funcionamento é necessário fomento, o que também não é o caso desta pesquisa. Por isso, para os fins desta tese, utilizamos uma plataforma gratuita para divulgação do nosso protótipo de glossário.

E, em último lugar, há pesquisas de Libras muito bem elaboradas e devidamente fundamentadas do ponto de vista terminográfico, que apresentam um bom detalhamento no tocante macro e microestrutura. Por isso, utilizamos esses estudos já desenvolvidos para apoiar o desenho da nossa obra.

Por fim, o protótipo do glossário está disponível para consulta por estudantes Surdos do Ensino Médio ou para aqueles que já tenham terminado essa etapa, mas se preparam para o Enem. Os sinais-termo que compõe esta obra são instrumentos linguísticos que democratizam a Libras com vistas a divulgar e ampliar temas relevantes das Ciências Humanas.

10.2.Plano de trabalho executado

O glossário considera a descrição da terminologia das Ciências Humanas, do ponto de vista linguístico, educacional e tecnológico e sob a perspectiva do conhecimento histórico. Nesta obra, há informações importantes que fornecem amplificação do conhecimento prático de áreas específicas ou do conhecimento científico. Os termos e sinais-termo foram organizados em árvores de domínio (Cf. Capítulo 10) e enquadrados em uma das quatro Instituições que organizam a sociedade brasileira que são: **instituição Política, a instituição Social, a instituição Cultural e a instituição Econômica.**

O glossário proposto será disponibilizado em *site* eletrônico, onde estará acessível para aqueles que se interessarem em consultar os sinais-termo das Ciências Humanas, como via de socialização do conhecimento produzido.

O objetivo, entre outros, é fornecer informações importantes para a compreensão das atividades essenciais da sociedade de forma prática, assim como registrar terminologias utilizadas em áreas específicas do conhecimento científico. Esperamos que o glossário se

torne uma ferramenta que proporcione consulta e aplicação em diferentes contextos da vida cotidiana e escolar.

10.3. Como está organizado o glossário?

10.3.1. Macroestrutura

Após definirmos um perfil ou padrão de enunciado definitório em Libras, organizamos um glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português dos termos e sinais-termo coletados a partir das vídeo provas do Enem. Para isso, adotamos o modelo de macroestrutura e microestrutura para materiais lexicográficos propostos pelos estudos lexicográficos e terminológicos de Tuxi (2017).

A macroestrutura da obra está localizada na parte superior da página do *site* e apresenta as seguintes informações i) *Home*; ii) sobre a obra e equipe; iii) vocabulário de termos e sinais-termo, e iv) árvores de domínio. Apresentamos a macroestrutura a seguir:

Figura 110 – Macroestrutura da obra



Felten (2023)

Explicaremos cada um desses itens:

1) **Home**: Na parte superior da macroestrutura, aparecem o nome do autor e a Instituição em que está vinculado. O nome CHT LIBRAS é uma aglutinação da denominação “Ciências Humanas e suas Tecnologias em Libras”. Para esta tese, apresentamos um protótipo da estrutura da obra com os sinais-termo utilizados no Enem das edições de 2017, 2018 e 2019. Porém, futuramente, temos o intuito de registrar os termos e sinais-termo dos anos seguintes, o que possibilitará a divulgação deste acervo a todo país.

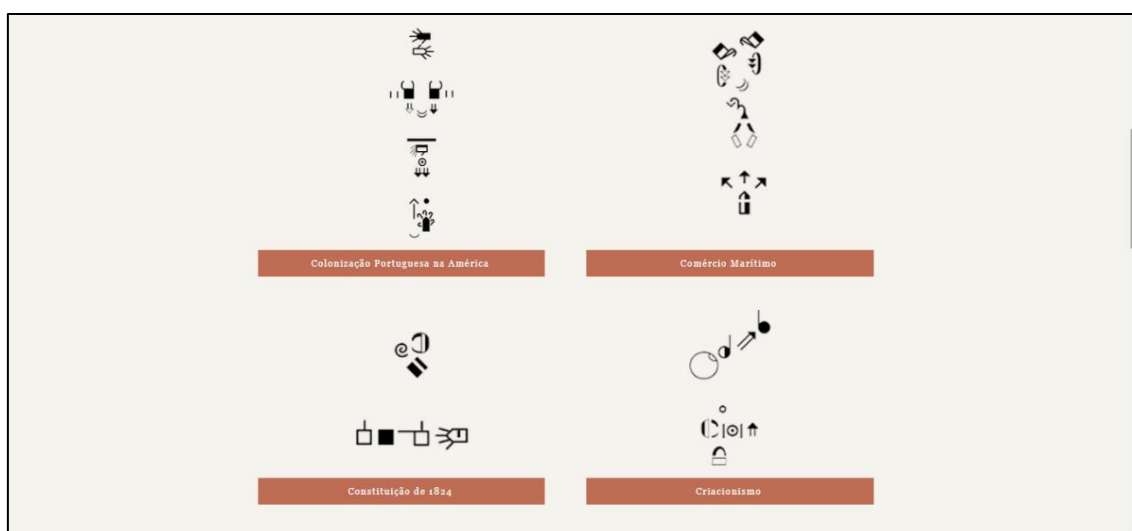
2) **Sobre:** Ao clicar no botão “sobre”, o consulente tem acesso a três informações: O projeto, a estrutura da obra, o perfil do usuário, o Grupo ATT e os colaboradores. Em todos aparece vídeos em Libras com a tradução Libras-Português na modalidade voz.

3) **Equipe:** Ao clicar no botão “equipe”, o consulente pode conhecer os pesquisadores e pesquisadoras que colaboraram com a criação do glossário.

4) **Organização do glossário:** Ao clicar no botão “organização do glossário”, o consulente terá acesso as informações sobre como o glossário está organizado. Tanto a sua macroestrutura quanto a sua microestrutura.

5) **Glossário:** Ao clicar no botão “glossário”, o consulente terá acesso a uma quantidade de termos que dão acesso aos verbetes em Libras. A lista de termos está organizada de acordo com a alfabética em português, apresentando, também, os sinais-termo escritos (*SignWriting*). Na figura 111, a seguir, podemos observar como está organizado o vocabulário de termos e sinais-termo no CHT LIBRAS.

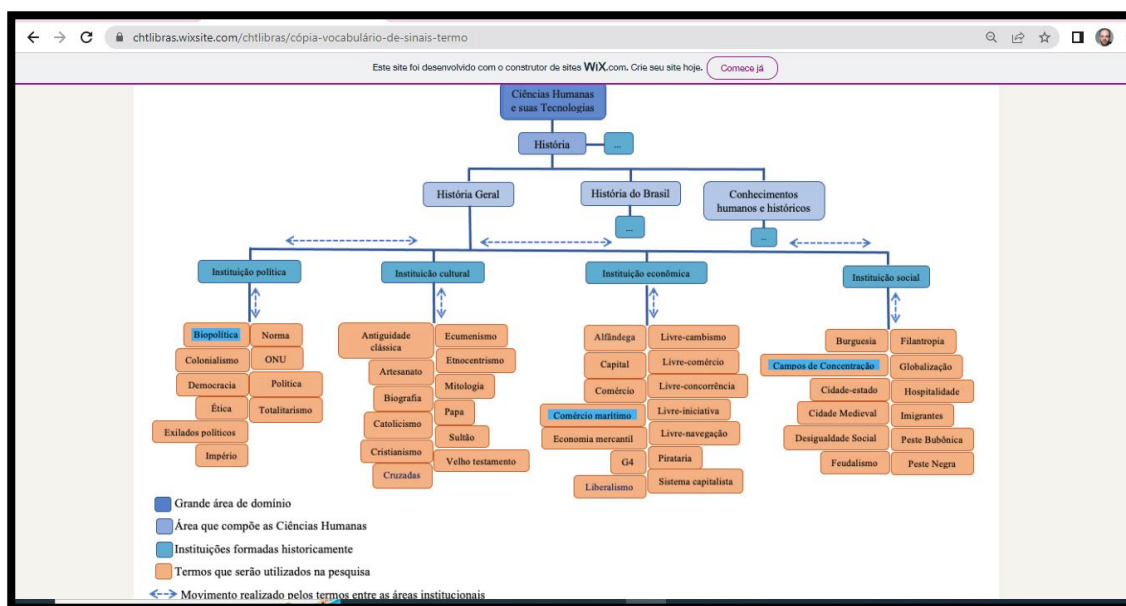
Figura 111 – Organização do vocabulário de termos e sinais-termo no CHT LIBRAS



Felten (2023)

6) **Árvore de domínio em português:** ao clicar no botão “Árvore de domínio” o consulente terá acesso às estruturas hierárquicas divididas em campos temáticos. A ideia, a princípio, é que o público-consulente também tenha acesso aos verbetes por meio da estrutura arbórea. Entretanto, essa possibilidade dependerá do formato das estruturas no *site*. Sempre é possível implementar inovações, pois nos deparamos com algumas impossibilidades ou limitações do domínio. Na figura 112, a seguir, conseguimos observar a árvore de domínio em português disponível no *site*.

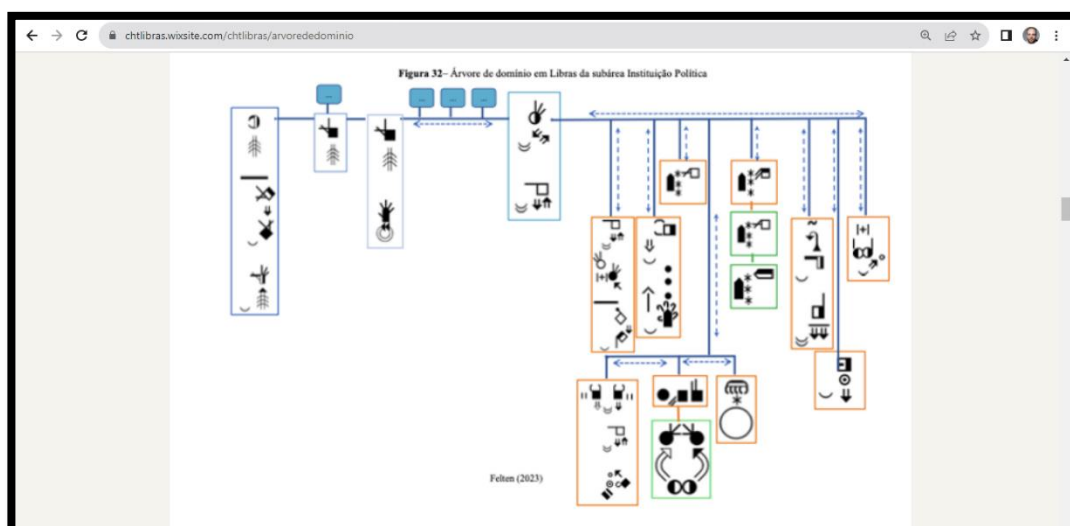
Figura 112 – Árvore de domínio em português na macroestrutura do glossário



Disponível em: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/c%3%B3pia-vocabul%3%A1rio-de-sinais-termo>.

7) **Árvore de domínio em Libras**: ao clicar no botão “Árvore de Domínio em Libras”, o consulente terá acesso aos sinais-termo em *SignWriting* organizados por campos temáticos, conforme se pode verificar na figura 113. Ao clicar em algum sinal-termo do campo o público-alvo será redirecionado para o verbete daquela unidade terminológica.

Figura 113 – Árvore de domínio em Libras na macroestrutura do glossário



Disponível em: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/arvorededominio>

É importante reiterar que o *site* com o glossário CHT LIBRAS, em 2023, ainda está em desenvolvimento. O que apresentamos aqui é apenas um protótipo da obra *on-*

line conforme apresentada na sessão de defesa pública desta tese. Há uma série de elementos que ainda precisam ser melhor estruturados e abastecidos. Todavia, vale ressaltar e colocamos em destaque o todo do verbete e, especialmente, a formulação da DTS, baseada em nossas fichas terminológicas de coleta/curadoria terminológica antes apresentadas.

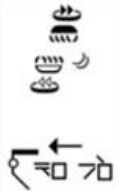
10.3.2. Microestrutura

Os verbetes estão organizados em ordem alfabética do português e obedecem à seguinte estrutura: i) **entrada** em português, em Libras escrita e em Libras vídeo registro; ii) **definição** em Libras vídeo; iii) **contexto** em Libras vídeo e em português escrito; iv) **questão do Enem** em Libras vídeo e em português escrito; v) **variante** em Libras vídeo; vi) sinônimo em Libras vídeo; vii) **nota**; viii) **ilustração**. Os campos variante, sinônimo e nota são optativos.

Em síntese, o verbete proposto no nosso protótipo de glossário possui os seguintes campos:

Figura 114 – Proposta de verbete para o glossário didático-pedagógico semibilíngue de Ciências Humanas

Revolta da Vacina



Questão 72

A **Revolta da Vacina** (1904) mostrou claramente o aspecto defensivo, desorganizado, fragmentado da ação popular. Não se negava o Estado, não se reivindicava participação nas decisões políticas; defendiam-se valores e direitos considerados acima da intervenção do Estado.


CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987 (adaptado).

A mobilização analisada representou um alerta, na medida em que a ação popular questionava


- A a alta de preços.
- B a política clientelista.
- C as reformas urbanas.
- D o arbítrio governamental.
- E as práticas eleitorais.

Fonte: ENEM 2019 - Caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias - 1º dia - Ampliada (Macrotipo 18), p. 35.



SINAL-TERMO




DEFINIÇÃO



CONTEXTO



Vídeoprova Enem 2019, questão 72, Caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias.



Fonte: Charge da revista *O Malho*, de 29 de outubro de 1904 (foto: Leonidas/Acervo Floacruz).

Disponível em: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/revoltadavacina>. Acesso em jun/23.

Para um ilustração do nosso verbete, escolhemos o termo e o sinal-termo para *Revolta da Vacina*. Do lado esquerdo da figura 113, podemos observar que o verbete possui: i) **uma questão do Enem**, onde encontramos o uso do termo em português escrito; ii) **a mesma questão em Libras**, onde encontramos o uso do sinal-termo, abaixo da questão em português.

Na parte central do verbete, encontramos: iii) o **sinal-termo**; iv) o **termo em português**, abaixo do sinal-termo; v) o **sinal-termo escrito**; e, por fim, vi) uma **ilustração** que remete ao sinal-termo.

Por último, à esquerda, encontramos outros campos do verbete como: vii) a **definição em Libras**; viii) a **variante**; ix) o **sinônimo**; e x) a **nota**. Lembramos que esses três últimos campos não são obrigatórios, pois nem todos os sinais-termo possuem as categorias *variante* e *sinônimo*, ou necessitam de informações complementares que devem ser acrescentadas na *nota*. A seguir, na figura 114, apresentamos as informações do vertebete em Libras.

Figura 115 – Campos do verbete do glossário CHTLibras em Libras

The image shows a screenshot of a glossary entry for "Revolta da Vacina" in Libras. The entry is divided into several sections: "SINAL-TERMO" (Signal-Term), "DEFINIÇÃO" (Definition), "CONTEXTO" (Context), and a historical illustration. Red boxes highlight specific areas, and red arrows point from these areas to external boxes containing sign language icons.

SINAL-TERMO: A video showing a sign language interpreter. A red box highlights this video, with an arrow pointing to a box containing a sign language icon.

DEFINIÇÃO: A video showing a sign language interpreter. A red box highlights this video, with an arrow pointing to a box containing a sign language icon.

CONTEXTO: A video showing a sign language interpreter. A red box highlights this video, with an arrow pointing to a box containing a sign language icon.

Textual Content:

Revolta da Vacina

Questão 72

A **Revolta da Vacina** (1904) mostrou claramente o aspecto defensivo, desorganizado, fragmentado da ação popular. Não se negava o Estado, não se reivindicava participação nas decisões políticas; defendiam-se valores e direitos considerados acima da intervenção do Estado.

CARVALHO, J. M. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987 (adaptado).

A mobilização analisada representou um alerta, na medida em que a ação popular questionava

A a alta de preços.
B a política clientelista.
C as reformas urbanas.
D o arbítrio governamental.
E as práticas eleitorais.

Fonte: ENEM 2019 - Caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias - 1º dia - Ampliada (Macrotopo 18), p. 35.

Enem em Libras 2019 | Questão 72 | Prova de Enem

Vídeoprova Enem 2019, questão 72. Caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias.

Charge da revista O Malho, de 29 de outubro de 1904 (fot: Leonidas/Acrivo Florruz).

Felten (2023)

É no verbete que podemos verificar as informações em Libras e, ao lado, os exemplos em língua portuguesa, permitindo o entendimento da organização do exame. Para o consulente ter oportunidade de saber como funciona o Enem, pensamos numa microestrutura que permita observar o termo e o sinal-termo em funcionamento.

Como todos os termos e sinais-termos foram retirados das provas e das vídeo-provas, faz sentido pensar numa microestrutura que mostre não somente o significado do sinal-termo, mas o apresente contextualizado.

Para esta tese, organizamos **13** protótipos de verbetes do nosso glossário. Os *links* dos verbetes são os que seguem:

Colonização Portuguesa na América:

<https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/coloniza%C3%A7%C3%A3oportuguesanaamerica>

Comércio Marítimo: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/comerciomaritimo>

Constituição de 1824:

<https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/constitui%C3%A7%C3%A3ode1824>

Criacionismo: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/criacionismo>

Democracia: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/democracia>

Desigualdade Social: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/desigualdadesocial>

Ditadura Militar: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/ditaduramilitar>

Energia Nuclear: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/energianuclear>

Liberalismo: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/liberalismo>

Peste Bubônica/Negra:

<https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/pestebub%C3%B4nicaounegra>

Quilombo ou Quilombola:

<https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/quilomboouquilombola>

Racionalismo Cartesiano:

<https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/racionalismocartesiano>

Revolta da Vacina: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras/revoltadavacina>

No nosso verbete, damos preferência à Libras. Apesar disso, é possível encontrar alguns elementos em português escrito, como a questão do exame e do correspondente. Isso faz do nosso glossário um material terminográfico semibilíngue. É preciso dizer, novamente, que este é apenas um protótipo do que será o nosso verbete.

Apresentamos aqui todo o percurso que foi possível ser trilhado para apresentar uma macro e microestrutura que esteja segundo os axiomas da Terminologia e

Terminografia de Libras e da TD-P. Tais princípios nos ajudaram a pensar numa macro e microestrutura que estejam adequadas aos alunos Surdos do Ensino Médio. Esclarecidas as questões que envolvem a estrutura do glossário proposto, apresentamos, na próxima seção, o resumo do bloco 3.

RESUMO DO BLOCO 3

Nesta terceira parte do trabalho, apresentamos a configuração geral de uma base teórico-metodológica para o enfoque da **DTS**. Nessas condições apresentadas, nossa pesquisa mostrou que é possível perceber, entre outras coisas, que a definição de termos de História ultrapassa os limites do *gênero próximo* e da *diferença específica*. Aliás, neste particular, vale mencionar que apenas o uso de eventuais categorias lógicas como um conjunto de segmentos da **significação dos sinais-termo** se revelariam difusas, heterogêneas até relativamente vazias e, em si mesmas, pouco funcionais do ponto de vista das necessidades do público Surdo consulente.

Além disso, a terceira parte do trabalho trouxe a consecução experimental da primeira etapa descritiva apontada pelo conjunto de princípios que conformam a base metodológica. Essa etapa, tal como defendemos, é a de reconhecimento, prévio à descrição dos enunciados, das condições que permitam acomodar os modalizadores que direcionam o conteúdo da linguagem da terminologia científica em Libras, aqui representada pela História.

A inclusão da ideia de considerar a observação do papel dos modalizadores **SIGNIFICA O QUE?, PARA QUE?, POR QUE?, COMO?, PASSADO COMO?, AGORA COMO?, PASSADO IMPORTANTE POR QUE?, COMEÇO QUANDO?, COMO COMEÇAR?, FIM QUANDO?, POR QUE ESPALHAR?, COMO COMEÇAR?, EDUCAÇÃO COMO?, GÊNERO COMO? e RACIAL COMO?** integrando a descrição do enunciado. Conforme argumentamos, os modalizadores têm função de constatar o que é produtor, para a descrição e análise linguística dos enunciados definitórios em Libras. São os modalizadores que organizam o conteúdo científico, isto é, o “como se diz” numa DTS. Reiteramos que insistir numa separação estrita entre qualquer linguagem científica, suas terminologias e a própria ciência envolvida se torna pouco produtor em termos de adequação do conteúdo definitório.

Além disso, apoia-se a metodologia proposta sobre uma concepção mais ampliada da *linguagem* e da *linguagem científica*, vistas como meios comunicacionais que se completam. Vimos que a participação do público-alvo é uma estratégia que oferece apropriação e interferência sobre o enunciado definitório. Isso indica que a DTS é construída a partir da visão do sujeito enunciativo de forma individual e coletiva. Individual, porque há contribuições e percepções particulares sobre determinado sinal-

termo. Ao mesmo tempo é coletiva, pois há trocas de conhecimento sobre o conteúdo científico entre os Surdos em contexto de aula.

Nesta parte da pesquisa, ratificamos que a DTS deve ser compreendida como um dos significados possíveis do sinal-termo e que a totalidade microestrutural do verbete pode ser tratada como dotada de valor definitório, abandonando-se aquelas linhas divisórias fixas, do *gênero próximo* e da *diferença específica*. Embora acreditemos que tenham um papel relevante na elaboração das paráfrases definitórias, apenas o seu uso não encerra as necessidades do consulente, da linguagem científica e da língua de sinais.

Conforme afirmamos, os enfoques oferecidos ao tratamento da **DTS**, observam-se três direções básicas na sua descrição: a primeira é vinculada à observação do *gênero próximo* e *diferença específica*; a segunda, reelabora a definição em termos de proposições de modalizadores, com categorias fixas, que correspondem às características do conceito que a definição arrola; e, por último, há um terceiro movimento que trabalha essas mesmas categorias numa perspectiva da linguagem acessível em conformidade com a participação do público-alvo em sua elaboração.

À luz dos estudos iniciais de Finatto (2001), válidos para o português escrito, ampliamos para a Libras alguns princípios básicos. Princípios que julgamos bons orientadores de uma metodologia descritiva e analítica para a **DTS**. Esses princípios, inicialmente, foram os seguintes:

- a) a concepção da **DTS** como um objeto linguístico, como um tipo de texto sinalizado, na ambiência de uma linguagem e de um discurso científico e com eles relacionados;
- b) que o enunciado definitório exerce a função de significar e comunicar, acomodando o conteúdo científico ao sinal-termo e o relacionando ao contexto comunicativo.
- c) que a **DTS** é uma estrutura textual articulada em duas dimensões, da significância dos signos-sinais que a integram e na dimensão da significância da enunciação, compreendida pelos modos ou escolhas de apresentação do enunciado por um sujeito-enunciador, isto é, os Surdos, que participam da sua elaboração.
- d) que a linguagem científica que fundamenta e envolve os princípios anteriores, exerce influência no perfil da linguagem

utilizada na constituição do enunciado definitório em Libras.

Além disso, vimos que o referencial enunciativo definitório, a partir do qual apreciamos as manifestações da ciência envolvida, do sujeito Surdo individual e coletivo e do terminógrafo/cientista, realmente oferece condições para uma “leitura” atenta da definição. Uma leitura sem a intervenção tão acentuada de aparatos lógicos claramente recortados — que é nossa ideia básica desde o início da investigação.

Por fim, conforme vimos nesta parte do trabalho, o reconhecimento do “como se diz” da linguagem da História, em Libras, também pode mostrar possíveis maneiras de integração dos sujeitos enunciadorees aos seus enunciados. Isso indica que há uma maior abrangência da linguagem científica, possibilitando a elaboração de uma DTS que seja mais ampla, e que comporte diferentes elementos enunciativos para tornar o texto mais compreensível, acessível e completo.

RETOMADA DAS QUESTÕES E HIPÓTESES DA PESQUISA

Até aqui apresentamos os resultados desta pesquisa de doutorado e tentamos inserir nossa proposta de uma DTS eficiente no cenário de um protótipo de glossário. Os resultados obtidos serviram para refinar nossas hipóteses iniciais. Isso nos ajudou a reavaliar a nossa Hipótese 1 que era:

Hipótese 1: A DT sinalizada eficiente, em Ciências Humanas, deve acomodar aspectos próprios da enunciação em Libras, como a recursividade e o detalhamento.

De acordo com os resultados, foi necessário fazer a reelaboração da mesma, detalhando-a da seguinte forma:

Hipótese 1: A DT sinalizada eficiente, em Ciências Humanas, apresenta aspectos estilísticos particulares em relação ao português brasileiro, como a recursividade e o detalhamento, o que aparece em definições espontâneas realizadas por pessoas surdas e deveria ser contemplado na DT.

Os resultados parecem ter confirmado que a DTS requer estrutura particulares para a sua elaboração. Além da recursividade e do detalhamento, a estrutura da definição em Libras está sujeita à narrativa histórica que constrói o conteúdo semântico do sinal-termo, como as relações existentes entre o passado e presente. O detalhamento das informações consideradas necessárias e suficientes seguem os aspectos que são provenientes do modelo instanciativo, sendo definições que possuem informações mais descritivas e com caráter mais dialógico, como o uso de perguntas e respostas para compor o texto definitório, aquelas utilizados por nós.

Além disso, observamos, por exemplo, a necessidade do ente definido compor a paráfrase definitória e o uso de perguntas retóricas. Isso reforça a hipótese do uso de aspectos que são próprios e recorrentes na enunciação em Libras. Assim, a hipótese é válida.

Revisemos, por sua vez, a hipótese 2, a seguir:

Hipótese 2: Além de recursividade e detalhamento, a DT sinalizada eficiente inclui elementos específicos da DT em línguas orais escritas.

Os dados levantados pela nossa pesquisa mostraram o uso da estrutura canônica com as categorias *gênero* e *diferença* nas DTS. O uso dessas categorias lógicas são herança da

estrutura da DT nas línguas orais escritas e funcionam como elementos norteadores para identificar as informações necessárias para a elaboração de uma DTS eficiente.

Os resultados mostraram a complexidade textual que algumas definições em Libras utilizam. Essa complexidade é constituída através do uso de hiperônimos e hipônimos utilizados na estrutura da DTS. Preocupados com essa complexidade, utilizamos um repertório de sinais mais conhecidos pelos estudantes com descrições, classificadores e perguntas. Esse repertório evita o uso de uma linguagem mais complexa e de difícil compreensão pelo consulente.

Isso reforça a nossa perspectiva de que a DTS deve ser elaborada por meio do uso de um repertório que esteja conforme o nível de escolaridade do público-alvo. Assim, num contexto de ensino-aprendizagem, as informações oferecidas na definição de um sinal-termo exigirão, portanto, uma preocupação por parte do terminógrafo (enunciador) em adequar a linguagem científica da História, tornando-a acessível aos Surdos do ensino médio (receptor).

Essa adequação foi possível ser feita por meio do estudo prévio da estrutura da DTS, verificando quais as ULS que serão utilizadas e quais as informações necessárias e suficientes que atenderão as necessidades, habilidades e dificuldades do público Surdo. Assim, segunda hipótese também é válida.

Tendo reavaliado nossas duas hipóteses, passamos agora às respostas obtidas para questões de pesquisa colocadas:

A) Quais informações necessárias e suficientes deve conter num texto/enunciado definitório de glossários de Ciências Humanas em Libras para uso em meio escolar?

Os estudos realizados até aqui nos dão indícios de que, em termos de conteúdo, a definição enciclopédica e de caráter instanciativo é a mais adequada. Como dissemos anteriormente, as informações que compõem o texto definitório vão se sujeitar ao contexto social, histórico e cultural associado a um sinal-termo. Nesse sentido, depende daquilo que o especialista do domínio científico, técnico ou tecnológico disser que é importante conter no texto definitório.

Aliado ao conhecimento do especialista e consultor técnico, a Matriz de Referência do Enem também traz orientações quanto ao conteúdo, habilidades e competências cobradas na prova. As questões do Enem trazem o sinal-termo contextualizados e inseridos no tempo histórico. Esses elementos, então, também precisam estar presentes.

Por fim, o terminólogo deve se preocupar, conforme mostramos na análise dos dados, com as informações que constroem a DTS de forma acessível e adequada. A metodologia criada por nós parece trazer boas e pertinentes respostas, dando conta de explicar como é possível elaborar uma DTS que seja acessível para o público-alvo. Conforme os dados que coletamos com os estudantes, será importante que a definição seja acompanhada de informação que, à primeira vista, poderiam ser consideradas "colaterais" em outra situação comunicativa.

B) Quais os elementos considerados linguísticos auxiliam na compreensão de uma DT em Libras?

A respeito dos elementos linguísticos que auxiliam na compreensão de uma DTS, os dados analisados nos ajudaram a verificar que a estrutura canônica por meio das categorias *gênero* e *diferença* são importantes na elaboração de uma DTS, mas não suficientes para a sua compreensão considerando apenas os modalizadores O QUE É? e PARA QUE SERVE?. Isso implica, o uso de hiperônimos e hipônimos associados com analogias, extensões e resoluções de problemas na paráfrase definitória.

Conforme vimos anteriormente, uma possibilidade expandida de configuração da nossa metodologia descritiva pode considerar, por exemplo, a observação do papel dos modalizadores **SIGNIFICA O QUE?, PARA QUE?, POR QUE?, COMO?, PASSADO COMO?, AGORA COMO?, PASSADO IMPORTANTE POR QUE?, COMEÇO QUANDO?, COMO COMEÇAR?, FIM QUANDO?, POR QUE ESPALHAR?, COMO COMEÇAR?, EDUCAÇÃO COMO?, GÊNERO COMO? e RACIAL COMO?** que complementam a *categoria diferença* específica e, uma vez que a DTS é, pelo menos em tese, um enunciado marcado por essas categorias (*gênero próximo* e *diferença específica*), isso poderia levar-nos a observar as condições e variedades desses modalizadores. O uso dos advérbios PASSADO (passado como?) e PRESENTE (agora como?) nos ajudam a responder a essa questão de pesquisa, no sentido de que o seu uso poderia ser expresso pelo sujeito enunciador como uma organização dos fatos historicamente marcados.

Outro elemento linguístico que segue os modalizadores, a fim de expandir essa ideia de um estudo futuro, na História, talvez fosse esperável encontrar na DTS outras categorias, tal como no segmento dos movimentos filosóficos e sociais. Isso quer dizer que conseguimos responder a essa questão e, além disso, a nossa proposta não para aqui,

mas deixa abertas várias lacunas para que pesquisas futuras possam responder às questões que não conseguimos, em tempo hábil, não foi possível resolver.

C) Qual o repertório lexical necessário para elaborar uma boa paráfrase definitiva em Libras?

Essa questão tem sido, até aqui, mais relevante da pesquisa. Isso porque propomos uma estrutura de DTS que seja adequada a alunos Surdos do Ensino Médio. Para isso, identificamos o melhor repertório lexical para suprir as necessidades, habilidades e dificuldades do consulente. Os dados coletados nas escolas deram indicadores importantes para definirmos esse repertório. Um deles é quanto a estrutura **X SIGNIFICA O QUE?**, além do uso do sinal EXEMPLO seguido da explicação do conceito, por exemplo.

Outra estratégia que nos ajudou a responder essa questão foi o processo de curadoria utilizado por nós a luz dos estudos de Estopà (2019). A partir dos dados e enunciados gerados pelos estudantes, com a nossa devida curadoria terminológica, foi a fonte de dados para formatar e apresentar as informações que serão dirigidas aos estudantes.

Assim, a partir do que sabem e expressam os estudantes, apostamos num método que traga maiores chances de elaborar uma DTS com um repertório lexical de sinais considerados mais compreensíveis e eficientes para o público-alvo. Dessa forma, esta questão de pesquisa, reformulada, se apresenta da seguinte forma: “**qual o repertório lexical necessário para elaborar uma boa paráfrase definitiva em *linguagem simples voltada para alunos Surdos do ensino médio?***” A resposta obtida, para ela, foi a seguinte:

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Colonização Portuguesa na América*:
<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOInigBVD4uSoDVUa3QxyMQkA5Oss2->
- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Comércio Marítimo*:
<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOInigBVD7XApXOZa-V6KPb0rqQmDUZ>
- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Constituição de 1824*:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD5Qps_gT3yqyh2vmquR0Uk4

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Criacionismo*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD597yRo5y3CnbANmN6e-UzB>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Democracia*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD6QEAJVTo9jjPxilqPP4cml>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Desigualdade Social*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD42Tz3WbivH47YwzDyVOPsL>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Ditadura Militar*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD5RcZs3dEHC-dBShiF8VKif>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Energia Nuclear*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD4AJBla2hMUuRUcHd6jVgxa>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Liberalismo*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD4kmRSD9MhiiwejUZrKtlgI>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Peste Bubônica/Negra*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD6CHndBRltV9kp4qRjf2myO>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Quilombo* ou *Quilombola*:

https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD691bu1_thJnGFIzb7kTmPp.

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Racionalismo Cartesiano*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD4Xh0tI7-9R-hTE1TXpmHA8>

- Repertório lexical considerado simples para o sinal-termo correspondente à *Revolta da Vacina*:

<https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOIinigBVD41b9CWctSAkxxsm89iG35K>.

D) Quais os elementos considerados extralinguísticos auxiliam na compreensão de uma DT em Libras?

Segundo os dados apresentados no capítulo 4, foram levantados questionamentos por parte dos colaboradores Surdos quanto aos elementos considerados extralinguísticos para a compreensão de uma DTS. A opinião entre os colaboradores diverge quanto ao seu uso. Alguns defendem o uso de imagens e de *SignWriting*, outros relatam que esses elementos atrapalham a compreensão. O fato é que o uso de tais componentes depende da natureza da obra, do público-alvo e da natureza do sinal-termo. Esses três condicionantes repercutem sobre o desenho e a adequação da macro e da microestrutura.

Por outro lado, outros elementos como a cor de fundo do vídeo e a da camisa do sinalizante parecem fazer toda diferença. Por isso, essa questão depende, sobretudo, da tipologia da obra e como será organizada. Além disso, os sinais-termo entrada estarão, na obra proposta por nós, em escrita de sinais.

E) A modalidade visoespacial da Libras interfere na produção de textos definitórios em glossários terminológicos?

Essa questão continua bastante pertinente para aquilo que já alcançamos com esta pesquisa. Os estudos empreendidos por esta tese parecem responder esse questionamento. Por meio dos dados sobre a DT em Libras, a modalidade linguística da língua é a que conduzirá toda a proposta de um modelo de DTS a qual almejamos. Embora sejam importantes, conforme já reiterado, não são suficientes, pois funcionam em obras lexicográficas em línguas orais escritas e precisam ser repensadas em Libras, como temos demonstrado e realizado até aqui.

Ao considerarmos o aspecto conceitual, no âmbito da História, observamos que há sinais-termo que tomam a forma de conceitos referentes a um **processo histórico** como *colonização* e *neocolonização*, e conceitos mais icônicos que dizem respeito a um **fato histórico**, como em *Revolta da Vacina*. Isso significa que, para a elaboração de uma DT, é fundamental considerar o caráter da área científica, técnica e tecnológica, as especificidades linguísticas da língua e a necessidade do público-alvo.

Em Libras, por outro lado, o uso apenas dessas categorias parece não se enquadrar de forma eficiente numa ciência de caráter subjetivo como a História. Isso significa que a categoria *diferença* deve ser ampliada com o uso dos modalizadores que trazem outras informações de cunho enciclopédico e gramatical para alcançar as especificidades da língua e contemplar o público-alvo. Isso quer dizer que conseguimos responder a essa questão e, além disso, a nossa proposta não se encerra aqui, mas deixa abertas várias lacunas para que pesquisas futuras possam responder às questões que não conseguimos, em tempo hábil, não foi possível resolver.

F) Qual a melhor estrutura de verbete/microestrutura para um glossário didático-pedagógico semibilíngue Libras-Português para estudantes Surdos do Ensino Médio?

Essa questão continua pertinente e a resposta ainda em aberto. O que alcançamos, em termos de respostas, são possíveis estruturas de verbete para aquilo que propomos. No capítulo 10, apresentamos um modelo de microestrutura que deve acomodar informações terminológicas para estudantes Surdos do Ensino Médio. Mas isso não significa que ela está pronta. Ao contrário, a estrutura do verbete está em constante revisão, buscando a melhor disposição dos seus elementos para atender às necessidades do público-consulente. Há ainda uma necessária etapa de testagem do uso do glossário que desenhamos, o que não coube nesta tese.

Perspectivas

Este trabalho parte do pressuposto que é viável e necessário o oferecimento de glossários semibilíngues didático-pedagógicos de sinais-termo de Ciências Humanas. Com tal entendimento, foi realizado um estudo sobre a identificação de um modelo ou estrutura de DTS que seja compatível com as Ciências Humanas, mais especificamente da História, e que possa ser de fácil compreensão pelo usuário. Um protótipo desse glossário pode ser conferido no capítulo 10 desta tese.

Para que o modelo do glossário fosse pensado, empregamos novas tecnologias para que o conteúdo produzido se apresentasse acessível ao público-alvo, porque está melhor relacionada à peculiaridade da língua, ou seja, a perspectiva visual. Em outro momento (Felten, 2016), já havia esclarecido que muitos materiais que levam a denominação “dicionário” de Libras apresentam método apenas escrito, em Português, com descrição imagística do que é um sinal em Libras. Por isso, os recursos tecnológicos são significativos aliados na didática visual, o que é imprescindível na língua de sinais.

Para dar continuidade ao material proposto, em protótipo por esta tese, pretendemos criar, no nosso retorno ao trabalho na UnB, ao final de 2023, um grupo de estudos terminológicos em Ciências Humanas, para que a base desse glossário seja alimentada periodicamente. Com tal grupo, queremos ampliar os sinais-termo que serão coletados das provas e vídeo-provas do Enem aplicadas depois de 2019. Entendemos que esses *corpora* reunidos são importantes, oferecendo um campo fértil de terminologias sinalizadas e rico conteúdo textual em Libras e em Português.

O nosso glossário proposto mesmo em “rascunho” já está disponibilizado em *site* eletrônico de nossa propriedade, o qual estará acessível para aqueles que se interessarem em consultar os sinais-termo das Ciências Humanas, como via de socialização do conhecimento produzido. O *site* pode ser acessado por meio do *link*: <https://chtlibras.wixsite.com/chtlibras>. Atualmente, estão disponíveis apenas os **13** verbetes que contêm as informações terminológicas dos seguintes termos e seus correspondentes em Libras: *Colonização Portuguesa na América, Comércio Marítimo, Constituição de 1824, Criacionismo, Democracia, Desigualdade Social, Ditadura Militar, Energia Nuclear, Liberalismo, Peste Bubônica/Negra, Quilombo ou Quilombola, Racionalismo Cartesiano e Revolta da Vacina*.

A lista desses, e de outros sinais-termo coletados, podem ser conferidas por meio do *link*: https://www.youtube.com/playlist?list=PLIwOInigBVD7pP-46Rszh_63iIzIV23Y7. Esses sinais-termo, que totalizam 13, são aqueles que foram utilizados nas atividades didáticas com os estudantes e já têm insumos da nossa coleta de dados, conforme apresentamos no capítulo 7.

Também a perspectiva da macroestrutura planejada para o protótipo ainda precisa ser melhorada, especialmente no que tange a partes introdutórias, sistema de remissivas, entre outros elementos do todo da obra desenhada.

Síntese dos resultados alcançados nesta tese

A seguir, apresento os resultados consolidados e relacionados às etapas de trabalho desta pesquisa:

- i) Identifiquei e aponte as vantagens e limites dos modelos de DT em glossários de Libras propostos em teses e dissertações de diferentes domínios do conhecimento científico, técnico e tecnológico (**Capítulo 1, seção 1; Capítulo 2, seção 2.3.3; Capítulo 3, seção 3.1**);
- ii) A partir das vantagens e limites dos modelos de DT em terminografia de Libras foi possível indicar um caminho para a descrição e análise crítica da DTS (**Capítulo 3, seção 3.1**);
- iii) Descrevi os passos metodológicos para análise e descrição da DTS (**Capítulo 4, seções 4.1 e 4.2**);
- iv) Coletei as terminologias usadas nos cadernos de questões de Ciências Humanas e suas Tecnologias do Enem aplicados nas edições de vídeo provas de 2017, 2018 e 2019 (**Capítulo 5, seção 5.2.1**);
- v) Coletei sinais-termo correspondentes aos termos coletados em IV (**Capítulo 5, seção 5.2.2**);
- vi) Organizei os termos e sinais-termo selecionados em VI e V em uma árvore de domínio para sistematização do *corpus* da pesquisa (**Capítulo 6, seções 6.2.2 e 6.2.3**);
- vii) Selecionei um conjunto representativo de sinais-termo, em amostra, para abordagem didática e para coleta de dados direta com estudantes Surdos do Ensino Médio (**Capítulo 7**);
- viii) Desenvolvi e apliquei um questionário que sirva para coletar os enunciados definitórios espontâneos produzidos por esses alunos Surdos, em sala de aula, associados à amostra de termos e conceitos selecionados (**Capítulo 7, seções 7.3.1.9 e 7.3.2.7**);
- ix) Sistematizei e somaei - em curadoria terminológica - os resultados das coletas de dados com os estudantes Surdos frente às necessidades da obra e de sua utilização como material didático de apoio (**Capítulo 9, seções 9.2.1; 9.2.2; e 9.2.5**);
- x) Desenhei e propus um modelo analítico-descritivo de enunciado definitório que seja mais adequado à Libras, no contexto escolar verificado, para a área de Ciências Humanas por meio das semelhanças e diferenças dos enunciados

terminológicos em glossários bilíngues e semibilíngues Português-Libras, e monolíngues-Libras (**Capítulo 9, seções 9.3; e 9.4**);

- xi) Registrei, em um protótipo de glossário *on-line*, os sinais-termos coletados e respectivos verbetes, conforme organizados em vi (**Capítulo 10**);
- xii) Participei do curso *on-line*, o Texto Fácil, que está disponível na Plataforma Lúmia UFRGS (ed. 2023), que se acessa em: <https://lumina.ufrgs.br/course/view.php?id=260>.
- xiii) Apresentei trabalhos em eventos acadêmicos, publiquei artigos em periódicos e um capítulo de livro com temas associados à Libras, à identificação de vocabuário de Libras e à DTS (ver em Felten, 2022⁸⁵).

⁸⁵ Disponível em:

https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35193/1/eClasse_Acessibilidade_Textual.pdf.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese visou contribuir para os estudos terminológicos da Libras através da identificação de uma estrutura de DTS que possa ser apresentada em um formato de Linguagem Simples e que permita fácil entendimento. O nosso formato de DTS, que trata de temas de História no cenário do Ensino Médio e das provas do Enem e é posto à prova em um protótipo de glossário, tem o diferencial de aproveitar, justamente, como insumo o repertório vocabular e expressivo de um grupo de estudantes Surdos do Ensino Médio.

Além de facilitar o entendimento de conceitos e de terminologias que integram as videoprovas do Enem, nosso trabalho buscou bases para auxiliar o preparo desses estudantes Surdos para o Enem. Idealmente, queremos também conseguir mobilizar o estudante para querer aprender mais.

Para mais, esta investigação revela facetas do trabalho complexo que envolve a prática definitiva e os percursos traçados até o momento no cenário de pesquisa acadêmica sobre as terminologias de Libras e a produção dicionarística associada. Com os dados apresentados, juntamos evidências que apontam para um modelo de DTS que se pretende eficiente para os consulentes Surdos do Ensino Médio que se preparam para o Enem.

Os dados apresentados podem contribuir com quem se interesse pela promoção da acessibilidade linguística – textual e terminológica - voltada para Surdos brasileiros. As contribuições aqui encontradas associam-se a tantas outras pesquisas em Terminografia e Terminologia que buscam tornar o conhecimento científico, técnico ou tecnológico mais democrático. E isso pode ser feito também por meio de bons glossários terminológicos de Libras. Nesse caminho, é necessário que esses materiais terminográficos possam beneficiar-se de um modelo ou de um padrão de DTS eficiente, apresentado em uma linguagem acessível e reconhecível pelo destinatário.

Consideramos que a apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos se dá, também, por meio do uso dos sinais-termo ao longo da escolarização. Essas terminologias são encontradas em textos que podem apresentar pontos de complexidade textual. Conseqüentemente, o estudo, organização e criação de glossários em Libras podem ser ferramentas facilitadoras na aquisição desses conhecimentos. Deste modo, um modelo de DTS que seja eficiente e compatível com o nível de escolarização do usuário pode potencializar aprendizados.

Conforme vimos ao longo dos capítulos desta tese, é importante que o terminógrafo, ao pensar numa estrutura de definição, e mesmo ao pensar no todo de uma obra de caráter paradigmático, deve considerar os insumos dos usuários a que o trabalho se destinará. A partir das experiências e resultados trazidos até o momento, defendemos, portanto, que um glossário ou dicionário traga também a perspectiva dos seus utilizadores. Esse insumo do “olhar” do usuário da obra sobre termos e conceitos, levado para dentro dela é uma ideia original de Rosa Estopà, que buscamos adaptar para o nosso cenário de riquezas e dificuldades. Esse insumo, com a devida curadoria do terminólogo de Libras, mostrou como os estudantes mesmos conceitualizam e expressam conteúdos especializados em uma dada área de conhecimento. Assim, o produto final poderá melhor harmonizar-se com suas necessidades e entendimentos, tornando-se mais reconhecível e compreensível por seu destinatário. **Como defendemos, não basta que uma definição terminológica esteja em Libras; é fundamental que ela esteja apresentada com um repertório vocabular e expressivo reconhecível, concretizando-se em linguagem simples.**

Dessa maneira, esta pesquisa é apenas mais uma contribuição para os estudos em Terminologia e Terminografia de línguas de sinais. Os dados apresentados nesta tese apontam um caminho promissor. Assim, continuaremos a desenvolver o estudo e os potenciais de compreensão da DT na Libras. Tendo como um pano de fundo as ciências consideradas Humanas, buscamos as melhores alternativas para oferecer conhecimento histórico para Surdos no Brasil.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

11.1. Leis, Decretos e Portaria

BRASIL. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República.

_____. **Lei 10.436**, de 24 abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outras providências. Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

_____. **Decreto 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

_____. **Lei Nº 11.096**. Brasília, 13 de janeiro de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

_____. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica**. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. **PNEE: Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida/ Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação – Brasília; MEC. SEMESP. 2020.**

_____. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2019.

_____. **Lei 13.146**, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 6 de julho de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

INEP. Ministério da Educação. **Matriz de Referência Enem**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf. Acesso em nov./2022.

SECADI. Relatório do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº1.060/2013 e nº91/2013, contendo subsídios para a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa. Ministério da Educação-MEC, 2014.

SEEDF. Currículo em movimento da Educação Básica: Ensino Médio. 2014.

SEDF. Portaria Nº 477, de dezembro de 2020, p. 25.

11.2. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia

AUBERT, F. H. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngüe**. São Paulo: Humanitas, 1996.

BALESTERO, M. de S.; ALMEIDA, G. M. de B.; PIEROZZI JUNIOR, I. Quando o especialista de domínio e as novas tecnologias entram em cena: impactos na definição terminológica. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 1-27, jan./jul. 2019.

BARROS, L. A. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

BEVILACQUA, C. R.; FINATTO, M. J. B. **Lexicografia e Terminografia**: alguns contrapontos fundamentais. *Revista Alfa*, São Paulo, 50 (2): pp. 43-54, 2006.

BEVILACQUA, C. R.; KILIAN, C. K. Tradução e Terminologia: relações necessárias e a formação do tradutor. **Domínios de Lingu@gem**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. 1707–1726, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37409>. Acesso em: ago. 2022.

BESSÉ, B. *Terminological Definitions*. In: *Handbook of Terminology Management: Basic Aspects of Terminology Management*. Vol. I. Ellen Wright, Gerhard Budi (Orgs.). Amsterdam/Philadélfia: John Benjamins B.V., 1997. P. 63-74.

BINON, J.; VERLINDE, S. *Lexicographie pédagogique. Des principes théoriques à la pratique. Congrès Enseignement du lexique et des terminologies : corpus, stratégies et méthodes, Journées d'étude, Liège*, v. 43, n. 22, pp. 87-100, 2008.

BOJANOSKI, S. de F. **Terminologia em conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas: 2018. pp. 292.

BUGUEÑO MIRANDA, F. **A definição do perfil de usuário e a função da obra lexicográfica em um dicionário de aprendizes**. *Expressão – Revista do Centro de Artes e Letras*. Santa Maria: UFSM, vol. 2. jul/dez., 2007a.

_____. **Da classificação de obras lexicográficas e seus problemas**: proposta de uma taxonomia. *Revista Alfa*, São Paulo, 58. p. 215-231, 2014.

CABRÉ, M. T. *Éléments pour une théorie de la terminologie*. TIA'97, II RECONTRES TERMINOLOGIE ET INTELLIGENCE ARTIFICIELLE. Université Toulouse-le Mirail, 3-4 avril, 1997. Actas.. Inedito.

_____. *Terminology: theory, methods and applications*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998.

_____. *La terminología: representación y comunicación*. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona, Universitat Pompeu Fabra, Institut Universitari de Lingüística Aplicada, (1999/2005).

CASTILLO, R. A. *Cómo hacer un diccionario científico técnico?* Buenos Aires: Editorial Memphis, 1997.

COUTO, S. L. de. **A Definição terminológica**: problemas teóricos e práticos encontrados na construção de um glossário no domínio da Corrosão. Dissertação de Mestrado em

Terminologia e Tradução, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

CREMONESE, L. E. **Bases epistemológicas para a elaboração de um dicionário de Linguística da Enunciação**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PPGLetras, 2007.

DUBUC, R.; LAURISTON, A. Terms and Contexts. **In:** Handbook of Terminology Management: Basic Aspects of Terminology Management. Vol. I. Ellen Wright, Gerhard Budi (Orgs.). Amsterdam/Philadélfia: John Benjamins B.V., 1997. p. 80-88.

ESTOPÀ, R. *Lexicografía especializada escolar: construyendo definiciones a partir de un corpus de definiciones escolares deconstruidas*. En Sanmartín Sáez, Julia and Quilis Merín, Mercedes (eds.). *In: Retos y avances en lexicografía: los diccionarios del español en el eje de la variación lingüística*. Valencia: Asociación Española de Estudios Lexicográficos, 2019, p. 233-246.

FADANELLI, S. B. **Terminografia Didático-Pedagógica: Metodologia para elaboração de recursos voltados ao Ensino de Inglês para fins específicos**. Tese (doutorado). PPGLetras-UFRGS, 2017.

FAULSTICH, E. Rede de remissivas em um glossário técnico. **In:** MACIEL, A. M. B. (org.) Cadernos do Instituto de Letras. n.10, Porto Alegre, UFRGS, jul. 1993, p. 9198. 1993.

_____. Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação. Brasília: Centro Lexterm, 1995. p. 31.

_____. **Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista**. *Tradterm*, 7, 2001, p. 11-40.

_____. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. **In:** FAULSTICH, Enilde; ABREU, Sabrina Pereira. (Orgs.). *Linguística aplicada à terminologia e à lexicografia: cooperação internacional: Brasil e Canadá*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, NEC, 2003. p. 11-32.

_____. Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob a perspectiva de dicionários na área da surdez. **In:** *Bilingüismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. SALLES, H. M. (Org.). Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

_____. Para gostar de ler um dicionário. **In:** *Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas*. Conceição de Maria de Araújo Ramos; José de Ribamar Mendes Bezerra; Maria de Fátima Sopas Rocha. São Luiz: EDUFMA, 2010. p. 166-185.

_____. Glossário sistêmico de léxico terminológico para pesquisadores surdos. Brasília, Centro Lexterm, 2012. Em elaboração.

_____. Características DO QUE É e PARA QUE SERVE nas definições de terminologias científica e técnica. **In:** *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. VII. Aparecida Negri Isquerdo; Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (Orgs.). Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. p. 377 – 393.

_____. Especificidades semânticas e lexicais: a criação de sinais-termo na Língua

Brasileira de Sinais. In: Entre Libras e o Português: desafios face ao bilinguismo. Jorge Bidarra, Tânia Aparecida Martins e Marcia Sipavicius Seide (Org.). Cascavel, PR: EDUNIOSTE; Londrina: EDUEL, 2016.

FAULSTICH, E. VILARINHO, M. de O. Lexicografia bilíngue: versatilidade e complexidade. In: Estudos do Léxico em contextos bilíngues. Odair Luiz Nadin; Cláudia Zavaglia (Orgs.). Campinas-SP: Mercado de Letras, 2016. p. 13-36.

FELTEN, E. F.; FAULSTICH, E. L. O signo linguístico e as imagens históricas: a criação de sinais-termo na LSB. In: Interculturalidade e patrimônio em contextos latinoamericanos. LABORDE, E. L.; UNTERNBÄUMEN, E. H.; NAVES, R. R. (Orgs.). Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

FELBER, H. *Terminology Manual*. Paris: Unesco, Infoterm, 1984.

FINATTO, M. J. B. **Elementos lexicográficos e Enciclopédicos na Definição Terminológica**: questões de partida. Organon, Porto Alegre, nº 26, 1998.

_____. A Definição Terminológica do Dicionário Termisul: expressões linguísticas de relações conceituais complexas. In: As Ciências do Léxico: Lexicografia, Lexicologia e Terminologia. OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a. p. 211-223.

_____. **Definição terminológica**: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGLetras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, 2001b.

_____. O papel da definição de termos técnico-científicos. Revista da ABRALIN, vol. 1, no 1, p. 73-97, julho 2002.

_____. **A definição de termos tecnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia**. Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v.11, n.1, p.197-222, jan./jun. 2003.

_____. **Complexidade Textual em artigos científicos: contribuições para o estudo do texto científico em português**. Organon. V. 5, n. 50, 2011.

FINATTO, M. J.; MOTTA, E. Terminologia e Acessibilidade: novas demandas e frentes de pesquisa. GTLex. Uberlândia. v. 2. n. 2. Jan/Jun. 2017.

FINATTO, M. J; PARAGUASSU, L. **Acessibilidade textual e terminológica** [recurso eletrônico]. Uberlândia: EDUFU, 2022.

FINATTO, M. J. B.; TCACENCO, L. M. . (2021). Tradução intralinguística, estratégias de equivalência e acessibilidade textual e terminológica. *Tradterm*, 37(1), 30-63. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v37p30-63>.

FLORES, V. do N. **Dicionário de linguística da enunciação**. Valdir do Nascimento [et. al.] (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2022.

FROMM, G. A construção e análise de corpora para alimentação de um banco de dados terminográfico: um exemplo. **Domínios de Lingu@gem**, v. 2, n. 1, 31 jan. 2008.

KAGEURA, K. **The Quantitative Analysis of the Dynamics and Structure of Terminologies**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2012.

KARSCH, B. I. *Terminology work and crowdsourcing: coming to terms with the crowd*. In: *Handbook of Terminology*. (Orgs.) Hendrik J. Kockaert; Frieda Steurs. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia, 2014. p. 292 – 303.

KRIEGER, M. da G. Por que Lexicografia e Terminologia: relações textuais? In: VIII Encontro do CELSUL, 2008, Porto Alegre. Anais do VIII Encontro do CELSUL. Porto Alegre: CELSUL, 2008. Disponível em: http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/lexicografia_e_terminologia.pdf.

KRIEGER, M. Da G. *et al.* **Dicionário de Direito Ambiental**. Terminologias das Leis do Meio Ambiente. Lexicon: Rio de Janeiro, 2008.

_____. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia. Aparecida Negri Isquerdo e Maria José Bocorny Finatto (Org.). Campo Grande, MS: Ed. UFSM; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

_____. Termos técnico-científicos em minidicionários: problemas de inclusão e de definição. In: CARVALHO, Orlene Lúcia de Sabóia; BAGNO, Marcos (Orgs). Dicionários escolares: políticas, formas & usos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 7385.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2018.

KRIEGER, M. G.; WELKER, H. A.. Questões de lexicografia pedagógica. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

KRIEGER, M. da G.; MÜLLER, A. F. **Lexicografia Pedagógica**: uma proposição prática exemplificada. Domínios de Linguagem, Uberlândia, v. 12, n. 4, p. 1950–1972, 2019. DOI: 10.14393/DL36-v12n4a2018-3. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41574>. Acesso em: 14 set. 2023.

LARIVIÈRE, L. *Comment formuler une définition terminologique*. In: *Meta*, Vol. XLI, n.º3. Québec: Les Presses de l'Université de Montréal, 1996. 405-418.

L'HOMME, M. C. *La Terminologie: principes e techniques*. Les Presse de l'Université de Montréal: Canadá, 2004.

LOGUERCIO, S. D. **O uso de dicionários bilíngues por alunos de Francês Instrumental**. Horizontes de Linguística Aplicada, ano 6, n.º 2, pp. 199-219, 2007.

_____. (2015). **Por um dicionário bilíngue pedagógico para a leitura em língua estrangeira**. Tradterm, 26, 345-375. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v26i0p345-375>

HOFFMANN, L. *Fachtexte und Fachtextsorten*. Leipzig: 1990. (BSF. *Berichte der Sextion Fremdsprachen*, 5).

_____. *Llenguatges d'especialitat. Selecció de textos*. BRUMME, J. (Org.). Barcelona: IULA/UPF, 1998.

_____. Conceitos básicos da Linguística de Linguagens Especializadas. Trad. Maria José B. Finatto. **In:** Textos e Termos por Lothar Hoffmann: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas. Org.: Maria José B. Finatto e Leonardo Zilio. Porto Alegre: Palotti, 2015.

ISO - **International Organisation for standardisation**. ISO 704. Principles and Methods of Terminology. Genève: ISO, 1987.

ISO - **1087 Terminology – Vocabulary**, 1990.

ISO - **International Organisation for standardisation**. ISO/DIS 1087 - 1.2 Terminology work - *Vocabidary*. Geneve: ISO, 1999.

JACKSON, H. *Lexicography*. Routledge: USA/Canada, 2002.

PEARSON, J. *Terms in context*. Amsterdam/Philadélphia: John Benjamins B.V., 1998.

REY, A. *Essays on Terminology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. *La terminologie. Noms et notions*. Paris: Universitaires de France, 1992.

SAGER, J. C. *A Pratical course in terminology processing*. Philadelphia: Jhon Benjamins, 1990. 254p.

_____. *Essays on Definition*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

SCHIERHOLZ, S.J. 2012. Lexicografia de especialidade e terminografia. Cadernos de Tradução: Corpus, Corpora e Dicionários, 30:51-71.

RONDEAU, G. *Introduction à la Terminologie*. Québec: Gaétan Morin éditeur, 1984.

TARP, S. Desafíos teóricos y prácticos de la lexicografía de aprendizaje. In: BEVILACQUA, C. et al.. **Lexicografia pedagógica: pesquisas e perspectivas**. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008: 46-72.

TEMMERMAN, R. *Towards New Ways of Terminology Description*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.

VILARINHO, M. M. O. **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa**. Tese (doutorado). Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas, 2013.

WÜSTER, E. *Introducción a la teoría de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Barcelona: Barcelona: IULA/UPF, 1998. 203 p. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia de Libras.

YAMAMOTO, M I. **VoBLing**: vocabulário bilíngue de linguística, português-inglês, direcionado por corpus. 2020. 214 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2020.682>].

11.3. **Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia de Libras**

ABATI, F. R. **Proposta de glossário bilíngue**: terminologia dos procedimentos de tradução em Língua de Sinais Brasileira. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Universidade de Brasília-UnB, 2018.

ANDRADE, B. L. L. de. **Estudo Terminológico em Língua de Sinais**: Glossário multilíngue na área de nutrição e alimentação. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2019. 373 p.

ALFAIA, A. C. **O Tradutor Intérprete de Libras/Português (TILSP) como pesquisador orgânico da Terminologia**: proposta de glossário de sinais-termo da Economia. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2019.

ATAYDE, S. T. S. de. **O uso da Libras na Matemática do Ensino Fundamental**. (Dissertação). Programa de Pós-graduação em Matemática em Rede Nacional: Catalão-GO, 2019. 189 pp.

D'AZEVEDO, R. P. **Terminologia da Matemática em Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário bilíngue Libras-Português. (Dissertação). Mestrado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística: Universidade de Brasília-UnB, 2019.

DOUETTES, B. A Tradução na Criação de Sinais-Termos Religiosos em Libras e Uma Proposta para Organização de Glossário Terminológico Semibilíngue. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós- graduação em Estudos da Tradução.

FELTEN, E. F. **Glossário sistêmico bilíngue Português-Libras de termos da história do Brasil**. 2016. 167 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

_____. Obras lexicográficas em língua de sinais com base em percursos Semasiológicos e Onomasiológicos. **In**: Dossiê Léxico, Terminologia e Políticas Linguísticas. V. 7, n. Sup. 2, 2020.

_____. **Sinais-termo correspondentes a território nas provas do Enem**: a busca pela lematização em glossário semibilíngue didático-pedagógico. Revista GTLex, Uberlândia, vol. 7, 2021.

_____. Acessibilidade linguística para a pessoa surda e dicionários especializados: novas possibilidades no domínio das Ciências Humanas. **In**: Acessibilidade textual e terminológica [recurso eletrônico] / Maria José Bocorny Finatto e Liana Braga Paraguassu (Organizadoras) -- Uberlândia : EDUFU, 2022. pp. 160 – 189.

FELTEN, E., & FINATTO, M. J. B. (2021). **A Definição Terminológica em Libras:** Rumos e Frentes de Pesquisa. *Porto Das Letras*, 6(6), 123-151. Recuperado de <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11441>.

FRIEDRICH, M. A. **Glossário em Libras:** uma Proposta de Terminologia Pedagógica (Português-Libras) no Curso de Administração da UFPel. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas – PPGL/UFPel: Pelotas-RS, 2019. 262 pp.

ILES, B.; OLIVEIRA, T. M. de.; SANTOS, R. M. dos.; LEMOS, J. R. **Manual de libras para ciências: a célula e o corpo humano.** Teresina: EDUFPI, 2019.

LEMOS, A. M. **Fraseologismo em língua de sinais e tradução:** uma discussão necessária. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1173-1196, 2014.

MARQUES, M. da C. **A dicionarização de termos da Apicultura em Libras.** (Dissertação). Programa de Pós-Graduação em Sistemas Agroindustriais da Universidade do Federal de Campina Grande – UFCG, 2018. 96 p.

MARTINS, F. C. **Terminologia em Libras:** coleta e registro dos sinais-termo da área de Psicologia. (Tese) Tese de doutorado desenvolvida pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística: Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, 2018. 613 pp.

NASCIMENTO, C. **Terminografia em Língua de Sinais Brasileira:** Proposta de Glossário Ilustrado Semibilíngue do Meio Ambiente, em Mídia Digital. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística. 2016.

OLIVEIRA, J. S. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário letras-libras.** 2015. 425f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

PONTARA, A. B. **Desenvolvimento de sinais em Libras para o ensino de Química orgânica: um estudo de caso de uma escola de Linhares/ES.** (Dissertação) Mestrado em Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica: Universidade Federal do Espírito Santo, 2017.

RODRIGUES CARDOSO, V. **Terminografia da Língua Brasileira de Sinais:** glossário de Nutrição. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Universidade de Brasília, 2017. 132 p.

PROMETI, D. Glossário bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: criação de sinais dos termos da música. Dissertação. PPGL – UnB: 2013.

ROSA, C. A. **História em libras:** pré-história à idade média. – Manaus: Editora Educação Amazonas, 2018.

TUXI, P. **A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira:** Proposta de Organização e de Registro de Termos Técnicos e Administrativos do Meio Acadêmico em Glossário Bilíngue. (Tese) Doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Linguística

-PPGL da Universidade de Brasília. Brasília, 2017. 278 p.

TUXI, P.; FELTEN, E. F.; MARQUES, L. A Importância do Glossário Terminológico na Atuação do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais. Anais do I CONALIBRAS. UFU, Congresso Nacional de libras da Universidade Federal de Uberlândia , v. 1, p. 380-12, 2015.

VALE, L. M. **A importância da Terminologia para atuação do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais Brasileira**: proposta de glossário de sinais-termo do Processo Judicial Eletrônico. (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Universidade de Brasília, 2018. 119 p.

11.4.Outras referências

AMÉRICO, P. O Grito do Ipiranga: óleo sobre a tela, 415 cm × 760 cm, Museu Paulista da USP (1888).

ARISTÓTELES. *Organon IV*. Lisboa: Guimarães Editora, 1987.

AZEVEDO, Antônio C. do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

BALESTERO, M. de S.; ALMEIDA, G. M. de B.; PIEROZZI JUNIOR, I. Quando o especialista de domínio e as novas tecnologias entram em cena: impactos na definição terminológica. *Revista Linguagem*, São Carlos, v.30, n.1, p. 1-27, jan./jul. 2019.

BARROS; M. E.; FERNANDES, L. **Projeto Dicionário Deit-Libras em ELiS**: Análise da ELiS. *Revista Sinalizar*, Goiânia, v. 2, n.1, p. 96-109, jan. / jun., 2017.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. A.; COSTA, M. P. R. A. A surdocegueira. **In**: Descobrir a surdocegueira: educação e comunicação [online]. São Carlos: EdUFSCar, 2010, pp. 11-39. ISBN 978-85-7600-371-7.

CARDOSO, A. B. da R. **Vídeo registro em Libras**: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução: Florianópolis, 2016.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. **Novo DEIT-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. Vol. 1 e 2. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2013.

CASTRO JÚNIOR, G. de. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira**: foco no léxico. 2011. 123 f. il. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

_____. **Projeto varlibras**. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília: Brasília, 2014.

CAMPHELLO, A. R. **Aspectos da visualidade na Educação de Surdos**. 2008. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

COSTA, M. R. Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil:

ENCICLOLIBRAS. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística - PPGL – UnB, 2012.

DEL PRIORI, M.; VENANCIO, R. Uma breve história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DORTIER, Jean-François. **Dicionário de ciências humanas**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DOSSE, François. **A história**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

DUBAY, W. H. **The Principles of Readability**. 25 August 2004. Disponível em: <<http://www.impact-information.com/impactinfo/readability02.pdf> >. Acesso em: 30 maio 2020.

FINLEY, Moses I. **O uso e o abuso da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FLORES, V. do N. *et al.* **Dicionário de linguística da enunciação**. São Paulo: Contexto, 2022, p. 210.

GIDDENS, A; SUTTON, W. **Conceitos essenciais da Sociologia**. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HARTOG, François. **Evidência da história: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HEGENBERG, L. **Definições: termos teóricos e significado**. São Paulo: Cultrix, Ed. USP, 1974.

HURTADO ALBIR, A. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Gredos, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA-INEP. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/enem/enem-emlibras>. Acesso em abr. 2019.

LAMEIRÃO, T. D. Letramento Visual e uso de imagens nas aulas de História. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 30., 2019, Recife. Anais [...]. Recife: Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019.

LEMOS, A. M. **Fraseologismo em língua de sinais e tradução: uma discussão necessária**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1173-1196, 2014.

LOHN, R. L. **Reflexões sobre a histórica do tempo presente: uma história do vivido**. In: Coleção história do tempo presente: volume I. Tiago Siqueira Reis *et al* (Orgs.). Boa Vista: Editora UFRR, 2019, p. 11.

MOREIRA, I. C. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil**. *Inclusão Social*, 1(2). Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1512>.

PERLIN, G.; REZENDE, P. L. F. **Didática e Educação de Surdos**. Texto-base. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PHILIPPSEN, E. A. **Formação inicial de professores de Química em uma perspectiva de atuação profissional como tradutor e intérprete de Língua de Sinais**: um estudos sobre a codocências. Tese (Doutorado em Educação em Ciências). Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MELHORAMENTOS, Edições. **Nôvo Dicionário de História do Brasil Ilustrado**. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

MOURA, H. M. de M. **Significação e contexto**: uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis: Ed. Insular, 1999.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

PEREIRA, A. C. B. **Na transversal do Tempo**: Natureza e Cultura à prova da História. (Tese de Doutorado). 225p. Programa de Pós-Graduação em História: Universidade de Brasília, 2013.

PLATÃO. **Teeteto**. Editora Acrópolis, 2016. Livro digital.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B.. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROBIN, R. **História e Linguística**. Editora Cultrix: São Paulo, 1973.

SANTOS, W. L. P. dos. **Educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios**. Revista Brasileira de Educação, v. 36, set./dez. 2007, p. 474-492. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n36/a07v1236.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2019.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, R. S. **Diagramação**: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa. São Paulo: Summus Editorial, 1985.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Sinais pelo sistema SignWriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2005.

SUTTON, V. Lições sobre o **SignWriting**: um Sistema de Escrita para Língua de Sinais. Trad. Marianne Stumpf. Projeto SignNet; CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA, 2010.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: fundamentos da ciência histórica. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

_____. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

_____. **História Viva**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

THIRY-CHERQUES, H. R. **Conceitos e definições**: o significado da pesquisa aplicada

nas ciências humanas e sociais. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

VINAY, P.; DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958. p. 331

WRIGHT, E.; LAW, J. **Dicionário de história do mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

11.5.Referências das imagens e vídeos da internet

BRASIL. Ato Institucional Nº 1. Brasília, 27 de outubro de 1965.

_____. Ato Institucional Nº 2. Rio de Janeiro-GB, 9 de abril de 1964.

_____. Ato Institucional Nº 5. Brasília, 13 de dezembro de 1968.

USINA NUCLEAR (GIF). Disponível em:

https://suportegeografico77.blogspot.com/2018/06/energia-nuclear_3.html. Acessado em setembro/2021.

TABELA PERIÓDICA. Disponível em: <https://jornalimparcial.com.br/iq-unesp-recebe-a-maior-tabela-periodica-imprensa-do-brasil/>. Acessado em out/2021.

ENERGIA NUCLEAR. Disponível em [Na Trilha da Energia - Energia Nuclear](#). Acessado em: set/2021.

Capitania. In *Britannica Escola*. Web, 2021. Disponível em:<<https://escola.britannica.com.br/artigo/capitania/483156>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

MÉDICO MEDIEVAL. Disponível em: <http://www.acadmedmg.org.br/noticia/a- peste-e-a-medicina-medieval/>. Acessado em: set/2021.

DEBRET, J. B. (1830). Disponível em:

https://commons.wikimedia.org/wiki/File:A_Brazilian_family_in_Rio_de_Janeiro_by_Jean-Baptiste_Debret_1839.jpg. Acessado em se/2021.

DEBRET, J. B. (sem data). Disponível em:

<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/escravidao-no-brasil>. Acessado em set/2021.

AUTOR DESCONHECIDO. **Negros trabalhando na terra**. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/como-ficou-vida-dos-ex-escravos-apos-lei-aurea.htm>.

Acessado em set/2021.

QUILOMBO. Autor desconhecido. Disponível em: <https://conhecimentocientifico.com/o-que-e-quilombo-conheca-o-marco-da-resistencia-a-escravidao-no-brasil/>. Acessado em set/2021.

WAGENER, Z. Negros dançando ao som de tambores e instrumentos de cordas. In: PESAVENTO, S. J.; Encontro marcado – e imaginário - entre Gilberto Freyre e Albert Eckhout. Fênix: Revista de História e Estudos Culturais, v. 3, n. 2, p. 16, 2006.

DIREITOS HUMANOS. In *Britannica Escola*. Web, 2021. Disponível em:

<<https://escola.britannica.com.br/artigo/direitos-humanos/481537>>. Acesso em: out/2021.

O ESTADO ABSOLUTISTA. <https://sites.google.com/site/lehist09/home/idade->

[moderna/seculo-xvii/mensagemsemtitulo-8](#). Acesso em setembro de 2021.

FIOCRUZ. ampolas vacina contra a covid-19. disponível em:
<https://portal.fiocruz.br/vacinasovid19>. Acessado em out/2021.

ANEXOS

ANEXO 1 – Parecer consubstancial do CEP – UFRGS

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em língua brasileira de sinais: fundamentos teórico-metodológicos

Pesquisador: Maria Jose Bocorny Finatto

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 50004521.4.0000.5347

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.990.655

Apresentação do Projeto:

Trata-se da terceira versão do projeto de pesquisa de tese de doutorado que tem por objetivo organizar, descrever, analisar e propor um modelo de Definição Terminológica na Língua Brasileira de Sinais na área de História, no âmbito do Ensino Médio. Para isso, participarão da pesquisa adolescentes e jovens adultos, entre 16-23 anos de idade, de duas escolas - uma bilíngue Português-Libras, no RS, e uma inclusiva, no DF. A amostra é de conveniência.

A pesquisa será realizada em duas etapas, num total de 7 encontros de 30-45 minutos. Os encontros serão divididos assim: 1) exposição em Libras utilizando materiais como vídeos, imagens etc. sobre os sinaistermo; 2) aplicação de um questionário aos participantes sobre o que entenderam do que foi apresentado na primeira parte. Nesse segundo momento, por se tratar de uma língua visuo-espacial, a forma de registro será em vídeo. A pesquisa está prevista para ambiente virtual, podendo mudar para presencial com o avanço de imunização da população, e da decisão das Secretarias de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS) de retomarem as aulas de forma presencial.

Objetivo da Pesquisa:

O objetivo geral desta investigação, por meio do estudo da DT associada ao campo de conhecimentos da História do Brasil, é propor um modelo analítico-descritivo de enunciado definitório para glossários didáticos do léxico de especialidade das

Ciências Humanas em Libras no cenário do Ensino Médio. A proposição parte de um reconhecimento de repertórios de vocabulário em uso por estudantes Surdos nesse nível de ensino e de modelos definitórios pré-existent, identificados em produtos dicionarísticos que incluem Libras, levando em consideração os fatores intervenientes da História, as especificidades linguísticas da Libras e as necessidades do público escolar Surdo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

"Ao participar da pesquisa, o aluno poderá sentir um desconforto ao se sentirem despreparados ou não conhecedores do conteúdo que será exposto. Daremos toda a atenção necessária e tomaremos todos os cuidados possíveis para que os(as) alunos(as) se sintam confortáveis, incluídos(as) e contemplados(as) em suas dúvidas durante a abordagem e coleta de dados, a fim de amenizar possíveis desconfortos. Para ajudar o(a) aluno(a), caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com o professor, em uma reunião virtual, para tirar dúvidas sobre os conteúdos. Assim, o(a) participante será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade. A princípio, devido à pandemia do novo Corona Vírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o Google Meeting e/ou Zoom. Caso o plano de vacinação esteja otimista e a Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC-RS) retome as aulas presenciais, poderemos realizar a pesquisa no espaço físico da escola, também de forma presencial."

Os riscos são mínimos e estão devidamente expostos no projeto, assim como as medidas que serão tomadas pelos pesquisadores visando diminuí-los.

Benefícios:

"Ao participar desta pesquisa, você será beneficiado com aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete educacional como intermediário e com

informações sobre História nas provas do Enem. Além disso, a nossa pesquisa trará informações sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas, respeitando a didática visual para alunos Surdos, fator determinante para um aprendizado efetivo. Você também conhecerá sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo ter acesso a um conteúdo que será útil quando chegar a sua vez de participar do exame. Por fim, esperamos que os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outros alunos Surdos em processo de escolarização e que precisam compreender a terminologia de História em Libras."

Os benefícios são diretos, visto que os alunos poderão conhecer sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo ter acesso a um conteúdo que será útil quando forem participar do exame.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto de pesquisa está bem elaborado e é de extrema relevância para a comunidade surda.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Nessa versão do projeto, todos os termos obrigatórios foram apresentados. São eles:

1. TCLE para o participante;
2. TALE;
3. Questionário;
4. Carta de apresentação da equipe de pesquisa às escolas;
5. As cartas de anuência das duas escolas que farão os convites aos alunos;
6. TCLE para os pais dos alunos menores de 18 anos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Na apreciação anterior (V2), as seguintes pendências necessitavam de atenção:

1. Na carta-resposta ao CEP, os pesquisadores dizem ter anexado ao sistema o TCLE para os responsáveis pelos participantes menores de 18 anos. No entanto, esse documento não foi localizado na PB (ref. pendência 6 e 9 - V1);

Resposta: "Foi incluído o TCLE para os responsáveis pelos participantes menores de 18 anos." - PENDÊNCIA ATENDIDA

Entende-se por critérios de exclusão aqueles que se aplicam aos participantes de pesquisa após eles já estarem incluídos na mesma. Dessa forma, não assinar o TALE não é considerado um critério de exclusão pois o participante ainda não faria parte da pesquisa. Solicita-se retirada desse critério (ref. pendência 4 - V1);

Resposta: "Foi retirado da PB a questão da não

assinatura do TALE conforme sugerido." -

PENDÊNCIA ATENDIDA

2. Solicita-se que seja retirada do TCLE a parte: "PARTICIPANTES DA PESQUISA: Esperamos contar, idealmente, com dados de 20 alunos Surdos, de acordo com um cálculo amostral (obtido por meio do site <https://calcularconverter.com.br/calculo-amostral/>) de 17% da população, isto é, de uma população total de 117 candidatos Surdos, colaboradores em potencial. Esse valor amostral corresponde a 15% de margem de erro e a 85% de confiança, sendo os(as) alunos(as) com idade entre 16 e 23 anos, sem distinção de idade e de gênero, matriculados e frequentes (mesmo em modo remoto) em diferentes séries/anos na Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilian Mazero, escola pública de Porto Alegre -RS."

Além de ser desnecessária para a tomada de decisão do participante sobre sua participação na pesquisa, ela contém linguagem que pode dificultar o entendimento dos termos pelos participantes.

Resposta: "Foi retirada a informação". - PENDÊNCIA ATENDIDA

3. Há no TCLE uma frase que parece estar faltando alguma palavra. Os pesquisadores dizem: "As respostas em Libras e registradas em vídeo para análise e fundamental para o propósito da pesquisa." Solicita-se revisão.

Resposta: Em carta-resposta, os pesquisadores informaram que "o trecho apresentado pela comissão foi revisado e está em destaque nos TCLEs da seguinte forma: "As respostas em Libras registradas em vídeo para análise são fundamentais para o propósito da pesquisa. Mas não precisa se preocupar, os vídeos não serão divulgados ou compartilhados e a sua identidade será preservada". - PENDÊNCIA ATENDIDA

Todas as pendências foram atendidas, estando a presente versão do projeto de pesquisa em acordo com a resolução CNS/MS 466/2012. Pela aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_697617.pdf	16/09/2021 15:32:41		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	16/09/2021 15:30:56	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	16/09/2021 15:30:43	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPmaioresde18LiliaMazero.pdf	16/09/2021 15:30:23	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPmaioresde18CEM02.pdf	16/09/2021 15:30:09	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPpaisouresponsaveisLilianMazero.pdf	16/09/2021 15:29:42	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPpaisouresponsaveisCEM02.pdf	16/09/2021 15:29:27	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALElilianMazero.pdf	16/09/2021 15:27:21	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALEcem2.pdf	16/09/2021 15:27:01	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Outros	CARTAalteracoesrealizadas.pdf	16/09/2021 15:25:59	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	01/09/2021 15:52:58	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Outros	ADENDO.pdf	31/08/2021 10:43:27	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Outros	CARTADEANUENCIALiliaMazero.pdf	31/08/2021 10:25:16	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Outros	CARTADEANUENCIAcem02.pdf	31/08/2021 10:23:37	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito
Outros	PARECERCOMISSAOIL.pdf	21/07/2021 16:51:35	Maria Jose Bocorny Finatto	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 22
de Setembro de 2021

Assinado por:

**Patrícia Daniela
Melchiors Angst
(Coordenador(a))**

ANEXO 2 – TALE CEM 02

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para crianças e adolescentes (maiores que 6 anos e menores de 18 anos) e para legalmente incapaz. O assentimento informado para a criança/adolescente não substitui a necessidade de consentimento informado dos pais e/ou responsáveis. O assentimento assinado pela criança demonstra a sua cooperação na pesquisa.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos**” coordenada pela professora Dr^a. Maria José B. Finatto (PPGLetras – fone: (51) 3308-6699). Você pode entrar em contato com o coordenador pesquisador Eduardo Felten (fone: (61) 981022585) Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo.

Com esta pesquisa, queremos encontrar e propor uma definição de sinais-termo para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que facilite o aprendizado sobre o conteúdo de História que você está aprendendo no Ensino Médio.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa são surdas e têm de 16 a 23 anos de idade.

A pesquisa será feita no Centro de Ensino Médio 02 de Planaltina-DF, onde você participará de exposições guiadas pelo coordenador da pesquisa sobre informações interessantes a respeito dos termos *Biopolítica, Cruzadas, Liberalismo, Peste Bubônica, Quilombo, Pau-de-Arara, Liberdade de Credo, Colonização Portuguesa, Ditadura Militar, Cartografia, Racionalismo Cartesiano e Energia Nuclear*. Todos os sinais-termos foram coletados do Exame Nacional do Ensino Médio da vídeo-prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias. Para isso, serão usados internet, vídeos, imagens, livros, dicionários etc. que são considerados seguros. Entretanto, é possível ocorrer o mal funcionamento desses objetos. Caso aconteça algo errado, você pode nos avisar. E caso tenha alguma dúvida, pode nos mandar e-mail para eduardofelten.unb@gmail.com.

Mas há coisas boas que podem acontecer como aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete educacional como intermediário. A nossa pesquisa sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas respeita a visualidade, forma com que os alunos Surdos entendem melhor os conteúdos. Você também vai conhecer sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo conhecer os conteúdos que podem cair na prova quando chegar a sua vez de participar do Enem. Esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados para ajudar outros alunos Surdos que estão em escolas de ensino médio como você está hoje. Devido a pandemia do novo Corona Vírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o *Google Meeting* e o *Zoom*. Mas se as vacinas melhorarem a saúde das pessoas e a Secretaria de Educação da sua cidade retomar as aulas presenciais, podemos realizar a pesquisa na escola também de forma presencial.

As respostas que você der ao questionário serão gravadas com câmera digital ou celular. Caso a reunião seja *on-line* (remota), vamos fazer a gravação das reuniões realizadas pelo *Google Meet* ou *Zoom*. As gravações servirão para análise que será outra etapa da pesquisa. Os vídeos serão apenas para análise, para que possamos identificar quais sinais você usou ao nos falar o que entendeu sobre o conteúdo ensinado. Mas não se preocupe, os vídeos não serão divulgados e a sua identidade será preservada. A análise dos vídeos originais de respostas dos estudantes será realizada pelo pesquisador doutorando **Eduardo Felten** e orientadora.

Após a análise dos dados (vídeos com a imagem dos(as) participantes Surdos(as)), novos vídeos serão regravados pelo pesquisador Eduardo Felten com os sinais utilizados pelos participantes para um banco de sinais. Isso quer dizer que a sua sinalização será salva-guardada, transformada em novos vídeos com a imagem do pesquisador para fins de divulgação dos sinais em Libras.

Os novos sinais (a partir dos vídeos originais) serão divulgados por meio de um banco de sinais que ajudará essa pesquisa a encontrar a melhor forma de elaborar e sinalizar uma definição terminológica no âmbito das Ciências Humanas. Os dados analisados estarão descritos na tese de doutorado do pesquisador responsável. O banco de sinais criado poderá servir de apoio a outros pesquisadores que futuramente queiram estudar a definição em Libras e sobre linguagem simplificada.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os vídeos registrados serão armazenados em mídias digitais como CD e *pen-drive*, ficarão sob guarda da professora orientadora da pesquisa. Quem terá acesso aos arquivos serão o pesquisador Eduardo Felten, o pesquisador assistente Rodolpho D’Azevedo e a professora orientadora Maria José B. Finatto. Os resultados do estudo vão ser publicados ao final da pesquisa, quando o coordenador estiver com todos os dados sistematizados em sua tese de doutorado, prevista para o segundo semestre de 2023, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

Ao participar da pesquisa, você corre o risco de se sentir desconfortável ou de pensar que não está preparado ou não conhece como deveria o conteúdo que está sendo trabalhado. Para ajudar você, caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com seu professor, em uma reunião virtual, para tirar suas dúvidas sobre os conteúdos. Assim, você será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades.

Se você ou o responsável(eis) por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você deve entrar em contato a orientadora dessa pesquisa, a Prof^a. Dr^a. Maria José B. Finatto, do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS, por meio do e-mail mariafinatto@gmail.com. Você pode contactar o coordenador da pesquisa, o Eduardo Felten do PPGLetras – UFRGS pelo *WhatsApp* (61) 981022585.

Da mesma forma, você pode contatar via e-mail o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. O e-mail do CEP é etica@propesq.ufrgs.br. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO COMISSÃO DE PESQUISA Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – Cep: 90046-900.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Planaltina-DF, 28 de setembro de 2021.

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa

ANEXO 3 – TALE Lília Mazon

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Para crianças e adolescentes (maiores que 6 anos e menores de 18 anos) e para legalmente incapaz. O assentimento informado para a criança/adolescente não substitui a necessidade de consentimento informado dos pais e/ou responsáveis. O assentimento assinado pela criança demonstra a sua cooperação na pesquisa.

Você está sendo convidado a participar da pesquisa “**Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos**” coordenada pela professora Dr^a. Maria José B. Finatto (PPGLetras – fone: (51) 3308-6699). Você pode entrar em contato com o coordenador pesquisador Eduardo Felten (fone: (61) 981022585) Seus pais e/ou responsáveis permitiram que você participasse deste estudo.

Com esta pesquisa, queremos encontrar e propor uma definição de sinais-termo para a Língua Brasileira de Sinais (Libras), que facilite o aprendizado sobre o conteúdo de História que você está aprendendo no Ensino Médio.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa são surdas e têm de 16 a 23 anos de idade.

A pesquisa será feita na Escola Estadual de Ensino Médio para Surdos Professora Lilian Mazon de Porto Alegre-RS, onde você participará de exposições guiadas pelo coordenador da pesquisa sobre informações interessantes a respeito dos termos *Biopolítica, Cruzadas, Liberalismo, Peste Bubônica, Quilombo, Pau-de-Arara, Liberdade de Credo, Colonização Portuguesa, Ditadura Militar, Cartografia, Racionalismo Cartesiano e Energia Nuclear*. Todos os sinais-terminos foram coletados do Exame Nacional do Ensino Médio da vídeo-prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias. Para isso, serão usados internet, vídeos, imagens, livros, dicionários etc. que são considerados seguros. Entretanto, é possível ocorrer o mal funcionamento desses objetos. Caso aconteça algo errado, você pode nos avisar. E caso tenha alguma dúvida, pode nos mandar e-mail para eduardofelten.unb@gmail.com.

Mas há coisas boas que podem acontecer como aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete educacional como intermediário. A nossa pesquisa sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas respeita a visualidade, forma com que os alunos Surdos entendem melhor os conteúdos. Você também vai conhecer sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo conhecer os conteúdos que podem cair na prova quando chegar a sua vez de participar do Enem. Esperamos que futuramente os resultados deste estudo sejam usados para ajudar outros alunos Surdos que estão em escolas de ensino médio como você está hoje. Devido a pandemia do novo Corona Vírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o *Google Meeting* e o *Zoom*. Mas se as vacinas melhorarem a saúde das pessoas e a Secretaria de Educação da sua cidade retomar as aulas presenciais, podemos realizar a pesquisa na escola também de forma presencial.

As respostas que você der ao questionário serão gravadas com câmera digital ou celular. Caso a reunião seja *on-line* (remota), vamos fazer a gravação das reuniões realizadas pelo *Google Meet* ou *Zoom*. As gravações servirão para análise que será outra etapa da pesquisa. Os vídeos serão apenas para análise, para que possamos identificar quais sinais você usou ao nos falar o que entendeu sobre o conteúdo ensinado. Mas não se preocupe, os vídeos não serão divulgados e a sua identidade será preservada. A análise dos vídeos originais de respostas dos estudantes será realizada pelo pesquisador doutorando

Eduardo Felten e orientadora.

Após a análise dos dados (vídeos com a imagem dos(as) participantes Surdos(as)), novos vídeos serão regravados pelo pesquisador Eduardo Felten com os sinais utilizados pelos participantes para um banco de sinais. Isso quer dizer que a sua sinalização será salva-guardada, transformada em novos vídeos com a imagem do pesquisador para fins de divulgação dos sinais em Libras.

Os novos sinais (a partir dos vídeos originais) serão divulgados por meio de um banco de sinais que ajudará essa pesquisa a encontrar a melhor forma de elaborar e sinalizar uma definição terminológica no âmbito das Ciências Humanas. Os dados analisados estarão descritos na tese de doutorado do pesquisador responsável. O banco de sinais criado poderá servir de apoio a outros pesquisadores que futuramente queiram estudar a definição em Libras e sobre linguagem simplificada.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os vídeos registrados serão armazenados em mídias digitais como CD e *pen-drive*, ficarão sob guarda da professora orientadora da pesquisa. Quem terá acesso aos arquivos serão o pesquisador Eduardo Felten, o pesquisador assistente Rodolpho D’Azevedo e a professora orientadora Maria José B. Finatto. Os resultados do estudo vão ser publicados ao final da pesquisa, quando o coordenador estiver com todos os dados sistematizados em sua tese de doutorado, prevista para o segundo semestre de 2023, mas sem identificar os adolescentes que participaram.

Ao participar da pesquisa, você corre o risco de se sentir desconfortável ou de pensar que não está preparado ou não conhece como deveria o conteúdo que está sendo trabalhado. Para ajudar você, caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com seu professor, em uma reunião virtual, para tirar suas dúvidas sobre os conteúdos. Assim, você será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades.

Se você ou o responsável(eis) por você tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou riscos relacionados ao estudo, você deve entrar em contato a orientadora dessa pesquisa, a Prof^a. Dr^a. Maria José B. Finatto, do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras da UFRGS, por meio do e-mail mariafinatto@gmail.com. Você pode contactar o coordenador da pesquisa, o Eduardo Felten do PPGLetras – UFRGS pelo *WhatsApp* (61) 981022585.

Da mesma forma, você pode contatar via e-mail o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. O e-mail do CEP é etica@propeq.ufrgs.br. UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE EDUCAÇÃO COMISSÃO DE PESQUISA Av. Paulo Gama, s/n, sala 918, Centro Histórico, Porto Alegre, RS – Cep: 90046-900.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu _____ aceito participar da pesquisa “Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

Os pesquisadores tiraram minhas dúvidas e conversaram com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

_____, _____ de março de 2022.

Assinatura do participante

Assinatura do coordenador da pesquisa

ANEXO 4 – TCLEP para maiores de 18 anos – CEM 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE PARA MAIORES DE 18 ANOS

PARTICIPANTE PESQUISA: “Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos”

COORDENAÇÃO: Eduardo Felipe Felten

NATUREZA DA PESQUISA: Contribuição com os estudos de Terminologia, na linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS (PPGLETRAS-UFRGS), faz parte dos grupos de pesquisa sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)⁸⁶, no Grupo de Estudos em Linguística de *Corpus* do Sul (GELCORP-SUL)⁸⁷ e Projeto Terminológico Cone Sul (TERMISUL)⁸⁸

O objetivo desta pesquisa é identificar e propor um modelo de Definição Terminológica (doravante DT) aplicável à Língua Brasileira de Sinais (Libras), em um contexto de ensino-aprendizagem de História com estudantes e professores do Ensino Médio que necessitam de informação de natureza técnico-científicas apresentada em uma linguagem simples.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Você está sendo convidado(a) para participar de um estudo no âmbito educacional. Ao aceitar o convite, você participará de exposições guiadas pelo coordenador da pesquisa sobre informações a respeito de sinais-termo *Biopolítica, Cruzadas, Liberalismo, Peste Bubônica, Quilombo, Pau-de-Arara, Liberdade de Credo, Colonização Portuguesa, Ditadura Militar, Cartografia, Racionalismo Cartesiano e Energia Nuclear*. Todos os sinais-terminos foram coletados na vídeo-prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Todas as informações serão apresentadas em Libras, a fim de atender às suas necessidades e as especificidades de Libras. Serão realizados 7 encontros com duração de 30min a 45min cada. Cada encontro será dividido da seguinte forma: 1) teremos a exposição em Libras utilizando materiais como vídeos, imagens etc. sobre os sinais-termo. 2) aplicação

⁸⁶ As informações sobre o grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade>.

⁸⁷ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://dgp.cnpq.br/buscagrupos/detalheGrupo.jsp?grupo=0192801R0T3AKW&censo=2010>.

⁸⁸ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>.

de um questionário aos participantes solicitando o *feedback* do que foi apresentado na primeira parte.

Você terá a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de se retirar em qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou repreensão. Durante a exposição e coleta de dados, você será acompanhado por um representante da instituição. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o Prof. Eduardo Felten pelo fone (61) 981022585.

SOBRE O QUESTIONÁRIO: Serão solicitadas algumas informações e feitas perguntas a você sobre o que entendeu a respeito do significado de alguns sinais-termo que são utilizados em vídeos-provas do Enem.

GRAVAÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO: As respostas serão registradas em vídeo para análise, que será outra etapa da pesquisa, sem a sua participação. Você responderá às perguntas da pesquisa para uma câmera digital ou celular. Caso a coleta aconteça de forma remota, vamos gravar as reuniões que acontecerão via *Google Meet* e *Zoom*. A coleta de dados em Libras acontece dessa forma, pois a língua de sinais é registrada em vídeos, pois é uma língua que utiliza as mãos e o corpo para se comunicar (modalidade visoespacial). As respostas em Libras registradas em vídeo para análise são fundamentais para o propósito da pesquisa. Mas não precisa se preocupar, os vídeos não serão divulgados ou compartilhados e a sua identidade será preservada.

A resposta ao questionário e as gravações servirão para análise que será outra etapa da pesquisa. Os vídeos servirão apenas para análise, para que possamos identificar quais sinais foram utilizados pelos(as) estudantes Surdos(as) sobre o conteúdo ensinado. As gravações não serão divulgadas.

Após a análise dos dados (vídeos com a imagem dos(as) participantes Surdos(as)), novos vídeos serão regravados pelo pesquisador Eduardo Felten com os sinais utilizados pelos participantes para um banco de sinais. Isso quer dizer que a sua sinalização será salvaguardada, transformada em novos vídeos com a imagem do pesquisador para fins de divulgação dos sinais em Libras.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os vídeos registrados serão armazenados em mídias digitais como CD e *pen-drive*, ficarão sob guarda da professora orientadora da pesquisa. Quem terá acesso aos arquivos serão o pesquisador Eduardo Felten, o pesquisador assistente Rodolpho D’Azevedo e a professora orientadora Maria

José B. Finatto.

Será divulgado, no entanto, um banco de sinais coletados dos vídeos que ajudará essa pesquisa a encontrar a melhor forma de elaborar e sinalizar uma definição terminológica no âmbito das Ciências Humanas. Os dados analisados estarão descritos na tese de doutorado do pesquisador. O banco de sinais criado poderá servir de apoio a outros pesquisadores que futuramente queiram estudar a definição em Libras e sobre linguagem simplificada.

RISCOS E DESCONFORTO: Ao participar da pesquisa, você poderá sentir um desconforto ao se sentir despreparado(a) ou não conhecedor(a) do conteúdo que será exposto. Para ajudar você, caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com seu professor, em uma reunião virtual, para tirar suas dúvidas sobre os conteúdos. Assim, você será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

a) o projeto foi avaliado pelo CEP-UFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição; b) a assinatura do TCLE não exclui possibilidade do participante buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de participação na pesquisa, como preconiza a Resolução 466/12."

A princípio, devido à pandemia do novo Coronavírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o *Google Meeting* e/ou *Zoom*. Caso o plano de vacinação esteja otimista e a Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) retome as aulas presenciais, poderemos realizar a pesquisa no espaço físico da escola, também de forma presencial.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você será beneficiado(a) com aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete educacional como intermediário e com informações sobre História nas provas do Enem. Além disso, a nossa

pesquisa trará informações sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas, respeitando a didática visual para aluno(a)s Surdo(a)s, fator determinante para um aprendizado efetivo. Todo(a)s o(a)s participantes também conhecerão sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo ter acesso a um conteúdo que será útil quando chegar a sua vez de participar do exame. Por fim, esperamos que os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outro(a)s aluno(a)s Surdo(a)s em processo de escolarização e que precisam compreender a terminologia de História em Libras.

PAGAMENTO: Você receberá nenhum tipo de pagamento ou recompensa por participar deste estudo. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que o(a) aluno(a) da qual você é responsável participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Planaltina-DF, 20 de outubro de 2021

Nome do(a) responsável

Assinatura do(a) responsável

Coordenador da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof^a Dr^a Maria José B. Finatto do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos telefones (61) 981022585 ou pelo e-mail: eduardofelten.unb@gmail.com. Maiores informações podem ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS pelo e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

ANEXO 5 - TCLEP para maiores de 18 anos – Lilia Mazon

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE PARA MAIORES DE 18 ANOS

PARTICIPANTE PESQUISA: “Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos”

COORDENAÇÃO: Eduardo Felipe Felten

NATUREZA DA PESQUISA: Contribuição com os estudos de Terminologia, na linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS (PPGLETRAS-UFRGS), faz parte dos grupos de pesquisa sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)⁸⁹, no Grupo de Estudos em Linguística de *Corpus* do Sul (GELCORP-SUL)⁹⁰ e Projeto Terminológico Cone Sul (TERMISUL)⁹¹

O objetivo desta pesquisa é identificar e propor um modelo de Definição Terminológica (doravante DT) aplicável à Língua Brasileira de Sinais (Libras), em um contexto de ensino-aprendizagem de História com estudantes e professores do Ensino Médio que necessitam de informação de natureza técnico-científicas apresentada em uma linguagem simples.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Você está sendo convidado(a) para participar de um estudo no âmbito educacional. Ao aceitar o convite, você participará de exposições guiadas pelo coordenador da pesquisa sobre informações a respeito de sinais-termo *Biopolítica, Cruzadas, Liberalismo, Peste Bubônica, Quilombo, Pau-de-Arara, Liberdade de Credo, Colonização Portuguesa, Ditadura Militar, Cartografia, Racionalismo Cartesiano e Energia Nuclear*. Todos os sinais-terminos foram coletados na vídeo-prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Todas as informações serão apresentadas em Libras, a fim de atender às suas necessidades e as especificidades de Libras. Serão realizados 7 encontros com duração de 30min a 45min cada. Cada encontro será dividido da seguinte forma: 1) teremos a exposição em Libras utilizando materiais como vídeos, imagens etc. sobre os sinais-termo. 2) aplicação

⁸⁹ As informações sobre o grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade>.

⁹⁰ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://dgp.cnpq.br/buscagrupos/detalheGrupo.jsp?grupo=0192801R0T3AKW&censo=2010>.

⁹¹ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>.

de um questionário aos participantes solicitando o *feedback* do que foi apresentado na primeira parte.

Você terá a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de se retirar em qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou repreensão. Durante a exposição e coleta de dados, você será acompanhado por um representante da instituição. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o Prof. Eduardo Felten pelo fone (61) 981022585.

SOBRE O QUESTIONÁRIO: Serão solicitadas algumas informações e feitas perguntas a você sobre o que entendeu a respeito do significado de alguns sinais-termo que são utilizados em vídeos-provas do Enem.

GRAVAÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO: As respostas serão registradas em vídeo para análise, que será outra etapa da pesquisa, sem a sua participação. Você responderá às perguntas da pesquisa para uma câmera digital ou celular. Caso a coleta aconteça de forma remota, vamos gravar as reuniões que acontecerão via *Google Meet* e *Zoom*. A coleta de dados em Libras acontece dessa forma, pois a língua de sinais é registrada em vídeos, pois é uma língua que utiliza as mãos e o corpo para se comunicar (modalidade visoespacial). As respostas em Libras registradas em vídeo para análise são fundamentais para o propósito da pesquisa. Mas não precisa se preocupar, os vídeos não serão divulgados ou compartilhados e a sua identidade será preservada.

A resposta ao questionário e as gravações servirão para análise que será outra etapa da pesquisa. Os vídeos servirão apenas para análise, para que possamos identificar quais sinais foram utilizados pelos(as) estudantes Surdos(as) sobre o conteúdo ensinado. As gravações não serão divulgadas.

Após a análise dos dados (vídeos com a imagem dos(as) participantes Surdos(as)), novos vídeos serão regravados pelo pesquisador Eduardo Felten com os sinais utilizados pelos participantes para um banco de sinais. Isso quer dizer que a sua sinalização será salvaguardada, transformada em novos vídeos com a imagem do pesquisador para fins de divulgação dos sinais em Libras.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os vídeos registrados serão armazenados em mídias digitais como CD e *pen-drive*, ficarão sob guarda da professora orientadora da pesquisa. Quem terá acesso aos arquivos serão o pesquisador Eduardo Felten, o pesquisador assistente Rodolpho D’Azevedo e a professora orientadora Maria

José B. Finatto.

Será divulgado, no entanto, um banco de sinais coletados dos vídeos que ajudará essa pesquisa a encontrar a melhor forma de elaborar e sinalizar uma definição terminológica no âmbito das Ciências Humanas. Os dados analisados estarão descritos na tese de doutorado do pesquisador. O banco de sinais criado poderá servir de apoio a outros pesquisadores que futuramente queiram estudar a definição em Libras e sobre linguagem simplificada.

RISCOS E DESCONFORTO: Ao participar da pesquisa, você poderá sentir um desconforto ao se sentir despreparado(a) ou não conhecedor(a) do conteúdo que será exposto. Para ajudar você, caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com seu professor, em uma reunião virtual, para tirar suas dúvidas sobre os conteúdos. Assim, você será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

a) o projeto foi avaliado pelo CEP-UFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição; b) a assinatura do TCLE não exclui possibilidade do participante buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de participação na pesquisa, como preconiza a Resolução 466/12."

A princípio, devido à pandemia do novo Coronavírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o *Google Meeting* e/ou *Zoom*. Caso o plano de vacinação esteja otimista e a Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) retome as aulas presenciais, poderemos realizar a pesquisa no espaço físico da escola, também de forma presencial.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você será beneficiado(a) com aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete educacional como intermediário e com informações sobre História nas provas do Enem. Além disso, a nossa

pesquisa trará informações sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas, respeitando a didática visual para aluno(a)s Surdo(a)s, fator determinante para um aprendizado efetivo. Todo(a)s o(a)s participantes também conhecerão sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo ter acesso a um conteúdo que será útil quando chegar a sua vez de participar do exame. Por fim, esperamos que os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outro(a)s aluno(a)s Surdo(a)s em processo de escolarização e que precisam compreender a terminologia de História em Libras.

PAGAMENTO: Você receberá nenhum tipo de pagamento ou recompensa por participar deste estudo. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que o(a) aluno(a) da qual você é responsável participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do(a) responsável

Assinatura do(a) responsável

_____, _____ de março de 2022
Local e data

Coordenador da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof^a Dr^a Maria José B. Finatto do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos telefones (61) 981022585 ou pelo e-mail: eduardofelten.unb@gmail.com. Maiores informações podem ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS pelo e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

ANEXO 6 – TCLEP para pais ou responsáveis – CEM 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS

PARTICIPANTE PESQUISA: “Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos”

COORDENAÇÃO: Eduardo Felipe Felten

NATUREZA DA PESQUISA: Contribuição com os estudos de Terminologia, na linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS (PPGLETRAS-UFRGS), faz parte dos grupos de pesquisa sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)⁹², no Grupo de Estudos em Linguística de *Corpus* do Sul (GELCORP-SUL)⁹³ e Projeto Terminológico Cone Sul (TERMISUL)⁹⁴

O objetivo desta pesquisa é identificar e propor um modelo de Definição Terminológica (doravante DT) aplicável à Língua Brasileira de Sinais (Libras), em um contexto de ensino-aprendizagem de História com estudantes e professores do Ensino Médio que necessitam de informação de natureza técnico-científicas apresentada em uma linguagem simples.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Convidamos seu filho(a) ou o adolescente pelo qual você é responsável para participar de um estudo no âmbito educacional. Ao participar deste estudo os(as) alunos(as) Surdos(as) participarão de exposições guiadas pelo coordenador da pesquisa sobre informações a respeito de sinais-termo *Biopolítica, Cruzadas, Liberalismo, Peste Bubônica, Quilombo, Pau-de-Arara, Liberdade de Credo, Colonização Portuguesa, Ditadura Militar, Cartografia, Racionalismo Cartesiano e Energia Nuclear*. Todos os sinais-termos foram coletados na vídeo-prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Todas as informações serão apresentadas em Libras, a fim de atender às necessidades do público da pesquisa e as especificidades de uma língua sinalizada. Serão realizados 7 encontros com duração de 30min a 45min cada. Cada encontro será dividido da seguinte forma: 1) teremos a exposição em Libras utilizando materiais como vídeos, imagens etc.

⁹² As informações sobre o grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade>.

⁹³ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://dgp.cnpq.br/buscagrupos/detalheGrupo.jsp?grupo=0192801R0T3AKW&censo=2010>.

⁹⁴ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>.

sobre os sinais-termo. 2) aplicação de um questionário aos participantes solicitando o *feedback* do que foi apresentado na primeira parte.

Importante: seu filho(a) ou o(a) adolescente pelo qual você é responsável terá a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de se retirar em qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou repreensão. Durante a exposição e coleta de dados, o grupo de estudantes estará acompanhado por um representante da instituição. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você pai, mãe ou responsável queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o Prof. Eduardo Felten pelo fone (61) 981022585.

SOBRE O QUESTIONÁRIO: Serão solicitadas algumas informações e feitas perguntas sobre o que o(a) aluno(a) Surdo(a) entendeu sobre o que significa alguns sinais-termo que são utilizados em vídeo-provas do Enem.

GRAVAÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO: As respostas serão registradas em vídeo para análise por meio de câmera digital ou celular. Caso a reunião seja *on-line* (remota), vamos fazer a gravação das reuniões realizadas pelo *Google Meet* ou *Zoom*. A análise dos vídeos será outra etapa da pesquisa, sem a participação do aluno(a). O(A) aluno(a) responderá às perguntas da pesquisa para uma câmera que estará posicionada para esta finalidade. A coleta de dados em Libras acontece dessa forma, pois a língua de sinais é registrada em vídeos, pois é uma língua que utiliza as mãos e o corpo para se comunicar (modalidade visoespacial). As respostas em Libras registradas em vídeo para análise são fundamentais para o propósito da pesquisa. Mas não precisa se preocupar, os vídeos não serão divulgados ou compartilhados e a sua identidade será preservada.

A resposta ao questionário e as gravações servirão para análise que será outra etapa da pesquisa. Após a análise dos dados (vídeos com a imagem dos(as) participantes Surdos(as)), novos vídeos serão regravados pelo pesquisador Eduardo Felten com os sinais utilizados pelos participantes para um banco de sinais. Isso quer dizer que a sua sinalização será salvaguardada, transformada em novos vídeos com a imagem do pesquisador para fins de divulgação dos sinais em Libras.

Os vídeos servirão apenas para análise, para que possamos identificar quais sinais são utilizados pelos(as) estudantes Surdos(as) sobre o conteúdo ensinado. Os vídeos não serão divulgados e a identidade dos(as) participantes será preservada. Ninguém saberá que seu/sua filho(a) está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os vídeos registrados serão armazenados em mídias digitais como CD e *pen-drive*, e ficarão sob guarda da professora

orientadora da pesquisa. Quem terá acesso aos arquivos serão o pesquisador Eduardo Felten, o pesquisador assistente Rodolpho D’Azevedo e a professora orientadora Maria José B. Finatto.

Será divulgado um banco de sinais coletados que ajudará essa pesquisa a encontrar a melhor forma de elaborar e sinalizar uma definição terminológica no âmbito das Ciências Humanas. Os dados analisados estarão descritos na tese de doutorado do pesquisador. O banco de sinais criado poderá servir de apoio a outros pesquisadores que futuramente queiram estudar a definição em Libras e sobre linguagem simplificada.

RISCOS E DESCONFORTO: Ao participar da pesquisa, o aluno poderá sentir um desconforto ao se sentirem despreparados ou não conhecedores do conteúdo que será exposto. Para ajudar o(a) aluno(a), caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com o professor, em uma reunião virtual, para tirar dúvidas sobre os conteúdos. Assim, o(a) participante será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

a) o projeto foi avaliado pelo CEP-UFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição; b) a assinatura do TCLE não exclui possibilidade do participante buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de participação na pesquisa, como preconiza a Resolução 466/12."

A princípio, devido à pandemia do novo Corona Vírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o *Google Meeting* e/ou *Zoom*. Caso o plano de vacinação esteja otimista e a Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) retome as aulas presenciais, poderemos realizar a pesquisa no espaço físico da escola, também de forma presencial.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, o(a) aluno(a) Surdo(a) colaborado(a) será beneficiado(a) com aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete

educacional como intermediário e com informações sobre História nas provas do Enem. Além disso, a nossa pesquisa trará informações sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas, respeitando a didática visual para aluno(a)s Surdo(a)s, fator determinante para um aprendizado efetivo. Todo(a)s o(a)s participantes também conhecerão sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo ter acesso a um conteúdo que será útil quando chegar a sua vez de participar do exame. Por fim, esperamos que os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outro(a)s aluno(a)s Surdo(a)s em processo de escolarização e que precisam compreender a terminologia de História em Libras.

PAGAMENTO: O(A) estudante do qual você é responsável receberá nenhum tipo de pagamento ou recompensa por participar deste estudo. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que o(a) aluno(a) da qual você é responsável participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do(a) responsável

Assinatura do(a) responsável

Planaltina-DF, 28 de setembro de 2021
Local e data

Coordenador da pesquisa

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof^ª Dr^ª Maria José B. Finatto do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos telefones (61) 981022585 ou pelo e-mail: eduardofelten.unb@gmail.com. Maiores informações podem ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS pelo e-mail: etica@propesq.ufrgs.br.

ANEXO 7 – TCLEP para pais ou responsáveis – Lilia Mazon

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARTICIPANTE PARA OS PAIS OU RESPONSÁVEIS

PARTICIPANTE PESQUISA: “Definição terminológica no domínio das Ciências Humanas em Língua Brasileira de Sinais: fundamentos teórico-metodológicos”

COORDENAÇÃO: Eduardo Felipe Felten

NATUREZA DA PESQUISA: Contribuição com os estudos de Terminologia, na linha de pesquisa “Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais” do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul -UFRGS (PPGLETRAS-UFRGS), faz parte dos grupos de pesquisa sobre Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT)⁹⁵, no Grupo de Estudos em Linguística de *Corpus* do Sul (GELCORP-SUL)⁹⁶ e Projeto Terminológico Cone Sul (TERMISUL)⁹⁷

O objetivo desta pesquisa é identificar e propor um modelo de Definição Terminológica (doravante DT) aplicável à Língua Brasileira de Sinais (Libras), em um contexto de ensino-aprendizagem de História com estudantes e professores do Ensino Médio que necessitam de informação de natureza técnico-científicas apresentada em uma linguagem simples.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Convidamos seu filho(a) ou o adolescente pelo qual você é responsável para participar de um estudo no âmbito educacional. Ao participar deste estudo os(as) alunos(as) Surdos(as) participarão de exposições guiadas pelo coordenador da pesquisa sobre informações a respeito de sinais-termo *Biopolítica, Cruzadas, Liberalismo, Peste Bubônica, Quilombo, Pau-de-Arara, Liberdade de Credo, Colonização Portuguesa, Ditadura Militar, Cartografia, Racionalismo Cartesiano e Energia Nuclear*. Todos os sinais-termos foram coletados na vídeo-prova de Ciências Humanas e Suas Tecnologias do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Todas as informações serão apresentadas em Libras, a fim de atender às necessidades do público da pesquisa e as especificidades de uma língua sinalizada. Serão realizados 7 encontros com duração de 30min a 45min cada. Cada encontro será dividido da seguinte forma: 1) teremos a exposição em Libras utilizando materiais como vídeos, imagens etc.

⁹⁵ As informações sobre o grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/textecc/acessibilidade>.

⁹⁶ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://dgp.cnpq.br/buscagrupos/detalheGrupo.jsp?grupo=0192801R0T3AKW&censo=2010>.

⁹⁷ As informações do grupo estão disponíveis em: <http://www.ufrgs.br/termisul/index.php>.

sobre os sinais-termo. 2) aplicação de um questionário aos participantes solicitando o *feedback* do que foi apresentado na primeira parte.

Importante: seu filho(a) ou o(a) adolescente pelo qual você é responsável terá a liberdade de se recusar a participar e tem a liberdade de se retirar em qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou repreensão. Durante a exposição e coleta de dados, o grupo de estudantes estará acompanhado por um representante da instituição. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados da pesquisa. Sempre que você pai, mãe ou responsável queira mais informações sobre este estudo podem entrar em contato com o Prof. Eduardo Felten pelo fone (61) 981022585.

SOBRE O QUESTIONÁRIO: Serão solicitadas algumas informações e feitas perguntas sobre o que o(a) aluno(a) Surdo(a) entendeu sobre o que significa alguns sinais-termo que são utilizados em vídeos-provas do Enem.

GRAVAÇÃO DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO: As respostas serão registradas em vídeo para análise por meio de câmera digital ou celular. Caso a reunião seja *on-line* (remota), vamos fazer a gravação das reuniões realizadas pelo *Google Meet* ou *Zoom*. A análise dos vídeos será outra etapa da pesquisa, sem a participação do aluno(a). O(A) aluno(a) responderá às perguntas da pesquisa para uma câmera que estará posicionada para esta finalidade. A coleta de dados em Libras acontece dessa forma, pois a língua de sinais é registrada em vídeos, pois é uma língua que utiliza as mãos e o corpo para se comunicar (modalidade visoespacial). As respostas em Libras registradas em vídeo para análise são fundamentais para o propósito da pesquisa. Mas não precisa se preocupar, os vídeos não serão divulgados ou compartilhados e a sua identidade será preservada.

A resposta ao questionário e as gravações servirão para análise que será outra etapa da pesquisa. Após a análise dos dados (vídeos com a imagem dos(as) participantes Surdos(as)), novos vídeos serão regravados pelo pesquisador Eduardo Felten com os sinais utilizados pelos participantes para um banco de sinais. Isso quer dizer que a sua sinalização será salvaguardada, transformada em novos vídeos com a imagem do pesquisador para fins de divulgação dos sinais em Libras.

Os vídeos servirão apenas para análise, para que possamos identificar quais sinais são utilizados pelos(as) estudantes Surdos(as) sobre o conteúdo ensinado. Os vídeos não serão divulgados e a identidade dos(as) participantes será preservada. Ninguém saberá que seu/sua filho(a) está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os vídeos registrados serão armazenados em mídias digitais como CD e *pen-drive*, e ficarão sob guarda da professora

orientadora da pesquisa. Quem terá acesso aos arquivos serão o pesquisador Eduardo Felten, o pesquisador assistente Rodolpho D’Azevedo e a professora orientadora Maria José B. Finatto.

Será divulgado um banco de sinais coletados que ajudará essa pesquisa a encontrar a melhor forma de elaborar e sinalizar uma definição terminológica no âmbito das Ciências Humanas. Os dados analisados estarão descritos na tese de doutorado do pesquisador. O banco de sinais criado poderá servir de apoio a outros pesquisadores que futuramente queiram estudar a definição em Libras e sobre linguagem simplificada.

RISCOS E DESCONFORTO: Ao participar da pesquisa, o aluno poderá sentir um desconforto ao se sentirem despreparados ou não conhecedores do conteúdo que será exposto. Para ajudar o(a) aluno(a), caso se sinta assim, oferecemos uma atividade extra, em horário a agendar, junto com o professor, em uma reunião virtual, para tirar dúvidas sobre os conteúdos. Assim, o(a) participante será um(a) conhecedor(a) dos sinais-termo com que vamos trabalhar nas nossas atividades. A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme a Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

a) o projeto foi avaliado pelo CEP-UFRGS, órgão colegiado, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, cuja finalidade é avaliar – emitir parecer e acompanhar os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos, em seus aspectos éticos e metodológicos, realizados no âmbito da instituição; b) a assinatura do TCLE não exclui possibilidade do participante buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes de participação na pesquisa, como preconiza a Resolução 466/12."

A princípio, devido à pandemia do novo Coronavírus no Brasil, os encontros serão de forma remota (*on-line*) por meio de plataformas como o *Google Meeting* e/ou *Zoom*. Caso o plano de vacinação esteja otimista e a Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) retome as aulas presenciais, poderemos realizar a pesquisa no espaço físico da escola, também de forma presencial.

CONFIDENCIALIDADE: Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. Acima de tudo interessam os dados coletivos e não aspectos particulares de cada entrevistado.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, o(a) aluno(a) Surdo(a) colaborado(a) será beneficiado(a) com aulas exclusivamente em Libras, sem a necessidade de intérprete

educacional como intermediário e com informações sobre História nas provas do Enem. Além disso, a nossa pesquisa trará informações sobre sinais-termo da área das Ciências Humanas, respeitando a didática visual para aluno(a)s Surdo(a)s, fator determinante para um aprendizado efetivo. Todo(a)s o(a)s participantes também conhecerão sinais-termo que são utilizados no Enem em Libras, podendo ter acesso a um conteúdo que será útil quando chegar a sua vez de participar do exame. Por fim, esperamos que os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outro(a)s aluno(a)s Surdo(a)s em processo de escolarização e que precisam compreender a terminologia de História em Libras.

PAGAMENTO: O(A) estudante do qual você é responsável receberá nenhum tipo de pagamento ou recompensa por participar deste estudo. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para que o(a) aluno(a) da qual você é responsável participe desta pesquisa. Para tanto, preencha os itens que se seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, aceito participar desta pesquisa.

Nome do(a) responsável

Assinatura do(a) responsável

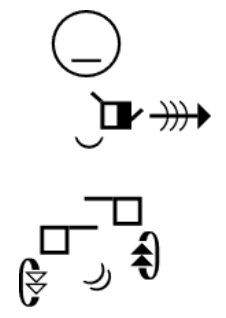
_____, _____ de março de 2022
Local e data

Coordenador da pesquisa

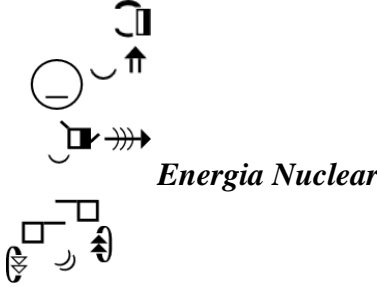
Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. A pesquisadora responsável por esta pesquisa é a Prof^a Dr^a Maria José B. Finatto do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária do Instituto de Letras da UFRGS. Caso queiram contatar a equipe, isso poderá ser feito pelos telefones (61) 981022585 ou pelo e-mail: eduardofelten.unb@gmail.com. Maiores informações podem ser obtidas junto ao Comitê de Ética em Pesquisa UFRGS pelo e-mail: etica@propeq.ufrgs.br.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - Repertório de sinais dos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Energia nuclear* Grupo A

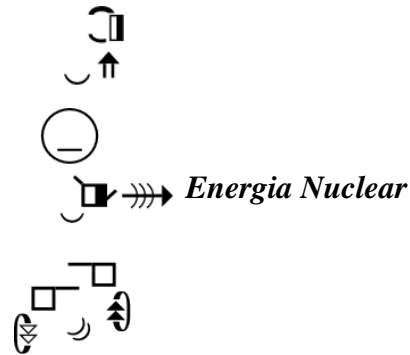
CEM 02 (grupo A)		
 <p><i>Energia Nuclear</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
Átomo	SIGNIFICA ENERGIA MAIS FORTE DE ESPALHAR	Acidente de Chernobyl
Nêutron		Como funciona um reator
Radiação		Consequências da radiação no corpo humano
		Reação em cadeia

APÊNDICE 2 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Energia nuclear* Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>Reação em Cadeia</u>	<u>CIDADE PESSOAS FUGIR OU ABANDONAR OU SAIR</u>	<u>Ucrânia</u>
<u>Radiação</u>	<u>EXPLOSÃO TER AR PERIGOSO EXPALHAR</u>	<u>Superaquecimento do reator</u>
<u>Urânio</u>	<u>EXPLOSÃO USINA NUCLEAR CHERNOBYL</u>	<u>Acidente em Chernobyl</u>
<u>Energia Nuclear</u>	<u>LUZ VERMELHA AVISAR REATOR SUPERAQUECIDO HOMEM PROFISSIONAL CONTROLE PROBLEMA EXPLODIU NÃO ADIANTOU</u>	
	<u>NÚCLEO ÁTOMO EXPLODE ESPALHA LIBERA ENERGIA QUENTE</u>	
	<u>REATOR SUPERAQUECEU EXPLODIU USINA ESPALHOU PESSOA PEGAR RADIAÇÃO</u>	

APÊNDICE 3 - Cruzamento de dados - Grupo A e B, repertório para o sinal-termo *Energia nuclear*


CEM 02 e Lilia Mazon (Grupo A e B)



Sinal-termo	Frasal	Outros
<u>Átomo</u>	<u>SIGNIFICA ENERGIA MAIS FORTE DE ESPALHAR</u>	<u>Ucrânia</u>
<u>Nêutron</u>	<u>CIDADE PESSOAS FUGIR OU ABANDONAR OU SAIR</u>	<u>Superaquecimento do reator</u>
<u>Reação em Cadeia</u>	<u>EXPLOSÃO TER AR PERIGOSO EXPALHAR</u>	<u>Acidente em Chernobyl</u>
<u>Radiação</u>	<u>EXPLOSÃO USINA NUCLEAR CHERNOBYL</u>	<u>Como funciona um reator</u>
<u>Urânio</u>	<u>LUZ VERMELHA AVISAR REATOR SUPERAQUECIDO HOMEM PROFISSIONAL CONTROLE PROBLEMA EXPLODIU NÃO ADIANTOU</u>	<u>Consequências da radiação no corpo humano</u>
<u>Energia Nuclear</u>	<u>NÚCLEO ÁTOMO EXPLODE ESPALHA LIBERA ENERGIA QUENTE</u>	
	<u>REATOR SUPERAQUECEU EXPLODIU USINA ESPALHOU PESSOA PEGAR RADIAÇÃO</u>	
	<u>CIDADE PESSOAS FUGIR OU ABANDONAR OU SAIR</u>	
<u>ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA</u>		

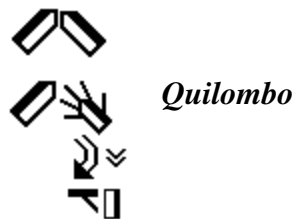
X = SIGNIFICA O QUE? É Y. PARA QUE? PARA W. COMO? Z + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional).	
ELEMENTOS A APROVEITAR DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO	
Y	<u>SIGNIFICA ENERGIA MAIS FORTE DE ESPALHAR</u>
W	PARA GERAR ENERGIA PARA AS CASAS, PARA AS PESSOAS
Z	<u>URÂNIO; COMO FUNCIONA UM REATOR</u>
	<u>ÁTOMO; NÊUTRON; REAÇÃO EM CADEIA</u>
EXEMPLOS/NOTAS ENCICLOPÉDICAS	<u>ACIDENTE DE CHERNOBYL; UCRÂNIA</u>
	<u>LUZ VERMELHA AVISAR REATOR SUPERAQUECIDO HOMEM PROFISSIONAL</u>
	<u>CONTROLE PROBLEMA EXPLODIU NÃO ADIANTOU</u>
	<u>REATOR SUPERAQUECEU EXPLODIU USINA ESPALHOU PESSOA PEGAR RADIAÇÃO</u>
	<u>CIDADE PESSOAS FUGIR OU ABANDONAR OU SAIR</u>
	<u>CONSEQUÊNCIAS DA RADIAÇÃO NO CORPO HUMANO</u>

APÊNDICE 4 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Quilombo* Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
 <p><i>Quilombo</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>Escravo</u>	<u>CASA PESSOA ESCRAVA FUGIU</u>	-
<u>Quilombo</u>	<u>ESCRAVO FUGIU FOI QUILOMBO</u>	-
<u>Cultura</u>	<u>HOJE PESSOA BRANCA QUALQUER PESSOA PODE VISITAR É ABERTO</u>	-
	<u>LÁ QUILOMBO ELES AJUDAM UNS AOS OUTROS PLANTANDO FEIJÃO,</u>	-
	<u>MANDIOCA, COISAS.</u>	-
	<u>PORQUE CANSADO APANHAR NÃO-ACEITAR FAZER COISA, FUGIU.</u>	-
	<u>QUILOMBO É RESISTÊNCIA</u>	-

APÊNDICE 5 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Quilombo* Grupo B


Lilia Mazon (Grupo B)



Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>QUILOMBO</u>	<u>ANTES VIDA ESCRAVO NÃO FÁCIL TRABALHO muito SALÁRIO NÃO TER APANHAVA muito</u>	<u>ESCRAVO APANHAR</u>
	<u>CONSTROI CASA JUNTO FAMÍLIA GERAÇÃO CULTURA COSTUME DELES</u>	
	<u>ESCRAVO ANTES SALÁRIO NÃO TINHA DEPOIS PRINCESA ISABEL LIBERTOU CASA COISA TINHA</u>	
	<u>ESCRAVO FUGIU MATO CONSTRUIU QUILOMBO</u>	
	<u>ESCRAVO SALÁRIO NÃO TINHA</u>	
	<u>ESCRAVO SOFRE MARCA COSTUME CULTURA QUILOMBO</u>	
	<u>ESCRAVOS DORMIAM COM TORNOZELO PRESO</u>	
	<u>EU ACHO INTERESSANTE CULTURA LÍNGUA PRETOS CULTURA DELES INTERESSANTE</u>	
	<u>MAS NOSSA VIDA DIFERENTE CIDADE</u>	
	<u>NO BRASIL PRETO VONTADE LIVRE DANÇAR VONTADE TEM</u>	
	<u>NO QUILOMBO CASA FEITA BARRO SIMPLES</u>	
	<u>NO QUILOMBO PESSOA ANDAM BRINCAM SÃO FELIZES LIVRES</u>	
	<u>NO QUILOMBO PESSOA TER CARRO ÔNIBUS ESCOLA COISAS</u>	
	<u>NO QUILOMBO TEM ESCOLA</u>	

	<u>NO QUILOMBRO TEM TURISMO QUILOMBOLA GUIA CACHOEIRAS</u>	
	<u>PORQUE QUILOMBO CASA FEITA ADOBE CULTURA PRÓPRIA</u>	
	<u>QUILOMBOLA</u>	
	<u>PRINCESA ISABEL ASSINAR LEI ESCRAVO LIVRE</u>	
	<u>QUILOMBO É COMUNIDADE DE PRETOS</u>	
	<u>QUILOMBO TEM FAMÍLIA TROCA VIVE COMUNIDADE TEM IGREJA TEM</u>	
	<u>ESCOLA</u>	
	<u>QUILOMBOLA PLANTA PRÓPRIA COMIDA TEM CUTURA PRÓPRIA VIVE</u>	
	<u>COMUNIDADE</u>	
	<u>SOFRIMENTO MARCA IMPORTANTE CULTURA PRETO</u>	
	<u>VIDA ESCRAVO DIFERENTE ALEMÃO (brancos) TRABALHO MUITO FOLGA</u>	
	<u>NADA</u>	

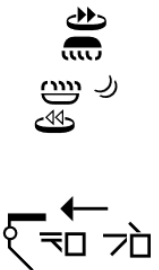
APÊNDICE 6 - Repertório comum de sinais utilizado - dados Grupo A + B, para o sinal-termo *Quilombo*

CEM 02 e Lilia Mazon (Grupo A e B)		
 } <i>Quilombo</i>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>Escravo</u>	<u>CASA PESSOA ESCRAVA FUGIU</u>	
<u>Quilombo</u>	<u>ESCRAVO FUGIU FOI QUILOMBO</u>	
<u>Cultura</u>	<u>PORQUE CANSADO APANHAR NÃO-ACEITAR FAZER COISA, FUGIU.</u>	
	<u>QUILOMBO É RESISTÊNCIA</u>	
	<u>ANTES VIDA ESCRAVO NÃO FÁCIL TRABALHOmuito SALÁRIO NÃO TER APANHAVAmuito</u>	
	<u>CONSTROI CASA JUNTO FAMÍLIA GERAÇÃO CULTURA COSTUME DELES</u>	
	<u>ESCRAVO ANTES SALÁRIO NÃO TINHA DEPOIS PRINCESA ISABEL LIBERTOU CASA COISA TINHA</u>	
	<u>ESCRAVO FUGIU MATO CONSTRUIU QUILOMBO</u>	
	<u>ESCRAVO SALÁRIO NÃO TINHA</u>	
	<u>ESCRAVO SOFRE MARCA COSTUME CULTURA QUILOMBO</u>	
	<u>ESCRAVOS DORMIAM COM TORNOZELO PRESO</u>	
	<u>ANTES VIDA ESCRAVO NÃO FÁCIL TRABALHOmuito SALÁRIO NÃO TER APANHAVAmuito</u>	

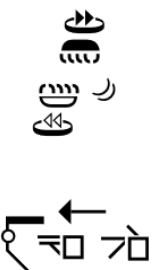
	<u>EU ACHO INTERESSANTE CULTURA LÍNGUA PRETOS CULTURA DELES INTERESSANTE</u>	
	<u>MAS NOSSA VIDA DIFERENTE CIDADE</u>	
	<u>NO BRASIL PRETO VONTADE LIVRE DANÇAR VONTADE TEM</u>	
	<u>NO QUILOMBO CASA FEITA BARRO SIMPLES</u>	
	<u>NO QUILOMBO PESSOA ANDAM BRINCAM SÃO FELIZES LIVRES</u>	
	<u>NO QUILOMBO PESSOA TER CARRO ÔNIBUS ESCOLA COISAS</u>	
	<u>NO QUILOMBO TEM ESCOLA</u>	
	<u>NO QUILOMBO TEM TURISMO QUILOMBOLA GUIA CACHOEIRAS</u>	
	<u>PORQUE QUILOMBO CASA FEITA ADOBE CULTURA PRÓPRIA QUILOMBOLA</u>	
	<u>PRINCESA ISABEL ASSINAR LEI ESCRAVO LIVRE</u>	
	<u>QUILOMBO É COMUNIDADE DE PRETOS</u>	
	<u>QUILOMBO TEM FAMÍLIA TROCA VIVE COMUNIDADE TEM IGREJA TEM ESCOLA</u>	
	<u>QUILOMBOLA PLANTA PRÓPRIA COMIDA TEM CUTURA PRÓPRIA VIVE COMUNIDADE</u>	
	<u>SOFRIMENTO MARCA IMPORTANTE CULTURA PRETO</u>	
	<u>VIDA ESCRAVO DIFERENTE ALEMÃO (brancos) TRABALHO MUITO FOLGA NADA</u>	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
X = SIGNIFICA O QUE? QUILOMBO É Y. PARA QUE? W. PASSADO COMO? Z. AGORA COMO? K. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)		
ELEMENTOS A APROVEITAR DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
X	<u>CASA PESSOA ESCRAVA FUGIU</u>	
	<u>ES CRAVO FUGIU FOI QUILOMBO</u>	
	<u>ES CRAVO FUGIU MATO CONSTRUIU QUILOMBO</u>	
	<u>QUILOMBO É COMUNIDADE DE PRETOS</u>	

W	<u>CONSTROI CASA JUNTO FAMÍLIA GERAÇÃO CULTURA COSTUME DELES</u>	
	<u>NO QUILOMBO PESSOA ANDAM BRINCAM SÃO FELIZES LIVRES</u>	
Z	<u>ANTES VIDA ESCRAVO NÃO FÁCIL TRABALHOmuito SALÁRIO NÃO TER APANHAVA muito</u>	
	<u>ES CRAVO ANTES SALÁRIO NÃO TINHA DEPOIS PRINCESA ISABEL LIBERTOU CASA COISA TINHA</u>	
K	<u>NO QUILOMBO PESSOA TER CARRO ÔNIBUS ESCOLA COISAS</u>	
	<u>QUILOMBO TEM FAMÍLIA TROCA VIVE COMUNIDADE TEM IGREJA TEM ESCOLA</u>	
	<u>QUILOMBOLA PLANTA PRÓPRIA COMIDA TEM CUTURA PRÓPRIA VIVE COMUNIDADE</u>	

APÊNDICE 7 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Revolta da Vacina* Grupo A

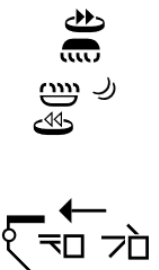
CEM 02 (grupo A)		
 <p><i>Revolta da vacina</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>Deputado</u>	<u>ACHO NÃO QUER VACINA PQ OBRIGATÓRIO</u>	<u>Rio de Janeiro</u>
<u>Senador</u>	<u>ANTES TINHA REI BRASIL</u>	<u>Oswaldo Cruz</u>
<u>Presidente</u>	<u>BRIGA povo PQ NÃO QUER VACINA</u>	<u>Povo briga</u>
<u>Governo</u>	<u>CRIOU LEI OBRIGATÓRIA VACINA POVO CONTRA</u>	<u>Novembro de 1904</u>
<u>Fiocruz</u>	<u>DEPUTADO SENADOR QUERER TIRAR PRESIDENTE BRASIL INFLUENCIOU POVO RUA CONTRA VACINA</u>	
<u>Varíola</u>	<u>PESSOA BRIGAR PQ NÃO QUER VACINA</u>	
<u>Vacina</u>	<u>REI SAIR CONTRUIR REFORMA NOVO (modernização)</u>	
	<u>SENADOR OU DEPUTADO MOTIVAR TROCAR IDEIA</u>	
	<u>TINHA DOENÇA VARÍOLA DEPUTADO SENADOR FEZ ACORDO CHUTAR PRESIDENTE INFLUENCIOU POVO CONTRA VACINA</u>	
	<u>VACINA NÃO É 100% MAS AJUDA DIMINUI SINTOMAS</u>	
	<u>VACINA É IMPORTANTE</u>	

APÊNDICE 8 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Revolta da Vacina* Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
 <p><i>Revolta da Vacina</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>MANIFESTAÇÃO</u>	<u>AEDES EAGYPTI FEBRE EVITA PEGAR</u>	<u>BRANCO BSB</u> <u>POA PRETO BSB</u> <u>POA</u>
<u>REVOLTA DA VACINA</u>	<u>CANCELOU OBRIGATÓRIO MUDAR DE IDEIA</u> <u>CANCELOU</u>	<u>REFORMA</u>
<u>VACINA (descritivo)</u>	<u>DISCUSSÃO POR QUE NÃO QUER OBRIGATORIEDADE</u> <u>VACINA</u>	
<u>VACINA OBRIGATÓRIA</u>	<u>ESGOTO RUA POR ISSO MOSQUITO RATO COISAS</u>	
	<u>FEBRE AMARELA VARÍOLA E PESTE BUBÔNICA</u>	
	<u>FEBRE AMARELA, VARÍOLA E PESTE BUBÔNICA</u>	
	<u>LEI CANCELOU OBRIGAÓRIA VACINA</u>	
	<u>LIMPEZA EVITA SUJEIRA</u>	
	<u>MODERNIZAÇÃO RIO OBRIGATORIEDADE VACINA</u> <u>1MIN05</u>	
	<u>POVO BRIGA RECLAMA VAI RUA LUTA</u>	

	<u>PREFEITO TRABALHOU muito MAS PERDEU TEMPO NA HORA PESSOAS BURRA NÃO QUI VACINA</u>	
	<u>PRESIDENTE PREFEITO COMPRA VACINA MELHOR DOENÇA SARAR</u>	
	<u>PRIMEIRO PRESIDENTE FEZ PROPOSTA LIMPESA URBANA DEPOIS SENADOR E DEPUTADO ACORDO TIRAR PRESIDENTE PQ CONTRA VACINA OBRIGATÓRIA</u>	
	<u>QUERER SUBSTITUIR PRECIDENTE PARECE ESTRATÉGIA INFLUÊNCIA</u>	
	<u>VACINA AJUDA DIMINUIR DOENÇA ENVITA PEGAR VÍRUS MAIS IMPORTANTE</u>	
	<u>VACINA PRECISA IR CONTRA OBRIGATÓRIO</u>	
	<u>VACINA SEGURA AJUDA PESSOA SAÚDE NÃO MORRER</u>	

APÊNDICE 9 - Repertório comum de sinais utilizado - dados Grupo A + B, para o sinal-termo *Revolta da Vacina*

CEM 02 e Lilia Mazon (Grupo A e B)		
 <p><i>Revolta da Vacina</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
<u>DEPUTADO</u>	<u>ACHO NÃO QUER VACINA PQ OBRIGATÓRIO</u>	<u>Rio de Janeiro</u>
<u>SENADOR</u>	<u>ANTES TINHA REI BRASIL</u>	<u>Oswaldo Cruz</u>
<u>PRESIDENTE</u>	<u>BRIGApovo PQ NÃO QUER VACINA</u>	<u>Povo briga</u>
<u>GOVERNO</u>	<u>CRIOU LEI OBRIGATÓRIA VACINA POVO CONTRA</u>	<u>Novembro de 1904</u>
<u>FIOCRUZ</u>	<u>DEPUTADO SENADOR QUERER TIRAR PRESIDENTE BRASIL INFLUENCIOU POVO RUA CONTRA VACINA</u>	<u>BRANCO BSB POA PRETO BSB POA</u>
<u>VARÍOLA</u>	<u>PESSOA BRIGAR PQ NÃO QUER VACINA</u>	<u>REFORMA</u>
<u>MANIFESTA ÇÃO</u>	<u>REI SAIR CONTRUIR REFORMA NOVO (modernização)</u>	<u>BRANCO BSB POA PRETO BSB POA</u>
<u>REVOLTA DA VACINA</u>	<u>SENADOR OU DEPUTADO MOTIVAR TROCAR IDEIA</u>	
<u>VACINA (descritivo)</u>	<u>TINHA DOENÇA VARÍOLA DEPUTADO SENADOR FEZ ACORDO CHUTAR PRESIDENTE INFLUENCIOU POVO CONTRA VACINA</u>	


<u>VACINA OBRIGATÓRIA</u>	<u>VACINA NÃO É 100% MAS AJUDA DIMINUI SINTOMAS</u>	
	<u>VACINA É IMPORTANTE</u>	
	<u>AEDES EAGYPTI FEBRE EVITA PEGAR</u>	
	<u>CANCELOU OBRIGATÓRIO MUDAR DE IDEIA CANCELOU DISCUSSÃO POR QUE NÃO QUER OBRIGATORIEDADE VACINA</u>	
	<u>ESGOTO RUA POR ISSO MOSQUITO RATO COISAS</u>	
	<u>FEBRE AMARELA VARÍOLA E PESTE BUBÔNICA</u>	
	<u>FEBRE AMARELA, VARÍOLA E PESTE BUBÔNICA</u>	
	<u>LEI CANCELOU OBRIGAÓRIA VACINA</u>	
	<u>LIMPEZA EVITA SUJEIRA</u>	
	<u>MODERNIZAÇÃO RIO OBRIGATORIEDADE VACINA 1MIN05</u>	
	<u>POVO BRIGA RECLAMA VAI RUA LUTA</u>	
	<u>PREFEITO TRABALHOU muito MAS PERDEU TEMPO NA HORA PESSOAS BURRA NÃO QUI VACINA</u>	
	<u>PRESIDENTE PREFEITO COMPRA VACINA MELHOR DOENÇA SARAR</u>	
	<u>PRIMEIRO PRESIDENTE FEZ PROPOSTA LIMPESA URBANA DEPOIS SENADOR E DEPUTADO ACORDO TIRAR PRESIDENTE PQ CONTRA VACINA OBRIGATÓRIA</u>	
	<u>QUERER SUBSTITUIR PRECIDENTE PARECE ESTRATÉGIA INFLUÊNCIA</u>	
	<u>VACINA AJUDA DIMINUIR DOENÇA ENVITA PEGAR VÍRUS MAIS IMPORTANTE</u>	
	<u>VACINA PRECISA IR CONTRA OBRIGATÓRIO</u>	
	<u>VACINA SEGURA AJUDA PESSOA SAÚDE NÃO MORRER</u>	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		

X = PASSADO SIGNIFICA O QUE? FOI Y. PARA QUE? W. POR QUÊ Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)

ELEMENTOS A APROVEITAR DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO

X Y	<u>MANIFESTAÇÃO; POVO BRIGA RECLAMA VAI RUA LUTA; RIO DE JANEIRO</u>	
	<u>PESSOA BRIGAR PQ NÃO QUER VACINA</u>	
W	<u>DISCUSSÃO POR QUE NÃO QUER OBRIGATORIEDADE VACINA</u>	
	<u>BRIGA povo PQ NÃO QUER VACINA</u>	
	<u>FEBRE AMARELA VARÍOLA E PESTE BUBÔNICA</u>	
	<u>FEBRE AMARELA, VARÍOLA E PESTE BUBÔNICA</u>	
	<u>OSWALDO CRUZ</u>	
	<u>AEDES EAGYPTI FEBRE EVITA PEGAR</u>	
Z	<u>MODERNIZAÇÃO RIO OBRIGATORIEDADE VACINA 1MIN05</u>	
	<u>PRIMEIRO PRESIDENTE FEZ PROPOSTA LIMPESA URBANA DEPOIS SENADOR E DEPUTADO ACORDO TIRAR PRESIDENTE PQ CONTRA VACINA OBRIGATÓRIA</u>	
	<u>DEPUTADO SENADOR QUERER TIRAR PRESIDENTE BRASIL INFLUENCIOU POVO RUA CONTRA VACINA</u>	
	<u>QUERER SUBSTITUIR PRECIDENTE PARECE ESTRATÉGIA INFLUÊNCIA</u>	
	<u>CRIOU LEI OBRIGATÓRIA VACINA POVO CONTRA</u>	
	<u>LEI CANCELOU OBRIGAÓRIA VACINA</u>	
	<u>NOVEMBRO DE 1904; CANCELOU OBRIGATÓRIO MUDAR DE IDEIA CANCELOU</u>	


APÊNDICE 10 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Colonização Portuguesa na América* Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
 <p><i>Colonização Portuguesa na América</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
Tratado de Tordesilhas	PORTUGAL BARCO CHEGA COLOCA BANDEIRA LUGAR BRASIL	Via de São Vicente
Pacto colonial	PORQUE PORTUGAL PEGA COLOCA BANDEIRA	Moer cana-de-açúcar (Descritivo)
	PEGA PEGA OUTRO COISA VALIOSA	
	SOCIEDADE BRANCA PORTUGUESA, PRETA ESCRAVOS E INDÍGENAS	
	SEPARADO METADE ESPANHA METADE PORTUGAL	
	BRASIL COMEÇA CASAS GRUPOpequeno SÃO VICENTE	
	CAPITANIA HEREDITÁRIA TERRA PORTUGAL DÁ FAMÍLIA PASSA PRA FRENTE	
	AQUI BRASIL TEM CANA-DE-AÇÚCAR OURO PAU ÁRVORE VERMELHA NÓS BRASIL DAR DAR DAR MAS PORTUGAL DAR NADA SÓ VENDER COPO ROUPA VINHO GARFO COISAS (PACTO	

	COLONIAL)	
	FAMÍLIA REAL MEDO COLOCA COISAS MALA FOGE VOLTA BRASIL	
	NAPOLEÃO PEGAR EUROPA DOM GORDO JOÃO TER MEDO FUGIU JUNTO FAMÍLIA MORAR BRASIL	
	PRETO ESCRAVO TRABALHO	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
<p>X = SIGNIFICA O QUE? COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA AMÉRICA É Y. PARA QUE? PARA K. COLÔNIA PORTUGUÊSA AMÉRICA COMO? FOI P . QUANDO PERÍODO COLÔNIA FIM? FIM R. COLÔNIA PORTUGUESA AMÉRICA FIM POR QUÊ? PORQUE W. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)</p>		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	PORTUGAL BARCO CHEGA COLOCA BANDEIRA LUGAR BRASIL. PORQUE PORTUGAL PEGA COLOCA BANDEIRA	
K	PEGA PEGA OUTRO COISA VALIOSA OURO, PAU BRASIL, COISAS NATUREZA. PORTUGAL COLONIA BRASIL 1531 A 1822. BRASIL COMEÇA CASAS GRUPOpequeno SÃO VICENTE SOCIEDADE BRANCA PORTUGUESA, PRETA ESCRAVOS E INDÍGENAS	
	SEPARADO METADE ESPANHA METADE PORTUGAL (Tratado de Tordesilhas) CAPITANIA HEREDITÁRIA TERRA PORTUGAL DÁ FAMÍLIA PASSA PRA FRENTE AQUI BRASIL TEM CANA-DE-AÇÚCAR OURO PAU ÁRVORE VERMELHA NÓS BRASIL DAR DAR DAR MAS PORTUGAL DAR NADA SÓ VENDER COPO ROUPA VINHO GARFO COISAS (PACTO COLONIAL)	
	NAPOLEÃO PEGAR EUROPA DOM GORDO JOÃO TER MEDO FUGIU JUNTO FAMÍLIA MORAR BRASIL	
	NAPOLEÃO PEGAR EUROPA DOM GORDO JOÃO TER MEDO FUGIU JUNTO FAMÍLIA MORAR BRASIL	
	PRETO ESCRAVO TRABALHO FORÇADO	

R	COLONIA PORTUGAL BRASIL FIM 1822.
W	COLONIA PORTUGAL BRASIL FIM PORQUE BRASIL SEPARAR PORTUGAL, BRASIL É PAÍS INDEPENDENCIA BRASIL.


APÊNDICE 11 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Ditadura Militar* Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
 <p><i>Ditadura Militar</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
ARENA	AS PESSOAS NÃO PODIAM FALAR MAU DO GOVERNO	MANIFESTAÇÃO
CENSURA	AS PESSOAS NÃO PODIAM VOTAR	PESSOA VAI FUGIR OUTRO PAÍS exílio político
COMUNISMO	MILITAR MANDA muito	PESSOA FUGIR OUTRO PAÍS exílio político 2
EXÉRCITO	MILITAR PROIBIR	PESSOA FUGIR OUTRO PAÍS exílio político 3
MARINHA	PASSADO DITADURA MUITO RUIM	
AERONÁUTICA	PASSADO SOCIEDADE TER VONTADE TER OPINIÃO PRÓPRIO DIREITO	
TORTURA	VOTO PRESIDENTE SÓ CONGRESSO NACIONAL	
URSS	GOVERNO PEGA PESSOA E MATA	
VOTO	PRECISA CUIDADO ATENÇÃO VOTAR CERTO	

INDIRETO	CONSEGUIR EVOLUIR 4 ANOS	
	PRISÃO TORTURA CENSURA	
	TRÊS PILARES DA DITADURA MILITAR	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
X= SIGNIFICA O QUE? DITADURA MILITAR É Y. POR QUE? POR QUE R. COMO? FOI W. FIM QUANDO? FIM Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	DITADURA MILITAR SIGNIFICA GOVERNO AUTORITÁRIO PESSOA UMA MILITAR MANDA MANDA MANDA	
	DITADURA MILITAR BRASIL DURAR 21 ANOS FOI GOVERNO COMEÇAR 1964 ATÉ 1985.	
	PERÍODO DITADURA QUEM PRESIDENTE MANDA MANDA MANDA GOVERNO FOI PESSOAS MILITAR	
R	PRESIDENTE 1964 PESSOAS BRASIL ACUSAR PRESIDENTE JOÃO GOULART É COMUNISTA 31 MAIO PESSOAS MILITARES EXPULSAR (CHUTAR) PRESIDENTE JOÃO GOULART (CHUTADO) FOI MORAR URUGUAI	
	9 ABRIL 1964 FOI DIVULGADO DOCUMENTO LEI (ATO INSTITUCIONAL 1) CONGRESSO NACIONAL PODE ESCOLHER OUTRO PRESIDENTE.	
	VOTO PRESIDENTE SÓ CONGRESSO NACIONAL. PESSOAS BRASIL VOTAR? NÃO PROIBIDO.	
	CONGRESSO ESCOLHER PRESIDENTE HOMEM CASTELO BRANCO, CHEFE EXÉRCITO BRASIL.	
	PESSOAS BRASIL MILITAR SEMPRE VIGIA.	
W	JORNAL, REVISTA, RÁDIO, MÚSICA, TELEVISÃO SE FALAR MAU GOVERNO, TERpassado CENSURA. MILITAR PROIBIR.	
	MILITAR MANDAmuito;	
	MOVIMENTO SOCIAL CONTRA GOVERNO DITADURA TERpassado BATER, AMARRAR MÃO, TORTURA, GOVERNO PEGA PESSOA E MATA.	
	PASSADO SOCIEDADE TER VONTADE TER OPINIÃO PRÓPRIO DIREITO	
	AS PESSOAS NÃO PODIAM VOTAR	

Z	DITADURA MILITAR FIM ANO 1985.
	ELEIÇÃO 1985 TINHA HOMEM PAULO MALUF GRUPO MILITAR E TANCREDO NEVES GRUPO CONTRA MILITAR. CONGRESSO VOTOU TANCREDO NEVES.
	TANCREDO NEVES PRESIDENTE E JOSÉ SARNEY VICE-PRESIDENTE TEVE FIM DITADURA MILITAR.
	ANO 1988 CONGRESSO ESCREVE NOVA CONSTITUIÇÃO GARANTE DEMOCRACIA POVO BRASIL PODE ESCOLHER PRESIDENTE VOTO DIRETO.

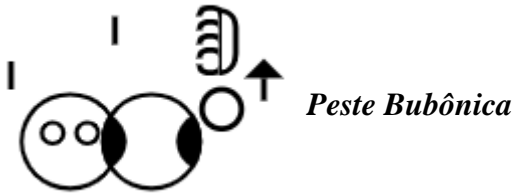
APÊNDICE 12 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Liberalismo* Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
 <p style="text-align: right;"><i>Liberalismo</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
SÉCULO VIII	LIBERALISMO SIGNIFICA GOVERNO NÃO PRECISA CONTROLAR MERCADO	ADAM SMITH
BURGUESIA	SIGNIFICA ESTADO MENOR NÃO PODE CONTROLAR MERCADO	INGLATERRA
LIBERALISMO	HOMEM VELHO JOHN LOCKE ERA CONTRA REI	JOHN LOCKE
PREÇO	POUCA LARANJA PREÇO SOBRE MUITA LARANJA PREÇO DESCE	REI
	PRIMEIRO CARO SEGUNDO BARATO PROCURA PROCURAR ESSE BARATO PEGA LEVAR	
	SE MUITA PESSOA QUER COMPRA PREÇO SOBE SE POUCA PESSOA NÃO QUER COMPRA PREÇO DESCE	
	TÊM MUITA LARANJA POUCA PESSOA COMPRA MERCADO PREÇO MENOR, SE POUCA LARANJA PREÇO MAIOR	
	PRIMEIRO REI SEGUNDO CLERO TERCEIRO BURGUESIA POR ÚLTIMO POBRE CAMPONÊS	
	POBRE TRABALHA PAGAR IMPOSTO REI	

ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA	
<p>X= SIGNIFICA O QUE? LIBERALISMO É Y. PARA QUE? PARA W. X COMO? Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO.</p>	
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO	
Y	LIBERALISMO SIGNIFICA GOVERNO NÃO PRECISA CONTROLAR MERCADO
	SIGNIFICA ESTADOgoverno MENOR NÃO PODE CONTROLAR MERCADO
	IDEIA LIBERALISMO COMEÇOU SÉCULO XVII É TEORIA POLÍTICA CONTRA MONARQUIA ABSOLUTISTA.
	PRIMEIRO REI SEGUNDO CLERO TERCEIRO BURGUESIA POR ÚLTIMO POBRE CAMPONÊS PAGA PAGA DINHEIRO REI BURGUESIA.
	POBRE TRABALHA PAGAR PAGAR PAGAR DINHEIRO IMPOSTO REI. POBRE DINHEIRO POUCO
TEM DOIS TIPOS LIBERALISMO: PRIMEIRO LIBERALISMO POLÍTICO E SEGUNDO LIBERALISMO ECONÔMICO.	
W	PRIMEIRO LIBERALISMO VÊ ESTUDA POLÍTICA, HOMEM NOME JOHN LOCKE ELE DEFENDE PESSOAS TER DIREITO NATURAL SIGNIFICA DIREITO A VIDA, A LIBERDADE E A TERRA CASA PRÓPRIO, REI NÃO PODE MEXER ISSO PRÓPRIO PESSOA. HOMEM VELHO JOHN LOCKE ERA CONTRA REI E BURGUESIA.
	SEGUNDO LIBERALISMO FILOSOFIA VÊ ESTUDA ECONOMIA COMEÇOU SÉCULO XVIII, PORQUE IGLATERRA E FRANÇA MUITAS FÁBRICAS MUITO DINHEIRO DONO FÁBRICA.
	SÉCULO XVIII HOMEM NOME ADAM SMITH FILÓSOFO E TABÉM ESTUDA ECONOMIA DEFENDE ESTADOgoverno NÃO PODE MEXER ECONOMIA.
Z	ECONOMIA PRECISA LIVRE COMPRAR VENDER ELA TER REGRA PRÓPRIA. GOVERNO NÃO PODE CONTROLAR CRIAR REGRA ECONOMIA



EXEMPLO	TÊM MUITA LARANJA POUCA PESSOA COMPRA MERCADO PREÇO MENOR, SE POUCA LARANJA PREÇO MAIOR.
	SE MUITA PESSOA QUER COMPRA ISSO PREÇO SOBE, SE POUCA PESSOA NÃO QUER COMPRA PREÇO DESCE.

APÊNDICE 13 - Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Peste Bubônica* Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
PESTE/DOENÇA		PRETOobjeto PRETOetnia BSB
IDADE MÉDIA	SINTEMOMAS PESTE BUBÔNICA FRIO TEMPERATURA QUENTE SUOR	PRETOobjeto PRETOetnia PORTO ALEGRE
	DOR CABEÇA e FRACO COPOR sintomas	RATO
	FRIOsintomas	CARRAPATO RATOdescritivo
	A PESTE BUBÔNICA COMEÇOU PAÍS QUAL CHINA	
	A PESTE BUBÔNICA COMEÇOU PAÍS QUAL CHINA 2	
	A PESTE BUBÔNICA COMEÇOU PAÍS QUAL CHINA 3	
	CARRAPATO RATO DENTRO TER VÍRUS	
	ESPALHAR DOENÇA	
	PESSOA ESCOVAR DENTE NADA TAMBÉM BANHO NADA CALCINHA CUECA CHEIRO RUIM	


	TAMBÉM RUA SUJA LIMPO TÃO TER
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA	
<p>X= SIGNIFICA O QUE? PESTE BUBÔNICA É Y. ACONTECER QUANDO passado? ACONTECER R. COMEÇAR COMO? COMEÇAR W. X ESPALHAR POR QUE? PORQUE Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)</p>	
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO	
Y	PESTE BUBÔNICA É DOENÇA PORQUE BACTÉRIA NOME <u>Y-E-R-S-I-N-I-A P-E-S-T-I-S</u> PEGA.
	SINTOMAS PESTE BUBÔNICA FRIO TEMPERATURA QUENTE SUOR
	DOR CABEÇA e FRACO COPOR <small>sintomas</small>
	PESSOA CORPO PESCOÇO VIRÍLIA AXILAS BOLAS PUS.
	PONTA DEDOS MÃO COR PRETA.
R	PESTE BUBÔNICA COMEÇOU PERÍODO IDADE MÉDIA ONDE EUROPA E ÁSIA.
W	A PESTE BUBÔNICA COMEÇOU PAÍS QUAL CHINA.
Z	PESSOAS EUROPA VAI CHINA COMPRAR TECIDO CEDA, ARROZ COISAS. PODE IR CAVALO CHINA OU NAVIO.
	PESSOAS VOLTA EUROPA TECIDO CAVALO CARGA MITURADO TECIDO OU DENTRO ARROZ OU NAVIO DENTRO TER RATO.
	RATO TEM DENTRO PELO TER PEQUENO PULGA COÇAR.
	PULGA PULAR PESSOA MORDER PASSAR DOENÇA. DOIS DIAS DEPOIS PULGA MORDE BULBOS INFLAMAR.
	DOENÇA ENTRA SANGUE PODE IR PULMÃO MATAR PESSOA
	EUROPA MEDIEVAL ANO 1346 PRA FRENTE, POR EXEMPLO, INGLATERRA, FRANÇA, SUÍÇA, ALEMANHA OUTROS PAÍSES PESSOAS PEGAR DOENÇA MORRER MAIS OU MENOS 50 MILHÕES DE PESSOAS
	EUROPA PERÍODO MEDIEVAL DOENÇA NÃO TER CURA. MÉDICO CAPUZ, ÓCULOS E MASCARA PONTUDA TRATAR PESSOAS, MAS CURA NÃO TER.
	PESTE BUBÔNICA ACABOU? NÃO. HOJE AINDA TEM, MAS MEDICINA EVOLUÍDO, PESSOA REMÉDIO CURA TER.

APÊNDICE 14 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Peste Bubônica* Grupo A

CEM 02 (grupo A)		
 		
<i>Racionalismo Cartesiano</i>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
RACIONALISMO CARTESIANO	ESTUDA É RAZÃO	
IDEIA ADVENTÍCIAS	RACIONALISMO CAMINHO CONHECER VERDADE	
IDEIAS FACTÍCIAS	APRENDER RACIONALISMO CARTESIANO DESENVOLVER PENSAR	
IDEIAS INATAS	DESCARTER NASCEU FRANÇA	
	HOMEM FAMOSO FILÓSOFO RENÉ DESCARTES	
	IDEIAS INATAS FACTÍCIAS E ADVENTÍCIAS	
	INTELIGÊNCIA NÃO TER DÚVIDA NÃO TER	
	PRIMEIRO EVIDÊNCIA SEGUNDO ANÁLISE TERCEIRO RESUMIR QUARTO ORDENAÇÃO	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		

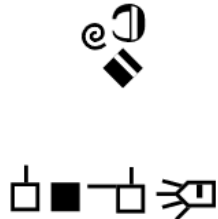
<p>X = SIGNIFICA O QUE? RACIONALISMO CARTESIANO É Y. PARA QUE? PARA K. QUEM CRIOU X? FOI W. POR QUE? PORQUE Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)</p>	
<p>ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO</p>	
Y	<p>ESTUDA É RAZÃO</p> <p>RACIONALISMO CAMINHO CONHECER VERDADE</p>
K	<p>APRENDER RACIONALISMO CARTESIANO DESENVOLVER PENSAR</p>
W	<p>HOMEM FAMOSO FILÓSOFO RENÉ DESCARTES SÉCULO XVII LUGAR ONDE? PAÍS FRANÇA.</p>
Z	<p>HOMEM RENÉ DESCARTES EXPLICA HOMEM HUMANO TEM DENTRO MENTE TEM + CORPO.</p>
	<p>DESCARTES EXPLICAVA PESSOA NASCE BEBÊ TEM TRÊS IDEIAS DIFERENTES: IDEIA INATA; IDEIA FACTÍCIA E IDEIA ADVENTÍCIA.</p>
	<p>1. IDEIA INATA SIGNIFICA NÓS NASCEMOS JÁ PRONTO NÃO PRECISAR VER EXPERIMENTAR COISAS MUNDO, NÃO PRECISA JÁ TEM DENTRO CÉREBRO.</p>
	<p>2. IDEIA FACTÍCIA SIGNIFICA IDEIAS PRÓPRIAS NOSSA IMAGINAR FADA, UNICÓRNIO, MONSTRO OUTROS</p>
	<p>3. IDEIA ADVENTÍCIA SIGNIFICA IDEIA NOSSO CORPO CAPTA AUDIÇÃO, TOQUE, PALADAR, OLFATO E VISÃO;</p>
EXEMPLO ILUSTRATIVO	<p>HOMEM RENÉ DESCARTES EXPLICA O QUE? PARA ENCONTRAR PESQUISA CIÊNCIA COISAS MUNDO OU PENSAMENTO PESSOA PRECISA QUATRO: 1 EVIDÊNCIA (PROVA); 2 ANÁLISE; 3 SÍNTESE E 4 RESUMO (1, 2 E 3).</p>
	<p>DESCARTES DISSE FRASE FAMOSA: PENSAR FILOSOFIA, ESTRALO EU SEI TENHO OU EU VIVO TENHO PQ EU MUNDO VEJO ANÁLISE PENSAR. (COLOCAR LEGENDA: PENSO, LOGO EXISTO)</p>

APÊNDICE 15 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Comércio Marítimo* Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
 <p><i>Comércio Marítimo</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
COMÉRCIO MARÍTIMO	POR EXEMPLO BRASIL PEDE VENDE OUTRO PAÍS ROUPA FEIJÃO CARNE TROCA	PAGA DAR PAGA DAR
	SIGNIFICA LEVAR LEVAR LEVAR	
	COMÉRCIO MARÍTIMO COMEÇAR PAÍS FENÍCIA	
	ROUPA COMIDA LEVA PAGA BARCO VENDE BARCO TROCAR COISAS	
	TAMBÉM OUTROS PAÍSES COMERCIO MARÍTIMO EGITO E ROMA	
	ALEMANHA EUA JAPÃO DAR DAR DAR NAVIO VAI VOLTA AQUI ALI	
	COISAS TUDO DENTRO NAVIO VAI VOLTA PAGA DAR AQUI ALI COMÉRCIO	
	COMÉRCIO MÁRITIMO COMÉRCIO AQUI ALI COMIDA COISAS AQUI ALI VAI VOLTA BARCO	
	COMIDA VÁRIAS AQUI ALI AQUI ALI	
	EUA ALEMANHA JAPÃO COREA HOJE BARCOS MAIS	
	HOJE NAVIO COMERCIO MILHO SOJA PETÓLEO GÁS NATURAL	
	LUCRO CAIXA AJUDA LEVAR LEVAR LEVAR VOLTAR VOLTAR	

	VENDE BARCO LEVA DEPOIS VOLTA CHINA VENDER JAPÃO VENDER LUGARES VENDER	
	VENDE COMPRA AQUI ALI VENDE COMPRA VAI NAVIO	
	VENDE PAÍS QUALQUER TAMBÉM FERRO TECNOLOGIA	
	TER VENDER POR EXEMPLO BARCO VAI PAÍS OUTRO VENDE VAI OUTRO PAÍS COMÉRCIO PAÍS GERAL	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
X = SIGNIFICA O QUE? COMÉRCIO MARÍTIMO É Y. PARA QUE? PARA K. COMO passado? FOI P. AGORA COMO? Z. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	COMÉRCIO MÁRITIMO COMÉRCIO AQUI ALI COMIDA COISAS AQUI ALI VAI VOLTA BARCO	
	SIGNIFICA LEVAR LEVAR LEVAR	
K	ROUPA COMIDA LEVA PAGA BARCO VENDE BARCO TROCAR COISAS	
	COISAS TUDO DENTRO NAVIO VAI VOLTA PAGA DAR AQUI ALI COMÉRCIO	
P	COMÉRCIO MARÍTIMO COMEÇAR PAÍS FENÍCIA	
	TAMBÉM OUTROS PAÍSES COMERCIO MARÍTIMO EGITO E ROMA	
	3000 ANOS ANTES JESUS NASCER EGITO USAR BARCO VENDER COMPRAR COISAS	
Z	HOJE HOJE NAVIO COMERCIO MILHO SOJA PETÓLEO GÁS NATURAL	
	TER VENDER POR EXEMPLO BARCO VAI PAÍS OUTRO VENDE VAI OUTRO PAÍS COMÉRCIO PAÍS GERAL	
	HOJE PAÍS EUA ALEMANHA JAPÃO COREA BARCOS LEVAR LEVAR LEVAR MAIS	
	ALEMANHA EUA JAPÃO DAR DAR DAR NAVIO VAI VOLTA AQUI ALI	

APÊNDICE 16 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Constituição de 1824* Grupo B


Lilia Mazon (Grupo B)		
 <p><i>Constituição de 1824</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
CONSTITUIÇÃO DE 1824	ABAIXO TRÊS PODERES NÃO ACIMA CONTROLAR	DIREITO (RIO GRANDE DO SUL)
DIREITO	CONSTITUIÇÃO 1824 É LEI IMPERADOR MANDAR MANDAR CHAMOU REUNIÃO CONSTITUINTE	DOM PEDRO I
PODER EXECUTIVO	O que é Constituinte REI CHAMA PESSOAS BISPO EXÉRCITO OUTROS REUNIÃO ESCREVER DOCUMENTO CRIA CONSTITUIÇÃO	PASSADOmuitotemp o

PODER LEGISLATIVO	OUTRO GRUPO CONTRA IMPERADOR	
PODER JUDICIÁRIO	CONSTITUIÇÃO LIVRO LEI	
PODER MODERADOR	DEMOCRACIA NASCER LIVRE SAÚDE VACINA COISAS É DEMOCRACIA	
	DEMOCRACIA PESSOA QUER LUTA DIREITO	
	DIREITO LIVRE SAÚDE ÔNIBUS TRABALHO ESCOLA	
	ESCRavidÃO CONTINUA	
	GARANTIA PRÓPRIA LIBERDADE SAÚDE	
	GARANTIR DIREITO PESSOA TER DIREITO TEM CONSTITUIÇÃO	
	GRUPO NÃO QUERIA ESCRAVO E SEPARAÇÃO IMPÉRIO NÃO CONCORDA IMPERADOR	
	HISTÓRIA PRÓPRIA BRASIL TEM QUANTIDADE 7 LIVROS LEI ANO APÓS ANO	
	HOMEM PESSOA RICA PODE VOTAR POBRE NÃO	
	IDADE HOMEM 25 MAIS PODE VOTAR RICO	
	IMPERIO BRASIL RELIGIÃO QUAL CATÓLICA	

	INFLUENCIA IGUAL PAIS BRASIL NÃO QUER SEPARAR	
	PODER EXECUTIVO LEGISLATIVO JUDICIÁRIO IMPERADOR ACIMA SUBSTITUI	
	PODER REI CONTROLA TRÊS PODERES REI ACIMA	
	POR EXEMPLO REI MORRE COROA PASSA FILHO HEREDITÁRIO	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
X = SIGNIFICA O QUE? CONSTITUIÇÃO 1824 Y. PARA QUE? PARA P. PASSADO IMPORTANTE POR QUÊ? PORQUE W. HOJE COMO? HOJE Z+ EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	PRIMEIRO LIVRO LEI BRASIL ASSINAR APROVA REI D. PEDRO I	
	CONSTITUIÇÃO 1824 É LEI IMPERADOR MANDAR MANDAR CHAMOU REUNIÃO CRIAR CONSTITUIÇÃO	
	CONSTITUIÇÃO 1824 LIVRO LEI PAUTA EXPLICA PODER GOVERNO REI TAMBÉM TEM PAUTA DIREITO PARTICILAR POLÍTICO CADA PESSOA NASCEU BRASIL	
	O que é Constituinte REI CHAMA PESSOAS BISPO EXÉRCITO OUTROS REUNIÃO ESCREVER DOCUMENTO CRIA CONSTITUIÇÃO	

P	LIVRO CONSTITUIÇÃO 1824 EXPLICA COMO BRASIL POLÍTICA:
	1. POR EXEMPLO REI MORRE COROA PASSA FILHO HEREDITÁRIO
	2. PODERES POLÍTICO CONSTITUIÇÃO 1824 É QUATRO: PODER LEGISLATIVO, PODER EXECUTIVO, PODER JUDICIÁRIO, PODER MODERADOR
W	PODER 4 MODERADOR SIGNIFICA PODER REI CONTROLA TRÊS PODERES REI ACIMA PODER EXECUTIVO LEGISLATIVO JUDICIÁRIO IMPERADOR ACIMA SUBSTITUI
	3. PESSOA PODE VOTAR QUAL? É HOMEM BRANCO, IDADE HOMEM IDADE 25 MAIS, RICO TEM MAIS 200 MIL RÉIS PODE VOTAR
	MULHER VOTAR NÃO PODER, ESCRAVO VOTAR NÃO PODER, PESSOA POBRE VOTAR NÃO PODER
Z	4. RELIGIÃO OFICIAL BRASIL É CATÓLICA.
	5. CAPITAL BRASIL É RIO DE JANEIRO
	HOJE NÃO TER REI. HOJE TER PRESIDENTE PESSOAS VOTA ESCOLHE.
	HOJE BRASIL É DEMOCRACIA NASCER LIVRE DIRETIO TEM SAÚDE VACINA COISAS, EDUCAÇÃO E MORAR ISSO É DEMOCRACIA

APÊNDICE 17 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Criacionismo* Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
 <p><i>Criacionismo</i></p>		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
BIG BANG	DEUS CRIA HOMEM	
CRIACIONISMO	ANTIGAMENTE GRÉCIA ÁGUA BARRO MOLDAR PESSA MÁGICA	
	EVOLUÇÃO PESSOA MACACO DESENVOLVER ANDAR	
	DEUS CRIOU ÁGUA ANIMAIS ÁRVORES SOL LUA CRIOU HOMEM E MULHER CRIOU MUNDO NOITE DIA UM DIA DOIS DIAS	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
<p>X = SIGNIFICA O QUE? CRIACIONISMO É Y. PARA QUE? PARA P. COMO? É Z. + EXEMPLO EXPLICATIVO (opcional)</p>		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	É IDEIA TEORIA(pensamento) DEUS CRIOU PESSOAS HUMANO, CRIOU TERRA TAMBÉM UNIVERSO	
P	DEUS CRIA CRIA CRIA TEORIA EXPLICA COMO DEUS CRIA CRIA CRIA COISAS	
Z	CADA RELIGIÃO EXPLICA ACREDITA COMO HUMANO TAMBÉM MUNDO É passado	

	CRIADO
EXEMPLO	POR EXEMPLO ANTIGAMENTE GRÉCIA ÁGUA BARRO MOLDAR PESSOA SOPRA MÁGICA VIVA
	TEORIA INDÍGENAS INCAS PASSADO EXPLICA DEUS NOME V-I-R-A-C-O-C-H-A DEUS VELHO MORAR CÉU CRIOU TERRA, ANIMAIS E HUMANO PESSOAS.
	DEUS V-I-R-A-C-O-C-H-A ONDE? LAGO NOME T-I-T-I-C-A-C-A MÁGICA CRIOU SAIU SOL, LAGO SAIU LUA E LAGO PISCA PISCA SAIU ESTRELAS.
	RELIGIÃO JUDAÍSMO, CRISTIANISMO E ISLAMISMO EXPLICA TEORIA QUAL?
	DEUS CRIOU DIA NOITE, UM DIA. DEUS CRIOU CÉU, SEGUNDO DIA. DEUS CRIOU TERRA E ÁGUA MAR, CRIOU PLANTAS FRUTAS; DEUS CRIOU SOL E LUA, QUARTO DIA; DEUS CRIOU ANIMAIS, QUINTO DIA; DEUS CRIOU HOMEM E MULHER, SEXTO DIA. DEUS VIU CRIAR TUDO BOM, DESCANÇOU SÉTIMO DIA.
	CRIACIONISMO NÃO É ÚNICA EXPLICA CRIAÇÃO MUNDO COISA, TEM OUTRA TEORIA QUAL? BIG BANG TAMBÉM EVOLUCIONISMO
	EVOLUÇÃO PESSOA MACACO DESENVOLVER ANDAR


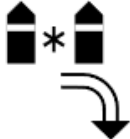
APÊNDICE 18 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Democracia* Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
DEMOCRACIA REPRESENTATIVA	DEMOCRACIA COMEÇOU PAÍS GRÉCIA	sinal PESSOA Porto Alegre
PODER EXECUTIVO	PERÍODO MEDIEVAL REI MANDA MANDA MANDA DEMOCRACIA NÃO TINHA MEDIEVAL	
PODER LEGISLATIVO	CONSTITUIÇÃO TEM LEI MULHER LGBTQI+ TUDO DENTRO	
PODER JUDICIÁRIO	DEMOCRACIA É LEI	
TRÊS PODERES	INDÍGENA DEMOCRACIA LGBTQI+ DEMOCRACIA MULHER DEMOCRACIA	
DEMOCRACIA VOTO/VOTAR	MULHER LIVRE VOTAR 1932	
	PESSOA UMA PRÓPRIO TECLAR VOTAR	
	UMA PESSOA PRÓPRIA APERTAR BOTÃO VOTAR	
	DEMOCRACIA BRASIL ORGANIZADA COMO JUDICIÁRIO LEGISLATIVO EXECUTIVO	
	DEMOCRACIA É LUTA TRABALHO	

	DEMOCRACIA SIGNIFICA LUTA VOTO ESSAS COISAS	
	É SOBRE NÓS LIVRE SURDO PODE REPRESENTANTE	
	ANTIGAMENTE BRASIL MULHER ESCRAVO VOTAR NÃO PODE SÓ HOMEM BRANCO PODE SÓ	
	DEMOCRACIA É AS PESSOAS TER LIVRE LUTA DIREITO	
	DEMOCRACIA É PESSOA LUTA DIREITO GOVERNO MANDA ABAIXA ORELHA NÃO LUTA TER DIREITO	
	EXECUTIVO PRECIDENTE ASSINA LEGISLATIVO POLÍTICA DISCUTE AVALIA AJUDAR PESSOAS	
	IMPORTANTE VOTO ESCOLHER	
	JUDICIÁRIO VÊ AVALIA AJUDA SOCIEDADE	
	LUTA SURDO PRECISA SENADOR DEPUTADO LUTA PRECISA MODELO SUPERIOR RICO PODER TRÊS	
	PARLAMENTO BRASIL TEM NEGRO LGBTQI+ MULHER LUTA DIREITO DEMOCRACIA BRASIL TEM	
	POR EXEMPLO PESSOA QUER AJUDAR PODE CANDIDATAR	
	REI MANDA MANDA MANDA DEMOCRACIA PROIBIDO REI MANDA	
	ANTES MULHER LUTA	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
X = SIGNIFICA O QUE? DEMOCRACIA É Y. PARA QUE? PARA K. PASSADO COMO? É P. HOJE COMO? É W. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	DEMOCRACIA É AS PESSOAS TER LIVRE LUTA DIREITO	
	DEMOCRACIA SIGNIFICA LUTA VOTO ESSAS COISAS	
K	DEMOCRACIA É PESSOA LUTA DIREITO GOVERNO MANDA ABAIXA ORELHA NÃO LUTA TER DIREITO	
	LUTA SURDO PRECISA SENADOR DEPUTADO LUTA PRECISA	

P	REI MANDA MANDA MANDA DEMOCRACIA PROIBIDO REI MANDA
	ANTES PESSOA ESCRAVO PODE VOTAR? NÃO, SÓ PESSOA LIVRE
	BRASIL MULHER LIVRE VOTAR PODE ANO 1932 PRA FRENTE
	PESSOA NÃO SABE LER ESCREVER 1881 ATÉ 1986 NÃO PODER VOTAR.
W	DEMOCRACIA BRASIL ORGANIZADA TRÊS PODERES COMO JUDICIÁRIO LEGISLATIVO EXECUTIVO
	LEGISLATIVO POLÍTICA DISCUTE AVALIA AJUDAR PESSOAS CRIA LEI EXECUTIVO PRECIDENTE ASSINA LEI AJUDA PESSOAS BRASIL JUDICIÁRIO AJUDA PESSOAS BRASIL GARANTIR DIREITO PARTICULAR, COLETIVO TAMBÉM SOCIAL
	PARLAMENTO BRASIL TEM NEGRO LGBTQI+ÍNDIO MULHER LUTA DIREITO DEMOCRACIA BRASIL TEM
	HOJE PESSOA IDADE 16 MAIS, PESSOA PRETA, MULHER, INDÍGENA, PESSOA DEFICIENTE, PESSOA NÃO SABE LER ESCREVER LIVRE VOTAR PODE IMPORTANTE VOTO ESCOLHER
EXEMPLO	POR EXEMPLO PESSOA QUER AJUDAR PODE CANDIDATAR
	PESSOA UMA PRÓPRIO PODE NÚMERO TECLAR VOTAR DIRETO ESCOLHER PESSOA ELA MEU REPRESENTAR



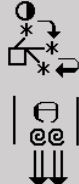
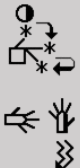


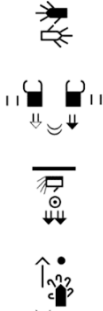

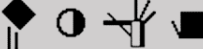



APÊNDICE 19 – Repertório de sinais utilizado pelos estudantes na abordagem didática para o sinal-termo *Desigualdade Social* Grupo B

Lilia Mazon (Grupo B)		
 <p><i>Desigualdade Social</i></p> 		
Sinal-termo	Enunciado Frasal	Outros
DESIGUALDADE SOCIAL	ESCOLA PARTICULAR TEM COMPUTADOR TABLET ESCOLA PÚBLICA NADA	
RICO POBRE DESIGUAL	ESCOLA PARTICULAR OUTRA ESCOLA PÚBLICA	
	ESCOLA POBRE MENOS FALHA ESCOLA RICO CHIC	
	POBRE COMIDA MENOS POBRE ABAIXO COMIDA SIMPLES RICO TEM MAIS	
	POBRE MAIORIA RICO MINORIA	
	POBRE RICO APARTAMENTO DINHEIRO MAIS POBRE MENOS	
	POR EXEMPLO HOMEM SALÁRIO MAIS MULHER SALÁRIO MENOS	
	POR EXEMPLO PESSOA ESTUDA VESTIBULAR TEM FONE COMPUTADOR PESQUISA PESSOA POBRE TEM CANETA CADERNO SÓ	
	PRETO MENOS BRANCO MAIS	







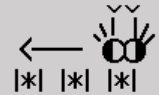
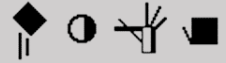





	RICO VIAJA PRAIA CASA RICA VIAJA AVIÃO POBRE NÃO TEM DINHEIRO APERTADO FALTA COMIDA	
	POBRE ESTUDA TEM 1 LIVRO SÓ RICO TEM INTERNET COMPUTADOR TABLET TELEVISÃO MAIS FÁCIL PASSAR	
	PRETOS MULHER LGBTQI+ MENOS SALÁRIO	
	APARTAMENTO RICO BONITO FAVELA POBRE	
	DESIGUALDADE SOCIAL ESTÁ LIGADA A DIVISÃO SALÁRIO DESIQUAL	
	DIVISÃO SALÁRIO DESIGUAL POR EXEMPLO 1 PESSOA TEM SALÁRIO MAIOR FAMÍLIA TRÊS PESSOAS SALÁRIO JUNTO	
	ESCOLA PARTICULAR DESENVOLVE APRENDE ESCOLA POBRE PÚBLICA	
	HOMEM ACIMA MULHER PRECONCEITO ABAIXO	
	POR EXEMPLO 4 PESSOAS TRABALHAM MESMA EMPRESA LUGAR ESSA SALÁRIO MENOS ESSA SALÁRIO MENOS ESSA SALÁRIO	
	POR EXEMPLO PESSOAS 3 ESSA SALÁRIO POUCO ESSA SALÁRIO POUCO ESSA SALÁRIO MAIOR	
	POR EXEMPLO TRÊS PESSOAS TRABALHA MESMA EMPRESA ESSA SALÁRIO MENOS ESSA SALÁRIO MENOS	
	RICO DINHEIRO PQ TRABALHA ESTUDO CONSEGUIE DINHEIRO POBRE NÃO QUER TRABALHAR NÃO ESTUDA NÃO TEM INTER	
	RICO MAIS POBRE MENOS	
	SALÁRIO PRETO MENOS BRANCO MAIS	
ESTRUTURA DA DEFINIÇÃO A SER ELABORADA		
<p>X = SIGNIFICA O QUE? DESIGUALDADE SOCIAL SIGNIFICA Y. POR QUÊ? POR QUE K. EDUCAÇÃO COMO? É L. GÊNERO COMO? É M. RACIAL COMO? É N. + EXEMPLO ILUSTRATIVO (opcional)</p>		
ELEMENTOS A APROVEITAR NA DEFINIÇÃO FINAL DO SINAL-TERMO		
Y	DESIGUALDADE SOCIAL SIGNIFICA DENTRO SOCIEDADE TEM PESSOAS MAIS RICAS OUTRAS PESSOAS MAIS POBRES	

	SOCIEDADE ESSA TEM PESSOA TEM PODER MAIS, RICO MAIS, MELHOR VIDA QUALIDADE.
	APARTAMENTO RICO BONITO FAVELA POBRE
	MAS TEM PESSOA PODER MENOS, DINHEIRO POUCO QUALIDADE DE VIDA NÃO TER.
K	DESIGUALDADE SOCIAL ESTÁ LIGADA A DIVISÃO SALÁRIO DESIQUAL
	DIVISÃO SALÁRIO DESIGUAL POR EXEMPLO 1 PESSOA TEM SALÁRIO MAIOR DO QUE FAMÍLIA TRÊS PESSOAS SALÁRIO JUNTO MENOS
	RICO VIAJA PRAIA CASA RICA VIAJA AVIÃO POBRE NÃO TEM DINHEIRO APERTADO FALTA COMIDA
L	ESCOLA PARTICULAR DESENVOLVE APRENDE ESCOLA POBRE PÚBLICA
	POR EXEMPLO PESSOA ESTUDA VESTIBULAR TEM FONE COMPUTADOR PESQUISA PESSOA POBRE TEM CANETA CADERNO SÓ
	POBRE ESTUDA TEM 1 LIVRO SÓ RICO TEM INTERNET COMPUTADOR TABLET TELEVISÃO MAIS FÁCIL PASSAR
M	POR EXEMPLO HOMEM SALÁRIO MAIS MULHER SALÁRIO MENOS
	HOMEM ACIMA MULHER PRECONCEITO ABAIXO
	PRETOS MULHER LGBTQI+ MENOS SALÁRIO
N	SALÁRIO PRETO MENOS BRANCO MAIS
	POR EXEMPLO TRÊS PESSOAS TRABALHA MESMA EMPRESA ESSA PESSOA BRANCA SALÁRIO MAIS, ESSA BRANCO SALÁRIO MAIS, ESSA PESSOA PRETA SALÁRIO MENOS







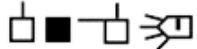

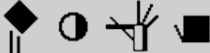




APÊNDICE 20 – Ficha terminológica para COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA AMÉRICA

					
		<p>Colonização Portuguesa na América</p>	<p><u>Questão 54</u> <u>Enem 2018 – CH 1º dia</u> <u>- caderno verde, pág. 22</u> (hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/oHFmidih89c</p>	<p>https://youtu.be/2mbFQiCy0qM</p>
					
<p>https://youtu.be/dK4PMO173J8</p>					




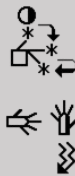


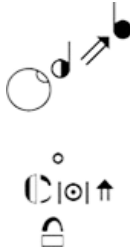

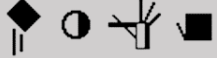
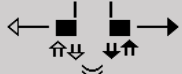




APÊNDICE 21 – Ficha terminológica para COMÉRCIO MARÍTIMO

					
	<p>Comércio marítimo</p>	<p><u>Questão 74</u> <u>Enem 2019 – CH 1º dia -</u> <u>caderno verde, pág. 28</u> (hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/WdeMsGugR2A</p>	<p>https://youtu.be/7Iw7XyTLsvU</p>	
					
<p>https://youtu.be/B_uzkyj142E</p>			 <p>Disponível em: https://www.piracema.com.br/como-funciona-exportacao-maritima/ Disponível em: https://incrivelhistoria.com.br/fenicios-historia-caracteristicas/ Disponível em: https://incrivelhistoria.com.br/fenicios-historia-caracteristicas/</p>  		



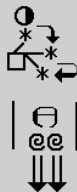



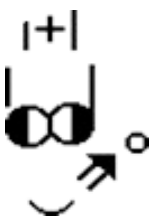

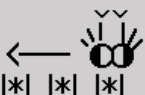
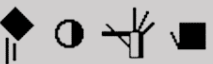



APÊNDICE 22 – Ficha terminológica para CONSTITUIÇÃO DE 1824

				
 	<p>Constituição de 1824</p>	<p><u>Questão 68 Enem 2019 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 26. (hiperlink)</u></p> <p><u>Questão 88 Enem 2017 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 31. (hiperlink)</u></p>	<p>Q. 68 https://youtu.be/3F_yloiitC4</p> <p>Q. 88 https://youtu.be/m2Oj2zQMPhI</p>	<p>https://youtu.be/ajbcZenZF70</p>
				
<p>Contexto 1 https://youtu.be/3F_yloiitC4</p> <p>Contexto 2 https://youtu.be/ybh7n1FU8_4</p>		<p>https://youtu.be/IgnUHrxTMjE</p>	  <p>Disponível em: https://ideg.com.br/constituicao-do-imperio-do-brazil-1824/. O texto original e manuscrito da Constituição de 1824. Domínio público, Biblioteca Nacional. Disponível em: https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/brasil-monarquico/8902-a-constitui%C3%A7%C3%A3o-outorgada-de-1824.</p>	









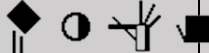



APÊNDICE 23 – Ficha terminológica para CRIACIONISMO

					
		<p>Criacionismo</p>	<p><u>Questão 85 Enem 2019 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 30. (hiperlink)</u></p>	<p>https://youtu.be/eSu7hJWUwD8</p>	<p>https://youtu.be/X71Ow3mYR34</p>
					
<p>https://youtu.be/PgIK_I0EhkM</p>			 	 <p>Criação de Adão. Michelangelo. Capela Sistina, Vaticano, Itália Disponível em: https://super.abril.com.br/historia/prometeu-o-inventor-da-hum Disponível em: https://mitographos.blogspot.com/2011/04/viracocha.html</p> <p>VIRACOCHA - divindade Inca</p>	







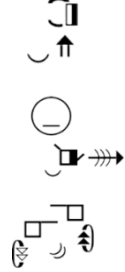

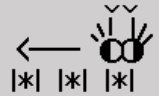
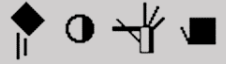


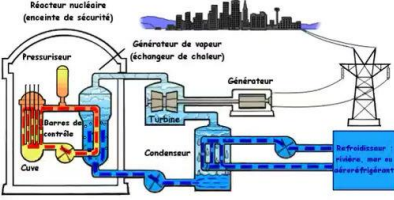
APÊNDICE 24 – Ficha terminológica para DEMOCRACIA

					
		<p>Democracia</p>	<p><u>Questão 58</u> <u>Enem 2018 – CH 1º dia</u> <u>- caderno verde, pág.</u> <u>23.</u> (Hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/3grTko-2IwM?si=1lPuSXc8rkgrHmSc</p>	<p>https://youtu.be/W_oEiDzWgE?si=ezC0GoOAqTe9c7ll</p>
					
<p>https://youtu.be/vcpTN8nB_go?si=xv3L3JVZiHml3wHI</p>				 <p>DEMOCRACIA</p>	<p>Disponível em: https://cuboup.com/conteudo/democracia/.</p>





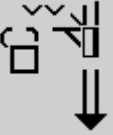

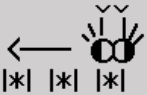
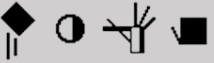


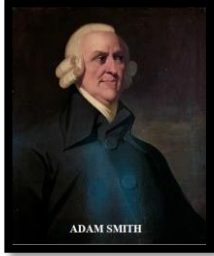
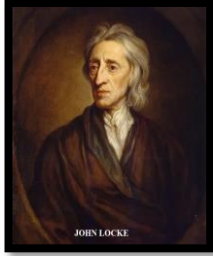
APÊNDICE 25 – Ficha terminológica para DESIGUALDADE SOCIAL

				
 	<p>Desigualdade social</p>	<p><u>Questão 58</u> <u>Enem 2017 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 22.</u> (hiperlink)</p> <p><u>Questão 86</u> <u>Enem 2019 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 30.</u> (hiperlink)</p>	<p>Q. 58 https://youtu.be/oNEVPpFjNN4</p> <p>Q. 86 https://youtu.be/GaPI9tIUl-8</p>	<p>https://youtu.be/8tiO4rXlCk</p>
				
<p>Contexto 1 https://youtu.be/xg3gZBypL7Y</p> <p>Contexto 2 https://youtu.be/HLYZ6Mv4YJ8</p>		<p>https://youtu.be/13208M6EB40</p>	 <p>Ilustração: Lézio Júnior. Disponível em: https://vermelho.org.br/2021/01/13/enem-deve-escancarar-desigualdades-educacionais</p> <p>Foto: Reprodução/Tuca Vieira. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/um-so-planeta/noticia/2023/05/desigualdade-social-e-maior-responsavel-por-crise-hidrica-em-grandes-cidades.ghtml</p> <p>Disponível em: https://institutoinfantojuvenil.com.br/desigualdade-de-genero-no-trabalho/</p>	

APÊNDICE 28 – Ficha terminológica para ENERGIA NUCLEAR

					
		<p>Energia nuclear</p>	<p>Questão 49 - ENEM 2019 - Caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologias - 1º dia - Ampliada (Macrotipo 18), p. 43. (Hiperlink)</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=rC_3zTvM1eo&t=1s</p>	<p>https://youtu.be/V2SfDBkugPw?si=RL0IMObPdW47gcah</p>
					
<p>https://youtu.be/87IALKITOIk?si=3Xv2GTnmFfNIOsEe</p>				 <p>Esquema de uma Usina Nuclear com PWR (reator de água pressurizada). Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Energia_nuclear. Acesso em jan./2023.</p>	





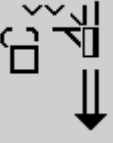



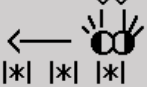
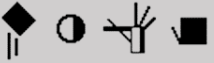


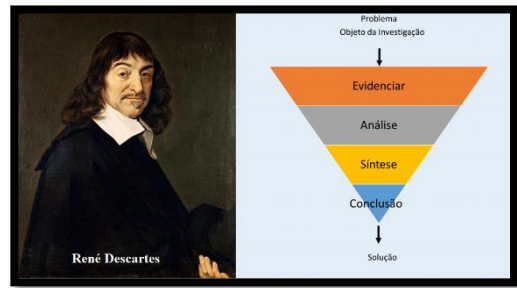
APÊNDICE 29 – Ficha terminológica para LIBERALISMO

					
	<p>Liberalismo</p>	<p><u>Questão 88 Enem 2019 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 31</u> (hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/FXagT1EHU9g</p>	<p>https://youtu.be/DN12KccWxxw</p>	
					
<p>https://youtu.be/T9D6QOIU3-s</p>			<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>ADAM SMITH</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>JOHN LOCKE</p> </div> </div> <p>Imagem esquerda: Disponível em: https://brasilecola.uol.com.br/biografia/adam-smith.htm Imagem direita: Disponível em: https://mundoeducacao.uol.com.br/filosofia/empirismo.htm</p>		







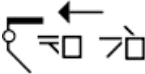
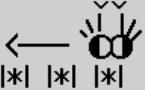
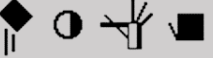



APÊNDICE 30 – Ficha terminológica para QUILOMBO/QUILOMBOLA

		<p>Quilombo/Quilombola</p>	<p>Questão 90 - ENEM 2019 - Caderno Verde de Ciências Humanas e suas Tecnologias - 1º dia - Ampliada (Macrotipo 18), p. 63 (Hiperlink)</p>	<p>https://www.youtube.com/watch?v=NI7Q07wE0IY</p> <p>https://youtu.be/oI1H2_9KLbc?si=yRh2nSRrA-gYgPDP</p>
<p>https://www.youtube.com/watch?v=En4SEmChyaY</p>				<p>Disponível em: "História dos quilombos" em Só História. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2009-2023. Consultado em 18/01/2023 às 17:51. Disponível na Internet em http://www.sohistoria.com.br/ef2/culturaafro/p2.php.</p> <p>Disponível em: Biringinga-BA 11/04/2014. As mulheres quilombolas de Biringinga que participam da associação comunitária são beneficiárias do Bolsa Família. Foto: Sergio Amaral/MDS.</p>







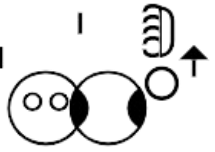
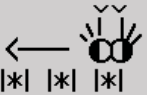
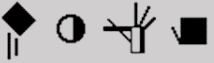



APÊNDICE 31 – Ficha terminológica para RACIONALISMO CARTESIANO

					
		<p>Racionalismo cartesiano</p>	<p>Questão 81 Enem 2019 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 29 (hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/p3wFg1SPo2M</p>	<p>https://youtu.be/O8LuWmfRH6c</p>
					
<p>https://youtu.be/BsKINsc5_4o</p>				 <p>Disponível em: https://colaborae.com.br/blog/2022/11/30/metodo-cartesiano/</p>	

APÊNDICE 32 – Ficha terminológica para REVOLTA DA VACINA

				
 	<p>Revolta da vacina</p>	<p>Questão 72 - ENEM 2019 - Caderno de Ciências Humanas e suas Tecnologia - 1º dia - Ampliada (Macrotipo 18), p. 55. (hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/ZNSOdDApnok?si=B6GrwwIDrJZxu3Hm</p>	<p>https://youtu.be/ZNSOdDApnok?si=xFINWlg8_xK2MmuF</p>
				
<p>https://youtu.be/IAdxXdZ9RwI?si=Y2jKMh1REq_QjC-V</p>			 <p>Fonte: Charge da revista O Malho, de 29 de outubro de 1904 (foto: Leonidas/Acervo Fiocruz).</p>	

APÊNDICE 33 – Ficha terminológica para PESTE BUBÔNICA

					
		<p>Peste bubônica</p>	<p>Questão 47 Enem 2018 – CH 1º dia - caderno verde, pág. 20 (hiperlink)</p>	<p>https://youtu.be/8H2S3v4uFJ4</p>	<p>https://youtu.be/Mpqu4yjr0ZU</p>
				<p>https://youtu.be/FQUzIaYzqIM</p> <p>https://youtu.be/u_2vczmO1c</p> <div data-bbox="1332 909 2116 1141">  </div> <p>Disponível em: https://www.historiaillustrada.com.br/201- Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/ener em: https://opas.org.br/yersinia-pestis-tratamento-ciclo-de-vida-e-transmissao/</p> <p>medieval.html</p>	